

FÉLIX FERNANDO MONTEIRO NETO

# A MIGRAÇÃO PORTUGUESA VIVIDA E REPRESENTADA

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DOS PROJECTOS MIGRATÓRIOS

PORTO

1 9 8 4

**Félix Fernando Monteiro Neto**

# **A MIGRAÇÃO PORTUGUESA VIVIDA E REPRESENTADA**

**CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DOS PROJECTOS MIGRATÓRIOS**

**DIRECTOR DE TESE**

**PROFESSOR DOUTOR FRANÇOIS H. M. RAVEAU**

**PORTO 1984**



DISSERTAÇÃO DE DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA

APRESENTADA À FACULDADE DE PSICOLOGIA

E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Este trabalho foi subsidiado pelo  
Instituto Nacional de Investigação Científica

À MINHA MULHER

AOS MEUS FILHOS

Embora realizado a título individual, este trabalho contou com o apoio de diversas pessoas e instituições que tornaram possível a sua concretização e às quais quero manifestar o meu reconhecimento.

Tratando-se de um trabalho encetado há já quase dez anos, há o risco de se cometerem injustiças por omissões de apoios recebidos. Não posso deixar, contudo, de expressar um agradecimento muito especial às pessoas que deram um apoio de uma maneira mais próxima e intensa.

Ao Professor Doutor François RAVEAU exprimo a minha profunda gratidão pela honra que me deu de dirigir esta tese desde os seus primeiros passos. Se não fossem os seus conselhos, os seus encorajamentos generosos em momentos difíceis, e as suas orientações, este trabalho não poderia ter sido concluído. E com amizade tingida de saudade que me recordo da ajuda e da assistência que pude usufruir, em todos os planos, no Centre Charles Richet des Dysfonctions de l'Adaptation (CREDA) de que é Director o Professor Doutor François RAVEAU.

A Professora Doutora Brigitte DETRY devo o estímulo, os conselhos e a amizade manifestada.

Ao Professor Doutor Costa PEREIRA estou reconhecido pelas orientações dadas, bem como pela amabilidade e disponibilidade com que sempre me recebeu.

A Professora Doutora Maria Beatriz ROCHA TRINDADE estou grato pelo intercâmbio de ideias que me possibilitou sobre a temática da emigração portuguesa, pelo incentivo manifestado, pela ajuda na colecta de material bibliográfico nem sempre de fácil obtenção no nosso país.

Aos professores Doutores Françoise BACHER, Yvonne CASTELLAN, Jean Pierre DECONCHY, Michel HUTEAU, Denise JODELET, F. PINA PRATA, Mauride REUCHLIN, Hubert TOUZARD, Claude VEIL devo inúmeras sugestões.

A Dra Celeste MALPIQUE estou muito reconhecido não só por me ter escutado, como também apoiado.

Ao Doutores Jean GALAP, Lynn LYRUS, Etienne MULLET devo conselhos judiciosos, resultado de longos diálogos. A investigação fez surgir amizade e colaboração.

O analista Jean CHICHE teve uma influência decisiva no tratamento dos dados, efectuado na Maison des Sciences de l'homme (Paris), utilizando-se para tal os programas da ADDAD. Agradeço-lhes as suas pacientes explicações sobre os tratamentos estatísticos.

Ao Dr. Rui Abrunhosa GONÇALVES devo a prestimosa, sincera e longa colaboração. Quereria também testemunhar o meu reconhecimento a Mlle. Denise DAUTY e a Mlle Monique POTIER pela documentação que me indicaram e facultaram.

Quereria finalmente agradecer a todos os sujeitos entrevistados quer em Portugal quer em França, pois sem a sua colaboração este trabalho não poderia ter sido concretizado.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	10
0.1/ Importância da emigração portuguesa no passado e no presente	11
0.2/ A emigração portuguesa está subanalisada	16
0.3/ Perspectiva teórica geral	19
0.4/ Perspectiva metodológica geral	29

## PRIMEIRA PARTE

PROJECTOS DE REGRESSO DA MIGRAÇÃO PORTUGUESA EM FRANÇA	34
---	----

I/ POSIÇÃO DO PROBLEMA	36
1/ Algumas definições preliminares:	
abordagem categorial	39
1.1/ Migração e migrante	39
1.2/ Migração de regresso	42
2/ Aspectos do problema	44
2.1/ Actualidade	44
2.2/ Acuidade	48
3/ Análise documental da migração portuguesa de regresso	50
3.1/ Generalidades	50
3.2/ Regresso efectivo	58
3.3/ Projectos de regresso	67
4/ Abordagem teórica	75
4.1/ Hipóteses	75
4.2/ Conceitos de base	79
5/ Abordagem contextual	94
5.1/ Contexto global da migração portuguesa em França	95

5.2/ Obstáculos à reinserção no país de origem	154
II/ ESTUDO 1 (1977) - PROJECTOS DE REGRESSO	160
1/ Abordagem metodológica	161
1.1/ Pré-inquérito	161
1.2/ Técnicas de recolha dos dados no inquérito	166
1.3/ População interrogada	173
1.4/ Desenrolar do inquérito	183
2/ Perspectivas migratórias de futuro	190
3/ Adaptação	202
4/ Identidade	216
5/ Representações	234
5.1/ Dificuldades no regresso	235
5.2/ Representações de aqui e de " lá-baixo "	242
6/ Discussão	253
III/ ESTUDO 2 (1983) - PROJECTOS DE REGRESSO	260
1/ Introdução	261
2/ Abordagem metodológica	264
2.1/ Técnicas de recolha de dados	264
2.2/ População interrogada	265
2.3/ Desenrolar do inquérito	268
3/ Resultados	271
3.1/ Perspectivas migratórias de futuro	271
3.2/ Adaptação	274
3.3/ Representações	292
4/ Discussão	300

SEGUNTA PARTE  
A MIGRAÇÃO PORTUGUESA REPRESENTADA

302

I/ ESTUDO 1 - A MIGRAÇÃO PORTUGUESA REPRESENTADA  
PELOS ADOLESCENTES

304

1/ Introdução	305
2/ Quadro teórico geral: a representação social	309
2.1/ Origens	309
2.2/ Noção	312
2.3/ Análise psicosociológica da representação social	315
2.4/ Áreas de investigação	323
3/ Quadro metodológico	325
3.1/ Hipóteses	325
3.2/ Técnicas de recolha de dados	334
3.3/ População do inquérito	342
3.4/ Desenrolar do inquérito	347
4/ Campo semântico da representação	349
5/ Informação	362
6/ Atitude	376
7/ Partida	388
8/ Processo adaptativo	398
9/ Regresso	409
9.1/ Mudança	409
9.2/ Atitude perante o regresso	424
10/ Análise global	428
11/ Projectos de emigrar	440
11.1/ Perspectivas migratórias de futuro	441
11.2/ Dados demo-sociológicos	450
11.3/ Personalidade	460
11.4/ Representação	466
12/ Discussão	474

II/ ESTUDO 2 - PROJECTOS DE EMIGRAR NOS PRÉ-ADOLESCENTES	480
1/ Introdução	481
2/ Quadro metodológico	482
2.1/ Instrumentos utilizados	482
2.2/ População do inquérito	484
3/ Resultados	485
3.1/ Estudo dos efeitos principais	485
3.2/ Estudo das interacções	488
3.3/ Articulação dos diferentes efeitos	491
4/ Discussão	491
CONCLUSÃO GERAL	495
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	508
PRINCIPAIS ABREVIATURAS UTILIZADAS	539
ANEXOS	541
I- Estimativa da população portuguesa residente no estrangeiro	542
II- Estatuto dos estagiários imigrados em formação-reinserção	545
III- Formulário da ajuda para o regresso	554
IV- Método da análise factorial das correspondências (formulário da APDAD)	559
V- Tabela das frequências do questionário " stricto sensu " sobre os projectos de regresso dos migrantes (1983)	565
VI- Tabela das frequências do questionário " stricto sensu " sobre as representações da migração nos adolescentes	574



## INTRODUÇÃO GERAL

"Mas, entanto que cegos e sedentos  
 Andais de vosso sangue, ó gente insana,  
 Não faltaram Cristãos atrevimentos  
 Nesta pequena casa Lusitana,  
 De África tem marítimos assentos,  
 E na Ásia mais que todas soberana;  
 Na quarta parte nova os campos ara;  
 E, se mais mundo houvera, lá chegara."

Camões

O nosso interesse pela transplantação não nasce com o início deste trabalho. Na infância conhecemos a migração interna e na juventude a migração externa. O fim da nossa adolescência foi efectivamente marcado por uma viagem insólita para França cujas pegadas, minuto a minuto, ainda hoje estão marcadas na nossa mente. Nunca sentimos tantas sensações polimórficas em tão curto lapso de tempo. Só, tendo por bagagem uma direcção no bolso chegámos, à estação de Austerlitz. Para onde ir ? Para essa direcção ? Essa pessoa emigrada há um mês já tinha ido habitar para outro lado, sem deixar marca. Sozinho. Sem as fortes motivações que estavam na base dessa opção, as dificuldades iniciais não poderiam ter sido vencidas.

Mas, não é este vivido migratório de um "EU", ancorado mais ou menos longinquamente na história pessoal que é o centro das nossas preocupações aqui. O que nos vai interessar, é a experiência partilhada enquanto "NÓS" que está na origem desse tipo de ser humano rotulado de "migrante", "emigrante", "imigrado", "trabalhador estrangeiro", "transplantado" ... Esses termos apresentam tonalidades afectivas mais ou menos estereotipadas de pessoas cujo vivido está marcado pelo facto de se encontrarem na encruzilhada de dois espaços geoculturais. Por detrás de tais rótulos, escondem-se pessoas que vão desempenhar essencialmente funções económicas, mas, têm também necessidades, desejos, aspirações,

projectos,práticos culturais, em suma uma vida humana.

Após havermos apontado a importância do fenómeno migratório português no passado e no presente e a falta de correspondência dos trabalhos científicos suscitados na proporção da sua importância, esboçaremos os objectivos gerais do trabalho, o seu domínio teórico geral e a perspectiva metodológica geral.

#### 0.1/ Importância da emigração portuguesa no passado e no presente

Com muitos séculos já de duração - há quase cinco séculos - Portugal "uma pequena parte exporta inesgotavelmente" essa gente singular, no dizer do escritor transmontano (Torga, 1969, p. 103). Efectivamente, a emigração não é um fenómeno característico dos últimos anos da história portuguesa. É uma velha tradição que remonta à época dos Descobrimentos. Aparece já no século XV, época em que o país se lança à conquista de novos mundos.

Desde o empreendimento dos Descobrimentos até aos nossos dias,(quadro 1, figura 1) um fluxo ininterrupto de Portugueses disseminou-se pelas diferentes partes do mundo, um pouco por todo o lado, onde havia uma réstia de esperança de uma vida nova e melhor. Torna-se difícil fazer uma estimativa do número total dos emigrantes portugueses durante o período dos Descobrimentos. Godinho (1978) estima que durante o século XV as saídas não ultrapassaram as 50 000 pessoas. De 1500 a 1580 Portugal foi sangrado de cerca de 280 000 indivíduos. Trata-se de um valor bastante considerável se atendermos à população residente que, em 1527, deveria orçar os 1,2 milhões de habitantes. Durante os sessenta anos que se seguiram, o fluxo total ultrapassa os 300 000, atingindo talvez 360 000 pessoas. Da Restauração a 1780 há uma redução da corrente migratória para cerca de 150 000, mas de novo no começo do século XVIII até 1760 a corrente é mais forte, atingindo cerca de 600 000 ."Em suma, desde o começo da expansão ultramarina até 1760, certamente mais de um milhão, provavelmente um milhão e meio de emigrantes, as saídas anuais, começando a menos de 1 por mil, nunca ultrapassam 4,5 e situam-se a maior parte do tempo entre 3 e 2,5 por mil" (Godinho, 1978, p. 9).

## QUADRO 1

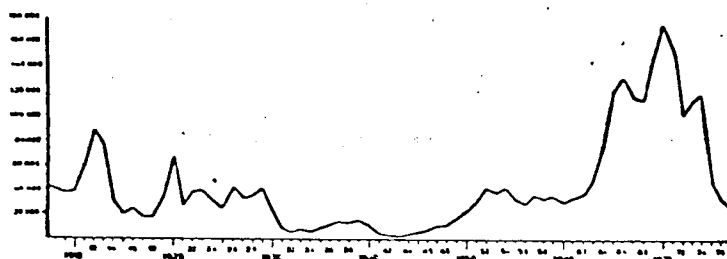
## Evolução geral da emigração portuguesa legal

anos	emigrantes	média anual	população portuguesa	ano de recenseamento
1500 - 1580	280 000	3 500	1 200 000	1527
1580 - 1640	360 000	6 000	1 100 000	1636
1640 - 1700	150 000	2 500	-	-
1700 - 1760	600 000	10 000	2 143 000	1732
-	-	-	-	-
1855 - 1885	315 954	10 192	3 499 000	1854
1886 - 1925	1 284 168	32 104	6 033 000	1920
1925 - 1960	799 481	22 842	8 851 300	1960
1961 - 1979	1 007 165	53 008	8 668 267	1970

fontes: 1855-1960 , Godinho (1978).

1961-1979, Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas.

Figura 1 Emigração oficial portuguesa



Mas, até aqui, trata-se de estimativas. A partir de 1855 já podem ser fornecidos dados quantitativos da emigração legal portuguesa. De 1855 a 1960 emigraram legalmente cerca de dois milhões e meio de pessoas (2 399 603). Todavia estes dados quantitativos da emigração legal só parcialmente reflectem o volume real da emigração portuguesa (1). Serrão (1974, p. 37) calcula que desde 1855 até aos nossos dias esquivaram-se às malhas da lei cerca de 1/3 da emigração.

(1) No século XIX, no período estudado por Oliveira Martins (1866-1888), a emigração clandestina já era considerável. Haveria então a coexistência de dois tipos de emigração clandestina: uma sem passaporte que partia geralmente de Lisboa, outra com passaporte efectuada predominantemente por Vigo (Pereira, 1981, p. 22). Os motivos desta corrente são enumerados pelos historiadores da época: rareza de passaportes e a arbitrariedade na sua distribuição, a fuga ao serviço militar e as proibições oficiais de emigrar. De notar que estes motivos permaneceram quase idênticos aos do período "áureo" da emigração portuguesa. Durante ele, na década de 60 e começos de 70, é o "salto" a via real da nossa emigração.

13

Também Evangelista (1971, p. 123) calculou a fracção da emigração clandestina no período 1891 a 1960 no máximo de um terço da emigração legal. Pelo que, para nos aproximarmos do fluxo efectivo da emigração portuguesa de 1855 a 1960 aos emigrantes saídos legalmente, devemos adicionar 1/3. Sendo assim, o fluxo efectivo da emigração portuguesa seria então de 3 199 470. De 1961 a 1979, segundo as estatísticas oficiais portuguesas, emigraram 1 602 542, dos quais 595 377 clandestinamente. Mas, este número da emigração não controlada refere-se a um só país - a França - faltando os outros (Espanha ...). Em suma, perto de cinco milhões de Portugueses, pelo menos, emigraram de 1855 a 1979 (4 802 012).

Serrão (1974, pp.36-37) até 1973 distingue cinco períodos: 1 - de ? a 1868; 2 - de 1869 a 1918; 3 - de 1919 a 1932; 4 - de 1933 a 1948; 5 - de 1949 a 1973. Embora nos falte um recuo histórico, tudo parece indicar que em 1974 começa um novo período.

#### 1 - De ? a 1868

O autor não aponta o início deste ciclo, posto que, antes de 1855 os dados quantitativos são escassos. No entanto, sabe-se que, de 1855 a 1868, o volume emigratório diminui regularmente, fixando-se nos quatro milhares, a partir de 1863. De 1860 a 1868, ocorre o período de menos incidência emigratória, em toda a segunda metade do século XIX.

Este período, segundo Serrão, está conexionado com a primeira fase da Regeneração, e com as possibilidades e os limites do desenvolvimento económico, então ensaiado.

#### 2 - De 1869 a 1918

Assiste-se, globalmente, a um sucessivo crescimento da emigração: de 1904 a 1914 verifica-se a primeira grande exasperação emigratória da nossa história contemporânea. O acme é atingido em 1912. O acesso da febre dos anos 1911-1913 não se pode explicar só por razões políticas (a instauração da República), mas sobretudo, pela conjuntura económica e social (Godinho, 1978, p. 11). Segundo Serrão cerca de 1870, o país começa a perder a batalha encetada com a experiência liberal no sentido do seu desenvolvimento e da sua plena independência política e económica.

A Grande Guerra reduziu evidentemente o fluxo migratório.

### 3 - De 1919 a 1932

É o período de transição da primeira para a segunda República. A curva é oscilante, até que, devido à desfavorável conjuntura económica de 1929-30, se atingem os mais baixos valores desde 1869.

### 4 - De 1933 a 1948

Estamos perante um período de latência das correntes migratórias portuguesas. Não são razões internas que o explicam, mas a política seguida pelos países tradicionais de acolhimento - Brasil e Estados Unidos - e a Segunda Guerra Mundial (Godinho, 1978, p. 12).

### 5 - De 1949 a 1973

Após o período de latência vai suceder a revolta contra o pai. A partir de 1949 a subida é quase constante e atingem-se neste período os mais fortes valores da emigração de toda a história portuguesa. Nos anos 1966-72 a emigração atinge 136,4% do saldo fisiológico. Em relação à população global houve, em 1970 20,8 emigrantes para mil habitantes.

### 6 - De 1974 aos nossos dias

A corrente migratória diminuiu não tanto como fruto da mudança política operada em Portugal, como do desencadear da crise económica que vai fazer com que os países da Europa transpirem em vez de continuarem a emanar ondas centrífugas de mão-de-obra estrangeira, engendram antes ondas centrífugas.

A constância do fenómeno emigratório não é uniforme numa perspectiva diacrónica nem quantitativamente, como vimos, nem tão pouco qualitativamente. Apesar da arbitrariedade de toda a classificação, com a preocupação de não compararmos o que não é comparável, podemos estabelecer dois tipos na emigração portuguesa: migrações de tipo colonial e migrações de mão-de-obra.

As migrações de tipo colonial têm por objectivo valorizar territórios pouco explorados ou pouco habitados. Começaram em Portugal sob o signo dos Descobrimentos no século XV. São a consequência dos transportes marítimos e das necessidades de ocupar os territórios descobertos e de empreender aí o comércio. Foram "expansão, conquista, descoberta, gesta desmedida de pequeno povo convertido em ferro de lança da burguesia empreendedora e mundialista do Ocidente. Foi um fe-

nómeno imperialista, ao mesmo tempo religioso e cultural de absoluta boa consciência, como os tempos pediam e pedem sempre aos que têm meios para levar a cabo, exemplo ímpar de energia vital e histórica "(Lourengo, 1978, p. 133). É a época do emigrante geralmente conhecido pelo nome de colonizador, isto é, "o indivíduo que abandona o solo pátrio, com destino a uma colónia, e devido ou à iniciativa do Estado ou integrado em empresa de âmbito nacional por ele promovida" (Serrão, 1974, pp. 87-88). Esta emigração compõe-se das elites dirigentes e do povo que é o executor da empresa nas naus e caravelas, nas fortalezas e feitorias e nas actividades de mercadejar e ocupação administrativa. Pode-se considerar como colonizadora a emigração para as ilhas atlânticas, uma grande parte da que se dirigiu para o Brasil (da metade do século XVI até ao fim do século XVIII), e mais tarde para as colónias africanas (a partir do fim do século XIX) (1).

As migrações de mão-de-obra fazem-se contrariamente às precedentes para países mais evoluídos em que muitas vezes a taxa de natalidade é ao mesmo tempo baixa. Este tipo de migração começa no século XIX. "Fenómeno de origem antiga, veio adquirir no decorrer do século XIX características novas: deixou de estar integrado predominantemente num projecto imperial e tornou-se uma resultante das distorções do desenvolvimento do capitalismo dependente" (Pereira, 1981, p. 7). É a época do emigrante em sentido estrito que se caracteriza como sendo um indivíduo "que resolveu abandonar o país por exclusivos motivos pessoais, livremente concebidos, independentemente de solicitações oficiais e, até muitas vezes em oposição a estas" (Serrão, 1974, p. 88). O autor destas definições está consciente dos seus limites, ele próprio considerando-as algo artificiais.

Este segundo tipo de emigração parte no século passado, sobretudo de zonas rurais, do norte de Portugal, compondo-se na sua grande maioria de migrantes proletários, jornaleiros e trabalhadores jovens, aprendizes com menos de 14 anos (Garson, Tapinos, et al., 1981, p. 184). Isto é confirmado pelo questionário sobre a emigração da Câmara dos deputados para a região do Porto (1873-75): "partem quase todos sem capitais e instrumentos de trabalho" (Questionário efectuado junto de migrantes deixando o porto do Porto por Joaquim Taibner de Moraes, Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a Emigração, 1873). Estas características da nova emigração transoceânica assemelham-se às que encontramos na vaga

(1) A emigração para a Índia é um fenómeno difícil de caracterizar. O regime das castas tornava difícil a mistura dos indivíduos. A dominação do território era sobretudo pontual limitando-se a algumas zonas estratégicas ocupadas militarmente. Um intenso comércio aí se instalava. Eça de Queirós nota a propósito da emigração para a Índia: "Os portugueses não eram emigrantes, eram comerciantes: os portugueses nunca quiseram tanto a posse do território da Índia, como o monopólio do seu comércio: não querem colonizar, querem negociar" (1979, p. 20).

migratória a partir dos anos 60 para a Europa.

Apesar dos limites de classificação, estes dois tipos de emigração correspondem a duas imagens que temos de nós próprios. Que terá a ver o primeiro tipo, "cujos avatares duraram quatrocentos anos, apagados de súbito em dois, separados por cento e cinquenta, com a emigração dolorosa que há duas dúzias de anos converteu a população mais pobre, mas também a mais enérgica, das nossas aldeias e vilas, nos "soutiers de l'Europe" para empregar um título famoso do Monde ?" (Lourenço, 1978, pp. 133-134).

É dentro deste segundo tipo que a emigração portuguesa actual perdura, ou seja, como emigração de mão-de-obra. O fenómeno migratório português, mesmo se hoje não mantém as mesmas proporções e características da imponente onda de deslocação de massas para fora do território nacional (não tanto fruto de uma evolução estrutural interna, mas sim da conjuntura externa), continua a ser um fenómeno de vastas proporções pelo elevado número de compatriotas que continuam vivendo na diáspora. Em 1982, segundo estimativa da Secretaria de Estado da Emigração e das Comunidades Portuguesas a população portuguesa residente do Estrangeiro elevava-se a 3 871 390 indivíduos, num país com cerca de nove milhões e meio de habitantes (anexo I).

Em quatro séculos a dimensão da colónia de nacionais residentes no estrangeiro aumentou de 100 000 a 150 000 (Godinho, 1978, p. 14) para mais de 3,5 milhões nos valores da década de 80. Mesmo se na actualidade o fluxo migratório é reduzido, nem por isso o fenómeno migratório deixou de nos afectar.

Hoje, uns vivem directamente a migração, os outros contactam-na indirectamente através dos que vivem, ou dos meios de comunicação de massa, projectando porventura um dia emigrar. Omnipresente numa perspectiva diacrónica e sincrónica, entre os numerosos fenómenos sociais do povo português, a migração representa sem dúvida um dos mais significativos.

## 0.2/ A emigração portuguesa está subanalisada

Pode-se levantar uma questão preliminar: a migração, fenómeno socio-psicológico que se emaranha na textura da história de Portugal, poderá ainda ser objecto de estudo ? Uma simples consulta bibliográfica pode levar-nos a pôr a questão de outra forma. Como será possível que algo que tanto nos afectou, nos

afecta e não se vislumbram lampejos de não continuar a afectar-nos a não ser que medidas drásticas impostas pelo exterior se oponham a esta inércia multissecular, fosse objecto de tão poucos estudos sistemáticos ? Da mesma maneira que se diz que não existem somente países "subdesenvolvidos", mas sobretudo sociedades "subanalisadas" (Duvignaud J., Duvignaud F., Courbeau, 1979, p. 109), não hesitamos em afirmar que, a migração portuguesa, dada a sua ancoragem longínqua no tempo e universal no espaço e a sua ressonância hodierna, tanto nos que ficam como nos que partem, tem sido subanalisada. Vários estudos de ordem demográfica, económica, sociológica e psicológica se têm debruçado sobre o tema. Trata-se, no entanto, de variações menores - e aqui não fazemos um julgamento qualitativo dos diferentes trabalhos existentes, mas sim quantitativo em relação à proporção do fenómeno - sobre uma das telas de fundo da cena portuguesa.

Ontem escrevia Torga que "o drama do emigrante português está por escrever" (1969, p. 101). Hoje Rocha Trindade reconhece: "A actividade editorial num país, no âmbito de dado tema, reflecte em geral a extensão e a profundidade das preocupações que pairam na mente daqueles cuja missão, vocação ou profissão é pôr no papel os problemas dos homens da sua terra" (1981 a, p. 1). Os escritos em relação à emigração portuguesa são uma singular excepção a essa tendência geral. "Para um observador do exterior, a consulta da bibliografia portuguesa daria uma impressão de desinteresse dos Portugueses por algo que afinal faz parte da estrutura da sua sociedade e os tem afectado profundamente" (Rocha Trindade, 1981 a, p. 1).

Antes de 1974, a falta de interesse, por parte do regime de então, pelos estudos migratórios é bastante compreensível, na medida em que, esses estudos colocariam em cena múltiplas carências e negligências na sociedade portuguesa. "Só um tipo de abordagem demográfica, fria, sem crítica e a posteriori era possível neste contexto sócio-político que recusava discutir ou reconhecer as razões profundas que motivavam as migrações" (Rocha Trindade, 1981b, p. 77). Os poucos trabalhos dissonantes em relação a esta perspectiva foram realizados sem apoio oficial.

Se com a mudança de regime político em 1974, a temática migratória tinha os semáforos verdes ligados, mesmo assim, as avenidas percorridas pelas investigações neste campo são bem estreitas. Os motivos são múltiplos. "Um grande número de eruditos e de investigadores foram levados a assumir funções na admi-



nistração pública durante o período post-revolucionário; além disso, dada a celeridade e as flutuações do processo de reorganização do país, a estruturação dos organismos de investigação não teve ainda o tempo de se tornar efectiva e de se institucionalizar. Enfim, a forte convulsão política, social e psicológica da transição entre a ditadura e a democracia não ofereceu o clima de segurança e de estabilidade necessária para uma programação a longo termo, com a segurança de uma continuidade de execução" (Rocha Trindade, 1981 b, pp.77-78). E, na opinião de Rocha Trindade, não é a curto termo que a subanálise poderá ser reparada: "Infelizmente a inércia cultural e a necessidade de criação de tradição não fazem aparecer escola quando cessam as condições que a inibiam. Teremos pois de esperar longos anos até que o número de estudos, projectos de investigação, programas e acções concretas no domínio da emigração sejam o reflexo quantitativo e qualitativo da importância que o problema tem para Portugal" (1981 a, p. 1).

Observações idênticas são feitas num outro pólo da "cadeia migratória" (1): "A antiguidade e a amplidão crescente do fenómeno migratório em Portugal ..., de nenhum modo suscitou a abundância de estudos que se podem observar no caso da Itália. Deve-se isso à atitude ambivalente das autoridades portuguesas em relação à emigração que se torna massiva a partir de 1850 e que já não é a emigração de colonos ?" (Garson, Tapinos et al., 1981, p. 177). A subanálise explicar-se-á também pela falta de tradição de investigação em ciências humanas no nosso país, ou pelo facto de os emigrantes portugueses não colocarem "problemas especiais" de adaptação em contacto com outras culturas ? Seria perdermos o fio condutor debruçarmo-nos sobre as diferentes razões que podem estar na raiz da existência de tão poucos estudos para um fenómeno tão importante. Para o nosso propósito interessa-nos só realçar a fraca proporção de trabalhos de todos os géneros sobre os nossos compatriotas no estrangeiro enquanto que as estatísticas antigas e contemporâneas mostram a importância destas deslocações de pessoas.

Se alargarmos o campo de observações para além do nosso rectângulo verifica-se que a falta de proliferação de estudos migratórios se insere num contexto europeu, mas no caso português é ainda mais flagrante. Se nos anos 60 a face da Europa ocidental mudou fruto das emigrações de mão-de-obra" é necessário reconhecer que, nem pela sua extensão, nem pela sua profundidade, as inves-

(1) "A noção de Cadeia Migratória foi progressivamente elaborada pela OCDE enquanto modelo de análise e instrumento operacional, vindo a tornar-se o elemento central da sua doutrina em matéria de migrações internacionais. Esta noção designa simultaneamente as diversas sequências do processo migratório (partida e migrações, instalações no país de imigração, retorno eventual ao país de origem, reinserção, etc.) os laços que os une e os efeitos cumulativos decorrentes deste processo nos planos tanto social como económico" (OCDE, 1978, p. 5).

tigações científicas empreendidas até hoje não estão à altura dessas transformações " (Oriol, 1981, p. 2). Ora sabemos que as migrações transoceânicas forneceram a matéria ao desenvolvimento das ciências sociais nos Estados Unidos (Duchac, 1974).

### 0.3 / Perspectiva teórica geral

Nas investigações migratórias os tipos de abordagem e os níveis de análise são múltiplos.

Duchac distingue três abordagens principais no estudo dos fenómenos migratórios nos Estados Unidos: " a migração como fenómeno estatístico", "a percepção política dos fenómenos migratórios" e "os migrantes, actores da migração" (1974, pp. 307-370).

Estes três tipos de abordagens também estão presentes nos trabalhos europeus com alguns cambiantes.

A abordagem estatística europeia integra habitualmente a dimensão histórica sendo, na maioria das vezes, sociológica, no sentido estrito do termo. Está pouco inspirada, ao contrário da abordagem americana, pela teoria ecológica. Nesta abordagem, quer na América quer na Europa, "o que se atinge deste ponto de vista, é a migração, como factor de modificação dos espaços arranjados e das suas funções, e não os migrantes ou as comunidades de migrantes, indivíduos ou grupos em situação de reequilíbrio e de aculturação " (Duchac, 1974, p. 309). Agruparemos nesta linha os trabalhos demográficos europeus que fornecem actualmente dados abundantes e preciosos (1).

A abordagem política caracteriza-se na sociologia americana pela tomada em consideração das razões políticas como "factores determinantes dos movimentos migratórios", " da intervenção cada vez mais frequente do estado e das instâncias político-administrativas regionais", das migrações" como sendo um elemen-

(1) Certos organismos estão especializados neste estudo estatístico, particularmente o SOPEMI, Sistema de Observação Permanente das Migrações, a Direcção dos Assuntos Sociais e de Mão-de-Obra da OCDE e a revista "Population", que reserva um largo espaço às análises demográficas da emigração.

to do sistema total da sociedade americana, indissociável desse sistema no seu conjunto (Duchac, 1974, pp. 312-315). A dimensão política está também multi-presente nos trabalhos europeus actuais.

A terceira abordagem americana dos migrantes" tende a dar prioridade à observação dos indivíduos e dos grupos, mais do que à análise dos quadros espaciais onde evoluem esses indivíduos e esses grupos, ou ainda aos factores económicos que condicionam o seu modo de vida" (Duchac, 1974, p. 309).

A este nível de análise situam-se os trabalhos americanos sobre a situação e a adaptação dos migrantes e os que elaboram uma psicologia do migrante. É para esta abordagem que lançamos amarras, propondo todavia o seu alargamento, como veremos mais abaixo.

As migrações humanas são um "fenómeno social total" (Mauss, 1980). "É considerando o conjunto que pudemos perceber o essencial, o movimento do todo, o aspecto vivo, o instante fugaz em que a sociedade assume, em que os homens tomam consciência sentimental deles próprios e da sua situação face aos demais " (Mauss, 1980, p. 275). Na migração estão incluídas todas as facetas que as várias ciências humanas costumam distinguir, não interessando unicamente " as ciências demográficas, económicas e políticas. Dependem também do direito internacional e não podem deixar indiferente a moral e a religião" (Dolot, 1976, p. 8) (1). Contudo " as capacidades de apreensão do real pelo investigador em ciências humanas obrigam-no a limitar as suas abordagens" (Chombart de Lauwe, Bellan, 1979, p. 26), tendo presente a totalidade em que vai trabalhar. Não esqueçamos que a separação entre ciências humanas só deveria ter como finalidade a utilidade prática da investigação. De nenhum modo deveria levar a um

(1) Seria demasiado longo estabelecer um panorama pormenorizado das ciências sociais que estudam os fenómenos migratórios. Para o nosso propósito é suficiente traçar um panorama rápido. Baseamo-nos aqui fundamentalmente na conferência de Maryse Tripier proferida aquando do estágio Universitário " Iniciação ao estudo das migrações internacionais em França", de 19 a 22 de Outubro de 1983, organizado pela equipa de investigação sobre as migrações internacionais, unidade " Migrações e Sociedade", Paris.  
A história fornece os materiais de base às outras disciplinas, mas no outro extremo, é também a disciplina de síntese que integra os elementos dados por outras disciplinas.

Dentro da geografia, é sobretudo a geografia humana que aqui intervém. Fazendo a análise do espaço, os geógrafos localizam os migrantes, o seu

hermetismo nefasto entre as disciplinas. Se a explicação completa advém da

---

encaminhamento, a mobilidade interna e internacional. Interrogam-se sobre a transcrição espacial dos mecanismos sociais.

As ciências políticas estudam mais particularmente as instituições que gerem a migração e as políticas migratórias, bem como a incidência da presença emigrada sobre os mecanismos institucionais. Estudam as formas de expressão das comunidades emigradas.

A economia caracteriza-se também por um debate sobre o seu estatuto. Será a economia a base de todo o edifício das ciências sociais? Os economistas estudam os mecanismos que presidem à chamada dos emigrantes: marchas de trabalho, acumulação capitalista, sub-desenvolvimento: análise dos fluxos, das suas causas, da sua lógica, das suas consequências nas economias dos países de partida e chegada. A migração é aqui analisada como força de trabalho e os estudos operam-se, na maioria das vezes, a nível internacional, mas também nacional, sectorial (ramo) e regional. O seu objecto é o movimento migratório e a mão-de-obra. A economia não se apresenta como uma ciência única mas contém teorias opostas.

Nas fronteiras da economia e da geografia humana, a demografia, enquanto estudo das populações e da sua evolução, tenta referenciar o lugar dos emigrantes na população. Centrada sobre a dinâmica das populações, interessa-se pela fecundidade, pela actividade, etc, específicas dos emigrantes. A demografia funciona igualmente como "banco" de dados.

O campo abrangido pela sociologia é muito vasto. No seu conjunto ela tenta descrever as diferentes dimensões da presença emigrada. Analisa também as relações sociais que se estabelecem entre a sociedade de acolhimento e os emigrantes. Preocupa-se ainda com as ideologias, por exemplo o racismo. Tenta ser mais explicativa que a demografia e a geografia (mais descritivas) e não se limita ao aspecto da "força de trabalho" dos emigrantes.

Aplicada à emigração, a etnologia transfere os conceitos e métodos empregues para estudar as sociedades de origem, para o estudo das comunidades emigradas. Preocupa-se fundamentalmente com as modalidades de adaptação do sistema social e cultural de origem ao país de acolhimento.

A linguística interroga-se sobre a língua falada pelos emigrantes numa situação de choque linguístico. Mais centrada sobre o pequeno grupo ou o actor, a psicologia social coloca o migrante no centro da sua análise. Estuda os comportamentos de reajustamento da personalidade devidos à transplantação. Estuda também as dimensões psicológicas da relação com o estrangeiro (racismo ...).

Médicos e psiquiatras interrogam-se sobre a especificidade da patologia da transplantação ou das características de saúde das diversas comunidades. Estudos sobre a saúde dos migrantes ou sobre os acidentes de trabalho, testemunham esta reflexão.

As ciências da educação retêm igualmente reflexões das suas práticas de formação de crianças e adultos e integram-nas, por exemplo, com as reflexões dos linguistas.

Este rápido voo é suficiente para mostrar como as disciplinas trabalham a níveis da realidade diferentes a propósito da migração. Todavia esse corte é relativo, modificando-se constantemente.

interdisciplinaridade, uma grande precisão dos resultados só pode ser obtida com a especialização dos investigadores. Ancorando-nos na terceira abordagem das migrações distinguida por Duchac, embora recorrendo aqui e ali a elementos das duas outras, uma tal perspectiva supõe que "o migrante seja apreendido como indivíduo, com as suas características psicológicas originais, a sua história pessoal, a sua inserção em pequenos grupos em que não é considerado como unidade anónima - em primeira linha o grupo familiar, - enfim a sua visão particular da existência social. Sob este prisma, a sociologia das migrações constitui-se conjuntamente com uma psicosociologia das situações dos papéis migratórios, e uma psicologia do migrante ..." (Duchac, 1974, pp.344-345). A abordagem da migração retida implica a referência à sociologia, à psicologia social (1), à psicologia, isto é, as ciências humanas a que Dollot não se refere. Mas onde nos situamos exactamente? Sentimos aqui dificuldades análogas às de Stoetzel a propósito das relações entre a sociologia e a psicologia social: "muitas vezes já não sabemos se fazemos sociologia ou psicologia social. Que se pense nas investigações sobre a assimilação dos estrangeiros: é um estudo sociológico ou psicosocial?" (Stoetzel, 1963, p. 32). Mas é sobretudo dentro da psicologia social que nos colocamos. Parafraseando Moscovici, poder-se-ia dizer que um fenómeno social do real, como a emigração, torna-se um fenómeno social no real, dimensão quase física deste. Neste estágio, a sua evolução é do foro da psicologia social (Moscovici, 1976). Esta ciência não é autónoma pois não pode constituir-se sem a contribuição das duas ciências de que pretende ser a charneira - a psicologia e a sociologia (Maisonneuve, 1975, p. 13). Não sendo a psicologia social uma ciência autónoma, o que justifica o nosso recuo à sociologia e à psicologia, é uma ciência que tem um objecto específico: a interacção (Maisonneuve, 1975, p. 12):

- interacção dos processos sociais e psicológicos ao nível das condutas concretas;
- interacção das pessoas e dos grupos no quadro da vida quotidiana;
- igualmente junção entre a abordagem objectiva e a do sentido vivido, ao nível do ou dos agentes em situação.

O seu campo total é "todo o comportamento humano em sociedade" (Castellan, 1977, p. 69). Este trabalho não aborda o sujeito isolado à imagem do Robinson na sua ilha, mas ligado a um grupo, a uma sociedade. Já trezentos anos antes

(1) Utilizamos as expressões psicologia social e psicosociologia como sinónimos conformando-nos assim ao uso mais corrente, (Maisonneuve, 1975, p. 13).

John Donne observava: "nenhum homem é uma ilha, completamente só; cada homem é um pedaço do continente, uma parte de um conjunto ..." (citado por Northway, 1964, p. 81). Os laços fundamentais que retêm o homem ao continente são as relações pessoais. São o resultado da necessidade de se libertar ele próprio da sua insularidade em relação a uma segurança.

No estado actual da investigação verifica-se a ausência de uma teoria das migrações: "Se, por teoria, nós devemos entender uma construção conceptual sistemática tal que nos permita colocar no seu interior todos os movimentos migratórios constatados, circunscrevendo-lhes as determinações e motivações, explicando as suas etapas, prevendo os seus efeitos, torna-se evidente que uma teoria deste género não existe" (Duchac, 1974, p. 471).

A este propósito escrevem Alpalhão e Rosa (1983, p. 12): "É de notar que embora existam imensos trabalhos empíricos sobre casos particulares do fenómeno migratório, tal abundância contrasta com a escassez de orientação teórica a respeito das migrações. Efectivamente, só nos últimos anos se começou a dar importância à conceptualização e à verificação de hipóteses relevantes para a formulação de uma teoria geral das migrações. Não obstante as investigações realizadas nesse sentido, não será de prever para breve a maturidade desse esforço que permita a formulação de um quadro teórico universalmente válido e aplicável".

Outros autores também confirmam que "na hora actual falta-nos uma teoria da migração, isto é, a análise do conceito de estrangeiro em relação ao conjunto dos sistemas organizadores da vida humana (Migrations/Etudes, 32, p. 3).

Perante a ausência de uma teoria das migrações, recorreremos neste trabalho a quadros teóricos diversos. O nosso fim é contribuir para um melhor conhecimento da migração portuguesa (1).

(1) Por exemplo, a unidade do estudo sobre a representação social da psicanálise, comportando duas partes correspondentes a dois métodos utilizados é justificada por Moscovici pelo seu fim (1976, pp.34-35).

Três grupos representam as pessoas que participam no acontecimento migratório português:

- as pessoas que emigram de Portugal vivendo no estrangeiro;
- os Portugueses no seu país, "in situ", tocados pela partida de familiares, ou simplesmente pelas consequências da emigração, porventura colocados perante a alternativa - ficar ou partir;
- os habitantes dos países de destino que acolhem os emigrantes

As investigações aqui apresentadas inserem-se fundamentalmente nos dois primeiros grupos, pois também somos da opinião de que uma boa abordagem dos fenómenos migratórios exige a sua apreensão quer na sociedade em que estão os emigrantes quer na sociedade donde eles são originários (cf. por exemplo Rocha Trindade, 1973; Cordeiro, Guffond, 1979; Le Masne, 1982).

O emigrante é um actor social antes de mais pela sua participação na produção de um país estrangeiro. Mas mesmo a população migrante não activa participa na vida da sociedade de destino: através das actividades de consumo, das relações sociais, dos quadros de acção institucional (sindicatos, associações) dos mass-média ... Esse actor encontra-se porém numa situação particular de bipolarização: " as migrações internacionais da força de trabalho põem em acção um sub-sistema sócio-económico funcionando nos dois pólos" (Cordeiro, Guffond, 1979, p. 4). Se esta bipolarização dá um sentido ao discurso sobre o regresso, em particular para as primeiras gerações, interpela também no país de origem os indivíduos que não são emigrantes. A sua influência confere-lhe as dimensões de um fenómeno social maior e enraiza-se na vida quotidiana das sociedades de origem.

A partir de quatro inquéritos, dois efectuados em França junto de migrantes e os outros dois efectuados em Portugal junto de adolescentes e de pré-adolescentes, propomo-nos abordar o vivido e a representação do acontecimento migratório.

Foi em 1977 e 1983 respectivamente que os dois inquéritos foram passados em França junto de emigrantes portugueses. Esta população é constituída por indivíduos em situações cruciais de mudanças sócio-psicológicas que implicam ruptura e processo irruptivo. Perante rupturas exógenas similares como reagem os indivíduos e qual o impacto dos tipos de adaptação e das representações de país

de origem sobre os projectos de regresso ?

Adaptação e representação são conceitos multidimensionais.

Nas condutas migratórias não se pode separar o psicológico e o social tudo é troca e acção recíproca. Para Nuttin, a adaptação designa "todas as formas de interacção que favorecem o funcionamento de um organismo ou de uma personalidade" (Nuttin, 1967, p. 128). A adaptação implica um conjunto de reacções e de contra-reacções que facilitam a vida social e permitem um enriquecimento contínuo da personalidade. Uma capacidade de adaptação não está ligada unicamente ao indivíduo, homem ou mulher, jovem ou menos jovem, europeu ou extra-europeu, mas também às condições de vida que lhes são opostas pela sociedade de acolhimento.

Junto dos emigrantes em França relativamente à representação, só utilizamos este conceito de modo frequentário: trata-se da orientação atitudinal em relação ao regresso e em relação aos pólos da cadeia migratória.

Os resultados do inquérito de 1977 contribuíram decisivamente para a elaboração do inquérito de 1983, utilizando-se agora uma metodologia mais leve.

A recolha de dados em dois momentos, diferentes, a seis anos de diferença, permitir-nos-á delinear algumas notas diacrónicas.

Dois outros inquéritos foram efectuados junto de Portugueses "in situ", com o intuito de apreendermos as representações do fenómeno migratório e de sabermos até que ponto estão confrontados com a alternativa de emigrar ou não. Estes dois inquéritos foram efectuados em 1982.

Por conseguinte nos dois pólos da cadeia migratória propomo-nos analisar os projectos migratórios e em particular alguns dos seus determinantes; no país de origem, examinaremos as representações do fenómeno migratório.

Em todas as investigações os projectos migratórios são abordados como variáveis dependentes. Para os pré-adolescentes e adolescentes trata-se do projecto de emigrar, para os migrantes da duração prevista da estadia no estrangeiro. Trata-se em ambos os casos da construção que os sujeitos se fazem, ao nível cognitivo, do plano ou dos projectos de partir ou de regressar.

Nuttin fala de perspectivas temporais (1980, b) (1), no plural, não só para indicar as duas direcções da perspectiva futura e passada, mas também em re-

---

(1) Nuttin (1980 b) distingue três aspectos no tempo psicológico: a perspectiva temporal, configuração das localizações temporais dos objectos que, marcados com o seu sinal temporal, ocupam virtualmente a vida mental de um sujeito numa dada situação; a orientação temporal, facto para o sujeito de estar sobretudo voltado para o futuro, para o presente ou para o passado; a atitude temporal, tonalidade afectiva do passado, do presente, do futuro e do tempo em geral para o sujeito. Destes três aspectos do tempo psicológico, interessa-nos aqui especialmente a perspectiva temporal "que se caracteriza por uma "presença" cognitiva - isto é uma re-presentação actual do acontecimento passado ou futuro como tal. A perspectiva temporal é pois uma mira que, num dado momento do tempo - ou seja o presente do sujeito que conhece - engloba acontecimentos passados e futuros com o seu sinal temporal" (Nuttin, 1980 b, p. 6).



lação com certas categorias de conteúdos de objectos (objectos de ordem profissional, familiar, ideológica, etc.) (1). O nosso objectivo aqui não é o estudo da perspectiva temporal global, que inclui o conjunto dos objectos motivacionais de um sujeito, mas somente o estudo de uma perspectiva temporal mais específica, o projecto migratório.

As perspectivas migratórias que nos propomos estudar situam-se na dimensão temporal futura do comportamento humano. Esta dimensão foi durante muito tempo negligenciada (2), mas hoje em dia conhece um incremento no quadro de uma psicologia de funções cognitivas. É no contexto de uma elaboração cognitiva da motivação que no homem, a necessidade torna-se fim e projecto (Nuttin, 1980 a). "Todo o objecto da motivação positiva ou negativa de um sujeito situa-se no tempo psicológico se se tratar de um acontecimento ou situação que pode acontecer, de um fim que se espera atingir, ou de qualquer coisa que se tem a intenção de fazer" (Nuttin, 1980 b, p. 67).

Outros psicólogos são de opinião que ao nível consciente o comportamento do ser humano é regulado em grande parte pelos fins e projectos de acção que se propõe. Por exemplo, Allport escreve: "o ser humano vive pelo menos uma parte da sua vida em conformidade com os seus interesses, valores, intenções ou projectos conscientes" (1961, p. 216).

Quais são os determinantes das perspectivas de futuro ? Segundo Nuttin a localização de qualquer objecto na dimensão futura " é o resultado da experiência geral do sujeito em relação com o curso normal das coisas no seu meio cultural e no mundo em geral" (1980 b, p. 18). Ou ainda: "É-nos necessário reconhecer a importância das condições de vida e da experiência pessoal na elaboração das perspectivas temporais, bem como no abandono de qualquer projecto de futuro" (1980 b, p. 33). É óbvio que para a investigação empírica é necessário precisar mais os determinantes dos projectos. Veremos aquando dos respectivos estudos o modo como operacionalizaremos as hipóteses de trabalho.

(1) O termo objecto é aqui utilizado num sentido lato, designando um acontecimento bem como um objecto estático, uma pessoa bem como uma situação ou relação. O termo objecto designa qualquer objecto motivacional ou objecto de motivação. Este objecto é o fim imediato da acção, finis operis, isto é o fim que é o termo final da acção e que de modo "objectivo" define a própria acção (Nuttin, 1980 a).

(2) Relembre-se que foi Lewin que, desde 1931, chamou a atenção para a extensão temporal, ao lado da extensão espacial, do mundo comportamental. Fala então de uma extensão progressiva, na criança do "estreito horizonte do presente" em direcções espaciais (sociais) e temporais, especialmente futuras. Reconhece que não se trata de um efeito puro e simples do desenvolvimento intelectual, mas de uma manifestação da actividade autónoma e construtiva da criança (Lewin, 1931).

Os projectos aparecem em todo o caso multideterminados. Dessa densa rede tentaremos circunscrever três ordens de variáveis: demo-sociológicas, situacionais e de personalidade. Outros quadros teóricos convergem em apontar a multi-determinação dos comportamentos futuros previstos (Lewin, 1959; Fishbein, Ajzen, 1975; Chombart de Lauwe, 1977).

Podemos interrogarmo-nos em que medida os objectos motivacionais evocados exercem algum impacto sobre o comportamento manifesto dos sujeitos. Responderemos a esta questão, como o faz Nuttin (1980 b) com duas considerações. Por um lado, os objectos de intenção são solicitados a partir de um "indutor activo": "Tem intenção de ...". A resposta a este indutor implica a tomada de posição perante um objecto-fim activamente prosseguido pelo sujeito. Por outro lado, a motivação tem importância para além de um impacto sobre o comportamento manifesto. O impacto da motivação sobre o aspecto afectivo e cognitivo do comportamento pode ter uma grande importância para o sujeito. A eventualidade de uma relação muito fraca entre intenções reais do sujeito e o seu comportamento efectivo "não infirma em nada a tese da possibilidade de uma comunicação verbal dos objectos motivacionais concretos" (Nuttin, 1980 b, p. 53).

Mas o estudo das perspectivas temporais tem limites que é necessário enunciar. "Os objectos em que o sujeito pensa e para os quais tende só têm a maior parte das vezes uma localização aproximativa e incerta no tempo. A sua realização depende aliás de factores que, muitas vezes, escapam ao controle do sujeito. É o facto psicológico de base que não é necessário pretender corrigir com a ajuda de técnicas artificiais" (Nuttin, 1980 b, p. 79).

A abordagem de uma perspectiva futura específica - os projecto migratórios representa uma contribuição, embora modesta, para o estudo do comportamento humano num domínio pouco abordado. "Uma das características mais surpreendentes do comportamento humano, a saber, que o homem propõe-se fins que tenta realizar, é também a que foi menos estudada". (Nuttin, 1980 a, p. 189).

Se globalmente se trata de um domínio pouco estudado, no caso específico das migrações verifica-se o mesmo. Duchac a propósito das motivações da migração nos Estados Unidos escreve: "Sector, por consequência, onde um balanço das aquisições só pode ser decepcionante. Pode-se lamentá-lo. Pois, apesar de tudo, na história pessoal do migrante, a génese desta intenção de se arrancar das suas origens e dos seus hábitos - segundo nascimento e por vezes primeiro - é qualquer coisa de considerável pelas suas consequências sobre um destino humano. E portanto, os trabalhos visando apreender esta intenção, não só são pou-

co, numerosos, mas são isolados, geralmente fora do âmbito dos programas apoiados pelas grandes universidades ou pelas fundações opulentas" (1974, pp.457-458). Mais recentemente Clapier- Valladon escreve: "O estudo da impulsão migratória no indivíduo está por se fazer ..." (1980, p. 775).

Se o estudo dos projectos em geral e dos projectos migratórios em particular, é um domínio pouco estudado, o mesmo acontece com o estudo das representações da migração. Veremos que o regresso está nas perspectivas de futuro dos migrantes em França, mas para que o regresso se possa efectuar nem só medidas económicas são suficientes. Se por um lado, se negligenciar a contribuição de informações fornecidas pelos próprios migrantes, a qualidade do processo de tomada de decisões sobre a reinserção sofrerá com isso (Rien Van Gendt, 1977, pp. 66-68). Por outro lado, as representações positivas por parte dos potenciais acolhedores são uma condição suplementar para o regresso. Nesta via analisaremos as representações da migração recorrendo a um quadro teórico especificamente europeu que tem sido aplicado no estudo dos mais variados objectos desde o seu aparecimento (Moscovici, 1961), mas que a nosso conhecimento não foi ainda aplicado à migração.

A representação, é o produto e o processo de uma actividade de construção mental do real por um aparelho psíquico humano (Kaës, 1968). Esta actividade de construção mental do real é determinada por modalidades psicológicas e sociais que são interdependentes. "Mediação entre o indivíduo e o seu meio, entre o grupo e a sociedade, fabricação de objectos culturais por organismos duplamente determinados pela sua estrutura psicológica e pela estrutura social na qual se movem, sistema cognitivo e expressivo constituído por e para a interacção social, por todas estas características, a representação ocupa um lugar de eleição entre os objectos da psicologia social" (Kaës, 1968, p.30).

Os trabalhos aqui apresentados tendo por objecto de análise, quer as pessoas que emigram de Portugal para viver em França, quer portugueses no seu país natal, "in situ", situam-se dentro da abordagem" os actores da migração" distinguida por Duchac, de que nos propomos alargar o campo a uma faceta complementar da migração menos estudada, "os observadores participantes da migração". Situamo-nos assim dentro de uma abordagem que poderíamos chamar da "migração, através dos seus actores e observadores participantes".

#### 0.4/ Perspectiva metodológica geral

Optámos por uma investigação que se move essencialmente no campo da psicologia social e tem como quadro geral processos migratórios.

De um ponto de vista geral, a psicologia social pode optar entre duas perspectivas metodológicas diferentes: quer procedendo por construção de situações geradoras de fenómenos psicosociais, quer estudando situações reais em meio natural. A migração vivida e representada, a eventual mudança do quadro vital, dada a multiplicidade das variáveis que implica, não se ajusta bem ao estudo experimental, apesar de pela simulação se tentarem reproduzir situações incluídas num contexto social mais vasto, mas é a maior parte das vezes sob o modo de ficção que estas transposições são efectuadas (Grisez, 1975).

As migrações abordadas, quer através dos que as vivem no estrangeiro, quer através dos que ficaram "in situ", presenteiam-nos com uma colocação em situação psicosocial de interesse inegável. Trata-se da interdependência do social e do psicológico. Também para nós a psicologia social "supõe uma ligação estreita com a realidade social" (Jodelet, Viet, Besnard, cf. prefácio de Moscovici, 1970, p. 58).

Colocando-nos na perspectiva de estudo de uma situação real, esta situação não só determinará as dimensões pertinentes da nossa abordagem, como também imporá os seus constrangimentos. Se, assim se evita a artificialidade do método experimental, debatemo-nos com outras dificuldades. Uma sendo inerentes ao objecto - a complexidade do vivido e da representação - outras ao método de inquérito que transpõe o vivido em verbalizado e passa do individual ao colectivo na análise dos dados (Clapier-Valladon, 1980).

A escolha de um método em psicologia social é particularmente delicada por tratar-se sempre de escolhas múltiplas e sucessivas que se repercutem umas nas outras.

Tivemos uma intenção concreta e ampla. Concreta (1), na medida em que apreendemos o indivíduo em situação real. "A explicação em psicologia social não é estreita mas ampla, ligada ao sistema cultural circundante, à situação

(1) Stoetzel, para diferenciar o espírito e a finalidade da psicologia social da psicologia geral, escreve: "É com efeito em condições bastante mais concretas, que a psicologia social estuda e interpreta os comportamentos: primeiramente, condições culturais; em segundo lugar, condições interpessoais e de grupo; por último, condições pessoais tendentes a relacionar o mais possível os comportamentos com os indivíduos que agem, sublinhando que eles não são somente acções das pessoas, mas também que eles são para as pessoas, que têm a sua finalidade no seu próprio autor" (Stoetzel, 1963, p. 28).

concreta dos sujeitos que reagem e à própria personalidade dos seus autores" (Stoetzel, 1963, p. 28).

A nossa preocupação de explicação ampla levou-nos ao método do inquérito, fazendo nossa a definição de Muchielli: "procura de informação metódica" aplicada à "vida psicológica de um grupo social" (Muchielli, 1975, p. 5).

A investigação por inquérito exige precisões que alguns qualificam de "escolha dolorosa" (1), entre o inquérito em profundidade e o inquérito extensivo. A originalidade do inquérito psicosociológico é a de se situar na encruzilhada da observação clínica e do inquérito sociológico de tipo estatístico que são diferentes ângulos de apreensão das facetas caleidoscópicas das condutas humanas. Tanto quanto possível, o inquérito psicosociológico tenta dar a palavra aos sujeitos e, ao mesmo tempo, reunir informações do contexto psicosocial.

Os inquéritos efectuados não são estatisticamente representativos, construídos segundo um método que já deu as suas provas e cujo rigor matemático é fonte de segurança.

Todavia muitas vezes nos inquéritos psicosociais uma amostragem representativa nem sempre é possível ou tão rigorosa como seria desejável. Mas nem por isso tais inquéritos são desprovidos de interesse científico. "Não pensamos que seja necessário por tal minimizar o interesse destes inquéritos, com o universo de população mais limitada e mais empírica, que se orienta para uma análise em profundidade enquanto que as sondagens afinam o seu aparelho estatístico" (Clapier-Valladon, 1980, p. 56).

Para iluminar os dados recolhidos pelos instrumentos de inquérito exploramos o contexto recorrendo ao "estudo das traças". Este método pode ser considerado como "uma forma de observação diferida, que por necessidade não apreende directamente o fenómeno em questão, mas unicamente algumas das suas consequências (Ghiglione, Matalon, 1978, p.11). Trata-se por conseguinte dum método não-reactivo, pois o investigador só intervém após a produção do fenómeno, não podendo, como é óbvio, perturbá-lo. Este método utilizamo-lo recorrendo quer à análise de documentos relativos à migração portuguesa e à migração de regresso quer às estatísticas oficiais.

(1) O dilema do inquérito é bem descrito por Touzard que escreve: "Quando nos encontramos perante a escolha de uma metodologia em Psicologia Social deve-se fazer uma escolha sempre dolorosa, quer realizar um estudo em profundidade que procure pôr a descoberto os mecanismos psicológicos e as interacções entre os indivíduos, mas este estudo limitar-se-á a alguns casos que tornarão difícil qualquer generalização, quer conduzir um inquérito mais ou menos extensivo permitindo os cálculos estatísticos indispensáveis e oferecendo a possibilidade de generalizar mas é então contentar-se de um estudo certamente rigoroso mas que deixa muitas vezes escapar elementos da situação e torna-se parcial" (1967, p.31)

Completando a nossa recolha dos dados por uma investigação documental, fizemos o que é preconizado pelos especialistas do inquérito. Para Albou os diversos métodos de construção de questionário "não podem dispensar a constituição de uma documentação. Procurar-se-ão diferentes obras, artigos ou estudos relativos ao domínio explorado, e especialmente todos os questionários já publicados que se relacionam" (1968, p. 28).

Foram utilizados por consequência sobretudo dois métodos: o inquérito e o estudo das traças. Um terceiro método utilizado, embora complementar, foi a observação participante, fruto dos contactos directos com os sujeitos, enriquecendo a abordagem dos fenómenos estudados.

Esboçadas algumas notas preliminares à volta da importância do fenómeno migratório português e da sua subanálise, dos objectivos teóricos e metodológicos gerais, resta-nos apresentar as diferentes partes do estudo.

O estudo divide-se em duas partes. A primeira trata os projectos de regresso da migração portuguesa em França e a segunda a migração portuguesa representada.

A primeira parte está articulada em três secções correspondentes à posição do problema, ao inquérito efectuado em 1977 e a outro efectuado em 1983.

Para colocar o problema do regresso da migração portuguesa tentaremos precisar o sentido dos termos migração, migrante e regresso. Trata-se de um problema que se reveste não só de actualidade como de acuidade. Antes de se apresentar a abordagem teórica seguida, faremos uma digressão pela análise documental da migração portuguesa de regresso a fim de sabermos se a maneira como nos pomos teoricamente o problema, já foi abordada. Finalmente, nesta primeira secção traçaremos tão rapidamente quanto possível o contexto em que se inscreve a migração quer no país de origem como no de acolhimento.

Dois inquéritos efectuados a quase seis anos de distância permitir-nos-ão abordar os projectos de regresso e as constelações de modalidades de adaptação e de representação do país de origem a que se associam. Ambos efectuados junto de migrantes portugueses em França, o de 1977 comporta uma população de 110 sujeitos e o de 1983 de 313 sujeitos.

A segunda parte que aborda a migração portuguesa representada está articulada em duas secções correspondentes a dois inquéritos efectuados em 1982: um, junto de adolescentes, e o outro, junto de pré-adolescentes.

O inquérito efectuado junto de 480 adolescentes residentes em Portugal vai permitir-nos conhecer as representações que os sujeitos têm da migração portuguesa vivida pelos actores do acontecimento migratório e saber se a migração está nas suas perspectivas de futuro, bem como os determinantes demo-sociológicos, de personalidade e de representação do projecto de emigrar.

O inquérito efectuado junto de 516 pré-adolescentes, mais breve que o anterior, visa conhecer se nos pré-adolescentes a migração já está nas suas perspectivas de futuro e até que ponto o projecto de emigrar está dependente dos mesmos factores demo-sociológicos e de desenvolvimento cognitivo, como nos adolescentes.

Trata-se pois de um trabalho que aborda a migração nos dois pólos da cadeia migratória.

Embora o trabalho que agora apresentamos tenha sido iniciado em 1975, não corresponde para nós a um marco terminal na investigação, mas tão somente a uma etapa desse longo percurso, pois está nas nossas perspectivas de futuro prosseguí-lo .

Estudos efectuados a propósito das transplantações de populações apontam que, em certos casos, problemas graves podem despoletar. Situações extremamente delicadas são criadas por movimentos "forçados" de populações, em consequência de guerras, cataclismos ... É necessário contudo negligenciar esses casos menos dramáticos como os que nos interessa muito especialmente. Uma transplantação nunca é um fenómeno simples para os próprios actores, e até para os observadores participantes. Ela é "dolorosa", sintoma de uma "doença social", implicando uma reestruturação do meio físico, social, humano e um ajustamento da pessoa. Muitos autores que nos precederam chamaram a atenção para os problemas sociais levantados por tais situações que para nós não são estranhas para a escolha do nosso assunto. Aqui o papel do psicólogo social é, perante questões muito gerais que são postas, fazer uma análise precisa de certos pontos particularmente importantes. "O psicólogo nada mais faz do que detectar as atitudes que se exprimem pelos julgamentos, pelas percepções, pelas acções que variam segundo os indivíduos ... O seu campo de competência acaba aí. É por isso que a sua actividade poderá desiludir o historiador, o sociólogo, o economista ou o jurista e, certamente, o filósofo. Eles achá-lo-ão afectado de impotência e de um "vegetarismo desdentado" para empregar a expressão de um autor soviético" (Francès, 1980, p. 13). Nesta via o nosso estudo da migração não pretende resolver conflitos nem preparar injustiças. Procura pôr em evidência fenómenos psicossociais cujo conhecimento é útil.

Apesar de não desconhecermos a possível existência de uma disjunção entre as intenções actuais e as realidades vindouras, pode ser útil, para uma planificação das políticas das sociedades interrelacionadas pela migração, conhecer as perspectivas de futuro dos actores sociais.

Uma investigação sobre a migração portuguesa, num período em que a política da migração nos países da Europa Ocidental está a redefinir-se e em que a economia desses países está numa fase aguda de uma crise económica estrutural (Cordeiro, Guffond, 1979), é susceptível de ser interpretada diferentemente pelas partes envolvidas. Se a interpretação deste estudo contribuir para proporcionar um maior bem-estar aos sujeitos que nos informaram, os migrantes e os jovens, não dariamos por mal empregues as energias que para o realizar dispen-



PRIMEIRA PARTE  
PROJECTOS DE REGRESSO DA MIGRAÇÃO PORTUGUESA EM FRANÇA

"Em vida vive-se a morte  
Se o trabalho não dá fruto  
Morre-se em cada minuto  
Se o fruto não se alcança  
Porque lhe foi dura a sorte  
Vai para as terras de França."

Manuel Alegre

I/ POSIÇÃO DO PROBLEMA

II/ ESTUDO 1 (1977) - PROJECTOS DE REGRESSO

III/ ESTUDO 2 (1983) - PROJECTOS DE REGRESSO

## I/ POSIÇÃO DO PROBLEMA

- 1/ Algumas definições preliminares: abordagem  
categorial
- 2/ Aspectos do problema
- 3/ Análise documental da migração portuguesa  
de regresso
- 4/ Abordagem teórica
- 5/ Abordagem contextual

## I/ POSIÇÃO DO PROBLEMA

Quando começámos esta investigação em 1975 pensávamos efectua-la tendo em conta os dois níveis a que o regresso pode ser estudado: ao nível dos regressos efectivos e ao nível dos projectos de regresso.

No primeiro caso, o migrante já não está inserido no processo migratório e é de interesse saber como é vivido o regresso. A estadia no estrangeiro produz sobre os transplantados um impacto capaz de se traduzir por uma mudança de opiniões, de atitudes e de comportamento ? Neste caso a estadia seria a variável independente de que se poderia avaliar a influência. Esta mudança vai reflectir-se nas zonas de origem ?

No segundo caso, o migrante ainda está inserido no processo migratório e trata-se de conhecer as representações do regresso. O migrante deseja regressar ao país natal ? Porquê ? Quando ? Na perspectiva de aí trabalhar ou de usufruir de uma reforma ? Onde ? Os filhos dos migrantes, nascidos no estrangeiro ou que para lá foram muito novos terão vontade de regressar ?

Após havermos começado o estudo de terreno em Portugal, na província de Trás-os-Montes em 1976, impossibilidades materiais levaram-nos a renunciar ao estudo dos regressos efectivos . Por isso o presente trabalho não é mais do que uma das vertentes inicialmente previstas: as perspectivas de regresso. Propomos assim conhecer as diferentes estratégias das perspectivas migratórias de futuro - o regresso ao país de origem ou a permanência no país de acolhida - a partir da observação de sujeitos ainda inseridos no processo migratório.

Esperamos por esta via dar uma contribuição, mesmo se modesta, para o conhecimento da migração portuguesa e do problema do regresso. Em certos aspectos a migração portuguesa permite compreender o fenómeno do regresso, este permitindo por seu lado, apreender melhor a migração portuguesa no seu conjunto.

Dentre as diferentes comunidades portuguesas espalhadas por diversos países, focalizaremos a nossa atenção nos migrantes portugueses em França. Foi este o país que acolheu a grande maioria da migração portuguesa na década de 60 e nos começos da década de 70.

As minorias migrantes em França não podem ser consideradas um grupo homogéneo. Vêm de diferentes países, falam línguas diferentes, referem-se a ancora-

gens culturais diversas (1). Faz-se muitas vezes uma amálgama entre estes diversos grupos e efectivamente, há, por vezes, mais distância social percebida entre os próprios migrantes que entre certas minorias e os autóctones. Dito isto, não queremos estabelecer dicotomias mais ou menos maniqueístas ou adoptar a projecção como mecanismo de defesa. Todavia, se os migrantes em França têm muitos pontos em comum, não é menos certo que nesta vasta categoria individualizam-se diferentes grupos. É também nossa opinião de que a variável pertença étnica e nacional aparece fundamental para uma compreensão das situações vividas em França (Migration/Études, 1980, nº 32).

Desde que o movimento migratório existe, um certo número de trabalhadores regressa definitivamente ao país por diversas razões: conjuntura económica, problemas familiares, de saúde ... trata-se dum movimento não controlado. Não se dispõem de estatísticas exactas do número anual de regressos, nem das actividades exercidas após o regresso.

Este trabalho é uma tentativa de conhecer determinados aspectos dum problema cujo não controlo pode gerar consequências gravosas não só para os trabalhadores e as suas famílias, como para a economia do país de origem.

---

(1) Granotier (1973) distingue três grupos de migrantes:

Grupo I: originários dos países com um nível económico comparável à França.  
- Americanos do Norte, Europeus da CEE menos a Itália, Suíços, Ingleses, Russos são os principais contingentes.

Grupo II: originários dos países semi-industrializados.

IIa/ Países tendo "descolado" economicamente: Espanha, Itália, Jugoslávia, Polónia

IIb/ Outros países: Portugal, Grécia, mais atrasados.

Grupo III: originários dos países sub-desenvolvidos.

IIIa/ Países dominados pela França: Magrebe, África francófona, D O M. Trata-se aqui de quase todos os Árabes e Negros residindo em França.

IIIb/ Outros países: Turquia e, potencialmente: Irão, Egipto, etc.

## 1/ Algumas definições preliminares: abordagem categorial

Nenhum trabalho de investigação pode ser realizado sem um primeiro esforço para estabelecer definições homogêneas. Nas obras especializadas sobre os estudos migratórios existe, por vezes, uma certa confusão na terminologia. Para tentarmos não nos perder no labirinto da terminologia, vamos precisar o sentido das palavras migração, migrante e regresso.

### 1.1/ Migração e migrante

Os seres vivos conhecem o fenómeno migratório desde os tempos mais remotos. Dito isto, migrar<sup>(1)</sup> não é só próprio do homem, os animais deslocam-se, geralmente, segundo o ritmo das estações ou simplesmente à procura de meios mais favoráveis. Os fenómenos migratórios humanos são mais diversificados, mais complexos e as suas características mudaram ao longo da história da humanidade (Dolot, 1976).

A palavra migração designa simultaneamente a deslocação de uma pessoa em consequência de uma mudança de residência e o fenómeno caracterizado por este tipo de acontecimento (Pressat, 1979).

No sentido lato entende-se por migração "a deslocação massiva de homens, de populações que passam de um país para outro para aí se estabelecerem" (Dicionário Robert).

Os estudos dos movimentos migratórios partem da definição do migrante como "indivíduo que efectua pelo menos uma migração durante um dado período"<sup>(2)</sup>. Os termos migrado, imigrado ou emigrado implicam uma situação estável, ao passo que o participio migrante sublinha o estado provisório, parecendo corresponder melhor ao vivido psicosociológico. O migrante não é tanto o que se implanta, como o que se desloca, sendo sempre susceptível de regressar ao seu país de origem.

Os sujeitos deste estudo são "os trabalhadores e as suas famílias que entraram em massa desde cerca de 1955 por razões económicas e que se instalaram em França por um tempo indeterminado" (Verbunt, 1980, p. 7), nunca inferior a um

- 
- (1) - Migrar vem do verbo latino migrare que significa mudar de lugar, de estadia ou mais geralmente, mudar. Tem um sentido mais lato que emigrar (deixar o país) ou imigrar (vir fixar-se num país), ambos os termos precisam o sentido do movimento. Uma mesma população é apelidada de maneira diferente consoante o ponto de vista em que nos colocarmos.
- (2) - É a definição retida pelas Nações Unidas, cf. Courgeau (1973). O termo "quase-migrante" que é utilizado nos trabalhos ingleses designa os sujeitos que desde a origem projectam voltar ao seu país (Richmond, 1968).

ano.

O migrante de que é questão neste trabalho é geralmente um trabalhador manual que procura trabalho no estrangeiro incitado pelas condições económicas do seu país. " Ele integra-se no sistema económico do país de acolhimento, onde contribui para aumentar a mais-valia. Distingue-se assim de diversos técnicos, arqueólogos, empregados de embaixada, etc. que vão exercer a sua profissão no estrangeiro, mas que continuam a ser remunerados pelo seu país de origem, e cujo trabalho beneficia efectivamente este, mesmo no quadro de um acordo ou de um contrato internacional " (Cintrat, 1983, p.22).

Trata-se também de migrantes que residem no estrangeiro por um período igual ou superior a um ano, o mesmo é dizer, não se consideram englobados nesta categoria os trabalhadores sazonais.

Podem-se delimitar as fronteiras do campo semântico da palavra migrante, opondo-a a outras palavras: estrangeiro, refugiado, turista, aventureiro, transmigrado, expatriado, ...

O termo estrangeiro engloba todos os outros. Em direito francês, após o decreto de 2 de Novembro de 1945, " são considerados como estrangeiros todos os indivíduos não possuidores da nacionalidade francesa, quer tenham uma nacionalidade estrangeira, quer não tenham nenhuma ". Do ponto de vista antropológico, " o estrangeiro é aquele que se distingue dos outros pela sua maneira de viver, pelo seu comportamento em geral, língua e cultura " (Cahiers Nord-Africains, E.S.N.A., n° 93, 1962/63, p. 10). Se esta definição é muito pouco precisa pelo menos tem o mérito de evitar (no caso de nos atermos à definição jurídica), a reacção humanística caracterizada pela negação pura e simples das diferenças psicológicas e socioculturais entre grupos humanos diversos, isto em oposição às teses racistas. Com efeito, se o racista quer, a todo o custo, suprimir o estrangeiro, o defensor da igualdade redu-lo à sua imagem. " Um crê que organizações psíquicas individuais diversificadas correspondem a heranças genéticas diferentes. O outro tem dificuldade em conceber um EU e um SUPER-EU, sob o efeito de um meio sociocultural particular, que se possam desenvolver de uma maneira diferente, a expensas do mesmo ID " (Almeida, 1972, p. 106).

O termo estrangeiro denota a diferença, tendo múltiplas conotações. " Estrangeiro está próximo de estranho que implica algum mistério, podendo assim suscitar a curiosidade senão mesmo o medo ou o ódio. A este título, o estrangeiro não é forçosamente aquele que nos chega de um outro país, mas aquele que vem de ' fora ' e que não se assemelha a nós " (Cintrat, 1983, p. 23).

Os refugiados, quaisquer que sejam as suas pertenças sociais, procuram um asilo político: " são pessoas que ' escolheram ' sair dos seus países, em certo momento, em virtude de restrições ou vexames considerados insuportáveis e pediram a silo a um país de acolhida ... O refugiado pode ser um estrangeiro que vive fora

do seu país, cuja nacionalidade mantém durante mais ou menos tempo, ou ser um apátrida, privado da sua nacionalidade de origem e à espera de naturalização ou de restituição da sua nacionalidade, num contexto político diferente (George, 1977, p. 14). Os refugiados não podem, em princípio, regressar ao seu país, enquanto certas mudanças políticas não intervierem.

A palavra turista designa toda a pessoa que percorre, em viagem de recreio, uma dada região ou país, e, além disso, tendo muitas vezes subjacente o desejo de se instruir. O aventureiro é "empurrado pelos azares do destino, ou ainda em busca de um ideal ou de um sonho, percorre o mundo sem nele se fixar, submetido à imprevisibilidade e aos perigos" (Cintrat, 1983, p. 6).

Também se fala de transmigração ou transmigrado (do latim *transmigrare*), termos que não se aplicam à nossa população. Trata-se de um termo que se aplica mais ao "deslocamento de um povo ou de um tipo de homens que passa do seu país para outro" (Dicionário Robert), que às deslocações individuais. A palavra é actualmente pouco usada e contaminada pelo emprego mais frequente da expressão transmigração das almas.

Expatriar-se é "deixar a sua pátria para se estabelecer noutra local". Não utilizamos o termo de expatriado pois o seu valor afectivo é muito forte e indica sobretudo a perda de pátria (cf. Clapier-Valladon, 1980, p. 180), o que não corresponde ao vivido da nossa população. Os migrantes abordados neste trabalho não se expatriam, vão ganhar a sua vida em locais onde seja possível trabalhar. Teoricamente podem pois regressar a todo o momento à sua pátria.

Por consequência o migrante é um estrangeiro, podendo eventualmente ser um refugiado, todavia na acepção mais restrita da palavra, "é inseparável de um fenómeno social contemporâneo e submetido a leis económicas. Segue os caminhos obrigatórios que vão dos países 'sub-desenvolvidos' para os países mais ricos e é constrangido a inserir-se num sistema administrativo controlado" (Cintrat, 1983, p. 23).

Frequentemente são aplicadas aos migrantes metáforas botânicas que fazem ressaltar o resultado benéfico ou não da migração: fala-se de transplantado ou de desenraizado (Beauchesne, Esposito, 1981, p.9). Na língua francesa já Montaigne utilizava transplantação no sentido figurado "As formas de falar, como as ervas, beneficiam-se e fortificam quando se transplantam". Pelo contrário, o desenraizamento sublinha o aspecto de inadaptação: a planta que perdeu as suas raízes perece.

Se toda a migração é desenraizamento a pessoa não é necessariamente despojada dela própria, despida num universo estrangeiro. "O emigrante que passa de um mundo cultural a um outro onde as situações comportamentais, os costumes, as opiniões, as atitudes e as normas diferem do seu mundo anterior, encontra-se 'desenraizado' no sentido de que a própria 'matéria' do seu comportamento e do seu fun



cionamento psíquico lhe é arrancada e deve ser substituída por uma outra na qual ele ainda não está incorporado " (Nuttin, 1975, p. 218).

Se o termo " migrante " categoriza os activos e os seus cônjuges que migraram efectivamente, bem como certos jovens que se juntaram à família durante a sua adolescência - e que tomaremos como objecto de estudo -, já não permite caracterizar as crianças nascidas no país de acolhimento ou entradas muito jovens. Partilhamos aqui a opinião de Lebon (1983). Este autor relembra-nos: a) desde agora mais de metade dos jovens estrangeiros nasceram no país receptor; b) cada população estrangeira que no fim dos anos 70 se compunha de 40 a 50 % de jovens com menos de 25 anos, comportará entre 50 a 60 % dentro de 15 anos. A congregação destes dois factores tornará no futuro, o termo " migrante ", cada vez mais impróprio, na medida em que só se aplicará a uma minoria de estrangeiros que residam no país de acolhimento.

### 1.2/ Migração de regresso

Trata-se de uma migração conduzindo um migrante ao seu país de origem uma primeira vez, com a ideia de aí se reinstalar definitivamente. Consideraremos o " regresso " na sua acepção mais lata e mais conforme à ideia que a maioria dos migrantes fazem: regresso " ao país ", " à terra ", " à família "; ao invés, a reinserção, enquanto regresso aos circuitos de produção do país, é uma perspectiva ainda estranha a um grande número de migrantes estudados. Excluimos por conseguinte, do conceito de regresso, três noções vizinhas: o regresso episódico, o regresso de trabalhadores sazonais e o repatriamento.

Não consideraremos englobada na noção de regresso uma partida para uma estadia episódica no país de origem (férias, festas de família...).

Como já dissémos mais acima, não consideraremos o trabalhador sazonal como um migrante. Não consideraremos por conseguinte englobado pela palavra regresso o vai e vem entre os períodos de emprego no estrangeiro.

Convém distinguir a noção de regresso da de repatriamento. Embora no sentido estrito o repatriamento seja o regresso à mãe-pátria, o uso corrente privilegia no entanto o aspecto da intervenção dos poderes públicos e das instâncias governamentais, o contexto dos acontecimentos políticos sobre a decisão e a escolha pessoal. Sinónimo de repatriamento é o retorno no sentido utilizado pela Primeira Reunião Anual do Conselho das Comunidades Portuguesas (Abril de 1981): " Sempre que a saída de um país de acolhimento seja compulsiva ".

Importa distinguir regresso, de reemigração e de emigração circular.

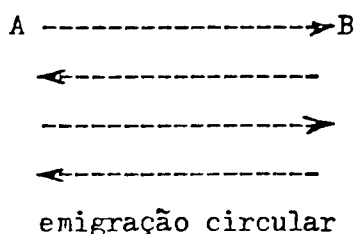
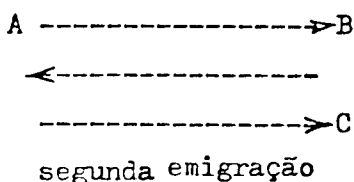
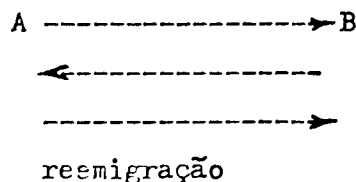
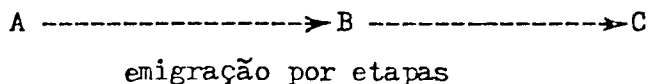
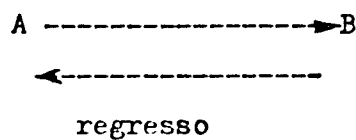
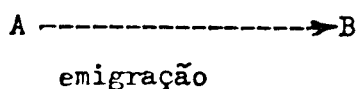
Emigração por etapas: quando as pessoas se dirigem para um segundo destino, sem regressarem ao país de origem. Por exemplo, os Portugueses que utilizam a França como meio para emigrarem para o Canadá.

Reemigração: quando as pessoas emigram de novo para o mesmo destino após um primeiro regresso.

Segunda emigração: quando as pessoas emigram para um novo destino, após um primeiro regresso.

Emigração circular: quando o movimento entre dois lugares compreende mais de um regresso.

Podem-se sintetizar estes conceitos nos diagramas seguintes:



Muito embora estas quatro noções -emigração por etapas, reemigração, segunda emigração, emigração circular - não sejam de uso frequente neste trabalho, convém tê-las presente para evitar confusões terminológicas.

## 2/ Aspectos do problema

O problema do regresso dos trabalhadores migrantes ao seu país de origem apresenta-se sob dois aspectos: a actualidade e a acuidade.

### 2.1/ A actualidade

O problema do regresso polariza desde há pouco os debates da vida económica, social e política dos países industrializados e dos países em vias de desenvolvimento " e a sua actualidade não escapa a ninguém " (Catalano , 1977, p. 62).

Desde há alguns anos, o problema do regresso dos trabalhadores migrantes assumiu uma importância crescente que se pode atribuir a dois factores interligados (Widgren, 1982). O primeiro é a crise do petróleo e a recessão internacional que se seguiu de que se pôde ver que, desde o seu início, ia provocar movimentos de regresso dos trabalhadores migrantes da Europa Ocidental aos países de origem. O outro é o facto que as organizações internacionais e os países interessados se deram conta que a emigração de milhões de trabalhadores apresentava numerosos inconvenientes para a economia dos países fornecedores de mão-de-obra, mas que estes inconvenientes poderiam ser combatidos provocando o regresso progressivo desta mão-de-obra para estes países no quadro de uma política global de desenvolvimento. É sob pressão dos acontecimentos que um certo número de organismos têm recentemente encarado o fenómeno dos migrantes de regresso aos seus países, considerado até aqui como anexo e secundário (Clapier-Valladon, 1980, p. 211).

Instâncias internacionais, relações e acordos bilaterais, medidas internas, chamaram a atenção para o problema do regresso dos trabalhadores migrantes. Eis algumas dessas chamadas de atenção sem a pretensão da exaustividade.

Ao nível internacional, certos trabalhos deram uma contribuição ao problema em questão. Podemos fazer referência aos trabalhos do Conselho da Europa, da OIT e da OCDE.

Em 1965 e 1966, o comité dos conselheiros do representante especial do Conselho da Europa efectuou trabalhos sobre os problemas postos pelo regresso dos trabalhadores migrantes aos seus países de origem. Foi adoptada uma resolução pelo Conselho da Europa de 7 de Março de 1969. As medidas propostas incidiam sobre cinco pontos principais: informação dos migrantes nos domínios do emprego e da habitação, desenvolvimento da formação profissional, ensino no estrangeiro das matérias relacionadas com a cultura de origem, criação de ajudas financeiras para o regresso, medidas com vista a favorecer o investimento da poupança dos migrantes nas empresas susceptíveis de dar uma ajuda ao desenvolvimento económico do país

de origem. " Aparentemente este documento apresenta, sob uma forma condensada, o catálogo mais completo das medidas propostas até esta data ... " (Bernard 1977, p. 21), conclui este autor no seu estudo bibliográfico e crítico a propósito do regresso dos migrantes.

A Organização Internacional do Trabalho, em 1975, recomendou que se tomasse em consideração a possibilidade, graças às transferências de capital e tecnologia, de minimizar os movimentos de grande amplitude de migrantes em busca de emprego.

Medidas e recomendações internacionais sobre este assunto foram objecto de vários trabalhos da OCDE. O Seminário patronal internacional organizado pela OCDE (Atenas, 18-21 de Outubro de 1966), sobre os trabalhadores migrantes de regresso aos seus países acordou uma atenção particular ao aspecto da ajuda mútua e à possibilidade dos migrantes poderem adquirir no estrangeiro uma experiência tal que lhes permita participar, quando regressarem, no desenvolvimento económico e social do seu país. Constatou-se contudo nessa ocasião, que os países tinham deixado que os movimentos de regresso se desenvolvessem anarquicamente. Além disso, verificou-se que as discussões sobre este assunto não eram muito pertinentes já que não se sabia grande coisa sobre os trabalhadores migrantes de regresso aos seus países. Enfim, sublinhou-se que se tornava indispensável um conhecimento científico para a definição de uma política, dada a amplitude tomada pelo movimento de regresso.

Seis anos mais tarde, em 1972, o estudo de Kayser sobre os regressos conjunturais permitiu extrair certas conclusões significativas e, em particular, que:

- tudo se tinha passado como se os movimentos migratórios de regresso que tinham ordinariamente a forma de verdadeiras férias, tivessem sido simplesmente umas férias prolongadas;
- nada permitia revelar nas políticas governamentais uma mudança qualitativa, mesmo que limitada no tempo, ao nível da cadeia migratória;
- o fluxo migratório dos regressos normais ou conjunturais trazia aos países de origem trabalhadores cuja inserção na economia nacional se demonstrara difícil, fosse por inadaptação dos próprios, fosse por que lhes faltasse o desejo;
- nenhum governo de entre aqueles a que o documento se referia parecia ter aproveitado a ocasião dos regressos conjunturais para promover uma política activa de recuperação, enquanto que os serviços de emprego em causa contentaram-se em constatar a fraqueza dos pedidos provenientes dos trabalhadores de regresso aos seus países de origem (Kayser, 1972, pp. 51-52).

A questão foi retomada aquando do seminário internacional organizado em Viena, em Maio de 1974, pelo centro de desenvolvimento da OCDE, a convite do governo austríaco e com o concurso do Instituto de Viena para o desenvolvimento e cooperação.

Uma das conclusões deste seminário chamou a atenção, principalmente, para a necessidade de os governos considerarem os movimentos migratórios internacionais de mão-de-obra, como um dos elementos fundamentais do problema geral do estabelecimento de uma nova divisão internacional do trabalho.

O comité da mão-de-obra e dos assuntos sociais da OCDE decidiu, aquando da reunião tida em Março de 1976 a nível ministerial no seguimento da proposta apresentada pelo Ministro do Trabalho da Grécia, estudar a possibilidade de instituir um organismo especial encarregado de facilitar o regresso dos trabalhadores migrantes. Seriam postos à disposição de um tal organismo meios de toda a ordem, inclusivé a criação de um fundo especial.

No seio da OCDE o Sistema de Observação Permanente das Migrações (SOPEMI), segue e avalia os movimentos de regresso.

Também existem acordos bilaterais que fazem referência directa aos regressos. Eis alguns exemplos.

O acordo RFA-Turquia, assinado em Dezembro de 1972, previa a aquisição, por parte dos trabalhadores turcos, de uma formação e o fornecimento de uma assistência financeira para os ajudar a estabelecerem-se como chefes de pequenas empresas.

O acordo Argélia-RFA, assinado em 11 de Abril de 1974, tenta ligar migração, formação profissional e regresso. Por um tal acordo, podemos notar a vontade dos dirigentes argelinos para fazer da reinserção um objectivo nacional.

O acordo franco-argelino, concluído a 18 de Setembro de 1980, cujas modalidades de aplicação foram precisadas pela circular do Ministério da Solidariedade de 3 de Março de 1982, oferece aos que desejam regressar à Argélia a escolha entre três possibilidades: o subsídio-regresso, a formação profissional e a ajuda à criação de pequenas empresas. " O acordo franco-argelino oferece o modelo do que será a nova política de cooperação entre a França e os países de emigração. Ela tenta conciliar por um lado, os desejos dos indivíduos e, por outro lado, os interesses convergentes da França e dos países de origem, prevendo e facilitando a reinserção dos trabalhadores imigrados em função das necessidades de desenvolvimento dos seus países " (Boçin, Casademont, 1983, p. 37).

A nível das medidas internas é preciso distinguir as medidas levadas a cabo pelos países de imigração e as postas em prática pelos países de origem.

Entre as primeiras devem figurar aquelas que foram tomadas pelo governo holandês. Um projecto baptizado " Remploi " teve o seu início na Primavera de 1974.

A ideia-base era de promover e assistir o desenvolvimento económico e social dos países e regiões da bacia mediterrânica que enviam para a Europa, desde há muito, um número elevado de migrantes. Numa primeira fase os estudos foram efectuados na Turquia, Marrocos e Tunísia para conhecer os efeitos económicos e sociais da migração exterior. Baseadas nestes estudos, deveriam ser endereçadas recomendações ao Ministério holandês indicando as condições segundo as quais os projectos

poderiam ser realizados.

Na Alemanha, o problema dos trabalhadores estrangeiros foi um dos temas das eleições gerais de Outubro de 1976. O chefe do governo do estado de Bade-Wurtemberg propôs dar um prémio de 8 000 D M. aos "gastarbeiter" que partirem voluntariamente, o que permitiria libertar assim um milhão de empregos em 1985 para os trabalhadores nacionais. Certas empresas, como a B.M.W., estabeleceram prémios de vários milhares de D M para incitar à partida.

A Grã-Bretanha seguiu uma política de ajuda ao regresso muito prudente, não abrangendo mais que 600 trabalhadores por ano, para a maioria dos originários da "Commonwealth".

A França, para incitar o regresso dos migrantes, criou essencialmente dois tipos de medidas: a "formação - reinserção" e a "ajuda para o regresso" de que falaremos mais adiante.

Se o problema do regresso dos trabalhadores migrantes é um problema actual, não queremos dizer com isso que seja um problema recente. Todas as migrações, em todas as épocas e em todos os continentes comportaram uma parte mais ou menos importante de regressos. Mas se o regresso de migrações tem sido um elemento permanente na história da migração no mundo, é um facto que pouca atenção lhe foi prestada. Numa das "leis sobre a emigração" enunciadas em 1885, Ravenstein defendia que os regressos constituem parte integrante do processo migratório: cada grande fluxo migratório produz um fluxo compensatório de direcção oposta (Ravenstein, 1885). Os estudos posteriores mostraram que as migrações não eram tão definidas quanto o queria Ravenstein, contudo, a existência de movimentos de regresso de migrantes foi uma realidade por todo o lado.

Assim, de 1908 a 1923 avalia-se que 25 % de todos os imigrantes nos Estados Unidos regressaram ao país de origem (Petersen, 1961). De 1865 a 1960, a proporção de emigrantes noruegueses aí residentes e regressados ao seu país teria sido de 25 % e a dos gregos, entre 1901 e 1931, de 40 %. Um terço dos emigrantes da Europa do Sul fixados na Austrália entre 1921 e 1940, teria regressado.

Mais próximo de nós, nas migrações para o mundo ocidental o número de regressos tem tendência a crescer, dada a proximidade geográfica, a melhoria dos meios de comunicação e a relativa redução do custo dos transportes. No decurso dos últimos anos, um quarto dos Irlandeses que haviam partido após a última guerra para a Grã-Bretanha, teria regressado (Bovenkerk, 1974). Em Itália, segundo o Instituto central de estatística, em 1960, o número de regressos era superior em 50 % ao número de partidas; em 1970, o número de regressos e o de partidas eram aproximadamente equivalentes.

Em França (Gallais-Hammon, Noirot, Poupat, 1975), a taxa de regressos foi avaliada em 18 % no decurso dos dois primeiros anos de estadia (23 % para os Italianos, 18 % para os Espanhóis, 8 % para os Portugueses e 28 % para as outras nacionalidades). Durante os dez anos que se seguiram à imigração, 48 % dos trabalhado-

res estrangeiros tinham regressado aos seus países de origem.

Bovenkerk (1974), reúne testemunhos segundo os quais parecem existir sempre correntes de regresso, quaisquer que sejam as correntes iniciais de migração. Mas o seu volume e o lapso em que intervêm são muito variáveis segundo os casos, sobretudo quando se trata de migrações internacionais não se podendo assim falar de verdadeiras leis.

Se o problema do regresso dos trabalhadores migrantes é um problema actual é também um problema de acuidade já que o migrante é colocado na encruzilhada do país de destino que cria vagas centrífugas e do país de origem que também continua a engendrar vagas centrífugas.

## 2.2/ A acuidade

Os países europeus que atraíam trabalhadores migrantes e a França em particular, fruto da evolução económica, social e política, criam " factores de dissuasão " (pushfactors). Estes parecem ser actualmente a principal razão pela qual se esperam regressos (Rien Van Gendt, 1977).

Para além do afrouxamento do crescimento económico em França, existe outra série de factores de dissuasão: as medidas restritivas adoptadas pelos poderes públicos.

Aparece assim sucessivamente a vontade deliberada de manter o número de estrangeiros ao nível já alcançado, desde 1974, pela imposição de medidas estritas de limitações das entradas de trabalhadores e, seguidamente, a vontade de inverter o movimento das vagas migratórias, induzindo ou encorajando o regresso.

A França emana ondas centrífugas em relação aos transplantados, fruto da crise económica. Tal acontecimento reflecte-se de modo particular sobre os migrantes. A sua situação material como as relações sociais com os que os rodeiam são postas em causa. Acentua-se assim o sentimento de insegurança<sup>(1)</sup> de que nem sempre se podem defender convenientemente. Em abono do país de destino o facto de não se terem tomado medidas forçadas, expulsando pura e simplesmente do seu território os trabalhadores migrantes. O regresso em massa não se verificou pois " como ficou demonstrado em estudos feitos sob os auspícios do BIT, a mão-de-obra nacional não pode, a curto prazo, substituir a mão-de-obra estrangeira. Além disso, partidas

(1) - Relembre-se que comboios cheios de Polacos, no momento da crise 1930/1936, partiram para o seu país mesmo quando a França os tinha solicitado para virem para lá trabalhar; tais desditas não contribuem para dar ao emigrante um sentimento de segurança.

demasiado rápidas de trabalhadores estrangeiros correm o risco de agravar a recessão e o desemprego entre os nacionais. Isto é confirmado por diversos estudos nacionais principalmente em França " (lasserre-Bigorrry, 1982, p. 327). Por exemplo, Le Fors (1976, p. 187), calculou que a partida de 150 000 migrantes libertaria entre 58 000 e 130 000 empregos, segundo o contexto económico (retoma ou prolongamento da crise).

É necessário não perder de vista que na ausência de medidas draconianas tomadas pelos países de acolhimento expulsando os migrantes, a escolha entre ficar em França ou partir para Portugal não depende só da economia e/ou política de França (1). Não depende igualmente só do interessado. Depende também do país de origem, pois que a sua evolução económica e/ou política pode incitar os migrantes a regressar ou não ao solo pátrio. Se Portugal engendrou ondas centrípetas (após os recentes acontecimentos políticos) para os exilados políticos, para os migrantes económicos continuam a não existir os " factores de atracção " (pullfactors). O regresso implica reinserção. Ora, os obstáculos à reinserção são duráveis, como referiremos mais adiante. " Todo o regresso precipitado de trabalhadores portugueses provocaria o afundamento da economia local em bases fictícias e especulativas, comprometendo assim as tentativas laboriosas do país inteiro para restaurar o seu equilíbrio financeiro (Migrations/Études, 22, Mai, 1979, p. 19).

Em França, no passado, assistiu-se a um regresso massivo de Italianos a partir de 1958 e de Espanhóis a partir de 1965. Mas nessa altura a Itália e a Espanha, de antigos exportadores de mão-de-obra, pelo seu desenvolvimento sócio-económico, tornaram-se pólos centrípetos da emigração. Não é o caso de Portugal presentemente. Os actuais migrantes portugueses em França vivem cada vez mais o drama que é a emigração a um nível mais profundo. Estão " acunhados " entre a rejeição do país importador e a falta de atracção do país natal.

No entanto, um problema social, mesmo se investido de actualidade e acuidade, nem por isso é "ipso facto" um problema de psicologia social. Para se tornar um problema de psicologia social, é necessário elaborar uma problemática que ponha em jogo teorias da disciplina. É o que faremos após havermos efectuado a análise documental da migração portuguesa de regresso.

---

(1) " As migrações económicas são moduladas pela evolução dos dados nos países de partida e nos países de chegada. Qualquer esgotamento da reserva demográfica de um país, tanto como o desenvolvimento de um mercado de emprego, é um factor de redução da emigração... Simetricamente, qualquer estrangulamento do mercado de trabalho, qualquer crise económica sectorial ou geral que diminua as necessidades de mão-de-obra estrangeira, restringe a recepção dos imigrantes " (George, 1977, p. 36).



### 3/ Análise documental da migração portuguesa de regresso

#### 3.1/ Generalidades

O estudo bibliográfico permite recensear e organizar as publicações feitas no passado e no presente sobre assuntos variegados. É o único método que permite reunir uma documentação completa sobre um assunto, evitar repetições e sobretudo perca de tempo em investigações desordenadas senão estéreis.

Uma pesquisa bibliográfica e documentária pode ter, grosso modo, dois objectivos:

1 - O investigador não tem problemática. Pretende elaborá-la a partir de um dado tema. A bibliografia e sobretudo a análise documental abrem-lhe, nesse caso, perspectivas. O investigador constrói a sua problemática a partir das teorias e metodologias que emergem da recolha de dados.

2 - O investigador tem uma problemática e hipóteses. Analisa a bibliografia para saber se o assunto já foi abordado. Por quem? Quando? Como? E pode então dar a sua contribuição.

A análise documental sobre a migração portuguesa de regresso foi feita com este segundo objectivo. Haverá espaço para a realização de um estudo da migração portuguesa de regresso tal como o perspectivamos?

A nossa primeira abordagem consistiu em observar todos os estudos, ao nosso alcance, que foram efectuados, por um lado, sobre o regresso e, por outro lado, sobre a migração portuguesa.

Para o presente trabalho é de interesse, após havermos feito alusão a generalidades históricas a propósito da migração portuguesa de regresso e a estudos bibliográficos gerais sobre o regresso de migração, examinarmos mais especialmente os trabalhos disponíveis sobre a migração portuguesa de regresso de França.

Vamos classificá-los segundo duas abordagens:

a - os estudos dos regressos efectivos quando o migrante já regressou definitivamente ao país de origem, tendo por conseguinte ultrapassado o último episódio do processo migratório, cujas marcas são mais ou menos indeléveis.

b - os trabalhos que analisam as perspectivas migratórias de futuro quando o migrante está ainda inserido no processo migratório.

Estas investigações serão apresentadas por ordem cronológica.

#### 3.1.1/ Generalidades históricas a propósito da migração portuguesa de regresso

Quantos migrantes portugueses regressaram ao solo pátrio?

A insuficiência de dados estatísticos neste domínio foi sempre (Appleyard, 1962, pp. 214-215) e continua a ser um problema notório (Kassimati, 1983), o que levou a constatar que "a aparelhagem estatística é totalmente inexistente para avaliar os regressos" (Belguendous, 1975, p. 24). A incógnita dos regressos, ob-

reza por seu lado Tapinos, " não permite o estudo das flutuações anuais, em ligação com a conjuntura económica " (Tapinos, 1975, p. xv).

O caso de Portugal inscreve-se nessa panorâmica geral. É a resposta que os historiadores nos dão à questão acima colocada: para os tempos mais afastados é impossível responder a essa questão. Se para o século XX dispomos de dados quantitativos, eles são porém fragmentários.

Algalhães Godinho põe a questão noutros termos: os emigrantes regressam numerosos, ou enraízam-se na sua maioria nos seus novos habitats ? (Godinho, 1978, p. 18).

Se é difícil avançar uma estimativa total referente ao número total de migrantes portugueses no período das descobertas, também o é relativamente aos quantitativos da migração de regresso. A propósito desse período escrevem Alpalhão e Rosa (1983, p. 19): " Se é verdade dizer que, em geral, os descobridores portugueses foram e voltaram, também é legítimo afirmar que os Portugueses foram e ficaram ".

Segundo Manuel Faria de Sousa, de 1497 a 1612, partiram para a Índia 806 naus, cuja equipagem e passageiros era em média de 500 pessoas, atingindo assim um total de 400 000 emigrantes. Apenas 10 % desses emigrantes terão regressado ao continente (citado por Bettencourt, 1961, p. 36).

Também o historiador Costa Lobo estimou em 10 % os regressos em relação ao total dos emigrantes, para o século XVI.

Pyrard de Laval em 1610, escreveu que os Portugueses ao fim de uma estadia de 9 ou 10 anos no Brasil " voltam de lá ricos; e existem lá entre outros, bastantes cristãos-novos, que são judeus baptizados, e que são ricos de 60, 80 e 100 mil escudos e ainda mais; mas eles (os cristãos-velhos) não têm em muita conta essas pessoas (Voyages, t. II, pp. 547-8, citado por Godinho, 1978, p. 18). O governador holandês Van Diemen explica em 1638 aos directores da Companhia das Índias Orientais: " A grande maioria dos colonos portugueses tomam a Índia pela sua terra natal e não sonham mais com Portugal. Fazem muito pouco comércio com o seu país de origem, preferindo viver e enriquecer graças aos tesouros da Índia como se fossem seus nativos e não conhecessem mais nenhuma pátria " (citado por Godinho, 1978, p. 18).

A percentagem de regressos foi bastante fraca à excepção das classes dominantes: " De facto, houve sempre, nas classes dominantes ou médias, pessoas que partiam seja para fazerem comércio, seja para exercerem funções públicas, mas na esperança de se manterem, regressando depois de atingidos os seus objectivos ou ao expirarem as suas funções: vice-reis, governadores, capitães de fortalezas ou de navios, magistrados, pessoal das finanças e das feitorias, homens de armas, artesãos especializados enviados por conta do estado. Mas a multidão que ficava além-mar, remetendo-se por vezes a outros locais ou mesmo no estrangeiro em busca de fortuna enraizavam-se por fim " (Godinho, 1978, p. 19).

No século XIX, se a corrente migratória proveniente da Europa do Norte tem o projecto de instalação definitiva noutra país, a proveniente da Europa Mediterrânica inscreve-se num projecto de regresso (Pereira, 1981, p. 11). O projecto migratório do " brasileiro " no século XIX e princípio do século XX era fazer fortuna e voltar ao país natal, onde se instalaria numa situação consolidada de proprietário (Pereira, 1981, p. 8). Contudo, os que triunfavam na agricultura compravam fracções de terreno fixando-se no Brasil, preferindo por vezes estabelecer-se no comércio com a poupança acumulada. Quanto aos aprendizes e empregados baseados pela sorte, estabeleciam-se por conta própria e, mais tarde, se conseguiam juntar um pecúlio, regressavam a Portugal (Godinho, 1978, p. 19). Uma referência relativa ao período de 1864 a 1871 diz que a Caixa de Socorros D. Pedro V, do Rio de Janeiro, auxiliou a regressar 2 304 indivíduos, desprovidos de recursos para o fazerem (Evangelista, 1971, p. 159).

O Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a Emigração (1873) precisa que em cada 100 partidas apenas 40 regressavam, estando metade desses regressados tão pobres como aquando da partida e tendo, além disso, problemas de saúde; 15 % regressam com pequenos capitais apenas suficientes para estabelecer-se por sua conta em melhores condições, ou comprar uma propriedade; 5 % regressam com uma " boa fortuna ". Oliveira Martins (1956), estima que a quase-metade dos emigrantes regressava mais cedo ou mais tarde. Tal percentagem baixou significativamente e até aos nossos dias, só durante o período de latência da emigração, a que atrás fizemos referência, é que os regressos ultrapassaram os 50 % relativamente às saídas (legais).

Desde meados do século passado, coexistiram dois tipos de regresso. " É o retorno pobre do emigrante que não venceu na vida, cuja sorte será rapidamente esquecida, e, à qual se sobreporá a imagem da casa do ' brasileiro ' ... " (Pereira, 1981, pp. 34-35). Halpern Pereira precisa que a principal função do mito do regresso foi financeira e não demográfica. " Se o mito do retorno constituía um incentivo de emigração de reduzidas consequências no regresso da população emigrante, a sua importância financeira era enorme " (Pereira, 1981, p. 36). Nuno Simões a partir de várias fontes brasileiras, conclui serem os Portugueses os que ficavam em maior proporção, mas sem ultrapassarem os 25 %, pelos menos no período entre 1908 e 1931 (citado por Evangelista, 1971, p. 123).

Até aqui vimos algumas estimativas dos regressos. Para o século XX, já existem alguns dados quantitativos: para o período de 1919 a 1930, de 1936 a 1973 e de 1977 a 1980 <sup>(1)</sup>. Todos estes dados são fragmentários. A primeira série de dados só se refere aos indigentes, não ficando registados os emigrantes regressados

(1) - Não se consideram aqui os " retornos " das ex-colónias portuguesas, após a descolonização na década de 70, pois não são abrangidos pela definição de regresso por nós adoptada.

em boas condições materiais. De 1936 a 1973, só estão incluídos regressos por "via marítima", em navios em que embarcaram equipas de assistência a emigrantes. De 1977 a 1980, conhecem-se os emigrantes regressados de um só país de destino - a França - e isto enquadrados na medida de incentivo ao regresso criada em França, a "ajuda para o regresso", ou a "lei do milhão" como geralmente é conhecida. Faremos referência às duas primeiras séries de dados e abordaremos a terceira mais adiante, quando da exposição dessa medida.

De 1919 a 1930, regressaram em estado de indigência 10 496 emigrantes o que

Quadro 1 Regressos (1919 - 1930)

Países de regresso	Número de regressos
Brasil	9 596
E. U. A.	109
França	250
Espanha	322
Diversos	219
Total	10 496

Fonte: Evangelista, 1971.

corresponde a cerca de 3,5 % das saídas legais no mesmo intervalo de tempo. "Trata-se de uma pequena proporção, tornada ainda menor se considerarmos o número de Portugueses a trabalhar já nessa época no estrangeiro, principalmente no Brasil" (Evangelista, 1971, p. 159).

Segundo as estatísticas oficiais de 1936 a 1973, regressaram definitivamente a Portugal 110 364 emigrantes (Quadro 2), o que corresponde a cerca de 8 % das saídas legais no mesmo período. A percentagem de regressos foi particularmente elevada durante a parte do período de latência da emigração portuguesa de que dispomos dados quantitativos, isto é, de 1936 a 1948, que atingiu 53,5 % das saídas legais. Essa percentagem cairia para 3,5 % entre 1949 e 1973. Convém realçar o limite destes cálculos. Por um lado, só se teve em conta a emigração legal e tendo como países de destino o estrangeiro (ultramar não estando incluído). Contudo, segundo a estimativa de regressos de João Evangelista, de 1866 a 1960, atinge-se, num máximo provável, 25 % das saídas totais, legais e clandestinas (Evangelista, 1971, p. 161). Por outro lado, dado que a maior parte do movimento migratório a partir da década de 60 já não diz respeito às migrações transoceânicas, mas europeias, é mais que provável que muitos dos emigrantes tenham utilizado outros meios

Quadro 2 Emigrantes regressados (1936 - 1973)

Ano	Emigrantes regressados definitivamente (a)	Ano	Emigrantes regressados definitivamente (a)
1936	7 779	1955	1 612
1937	7 114	1956	1 547
1938	6 596	1957	1 609
1939	7 706	1958	1 578
1940	5 559	1959	2 190
1941	3 002	1960	1 860
1942	1 215	1961	1 786
1943	935	1962	1 669
1944	582	1963	2 170
1945	1 704	1964	1 760
1946	5 367	1965	1 568
1947	7 963	1966	1 720
1948	10 235	1967	1 553
1949	8 508	1968	1 385
1950	3 784	1969	1 012
1951	1 423	1970	957
1952	1 047	1971	803
1953	1 209	1972	406
1954	1 373	1973	78

Fontes: Boletins anuais da Secretaria de Estado da Emigração.  
(a) Incluídos apenas, os regressos definitivos por "via marítima" em navios em que embarcou a equipa de assistência a emigrantes.

de transporte diferentes do navio, não estando por conseguinte incluídos nas estatísticas. Por exemplo, durante o período 1960-1973 (Quadro 3), regressaram de França 28 pessoas, segundo as estatísticas oficiais. Neste intervalo de tempo o país de onde regressaram mais emigrantes é o Brasil (58 %). É neste contexto que se compreende que depois de 1973, as estatísticas oficiais portuguesas não façam referência aos regressos.

Quadro 3 Os regressos segundo os países de acolhimento (1960-1973)

Países de acolhimento							
Ano	Argentina	Brasil	U.S.A.	França	RFA	Outros países	Total
1960	78	953	28	..	.	801	1 860
1961	76	864	39	1	.	806	1 786
1962	45	1 024	39	3	.	558	1 669
1963	65	1 201	46	..	..	858	2 170
1964	68	1 165	29	4	..	494	1 760
1965	37	1 070	32	4	..	425	1 568
1966	49	1 204	19	..	..	449	1 720
1967	34	1 055	15	6	..	449	1 553
1968	28	1 002	17	1	..	337	1 385
1969	34	649	19	9	X	301	1 012
1970	X	X	X	X	X	X	957
1971	26	554	2	..	..	221	803
1972	17	160	..	..	..	229	406
1973	..	41	..	..	..	37	78

(..) = valor nulo

(.) = não existem dados

(X) = valores desconhecidos

Fonte: Boletins da Secretaria de Estado da Emigração.

De 1960 a 1973, há uma maior percentagem de homens que regressaram (59,5 %), que de mulheres (40,5 %). Globalmente, a série diminui ao longo do tempo para os homens e aumenta para as mulheres (Quadro 4).

Quadro 4 Sexo dos emigrantes regressados definitivamente a Portugal (1960-1973)

Ano	Homens		Mulheres		Total
	Número	%	Número	%	
1960	1 257	67,6	603	32,4	1 860
1961	1 289	72,2	497	27,8	1 786
1962	1 075	64,4	594	35,6	1 669
1963	1 344	61,9	826	38,1	2 170
1964	1 076	61,1	684	38,9	1 720
1965	887	56,6	681	43,4	1 568
1966	966	56,2	754	43,8	1 720
1967	838	54,0	715	46,0	1 553
1968	715	51,6	670	48,4	1 385
1969	553	54,6	459	45,4	1 012
1970	483	50,5	474	49,5	957
1971	430	53,5	373	46,5	803
1972	195	48,0	211	52,0	406
1973	38	48,7	40	51,3	78

Fonte: Boletins da Secretaria de Estado da Emigração.

Qual era a situação económica dos que regressaram ao país ? As estatísticas oficiais portuguesas utilizam conceitos bastante imprecisos (boa, normal, má). Ignoramos os critérios utilizados para efectuar tal categorização.

Quadro 5 Situação económica dos emigrantes regressados (não incluídos os repatriados) (1960-1970)

Ano	Bom	Normal	Mau
1960	277	966	22
1961	276	875	19
1962	216	730	5
1963	300	1 072	23
1964	223	921	1
1965	181	1 300	10
1966	102	445	48
1967	77	842	4
1968	151	736	5
1969	46	680	1
1970	75	638	1

Fonte: Boletins da Secretaria de Estado da Emigração.

Não tendo em conta os repatriados, verifica-se que a situação económica de mais de 80 % dos emigrantes regressados (1960-70) era normal.

Se para o passado os historiadores não nos fornecem, nem porventura fornecerão, uma resposta satisfatória à questão colocada, para os nossos dias, só são conhecidas as estatísticas dos migrantes regressados de França no quadro da "ajuda para o regresso". Os historiadores vindouros também não terão pois a via facilitada neste domínio (1).

### 3.1.2/ Estudos bibliográficos gerais sobre o regresso de migração

Se a bibliografia sobre as migrações internacionais é considerável, o número de estudos consagrados especificamente ao tema do regresso é bastante restrito até 1973.

Em três obras sobre a sociologia da migração (Jackson, 1969; Jansen, 1970; Albrecht, 1972), encontramos pouco mais de uma dezena de referências bibliográficas sobre a migração de regresso. Em 1968, Mangalan, um clássico dos estudos bibliográficos sobre a migração, enumerava somente 10 títulos sobre o regresso entre 2 051 obras assimiladas e analisadas. Também o exame sistemático de revistas especializadas no estudo das migrações internacionais, reflecte um desinteresse total por este fenómeno. A título de exemplo, Clapier-Valladon (1980, p. 210), assinala que a revista Migration News de 1971 a 1974 não fornece nenhum título sobre este assunto. O mesmo se passa na revista Migration Internationale Hommes et Migrations, para o período 1967-1975.

É somente com a crise económica, o concomitante fecho das fronteiras e a adopção de políticas migratórias restritivas com vista a pacificar a mão-de-obra local, com os incentivos ao regresso de mão-de-obra estrangeira, que os investigadores chamaram mais a atenção para este fenómeno.

Comprova-o o exame da evolução da literatura consagrada ao regresso de migração de três análises bibliográficas especialmente consagradas a este tema: Bovenkerk (1974), Bernard (1977), Tasselo (1983).

Bovenkerk assinala, para além de obras tratando exclusivamente do regresso de migrações, capítulos ou parágrafos em relação com o assunto. Mencionam-se 211 títulos, sendo sobretudo de natureza sociológica. Mas esta investigação bibliográfica ultrapassa uma apresentação sumária das principais obras. O autor classifica o material existente segundo: a definição do regresso, a possibilidade de especificar leis migratórias, tipologia dos migrantes regressados, as motivações que induzem ao regresso, problemas de readaptação, as influências dos migrantes de regresso no país de origem, técnicas de investigação.

Se o campo desta bibliografia se estende a todo o mundo, nenhuma referência directa é feita à migração portuguesa.

O estudo bibliográfico de Bernard, focaliza a sua atenção quase exclusivamente nos movimentos abrangendo os países Oeste-Europeus e os países da orla mediterrânica, quer como países de imigração quer como países de emigração. Só ocasionalmente é feita menção a trabalhos consagrados a movimentos que não dizem directamente respeito a um ou a outro dos países indicados mais acima quando se revestem

(1) A partir do censo de 1981 poderemos conhecer o fluxo de regresso registado nos períodos de 31/12/1973 a 16/3/1981 e entre 31/12/1979 a 16/3/1981.

de um interesse geral.

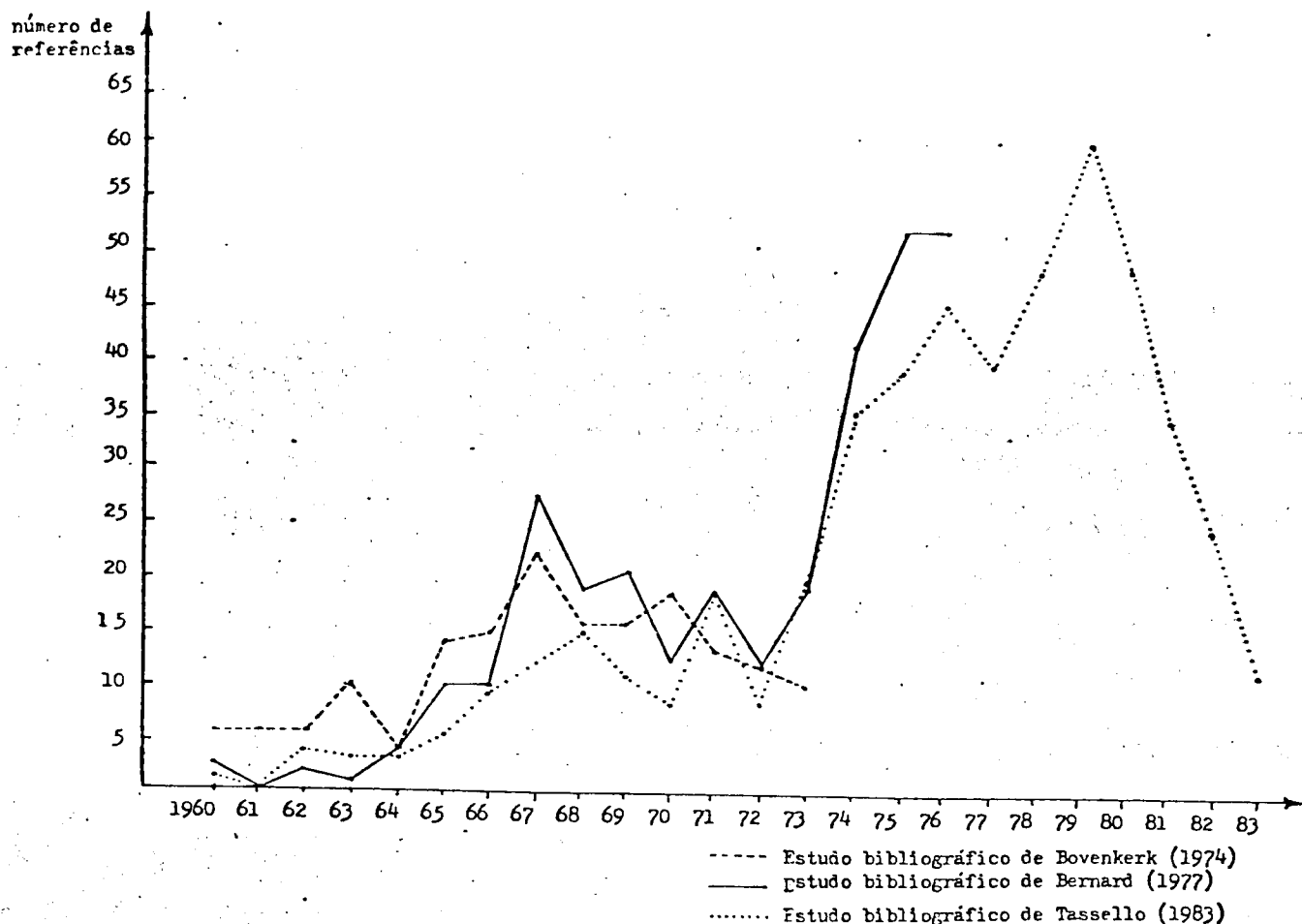
A análise é empreendida tendo em conta quase todas as Ciências Sociais: ciências políticas, demográficas, económicas, sociológicas, ciências da educação. Não é feita referência directa à Psicologia Social nem à Psicologia. Perguntamo-nos se um tal lapso não será sintomático da rareza de estudos do regresso que se reclamam dessas duas disciplinas.

Já encontramos aqui várias referências à migração portuguesa.

Na recensão bibliográfica de Tassello mencionam-se 538 referências. São englobadas referências de países de todos os continentes, das quais 22 dizem directamente respeito à migração portuguesa.

Na figura 1 podemos ver o número de fontes bibliográficas contidas nos trabalhos de Bovenkerk, de Bernard e de Tassello, desde 1960 ao ano da sua publicação. Antes de 1960, Bovenkerk recenseia 38 trabalhos, Bernard e Tassello, 8 cada um.

Figura 1 Evolução da literatura consagrada à migração de regresso, por anos, a partir de 1960, nos estudos bibliográficos de Bovenkerk, de Bernard e de Tassello



Pode-se constatar que é aquando das recessões económicas que aparece um maior número de trabalhos a propósito da migração de regresso. Assim, é em 1967, período durante o qual os países industrializados foram tocados por uma ligeira recessão económica, que Bovenkerk recenseia o maior número de trabalhos. Contudo, o



seu estudo não é sensível à crise posterior a 1973, pois o trabalho é publicado em 1974. No que diz respeito ao estudo bibliográfico de Bernard, o quantitativo das publicações até 1967 atinge, nesse ano, também o máximo. Após essa data, observam-se algumas oscilações e a partir de 1973, a curva sobe abruptamente. Também as publicações referidas por Tasselo até 1967 atingem nesse ano o máximo e após 1973 aumentam notoriamente.

Uma análise documental da migração portuguesa em França foi efectuada pelo Departamento de Formação Contínua de Estrasburgo (Veille Grosjean, 1980). Constituiu-se uma lista de 236 palavras-chave formando o " thesaurus ". A partir das palavras-chave foram postos em evidência novos temas indicando os grandes eixos à volta dos quais a massa documental produz o máximo de informação. Os nove temas referenciados foram os seguintes: 1. país de origem: Portugal; 2. país de acolhimento: França; 3. Portugueses em França; 4. vida profissional; 5. famílias portuguesas em França; 6. escolarização; 7. inserção/adaptação; 8. problemas administrativos; 9. acção sócio-educativa.

A palavra-chave regresso encontra-se aqui associada ao campo semântico da inserção-adaptação.

Apesar desta análise global documental da migração portuguesa em França restam fazer análises mais específicas. É o que nos propomos fazer em seguida relativamente ao tema do regresso, mas limitando-nos a resultados empíricos de inquéritos.

### 3.2/ Regresso Efectivo

Em 1966-67, a Europa tinha já sido afectada por uma recessão económica, prelúdio da grande recessão que começou em 1974. Verificou-se um efeito desigual da recessão nos países europeus. A França ressentiu-a menos que a Alemanha. A OCDE lançou em 1970 uma série de inquéritos (dizendo respeito a Portugal, Jugoslávia, Grécia e Turquia), tendo por objectivo a recolha de informações sobre os regressos conjunturais, isto é, " aqueles que se produziram em função do retraimento ou fecho dos mercados de trabalho " (Kayser, 1973, p. 7). Kayser redigiu, em 1972, um relatório de síntese. O relatório português foi efectuada por Poinard em 1971. O fluxo migratório diminui fortemente na Alemanha em 1967-68. As entradas passaram de 11 713 em 1965, para 2 042 em 1967. Os regressos, cujo número nos é desconhecido, efectuaram-se para outros países de emigração (além-mar) ou para a França (crescimento espectacular do número de Portugueses na Alsácia em 1968); certos migrantes, colocaram-se também " na reserva " nas suas aldeias de origem. Estas partidas em nada parecem ter desencadeado regressos definitivos a Portugal. Se se considerarem os regressos dos Portugueses residentes em França em contraponto com as entradas, poder-se-á verificar que eles estão em menor proporção do que para

as outras nacionalidades.

A interpretação das estatísticas de diferentes fontes francesas, levou Poinard a estabelecer a hipótese segundo a qual " os regressos relacionam-se menos com a situação económica do que com as condições pessoais de êxito ou de fracasso " (Kayser, 1972, p. 24).

Kayser relembra no seu relatório: "'a edificante tipologia' de Poinard segundo as suas observações sobre o emigrado em relação ao seu regresso:

- "a) - O operário português não-qualificado contenta-se, à sua chegada, em amear dinheiro; no seu regresso (?), continuará a ser trabalhador indiferenciado;
- b) - O operário português não qualificado progride tecnicamente à sua chegada mas, tendo em conta a lentidão da sua promoção e da mudança de mentalidade que ela implica, a sua família recua-se-lhe parecendo assim comprometer o regresso;
- c) - O operário português qualificado reencontra à sua chegada, depois das dificuldades iniciais, uma situação de acordo com as suas capacidades (pensa-se que as empresas francesas utilizam cada vez mais chefes portugueses para dirigirem equipas compostas por compatriotas); a família não tarda a juntar-se-lhe e tornamos a cair no caso precedente;
- d) - O operário português já qualificado não consegue encontrar um emprego satisfatório. Não aceitando a desqualificação, regressa a Portugal; no entanto, a duração da estadia foi demasiado pequena para lhe ser benéfica " (Kayser, 1972, p. 18).

Em Coimbra, foi feito um inquérito em 10 paróquias da diocese pelo movimento da Caritas (1973). Em 1970, a população dessas paróquias cifrava-se em 14 681 habitantes dos quais 8 745 eram emigrantes na Europa. Entre esses, 162 regressaram e 101 não puderam ser contactados. Esta amostra era composta exclusivamente de elementos do sexo masculino: chefes de família e celibatários. A maior parte esteve em França (96). Um migrante efectuou uma " migração por etapas " (da França à Alemanha) e cinco estiveram sempre na Alemanha. A maioria viviam sós (95). O regresso foi motivado pelas seguintes razões:

- para 32 migrantes: separação da família;
- para 27: falta de saúde e doenças profissionais;
- para 21: saturação do ambiente;
- para 12: a idade;
- para 11: o facto de terem encontrado outro emprego em Portugal;
- para 8: o aumento dos salários em Portugal;
- para 8: a influência da família;

- para 5: o desejo de acompanhar a educação dos filhos;
- para 4: a melhoria do nível de vida julgado como suficiente.

Quase todos retomaram o seu antigo emprego e também quase todos declararam ter conseguido melhorar a sua situação financeira e terem feito economias. Contribuem para a tomada de consciência da miséria em que vivem e mostram uma maior exigência no seu bem-estar; incitam os outros a emigrar, contribuindo para a atribuição de um valor exagerado ao dinheiro e do ponto de vista moral manifesta-se uma " influência nefasta ".

Se a maioria dos migrantes de regresso reconhecem terem melhorado a sua situação financeira, ao reflectirem mais profundamente chegam à conclusão que " a emigração é sobretudo uma ilusão ". Com efeito, a maioria reconhece não ter empregue o seu pecúlio da melhor maneira, por falta de informação. Profissionalmente, somente 20 % tiraram lucro para o seu futuro. A maioria encontra-se imersa na mesma situação carencial que existia antes da emigração. A não-adaptação dos migrantes de regresso pode assim ser tão grande quanto no decurso do processo migratório.

Em princípio, apenas foram interrogados os migrantes que não pensavam em nova reemigração ou numa segunda emigração. Constataram-se muitos casos de insatisfação e um certo de desejo de emigrar de novo.

A primeira obra exclusivamente consagrada à migração portuguesa de regresso a pareceu em 1979. Trata-se de um estudo de Poinard, sob a direcção científica de Kayser: " Os regressos dos trabalhadores migrantes a Portugal ". A iniciativa deste estudo deve-se ao Ministério do Trabalho e da Participação.

Este estudo tinha por objectivo a maneira segundo a qual se efectuava a reinserção na economia portuguesa dos trabalhadores migrantes originários desse país que tinham tido um emprego em França. Para lá chegar, a metodologia empregue foi a seguinte:

- Estudo da conjuntura económica portuguesa, das perspectivas a curto e médio prazo e a política migratória seguida pelo país;
- Análise dos regressos definitivos efectivamente realizados em cinco zonas geográficas, quer urbanas quer rurais, escolhidas em função do dinamismo local.

Depois de ter feito um estudo diagnóstico da economia portuguesa, o autor conclui: " - tendo em conta as deficiências estruturais da economia portuguesa e as dificuldades suplementares que a crise internacional faz pesar sobre o seu equilíbrio é evidente que um regresso massivo dos trabalhadores migrantes teria consequências catastróficas sobre o mercado de trabalho local e sobre a evolução da balança de pagamentos, e que as autoridades de Lisboa farão tudo o que estiver ao seu alcance para conservar este balão de oxigénio que é para elas o suporte e, posteriormente, o alargamento do fluxo migratório " ( Poinard, 1979, p. 44).

Vimos já que na maioria dos casos é impossível medir de forma precisa os regressos, quer nos países de imigração, quer nos de emigração. É por isso que o

estudo dos dossiers de Portugueses que optaram pela "ajuda para o regresso" a pareceu como um meio desviado para o autor verificar qual a fracção da colónia instalada em França que escolheu prioritariamente a reinstalação.

Os numerosos dossiers (3 792) sobre os quais foi feito o estudo correspondem ao conjunto arquivado no O.N.I. em finais do mês de Julho de 1978, depois de terem seguido todos os trâmites previstos para a efectivação da ajuda para o regresso. Referem-se assim a famílias que partiram efectivamente após terem embolsado o seu pecúlio.

A contagem, feita a 50 % (tirando um em dois dossiers), permitiu estudar uma população de 3 831 Portugueses tendo residido em França. Este número repartia-se em 1 017 mulheres, 1 831 homens e 1 060 crianças. Por outro lado, informa-nos indirectamente sobre 754 mulheres e 1 510 crianças que ficaram no país.

Última residência em França dos Portugueses regressados ao país natal: A percentagem de partidas por região corresponde bastante mal às taxas de colónias instaladas e ao nível de actividade destas últimas: uma clara diferença opõe a "França do Norte" à "França do Sul", ou seja, esquematicamente, a região situada ao Norte do Loire à situada ao Sul. É na parte setentrional que a propensão para a partida foi mais elevada. No Sul, pelo contrário, a taxa de regressos foi sempre inferior à taxa da população portuguesa instalada, excepto em Aquitain e Limousin.

As localizações dos regressos a Portugal: Verifica-se uma extrema dispersão dos regressos. À excepção do Sul do país, muito fracamente marcado pela emigração, não há um só concelho que não tenha pelo menos conhecido o regresso de um trabalhador migrante.

Idade: Os Portugueses que utilizaram a "ajuda para o regresso" representam na sua maioria uma fracção específica e "atípica" da colónia lusitana instalada em França. Mais de metade deles tem mais de 45 anos, mais de 1/3 tem mais de 50 anos. Em contrapartida, os jovens estão fracamente representados: 5 % têm menos de 30 anos, menos de 2 % (37), tinham chegado a França com menos de 16 anos. Tais resultados sugerem que os Portugueses da segunda geração não voltaram para o seu país, ou, pelo menos, não utilizaram a "ajuda para o regresso".

A idade actual dos Portugueses explica-se pela duração da sua presença em França. Assim, 7 % dos que voltaram tinha residido em França durante mais de 15 anos, 46 % durante mais de 10 anos. A duração média de estadia estabelecia-se nos 9 anos e meio.

Uma outra razão do envelhecimento relativo dos migrantes que regressam é a idade que tinham aquando da sua vinda para França: mais de 50 % tinham já mais de 35 anos quando chegaram e esta percentagem eleva-se a 55 % para aqueles que chegaram antes de 1967. Ora, todos os dados sobre a idade dos migrantes, confirmam

que a maioria deles deixou o seu país bastante novos.

Estrutura familiar: Perto de 45 % dos Portugueses tinham vindo sem a sua família, a percentagem toca os 60 % para aqueles que têm mais de 45 anos e representa 30 % para os mais jovens.

No total, combinando a idade com a estrutura familiar, verifica-se que 30 % destes antigos migrantes tinham, ao mesmo tempo, mais de 45 anos e toda a sua família em Portugal; pelo contrário, 34 % deles tinham, ao mesmo tempo, menos de 45 anos e viviam em França com as suas famílias, quer isto dizer, encontravam-se em condições óptimas de inserção na sociedade francesa.

A situação no trabalho: O elemento dominante é a parte considerável em favor dos BTP (56,8 %). Esta concentração nos BTP é nitidamente superior à importância de que desfruta este ramo no conjunto dos migrantes Portugueses instalados em França (47 % destes no recenseamento de 1975).

No que concerne ao desemprego, a percentagem de 24 % na amostra pode parecer elevada, mas devemos lembrar-nos que, numa primeira fase (até 28 de Setembro de 1977), a circular reservava a "ajuda para o regresso" somente aos desempregados. No segundo período, a percentagem de desempregados masculinos baixa até aos 11,5 %.

Embora na amostra houvesse casais jovens que a crise económica forçou ao regresso, a maior parte dos candidatos são trabalhadores, muitas vezes idosos, cuja família ficou em Portugal e que trabalhavam na construção civil.

Talvez aqueles que nunca sonharam ficar definitivamente em França e pensavam obstinadamente no seu regresso. Para essas pessoas é evidente que é melhor partir com o "milhão", tanto mais que a sua idade lhes faz perder do horizonte a ideia de tornar a vir trabalhar em França.

A doença mental pode estar na base de um regresso ao país. Um estudo de 1793 dossiers de imigrantes portugueses, examinados no Centro Françoise Minkowska em Paris (Marques et al., 1980), assinala que 62 pessoas regressaram ao seu país devido à evolução da sua doença. Será este regresso vivido como um fracasso? De qualquer forma, o regresso motivado por problemas psicológicos apenas afectou uma percentagem ínfima da amostra (3 %).

Neto J. (1981) estuda o papel dos migrantes regressados no Algarve a partir de uma amostra composta de 131 emigrantes, 200 não emigrantes e 125 pessoas da elite. Não é apresentado um tratamento diferencial segundo os emigrantes regressados de França, mas segundo os emigrantes regressados da Europa, os retornados, e regressados do continente americano e Austrália.

Os emigrantes conhecem muito bem as potencialidades dos factores que podem contribuir para o desenvolvimento económico do Algarve. Parecem pensar que o desenvolvimento deve basear-se nos recursos agrícolas e turísticos, alguns mencionando a pesca.

Os emigrantes não se mostram muito identificados com os projectos ou as indústrias criadas no Algarve. Nalguns casos, embora conheçam a recente criação de pequenas indústrias locais, não as consideram como indústrias por não corresponderem às grandes dimensões das fábricas em que trabalhavam no estrangeiro.

Não consideram que a presente situação política e económica em Portugal e no Algarve seja favorável ao desenvolvimento da economia. Segundo eles, existe uma grande necessidade de mudanças políticas e económicas em Portugal.

Na maioria dos casos regressaram com mais iniciativa, novas habilidades e uma importante soma de dinheiro capaz de proporcionar-lhes um nível de vida novo e melhor para eles e para as suas famílias.

Mendonça (1982) analisa as causas, os modelos e os resultados, de uma migração de mão-de-obra para os habitantes da Nazaré. Alguns deles emigraram de maneira definitiva, outros voltaram e investiram no local, outros ainda, trabalham parte do ano no estrangeiro. Os resultados mostram que a emigração para o estrangeiro é uma estratégia que permite uma saída mais airosa de uma situação local difícil. Os emigrantes têm um rendimento melhor, mais economias e bens de consumo duráveis ou não duráveis, automóveis e casas, do que aqueles que não emigraram ou que emigraram em Portugal.

Recentemente tem havido um interesse em Portugal por parte de instituições de investigação e universitárias em promover o estudo do regresso. Testemunham-no os estudos conduzidos pela Universidade Nova de Lisboa, pela Comissão de Coordenação da Região Centro e pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

O estudo efectuado pela Universidade Nova de Lisboa (1981) tem como objectivo a constituição de um ensaio metodológico com vista à obtenção de informações, não só de tipo quantitativo como também qualitativo, que permitam responder de imediato a algumas questões preliminares sobre a problemática emigratória, como também à obtenção de um conhecimento que venha a possibilitar a realização de um projecto de maior envergadura.

A amostra é constituída de 341 emigrantes regressados com mais de 18 anos.

71,5 % é do sexo masculino e 28,5 % do sexo feminino. A idade média do tempo de estadia no estrangeiro é de 9,8 anos e a idade média dos sujeitos aquando do regresso é de 44,2 anos.

Os sujeitos regressaram todos ao distrito de Leiria. Embora a amostra não seja apresentada como representativa os autores interrogam-se se não poderá mesmo reconhecer-se a tentação de considerar os dados obtidos como representativos do distrito de Leiria.

Nas actividades profissionais exercidas após o regresso depara-se com uma grande dispersão. O valor mais elevado é alcançado pelas domésticas com 16,4 %, seguindo-se-lhes "outros operários" (15,5 %), os lavradores (15 %) e os operários da construção civil (13,5 %). Nota-se o surgimento de uma nova actividade: a de comerciante (6,2 %).

Entre as razões do regresso todos os itens com percentagens superiores a 10 % têm a ver com razões familiares, prefazendo um total de praticamente 50 %. As razões de saúde aparecem com 9 %.

De realçar que entre as dificuldades encontradas no regresso 60 % assinalam dificuldades de assistência médica e hospitalares.

Relativamente ao conhecimento de outros emigrantes regressados 96 % respondem afirmativamente sendo 86 % a percentagem de indivíduos que declaram ter relações de convívio com esses mesmos emigrantes regressados.

Quanto aos projectos de futuro, a educação dos filhos é o projecto mais representado, embora pouco: 9 %. 3 % projectam voltar a emigrar.

A grande maioria regressou de França (79,2 %). Destes, 14 % beneficiaram da ajuda ao regresso. A quase totalidade das emigrações ilegais (98 %) foram para França. 42 % dos emigrantes que estiveram em França foram operários da construção civil, 22 % "outros operários" e 10 % empregadas domésticas e de limpeza. Dentre os migrantes regressados de França 16 % são operários da construção civil, 13 % "outros operários", 18 % são lavradores e agricultores e 16 % domésticas (maior dispersão de valores).

Deste inquérito os autores concluem em primeiro lugar que o emigrante, em todos os actos importantes da sua vida, nunca deixa de ser o português que partiu alguns anos antes. Quanto ao fenómeno do regresso e aos factores que eventualmente o determinam conclui-se que é, primeiro que tudo função do volume do capital conseguido pelo emigrante, o que se explica, facilmente, uma vez que esse também foi o principal motivo porque ele emigrou. O regresso é também função da idade dos filhos e das condições económicas, sociais e políticas do país de acolhimento.

O projecto sobre o " Impacto Económico do Retorno de Emigrantes na Região Centro ", é desenvolvido pela Comissão de Coordenação da região Centro em colaboração com dois professores das Universidades inglesas de Durham e Exeter (Boura, Jacinto, Lewis, Williams, 1984).

Recolheram-se elementos por inquérito em três áreas diferenciadas da região centro: uma área de características essencialmente rurais localizada junto à fronteira (freguesia de Foios no concelho do Sabugal), outra no centro interior da região onde a par da tradicional actividade agrícola, se tem observado um recente dinamismo industrial (freguesia de Mangualde no concelho de Mangualde) e uma terceira, no litoral, que para além de ser uma área tradicionalmente industrial, detém um sector terciário bastante desenvolvido (freguesias de Marrazes e Leiria no concelho de Leiria).

A amostra compreende 184 pessoas das quais 84 são emigrantes regressados e 100 retornados. 65,5 % dos emigrantes regressaram de França.

A grande maioria dos emigrantes que regressam é constituída por potenciais activos. Tendo em conta a actividade desenvolvida no momento do inquérito, detecta-se, na generalidade, um ajuste ao perfil económico das áreas para onde os emigrantes regressam. Os sectores que ocupam maior número de pessoas são a agricultura, o comércio, a indústria e a construção civil. Para os regressados que não retomam a actividade anterior, o comércio constitui a principal opção: nos casos estudados, este foi o sector com maior crescimento, 9,5 % antes da emigração e 22,6 % após o regresso.

Duma maneira geral, os inquiridos que estiveram no estrangeiro apresentam uma fraca propensão para o investimento produtivo. As actividades produtivas em que se verifica maior volume de investimento são a agricultura, a indústria e a construção civil.

A criação de empregos é insignificante (em média 2,5 postos por investimento) reflectindo a pequena dimensão ou mesmo a estrutura familiar das empresas criadas.

As alterações no campo do consumo são mais evidentes que no da produção. A introdução de novos modelos de consumo são mais evidentes nas áreas da alimentação, do vestuário e da casa.

41 % dos emigrantes regressados desejam voltar a emigrar. A migração interna é encarada por 14,5%.

A investigação realizada no âmbito do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento com financiamento da Fundação Volkswagenwerk, é apresentado pelos seus autores (Silva et al., 1984) como resultando de uma amostra representativa do continente e de grandes regiões (Norte, Centro e Sul). Foram entrevistados 692 migrantes regressados, de que 62 % regressaram de França.

Do conjunto dos emigrantes regressados 71 % eram homens e 29 % mulheres.

O regresso dá-se ainda durante a vida activa. Para 66,7 % dos migrantes vindos de França a duração da emigração não ultrapassou os 10 anos. O nível de instrução e de formação profissional é muito precário. É entre os emigrantes regressados de França que se concentram as percentagens mais elevadas de iletrados.



Quando regressa, o emigrante reinsere-se, quando pode, na actividade económica. Somente 19,7 % se declararam reformados ou inactivos. De destaque o facto de 2/3 das mulheres se declararem na situação de domésticas.

A agricultura e a construção civil são os dois sectores de absorção de emprego dos emigrantes regressados: 37,9 % estão na agricultura (44,6 % antes de emigrar) e 17,9% na construção civil (18,3 % antes de emigrar). Dirigem-se para o comércio 9,6 % (antes de emigrar 4,4 %).

Quando se compara a situação presente com a que existia antes da emigração verifica-se, pois, haver uma perda de peso relativo da agricultura; em contrapartida, observa-se uma certa deslocação de emprego para o comércio.

Para 93 % dos inquiridos, foi elevado ou muito elevado o grau de satisfação material alcançado durante a emigração e cerca de 95 % declaram mesmo ser elevado ou muito elevado o seu nível de satisfação geral.

As razões para o regresso que traduzem inadaptação e insucesso na emigração são invocadas apenas por 15,3 %. As razões de saúde e acidentes de trabalho totalizam 20 % das respostas o que denota o desgaste a que o emigrante se expõe. Apenas 1,7 % dos entrevistados referem a " imposição por parte do país de acolhimento " ou a " opção pelo subsídio ". Em 27 casos foi apontada a falta de trabalho.

Na opinião dos inquiridos, a emigração é considerada um sucesso em cerca de 3/4 dos casos.

Há situações muito díspares quanto ao nível de poupanças. Enquanto alguns voltam com o que se pode considerar um razoável património financeiro, uma boa parte, porém, regressa com menos do que necessário para se reinstalar.

Em que medida o ex-emigrante constitui um veículo de inovação na produção, na habitação, no consumo e noutros domínios? No que se refere à produção, verifica-se que, de modo geral, o emigrante regressado não se diferencia, significativamente, enquanto trabalhador, dos seus conterrâneos não emigrantes. É no domínio da habitação que parece verificar-se uma elevada propensão à inovação. A inovação pela via do consumo é, aparentemente, aquela que maior impacto poderá ter na sociedade portuguesa. Relativamente a outras formas de inovação, merecem destaque as relações familiares e a ocupação dos tempos livres, sobretudo no caso do ex-emigrante que volta para o meio rural de origem.

Dentre os problemas sentidos pelos emigrantes quando regressaram a Portugal, a adaptação à vida local é considerada por eles como a principal dificuldade, a par da dificuldade em encontrar trabalho (25 % dos inquiridos).

O emigrante que regressou está moderadamente satisfeito, embora não o deva em quase nada às autoridades portuguesas, mas antes e fundamentalmente às oportunidades que a emigração lhes proporcionou e à sua própria experiência (trabalho) pessoal. 50 % manifestam uma atitude positiva quanto a nova emigração. São os emigrantes regressados de países não europeus que mais gostariam de voltar a emigrar e os provenientes de França os menos inclinados a isso.

Parece poder concluir-se da análise do regresso efectivo da migração portuguesa que já se dispõe de bastantes dados económicos a este respeito.

Um dos raros estudos híbridos da migração portuguesa de regresso, isto é, que aborda simultaneamente as perspectivas de regresso e o regresso efectivo, foi efectuado pela OCDE em 1971 para preencher uma lacuna dos estudos concretos migratórios que apenas abordam, na maioria dos casos, o aspecto económico fundamental das migrações. O seu objectivo foi o estudo dos efeitos sobre o mercado de trabalho, no seu sentido largo, nas zonas atingidas, quer pelo fenómeno da emigração quer pelo da imigração. Para isso a OCDE efectuou uma série de pesquisas localizadas nalguns países de emigração (Espanha, Grécia, Itália, Portugal e Turquia), bem como nalguns de imigração (França e República Federal da Alemanha). O relatório apresentado por Kayser (1971) é a síntese dessas investigações.

A região escolhida em Portugal foi a de Aveiro. Os inquéritos foram realizados junto de 225 trabalhadores que haviam emigrado e que se encontravam agora nas suas aldeias por diversas razões.

A primeira constatação deste relatório refere-se à insignificância do movimento de regresso. Com efeito, o número de migrantes regressados definitivamente é baixo: 10,7 % do total. Uma outra constatação sublinha o carácter " anormal " dos regressos: " Os migrantes regressados encaram, em média, o tempo passado no estrangeiro como muito mais curto do que o que é constatado pelos migrantes ' em férias '. Não chega a ultrapassar dois anos para 54,1 % dos trabalhadores e um ano para 29,1 % " (Kayser, 1971, p. 105). O autor interpreta estes regressos como regressos de fracasso.

Somente 5,7 % dos trabalhadores declararam que queriam ficar definitivamente no estrangeiro. Pelo contrário, 80,5 % declararam a sua intenção de regressar a Portugal. Face a esta questão, somente 13,8 % se mostraram indecisos.

### 3.3 / Projectos de regresso

A ESNA (1963), efectuou um inquérito junto de 151 trabalhadores estrangeiros dos quais 30 Portugueses, onde, através de uma questão a propósito da preocupação de se fazerem naturalizar, aparece a questão do regresso: " A maioria de entre eles não se quer fixar definitivamente em França; muitos há que deixaram voluntariamente a sua família em Portugal. Assim que tiverem reunido algum dinheiro, regressarão a casa; a naturalização, portanto, não lhes interessa. Entre aqueles que se querem naturalizar, um casou com uma francesa e dois outros desejam que os seus filhos sejam franceses " (ESNA, 1963, p. 47).

A prefectura do Sena levou a cabo um inquérito sobre a imigração portuguesa na região parisiense no mês de Julho de 1964 (Hommes et Migrations, 1966, n° 105). Um dos métodos empregues neste estudo foi um inquérito sociológico. " Três cente

nas de inquéritos foram efectuados compreendendo 210 questionários e 90 entrevistas não-directivas; foram conduzidas de acordo com um método essencialmente qualitativo. Assim, interrogámos um número muito reduzido de Portugueses, mas fizemo-lo de maneira muito aprofundada. A duração média de cada entrevista variava entre uma hora e meia e duas horas " (Hommes et Migrations, n° 105, p. 36).

34 % apenas têm intenção de ficar em França por alguns anos e continuam muito ligados a Portugal; 30,1 % estão indecisos; 36 % desejam ficar definitivamente em França. " Eles ficarão se não os correrem de lá, se encontrarem outra habitação, se a sua família puder vir ter com eles " (Hommes et Migrations, n°105, p. 141). Assim, dois terços do grupo interrogado estão prontos a instalar-se definitivamente em França se as circunstâncias o permitirem.

A intenção de permanecer em França e os indecisos segundo o tempo de permanência, distribuem-se do seguinte modo:

Duração da estadia em França	Desejam ficar em França definitivamente	Indecisos
Menos de 1 ano .....	25,0 %	41,5 %
Entre 1 ano e 3 anos ..	35,3 %	25,0 %
Entre 3 e 5 anos .....	60,9 %	13,0 %
Mais de 5 anos .....	37,5 %	30,0 %

Aqueles que se encontram em França há mais de cinco anos têm mais tendência a exprimir o seu cansaço em lá viverem e desejam com menos frequência lá ficar.

Somente 19,5 % dos Portugueses que têm a sua esposa em Portugal pensam ficar definitivamente em França; 36,5 % dos celibatários e 54 % daqueles que têm a sua esposa em França, desejam aí ficar.

Bourgoin (1971), efectuou um inquérito junto de 100 jovens portugueses, 50 do sexo masculino e 50 do sexo feminino. O tempo de presença em França variava entre alguns dias e três anos. O número de jovens que tinha em vista o regresso era igual ao número de jovens que não o encarava (39 sujeitos). 22 sujeitos estavam indecisos. " O número de pessoas indecisas era o mesmo para os rapazes e raparigas, mas estas mais do que aqueles, asseguram que a sua estadia em França não durará muito e estão por conseguinte mais ligadas a Portugal " (Bourgoin, 1971, p. 24). O nosso estudo mostrará resultados diferentes. Os elementos do sexo masculino mostrando-se, como veremos, mais ligados ao país de origem que os do sexo feminino. Contudo é de notar que a amostra de Bourgoin diferencia-se da nossa pela idade

e pelo tempo de estadia. Além disso, nessa altura, certos rapazes esbarravam com um obstáculo, o que não era o caso das raparigas, de poderem construir o seu futuro no país de origem: a guerra colonial e a consequente fuga ao serviço militar.

Foi realizado um inquérito por Lahale (1972), com uma amostra de 600 trabalhadores imigrados e 100 trabalhadores franceses numa grande empresa de construção mecânica possuidora de vários estabelecimentos em Paris e na província, empregando em média 30 % de imigrados nas suas fábricas. Sobre os projectos relativos à duração da sua permanência em França, no momento da sua chegada, 60 % dos Portugueses interrogados pensavam ficar mais de 3 anos em França; 22 % pensavam lá ficar para sempre. No momento do inquérito, a percentagem de Portugueses que pensava ficar definitivamente em França tinha aumentado sensivelmente até atingir os 46 %.

Viguiet (1972), conduziu um inquérito livre junto de um certo número de trabalhadores portugueses fixados em Toulouse e na sua região. No que diz respeito aos regressos, o autor observa que um inquérito de opinião dará sempre uma maioria de respostas em favor do regresso, não sendo a data, contudo, jamais precisa.

Pode ser interessante compararmos a intenção de estadia de migrantes de diferentes nacionalidades. O estudo de Butaud (1973), permite essa comparação. No conjunto das nacionalidades estudadas não se manifesta nenhuma tendência, havendo equilíbrio entre migrações de mão-de-obra e migrações de povoamento.

#### Intenções actuais:

- ficar definitivamente em França .....	37 %
- regressar ao país .....	38 %
- não sabe .....	25 %
	100 %

Contudo, este resultado dissimula uma ruptura por nacionalidades. Para os Italianos e Jugoslavos, a imigração é uma imigração de povoamento; para os Portugueses, Magrebinos, Africanos Negros, é uma imigração de mão-de-obra (nenhuma tendência nos Espanhóis). As intenções dos 320 Portugueses interrogados eram, no momento do inquérito, as seguintes:

- regresso, no máximo, ao fim de 3 anos .....	13 %
- regresso dentro de alguns anos (mais de 3) .....	31 %
- regresso após a reforma .....	4 %
- não sabe .....	29 %
- ficar em França .....	22 %
- ficar em qualquer lugar menos regressar ao país .....	1 %

Michon (1973), aborda a importância do projecto familiar sobre o comportamento alimentar.

O seu estudo foi feito a partir de um inquérito conduzido na região parisiense junto de 18 famílias portuguesas. Nestas 18 famílias havia 19 crianças com menos de 2 anos. Este inquérito foi efectuado por meio de entrevistas livres com 9 mães e por observação.

O autor, ao traçar uma panorâmica geral das características da emigração portuguesa para inserir o seu estudo sobre a alimentação das crianças portuguesas, escreve: " O seu projecto de regresso num prazo mais ou menos próximo - projecto tão tenaz quanto vago - é fundamentalmente ambíguo. Ele impede, sobretudo no começo da estadia, o esforço da adaptação necessária. Ora os Portugueses jamais o realizam. A decisão de se instalar definitivamente em França é tomada no momento em que os filhos crescem e os pais se apercebem das possibilidades de educação e promoção social que lhes são oferecidas em França " (Michon, 1973, p. 7).

O projecto de regressar ou de se instalar em França, segundo o autor, é o factor que mais importância tem, posta de parte a personalidade dos diferentes membros da família. " Este projecto é determinante para o comportamento em geral e o comportamento alimentar em particular " (Michon, 1973, p. 35).

Rocha Trindade (1973), analisa as atitudes individuais e o comportamento dos Portugueses imigrados em França, isto seguindo o desenrolar do processo migratório tal como ele é vivido pelo indivíduo.

O inquérito, efectuado em Orsay, diz respeito a 100 imigrados entrevistados por questionário semi-aberto. Vindos para França, no desejo de obter um melhor salário que em Portugal, os imigrados constataam que os seus ganhos não lhes permitem melhorar o seu nível de vida e fazer economias. A escolha do primeiro objectivo parece traduzir uma decisão de ficar mais ou menos definitivamente em França, já que a ausência de capital em caso de regresso, fá-los-ia recair na situação anterior à emigração, à qual quiseram precisamente escapar. Se pelo contrário, é escolhida a segunda opção, é provável que o regresso ao país seja encorajado.

Em 100 pessoas interrogadas, 87 pensam regressar a Portugal (entre estas 79 não têm uma ideia precisa sobre a duração do resto da sua estadia em França e 8 têm uma ideia precisa a este propósito); 7 não têm opinião; 6 pensam fixar-se

definitivamente em França. " A esmagadora maioria dos inquiridos não deseja ficar em França definitivamente: no entanto, nenhuma data precisa é avançada no geral quando se fala de regressar ao país " (Rocha Trindade, 1973, p. 119).

Santos (1973), relata-nos o resultado de uma discussão informal, mas orientada sobre o tema do regresso, com 90 trabalhadores portugueses da região parisiense. " Desta discussão, muito rica e muito nova em meio português, também não se podem tirar conclusões gerais. O sentimento confuso que foi exprimido é que, se tivesse havido trabalho em Portugal, se tivesse havido liberdade, se não houvesse guerra colonial, os trabalhadores presentes não teriam emigrado. O que não quer dizer que todos os emigrados regressem a Portugal se as condições políticas e sociais mudarem " (Santos, 1973, p. 69). O autor conclui sobre a utilidade de se fazerem inquéritos sobre este tema.

Sousa (1973), efectuou um estudo cujo objectivo era determinar os meios de que dispunham as classes dominantes francesas em relação aos imigrados portugueses na região parisiense, procurando detectar a existência de práticas discriminatórias no domínio da habitação e do trabalho. Os resultados são exprimidos sob forma qualitativa dada a inexistência de estatísticas e os condicionalismos da população estudada (desconfiança e falta de hábito do entrevistador).

A discriminação constatada pelo autor é um argumento convincente para que o regresso ao país se verifique desde que os projectos iniciais tenham sido concluídos. A partir destas observações o autor pôde construir uma tipologia baseada na idade dos migrantes no momento da emigração:

- a) - Aqueles que emigraram com idade inferior a 25 anos, qualquer que seja o seu sexo, fixar-se-ão definitivamente em França ou efectuarão uma emigração " por etapas ".
- b) - Os indivíduos cuja idade oscilava, no momento da emigração, entre os 25 e os 35 anos, dividem-se em duas partes segundo o seu estado civil:
  - se se trata de celibatários, verifica-se a hipótese proposta em a);
  - se se trata de pessoas casadas cuja família decidiu partir para França, as probabilidades de não regressar são grandes; mas se a família está em Portugal, há grandes probabilidades do regresso.
- c) - Aqueles que no momento da emigração tinham mais de 35 anos: " Parece-nos que eles vivem em França sem nunca deixar de pensar no dia do regresso " (Sousa, 1973, p. 62). É este grupo que apresenta uma maior probabilidade de regresso no futuro mais próximo. O autor

emite estas considerações com uma certa prudência, a propósito do regresso, na medida em que só tem em conta variáveis sociológicas tais como a idade no momento da emigração e o estado civil (em b)).

Serra (1975), fez um inquérito sociológico junto de 114 migrantes do sexo masculino, operários da construção civil, dos trabalhos públicos e da metalurgia dos quais 99 eram da região parisiense e 15 da R.F.A..

No que diz respeito às intenções de regresso, 36 % pensam ficar pelo menos 5 anos no estrangeiro, 19,8 % mais de 5 anos, 17 % pensam lá ficar até à reforma, 15,3 % pensam regressar assim que possível e 2,7 % pensam numa emigração " por etapas ". O autor conclui que a maioria (75,5 %) prefere ficar no estrangeiro pelo menos durante alguns anos.

No inquérito de Abou Sada et al. efectuado em 1976, com uma amostra de 126 jovens migrantes sendo 70 % Magrebinos, 25 % Portugueses e 5 % Italianos, 57 % da amostra deseja viver nos países de origem e deixar definitivamente a França. A nacionalidade faz aparecer diferenças nos desejos de regresso: 66,5 % dos Magrebinos desejam regressar, 39 % dos Portugueses e Italianos.

Chazalette (1979), levou a cabo um estudo sobre " a segunda geração " na região Rhône-Alpes. Foram interrogados 200 raparigas e rapazes dos quais 4/5 tinham menos de 21 anos, sendo 3/4 Argelinos e 1/4 Portugueses. No caso de um eventual regresso dos seus pais ao país de origem, uma forte minoria da amostra (mais de um terço) encarava o regresso. Cerca de metade deles querem ficar e os outros estão indecisos, pensando todavia mais no regresso. As raparigas portuguesas por um lado, e os rapazes argelinos por outro, são mais numerosos no seu desejo de regressar. Estes dados sobre a " segunda geração " a propósito das raparigas, estão também em contradição com os que encontramos na nossa amostra para a " primeira geração ".

O IFOP efectuou entre 2 e 16 de Março de 1978 uma sondagem sobre uma amostra representativa de 208 Portugueses e 217 Argelinos, mulheres e homens, de idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos. A questão " Desejaria ficar em França ? " 25 % dos jovens portugueses responderam que pensavam lá ficar definitivamente; 40 % pensavam lá ficar durante alguns anos; 13 % desejavam lá ficar o menor tempo possível e 22 % não tinham opinião formada. Poder-se-á verificar que a percentagem dos que ainda não têm uma ideia precisa a este propósito, é elevada. A intenção de viver definitivamente em França é mais acentuada nos Portugueses quer do sexo masculino quer do feminino, cuja idade está compreendida entre os 21 e os 25 anos (28 %), do que entre aqueles que têm entre 16 e 20 anos (21 %). O projecto de ficar " vários anos " é particularmente marcante nos jovens portugueses

de 21-25 anos.

Um inquérito da " Fondation Nationale des Sciences Politiques " (FNSP) é o " único inquérito de conjunto sobre a questão das transferências realizadas até hoje pelos Portugueses " (Garson, Tapins *et al.*, 1981, p.198). Abrangeu 456 pessoas repartidas por toda a França. 27,4 % dos Portugueses (ou seja, 125 interrogados), pensam instalar-se definitivamente em França, percentagem superior à população estrangeira interrogada (22,7 %); 52,4 % não pensam instalar-se definitivamente em França. A percentagem de indecisos, perto de 20 %, não é específica aos Portugueses.

Em conclusão, a partir da análise documental da migração portuguesa de regresso, parece poder afirmar-se que:

. O primeiro tipo de abordagem distinguido, isto é, o regresso efectivo de migração, foi essencialmente tratado do ponto de vista económico. Esta observação é aliás extensível a outras migrações internacionais na Europa Ocidental (cf. Oriol, 1981, p. 125).

. A literatura examinada sobre as intenções de regresso da migração portuguesa em França tem por base amostras restritas. Todavia, apesar da sua limitada representatividade, as indicações fornecidas não deixam dúvidas quanto à existência do projecto de regresso na primeira geração. Esta observação também é extensível a outras migrações internacionais <sup>(1)</sup>.

. O exame da literatura da migração portuguesa de regresso não nos permite concluir de modo cabal que a intenção de regresso esteja mais presente na primeira geração que na segunda geração. Assim, existem inquéritos efectuados em contextos históricos próximos apresentando percentagens bastante semelhantes para as duas populações acerca dos que pensam instalar-se em França ou partir. Por exemplo, nos inquéritos de Lahale (1972) e do da FNSP (1981), 46 % e 27,4 %, respectivamente, de migrantes da primeira geração pensam instalar-se em França; nos inquéritos de Bourgoïn (1972) e do IFOP (1978), 39 % e 25 %, respectivamente, de jovens migrantes pensam instalar-se em França.

. No caso da migração portuguesa vários estudos abordaram o tema de um eventual regresso a que consagraram, desde uma página até um capítulo, inserido num

---

(1) - Investigações sobre migrações providas de países da bacia mediterrânica em direcção à Europa Ocidental e Europa do Norte, assinalam que menos de 5 % dos sujeitos têm intenção de viver permanentemente no estrangeiro. Por exemplo, encontraram-se 1,5 % numa amostra de migrantes Italianos em 4 comunidades suíças (Braun, 1970), 3 % numa pesquisa anterior à partida de migrantes Turcos (Paine, 1974) e 5 % numa pesquisa com migrantes Jugoslavos e Turcos na Áustria (Gehmacher, 1973).



estudo mais global. Mas nenhuma conclusão certa se pode tirar a respeito das condições que influenciam o regresso ou o não-regresso ao país de origem no conjunto das publicações que passámos em revista.

Se os inquéritos especialmente efectuados sobre a perspectiva de regresso são raros, a propósito da migração portuguesa não dispomos de nenhum trabalho nesse sentido. O nosso estudo será uma tentativa de estabelecer relações entre as intenções de regresso e alguns dos múltiplos factores psicosociológicos que agem sobre elas.

Esperamos por esta via dar uma contribuição, mesmo se modesta, para o conhecimento da migração portuguesa e para o pouco estudado tema do regresso: " na nossa opinião, as migrações de regresso, enquanto elemento importante do fenómeno migratório, foram pouco objecto de investigações " (Rien Van Gendt, 1977, p. 8). O mesmo se verifica no caso português: " pouco é conhecido no entanto, quanto à generalidade do retorno " (Arroteia, 1983, p. 128).

#### 4/ Abordagem teórica

Examinaremos de seguida as hipóteses que estiveram na origem deste trabalho e os conceitos de base dessas hipóteses. Embora evitando o excesso de teorização devemos contudo definir os conceitos nucleares. Aquando da exposição dos resultados daremos outras precisões teóricas sobre os indicadores retidos e precisaremos como se tornaram operacionais.

##### 4.1/ Hipóteses

Há poucas razões para estudar a migração de regresso com instrumentos teóricos diferentes dos que são usualmente empregues no estudo das migrações em geral (Bovenkerk, 1974). A composição demo-sociológica, as motivações, a adaptação, por exemplo, são temas que dizem respeito à migração e ao regresso.

Uma das questões fulcrais que se põe no estudo do processo migratório é a de saber se o migrante tem intenção de se estabelecer no país de acolhimento de modo definitivo ou temporário. A duração do tempo de permanência no país de acolhimento é efectivamente um dos critérios de classificação para se poder elaborar um estudo das migrações internacionais de maneira sistemática (George, 1977).

Nesta óptica propomo-nos analisar alguns dos factores psicosociais que influenciam o comportamento intencional dos migrantes adultos portugueses relativamente ao seu eventual regresso ao país de origem. O propósito de ficar em França ou de se reinstalar em Portugal será abordado essencialmente a partir das respostas dos próprios interessados. Desde já para evitar malentendidos será bom precisar que nos colocamos ao nível das "mini-decisões" dos que querem partir ou ficar. É necessário não perder de vista que a escolha entre ficar em França ou regressar a Portugal não depende só da escolha dos próprios interessados. A estadia ou o regresso é muitas vezes decidido por forças que escapam ao sujeito, como já indicámos mais acima. Estamos conscientes do factor determinante que é a economia. Contudo, a nossa formação inclina-nos a observar o papel que os balanços individuais tomam perante uma eventual perspectiva de mudança de quadro vital. Claro que tais balanços são tomados a partir de uma situação social total e qualquer modificação dessa situação é susceptível de alterar as perspectivas migratórias de futuro. Por isso a opinião recolhida é momentânea e certos migrantes podem modificar o seu projecto.

Todos os indivíduos de uma migração particular não têm intenção de ficar de modo definitivo ou temporário. Tudo o que se pode observar é uma tendência. Assim, se "a emigração transoceânica pode ser considerada, na maior parte dos casos, uma migração definitiva" (George, 1977, p. 34), já vimos que muitos regressaram. Ao invés, se "as migrações de vizinhança são cada vez mais migrações temporárias, em virtude dos desejos respectivos dos migrantes e dos países de acolhimento" (George, 1977, p. 34) todos os migrantes portugueses em França regressarão? Partimos da ideia que a perspectiva de regresso é uma tendência maioritária que se encontra nos migrantes da primeira geração, como a análise documental da investigação empírica sobre a migração portuguesa em França pôs

em evidência. Projecto de emigração e projecto de regresso confundem-se na maioria dos sujeitos.

Kassimati (1983) examinando a literatura migratória conclui que se a migração é orientada por factores económicos, o regresso é-o sobretudo por factores psicológicos, porque quer os planos originais que levaram os sujeitos a migrar tenham sido conseguidos quer o não tenham sido, a decisão de regressar e o momento para a sua materialização são respostas a outros motivos que os da partida. Esta observação parece-nos válida para o caso de Portugal, pois não existem actualmente factores económicos atractivos, como referiremos mais adiante.

Sendo assim a nossa hipótese geral de trabalho é que a presença virtual (1) ou a ausência da perspectiva de regresso ao país de origem acompanha-se de constelações de variáveis indicativas deste comportamento intencional, ao nível:

- da situação dos migrantes no processo (2) adaptativo;
- das representações da situação no país de origem.

Esta hipótese geral designa de uma certa maneira a vida dos migrantes na sua globalidade. É óbvio que, no quadro restrito desta investigação não é possível tratar exaustivamente a problemática. Daí que tenhamos restringido o campo de exploração à temática que nos pareceu mais importante após o exame da literatura e de entrevistas preliminares. Se esse exame permitiu atenuar o lado arbitrário presente em todo o inquérito por questionário - técnica utilizada para a recolha de dados sobre o terreno - não o fizera desaparecer totalmente. O investigador tem de seleccionar questões em relação ao tema da investigação. " Não se está nunca seguro de ter posto todas as questões pertinentes ao objeto de estudos e de só ter posto essas " (Francès, 1980, p. 45).

No que respeita a situação do migrante no processo adaptativo pode-se supor que quanto mais o objeto motivacional " regresso " esteja perto na perspectiva temporal tanto mais o processo adaptativo na nova sociedade será rodeado de dificuldades. Há efectivamente estudos que indicam a importância do factor da motivação dos migrantes para a sua adaptação ulterior. Os migrantes que permanecem no estrangeiro sem a intenção de lá se estabelecerem tendem a estar desadaptados (Ip, 1972; Matsuyama, 1973).

(1) Segundo a concepção de Nuttin (1980 b) os acontecimentos, com o seu sinal temporal, estão " presentes ", na perspectiva temporal, como os objectos localizados no espaço estão presentes na perspectiva espacial. No quadro da perspectiva temporal esta " presença " é virtual, isto é, o objecto surgirá efectivamente desde que um elemento da situação actual, uma instrução ou uma motivação o evoque.

(2) Chombart de Lauwe e Bellan (1979) chamam-nos à atenção para o facto de nas ciências humanas, o termo processo ser utilizado de maneira polissémica. Designa não só um mecanismo, uma função, como também " uma série de fenómenos caracterizada pela sua regularidade, dotada de uma coerência e de uma relativa unidade. Os fenómenos que se encadeiam num processo são activos, organizados no tempo e conduzem a um resultado mais ou menos determinado " (Chombart de Lauwe, Bellan, 1979, p. 26). Estas características exprimem bem a dinâmica migratória que se acompanha de um conjunto de processos, ou se se preferir de uma dialéctica de processos sociais e psicológicos.

As interações do indivíduo - não são expressas aqui pelo conceito de adaptação, pois as migrações fornecem-nos um posto de observação privilegiado para estudar in vivo os processos de adaptação. Estas interações são variadíssimas, havendo o risco de nada explicar querendo explicar tudo. " Não se explica muita coisa dizendo que é um mecanismo de adaptação, e o psicólogo deve desconfiar de qualquer ' explicação ' do comportamento e da sua motivação em simples termos de adaptação e de procura de equilíbrio. Importa, pelo contrário, concentrar todo o esforço científico na descoberta das características próprias a cada um dos processos que constituem a interação entre o indivíduo e o seu meio " (Nuttin, Encyclopaedia Universalis, p. 226). Para se poder efectuar a investigação empírica importa pois definir dimensões pertinentes do processo de adaptação do migrante em contacto com uma outra sociedade.

O tipo de adaptação não é contudo suficiente para assegurar a decisão de permanecer no estrangeiro ou de regressar, pois o julgamento de conjunto do sujeito em diferentes domínios do seu vivido será confrontado com as representações do país de origem. Pode-se supor que essas representações são tanto mais positivas quanto a ideia de regresso estiver próxima na perspectiva temporal.

Relativamente às representações que o migrante se faz do país de origem examinaremos em particular:

- as dificuldades que o sujeito pensa encontrar aquando de um eventual regresso;
- as representações do país de origem comparativamente com as do país de destino.

Ver-se-á por conseguinte se o comportamento intencional de regresso depende das representações que os migrantes têm acerca das possibilidades de reinserção oferecidas pelo país de origem e elaboradas a partir não só do vivido pré-migratório, como dos regressos periódicos, dos meios de comunicação de massa, de conversas com compatriotas ou até eventualmente de tentativas já feitas para se reinserirem.

Quanto à representação das dificuldades que o sujeito pensa encontrar aquando de um eventual regresso partimos da ideia que elas são tanto menores quanto mais perto estiver previsto o regresso.

As migrações internacionais da força do trabalho põem em acção um sub-sistema económico que funciona com dois pólos ( Cordeiro, Giffond, 1979). Esta bipolarização dá um sentido ao discurso sobre o regresso. Quisemos também saber as representações que os nossos informadores têm desses dois pólos na sua relação com as perspectivas migratórias de futuro.

Veremos neste sentido até que ponto quanto mais as perspectivas de regresso se localizem proximamente, mais elas se associam a constelações de representações positivas do país de origem e negativas do país de acolhimento.

Colocando as hipóteses de trabalho mencionadas não queremos pôr em dúvida de que " as diferentes partes do espaço de vida são um campo interdependente " (Lewin, 1959, p. 182). Concordamos com Lewin de que a estrutura do passado psicológico afecta a estrutura do futuro psicológico. Não colocamos entre parêntesis uma perspectiva diacrónica que faz intervir a história pessoal, pois o vivido actual do migrante é o resultado de uma história. Mediante uma referência constante ao passado que engloba diferentes canais (Raveau, 1976) organiza-se o processo migratório vivido no presente. Mas é sobretudo a partir de " hic et nunc " que tentaremos pôr em evidência alguns factores psicossociais associados às perspectivas migratórias de futuro. Tal não implica que não estejamos conscientes de que nunca estamos em presença do " hic et nunc " absolutos. Se a migração é vivida no seu quotidiano ao nível de situações e de representações, ela inscreve-se na temporalidade. Só tem sentido e só se compreende inscrita numa realidade histórica. Esta opção é em parte determinada pelo campo do saber em que nos colocamos se não de maneira exclusiva, pelos menos de modo preponderante - a psicologia social. Ouvimos aqui o eco das palavras de Moscovici: " O psicossociólogo encontra sempre factores actuais cujo peso é determinante. Só eles não são suficientes para fazer compreender os fenómenos, se se separam de toda uma genealogia histórica cujo encaixe acaba por criar organizações com ressonância assegurada, e por isso mesmo, mais que não fosse no plano simbólico, actual " (1961, p. 192).

#### 4.2/ Conceitos de base

As hipóteses de trabalho expostas giram à volta de dois conceitos nucleares: adaptação e a representação. Sobre o conceito de representação não nos atardaremos aqui, pois será abordado na segunda parte deste trabalho. Digamos tão somente que nesta primeira parte do trabalho só uma das componentes da representação-produto do conceito psicosociológico de representação segundo o quadro teórico que então delinearemos, é tida em conta: a atitude. Trata-se aqui da orientação atitudinal em relação ao regresso e em relação aos dois pólos que a migração põe em ligação: a sociedade de origem e a sociedade de destino.

A vida humana é um constante processo de socialização. O homem alarga o seu espaço vital passando de um grupo ao outro, deslocando-se constantemente, muitas vezes sem estar consciente disso. A migração é uma das passagens entre duas culturas que supõe uma certa adaptação à nova situação. "Todo o imigrado tem no seu discurso elementos da cultura do país de que vem, e da do país onde vive. É esta dupla polaridade que constitui o seu fundo cultural e social presente" (Bennani, 1980, p. 12). Começaremos pois por definir muito rapidamente o conceito de cultura para passarmos depois ao de adaptação.

Um estudo exaustivo desses conceitos levar-nos-ia a ultrapassar as necessidades desta investigação e por isso contentar-nos-emos em anotar alguns aspectos importantes para situar o trabalho.

##### 4.2.1/ Cultura

No seu sentido original, a palavra cultura designa o trabalho da terra, o conjunto de cuidados destinados a torná-la fértil e o resultado deste trabalho sobre um terreno. Kaës (1968) observa que a imagem agrícola e as suas equivalentes são o núcleo imagético mais frequente da maior parte das definições figuradas da cultura.

O conceito de cultura que hoje faz parte da linguagem corrente das ciências do homem foi examinado por numerosos antropólogos, sociólogos e psicólogos, mas nenhum chegou a dar a este termo uma definição satisfatória (Beneton, 1975).

A paternidade da noção científica de cultura é geralmente atribuída a Tylor que define em 1871 a cultura como: "este conjunto complexo que engloba o conhecimento, a crença, a arte, a moral, o direito, os costumes e todas as outras possibilidades e práticas adquiridas por um homem como membro de uma sociedade (p.1). Depois de Tylor, muitas definições da cultura foram propostas. Kroeber e Kluckhohn (1963) reuniram 164 definições, classificaram-nas e comentaram-nas. Todavia nem todas essas definições são tão satisfatórias como a de Tylor e por isso essa definição inspirou vários autores. Inspirou, por exemplo Rocher que define a cultura como sendo "um conjunto ligado de maneiras de pensar, de sentir e de agir mais ou menos formalizadas que, sendo apreendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, servem, de modo quer objectivo quer simbólico, para constituir estas

peçoas numa colectividade particular e distinta " (1968, p. 111).

Esta definição deixa transparecer as funções psicosociais da cultura. Sociologicamente a função essencial da cultura é de reunir uma pluralidade de peçoas numa colectividade específica. " A cultura aparece pois como o universo mental, moral e simbólico, comum a uma pluralidade de peçoas, graças ao qual e através do qual estas peçoas podem comunicar entre elas, reconhecem laços, vínculos, interesses comuns, divergências e oposições, sentem-se enfim, cada uma individualmente e todas colectivamente, membros de uma mesma entidade que os ultrapassa e que se chama um grupo, uma associação, uma colectividade, uma sociedade " (Rocher, 1968, p. 117).

A cultura preenche ao mesmo tempo uma função de moldagem das personalidades individuais. Uma modificação de meio cultural engendra emoções que atrasam a adaptação desta peçoas a novas condições culturais, mesmo quando está perfeitamente familiarizada com a nova língua. A moldagem é todavia bastante flexível para permitir adaptações individuais. A peçoas embebe-se da cultura idiossincrasicamente, reconstrói-a à sua maneira dentro de certos limites.

A dupla função da cultura, psicológica e sociológica, só se compreende e explica no contexto de uma outra função mais geral e fundamental: " a que permite e favorece a adaptação do homem e da sociedade ao seu meio e ao conjunto das realidades com que devem viver " (Rocher, 1968, p. 119).

A adaptação a uma outra cultura é por vezes precedida por um período de confusão psicológica, designado como sendo um choque cultural. Este choque resulta da insatisfação de certas necessidades fisiológicas e psicológicas que se traduz pela ansiedade e pela perda da eficiência em agir (Draguns, 1977). Se esta insatisfação persiste, a peçoas pode perder a aptidão para participar na vida social.

O choque cultural aumenta a susceptibilidade do sujeito: um gesto amigável pode ser considerado como uma ameaça, uma questão sensível pode provocar silêncio ou riso. Linton insiste na insegurança ligada à falta de previsibilidade do comportamento de outrem e na necessidade para o estrangeiro de descobrir novos comportamentos para obter o resultado desejado: "nas condições de aculturação um indivíduo pode sem dúvida aprender a agir e até a pensar em função da nova cultura, mas o que não pode aprender, é a sentir segundo ela. Cada vez que tem uma decisão a tomar, reencontra-se sem directriz, sem sistema de referência fixo " (1967, p. 128).

É evidente que a amplitude do choque cultural depende por um lado do rigor da educação familiar e do rigor do código moral da etnia, e, por outro lado, da sensibilidade emocional do sujeito. Este choque pode ser enormemente atenuado por uma preparação adequada antes da emigração às condições de vida que encontrará durante a sua estadia no novo país.

A intensificação desse choque depende também da importância da separação existente entre as duas culturas. Há um certo consenso entre os autores em considerar que as diferenças culturais dos Portugueses não são tão grandes como de outros grupos migrantes em França (Norte-Africanos) o que pode facilitar a sua adaptação. " Quanto maior é a diferença cultural entre o país fornecedor e o país de acolhimento, mais dificuldades de adaptação sente o migrante. É assim que o choque é menor para os Espanhóis, os Portugueses e até para os Gregos que para os Africanos por exemplo " (Mincos, 1973, p. 298). A língua é diferente, mas as referências culturais são em grande parte comuns com os Franceses sobretudo se são mediterrânicos (Beauchesne, Espocito, 1981, pp. 42-51). A migração portuguesa em França pode ser inserida no que George chama de " vizinhança cultural " (1977, pp. 18-19).

De notar que para a maioria dos migrantes portugueses há não só mudança de sociedade nacional, como mudança de subculturas (1), pois sendo originários de uma subcultura rural, campesina, no estrangeiro passam para uma subcultura urbana, operária. " Definir uma subcultura operária, é definir o sistema expressivo dos operários em relação ao conjunto cultural e social. Língua, sentimentos, valores de referência para a acção e o julgamento, ideologias, atitudes, representações, obras, vestuário, técnicas... são elementos deste sistema subcultural constituídos e aprendidos pelos seus membros ao mesmo tempo que, e em relação com os elementos da cultura do conjunto social, e eventualmente da subcultura de outros grupos (grupos de referência por exemplo) " (Kaës, 1968, p. 52).

Estamos de acordo com a análise de Sayad (1980) segundo a qual a cultura imigrada está, quer descontextualizada quer dominada.

- Descontextualizada, pois estando fora do seu meio natural, da sua área de realização, uma cultura deixa de ser coerência, harmonia, integração. Os migrantes podem no máximo assumir alguns comportamentos (alimentares, indumentários, religiosos) que, saídos do seu contexto, perdem uma grande parte da sua significação se não se tornam, para os outros, estigmas da sua inadaptação.

- Dominada na medida em que a cultura imigrada é a cultura de uma classe desfavorecida e assimilada a esta. Não existem entre as duas culturas relações igualitárias, mas relações de poder.

(1) Gorden define a subcultura como " a cultura de um grupo menor que a sociedade nacional " (1964, p. 34). Chombart de Lauwe nota por seu lado que " a palavra subcultura não implica evidentemente nenhuma ideia de hierarquia de qualquer um dos grupos " (1970, pp. 19-20).



#### 4.2.2/ Adaptação

Os estudos migratórios europeus e os franceses em particular estão actualmente muito orientados para o exame dos problemas de adaptação dos trabalhadores migrantes(1). Mas que entender por adaptação? Podem-se citar diversos termos que gravitam à volta desta "nebulosa conceitual": acomodação, integração, aculturação, absorção, inserção, contacto de duas culturas ou outros acerca dos quais a literatura é prolífera. As definições destes termos variam segundo os autores que as utilizam e por vezes são tautológicas. "Mas, se a confusão entre as palavras é, por parte dos que a fazem, a maior parte das vezes inocente, não é, para além do teórico, sem alcance prático, e mesmo político "(Ined, 1977, p. 5).

As reacções que este conceito suscita incitam-nos a reflectir sobre a sua origem epistemológica antes de expormos algumas concepções psicosociais da adaptação e a definição adoptada neste trabalho.

O conceito de adaptação nasceu no século XIX, ocupando um lugar de destaque nas teorias evolucionistas. Segundo Lamarck o ser vivo adapta-se ao mundo externo e por isso sofre transformações que se podem transmitir hereditariamente. Para Darwin a luta pela vida opera uma selecção natural que leva à sobrevivência dos mais aptos, isto é, dos melhor adaptados.

A fisiologia moderna também realça os processos adaptativos. Segundo o princípio de homeostasia o organismo tende a manter constante o nível de tensões do seu meio interno (Cannon, 1946). Segundo a teoria do Síndrome Geral de Adaptação (Selye, 1962) a adaptação consiste nas reacções do organismo às agressões fisiológicas que sofre um organismo submetido ao "stress" e tem uma reacção de alarme, passando por uma fase de resistência, e, se a agressão se prolonga, chega-se mesmo a um estágio de esgotamento.

Mesmo em biologia, em cujo campo epistemológico se gera a noção de adaptação, é difícil dar actualmente uma definição rigorosa de adaptação. Em biologia pode entender-se por adaptação "todo o carácter anatómico ou fisiológico que ajusta o organismo às condições do meio em que vive ou ajusta as partes do organismo umas às outras, e também, o processo que conduz a estes resultados "(Marx, 1967, p. 19).

Lewontin (1979) interroga-se porque é que os biólogos não abandonam esta noção se ela reencontra tantos obstáculos e se há outros modos de explicar a mudança evolutiva. O autor avança duas razões porque este conceito se mantém em biologia. A primeira, é que mesmo se a adaptação universal seja difícil de provar mau grados simplificações excessivas e explicações engenhosas, existem certos casos

---

(1) Por exemplo, o Comité Intergovernamental para as migrações europeias consagrou três semanas à adaptação e à integração dos migrantes (respectivamente em 1974, 1975 e 1976).

particulares em que se pode demonstrar a validade. Por outro lado, se se abandonasse completamente a noção de adaptação contentando-nos em observar as mudanças que se desenrolam durante a história dos seres vivos e explicando os seus mecanismos em termos de sucessos reprodutivos diferenciais, sem nenhuma explicação funcional, isso equivaleria a "deitar fora o bebé com a água do banho".

Se a noção de adaptação suscita insatisfação entre os biólogos, o problema complica-se muito mais quando se passa aos aspectos psicológicos e sociais da adaptação humana, pois esta não se reduz só à conservação da vida. A um nível psicosocial a adaptação a uma situação, ao meio interhumano supõe sistemas de referência (Badin, 1977). Não é pois de admirar que esta noção suscite também a insatisfação nos investigadores em ciências humanas de tal modo que certos autores preferem afastá-la assinalando que a sua função não tem como objectivo o conformismo e o ajustamento sistemático da pessoa a estruturas e normas sociais muitas vezes contestadas. Todavia o termo é profusamente utilizado, até que apareça outro mais satisfatório. Stoetzel e Girard utilizam-no: "o problema consiste para o imigrante em adaptar-se a novas circunstâncias e a noção de adaptação parece dar melhor conta do processo psicológico que aí se desenvolve que o de assimilação... Estar adaptado, é viver sem hiato permanente com o meio, não é assemelhar-se-lhe em todos os pontos" (Stoetzel, Girard, 1953, p. 75). Para Goldlust e Richmond (1974) o termo de adaptação tem a vantagem de não envolver julgamentos de valor a priori sobre os resultados desejáveis nem exprimir as mesmas harmonias ideológicas que têm sido associadas à noção de assimilação. Também o CREDA, em cujo centro de investigação se insere o nosso trabalho, guarda este conceito para "estudar o conjunto dos fenómenos reaccionais à mudança que engendra a deslocação" (Raveau, Galap, Lecoutre, Lirus, 1976 b, p. 9).

Vejamos algumas concepções teóricas da adaptação nas ciências humanas sem termos a preocupação de sermos exaustivos.

Nas ciências humanas o termo adaptação pode tomar um duplo sentido. Laffon (1973) distingue a adaptação "acção" e a adaptação "resultado da acção". Para o nosso propósito parece ser mais pertinente reter o primeiro sentido, pois a adaptação não é nunca definitiva, mas é incessantemente posta em causa por modificações do meio e do indivíduo. Referindo-se ao sistema biológico Meyer precisa a este propósito que "se toda a adaptação consiste, quer em manter um estado de equilíbrio (adaptação-estado), quer em definir um novo estado de equilíbrio (adaptação-processo), é necessário conceber aqui o equilíbrio, não de modo estático, mas de modo dinâmico" (1967, p. 12). Não há pois equilíbrios - estados, mas equilíbrios - processos.

Todo o processo adaptativo pressupõe, primordialmente, reciprocidade entre o organismo e o meio, podendo realizar-se por mudanças que o indivíduo efectua no seu meio, isto é, adaptação aloplástica, ou por mudanças efectuadas em si próprio, adaptação autoplástica. Todavia as interações que favorecem o funcionamento de um organismo ou de uma personalidade são processos bilaterais, mas desequilibrados segundo a concepção de Nuttin: " o meio físico (ou social) ao qual é necessário adaptar-se apresenta-se como um conjunto de condições a que o organismo - que se adapta - não pode praticamente nada mudar: deve antes de tudo submeter-se e conformar-se. O organismo vivo, é mais flexível ( o que constitui a força do fraco); pode dobrar-se às exigências do meio. Perante a flexibilidade e a plasticidade do ser vivo encontra-se pois a rigidez do meio sobre o qual o organismo não tem influência directa " (1967, p. 129).

Ainda segundo a mesma concepção teórica, Nuttin examinando o género de adaptação que o homem procura atingir num grande número das suas condutas, constata que o fim procurado é, a maior parte do tempo, o de " transformar as situações e as coisas de tal modo que elas se aproximem cada vez mais da concepção que se faz " (1967, p. 132). Por outras palavras, o homem procura pelas suas condutas adaptativas, reduzir a distância que separa a realidade percebida no seu estado actual das suas aspirações pessoais. Esta situação está ligada à ruptura de equilíbrio, não concebida como resultante de um déficit, como o postula a teoria homeostática, mas como emanando da possibilidade oferecida de ultrapassar potencialidades actuais. A actividade construtora é estabelecida em função dos projectos elaborados. Mas o dinamismo fundamental que leva o homem a agir realizando-se no mundo leva-o a ir além dos fins atingidos formando sempre novos projectos. Deste ponto de vista a adaptação pode conceber-se como a resultante desta atitude e não como o fim procurado em si mesmo, na medida em que os dados do meio são progressivamente integrados. Dentro deste quadro teórico tem pois sentido a hipótese formulada mais acima de que a perspectiva de regresso ao país de origem, acompanhada-se de constelações de variáveis indicativas deste comportamento, ao nível da situação dos migrantes no processo adaptativo.

Para Laffon (1973), a adaptação de uma pessoa a uma situação concreta corresponde ao resultado do confronto entre duas forças pulsionais, uma indo do sujeito para o meio exterior, a outra do meio exterior para o sujeito. Três tipos de adaptação são possíveis:

- Adaptação por assimilação do meio - a pulsão é suficientemente forte para vencer as resistências exteriores, o sujeito conseguindo mesmo assim satisfazer o seu desejo.

- Adaptação por acomodação - o sujeito renuncia ao desejo, transforma-se e deixa de pensar no objecto desejado. A maior parte das vezes o mecanismo de adaptação é misto e participa da assimilação e da acomodação.

- Adaptação por deslocamento ou substituição - trata-se na realidade de uma falsa adaptação.

Reencontramos na concepção de Laffon termos da teoria piagetiana e psicanalítica.

As noções de acomodação e de assimilação fazem referência às teorias de Piaget para quem a adaptação se define como um equilíbrio entre estes dois processos, e do ponto de vista psicológico, ela faz apelo a todos os modos de funcionamento ou " trocas funcionais " de que dispõe o ser humano: " todo o desenvolvimento da actividade mental, da percepção e do hábito à representação e à memória, bem como às operações superiores do raciocínio e do pensamento formal, é assim função desta distância gradualmente aumentada das trocas, por consequência do equilíbrio entre uma assimilação de realidades cada vez mais afastadas da própria acção e uma acomodação desta àquela "(Piaget, 1949, p. 15).

Na óptica psicanalítica desenvolvida por Hartmann (1968) as defesas do ego exercem não só um controle das pulsões como permitem simultaneamente uma adaptação ao mundo exterior. Partindo da existência de uma esfera do ego livre de conflitos - no sentido que estes últimos não constituem a raiz única da formação do ego - o autor interrogou-se sobre a natureza dos processos de adaptação e a sua interferência com outros mecanismos considerados como a causa de perturbações da evolução.

Na ocorrência concebe-se que quando o meio obriga a uma ruptura demasiado forte, quebrando por exemplo o sentimento de identidade, o indivíduo pode ser tentado a adaptar-se por submissão ou por excesso de conformismo. Se o novo meio se apresenta como a norma social a seguir e se o ego, por qualquer razão, se encontra fragilizado, o sentimento da coesão do ego não poderá estabelecer-se correctamente o que não permitirá uma adaptação social verdadeira.

A norma social do meio de origem e o modo como é investida pelo ego condiciona a adaptação presente. Os processos de adaptação são directamente influenciados pelos modelos e pelas tradições. Hartmann sublinha que: " o homem não vive somente na sua geração, mas igualmente nas gerações passadas. De tal resulta uma rede de identificações e de formações de ideais que é muito significativa para as possibilidades e meios de adaptação " (1968, p. 24).

Nesta perspectiva o ego torna possível ao organismo de se submeter ao princípio de realidade e de não obedecer só ao princípio de prazer. Ora nas condutas ditadas pela escolha inconsciente dos mecanismos defensivos, pode-se aperceber que por vezes, o princípio de realidade pode constituir uma continuação do princípio de prazer noutras bases. Por exemplo, Hartmann pode, descrevendo a atitude que consiste em se voltar para o mundo exterior a fim de se proteger dos fantasmas angustiantes, dizer que estava ainda sob o signo do princípio de prazer: um prazer imediato pode ser abandonado, mas é em proveito de um outro, mais

longínquo, mas com contornos melhor definidos. A sublimação, por exemplo, parece ilustrar perfeitamente esta análise de uma atitude que ajuda ao fim de contas a adaptação ao mundo exterior.

As concepções expostas situam-se em teorias psicológicas que põem o acento sobretudo no indivíduo. Walliser (1977) dá uma definição mais global da adaptação. Para a perspectiva sistémica, um sistema finalizado, é dito adaptativo se pode adoptar um comportamento favorável às suas finalidades, tendo em conta o meio. Este autor define três modos de reacções possíveis face a um dado meio:

- a fuga, isto é o abandono do meio para um meio mais favorável;
- a luta, isto é a acção sobre este meio de maneira a modificar as entradas que sofre num sentido favorável;
- a adaptação, isto é o uso de variáveis controladas pelo sistema para modificar num sentido favorável os efeitos das entradas sofridas quer atenuando a sua intensidade quer compensando os seus efeitos.

Tomando diversos exemplos, Walliser demonstra que esta definição aplica-se quer a sistemas biológicos como a sistemas psicológicos ou sociais.

Numerosos estudos em psicologia social descrevem os mecanismos pelos quais um indivíduo se torna apto a pertencer a um grupo. O indivíduo para ser aceite num grupo deve partilhar até um certo ponto as opiniões e as atitudes do grupo. Três tipos de teorias respondem parcial e complementarmente à questão de se saberem quais as condições para se ser aceite: a teoria de Adorno sobre a personalidade autoritária, a teoria da dissonância cognitiva e a teoria dos grupos de referência.

Segundo os trabalhos de Adorno e de seus colaboradores sobre a Personalidade Autoritária (1950) certas atitudes estão particularmente enraizadas na estrutura da nossa personalidade. Assim, os estereótipos raciais, como o antisemitismo, aparecem em geral como elementos de um sistema de atitudes complexas: o antisemitismo está a maior parte das vezes associado a um moralismo sexual, a uma visão pessimista da história, a um maniqueísmo generalizado, a uma submissão aos princípios de autoridade, às convenções, etc. Estas atitudes modificam-se dificilmente na medida em que pertencem a um sistema geral de atitudes, de certo modo fazendo parte da personalidade. A adaptação tem poucas probabilidades de se realizar se exige o abandono de uma ou de outra destas atitudes ancoradas na personalidade. Neste caso, o indivíduo procura subtrair-se à adaptação criando um meio que lhe seja mais familiar no novo ambiente.

A teoria da dissonância cognitiva de Festinger (1957) diz respeito a opiniões e atitudes menos profundamente enraizadas na personalidade que as anteriores. O seu objectivo é analisar o processo de mudança de opinião no sujeito incitado a adoptar, pela pressão da realidade social ou da realidade objectiva, julgamentos que se encontram em contradição com os que aceitou até aí. As experiências cons-

truídas no quadro desta teoria mostram que, nessas circunstâncias, o sujeito tem tendência a modificar as suas opiniões, atitudes e julgamentos, de modo a obter com o menor custo psicológico um conjunto de julgamentos coerentes. Assim para se adaptar a um novo meio, uma pessoa procura racionalizar os seus sentimentos e modificar as suas opiniões e atitudes de modo a ferir o menos possível a sua sensibilidade psicológica.

Uma terceira teoria associada sobretudo aos nomes de Hyman, Newcomb e de Merton, mostra que as opiniões e atitudes dependem de diferentes grupos que constituem o campo social de um indivíduo. Uns são os grupos de pertença, grupos aos quais o sujeito pertence realmente. Outros são os grupos de referência, isto é, segundo Sherif (1948) os grupos aos quais o indivíduo se liga pessoalmente como membro actual ou aos quais aspira ligar-se psicologicamente; ou, por outros termos, aos quais se identifica ou deseja identificar-se.

O termo grupo de referência foi utilizado pela primeira vez pelo psicólogo social americano Hyman em 1942, no seguimento de observações sobre o estatuto sócio-económico. Tinha efectivamente notado que certos indivíduos apresentavam traços de comportamento ou declaravam possuir um estatuto que não correspondia ao seu nível cultural ou económico real. Importava pois distinguir um estatuto objectivo e um estatuto subjectivo. Por outras palavras, o grupo de pertença não era necessariamente o grupo de referência, o qual aparece como o sub-conjunto social a que o indivíduo pede emprestadas as suas normas ou as suas atitudes para avaliar e modelar o seu próprio comportamento. A teoria dos grupos de referência permite assim precisar o grupo ou os grupos que a um dado momento são mais pertinentes para o sujeito. Hyman encontra, por exemplo, que os grandes grupos de pertença, tais como o conjunto dos homens ou uma nação, na situação normal da vida quotidiana são muito raramente tomados como quadros determinantes do comportamento de um indivíduo. São antes grupos mais restritos de pertença que são tomados como quadros de referência.

Trabalhos ulteriores confirmaram o bom fundamento da distinção entre grupos de pertença e grupos de referência. Newcomb (1970), observando a evolução das atitudes políticas de um grupo de estudantes, mostrou que estas raparigas, originárias de um meio geralmente conservador, tendiam a evoluir para opiniões mais liberais durante a sua escolaridade, e tanto mais quanto tinham numerosos vínculos com as camaradas no interior do colégio. Neste caso, o grupo de referência constituído pelas camaradas de estudo tinha vindo substituir-se ao grupo familiar para determinar as atitudes políticas. Newcomb faz a distinção entre grupos de referência positivos (aqueles de que queremos tornarmo-nos membros) e os negativos (aqueles de que queremos distanciarmo-nos).

Merton (1964) mostra que a adaptação de um sujeito a um grupo depende da estrutura do campo social constituído pelo conjunto dos grupos de referência e de

pertença.

Os grupos de referência têm duas funções essenciais, uma função normativa e uma função comparativa. A função normativa consiste em estabelecer e aplicar critérios para a pessoa. Segundo Kelley (1952) um grupo assume esta função sempre que a sua situação lhe permita outorgar recompensas ou punições para a conformidade ou a não conformidade. Um grupo funciona como grupo de referência normativo em relação a uma pessoa, na medida em que as avaliações desta se baseiam no grau de conformidade com certos padrões de comportamento ou de atitudes.

A função comparativa designa a função segundo a qual um grupo de referência serve a uma pessoa para se avaliar a ela própria e aos outros. Para Kelley, um grupo funciona como grupo de referência comparativo para um indivíduo na medida em que o comportamento, as atitudes, as circunstâncias ou outras características próprias aos seus membros constituem normas ou pontos de comparação segundo os quais este indivíduo formula julgamentos ou avaliações. O autor acrescenta que estas funções normativa e comparativa são preenchidas pelos grupos de pertença bem como pelos grupos de não pertença nos quais se deseja ser integrado.

Um conceito da teoria dos grupos de referência que nos é útil é o da socialização antecipatória. O seu princípio relembra a diferenciação do espaço vital de Lewin. Na vida, o indivíduo desloca-se continuamente através de uma sequência de estatutos e de papéis que lhe são apropriados. Estas deslocções são sempre acompanhadas de uma incerteza no princípio quando ao papel está ligado a um novo estatuto. Esta incerteza e o desequilíbrio eventual não duram geralmente muito tempo - o período de adaptação é bastante breve. Isto deve-se ao facto de que todas as fases sucessivas da socialização não diferem muito entre elas, pois seguem-se próximas no tempo e no espaço. Cada fase prepara de certo modo a que lhe sucede. Merton (1964) chama a socialização antecipatória ao processo de aquisição dos valores e a orientação para os novos grupos e os novos estatutos. Concretamente, isto quer dizer que a socialização antecipatória trava toda a tendência a volver a um ou vários estatutos anteriores e rectifica constantemente a conduta. A adaptação é facilitada quando a pessoa foi preparada para encontrar novas condições de vida antecipando as condições de vida que vai encontrar ou quando já viveu uma experiência semelhante.

Os grupos de referência situam-se na articulação das explicações psicológicas e sociológicas. Trata-se de um conceito tipicamente psicossocial na medida em que é "mediador entre as normas culturais e as motivações e opções pessoais" (Maisonneuve, 1975, p. 154). Para Maisonneuve trata-se de um conceito indispensável em psicossociologia que "permite ligar as situações colectivas onde o indivíduo está sem cessar imerso (no seio de tal grupo, perto de tal colega) e os processos psicológicos que conferem o seu sentido vivido a estas situações em função de uma dinâmica pessoal" (1975, p. 155).

Eisenstadt (1954) analisa as situações em que um indivíduo é levado a ori-

entar-se para grupos de referência para além daqueles que lhe servem habitualmente de quadro. Segundo o autor estas situações são caracterizadas pela:

- ignorância da conduta apropriada à situação;
- falta de compreensão da situação;
- ansiedade e a incerteza quanto ao estabelecimento de relações com outras pessoas.

A situação em que se encontram a maior parte dos migrantes pode ser descrita exactamente do mesmo modo. Para abordar a adaptação convém pois analisar os principais grupos de referência e de pertença que podem por vezes entrar em oposição.

Tendo delineado algumas concepções teóricas da adaptação suficientes para mostrar-nos a complexidade bem como a multidimensionalidade deste conceito, adoptaremos neste trabalho a definição de adaptação como designando " o conjunto das modificações que se operam nas atitudes, comportamentos, sistemas de representação saídos da sociedade de origem do imigrante, e por meio das quais o imigrante se esforça, na sociedade de acolhimento, de reconstruir a sua existência pessoal e social de modo satisfatório " (Ined, 1977, p. 6). Esta definição suscita ao seu autor duas observações.

As modificações verificadas no migrante não se explicam de modo unívoco pela sua vontade ou as suas capacidades de adaptação, mas são também função dos sistemas de atitudes e de comportamentos pelo qual a sociedade de acolhimento responde às tentativas de adaptação do migrante. Ou por outras palavras, como nota Boudon (Encyclopaedia Universalis, tome I, p.228), à adaptação, processo próprio ao migrante, corresponde uma integração (ou uma recusa de integração), de que é responsável a sociedade de acolhimento. A adaptação descreve os mecanismos pelos quais um indivíduo se torna apto a pertencer a um grupo, enquanto que a integração a aqueles pelos quais o grupo admite um novo membro. Adaptação e integração são pois nesta perspectiva os elementos de um mesmo sistema de interacções. "A adaptação torna-se então o estudo de um diálogo, de uma interacção permanente " (Raveau, Galap, Lecoutre, Lirus, 1976 b, p. 9).

A noção de " condições satisfatórias de existência " é em certa medida subjectiva. Esta subjectividade não pode ser totalmente eliminada, uma vez que esta noção se refere ao julgamento feito pelo migrante da satisfação ou insatisfação que extrai do seu modo de vida na sociedade de acolhimento.

Esta noção requer no entanto uma precisão operacional com o fito de efectuar a investigação empírica. Fál-lo-emos delineando uma base conceitual multidimensional da adaptação.



A adaptação e a nebulosa de conceitos que gravitam à sua volta são conceitos multidimensionais. Por exemplo, Gordon (1964) distingue assimilação comportamental e estrutural; Richardson (1967) no processo de assimilação distingue a satisfação, a identificação e a aculturação; Hirata (1971) diferenciou os níveis de integração cultural, social e psicológico, o mesmo fazendo Maykovich (1976). Desenvolveremos mais em particular o modelo multivariado de Goldlust e de Richmond (1974) de que faremos uma adaptação para o nosso trabalho. " Independentemente da metodologia de investigação adoptada, uma perspectiva multivariada para a análise dos dados relacionados com a adaptação do imigrante é necessária... Isso é simplesmente o reconhecimento de que o comportamento humano é o resultado complexo de muitos determinantes diferentes. Só alguns deles podem ser adequadamente observados e medidos " (Goldlust, Richmond, 1974, p. 194). Efectivamente numa situação real toda a análise psicosocial é multivariada, cada dado dependendo de múltiplas variáveis difíceis de isolar. Fazemos nossas as palavras de Clapier-Valladon (1980, p. 772) : " a análise multivariada de um corpus de inquérito parece-nos ser uma estratégia fundamental de investigação em psicologia social, ponto de partida de uma possível teorização ".

O modelo de adaptação do migrante de Goldlust e de Richmond na sua forma mais simples está representado na figura 1.

Figura 1- Modelo simplificado da adaptação do migrante  
(Goldlust e Richmond, 1974).



Presume-se que a população migrante é heterogénea e influenciada por uma variedade de características e condições pré-migratórias. A sociedade de acolhimento é reconhecida como sendo heterogénea e sofrendo mudança. Tal fornece uma variedade de determinantes situacionais que afectarão os tipos de mútua adaptação que se realiza entre os migrantes e os autóctones. Desta interacção, emergirão novos padrões sociais determinados por complexas forças tecnológicas, demográficas, económicas, culturais e sociais.

Entre os efeitos dos factores pré-migratórios, por um lado, e os determinantes situacionais, por outro lado, encontram-se, segundo os autores, os as-

pectos " objectivos " ou externos da adaptação e os " subjectivos " que dizem respeito aos aspectos sócio-psicológicos.

A migração não pode ser estudada sozinha, mas reenvia-nos para a partida, para o passado. " Sejam quais sejam as significações da partida, o migrante está no estrangeiro sempre um pouco partilhado entre a angústia pascalina do homem ' extraviado ~~nesta~~ pequeno Cantão do Universo ', e a euforia das descobertas, simultaneamente tentado por ir para o outro e por se voltar para si mesmo " (Clapier-Valladon, 1980, p. 760). Há uma variedade de diferentes características e condições pré-migratórias que influenciam a adaptação ulterior dos migrantes. Uma das mais importantes numa sociedade industrial avançada é a educação e a formação técnica. Normalmente, é completada antes da migração, mas em alguns casos, tais como as crianças que acompanham os pais, será adquirida depois da migração. Noutros casos, aos migrantes adultos pode ser pedido para seguirem alguns cursos e para ganharem experiência antes das qualificações serem reconhecidas e de lhes ser permitido continuar nos trabalhos para que tinham sido formados antes da migração. Relacionada com a educação está a urbanização anterior da população migrante. Tradicionalmente os migrantes vêm de zonas rurais para zonas urbanas. Consequentemente para se adaptarem à vida do novo país têm de se ajustar à experiência da vida urbana. Os factores demográficos são, também, determinantes importantes da experiência migratória. Esta variará segundo o sexo, a idade, a idade à chegada, o estado civil, o tamanho da família, etc. Um outro factor que influenciará os ulteriores modos de adaptação é a motivação para a migração. Tais motivos podem ser muito variados. Embora o desejo de melhorar o nível de vida seja muitas vezes a principal motivação ( e a possibilidade de obter emprego e ser economicamente autosuficiente uma condição necessária para a maior parte dos migrantes), outras motivações também prevalecem. As motivações políticas não se limitam aos que emigram formalmente como refugiados. Por exemplo, no tempo da guerra colonial, centenas e centenas de jovens portugueses decidiram emigrar para manifestar a sua oposição a esse empreendimento bélico. Ora dentre estes, poucos tinham o estatuto de refugiados. O desejo de se juntar a parentes e amigos também pode estar presente.

Há muitas condições na sociedade de acolhimento que influenciam a natureza da sua interacção com a população migrante. Alguns dos factores em questão são a composição demográfica da sociedade de acolhimento, o grau de urbanização, o estágio de desenvolvimento industrial e post-industrial, a organização política, o grau de monismo ou de pluralismo cultural e a natureza da estratificação social.

O estudo de uma população migrante impõe que se tome em conta a variável tempo de estadia no solo estrangeiro cuja incidência nos comportamentos é indiscutível. Quando mediante um inquérito, o investigador quer apreender o vivido de um migrante, verifica-se que é, por vezes, em grande parte função do tempo de estadia na sociedade de acolhimento. O tempo de estadia interage com as características pré-migratórias e com os determinantes situacionais para

modificar os modos objectivos e subjectivos da adaptação. Inútil será dizer que os aspectos objectivos e subjectivos não são necessariamente independentes uns dos outros, nem são completamente determinados pelos mesmos factores.

Sobre os aspectos objectivos, qualquer análise da adaptação do migrante tem de ter em conta a sua experiência económica, incluindo os trabalhos que efectuam, a ulterior mobilidade profissional e social, bem como os ganhos e despesas. A esfera cultural inclui o estabelecimento de canais de comunicação com a sociedade de acolhimento mediante a aprendizagem da língua, juntamente com o intercâmbio de artefactos e símbolos culturais entre migrantes e a sociedade de destino. Estes podem ir desde trocas nos hábitos alimentares até atingirem mudanças mais radicais nas crenças religiosas ou morais e nas práticas. Os aspectos sociais incluem a integração do migrante nas redes das relações primárias com amigos e parentes, bem como com pessoas da população da nova sociedade. Envolve também o nível secundário da participação social nas organizações formais de vários tipos. Os aspectos políticos incluem a participação em eleições e em grupos de pressão representando os interesses dos migrantes e das minorias étnicas.

Quanto aos aspectos subjectivos da adaptação Goldlust e Richmond mencionam três dimensões: a identificação, a internalização (1) e a satisfação.

Os dois inquéritos que exporemos sobre o vivido migratório em França abordam sobretudo os aspectos subjectivos da adaptação. Aquando da exposição do quadro metodológico nos respectivos estudos precisaremos quais os sintomas de adaptação retidos. A centração sobretudo nos aspectos subjectivos não deve ser tanto entendida como o julgamento a priori de que são eles os aspectos mais determinantes da adaptação, como ao facto de nos situarmos sobretudo ao nível da psicologia social e de serem esses os aspectos menos abordados na literatura.

---

(1) A internalização para Goldlust e Richmond refere-se ao processo de mudança de atitudes e de valores do migrante, uma componente do processo de socialização. Os autores não operacionalizaram essa dimensão, pois segundo eles, as crenças e valores que o emigrante pode internalizar no processo de socialização e de aculturação requereria um projecto de investigação próprio.

Esta interrogarmo-nos sobre se a definição adoptada permite desembarçarmo-nos do etnocentrismo cultural, tanto mais que a noção de adaptação abrange realidades diferentes nas classes sociais desfavorecidas e nas privilegiadas. A este propósito estabeleceremos o paralelismo entre o conceito de adaptação e o de normalidade como o fizeram Bettachart e Bolognini (1981) mediante a síntese efectuada por Offer e Sabshin que distinguem quatro abordagens distintas da normalidade:

a) A normalidade como saúde.

Esta perspectiva refere-se à abordagem médica tradicional que define o "normal" pela ausência de patologia. Trata-se de uma definição que leva a investigação a examinar os aspectos negativos (inadaptação, disfuncionamento, doença).

b) A normalidade como utopia.

Esta definição é melhor ilustrada pela psicanálise que assimila o funcionamento normal de uma pessoa a um funcionamento optimal, de modo implícito ou explícito.

c) A normalidade como média.

Esta abordagem está baseada numa concepção matemática que faz referência à curva de Gauss e que considera como desvio os dois extremos da curva.

d) A normalidade como processo.

Segundo esta perspectiva a normalidade é o resultado de sistemas em interacção que mudam com o tempo; a normalidade é assim considerada de um ponto de vista de progressão temporal.

A definição adoptada liga-se sobretudo a esta perspectiva. Não se define um critério de adaptação optimal para todos os migrantes, mas procuramos situar os tipos de adaptação num espaço, num contexto social associados a uma dinâmica temporal. Consideraremos a adaptação dos migrantes como uma tentativa de reequilibração do sistema de práticas e de representações, noseio da sociedade francesa e não uma substituição do seu próprio sistema pelo sistema francês.

" Compte tenu de la culture d'origine, de la date d'arrivée en France et de la politique menée vis-à-vis de chaque groupe ethnique, il n'y a pas une immigration mais des immigrations successives ou simultanées qui ne trouvent d'unité que dans le besoin croissant qu'en a la France ".

Paulette et Paul Calame

" Em princípio pode argumentar-se que a situação económica actual não apresenta condições favoráveis a uma reintegração dos emigrantes nem seria, de resto, atractiva para o retorno ".

Eduardo Ferreira

Se a importância do contexto foi reconhecido não só em psicologia, como também em história ou em antropologia, já nos estudos de opiniões, tem-se raramente em conta o quadro no qual o objecto social é colocado (Moscovici, 1976), o que nos propomos fazer agora.

Nesta via, tendo em conta a primeira vertente da hipótese enunciada, segundo a qual a perspectiva de regresso ao país de origem acompanha-se de constelações de variáveis indicativas deste comportamento ao nível da situação dos migrantes no processo adaptativo, parece-nos indispensável descrever, mesmo se sumariamente, alguns aspectos das condições de vida na sociedade de acolhimento. Tal permitir-nos-á não só melhor enquadrarmos e compreendermos os dados recolhidos sobre o terreno, como também colmatar a opção metodológica de ter em conta sobretudo os aspectos subjectivos da adaptação. A capacidade de adaptação se depende do indivíduo, depende também das condições de vida usufruídas na sociedade receptora.

Já relativamente à segunda vertente da hipótese, isto é, a perspectiva de regresso acompanha-se de constelações de variáveis indicativas desse comportamento ao nível das representações da situação no país de origem, pensamos ter inte-

resse fazer referência aos obstáculos existentes para que o regresso se concretize.

Esta tarefa esbarra contudo, com um obstáculo de monta: a extensão e a diversidade do assunto. Cada ponto mereceria longos desenvolvimentos e foi com conhecimento de causa que efectuámos certos cortes.

### 5.1/ Contexto global da imigração portuguesa em França

Referir-nos-emos sucessivamente a aspectos sócio-demográficos, políticos e sócio-psicológicos da imigração em França, e, em particular, da portuguesa.

#### 5.1.1./ Aspectos sócio-demográficos

O fluxo migratório entre Portugal e França criou neste país uma importante comunidade portuguesa.

##### A/ O fluxo de emigração

##### a) Evolução geral

As estatísticas oficiais portuguesas mencionam 12 países cujos valores da emigração total e a respectiva percentagem para os anos 1960-1981 encontram-se no quadro 1.

Quadro 1 A emigração total portuguesa por países de acolhimento (1960-1981)

País	Emigrantes portugueses acolhidos	Percentagem em relação ao total
Alemanha (R.F.)	134 935	8,0
R. Africa do Sul	19 445	1,2
Austrália	7 984	0,5
Brasil	82 855	4,9
Canadá	111 732	6,7
Estados Unidos	159 361	9,5
França	1 029 422	61,3
Luxemburgo	10 359	0,6
Países Baixos	5 432	0,3
Reino Unido	7 881	0,5
Suíça	5 334	0,3
Venezuela	74 316	4,4
Outros países	30 809	1,8
total	1 679 547	100,0

Fonte: Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas.

Para o período 1960-1981 tem-se um movimento migratório em que a estrutura da emigração total portuguesa é bem caracterizado em função dos seus destinos. A CEE absorve 70,1 % do total dos migrantes e um só país, a França, recebe 61,3 %.

Quadro 2 A emigração portuguesa para França em relação ao total da emigração portuguesa, por anos (1960-1981)

	Percentagem da emigração legal para França em relação ao total da emigração legal	Percentagem da emigração total para França em relação ao total da emigração
1960	11,1	12,2
1961	16,2	19,3
1962	24,6	33,8
1963	38,5	55,0
1964	58,7	73,3
1965	64,4	72,8
1966	61,1	64,8
1967	64,2	68,9
1968	57,8	67,4
1969	38,8	72,0
1970	33,1	74,4
1971	19,9	73,3
1972	32,9	65,4
1973	26,0	51,0
1974	24,4	53,2
1975	11,6	51,1
1976	10,2	52,7
1977	8,4	45,5
1978	8,6	30,3
1979	10,5	23,8
1980	10,3	23,1
1981	9,3	36,2

Fonte: Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas.

A evolução da percentagem da emigração total para França em relação à emigração total (quadro 2) mostra que a corrente migratória para França está em aumento acelerado até 1964. Entre 1963 e 1976 mais de metade do total da emigração portuguesa dirige-se para França. O máximo é atingido em 1970, com 74,4 %. É a queda do ciclo brasileiro e o apogeu do ciclo francês. Em 1962 a França torna-se o primeiro país de acolhimento da emigração portuguesa.

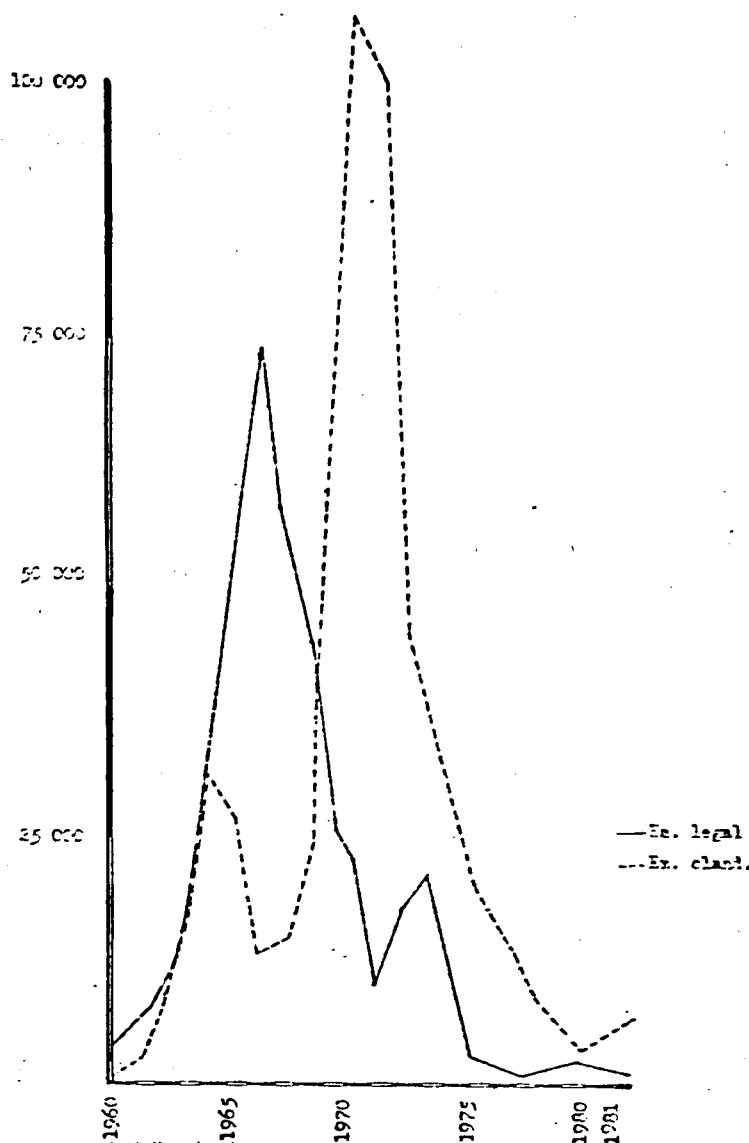
Para nos darmos conta da importância tomada pela França como força centrípeta da emigração portuguesa, relembre-se que, em 1950, só absorvia 1,4 % do total da nossa emigração.

A percentagem da emigração legal para França em relação ao conjunto da emigração legal é de 39,4 % entre 1960 e 1981. A emigração legal para França representa entre 1964 e 1968 mais de metade de toda a emigração legal portuguesa. A partir de 1974 essa percentagem baixa vertiginosamente, não andando longe dos 10 %.

Para o conjunto do período considerado (1960-1981), as percentagens de emigração legal e clandestina, são respectivamente 41,1 % e 58,9 %. Note-se contudo que, se a emigração legal é sempre superior à clandestina antes de 1969, este fe-

noto no inverso - de e a partir de 1969 a emigração clandestina tem sempre sido superior à legal (figura 1).

Figura 1 Emigração portuguesa para França



O maior fosso entre estes dois tipos de emigração aparece em 1970. Neste ano emigraram para França legalmente 10 023 pessoas e clandestinamente 100 797.

De um modo global, a emigração portuguesa para França acompanhou muito proximamente a evolução da conjuntura francesa:

- aumento regular de 1960 a 1967;
- a crise de 1968 frenou temporariamente o fluxo;
- diminuição, enfim, a partir de 1974.

Vários factores podem explicar esta diminuição. Carson, Tapinos et al. (1981) apontam três: a suspensão da emigração para França (à excepção do reagrupamento familiar); o afluxo dos retornados cujas características não os orientavam "a priori" para a migração europeia; enfim, o esgotamento das reservas de mão-de-obra latente nas zonas agrícolas do interior do país.



b/ Origem dos emigrantes

Os dados estatísticos portugueses sobre os lugares de origem dos emigrantes para França só abrangem a emigração legal. Por distrito de origem as estatísticas portuguesas citam até 1960 o distrito de nascimento e a partir de 1961, o distrito de residência.

No quadro 3 pode-se observar o baixo número de emigrantes originários das Ilhas Adjacentes (Açores e Madeira). Entre 1960 e 1982 partiram daí 1 199 pessoas para França o que corresponde a cerca de 0,3 % da emigração legal deste período.

Cinco distritos contribuem com mais de metade (51,5 %) do conjunto dos emigrantes portugueses legais para França: Braga, Leiria, Viana do Castelo, Castelo Branco.

Quadro 3 Classificação dos distritos por ordem de importância da emigração legal para França (1960-1982)

Distritos	Número	% do total
1. Braga	59 424	14,0
2. Leiria	44 857	10,6
3. Porto	44 366	10,5
4. Viana do Castelo	34 776	8,2
5. Castelo Branco	33 083	7,8
6. Guarda	31 027	7,3
7. Santarém	25 648	6,0
8. Lisboa	24 797	5,8
9. Aveiro	23 890	5,6
10. Viseu	18 699	4,4
11. Vila Real	17 208	4,1
12. Bragança	16 618	3,9
13. Faro	16 568	3,9
14. Coimbra	15 391	3,6
15. Setúbal	6 417	1,5
16. Beja	5 871	1,4
17. Évora	2 401	0,6
18. Portalegre	1 729	0,4
19. Funchal	1 095	0,3
20. Ponta Delgada	65	-
21. Angra do Heroísmo	29	-
22. Horta	10	-

Fonte: Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas.

Uma ideia mais fiel da contribuição de cada distrito para a emigração com destino a França é-nos dada pela frequência migratória cumulada, isto é, a relação entre a emigração global para esse país e a população residente (quadro 4).

Só no distrito da Guarda, 3,4 habitantes em cada 10 emigraram para França desde 1960, no de Castelo Branco 3,2, nos de Viana do Castelo, Leiria, Bragança e Braga, as proporções são respectivamente de 3,2; 2,6; 2,05; 2,05.

Quadro 4 Classificação dos distritos por ordem de importância da frequência migratória cumulada 1960/1982 (fluxo de emigração 1960/1982 em relação com a população de cada distrito em 31/12/1977)

1. - Guarda . . . . .	344,53 ‰
2. - Castelo Branco . . . . .	326,23 ‰
3. - Viana do Castelo . . . . .	324,88 ‰
4. - Leiria . . . . .	264,65 ‰
5. - Bragança . . . . .	205,88 ‰
6. - Braga . . . . .	205,23 ‰
7. - Vila Real . . . . .	145,34 ‰
8. - Santarém . . . . .	135,20 ‰
9. - Faro . . . . .	130,20 ‰
10. - Viseu . . . . .	104,83 ‰
11. - Aveiro . . . . .	92,14 ‰
12. - Coimbra . . . . .	85,56 ‰
13. - Beja . . . . .	75,39 ‰
14. - Porto . . . . .	69,65 ‰
15. - Évora . . . . .	32,63 ‰
16. - Lisboa . . . . .	30,33 ‰
17. - Portalegre . . . . .	29,78 ‰
18. - Setúbal . . . . .	25,89 ‰
19. - Ponta Delgada . . . . .	10,45 ‰
20. - Funchal . . . . .	10,13 ‰

Fonte: Delorme, 1982.

Entre os distritos em que a frequência migratória cumulada é menor, para além das das Ilhas Adjacentes, encontramos os do Alentejo e os das zonas desenvolvidas do país (zona litoral de Porto a Setúbal).

A partir da década de sessenta a emigração para França generalizou-se, pois, a todo o espaço continental português, embora não uniformemente.

#### c/ Emigração individual e familiar

Para o conjunto do período 1960-1981 a emigração de trabalhadores para França abrangeu 59,7 ‰ do total da emigração para esse país, segundo dados do ONI, e a familiar 40,3 ‰.

No quinquénio 1960-64 a componente maioritária da emigração portuguesa para França foi de trabalhadores, 80,0 ‰. No quinquénio seguinte, 1965-69, a vaga de trabalhadores ainda foi francamente maioritária, 67,7 ‰, mas já diminuiu em relação ao quinquénio anterior. De 1970 a 1974 encontrou-se um quase equilíbrio entre a emigração de trabalhadores e a familiar. Seguidamente, a emigração para França tornou-se preponderantemente familiar, assistindo-se a uma quebra significativa nos fluxos emigratórios de trabalhadores (quadro 5).

Quadro 5 Emigração portuguesa para França de trabalhadores e de famílias (%) - 1960/1981 -

	Trabalhadores	Famílias
1960-64	80,0	20,0
1965-69	67,7	32,3
1970-74	55,1	44,9
1975-79	17,6	82,3
1980-81	32,0	68,0

Fonte: ONI.

Destes dados podemos concluir que os primórdios da emigração em massa para França corresponderam à imagem mais vulgar da migração a curta e média distância que é " a do homem só, celibatário ou homem casado que deixou a mulher e os filhos na aldeia de partida "(George, 1977, p. 39). Todavia esta imagem não se aplica ao caso português durante todo o período. A partir de 1965 a emigração familiar tomou uma importância considerável de modo que George pode afirmar que " hoje, a migração familiar mais característica em França é a migração portuguesa "(1977, p. 39).

d) Grandes ramos de actividade a que pertenciam os emigrantes

As estatísticas oficiais portuguesas de que se dispõe sobre este assunto sofreram mudança de critérios: até 1974 distinguem-se as actividades primárias, secundárias e terciárias; enquanto que a partir de 1974 distinguem-se os grandes grupos, segundo a classificação nacional das profissões.

Quadro 6 Actividades económicas dos emigrantes legais para França (1960-1973)

ano	actividade primária		actividade secundária		actividade terciária		activos com ocupação		inactivos e inválidos	
	nb	%	nb	%	nb	%	nb	%	nb	%
1950	749	27,1	1 275	46,7	31	1,1	540	19,8	135	4,9
1961	1 826	36,0	2 365	49,2	62	1,3	458	9,5	91	1,9
1962	2 346	32,7	3 661	51,3	142	2,0	822	11,4	189	2,6
1963	3 661	27,5	7 302	54,8	435	3,3	1616	12,1	322	2,4
1964	8 987	31,2	12 427	43,1	1762	6,1	4295	14,9	1370	4,8
1965	15 037	31,3	16 225	33,8	2336	4,9	10858	22,6	3513	7,3
1966	20 073	33,9	14 977	25,3	2574	4,3	14915	25,5	4729	8,0
1967	13 041	29,4	7 547	17,0	1376	3,1	17210	38,8	5157	11,6
1968	7 608	23,2	3 770	11,5	1146	3,5	15801	48,3	4420	13,5
1969	7 302	34,4	5 028	23,7	743	3,5	6036	28,4	2109	9,9
1970	6 683	34,7	7 091	36,9	983	5,1	3712	19,3	771	4,0
1971	2 330	31,0	2 405	32,0	552	7,3	1440	19,1	797	10,6
1972	2 468	18,9	4 142	31,7	939	7,2	3656	27,9	1870	14,3
1973	2 777	17,1	6 109	37,5	1215	7,6	3957	24,3	2201	13,5
Total	94 888	29,8	94 344	29,5	14326	4,5	87316	27,4	27674	8,7

Fonte: Boletins da Secretaria de Estado da Emigração.

De 1960 a 1973 a emigração legal para França foi constituída de 29,8 % pessoas que trabalhavam no sector primário, 29,6 % no secundário, 4,5 % no terciário, 27,4 % eram activos com ocupação e 8,7 % inactivos e inválidos.

A migração intra-europeia é muito mais activa e " secundária " que a transoceânica (Garson, Tapinos et al., 1981, p. 188). A composição sócio-profissional das duas correntes migratórias difere sensivelmente. Se os agricultores e comerciantes representavam 60% da migração transoceânica, constituíram 34% da migração legal para França nos anos 1960-73.

Até 1971 a percentagem de emigrantes que trabalhavam no sector primário foi relativamente constante. A partir de 1972 essa percentagem diminuiu.

O número de emigrantes que trabalhavam no sector secundário foram mais variáveis. Os valores mínimos e máximos anuais foram respectivamente de 54,8 % em 1963 e de 11,5 % em 1968. Entre estes dois anos, 1963 e 1968, os valores foram decrescentes. Depois de 1968 os valores foram oscilando.

Os emigrantes que trabalhavam no sector terciário foram pouco numerosos no conjunto da emigração legal para França. Os valores mínimos e máximos anuais foram, respectivamente, de 1,1 % em 1960 e de 7,6 % em 1973.

Quadro 7 Profissões em Portugal da emigração legal para França  
(1974 e 1975)

	1974	1975
Profissões cient., técn., art. e admin.	3	2
Empregados de escritório	41	1
Vendedores e compradores	30	5
Agricul., criad. gado, pescadores, etc.	383	17
Trab. rurais	815	158
Sondadores, mineiros trab. pedreiras	8	-
Trab. transportes e comunicações	173	8
Op. qualif., espec. e indif. transf.	2 396	263
Prof. serv. prot., pess. domést., etc.	99	8
Sem actividade económica	3 762	1 274
Total	7 710	1 736

Fonte: Boletins da Secretaria de Estado da Emigração.

Depois da mudança de critério na classificação efectuado a partir de 1974 mais de metade dos emigrantes (53,3%) não tinham "actividade económica" antes da partida e cerca de um quarto (28,8%) eram operários.

## B) A comunidade portuguesa em França

### a) População total

O número de estrangeiros em França é difícil de avaliar com exactidão. Os recenseamentos subestimam este número, porque uma certa percentagem de estran-

geiros tenta escapar ao recenseamento(1). Pelo contrário, os Ministérios têm dificuldade em conhecer o número de partidas definitivas. Os valores são por isso aproximativos e só têm um valor indicativo.

Segundo a avaliação anual efectuada pelo Ministério do Interior a partir dos títulos de estadia válidos, a população portuguesa total em França, em 1 de Janeiro de 1982, era constituída por 859 438 pessoas, ou seja, 21% do conjunto da população estrangeira.

Quadro 8 Distribuição dos estrangeiros por sexo, idade e títulos de estadia (em 1/1/1982)

		Total	Homens com mais de 16 anos	Mulheres com mais de 16 anos	Crianças com menos de 16 anos	Residentes temporários 1 ano	Residentes ordinários 3 ou 5 anos	Residentes privilegia- dos 10 anos	Total	
ARGELINOS	20,0	816.873 100,0	513.432 62,9	159.888 19,5	143.553 17,6				673.320	20,2
MARROQUINOS	10,9	444.472 100,0	242.173 54,5	90.812 20,4	111.487 25,1	45.084 13,5	140.657 42,2	147.244 44,3	332.985 100,0	10,0
TUNISINOS	4,7	193.203 100,0	118.330 61,2	36.648 19,0	38.225 19,8	19.582 12,6	76.642 49,5	58.754 37,9	154.978 100,0	4,6
ITALIANOS	11,1	452.035 100,0	233.870 51,7	159.922 35,4	58.243 12,9				393.792	11,8
ESPAÑHÓIS	10,1	412.542 100,0	191.156 46,3	156.132 37,9	65.254 15,8	13.346 3,8	116.104 33,5	217.836 62,7	347.288 100,0	10,4
PORTUGUESES	21,0	859.438 100,0	368.422 42,9	279.699 32,5	211.317 24,6	34.185 5,3	294.575 45,4	319.361 49,3	648.121 100,0	19,4
JUGOSLAVOS	1,7	67.764 100,0	33.584 49,6	25.267 37,3	8.913 13,1	n.v.	n.v.	n.v.	58.851	1,8
TURCOS	2,9	118.073 100,0	48.585 41,1	23.714 20,1	45.774 38,8	10.740 14,9	35.949 49,7	25.610 35,4	72.299 100,0	2,2
OUTRAS NA- CIONALIDADES + OUTRAS CEE	17,6	719.528 100,0	381.395 53,0	272.868 37,9	65.265 9,1				654.263	19,6
OUTRAS CRIANÇAS n.i.	n.c.	140.000			140.000					
TOTAL GERAL	100,0	4.223.928 100,0	2.130.947 50,5	1.204.950 28,5	888.031 21,0	314.462 14,1	907.090 40,8	1.003.017 45,1	3.335.897	

Fonte: Ministère de l'Intérieur.

A população masculina com mais de 16 anos era então mais numerosa que a feminina (42,9 % contra 32,5 %). De notar o peso enorme da segunda geração, pois as crianças com menos de 16 anos representavam cerca de um quarto (24,6 %) da comunidade portuguesa residente em França. Quase metade dos migrantes portu-  
gue-

(1) Os diferentes Ministérios, a partir de outros inquéritos, concluem que haja uma diferença de 15 a 20 %.

ses eram residentes privilegiados (1).

Se a população portuguesa residente em França só se elevava a 70 858 pessoas em 1962, em 1968 já contava 367 248 pessoas. O máximo foi atingido em 1976 com 882 541 Portugueses.

No recenseamento de 1982 a população total portuguesa em França era de 764 860, ou seja, 20,8 % da população total estrangeira nesse país.

Quadro 9 População total estrangeira em França segundo as nacionalidades

Nacionalidade	1975	1982	Variações 1975/1982	
			N	%
Argelinos	710.690 (20,6)	795.920 (21,6)	+ 85.230	+ 12,0
Marroquinos	260.025 (7,6)	431.120 (11,7)	+ 171.095	+ 65,8
Tunisinos	139.735 (4,1)	189.400 (5,15)	+ 49.665	+ 35,5
Espanhóis	497.480 (14,5)	321.440 (8,7)	- 176.040	- 35,4
Portugueses	758.925 (22,0)	764.860 (20,8)	+ 5.935	+ 0,8
Turcos	50.860 (1,5)	123.540 (3,35)	+ 72.680	+ 142,9
Italianos	462.940 (13,4)	333.740 (9,1)	- 129.200	- 27,9
Outros	561.760 (16,3)	720.080 (19,6)	+ 158.320	+ 28,2
Total	3.442.415 (100,0)	3.680.100 (100,0)	+ 237.685	+ 6,9

Fonte: INSEE.

Os Portugueses, embora registando um aumento de 0,8 % em relação ao recenseamento de 1975, passaram em 1982 a ser a segunda comunidade mais numerosa em França a seguir à argelina, não mantendo a primeira posição como no recenseamento anterior.

O forte aumento da comunidade portuguesa verificada durante as duas últimas décadas resulta não só da evolução dos fluxos de emigração, como também do movimento natural da população portuguesa. Assim, a evolução do número de nascimentos legítimos de crianças de pai português foi:

1967	8 750
1971	23 383
1972	25 856
1979	25 998
1980	25 719
1981	25 783

(1) Esclarecem-se mais adiante os diferentes títulos de estadia.

Os nascimentos de crianças de pai português representam cerca de 30 % do conjunto dos nascimentos legítimos de crianças de pai estrangeiro.

Não admira, pois, que a população portuguesa compreenda um grande número de crianças nas escolas. 26 % dos alunos estrangeiros escolarizados no ensino público e privado dos primeiro e segundo graus de 1976 a 1979 eram Portugueses. Neste breve período, os Portugueses aumentaram sensivelmente os seus efectivos passando de 213 000 em 1976 a 240 000 em 1979. Em 1979/80 em cada 100 alunos portugueses frequentavam:

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- 22 o ensino pré-escolar</li> <li>- 48 as classes elementares</li> <li>- 17 o primeiro ciclo</li> <li>- 9 o ensino profissional</li> <li>- 2 o segundo ciclo longo</li> <li>- 2 o ensino especial.</li> </ul> |
|---|

#### b) População activa

A população activa portuguesa foi avaliada em 1 de Janeiro de 1982 em 434 600 pessoas o que representava uma taxa de actividade de 50,6 % (superior à taxa de actividade da população francesa que era de cerca de 40 %).

Dentre estes activos, 360 000 eram empregados nas actividades industriais e comerciais e os restantes sobretudo na agricultura e serviços domésticos.

Os trabalhadores portugueses representavam 24,9 % dos assalariados estrangeiros ocupados nos estabelecimentos industriais e comerciais empregando dez ou mais assalariados.

A repartição segundo as actividades económicas mostrava que a construção civil empregava 44,3 % da população activa portuguesa, seguindo-se as indústrias de transformação (excepto transformação de metais) com 24,3 %.

Da comparação da repartição dos assalariados portugueses com a do conjunto dos assalariados estrangeiros, aparecia que os Portugueses estavam mais frequentemente ocupados na construção civil em que representavam 31,6 % dos efectivos estrangeiros e menos frequentemente nas indústrias de transformação dos metais em que só constituíam 18,5 % dos efectivos.

A repartição segundo as qualificações profissionais mostrava que os trabalhadores portugueses eram operários na sua quase totalidade, 96,7 %. Entre estes, 17,6 % eram serventes, 42,9 % operários especializados e 36,2 % operários qualificados. Só 2,7 % eram empregados e 0,6 % técnicos.

Se, em relação aos assalariados estrangeiros, os Portugueses eram mais frequentemente operários (96,7 % contra 91,9 %), os operários portugueses eram mais qualificados que os operários estrangeiros (36,2 % contra 30,5 %).

A repartição segundo as regiões de implantação mostrava que mais de metade dos efectivos portugueses agrupava-se em duas regiões: a região parisiense (48,2 %) e a região Rhône-Alpes (9,2 %).

Os trabalhadores portugueses estavam, pois, sobretudo agrupados na região parisiense onde representavam 28,7 % do conjunto dos assalariados estrangeiros.

Segundo os dados do recenseamento de 1982 a população activa portuguesa elevava-se a 388 820 pessoas o que representava um aumento de 7,8 % em relação ao recenseamento de 1975. Tanto em 1975 como em 1982 os Portugueses ocupavam o primeiro lugar na hierarquia da população activa estrangeira.

### 5.1.2/ Aspectos políticos

#### A/ Situação jurídica

Não se pode estudar as perspectivas de futuro dos migrantes e os seus modos de adaptação sem se relembrar brevemente a situação jurídica em que se encontram em relação aos Franceses, até ao momento em que obtêm a naturalização, caso a desejem e para tal formulem o respectivo pedido.

A situação jurídica dos migrantes é importante pois denota não só o lugar que a sociedade francesa lhes atribui, como também condiciona de modo considerável a sua existência quotidiana.

São numerosos os textos que regulamentam a situação jurídica dos migrantes, desde textos legislativos publicados posteriormente no Jornal Oficial até instruções e circulares emanadas de vários ministérios que não são necessariamente publicadas posteriormente (Buy, 1974). Limitar-nos-emos aqui aos pontos mais gerais.

#### a) Licenças de estadia e de trabalho

O quadro da legislação francesa, relativamente às condições de entrada e estadia em França dos estrangeiros, é traçado pelo decreto n° 46-2658 de 2 de Novembro de 1945 que cria o " Office National d'Immigration ", completado pelo decreto de aplicação n° 75-1088 de 21 de Novembro de 1975 que modificou o regime estabelecido para as cartas de trabalho por um primeiro decreto de 1946. Um estrangeiro que vem trabalhar em França por um período superior a três meses tem a obrigação de possuir uma licença de estadia e outra de trabalho. As modalidades de obtenção destes títulos diferem segundo a origem dos candidatos. Existe um regime comum e regimes especiais. A tendência é para a supressão dos regimes especiais em benefício do regime comum.

Segundo o regime comum, o estrangeiro regularmente introduzido, recebe à sua chegada uma carta de estadia temporária, válida por um ano e uma carta de trabalho A, válida para o mesmo período para uma profissão determinada e lugar indicado na carta. Ao fim de um ano, o trabalhador recebe uma carta de residente ordinário válida por três anos, com uma carta de trabalho B para o mesmo período. Esta carta é válida para uma determinada profissão e para uma região indicada na carta. Ao fim de quatro anos, o estrangeiro pode receber uma carta de estadia privilegiada, válida por 10 anos, à qual corresponde uma carta de trabalho C também válida

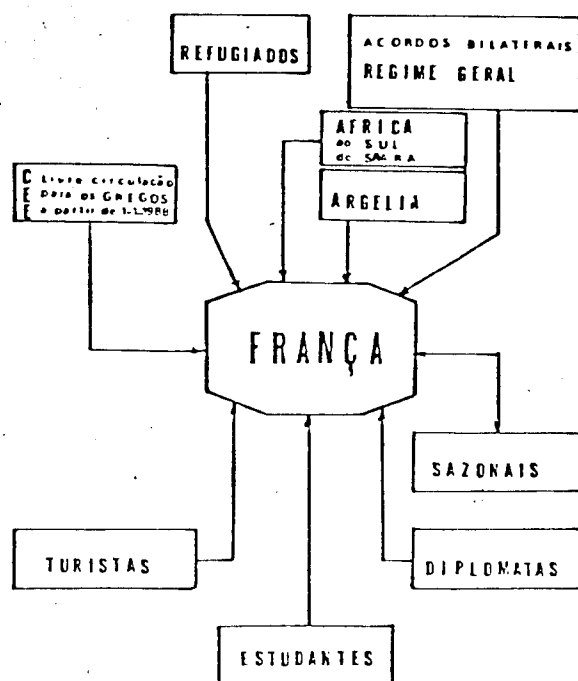


por 10 anos, para toda a profissão assalariada e para toda a França.

Em relação aos títulos de residência, de acordo com o decreto de 15 de Janeiro de 1976, uma carta de residência ordinária pode ser retirada se um estrangeiro está ausente de França por um período de seis meses ou está sem emprego ou recursos por mais de seis meses.

Este regime comum não se aplica aos Argelinos, aos membros da Comunidade Europeia, nem a certas nacionalidades africanas. Os estudantes e os migrantes sazonais têm também regimes especiais (cf., por exemplo, Linder, 1973, pp. 132-135). Tinha sido previsto em 1945 que os trabalhadores do regime comum chegariam a França pela mediação do O.N.I. A partir de 1962 esta mediação é cada vez mais rara e alguns anos depois o procedimento de regularização a posteriori é oficialmente reconhecido. Tendo em conta a situação actual do mercado de emprego as regularizações são raras. Em 1979, 8 271 trabalhadores permanentes foram regularizados, dos quais cerca de 2/3 eram refugiados (cf. Le Dossier de l'Immigration, 1980). Também há um número muito limitado de estrangeiros introduzidos pelo ONI tendo em conta as novas orientações da política de imigração.

Figura 2. Diferentes estatutos para os estrangeiros



Aos Portugueses aplica-se o regime comum embora comecem já a beneficiar de ligeiras vantagens, ligadas à futura entrada do país para a CEE. Por exemplo, um "exame particularmente benevolente" (Le Dossier de l'Immigration, 1980) em relação à situação de emprego, é recomendado em favor de cônjuges de Portugueses que obtiveram a regularização da sua situação, quanto à estadia em França <sup>(1)</sup>.

O estatuto jurídico do migrante dá aos poderes públicos a possibilidade de controlar os fluxos migratórios - controle das entradas, limitação das profissões e dos distritos de residência, controle periódico das cartas de estadia e de trabalho - o que faz com que quotidianamente pese sobre a sua cabeça um sentimento de insegurança simbolizado pelo medo da expulsão.

"É necessário dizer que nesta matéria o procedimento é rápido, brutal e deixa-lhes pouca garantia. Pode-se ser expulso sem lhe serem apresentadas as razões exactas desta medida; tais razões podem ser muito diferentes, até mesmo ambíguas: o que pode ser uma simples medida administrativa, mas pode ser também, ..., a participação do trabalhador em actividades sindicais (e teoricamente a actividade sindical faz parte dos seus direitos reconhecidos) que se assimilam a actividades políticas; acusa-se então o migrante de não ter respeitado a neutralidade política e afasta-se" (Credif, 1978, p. 51).

#### b) Direitos sindicais

Teoricamente, todo o trabalhador, estrangeiro ou não, tem o direito a aderir e a militar no sindicato da sua escolha. À participação dos trabalhadores imigrados a todos os níveis do sindicato, a lei francesa já quase não opõe oficialmente obstáculos (Briot, Verbunt, 1981). Desde a lei de 27 de Junho de 1972 os trabalhadores estrangeiros são eleitores e elegíveis para as funções de delegados de pessoal e membros do "comité" da empresa, nas mesmas condições que os trabalhadores franceses, com a condição de que saibam exprimir-se em francês. A lei de 11 de Junho de 1975 permite aos estrangeiros o acesso às funções de delegados sindicais nas mesmas condições que aos franceses. Um estrangeiro pode também aceder às funções de administração ou direcção de um sindicato, mas a proporção de estrangeiros entre os sindicalistas encarregados dessas funções não pode ser superior a um terço.

Embora os migrantes possam sindicalizar-se e serem eleitores e elegíveis a quase todos os níveis dos sindicatos, correm riscos a que já aludimos.

Se o número de migrantes sindicalizados não é conhecido com precisão, porque os registos sindicais ignoram a nacionalidade, avalia-se, segundo o OIT, que a sua sindicalização é de cerca de 10 % contra um pouco mais de 20 % para os Franceses.

(1) - O conjunto das disposições tomadas em favor dos Portugueses fazem a aplicação do acordo franco-português de 11 de Janeiro de 1977.

### c) Direitos políticos

Em França, como na maioria dos países europeus, os trabalhadores migrantes es tão excluídos de todos os direitos políticos ao nível nacional (Wenden, 1978). A participação em questões públicas está limitada aos cidadãos franceses e os estrangeiros não têm o direito de votar nem nas eleições presidenciais, nem nas legislativas, nem nas autárquicas. Incumbe-lhes a obrigação de estreita neutralidade política (Wenden, 1978). Este princípio de neutralidade política é vago e impreciso, podendo dar lugar a interpretações mais ou menos estritas (Loschak, 1976). Os migrantes encontram-se numa situação que os priva de exercer os direitos políticos ou de participar nas tomadas de decisão que lhes dizem respeito, donde resulta uma insegurança e uma precaridade características da sua situação jurídica. Tal situação já foi descrita como sendo de " infra-direito " (Loschak, 1976).

Do balanço efectuado por Wenden (1978) sobre algumas experiências de diálogo institucionalizado entre os franceses e os estrangeiros, ressalta que não existe nenhum comité consultivo de trabalhadores migrantes e que as experiências analisadas " são raras e saldaram-se muitas vezes por um fracasso ".

A fraca participação dos estrangeiros deve ser imputada sobretudo ao contexto em que se inserem e não tanto ao seu comportamento " intrínseco ". " Uma fraca participação parece ser mais o índice de uma marginalização dos estrangeiros em relação à vida política que a prova de um desinteresse consciente para com esta " (Wenden, 1978, p. 81).

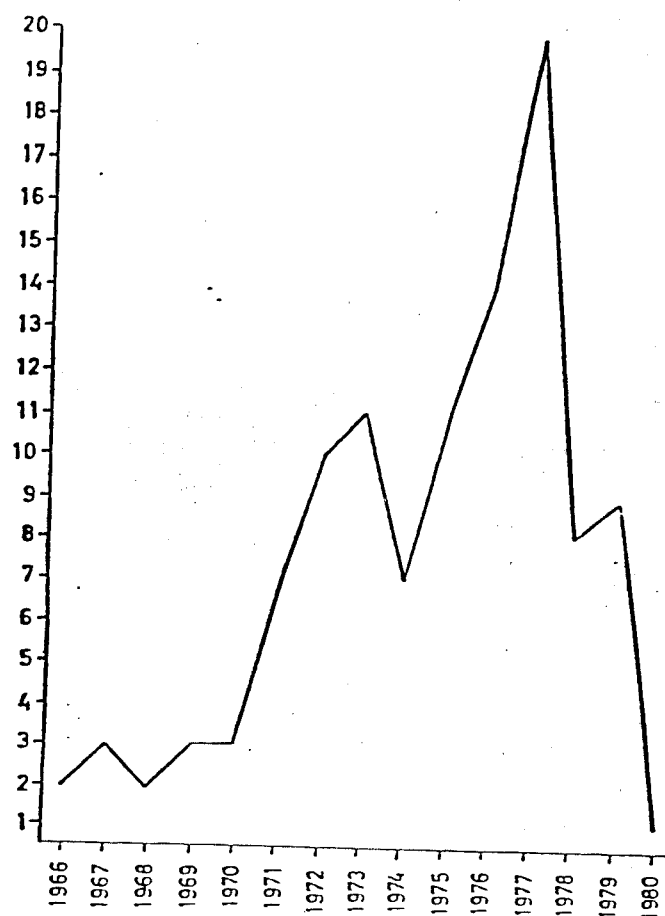
Para incrementar a participação política dos migrantes não está em questão unicamente o direito de voto, mas uma redefinição do seu lugar na sociedade, para o que poderia contribuir a intensificação da vida associativa autónoma (Briot, Verbunt, 1981, pp. 172-176). Até Outubro de 1981, as associações de estrangeiros estavam submetidas a um regime particular. Um decreto lei de 1939 subordinava a criação e a dissolução a uma autorização prévia do Ministério do Interior. Quanto às associações francesas, dependentes da lei de 1901, são constituídas e dissolvidas por simples decisão dos seus próprios membros autenticada unicamente por uma declaração da Prefeitura e uma publicação no Jornal Oficial. Doravante, os estrangeiros terão, como os Franceses, o direito de constituir associações por simples declaração na Prefeitura do distrito abrangido.

Esta lei assinala uma primeira etapa para o reconhecimento de um novo estatuto para os migrantes que os libertaria da alternativa ou assimilação/naturalização ou condições precárias.

As associações de migrantes desempenham um papel muito importante como lugares de informação e de solidariedade entre os migrantes e o seu país de origem. São igualmente lugares de encontro, de troca entre os migrantes e os Franceses. No futuro, mais que no passado, poderão tornar-se lugares onde os migrantes e os Franceses tentarão elaborar projectos comuns (Dias, 1982).

O número e a variedade das associações que dizem respeito à imigração, escreveram com um certo humor Briot e Verbunt (1981), ultrapassam os queijos franceses. " Há para todos os gostos: para profissionais e benévolo, para senhoras dadas à

Figura 3 Evolução do número de associações portuguesas em França



Fonte: Rocha Trindade, 1984.

benemerência e militantes activistas, para politizados não-politizados, para cada nacionalidade à parte e para todas juntas, para pro-governamentais e para contestatários, para a formação dos imigrantes, para jogar às cartas ou para defender os seus direitos. Num só ano declaram-se cerca de 600 associações tendo uma ligação com a imigração e outras não se declaram" (Briot, Verbunt, 1981, p. 134).

As associações do país de origem dos migrantes no país de acolhimento podem ser classificadas em duas categorias.

Por um lado, existem movimentos autónomos de trabalhadores estrangeiros independentes das embaixadas e consulados dos países de emigração. Segundo as nacionalidades o acento é colocado em tal ou tal actividade. Assim os Portugueses distinguem-se por uma vida associativa local intensa em manifestações folclóricas e nos desportos colectivos. A preparação do regresso é por vezes o objectivo das associações. Por exemplo, escreve Gorriquer (1982, p. 2), a propósito da associação portuguesa de Pontault-Combault: " criada depois da revolução dos cravos (25 de Abril de 1974), esta associação, uma das 400 associações portuguesas em França, re-agrupa cerca de 400 aderentes. Visa um duplo objectivo:

- permitir uma melhor inserção em França;
- seguir a evolução da situação em Portugal e encarar uma preparação para o regresso ligada ao desenvolvimento industrial de Portugal ".

Por outro lado, existem associações que são organismos semi-oficiais criados pela iniciativa dos países de origem. Sob o Salazarismo contavam-se em França um certo número de associações portuguesas enanadas do Secretariado de Estado da Emigração Portuguesa. Desde 25 de Abril de 1974, existe uma certa vontade de reagrupamento, e diversos movimentos tentam estabelecer uma coordenação das associações portuguesas existentes.

Um panorama do diálogo Estado/Associações é traçado por Rocha Trindade (1983 b).

Recentemente, o CNDEP(1983 b) publicou uma brochura que proporciona informações para a criação de novas associações.

#### d) Direitos sociais

Incluínos nesta rubrica os direitos em matéria de prestações sociais e segurança social.

Quando a família do trabalhador migrante o acompanhou e reside em França, em geral, os direitos são os mesmos que os dos Franceses. Quando a sua família habita em França, um trabalhador migrante tem também direito ao salário único, ao subsídio de alojamento e à bolsa de estudos para as crianças.

No caso da família ter ficado no país de origem, o pagamento dos seguros sociais à família depende das convenções bilaterais entre a França e este país,

enquanto que os subsídios de família são pagos segundo o regime do país de origem que em geral é muito menos vantajoso.

### e) Naturalização

Juridicamente, o migrante só deixa de ser um estrangeiro quando obtém a sua naturalização.

A naturalização pode ser pedida por estrangeiros que preencham certas condições (tempo mínimo de estadia regular em França, boa moralidade, "lealismo", bom estado sanitário, assimilação, etc.). O governo é livre de satisfazer ou rejeitar o pedido sem ter de justificar a sua decisão. Globalmente, 80 % dos pedidos são satisfeitos. São a "falta de assimilação" e o "defeito de lealismo" que justificam a maior parte das decisões de rejeição ou de adiamento dos pedidos. Cerca de 25 000 a 30 000 estrangeiros adquirem cada ano desde 1970, a nacionalidade francesa por naturalização e representam 60 a 70 % do conjunto de pessoas que tomam a nacionalidade francesa.

A reintegração por decreto (500 a 1 500 por ano) abrange pessoas que perderam a nacionalidade francesa, sobretudo pelo facto da independência do seu país (encontram-se entre os reintegrados numerosos Argelinos).

As declarações de nacionalidade (cerca de 30 % do conjunto das aquisições de nacionalidade francesa) são essencialmente subscritas pelos menores nascidos em França de pais estrangeiros e desde 1973 pelo cônjuge estrangeiro de um Francês ou de uma Francesa.

De 1970 a 1980 verifica-se uma tendência geral para o aumento de Portugueses que adquiriram a nacionalidade francesa (quadro 10).

Quadro 10 Aquisição da nacionalidade francesa tendo como nacionalidade anterior a portuguesa  
(1970 - 1980)

Totalidade de aquisição de nacionalidade francesa	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Aquisição por decreto	1 624	2 339	2 661	3 217	3 641	3 803	4 197	4 615	6 762	6 064	6 315
Declaração de nacionalidade	323	441	572	523	1 143	1 146	1 355	1 609	1 841	1 705	2 137
Total	1 947	2 780	3 233	3 800	4 784	4 949	5 552	6 224	8 603	7 769	8 452

Fonte: Hommes et Migrations (Documents, n° 101, 1981).

De notar que segundo a nova lei de nacionalidade (Lei n.º 37/81, de 3 de Outubro), o Estado português reconhece oficialmente o estatuto da dupla nacionalidade aos cidadãos de origem portuguesa que optem pela nacionalidade francesa. Ela alarga também o direito à nacionalidade portuguesa a cidadãos nascidos no estrangeiro e descendentes de mãe portuguesa, assim como aos cônjuges de portugueses (cf. CEDEP, 1983 a).

O CREDOC realizou uma investigação sobre os " Naturalizações: pluralidade dos processos de inserção na sociedade francesa " (Migrations/Études, n.º 26, 1979). Esta investigação tinha por objectivos:

- determinar as motivações e as estratégias que presidem ao pedido de naturalização;
- pôr em evidência as motivações específicas de certas categorias que permitem fazer aparecer diferentes tipos de estratégias;
- proceder à análise da inserção sócio-profissional dos naturalizados e estabelecer uma tipologia desta inserção.

Para responder a estes objectivos foi efectuado um inquérito junto de 363 pessoas naturalizadas entre 1966 e 1974. A percentagem da amostra, tendo como nacionalidade de origem a portuguesa, era de 7,7 % (28 sujeitos). Os naturalizados vindos das correntes económicas recentes (sobretudo os Portugueses) têm mais frequentemente um cônjuge francês. Os Portugueses são na sua maioria operários (60 %). Para toda a amostra, outras razões que as ligadas à procura de um trabalho, explicam a vinda para França de um grande número de migrantes económicos que vão escolher a nacionalidade francesa. As motivações explícitas do pedido de naturalização são simultaneamente heterogéneas e complementares. As motivações globais que se ligam a uma percepção positiva da França, à constatação da integração de facto ou à ruptura com o país de origem e as razões particulares que reduziram a naturalização a um meio de obter satisfação de um pedido preciso (um passaporte, um empréstimo para construir, uma bolsa de estudo, uma promoção ou uma reforma) não se opõem. Pode-se gostar de viver em França, de querer lá ficar, e, ao mesmo tempo, querer beneficiar das vantagens da nacionalidade francesa.

Antes da naturalização, observa-se sobretudo uma maior estabilidade de emprego dos estrangeiros que vão naturalizar-se: 45 % ficaram pelo menos 10 anos na mesma empresa. Esta característica diferencia-os do conjunto da população estrangeira.

A inserção sócio-cultural da amostra apresenta uma clivagem importante entre a abertura ao nível das relações sociais e a dualidade cultural por um lado, e a assimilação e o isolamento, por outro.

A naturalização é a decisão do lugar da sua morte e o abandono definitivo da

ideia de regresso. O naturalizado já não tem projecto de regresso. Esta escolha opõe imigrantes e naturalizados. Como veremos, os migrantes, pelo menos os da primeira geração, raramente abandonam a ideia do regresso, mesmo se a sua realização é diferida por inúmeras razões.

Além de escolherem o lugar da sua morte, os naturalizados tomam a decisão de estabilizar a sua descendência fixando-a territorialmente.

### B/ A política francesa do regresso

Não nos atardaremos aqui sobre a evolução da política global francesa da imigração até 1980 (cf. Neto, 1980, pp. 75-85) ou após a mudança política verificada (cf. De Ley, 1983) em Maio de 1982. Limitar-nos-emos aqui a abordar a política francesa do regresso.

Desde 1974 a política de imigração insiste sobre o carácter temporário da imigração. Os políticos dizem por exemplo que " o regresso é a conclusão natural da cadeia migratória ". Briot e Verbunt (1981, p. 22) interrogam-se sobre a veracidade de tal slogan: como explicar que políticos franceses tenham nomes como Mattéoli, Stoleru, Poniatowski ? O tema do regresso, quer se apresente como natural para uns, quer como mítico para outros, é certamente uma das linhas de força da política francesa da imigração.

O Secretário de Estado para os Trabalhadores Imigrados apresentou em 9 de Outubro de 1974 " 25 medidas " respeitantes à imigração. Trata-se de uma declaração de intenções que reconhecia o novo estado de coisas existente na conjuntura internacional. A décima medida, onde figuram os objectivos em matéria de adaptação, formação e promoção profissional, indica que estes devem ser concebidos " no quadro de uma política de cooperação com os países de origem tendo por fim a aquisição de uma competência profissional utilizável para os imigrados aquando do regresso ao seu país ". Por outro lado, as medidas 17 a 20 prevêem a salvaguarda dos laços sócio-culturais com o país de origem " na perspectiva de um regresso dos interessados ao seu país ".

Os dispositivos concebidos para facilitar a reinserção voluntária dos migrantes consistiram numa organização de programas de formação profissional especialmente estudados com vista ao regresso dos emigrados desde Outubro de 1974 e uma ajuda financeira directa instituída em Maio de 1977.

#### a) A política de " formação-reinserção "

Já nos anos 60 tinha sido instaurado um dispositivo institucional de reactivação da mobilidade dos migrantes, mediante acções de formação dos trabalhadores que desejassem reinstalar-se no país de origem. Tal exigência respondia aos desejos dos países de origem (sobretudo a Argélia) para assegurarem uma reinserção



produtiva dos seus cidadãos mais qualificações, para e em função das suas necessidades de desenvolvimento.

O espírito deste programa foi alterado quando o Governo Francês se propôs controlar rigorosamente a população imigrada e a encarar uma redução mais rápida dos seus efectivos entre a soluções para a crise de emprego. De medida de acompanhamento passou progressivamente a inscrever-se numa medida de incitação ao regresso. Uma decisão do Conselho de Ministros de Dezembro de 1975 lançou uma nova fase deste programa, em que deveriam estar associados vários departamentos ministeriais para assegurar o financiamento.

A maior parte das despesas foram suportadas por um só organismo: o " Fonds d'Action Sociale ". A gestão e o desenrolar da operação foram confiadas pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros à Caixa Central de Cooperação Económica, organismo financeiro de ajuda ao desenvolvimento.

Chamada inicialmente formação-regresso, a formação reinserção tem por objectivo o regresso promocional dos trabalhadores migrantes e a sua inserção activa no aparelho económico dos seus diferentes países de origem. O meio para atingir este objectivo é a aquisição de conhecimentos profissionais teóricos e práticos correspondendo a necessidades precisas definidas pelos países e expressas pela voz do seu representante oficial no país de acolhimento. O voluntariado é a base da formação-reinserção, pois sem o assentimento dos interessados nada se pode fazer. " A decisão voluntária e consciente dos trabalhadores imigrantes de beneficiar de uma formação tendo em vista um regresso promocional ao seu país de origem está na base de toda a formação-reinserção " (Vigneras, 1981, p. 33).

Os países de emigração pensam que o regresso das suas gentes é, ou deverá ser, um fim a atingir, mas são raros os que podem situar esta data no tempo ou planificá-la. Portugal não é excepção.

Foram passados acordos entre a França e diversos governos estrangeiros (Senegal, Argélia, Tunísia, Marrocos, Jugoslávia, Mali, Mauritânia, Portugal) (Vigneras, 1981, pp. 37-41).

O acordo franco-português de 11 de Janeiro de 1977 indica, no seu artigo 27, que:

" 1/ As autoridades competentes das duas partes colaboram na definição das acções de formação destinadas a facilitar a reinserção dos trabalhadores portugueses desejosos de regressar ao seu país de origem.

2/ As modalidades de funcionamento dos estágios de formação profissional tendo em vista o regresso são definidas no momento oportuno e de forma concreta pelas autoridades competentes das duas partes ".

O artigo é muito impreciso e o seu conteúdo não foi desenvolvido com mais

dormenor desde então.

Veremos que a formação-reinserção ficou praticamente letra morta no respeitante a Portugal.

O processo de formação posto em prática faz apelo à colaboração de todos os intervenientes interessados. Só pode funcionar de forma satisfatória quando são coordenadas as acções a todos os níveis, desde o estabelecimento do projecto inicial até à entrada em funcionamento, nas condições do contrato, depois do regresso do trabalhador ao seu país de origem.

As operações são programadas em cada ano.

Cronologicamente, o desenrolar das acções efectua-se da seguinte maneira.

O país de origem recenseia no seu território, junto de empresas públicas ou pertencentes a sectores prioritários ou em extensão, as necessidades em quadros médios ou mão-de-obra especializada. Estas são traduzidas em ofertas de empregos definindo os postos a prover e o seu número. De seguida, transmite estas necessidades à sua representação oficial em França que as leva ao conhecimento dos seus originários por meio de afixação nos locais das suas representações (embaixadas, consulados, associações, ...), via rádio ou imprensa lida pelos migrantes, por informação oral transmitida em conversa nos locais habituais de encontro dos trabalhadores.

Os candidatos eventualmente interessados podem obter informações mais aprofundadas junto destes mesmos organismos e tornarem-se voluntários para seguir uma formação.

São então seleccionados e orientados com a ajuda do futuro formador que passa testes, dá a sua opinião sobre os níveis e as possibilidades. É neste estágio que se situa a primeira intervenção da parte francesa, transmitindo às autoridades consulares os pedidos à Caixa Central de Cooperação Económica encarregada de estabelecer uma ligação com o potencial formador (A F P A , liceus técnicos, centros de formação da Câmara de Comércio e Indústria, centros de estudos, etc.).

De acordo com os resultados obtidos, o migrante faz um contrato com o seu futuro empregador. Conhece então o posto que ocupará, o local geográfico que lhe é afecto, as condições que lhe serão postas quer ao nível do salário quer das possibilidades materiais da sua reinserção (em particular o alojamento). Este contrato é uma garantia de emprego no regresso.

Durante o período de estágio cuja duração varia de 2 a 14 meses a tempo inteiro (cinco a seis meses na média geral), o trabalhador migrante está sujeito ao regulamento do estabelecimento em que está colocado. As condições relativas a tudo o que diz respeito à remuneração, ao alojamento, às despesas de transporte, às férias pagas, à cobertura social, à reforma e os subsídios familiares estão explicitadas num livreto intitulado: " Estatuto dos estagiários imigrados em formação-reinserção " (Anexo II).

O controle e o seguimento das formações são assegurados durante o estágio simultaneamente pela parte francesa e pelo país interessado.

Em toda a medida do possível, os estagiários são reunidos em grupos homogêneos constituídos para seguir um programa adaptado às necessidades específicas do país, tendo em conta a duração e também a experiência já adquirida nas empresas. Os estagiários podem também inscrever-se, a título individual, em estabelecimentos e seguir programas dando acesso ou não a diplomas (particularmente dos C A P ).

A viagem de regresso do trabalhador e da sua família no término da formação é normalmente tomada a cargo pelo país de origem. A partida é prevista para o mês que se segue ao fim do estágio, em data determinada pelo interessado.

A experiência conduzida até hoje faz aparecer um pôr em marcha lento. Os programas tal como foram anunciados não puderam ser realizados na sua totalidade e desvios inevitáveis apareceram entre previsões e realizações.

Quadro 11 - A " formação-reinserção " segundo as nacionalidades (1975 - 1980).

Nacionalidade	1975	1976	1977	1978	1979	1980	Total 75-80
Argelinos	28	27	201	312	375	496	1439
Tunisinos	—	36	1	—	—	15	52
Marroquinos	—	—	—	4	—	—	4
Malianos	—	15	15	14	14	15	73
Mauritanos	—	—	—	—	—	36	36
Senegaleses	—	18	2	—	23	1	44
Portugueses	—	—	—	—	—	12	12
Outros	—	—	—	3	1	5	9
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>96</b>	<b>219</b>	<b>333</b>	<b>413</b>	<b>580</b>	<b>1669</b>
<b>Custo dos Programas (em milhões de francos)</b>	<b>0.65</b>	<b>3.65</b>	<b>10.15</b>	<b>13.1</b>	<b>17.0</b>	<b>28.0</b>	<b>72.55</b>

Fonte: Caisse Centrale de Cooperation Economique.

Desde o começo até 1981 beneficiaram da formação-reinserção pouco mais de 1 669 trabalhadores estrangeiros. 85 % são Argelinos seguidos por nacionais dos Estados Africanos Negros (cerca de 10 %) e de Tunisinos. O custo total deste programa eleva-se a 72,5 milhões de francos, pelo que a média de cada migrante formado se eleva a cerca de 43 000 francos.

A formação fornecida durante estes cursos varia segundo os países de origem (Wagner, 1980), podendo ser divididas em duas categorias principais: países norte-africanos (Argélia, Tunísia) interessados sobretudo no domínio industrial, enquanto os países africanos negros (Mali, Senegal) estão mais interessados no domínio agrícola.

Os poucos Portugueses que beneficiaram da formação-reinserção foram técnicos do frio industrial.

b) A "ajuda para o regresso"

Se o dispositivo que acabamos de referir não provocou grande eco na opinião pública, já não se pode dizer o mesmo da "ajuda para o regresso".

Uma instrução ministerial de 1/6/77 pôs em andamento um dispositivo destinado a permitir aos emigrantes que o desejassem, um benefício de ajuda para o regresso aos seus países de origem. Numa primeira fase, esta ajuda era apenas concedida aos beneficiários do subsídio de desemprego. O governo decidiu posteriormente, a partir de 1/10/77, estender esta ajuda a novas categorias de migrantes:

- os desempregados não-subsidiados, já inscritos na ANPE como candidatos a emprego à data de 1/10/77 com justificação de existência de cinco anos de actividade assalariada em França;
- os trabalhadores assalariados justificando igualmente cinco anos de actividade, tendo ocupado um emprego durante os seis últimos meses e cujo salário não fosse superior ao dobro do tecto fixado pela Segurança Social. São assimilados nesta categoria os beneficiários deficientes com pensões de invalidez que justificassem cinco anos de actividade assalariada em França, desde que a invalidez resulte de um acidente de trabalho ou doença profissional;
- por extensão, podiam ainda beneficiar da ajuda para o regresso, o cônjuge e os filhos menores do requerente que teriam que abandonar o território francês ao mesmo tempo que este.

Ao todo, estavam abrangidos por esta ajuda para o regresso emigrantes de 23 nacionalidades.

Não podiam pretender ser beneficiários: os trabalhadores emigrantes de idade superior a 65 anos, os súbditos de países membros da CEE; os estrangeiros dispensados da autorização de trabalho; os estrangeiros na posse de uma autorização provisória de trabalho; os refugiados e os apátridas e os cônjuges de súbditos franceses.

O montante da soma recebida pelo requerente era de 10 000 francos; do cônjuge, se é desempregado não subsidiado ou assalariado e justifica cinco anos de actividade assalariada em França, 10 000 francos, se é titular de um título de trabalho ainda válido e não pode justificar cinco anos de actividade assalariada, 5 000 francos; filhos menores titulares, seja de uma carta de trabalho, seja de um certificado de residência onde esteja mencionado "trabalhador assalariado", 5 000 francos.

Era adicionada a esta ajuda uma indemnização para custos de viagem igual, por pessoa, ao preço de uma viagem de avião em classe turística; para as crianças menores ela variava entre 10 e 75 % da tarifa total.

Como proceder para obter esta ajuda ?

Cada dossier era acompanhado pela Direcção do Departamento do Trabalho competente que tomava uma decisão no espaço de oito dias. Uma vez tomada esta decisão de atribuição, tinha o trabalhador estrangeiro dois meses para deixar a França com a sua família, conservando evidentemente o direito de lá voltar como turista. Estes dossiers de pedido de ajuda para o regresso eram depositos na agência de emprego local (caso dos desempregados) ou, nos restantes casos, endereçados directamente à Direcção do Departamento do Trabalho. O montante da ajuda para o regresso propriamente dito era integralmente depositado nos países de origem, quer seja nos Consulados quer nas missões do ONI. Em troca, o trabalhador estrangeiro comprometia-se a renunciar aos seus títulos de estadia e de trabalho e a não tornar a vir trabalhar em França.

A partir de 1977, este mecanismo evoluiu do seguinte modo:

- O texto instituindo a " ajuda para o regresso " foi revogado pelo Conselho de Estado em 24/11/78 e um mês depois (8/12/78), o governo levou à Assembleia Nacional um esboço de tentativa de regularização da situação. Este esboço nunca foi levado à discussão e portanto não votado, o aparato estatutário mantido e imposto.
- O número de nacionalidades com direito à ajuda para o regresso desceu de 23 para 18, isto em dois estádios: primeiro, em fins de 79, os nativos de três estados Africanos Negros perderam esta facilidade; depois, a partir de 31/12/80, foi negado este benefício a Espanhóis e Portugueses.
- Finalmente, uma circular ministerial suprime em 21/11/81 este dispositivo. A posição do governo, em relação ao regresso eventual dos migrantes ao seu país de origem, é aí exposta nestes termos: " se todas as perspectivas de regresso não devem ser abandonadas, estas devem, doravante, integrar-se no quadro de acordos negociados com os países de origem, visando facilitar a reinserção dos trabalhadores migrados voluntários na economia desses países ". Este texto precisa assim o desaparecimento de uma medida unilateral, decidida sem concertação com os países de emigração e que procedia de uma política de incitação à partida que está doravante afastada.

As pessoas regressadas ao seu país de origem, depois de ter beneficiado da ajuda para o regresso, que desejassem exercer de novo uma actividade assalariada em França, são considerados como primo-imigrantes. Além disso, aquando do pedido de autorização para trabalhar, " as decisões tomadas são praticamente sempre desfavoráveis por causa da situação económica e dos seus efeitos sobre o mercado de emprego "(Circular de 27/11/82).

Actualmente, o Governo Francês tem perspectiva alargar a todos os sectores em crise (automóvel, siderurgia, huleirias, estaleiros navais, etc.) mas de modo " não uniforme ", um sistema de ajuda à reinserção dos migrantes que desejem regressar (cf. *Migrants/Nouvelles*, nº 95, 1984).

Em quatro anos (de 1 de Junho de 1977 a 30 de Junho de 1981) foram aprovadas 48 000 decisões de aplicação de ajuda para o regresso, abrangendo um total superior a 93 000 pessoas (incluindo membros da família de desempregados, assalariados, que receberam indemnizações).

Quadro 12 - Balanço da " ajuda para o regresso " (de 1 de Junho de 1977 a 30 de Junho de 1981)<sup>(1)</sup>.

	(a) Desempregados	(b) Empregados	(a+b) Total	N.º de ind. (2)
1/6/77 — 31/12/77	3 667	3 359	7 026	13 313
1/1/78 — 31/12/78	3 390	12 884	16 274	31 735
1/1/79 — 31/12/79	3 167	12 449	15 616	30 957
1/1/80 — 31/12/80	1 666	4 882	6 548	12 537
1/1/81 — 30/06/81	432	2 151	2 583	4 533
<b>Total</b>	<b>12 322</b>	<b>35 725</b>	<b>48 047</b>	<b>93 075</b>

Fonte: ONI.

Os dados do quadro 12 permitem verificar uma diminuição do interesse por esta medida a partir de finais de 1979. Também aí podemos notar que 3/4 das decisões abrangem pessoas empregadas e somente 1/4 pessoas desempregadas.

Quadro 13 - Balanço da " ajuda para o regresso " segundo as nacionalidades.

Decisões tomadas Nacionalidade	Indiv. atingidos (empreg. + desemp.)		N.º de Pessoas		p/ decisão (b)/(a)
	Número (a)	%	Número (b)	%	
Espanhóis	8 510	17,7	23 560	25,3	2,77
Portugueses	17 232	35,9	36 689	39,4	2,13
Argelinos	3 109	6,5	3 745	4,0	1,20
Marroquinos	4 000	8,3	5 662	6,1	1,42
Tunisinos	5 015	10,4	7 269	7,8	1,45
Turcos	2 540	5,3	3 488	3,8	1,37
Negros African. (+ Mauritanos)	4 518	9,4	5 955	6,4	1,32
<b>Total</b>	<b>48 047</b>	<b>100,0</b>	<b>93 075</b>	<b>100,0</b>	<b>1,94</b>

Fonte: Office National de l'Immigration.

- (1) - Há apenas uma decisão por família mesmo quando vários membros dessa família estão em condições de obter o subsídio.
- (2) - Inclusão de todos os membros da família (esposa ou marido e crianças menores) de trabalhadores empregados e desempregados que foram contemplados com a " ajuda para o regresso ".

O quadro 13 permite verificar que mais de metade das decisões tomadas (53,6 %) dizem respeito aos Ibéricos, abrangendo sobretudo os Portugueses (35,9 %). Os Norte-Africanos não representam mais de 1/4 de migrantes aderentes. Esta diferença de comportamento é tanto mais notória que as pessoas activas, Ibéricas e Norte-Africanas, tinham um peso idêntico no último recenseamento efectuado em França (1975), respectivamente, 35,7 % e 35,1 %. Verifica-se pois uma ausência de correspondência entre a implantação em França e o fluxo de regresso. Além disso relembramos que Espanhóis e Portugueses perderam a facilidade decorrente deste mecanismo desde Dezembro de 1980.

No que diz respeito à composição das famílias, determinada pela relação

$$\frac{\text{nº de pessoas abrangidas}}{\text{nº de dossiers aceites}}$$

aparece uma clivagem entre três nacionalidades europeias e as outras. Para as primeiras, cada dossier leva, em média, ao regresso de mais de duas pessoas (Espanhóis 2,77, Jugoslavos 2,15 e Portugueses 2,13), enquanto que para as outras nacionalidades os valores pouco se afastam da unidade.

Foi entre os Portugueses que a ajuda para o regresso obteve maior "sucesso". Representa 39,4 % dos emigrantes que individualmente foram abrangidos por esta medida.

Já abordámos as características dos Portugueses que aderiram a esta medida e ver-se-á mais adiante a reacção que ela provocou nos migrantes.

Se outros países instituíram certos mecanismos para incentivar o regresso dos migrantes, foi a França o único país que criou uma medida financeira tendo em vista esse objectivo e isto em grande escala (Lebon, 1981). Não são pois de admirar as reacções em catadupa que se sucederam a esta medida. Não nos propomos analisar aqui todas as reacções suscitadas pela política francesa do regresso, pois seria necessário consagrar um estudo só para esse assunto. O nosso objectivo é de somente assinalar algumas reacções de diferentes quadrantes ideológicos da sociedade francesa face à política do regresso.

Num artigo intitulado "a livre escolha", o Figaro de 27 de Abril de 1977 considera que esta incitação à partida é, na realidade, a concretização de uma política esboçada em finais de 75 mas interroga-se todavia qual será "o impacto de uma tal medida" dando que os 95 000 trabalhadores imigrados desempregados são por um lado serventes ou operários sem qualificação, e por outro lado, jovens da segunda geração buscando postos no terciário e que estes desempregados terão dificuldade em encontrar trabalho no seu país onde além disso serão bem menos indemnizados do que em França.

Quanto aos trabalhadores imigrados qualificados que poderiam encontrar emprego no seu país " são bastante requisitados no mercado de trabalho francês, sobretudo na construção civil ".

Para Le Garrec, delegado nacional do partido socialista para os trabalhadores imigrados, " o verdadeiro objectivo da operação é de ' limpar ' as estruturas, e ao dividir os trabalhadores franceses e imigrados, reduzir a força das suas reivindicações ". Chama igualmente a atenção para " o sistema de expulsões invisíveis: recusa de renovação dos papéis por pretextos diversos, partida autorizada verbalmente por um período mais longo com carta recomendada de licenciamento no fim do período legal ... Este sistema actua sobre a complexidade de uma regulamentação por vezes contraditória, a inexistência de direitos reais, a ignorância, o medo, o isolamento dos trabalhadores imigrados " (Le Matin de Paris, 26 de Abril de 1977).

Os três principais sindicatos (CGT, CFDT, FO), globalmente falando, tomaram posições semelhantes. A execução de uma política de regresso requer a realização de três condições: liberdade de escolha para os migrantes, aquisição de formação profissional que permita a reinserção no país de origem e a cooperação entre os países implicados.

A CGT (Quotidien, 22/6/77) lança várias acusações contra o Governo a propósito da ajuda para o regresso, medida que qualifica de "escandalosa". Trata-se de uma manobra política destinada a fazer recair sobre os trabalhadores a responsabilidade da crise e do desemprego. A CGT considera que o pecúlio de partida destinado aos imigrados é " um logro ". Além do mais, os que partem ver-se-ão privados de um certo número de direitos sociais (Segurança social, subsídios familiares, etc.) de que beneficiariam enquanto desempregados.

A CFDT face às últimas medidas ditas " Stoléru " toma também posição (28 de Setembro de 1977): " a CFDT denuncia estas disposições racistas que querem fazer crer à opinião pública que o desemprego dos trabalhadores franceses será resolvido por este reenvio maciço ".

A FO (FO, Hebdo, n° 1563, Outubro de 1978) considera que é impossível substituir os trabalhadores estrangeiros por trabalhadores franceses em certos ramos das actividades económicas.

As diferentes Igrejas também manifestaram a sua opinião nesta matéria, muito em particular a Igreja Católica. Monsenhor Saint-Gaudens, bispo de Agen e Presidente da Comissão Episcopal das Migrações, interroga num artigo intitulado " Será necessário enviar para o seu país os trabalhadores imigrados ? " se a solução do pecúlio é justa. " Ela responde ao desejo de alguns que podem escolher livremente



o regresso e veriam na soma proposta uma justa compensação para os subsídios a que têm direito. Mas para muitos, que não podem escolher, isto pode ser uma armadilha que os condena - fazendo-os perder todos os direitos adquiridos durante a estadia - ao desemprego e à miséria no seu próprio país " (La Croix, 15-16/5/77).

Uma sondagem efectuada pela SOFRES entre 9 e 15 de Janeiro de 1981 (Le Journal du Dimanche, 18/1/1981), sintetiza o estado da opinião pública: 71 % das 1 000 pessoas interrogadas acham que os trabalhadores migrantes não devem ser mandados de volta para o seu país de origem mas a entrada de novos estrangeiros activos deve ser cancelada. Apenas 17 % afirmam que são a favor do regresso compulsivo dividindo-se os restantes entre oponentes às medidas restritivas à entrada de novos trabalhadores activos (8 %) e pessoas sem opinião (4 %).

Que reter deste balanço da primeira experiência tentada para incitar financeiramente os trabalhadores estrangeiros a regressar ao seu país ? Os resultados são pouco significativos em relação aos eventuais candidatos. Ao descargo das autoridades, a proposição da partida reveste-se, formalmente, de um carácter não coercitivo, a possibilidade de uma recusa é deixada em aberto. Segundo os resultados de estudos recentes efectuados pelo Ministério do Trabalho a ajuda para o regresso constituiria menos uma medida de incitação que uma medida de acompanhamento.

Para além do número de estrangeiros que efectivamente partiram, podemos perguntar-nos qual é o número ou a proporção de desempregados obtidos a menos com estas partidas. Apenas se pode ficar céptico, como o confessava o Ministro Monory<sup>(1)</sup>: "Ainda não há muito, os nossos amigos Alemães, em finais de 75, separaram-se de 500 000 ou 600 000 trabalhadores imigrados. Chamo a atenção que hoje a sua percentagem de desemprego é a mesma da França, apesar deste afastamento ".

(1) - Declaração de 26 de Abril de 1977 ao jornal " La Croix ".

### 5.1.3/ Aspectos sócio-psicológicos

#### A/ Trabalho

O trabalho condiciona toda a vida do migrante: " é o trabalho que faz ' nas-  
cer ' o imigrado, que o faz ser; é também ele, quando se acaba, que faz ' morrer ' o imigrado, pronuncia a sua negação ou recalca-o no não-ser " (Sayad, 1979, p. 7).

As condições em que se organiza o trabalho não têm meramente interesse na compreensão do meio de trabalho. Sem esse conhecimento, " nos meios operários é impossível compreender a vida interna do casal, das relações interindividuais no interior do grupo, o comportamento de cada membro em relação ao do conjunto " (Chombart de Lauwe, 1956, p. 1).

Os migrantes julgam as suas condições de trabalho em França em relação ao que elas eram na sua terra. Tais condições raramente eram boas (Minces, 1973, pp. 242-249).

#### a) - Sectores de actividade e qualificações profissionais

A profissão impõe uma dupla marca e uma dupla ligação à vida económica da sociedade onde é exercida. Por um lado, situa o indivíduo num ramo de actividade colectiva como a construção, a metalurgia, ..., por outro lado, corresponde a uma actividade individual como a de torneiro, pedreiro, ... (Chombart de Lauwe, 1956, p. 13).

Segundo o recenseamento de 1975, os estrangeiros distribuíam-se do seguinte modo nos sectores de actividade:

	Estrangeiros
Agricultura .....	5,7 %
Energia .....	1,1 %
B T P .....	26,8 %
Indústrias .....	37,5 %
Comércio .....	5,9 %
Serviços .....	22,8 %

Proporcionalmente, há mais estrangeiros trabalhando na construção civil e na indústria do que Franceses (respectivamente, 7,6 % e 27,1 %). Os Portugueses também trabalham sobretudo nestes sectores. Em relação ao conjunto dos estrangeiros, os Portugueses trabalham mais na construção civil (34,2 %).

Quadro 14 - Sector de actividade da população portuguesa imigrada

	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Agricultura, silvicultura e pescas	10 515	2 690	13 205
Produção e distribuição de energia	590	150	740
Construção e trabalhos públicos	118 895	1 445	120 410
Indústrias	85 545	42 790	128 335
Comércio	8 255	5 910	14 165
Serviços	24 305	50 510	74 815
TOTAL	248 175	103 495	351 670

Fonte: Recenseamento de 1975.

O quadro 14 mostra que no recenseamento de 1975 os homens portugueses trabalhavam sobretudo na construção e trabalhos públicos, enquanto que as mulheres exerciam a sua actividade sobretudo no sector dos serviços e nas indústrias. Nos serviços, as mulheres portuguesas estão substituindo as Espanholas. As Portuguesas, geralmente não qualificadas e com um nível de instrução baixo, encontram-se perante a alternativa profissional: os serviços ou a fábrica.

A escolha de uma ou outra alternativa resulta da combinação de um certo número de factores (Leonetti, Lévy, 1978):

- a situação familiar: chefes de família preferem exercer empregos domésticos a fim de trabalhar um número máximo de horas;
- a actividade exercida anteriormente: em comparação com a limpeza o trabalho na fábrica pode parecer menos duro;
- a atitude face à migração: uma atitude instrumental permite aceitar exercer trabalhos julgados degradantes, enquanto que o desejo de integração na sociedade francesa levará a exigências.

Comparando os dados do recenseamento de 1968 com os de 1975, verifica-se uma queda dos homens que trabalham na construção e trabalhos públicos, 57,1 % e 47,9 % respectivamente. Recuando ainda mais no tempo, segundo uma sondagem efectuada em Março de 1965, estariam neste caso 78 % dos Portugueses no departamento do Sena (Hommes et Migrations, 105, 1966). A revista " Hommes et Migrations " (1966) comenta esse resultado e avança uma explicação sociológica mediante a ligação entre

a profissão exercida em Portugal antes da partida e a profissão exercida no al-  
de acolhimento. Os migrantes portugueses, na sua maioria rurais, iam de pref-  
rência para trabalhar ao ar livre do que para as fábricas. Pelo contrário, os an-  
tigos operários, artesãos e comerciantes iam mais para a metalurgia. Essa corre-  
lação verificada em 1965 diminui com o tempo de estadia, tornando-se o migrante  
mais livre dos condicionamentos iniciais. É assim que verificamos que em 1975, me-  
nos de metade dos Portugueses trabalham no sector em questão.

Os níveis de qualificação são em geral baixos (quadro 15).

Quadro 15 Categorias sócio-profissionais das pessoas activas

	Franceses de nascimento		Naturalizados		Estrangeiros		Portugueses	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Total	9 559 025	100,0	631 495	100,0	1 584 340	100,0	360 730	100,0
de que:								
Assalariados agrícolas	294 790	1,5	11 140	1,8	69 550	4,4	11 570	3,2
Patrões, Profissões libe- rias, Quadros superiores	2 969 970	15,2	110 085	17,4	88 155	5,6	3 245	0,8
Quadros médios, Empregados	6 325 060	32,3	153 625	24,3	126 965	8,0	14 155	3,9
Contramestres, Operários qualificados	3 047 305	15,6	125 745	19,9	362 810	22,9	93 795	26,0
Operários especializados, Serventes	3 638 285	18,6	144 490	22,9	776 810	49,0	199 815	55,4
Pessoal de serviços	1 089 675	5,6	44 945	7,1	108 870	6,9	36 720	10,2

Fonte: Recenseamento de 1975.

Os resultados do recenseamento de 1975 permitem constatar um acentuado défi-  
cit dos activos franceses em operários qualificados e sobretudo em serventes e o-  
perários especializados bem como um déficit em assalariados agrícolas.

São os estrangeiros que preenchem estes déficits. A proporção de operários en-  
tre os estrangeiros activos qualificados segundo a categoria sócio-profissional é  
particularmente importante: 71,9 % do conjunto, de que 22,9 % são contramestres e  
operários qualificados e 49 % são operários especializados e serventes. A propor-  
ção de operários entre os Portugueses activos é ainda superior: 61,4 %, dos quais  
26 % são contramestres e operários qualificados e 55,4 % são operários especiali-  
zados e serventes. Em relação aos estrangeiros os Portugueses comportam mais ope-  
rários qualificados, especializados, serventes e pessoal de serviço e menos assa-

lariados agrícolas, quadros médios e superiores.

Segundo o inquérito do Ministério do Trabalho e da Participação sobre a mão-de-obra estrangeira (Outubro de 1976), os assalariados estrangeiros representam 10,5% do conjunto de assalariados, mas 17,1 % dos operários, 14,6 % dos operários qualificados, 18 % dos operários especializados e 23 % dos serventes. Segundo este inquérito 93,6 % dos assalariados Portugueses são operários, de que 16,6 % são serventes, 37 % são operários especializados e 40,3 % são operários qualificados.

No inquérito da FNSP (Garson, Tapinos et al., 1981), os Portugueses partilhavam três características sócio-profissionais com os marroquinos: 1) a concentração mais forte no BTP; 2) uma participação superior à média na agricultura; e 3) também uma característica comum à Espanha e à Itália, a importância dos serviços (em particular do trabalho doméstico).

Os resultados de diferentes inquéritos nem sempre coincidem. " Isto porque por um lado as sondagens prévias contêm uma margem de incerteza bastante elevada (pela própria natureza da população estudada), por outro lado, porque a categoria ' estrangeiros ' abrange quer o conjunto quer somente a maioria constituída pelos afluxos recentes de trabalhadores " (ONI, Granotier, 1973, p. 84).

Os resultados apresentados são no entanto suficientes para verificar:

- Os estrangeiros ocupam profissões não qualificadas que a mão-de-obra francesa recusa. São na sua grande maioria operários. Diversas estatísticas já publicadas puseram em evidência as desigualdades existentes entre os representantes das diversas categorias sócio-profissionais. " Estas desigualdades não aparecem somente no plano dos meios materiais de que dispõem as famílias, mas no do desenvolvimento corporal e da mortalidade infantil, etc. ... " (Chombart de Lauwe, 1966, p. 124).
- A situação de uma nacionalidade em França pode melhorar com o tempo. Houve uma promoção para os Italianos que nos anos 20 eram mineiros ou operários agrícolas. Para os Portugueses a percentagem de serventes e operários especializados (homens), passaram de 63,8 % em 1968 a 56,3 % em 1975; as percentagens de contramestres e operários qualificados passaram de 25,4 % em 1968 a 34,3 % em 1975.

#### b) - Pureza física

Os inconvenientes da moderna divisão do trabalho são bastante conhecidos (Friedman, 1964). A especialização levada ao extremo, como por exemplo no trabalho em cadeia, traduz-se praticamente pela repetição, um número considerável de vezes, de um mesmo movimento não originando o mínimo de criatividade do indivíduo. Tal trabalho tem uma influência nefasta sobre o equilíbrio psíquico. A repetição desempe

nha um papel importante sobretudo para certas profissões e situações. O operário da construção civil não a conhece ou sofre com ela muito menos.

Num estudo de 54 firmas industriais empregando uma alta percentagem de trabalhadores estrangeiros e assegurando ao mesmo tempo uma fatia relativamente alta da produção nacional do seu grupo industrial (29 em indústrias de manufatura, 22 na construção civil e 3 na indústria de serviços), levado a cabo em 1973-74, Rerat et al. (1974) concluiu que 75 % dos trabalhadores estrangeiros da amostra eram empregues em profissões que requeriam um esforço físico considerável ou muito considerável, e 57 % estavam empregados em locais de trabalho onde as condições laborais eram difíceis ou muito difíceis. Além disso, estavam concentrados em profissões aborrecidas e repetitivas requerendo um pequeno esforço intelectual e um baixo nível de treino vocacional. Apenas 7 % dos trabalhadores estrangeiros da amostra estavam em empregos que requeriam mais de 6 meses de treino. Mais ainda, verificou-se que a proporção de trabalhadores estrangeiros aumentava à medida que o conteúdo intelectual da função decrescia, até ao ponto de que a proporção de estrangeiros atingiu 83 % em empregos requerendo o mínimo esforço intelectual.

O inquérito sobre as condições de trabalho realizado pelo Ministério do Trabalho em colaboração com o INSEE (Marie, Jansolin, 1981), também mostra que esforços físicos mais importantes e uma exposição às temperaturas altas e baixas, são mais frequentes nos trabalhadores assalariados estrangeiros que nos franceses. Mas, mais do que os problemas físicos e de temperatura, são as nocividades em matéria de higiene - sujidade, humidade, correntes de ar - (à excepção dos odores desagradáveis), que diferenciam os Franceses dos estrangeiros. As condições de trabalho dos assalariados estrangeiros caracterizam-se pois principalmente por uma " carga física do trabalho " geralmente mais importante.

### c) - Horários

Comparando a proporção de trabalhadores estrangeiros e as horas semanais de trabalho nos vários sectores económicos, verificou-se que os sectores em que os trabalhadores estrangeiros estavam mais concentrados eram também aqueles em que os horários eram mais longos. Em 1973, para todos os sectores em que a proporção de trabalhadores estrangeiros excedia 18 %, as horas semanais de trabalho eram superiores a 43, atingindo o seu máximo no BTP onde a média era de 48 horas (Lebon, 1977). Já vimos que era neste sector que se concentravam sobretudo os homens portugueses. Além disso, se tivermos presente que o projecto da grande maioria é de ganhar o máximo possível durante a sua estadia, a prática de horas suplementares é frequente. " A semana de trabalho, na construção e nos trabalhos públicos, é da ordem das 48 horas durante o período de Inverno para atingir quase 60 horas na estação plena, enquanto que, nas fábricas, a semana de trabalho é de cerca de 46 horas. Aos olhos dos Portugueses (dos imigrados em geral), uma longa semana de trabalho

é uma vantagem já que eles procuram trabalhar o mais possível. É frequente os Portugueses juntarem alguns trabalhos menores para particulares ou pequenos empreendimentos ao seu trabalho regular nas obras.

Segundo o inquérito da FNSP (Carson, Tapinos et al., 1981, p. 201), 1/3 dos trabalhadores portugueses interrogados trabalhavam mais de 46 horas por semana contra 27,4 % em média para os estrangeiros.

Um estudo sobre mulheres imigradas mostra que 35,5 % trabalham mais de 40 horas (de que 40 % mais de 48 horas). Entre elas, certas fazem até 60 e mesmo 80 horas. 38 % trabalham 40 horas e 26,5 % trabalham menos de 40 horas.

Estas percentagens variam no entanto segundo as nacionalidades. Enquanto que as Portuguesas e Tunisinas (46 %) trabalham mais de 40 horas por semana, as outras nacionalidades fazem na maioria 40 horas (Leonetti, Lévy, 1978).

Falar de horários de trabalho não é só falar de quantas horas de trabalho são efectuadas, mas também de quando são efectuadas. Rerat et al. (1974) verificou que a percentagem de estrangeiros aumentava em trabalhos de horário alternado: 54 % trabalhavam nas horas normais, 64 % " 2 x 8 e 3 x 8 ". No " 4 x 8 " e trabalho nocturno a proporção de estrangeiros aumentava para 80 %.

Mas se o trabalho é uma prova de que cada operário sente o peso, nele assenta também a esperança principal da existência. Ter uma profissão e exercê-la numa organização em que o salário é suficiente, proporciona uma satisfação indiscutível (Chombart de Lauwe, 1956, p. 35).

#### c) - Salários

Os baixos salários e a separação relativamente importante entre os salários dos Franceses e os dos estrangeiros, aparece como factor de discriminação (Sousa, 1973). Um estudo efectuado sobre os salários dos estrangeiros (Vlassenko, Volkoff, 1972) fazia ressaltar a existência de uma diferença de 16,5 % entre os salários a nuais médios dos assalariados estrangeiros e os do conjunto de assalariados e de 17,4 % entre esses salários e os dos autóctones.

Segundo o inquérito a que já aludimos sobre as mulheres imigradas, 42 % da amostra ganhava entre 1 500 e 2 000 francos por mês, 37 % ganhavam menos de 1 500 francos, 15 % ganhavam entre 2 000 e 2 500 francos e a restante minoria (6 %) tinha um salário superior a 2 500 francos (Leonetti, Lévy, 1978, p. 82).

Um inquérito efectuado pela CGT (1976) permite fazer comparações entre o salário das Francesas e o das estrangeiras. As diferenças entre as estrangeiras da amostra de Leonetti e Lévy e as Francesas, dizem respeito aos salários inferiores a 1 500 francos, mais numerosos nas estrangeiras (42 %) que nas Francesas (32,5 %), e os salários superiores a 2 500 francos são mais numerosos nas Francesas (10,8 %) que nas estrangeiras (6 %).

De uma maneira geral, os trabalhadores estrangeiros recebem salários muito baixos (Minces, 1973)<sup>(1)</sup>. Isso é devido aos empregos que ocupam para os quais se tem necessidade de mão-de-obra que já não se encontra na população autóctone. Outro factor causal são os postos que ocupam na escala de produção (muitas vezes devido à sua ausência de qualificação, ao analfabetismo, ao desconhecimento do francês).

Em matéria de salários, os Portugueses situam-se frequentemente no grupo dos que " independentemente da tarifa horária (com a qual não se preocupam), procuram efectuar o maior número de horas possível. Entre um salário horário superior mas sem possibilidade de fazer horas suplementares (ou com um número de horas limitado) e um salário horário inferior mas acompanhado de numerosas horas de remuneração mais elevada, é a segunda solução que eles escolhem. Fazem, sem o querer, o jogo dos empregadores e provocam, bastantes vezes, um profundo mal-estar entre os seus colegas franceses ou pertencentes a outras comunidades de imigrantes " (Minces, 1973, p. 226).

Alguns inquéritos fornecem-nos os salários dos Portugueses em momentos diferentes. Os salários médios dos trabalhadores portugueses residindo no Departamento do Sena (Hommes et Migrations, n° 105, 1966) eram:

Salários	% de trabalhadores
inferiores a 500 F p/mês .....	2,78 %
entre 500 F e 750 F p/mês .....	46,12 %
entre 750 F e 1 000 F p/mês .....	36,40 %
superiores a 1 000 F p/mês .....	6,52 %
indeterminados .....	8,18 %

Os migrantes têm, geralmente, poucas saudades do primeiro trabalho que tiveram, que na maior parte das vezes foi duro e mal pago. Aprendendo gradualmente a locomover-se no novo meio os salários têm tendência a melhorar (Hommes et Migrations, n° 105, 1966).

O inquérito de Butaud (1973) sobre os salários dos estrangeiros indicava que com um salário mensal de 1 115 F, os Portugueses ocupavam o terceiro lugar atrás dos Jugoslavos e dos Espanhóis e à frente dos Italianos (índice 111 para os Portugueses, 100 para todos os estrangeiros e 157 para os Franceses).

(1) - Já na corrente migratória para o Brasil no século passado a ignorância dos migrantes era aproveitada para estipular salários muito inferiores aos praticados correntemente. Entre os múltiplos casos encontrados por Pereira (1981, p. 26) na correspondência consular cita-se o de salários de 50 reis diários pagos a carpinteiros contratados para o Rio, onde os simples aprendizes recebiam no mínimo 2 000 réis.



As regiões de maior remuneração eram os grandes arredores (42 % ganhavam pelo menos 1 000 F), Paris e a sua cintura imediata, enquanto que no Este e no Norte, só havia 12 % de Portugueses que ganhavam mais de 1 000 F. O salário das mulheres portuguesas era quase idêntico à média de todas as nacionalidades (614 F contra 622 F).

O inquérito da FNSP realizado em 1975 (Garson, Tapinos et al., 1981), mostra que os Portugueses têm um salário directo conforme à média geral dos estrangeiros, mas mais estável. 6 % dos Portugueses interrogados ganhava menos de 1 000 F; 10 % entre 1 000 F e 1 500 F; 35 % entre 1 500 F e 2 000 F; 30 % entre 2 000 F e 2 500 F; acima de 2 500 F, situam-se os cerca de 20 % restantes. Esta distribuição é, sensivelmente, equivalente à média dos salários dos estrangeiros em França. Trata-se de ganhos regulares para 74 % dos Portugueses, contra 66 % em média.

Os salários femininos concentravam-se em duas categorias diferenciadas: 1) os pequenos ganhos de 500 a 1 000 F (24,8 % do total), que corresponde a um complemento de salário proporcionado fundamentalmente pelo trabalho doméstico e 2) salários de 1 000 a 2 000 F (perto de 50 % do total).

Se os salários dos Portugueses são globalmente inferiores aos dos autóctones, permitem-lhes, contudo, efectuar poupanças.

O inquérito realizado pelos serviços de estudo da Prefeitura do Sena (1964-65), indica que no bairro de lata de Villejuif, os salários médios dos migrantes eram de 350 F a 750 F, que a totalidade das pessoas interrogadas enviavam dinheiro, geralmente a metade e por vezes somente um quarto do salário. Os isolados só guardavam 150 a 300 F para eles (cf. Prefecture de La Seine, Juillet 1964 - Juin 1965).

Segundo o inquérito da FNSP (1981), os Portugueses interrogados transferiam anualmente 6 171 F, de que 2 239 eram transferidos nas férias.

Os Portugueses em França apresentam a taxa de poupanças transferidas, absoluta e relativa, mais elevada entre todas as nacionalidades instaladas em França (Delorme, 1983).

#### e) - Desemprego

Granotier verificava, antes da crise económica eclodir, que os imigrantes "constituem a camada mais vulnerável da classe operária ao imponderável do mercado de emprego" (1973, p. 91). Esta observação não se torna caduca com a crise económica mas, pelo contrário, confirma-se ainda mais. É "normal" que em tempo de crise de emprego, os imigrantes sejam os primeiros a serem atingidos pelo desemprego, dando o lugar que ocupam na economia francesa (Minces, 1973, pp. 271-272).

A crise económica traduz-se, desde 1974, pela aparição do desemprego que vai

aumentando. Os trabalhadores estrangeiros foram particularmente tocados pela subida do desemprego: entre 1974 e 1982, o número de pedidos de emprego dos estrangeiros (excluídos os da CEE) passou de 60 365 para 233 521. A parte dos estrangeiros no conjunto dos pedidos de emprego durante o mesmo período progrediu de 8,3 % para 11,2 % (Sopemi, 1983, p. 32). Em 31 de Dezembro de 1982 o total dos pedidos de emprego, franceses e estrangeiros, elevava-se a 2 131 359.

Neste contexto, enquanto que os trabalhadores franceses à procura de emprego são percebidos como vítimas, os trabalhadores estrangeiros são acusados como responsáveis pelas suas dificuldades. A ideia de substituir os desempregados nacionais pelos activos estrangeiros é frequente, esquecendo-se no entanto que essa população não aceitaria desqualificar-se tomando os empregos ocupados até aí pelos migrantes. Le Pons (1976) calculou que a partida de 150 000 migrantes activos libertaria entre 58 000 e 13 000 empregos, segundo o contexto económico (retoma ou prolongamento da crise).

A propósito do antídoto invocado para resolver o desemprego - o envio dos migrantes - Sartin (La Croix, 26 de Abril de 1978) escreve: "Mas não há remédio milagroso contra o desemprego e uma melhor informação sobre as realidades económicas e sociais dissipariam preconceitos reprováveis. Não somente não é evidente que os postos deixados livres pelos migrantes pudessem ser preenchidos pelos nacionais, mas a experiência mostra que no seu conjunto estes postos são por eles recusados porque são os mais duros, os mais ingratos, os mais perigosos; os menos pagos também".

Os Portugueses parecem ser relativamente menos tocados pelo desemprego. Segundo o inquérito da FNSP (Garçon, Tapinos et al., 1981, p. 201), a taxa de desemprego dos Portugueses interrogados é mais fraca que a das outras nacionalidades (96,7 % ocupados contra 91,5 % para todas as nacionalidades). Segundo o Sopemi (1983, p. 34), no fim de 1982 o número de pedidos de emprego por parte dos Portugueses elevava-se a 30 807 o que representaria 12,2 % do total dos pedidos dos estrangeiros.

Segundo o inquérito da mão-de-obra estrangeira de Outubro 1979 a percentagem de Portugueses nos estabelecimentos da indústria e dos serviços, tendo pelo menos 10 assalariados, elevava-se a 27,3 %. Os Portugueses representam pois uma parte menor nos pedidos de emprego em 31 de Junho de 1982 que a ocupada no inquérito da mão-de-obra estrangeira em Outubro de 1979.

#### B/ Alojamento

O alojamento constitui um aspecto importante da vida do migrante. Chombart de Lauwe (1956) classifica-o na categoria das "necessidades - obrigações" cuja satisfação é vital. Ora os migrantes não só estão mal alojados, como também têm consciência de estar alojados à parte (Montvalon, 1976).

Para ilustrar o agudo problema que se põe aos migrantes neste domínio estimava-se em 1970 que 240 000 <sup>homens</sup> e 100 000 famílias (um total de cerca de 340 000) viviam em condições inaceitáveis. Em 1974 estimava-se que 280 000 homens e 150 000 famílias (um total de cerca de 430 000, ou seja, 1/5 da população estrangeira) viviam em condições " dificilmente toleráveis ". E, em 1978, os migrantes representavam 70 a 80 % da população que vivia num habitat insalubre (Le Dossier de l'Immigration, 1980).

O próprio Ministério do Trabalho (Le Dossier de l'Immigration, 1980) admite que " em teoria, os imigrantes têm acesso, ao mesmo nível que os nacionais, ao parque habitacional, social ou não, mas de facto, a sua inserção põe problemas particulares principalmente por causa de:

- a forte proporção de isolados, quer sejam celibatários ou chefes de famílias que permaneceram no país de origem. Avalia-se em cerca de 925 000 o número de isolados entre 4 200 000 estrangeiros que se encontravam em França à data de 1 de Janeiro de 1978.
- o fraco nível dos rendimentos, ocupando os imigrantes os empregos menos qualificados e portanto os mais baixos na hierarquia dos salários.

Além disso, a vinda de imigrantes para as habitações arrisca-se a reacções de rejeição por parte da população francesa. Certos organismos do HLM também se mostram muitas vezes reticentes a admiti-los no seu parque, atitude partilhada em muitos dos casos pelos municípios ".

A situação global do alojamento para os migrantes caracteriza-se pela importância do parque insalubre e pela penúria (Rudder-Paurd, 1979). A penúria é dupla:

- no mercado privado não existem alojamentos com um certo conforto a preços correspondentes aos ordenados dos migrantes; sobretudo porque nas regiões em que trabalham a imensa procura aumenta os alugueres;
- os alojamentos sociais não são suficientes para as necessidades da população, francesa e imigrada, o que pode ser atestado pelas listas de espera nos organismos HLM e nos ficheiros " mal alojados " das Prefeituras.

Segundo Mincos (1973, pp. 370-374), para justificar as condições de alojamento dos migrantes invocam-se geralmente dois argumentos: a chegada em massa de clandestinos que teria desorganizado as previsões em matéria de alojamento; a crise geral da habitação em França.

Se os tempos heróicos da migração portuguesa para França em que ao conceito indutor " alojamento dos Portugueses em França " se associava o " bidonville ",

estigma dos anos 60, pertencem já à história<sup>(1)</sup>, vários inquéritos efectuados na década de 70 deixam transparecer as difíceis condições de alojamento dos Portugueses.

Quadro 16- Tipo de alojamento por nacionalidade

Tipo de alojamento	Itali.	Espan.	Portug.	Jugosl.	Magreb.	African.	Conjunto
1 Aloj. degradados	0,7	2,2	5,0	1,1	1,3	5,7	1,8
INSEE 1963	0,5 %	0,9 %	5,7 %		Arg. INSEE 5,7 %		3,1 1,9 %
2 Bairro de lata	0,1	1,0	6,3	0	1,4	0	1,3 3,3
INSEE 1968 : Constr. provisór.	0,8 %	0,8 %	3,4 %		Arg. INSEE 2,8 %	0	1,4 %
3 Aloj. temporário e barracas	0,1	1,3	6,2	0	3,8	0	2,1 (1)
4 Hotel mobiliado	1,3	3,6	8,9	24,7	34,5	19,7	13,9
INSEE 1968 : Quartos mobiliados	2,7 %	5,7 %	12,2 %		Arg. : 32 %		9,5 %
5 Quarto ou apartamento mobiliado	8,3	23,4	22,3	18,4	16,5	18,8	16,0
Sub-total mobiliado (4+5)			31,2		51,0		
6 Apartamento HLM	9,7	6,9	1,6	1,8	3,4	0,4	5,9
7 Apartamento não-HLM	46,2	36,9	21,4	40,8	21,6	4,2	32,9
Sub-total apartamento vazio (6+7)	55,9	43,8		42,6			
8 Casa	28,9	14,8	22,4	9,8	5,6	0	16,2
9 Lar	1,8	1,7	3,7	1,2	10,4	50,8	6,0
10 Centro de trânsito	0,1	0	0,7	0	0	0,3	0,1
11 Portaria	2,4	7,9	1,1	1,5	1,4	0	3,0
12 Outros	0,3	0,4	0,2	0,7	0,1	0	0,3
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Dutaud, 1971.

- (1) - Um dos casos mais "célebres" é talvez o do bairro da lata de Champigny-sur-Marne (Allal et al., 1977, pp. 32-33) cujas origens se situam em 61-62 e correspondem ao início de uma grande vaga de migração portuguesa. A deno-  
lição do bairro da lata pôde originar o regresso: "as questões do transpor-  
te e da contratação foram de tal maneira importantes que numerosos 'reab-  
sorvidos' preferiram regressar a Portugal em vez de enfrentar novas condi-  
ções de vida" (ibid., p. 38).

O quadro 16 indica o tipo de alojamento segundo a nacionalidade no estudo de Butaur (1973), mostrando os diferentes tipos de habitação ocupados pelos trabalhadores migrantes. Os Portugueses viviam principalmente em quartos ou apartamentos mobiliados e proporcionalmente são tão numerosos como os Italianos em casas individuais. Representavam a maior proporção nos bairros de lata e alojamentos provisórios.

Segundo este mesmo inquérito, os Portugueses encontram alojamento sobretudo por meio de amigos (isto é, compatriotas), o que perfaz 62 % dos casos e muito raramente por intermédio de uma agência (3 %). O patrão fornece o alojamento a 1 em cada 5 migrantes (21 %).

A qualidade do alojamento dos estrangeiros não se explica a partir de um princípio único, mas a partir de uma série de razões. A nacionalidade é o factor mais determinante das condições de alojamento. Há uma diferença considerável entre Italianos, Espanhóis e Jugoslavos, por um lado, e Portugueses, Magrebinos e Africanos, por outro. A intervenção simultânea de vários determinantes:

nacionalidade	portuguesa ou magrebina
região	Paris, arredores
escolaridade	mesmo bastante longa, até 8 anos
tempo de estadia	menos de 6 anos
mau conhecimento do francês	

deixa poucas possibilidades de viver num alojamento confortável.

Verificou-se também que a introdução da dimensão tempo de estadia em França confirma a regressão dos "alojamentos de primeiro acolhimento" e o aumento dos "alojamentos de instalação" (Ibid., p. 80). Igualmente, a proporção dos migrantes em alojamentos de "qualidade inferior" decresce lenta mas regularmente de uma categoria de antiguidade para outra. Entre os migrantes portugueses com menos de três anos em França, as probabilidades de viverem em alojamentos de "qualidade inferior" são de 47 % (Ibid., p. 160). Para os Portugueses, a "qualidade" do alojamento **amelhora-se** com o conhecimento do francês (Ibid., p. 162).

Entre nove "problemas" particulares postos pela migração o autor (Ibid., p. 70) encontrou que o primeiro problema para o conjunto das nacionalidades imigradas, e dos Portugueses em particular, é o alojamento. De notar no entanto que nessa lista não figure o problema linguístico.

O obstáculo principal à vinda das famílias é o alojamento. O círculo vicioso do alojamento, encontrando-se o obstáculo inicial reforçado numa espécie de causalidade circular, pode ser descrito do seguinte modo: "a qualidade do 'acolhimento' da sociedade de 'acolhimento' determinando o acesso à habitação familiar, ele próprio na origem do estatuto familiar em França, o isolamento conjugal provocando por sua vez transferências monetárias frequentes e importantes que têm uma

incidência sobre a qualidade da habitação de imigração (diferença entre a qualidade dos alojamentos dos celibatários e a dos casados isolados), deterioração que torna ainda mais improvável a vinda das famílias para França " (Butaud, 1973, p. 173).

O caminho mais frequente para a aquisição de bens de conforto por parte dos migrantes passa, em primeiro lugar, pela televisão, o frigorífico, depois a máquina de lavar e finalmente o automóvel. Os Portugueses utilizam esse mesmo caminho tirando a máquina de lavar que poucos então possuíam (Ibid., p. 146).

Quadro 17 - Possessão de bens de conforto dos Portugueses e do conjunto dos migrantes (%).

Possessão de bens de conforto	Portugueses	Conjunto dos migrantes
Televisão	32	43
Frigorífico	24	45
Mág. de lavar	4	25
Automóvel	14	21
Mág. de coser eléctrica	7	14
Aspirador	2	12
Telefone	1	5
Fenceraçora	2	3

Fonte: Butaud, 1973.

Outra investigação efectuada por Jousselin e Taillard (1975) compara as condições de alojamento dos migrantes com os Franceses (Quadro 18) em três áreas da região parisiense.

Mais de metade dos alojamentos degradados (55 %) são ocupados pelos Portugueses. As casas individuais, como no inquérito de Butaud, são na sua maioria ocupadas pelos Italianos e Portugueses.

As diferenças encontradas nas condições de alojamento estabelecem uma hierarquia semelhante à de Butaud. Os Portugueses e os Jugoslavos têm condições de alojamento intermediárias entre os Italianos e os Magrebinos e Africanos. Os homens não acompanhados têm igualmente piores condições de alojamento. O tempo de estadia tem um efeito positivo no conforto e qualidade de alojamento, mas não necessariamente na densidade de ocupação.

Quadro 18- Diferentes tipos de alojamento segundo as nacionalidades. (%).

Nacionalidade	Alojamentos de graduados	Lar	HLM	Casa	Apartamentos alugados (não-HLM)	Apart. mo- bilados, Quartos e Hotéis mo- bilados	TOTAL
Francesa	5,0	5,7	22,5	5,0	18,9	0,7	13,4
Italiana	1,7	1,1	6,5	35,0	12,4	0,0	8,5
Portuguesa	55,0	15,9	19,6	30,0	22,8	30,4	25,5
Jugoslava	0,0	8,0	2,9	5,0	14,6	11,1	9,3
Argelina	21,7	14,8	25,4	17,5	6,8	32,6	16,7
Marroquina	5,0	25,0	10,9	5,0	5,4	8,1	8,3
Tunisina	0,0	10,2	9,4	2,5	12,7	12,6	10,4
Africana	11,7	19,3	2,9	0,0	6,5	4,4	7,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Jousselin, Taillard, 1975.

O inquérito da FNEP (Garson, Tapinos et al., 1981) mostra que poucos Portugueses estão alojados em lares ou em hotéis, perto de 35 % habitam apartamentos (contra 30 %, em média); vêm em seguida os pavilhões (13 %) o que coloca os Portugueses depois dos Italianos (16,7 %) e antes dos Espanhóis. A habitação em quarto (cerca de 13 %) é inferior à média de todas as nacionalidades. O alojamento em HLM é sensivelmente equivalente à média geral (11,4 % dos interrogados em vez de 11,1 %).

O acesso à propriedade continua ainda muito limitado: 3,7 % dos interrogados; em contrapartida, a categoria dos alojamentos alugados é sensivelmente superior à média (excepto para a Espanha que suplanta Portugal): 10,7 % dos interrogados em lugar de 8 % sobretudo se lhe adicionarmos a taxa de respostas evasivas (3,1 % em vez de 1,3 %). Este fenómeno traduz a importância das habitações de função (portarias) para as nacionalidades da Península Ibérica. As suas consequências sobre a poupança e a transferência são sensíveis.

A exploração do recenseamento de 1975 (Tribalat, 1982) mostra que os estrangeiros, no seu conjunto, habitam alojamentos menos confortáveis que os Franceses e mais exíguos quando em igualdade de conforto. É o efeito da sua condição de trabalhadores, muitas vezes ocupando a escala social mais baixa, que determina o seu habitat, ou é a própria condição de estrangeiros? A resposta do recenseamento é clara. Entre os mais pobres da sociedade, os migrantes são ainda penalizados por

serem estrangeiros.

Utilizando a terminologia do recenseamento, 92 % dos casais portugueses habitam um alojamento normal; os restantes 8 % de casais portugueses formados de pessoas sós são por vezes mulheres-a-dias que habitam um quarto mobilado ou independente. Se os Franceses têm em média pouco mais de uma dependência por pessoa quando ocupam um alojamento normal, para os Portuguesas essa média não atinge uma dependência por pessoa (0,74). Os casais portugueses, apesar de serem numerosos a habitar um alojamento normal, este não está muito bem equipado, pois em 55 % dos casos não comportam nem banho nem duche e em 35 % dos casos não têm WC interior.

Os dados mais recentes de que se dispõe, enquanto se esperam os resultados do recenseamento de 1982, são os da Comissão Nacional para o Alojamento dos Imigrantes (CNLI) que explorou o inquérito sobre o alojamento efectuado pelo INSEE (Migrations/Informations, n° 40, 1982). Note-se que os lares dos trabalhadores migrantes não estão incluídos neste inquérito.

O número médio de estrangeiros varia sensivelmente de um grupo de nacionalidades para outro. A média dos Portugueses é a segunda mais elevada - 3,6 - (Norte-Africanos, 3,8; Franceses, 2,8). Segundo o estado de ocupação dos alojamentos, 49,1 % dos Portugueses habita um alojamento sobrepovoado (contra 15,3 % dos Franceses). 49 % dos alojamentos dos Portugueses são desconfortáveis, contra 26,2 % dos Franceses. A acumulação destes dois inconvenientes parece dever-se em grande parte à importância das transferências de poupanças para Portugal (47 % do total anual das transferências para o estrangeiro das poupanças do conjunto dos trabalhadores migrantes).

A maioria dos Portugueses são locatários dos seus alojamentos: 20 % nos HLM e

Quadro 19 - Estatuto de ocupação dos alojamentos (%).

	Portugueses	Conjunto dos estrangeiros	Franceses
Proprietários	3	9	28
Em curso o acesso à co-propriedade	5	8	21
Locatários HLM	20	22	13
Outros locatários (a)	55	40	27
Hotéis mobilados	17	21	11
TOTAL	100	100	100

(a) - Alojamentos submetidos à lei de 1942, habitações antigas e modernas com aluguer livre.

Fonte: CNLI, 1982.



e 55 % noutros sectores; 17 % habitam em hotéis e só 3 % são proprietários dos seus alojamentos (quadro 19).

No começo da década de 70, Sousa (1973) já tinha chamado a atenção para a discriminação existente no mercado do alojamento em relação aos trabalhadores portugueses na região de Paris. Essa discriminação provoca "uma segregação ecológica e social que constituirá um dos graves obstáculos à sua integração efectiva na classe operária em França" (Sousa, 1973, p. 58). Esta observação é ainda hoje actual. Os Portugueses encontram-se globalmente desfavorecidos em relação aos Franceses. Mesmo tendo uma situação sócio-económica equivalente, os trabalhadores portugueses estão pior alojados que os autóctones.

Os diferentes inquéritos que acabamos de examinar mostram que os Portugueses, relativamente à situação do alojamento, se encontram numa situação intermediária: Entre os Europeus (à excepção dos Portugueses) e os estrangeiros provenientes dos países em vias de desenvolvimento (Magrebinos, Turcos e Africanos ao Sul do Saara).

Na procura de um alojamento, a discriminação em relação aos Portugueses não parece ser tão grande como para outras etnias. É o que deixa transparecer a investigação conduzida pela equipa do Professor Raveau (1976)<sup>(1)</sup>. Para poder cernar as reacções das agências imobiliárias de Paris, utilizou-se o método de "Situational Testing". A situação ou cenário do inquérito era do seguinte modo: uma agência imobiliária em Paris recebe, consecutivamente, as visitas de três entrevistadores-actores: um Antilhano, um Português e um Francês. Tendo os três a mesma idade (cerca de 25 anos) e adoptando personagens de uma mesma categoria sócio-profissional, formulam pedidos de aluguer de apartamento do mesmo tipo.

A dois tipos de apartamentos pedidos correspondem duas fases do inquérito. Na primeira fase, a dos "apartamentos - 2 assoalhados", os actores apresentam pedidos de habitações que vão de 800 a 1 200 francos. Numa segunda fase, a das "3-4 assoalhadas", pedem apartamentos de 1 500 a 3 500 francos. Estas duas fases têm por objectivo verificar a hipótese de que a taxa de discriminação varia com o estatuto sócio-económico. Como veremos, os resultados tendem a confirmar esta hipótese: a percentagem de discriminação é mais elevada no primeiro caso que no segundo.

Os quadros 20 e 21 fornecem-nos uma visão sinóptica dos resultados das duas fases, apresentando a repartição das ofertas idênticas, das ofertas de qualidades inferiores e das recusas. Estes resultados permitem-nos fazer algumas observações:

- 1 - Existe uma grande distinção entre o Francês e o Português (estrangeiro) por um lado, e o Antilhano que é um cidadão negro, por outro lado.

(1) - Nesta investigação desempenhámos o papel do actor português.

e 55 % noutros sectores; 17 % habitam em hotéis e só 3 % são proprietários dos seus alojamentos (quadro 19).

No começo da década de 70, Sousa (1973) já tinha chamado a atenção para a discriminação existente no mercado do alojamento em relação aos trabalhadores portugueses na região de Paris. Essa discriminação provoca "uma segregação ecológica e social que constituirá um dos graves obstáculos à sua integração efectiva na classe operária em França" (Sousa, 1973, p. 58). Esta observação é ainda hoje actual. Os Portugueses encontram-se globalmente desfavorecidos em relação aos Franceses. Mesmo tendo uma situação sócio-económica equivalente, os trabalhadores portugueses estão pior alojados que os autóctones.

Os diferentes inquéritos que acabamos de examinar mostram que os Portugueses, relativamente à situação do alojamento, se encontram numa situação intermediária: Entre os Europeus (à excepção dos Portugueses) e os estrangeiros provenientes dos países em vias de desenvolvimento (Magrebinos, Turcos e Africanos ao Sul do Saara).

Na procura de um alojamento, a discriminação em relação aos Portugueses não parece ser tão grande como para outras etnias. É o que deixa transparecer a investigação conduzida pela equipa do Professor Raveau (1976)<sup>(1)</sup>. Para poder cernar as reacções das agências imobiliárias de Paris, utilizou-se o método de "Situational Testing". A situação ou cenário do inquérito era do seguinte modo: uma agência imobiliária em Paris recebe, consecutivamente, as visitas de três entrevistadores-actores: um Antilhano, um Português e um Francês. Tendo os três a mesma idade (cerca de 25 anos) e adoptando personagens de uma mesma categoria sócio-profissional, formulam pedidos de aluguer de apartamento do mesmo tipo.

A dois tipos de apartamentos pedidos correspondem duas fases do inquérito. Na primeira fase, a dos "apartamentos - 2 assoalhados", os actores apresentam pedidos de habitações que vão de 800 a 1 200 francos. Numa segunda fase, a das "3-4 assoalhadas", pedem apartamentos de 1 500 a 3 500 francos. Estas duas fases têm por objectivo verificar a hipótese de que a taxa de discriminação varia com o estatuto sócio-económico. Como veremos, os resultados tendem a confirmar esta hipótese: a percentagem de discriminação é mais elevada no primeiro caso que no segundo.

Os quadros 20 e 21 fornecem-nos uma visão sinóptica dos resultados das duas fases, apresentando a repartição das ofertas idênticas, das ofertas de qualidades inferiores e das recusas. Estes resultados permitem-nos fazer algumas observações:

- 1 - Existe uma grande distinção entre o Francês e o Português (estrangeiro) por um lado, e o Antilhano que é um cidadão negro, por outro lado.

(1) - Nesta investigação desempenhámos o papel do actor português.

Assim, na primeira fase, o Antilhano recebe nove vezes mais recusas não-comuns do que o Francês e o Português e na segunda fase, a relação é de 7/1 com o Francês e 5,5/1 com o Português. Constatar-se-á

Quadro 20- Repartição das ofertas idênticas, das ofertas inferiores e das recusas. Fase 1 - Número de situações: 85 = 100 %.

	Franceses		Portugueses		Antilhanos	
	N	%	N	%	N	%
Ofertas	70	(82)	60	(71)	39	(46)
Ofertas + ofertas inferiores	70	(82)	70	(82)	46	(53)
Recusas	15	(18)	15	(18)	39	(46)
Recusas + ofertas inferiores	15	(18)	25	(29)	46	(53)
Ofertas comuns aos 3	34	(40)	34	(40)	34	(40)
Recusas comuns aos 3	12	(14)	12	(14)	12	(14)
Ofertas não comuns	36	(42)	26	(31)	5	(,06)
Recusas não comuns	3	(,04)	3	(,04)	27	(32)
Relação das ofertas não comuns	F/A = 7:1 F/P = 1,4:1		P/A = 5:1			
Relação de recusas	F/A = 1:9 F/P = 1:1		P/A = 1:9			

Fonte: Raveau et al., 1976.

que a relação de ofertas não-comuns recebida pelo Francês e o Antilhano também é notória: 7/1 para a primeira fase e 4,45/1 para a segunda. Entre o Português e o Francês quase não há diferenças na discriminação. Só aparece uma diferença significativa entre eles na primeira fase do inquérito e isto no caso de se assimilarem as ofertas inferiores às recusas.

- 2 - Há diferença no nível de discriminação na primeira e na segunda fases. Esta diferença pode ser imputada quer à maior taxa de recusa na segunda fase ou ao mais baixo nível de discriminação ou a ambos. O facto de os três entrevistadores terem sido frequentemente recusados complica consideravelmente a questão para se poder afirmar incondicionalmente que há menos discriminação na segunda fase que na primeira. Todavia, os resultados apontam para essa conclusão tendendo a confirmar a hipótese de que o nível de discriminação é mais baixo nos estratos sócio-económicos superiores.

Quadro 21 - Repartição das ofertas, das ofertas inferiores e das recusas  
Fase 2 - Número de situações: 101 = 100 %

	Franceses		Portugueses		Antilheses	
	N	%	N	%	N	%
Ofertas	59	(59)	53	(53)	34	(34)
Ofertas + ofertas inferiores	59	(59)	58	(58)	40	(40)
Recusas	42	(42)	43	(43)	61	(61)
Recusas + ofertas inferiores	42	(42)	48	(48)	67	(67)
Ofertas comuns	27	(27)	27	(27)	27	(27)
Recusas comuns aos 3	39	(39)	39	(39)	39	(39)
Ofertas não comuns	32	(32)	26	(26)	7	( 7)
Recusas não comuns	3	( 3)	4	( 4)	22	(22)
Relação das ofertas não comuns	F/A = 4,5:1 F/P = 1,4:1		P/A = 3,7:1			
Relação das recusas não comuns	F/A = 1:7 F/P = 1:1,2		P/A = 1:5,5			

Fonte: Barreau et al., 1976.

Sendo assim, e é uma hipótese que emitimos sujeita a confirmação, uma vez que praticamente não existe discriminação entre Português e Francês quando os actores desempenham papéis de estatuto sócio-profissional superior (fase 2 da experiência) e existe uma ligeira discriminação quando esses actores desempenham papéis de estatuto sócio-profissional médio (fase 1 da experiência), é de prever que para papéis de estatuto sócio-profissional inferior — que é o caso da grande maioria dos migrantes Portugueses — a discriminação se acentue, mas não de modo notório.

As condições de alojamento, como as de trabalho a que já nos referimos, deixam os seus efeitos a nível da saúde dos migrantes. É o que nós propomos abordar seguidamente.

## C / Problemas sanitários

Os problemas sanitários dos migrantes podem ser agrupadas em três rubricas:

- patologias de importação
- patologias de aquisição
- patologias de adaptação

As doenças que atingem os migrantes não surgem sempre isoladamente. Por exemplo, as doenças digestivas aparecem muitas vezes conjuntamente com perturbações mentais de gravidade variável. Se separamos aqui diferentes patologias é simplesmente por imperativo de exposição, pois as três patologias formam uma única patologia. " A migração é uma relação e a recusa dessa relação (que se denomina exclusão) não pode ser senão patogénica para os migrantes ... Ao negar a migração, a exclusão acaba por colocar o migrante e a sociedade acolhedora fora das condições concretas desse mínimo da matriz de si que constitui não a saúde, mas o seu precedente " (Montvalon, 1979, p. 48). A saúde é o termómetro de um conjunto de condições de vida da população global. Na origem dos problemas sanitários próprios aos migrantes encontram-se como dominadores comuns: o choque cultural, os trabalhos difíceis, os salários baixos ou até mesmo o desemprego, o alojamento, a higiene a alimentar, dificuldades linguísticas e as suas repercussões psíquicas.

O estado de saúde dos migrantes só pode ser abordado com realismo se relembrarmos dois pontos. Em primeiro lugar, a imigração tem sido selectiva quanto à idade e estado de saúde. Em segundo lugar, muitos migrantes regressam ao seu país de origem quer durante a sua vida activa quer para a reforma. Estamos pois, em princípio, perante uma população jovem e sadia (Kennedy-Brenner, 1979).

### a) - Patologia de importação

Gentilini (1972), engloba na patologia de importação afecções parasitárias e doenças tropicais ou exóticas não-parasitárias. Estas doenças atingem sobretudo os Africanos do Oeste e os Antilhanos e muito pouco os Portugueses. Gentilini aponta no entanto alguns diagnósticos parasitários para os migrantes originários da Península Ibérica (hidatidose, teniase de *T. solium*, cisticercose, ancilostomíase, leishmanioses cutânea e visceral) e como diagnósticos exóticos não parasitários, a cólera.

Um dos estereótipos de que os migrantes são alvo é a reputação de poderem transmitir eventuais doenças próprias do país de origem. O migrante é reduzido ao personagem de agente vector de doenças: " De que doença é então o migrante considerado como vector se não da sua própria pessoa e da migração em si mesmo. É a migração em si que nós percebemos como uma doença social " (Montvalon, 1979, p. 44).

Efectivamente, estas doenças não são transmissíveis em França por razões ecológicas (clima), agentes vectores sociais (higiene pública, resistências dos indi-

vídus) e sanitários (prevenção activa, meios de tratamento)(Montvalon, 1980, pp. 21-22).

A patologia mental só raramente é anterior à migração por causa da selecção médica e espontânea dos migrantes saudáveis. " O nomadismo migratório de sujeitos ' alienados ' observa-se entre os estudantes, os exilados políticos ou membros de classes ricas, enquanto que a grande massa proletária emigra por razões completamente diferentes " (Jimenez, Serrano, 1977, p. 221). Segundo Almeida (1972 b), a psicopatologia de importação compõe-se da nosografia clássica (neuroses, perturbações caracteriais, oligofrenias, psicoses maníaco-depressivas, delírios crónicos, etc.). Segundo este mesmo autor a morbilidade devida a estes síndromes clássicos, é, em geral, inferior à dos autóctones.

#### b) - Patologia de aquisição

Se contrariamente à crença muito difundida na opinião pública e mantida por certa imprensa tendenciosa a patologia de importação é muito reduzida, já não se pode dizer o mesmo da patologia de aquisição. Esta patologia é o reflexo fiel das condições de vida e de trabalho no país de acolhimento. Efectivamente, aos acidentes de trabalho e às doenças profissionais caracterizadas pela sua frequência e gravidade, vêm juntar-se duas grandes afecções: a tuberculose e a úlcera gastro-duodenal.

Os emigrantes têm um risco mais elevado de tuberculose que os Franceses, sendo este no entanto variável segundo as origens étnicas. Esse risco é para os Portugueses 1,5 a 2 vezes mais elevado, para os Jugoslavos 2 a 3 vezes, para os Norte-Africanos 6 a 8 vezes e para os Africanos Negros 20 a 30 vezes (Nicoladze, 1972).

A tuberculose pulmonar aparece em regra geral entre o 6º e o 18º mês de estadia. Tem um carácter explosivo e evolui rapidamente. É perfeitamente susceptível de ser prevenida e tratada por acção médica e social. Mas estas acções não conseguiram ainda fazer desaparecer a tuberculose, faltando informação sobre a evolução a longo termo dos emigrantes doentes.

A patologia dos migrantes resulta, directa ou indirectamente, da exclusão, da não-relação. Assim o é na tuberculose: perante a crença de estar " sobre-excluído ", ou dito de outra forma, ser reenviado para o seu país se se encontrar doente, a pessoa imigrada afasta-se do sistema de saúde e a tuberculose não é despistada a tempo (Montvalon, 1979).

A patologia digestiva é também o reflexo das agressões permanentes na vida do migrante, da sua exclusão. As perturbações funcionais menores - gastalgias, colites - não devem fazer-nos olvidar a grande frequência das úlceras gastro-duodenais que é o protótipo da doença de adaptação. É uma doença do homem só e ansioso.

Rebelde em geral ao tratamento clássico, encontra espontaneamente a sua solução quando o doente pode encontrar a sua família. Não é, pois, de admirar a tolerância dos médicos controladores da segurança social em aceitarem estadias de convalescença em Portugal.

O trabalho efectuado pela maioria dos migrantes reflecte-se na sua saúde. Indirectamente, pelas condições de trabalho e o nível de vida daí resultante, ambos de qualidade inferior. Directamente, pela frequência e natureza dos acidentes de trabalho e das doenças profissionais.

Os trabalhadores estrangeiros têm mais frequentemente acidentes de trabalho que os franceses. No recenseamento de 1975 os trabalhadores estrangeiros representavam 7,3 % da população activa. Esta taxa é todavia mais elevada se se considerar só os assalariados: para as empresas com mais de 10 assalariados os estrangeiros representavam 10,5 % dos trabalhadores empregues, segundo o inquérito de mão-de-obra estrangeira em 1976; a percentagem dos estrangeiros entre os acidentes de trabalho estabelecia-se da seguinte maneira (contabilizando unicamente acidentes com paragem):

1974	1975	1976	1977
22,2 %	21,2 %	20,7 %	20,2 %

Se há uma tendência para a diminuição da percentagem dos acidentes de trabalho, ela é dupla da dos efectivos de assalariados estrangeiros.

Lévy (1979), através da análise de dossiers de 4 000 trabalhadores acidentados na região parisiense, verifica que os acidentes de trabalho e doenças profissionais são cerca de três vezes mais elevados para os trabalhadores migrantes que para os trabalhadores franceses. Os estrangeiros representam 34 % dos trabalhadores acidentados do inquérito e 11 % somente da população activa do conjunto da região parisiense. O contingente de migrantes portugueses acidentados é bastante importante: 8 % da amostra.

O acidente de trabalho provoca muitas vezes uma descompensação dramática, sobretudo nos homens. Assim, Marques et al. (1980) verificam que, independentemente do tempo de estadia, os acidentes de trabalho representam para os homens o maior factor de descompensação.

A ferida do corpo atinge mais o migrante que outra pessoa já que só é reconhecido pelo seu trabalho e portanto pelo seu corpo.

A maior parte dos autores estão de acordo em considerar que o número mais importante de acidentes de trabalho nos trabalhadores migrantes é sobretudo imputável às condições objectivas de trabalho mais do que a dificuldades culturais e linguísticas.

São sobejamente conhecidos os dois dados objectivos (Migrations/Informations, n° 29, 1980):

- a forte concentração dos trabalhadores estrangeiros nos ramos de actividade com alto risco;
- a natureza dos empregos ocupados pelos migrantes explica que no interior de cada ramo se encontrem, por causa dos postos de trabalho ocupados, mais frequentemente expostos aos acidentes de trabalho.

A essas condições objectivas de trabalho junta-se, sobretudo nos primeiros tempos de estadia, a inexperiência: " Os imigrados pagam de certo modo, através dos acidentes de trabalho, nos primeiros meses de estadia em França, o preço do sub-desenvolvimento do seu país de origem " (Minces, 1973, p. 289). Num inquérito publicado na revista " Hommes et Migrations " (1966) verificava-se que nenhum dos migrantes portugueses sabia pôr em marcha uma máquina, controlar uma gradação de temperatura ou humidade ou medir proporções, embora se tratasse de operações simples que não requeriam como qualificações mais do que a instrução primária.

Enfim, é provável que muitos acidentes tenham como causa as próprias condições de vida dos migrantes. " Crivados de preocupações, sofrendo por estarem afastados da sua família, superando dificilmente o choque da chegada, vivendo com os seus compatriotas numa promiscuidade aberrante que os impede de repousar, falhos de sono, embrutecidos pelos transportes, enfraquecidos por uma má alimentação, chegam já cansados no momento em que retomam o seu trabalho " (Minces, 1973, p. 291).

Pardon (1972), é de opinião que os trabalhadores migrantes põem problemas ergonómicos substancialmente análogos aos que põem todos os trabalhadores. Segundo este autor, os problemas específicos que estes migrantes põem no trabalho industrial são os do tamanho (em média inferior ao dos Franceses) e do seu estado de saúde (em geral medíocre) que os impede de fazer face ao custo energético do trabalho criando assim um círculo vicioso (as condições de trabalho alteram a saúde e a alteração da saúde agrava a inadaptação ao trabalho); do custo energético, em média mais elevado, dos empregos que ocupam; da comunicação do migrante com o material, os homens e os conceitos utilizados no trabalho.

As estatísticas sobre os acidentes de trabalho nem sempre incluem aquelas sobre doenças ocupacionais, as quais, no caso dos trabalhadores imigrantes, atingem muitas vezes o seu máximo de gravidade depois do regresso ao país de origem. Segundo a CGT entre 1968 e 1970, de 4 025 casos diagnosticados de silicose grave, mais de 96 % diziam respeito a trabalhadores imigrantes; de 1 797 casos de doenças contraídas por trabalhadores na indústria do cimento, 94,5 % diziam respeito a trabalhadores imigrantes (Cf. Ath-Messoud, Gillette, 1976).



### c) - Psiconatologia da adaptação

A brusca transplantação do migrante para um meio desconhecido torna a sua adaptação difícil, senão impossível. Diversos factores, susceptíveis de o fazerem descompensar, agem sobre o sujeito quando evolui no país de destino: desenraizamento espaço-temporal, familiar e social (Cornaton, 1969). Perdido no universo concentracionário de lares, de hotéis, porventura de bairros de lata, passou muitas vezes sem transição de um modo rural para o trabalho em cadeia. Junte-se a isto a busca de emprego, a insegurança do trabalho, o medo do desemprego e da doença, acontecimentos susceptíveis de desencadear ansiedade. Em geral o trabalhador migrante é um homem que sofre da solidão (Ben Jelloun, 1977). A atitude da comunidade autóctone também pode ser patogénica.

Já não se tem hoje por evidente, na linha dos primeiros trabalhos de Odegaam, a associação entre perturbações e migração. Actualmente, antes se admite que a psicopatologia dos migrantes deve ser encarada a partir do contexto cultural dos países de origem e de destino, bem como do contexto e características sócio-económicas próprias à migração (Bastenier, 1981).

Almeida (1972 b), cita como perturbações da adaptação: psicoses agudas polimórficas, reacções neuróticas geralmente polimórfas, depressões reaccionais, estados depressivos crastopáticos duráveis sobre o modo hipocondríaco, síndrome de despersonalização, "sinistroses", "neuroses de renda" e outros estados de reivindicação dos transplantados económicos ou políticos sob um modo histérico, sensitivo, até mesmo paranóide, as pseudo-debilidades, etc.

Marques et al. (1980) analisam a psicopatologia de emigrantes portugueses em França constituindo a amostra a partir de todos os processos encontrados no arquivo do Centre Françoise Minkowska desde 1965 até Julho de 1979. No quadro 22 estão indicados os tipos de entidades clínicas.

Quadro 22 - Tipos de entidades clínicas.

	Total	Homens	Mulheres
Neurose . . . . .	581	284	297
Sinistrose . . . . .	138	129	9
Depressão:			
Endógena . . . . .	40	14	26
Involutiva . . . . .	9	5	4
Outro tipo . . . . .	530	211	319
Psicose esquizofrénica e afim . . . . .	186	91	95
Alcoolismo . . . . .	82	71	11
Oligofrenia . . . . .	54	33	21
Epilepsia . . . . .	42	20	22
Toxicomania . . . . .	5	4	1
Demência . . . . .	3	2	1
Psicopatia . . . . .	0	0	0
Diagnóstico não-definido . . . . .	23	14	9
Doença não-psiquiátrica . . . . .	100	58	42

Fonte: Marques et al., 1980.

Observa-se que a maioria dos casos corresponde a uma patologia de adaptação. Só 1/8 da amostra total é constituído por aspectos não-reactivos. A sinistrose<sup>(1)</sup> é diagnosticada com muito menos frequência nas mulheres que nos homens.

Os resultados de Marques et al. realçam um número escasso de casos de toxicomania. Talvez isso se deva ao facto de a toxicomania ser sobretudo um problema da juventude (Dias, 1980) o que não é o caso da amostra de que estamos a apresentar os resultados.

Freitas et al. (1980) confirmam a possível influência de factores exógenos no desencadeamento de perturbações mentais. As mais citadas foram as neuroses, o alcoolismo e as depressões. Esta mesma equipa aplicou uma escala de saúde mental (TST, Gurin) e verificou que 17,1 % dos emigrantes da amostra têm má saúde mental " o que embora não seja exagerado, deve ser tomado em conta, principalmente se pensarmos que abordamos emigrantes dos mais antigos e, por isso e logicamente, os mais adaptados " (Freitas et al., 1980, p. 194).

Análises de diversos autores fazem ressaltar que a patologia mental ligada à transplantação é em parte reaccional, o mesmo é dizer que é acessível a uma prevenção e a uma terapêutica, individual e colectiva, tendo em conta a situação específica do migrante na sua globalidade (Montvalon, 1980). Trata-se de tornar toleráveis e significativas a mobilidade horizontal (deslocação de uma sociedade para outra), a mobilidade vertical (descida ou subida na escala social) e a mobilidade longitudinal (processos dinâmicos da personalidade). A migração é uma trajetória em que os sujeitos se situam de modo diferente segundo as suas particularidades: idade, sexo, classe sócio-económica, distância sócio-etno-cultural entre país de origem e de destino, duração de estadia, situação familiar, estado de saúde, da atitude discriminatória ou acolhedora, ...<sup>(2)</sup>.

#### Que terapêutica para os migrantes ?

Bennani (1980) avança a necessidade da " tomada em consideração " dos problemas do doente migrante ser efectuada:

- pelos terapeutas franceses;
- pelos terapeutas da mesma origem cultural.

(1) - As sinistroses são muito frequentes nos transplantados como aliás nos autóctones deserdados. Actualmente, parece ser sobretudo entre os trabalhadores emigrantes que se encontra. " Esta etiqueta de ' sinistrosado ' aplica-se hoje quase exclusivamente aos operários magrebins ou portugueses e a alguns marginais franceses (Bennani, 1980, p. 125). A sua compreensão exige a situação na dinâmica psico-social e em particular psicopatológica da migração " (Ibid., p. 3). Muitas vezes, assiste-se ao fracasso médico ao tentar curá-la (Berthelier, Lejeune, 1981).

(2) - O caso de Alfredo (Barros-Ferreira, 1977) é ilustrativo a este respeito. Resume a trajetória para a paranóia de certos imigrantes portugueses analfabetos. Nenhuma perturbação ou acidente paranóico antes da emigração, efectu

" Assim o doente pode ser livre numa livre escolha em relação ao seu curador, pode assim manter-se ou mesmo emergir o aspecto multidimensional de um problema " (Bennani, 1980, p. 93).

O papel do terapeuta francês aparece como fundamental para o autor, pois responde ao pedido de muitos migrantes.

Tal participação permite também, mediante a troca intercultural, evitar a exclusão, a rejeição.

Finalmente a responsabilização de instâncias francesas permite o interrogar-se sobre a insuficiência das instituições para responder de modo adequado, seja aos migrantes, seja à população francesa.

O papel do terapeuta da mesma origem cultural é essencial, pois está na posição do que compreende do interior de uma cultura, de uma língua.

O pedido do doente pode ultrapassar o quadro interindividual e inscrever-se na dimensão social. O migrante pode pedir ao terapeuta que o que ele ouve e compreende o explique a outros.

Por vezes, para " tratar um doente estrangeiro " recorre-se ao repatriamento sanitário. Almeida et al. (1977) chamam a atenção para os cuidados especiais que o devem rodear. " ... Estamos persuadidos que nem os médicos nem os serviços sociais deveriam provocar mais repatriamentos, despreocupadamente, forma disfarçada de rejeição do doente estrangeiro " (Ibid., p. 12). Tanto mais se tivermos presente que a acção patogénica do regresso parece comparável à da emigração. Odegaard observou que os emigrantes regressados à Noruega apresentavam uma taxa elevada de morbilidade, pelo menos igual à dos emigrantes recentemente instalados nos Estados Unidos (citado por Almeida, 1972, p. 169).

Efectivamente, o regresso à pátria pode ser causa ou estar em estreita relação com a doença mental desencadeada ou formada durante a emigração.

Não é raro que durante regressos periódicos ao país de origem apareçam perturbações mentais (Ribeiro, 1983).

A doença pode também fazer nascer a ausência de intenção de regresso ao país natal. Ben Jelloun relata o caso de M.E.S., afectado de impotência sexual: " ... Porque é que eu não posso mais fazer amor ? Neste estado não regressarei à Argélia. É preciso curar-me, senão ... não sei ... Quando é que vai internar-me e curar-me ? É preciso operar-me. A minha doença é grave. Estou certo que no hospital se descobrirá qualquer coisa dentro de mim. Se não encontrarem nada, então posso morrer ... " (Ben Jelloun, 1977, p. 18).

ada aos 36 anos. Mecanismos de rejeição no ambiente de trabalho vão ser decisivos na eclosão do síndrome paranóico. " Se se pode admitir que o regresso ao seu país e a crença na magia contribuíram para o desaparecimento das perturbações, pode-se igualmente admitir que a imigração é a responsável pela sua paranóia " (Barros-Ferreira, 1977, p. 101).

Várias explicações foram emitidas para explicar a patologia da transplantação. Bastide (1972b) cita a interpretação analítica (o deslocamento espacial é um factor que mobiliza as angústias primitivas da primeira deslocação, a criança que se separa da mãe para dar os primeiros passos), a interpretação sociológica (o papel da educação familiar, da socialização das crianças, dos tipos de disciplina parental) e a interpretação culturalista (a aculturação). Bastide defende que estas 3 interpretações podem ser misturadas. " Um estudo da doença mental dos migrantes deveria portanto ser feito , para ser verdadeiramente explicativo, através do conceito de Mauss de ' fenómeno social total ' e da interpretação que Gurvitch lhe deu na sua sociologia ' em profundidade ', isto é, há estratos sobrepostos que a psiquiatria deve percorrer um a um para chegar a uma interpretação global " (Bastide, 1972b, p. 214).

Se a patologia dos migrantes não é original do ponto de vista nosológico, é-o na medida em que é função da situação social que os expõem aos riscos usuais da sociedade em que evoluem, mais do que os autóctones (Montvalon, 1979). Os problemas de saúde da população migrante são indissociáveis do estatuto sócio-económico que lhes é conferido na sociedade francesa.

Estamos de acordo com Nicoladze quando afirma que as soluções para os problemas de saúde da população migrante não podem ser encontradas através de explicações puramente médicas (embora este aspecto seja indiscutivelmente importante), mas também através do acolhimento, alojamento, alfabetização e formação (La Santé des Migrants, 1972, pp. 175-176).

No que se refere aos problemas sanitários, terminaremos com as despesas que o migrante português faz para se tratar. Segundo o inquérito da FNSP (1981) as despesas de saúde com os nossos compatriotas são as mais fracas, conjuntamente com as dos Turcos, Marroquinos e Tunisinos. Mais de 82 % dos interrogados declaram consagrar menos de 200 F mensais para estas despesas.

## D/ Imigração e opinião pública

A facilidade de adaptação dos migrantes depende, em grande parte, da atitude favorável prestada pela comunidade de acolhimento.

A opinião em relação à imigração e aos trabalhadores estrangeiros não é um da do simples que se alicerce num corpo de doutrina fixa. Forma-se e deforma-se segundo as circunstâncias (Girard, 1977). Se a atitude dos poderes públicos do patronato e dos sindicatos em relação à imigração é ambígua, a atitude do público francês não está isenta desta ambiguidade<sup>(1)</sup>.

Numerosas sondagens de opinião efectuadas depois da segunda guerra mundial permitem conhecer a atitude do público francês em relação à imigração, em diversos momentos de conjuntura.

Os diversos inquéritos<sup>(2)</sup> conduzidos junto do público nos anos que se seguiram à segunda guerra mundial, testemunham uma hostilidade constante em relação à imigração. Nesses inquéritos a atitude em relação aos Portugueses ainda não foi estudada, pois eram, então, pouco numerosos. Nos inquéritos efectuados nos anos 70 já podemos apreciar essas atitudes.

Nos alvares dos anos 70, emana dos inquéritos de opinião pública uma tendência para uma sensível atenuação das reticências da população francesa, em relação à imigração estrangeira.

A SOFRES<sup>(3)</sup> tinha perguntado: " Há actualmente em França numerosos trabalhadores estrangeiros, que ocupam por vezes empregos penosos. Pensa que estes trabalhadores são para a economia francesa ... "

muito úteis	18 %	68 %
preferencialmente úteis	50 %	
preferencialmente inúteis	17 %	25 %
inteiramente inúteis	8 %	
sem opinião	7 %	
Total	100	

O INED efectuou um estudo em 1971 (Girard, 1971) e um outro em 1974 (Girard, Charbit, Lamy, 1974); à questão " acha que a presença de estrangeiros em França

- (1) - Cf., Briot, Verbunt, 1981, pp. 107-153, para uma análise das diferentes " famílias de espírito ". Por exemplo o psicólogo social Cornaton escrevera a este propósito: " Face a estes estrangeiros, o comportamento dos Franceses é bastante contraditório: o povo francês é ao mesmo tempo um dos povos mais acolhedores e mais xenófobos " (Cornaton, 1969, p. 38).
- (2) - O IFOP conduziu um inquérito em 1945 e o INED dois, um em Novembro de 1947, outro em Novembro de 1949.
- (3) - Sondagem SOFRES efectuada para a emissão televisiva " À armes égales ". Resultados publicados em Hommes et Migrations/Documents, n° 804, 15/3/1971.

traz benefícios ao país ? " as respostas foram as seguintes:

	Inquérito de 1974 (%)	Inquérito de 1971 (%)
sim	80	68
não	14	14
depende	-	13
sem resposta	6	5
Total	100	100

Entre o inquérito do INED (1971) e o da SOFRES (1971) há coincidência quanto ao número de pessoas interrogadas que consideram a imigração como " útil " (68 %).

Em 1974, a opinião segundo a qual os estrangeiros prestam benefícios está ainda mais alargada (80 %). A esta opinião corresponde a ideia de que os estrangeiros ocupam empregos que os Franceses não querem e que o nível dos salários dos operários franceses não é afectado pela presença de trabalhadores estrangeiros. Porém, em caso de forte crise de desemprego, seriam inicialmente os estrangeiros os primeiros a serem despedidos.

Surgem diferenças bastante acentuadas no que diz respeito às diversas nacionalidades. 63 % dos Franceses contra 23 % estimam que, na sua vizinhança, a proporção de estrangeiros não é muito elevada e isto independentemente da taxa efectiva desta população no seu bairro. O efeito, tantas vezes, invocado do limiar de densidade não é aqui encontrado. 53 % dos sujeitos declaram jamais ter tido dificuldades com estrangeiros e ainda 53 % mantêm boas relações com eles e 43 % relações " nem boas, nem más ". 63 % dos respondentes nunca convidaram um estrangeiro para ir a sua casa e 67 % nunca foram por eles convidados. 68 % estimam que os estrangeiros se portam tão bem ou mesmo melhor que os Franceses. 71 % dos sujeitos são de opinião que os estrangeiros devem vir com as suas famílias (contra 11 %) e somente 14 % pensam que a presença de crianças estrangeiras deve colocar problemas a nível escolar.

Aparecem três grupos hierarquizados:

- Para Italianos, Espanhóis e Portugueses transparece sobretudo uma atitude favorável havendo poucas abstenções.
- Para Jugoslavos e Turcos sobressai um equilíbrio entre atitude favorável/desfavorável e uma abstenção ( há uma hesitação em se pronunciarem sobre o caso de estrangeiros menos numerosos e de imigração mais recente do que sobre outros de outras nacionalidades).
- Para Africanos e Norte Africanos a atitude desfavorável é dominante havendo abstenções.

É importante apreender as subtilezas: a imagem do Africano é mais contrastada que a dos outros (julgamento de conjunto de preferência favorável, mas a ideia do casamento misto unanimemente rejeitada), a do Turco mais imprecisa, além disso com um preconceito favorável tão fraco quanto o do Norte Africano.

Os autores do inquérito interpretam as diferenças observadas segundo a acção de duas variáveis explicativas: proximidade geográfica e distância cultural.

Em 1971, a despeito do aumento dos efectivos estrangeiros, a opinião francesa mostrava-se menos reticente em relação à imigração que nos começos dos anos 50. " O que chama a atenção em 1973-74, em relação a 1971, é a grande estabilidade das opiniões ... " (Girard, Charbit, Lamy, 1974, p. 1058). Se há reticências em relação à imigração, elas não se reforçaram com o correr dos anos e à medida que a presença estrangeira recrudesce. " Longe de se agravarem, os reflexos negativos antes se dissiparam, como testemunha a comparação das observações de hoje, com as de ontem e do pós-guerra " (Girard, 1977, p. 225).

Se estas conclusões se aceitam como justas até ao desencadear da crise económica, poderemos ser tão optimistas depois ?

Sondagens posteriores a 1974, na sequência de uma nova configuração do meio, são indicativas de uma atitude mais desfavorável em relação aos migrantes que no começo dos anos 70.

Assim, o IFOP efectuou, entre 4 e 7 de Outubro de 1977, junto de 1 000 Franceses, uma sondagem sobre a política de imigração do Governo (cf., Le Quotidien de Paris, 11/10/1977). O título do jornal onde apareceram os resultados é significativo: Imigrados, o começo da rejeição. Esta sondagem revela que 57 % dos Franceses são favoráveis a uma diminuição da mão-de-obra estrangeira nos próximos anos, que 56 % aprovam a decisão de não fornecer mais novas cartas de trabalho aos estrangeiros, quer eles tenham o desejo de vir para França, quer eles estejam já em situação " irregular " ou ainda que contem trazer a família para junto de si; que 43 % são favoráveis ao encorajamento dado às partidas voluntárias e enfim que 52 % pensam que as tarefas efectuadas por trabalhadores imigrados podem ser realizadas por Franceses.

Uma sondagem efectuada em Novembro e Dezembro de 1978 pelo IFOP junto de 1 568 pessoas com idade igual ou superior a 18 anos sobre o tema " As atitudes dos Franceses em relação ao desemprego " engloba várias respostas nas quais figura a percepção da presença estrangeira activa. " Se fosse necessário designar um ou mais responsáveis pelo desemprego, quem designaria ? " (1ª resposta) - 11 % das pessoas interrogadas designam como primeiros responsáveis os trabalhadores estrangeiros. Quanto às medidas a que os Franceses concedem a maioria, vêm à cabeça as acções em favor dos jovens (33 %) e o travão à imigração (16 %) se bem que, quando elas são tomadas pelo governo, a grande maioria julga-as pouco ou nada eficazes.

A SOFRES efectuou uma sondagem entre simpatizantes UDF e RPR sobre o projecto de lei visando facilitar ao governo a expulsão de estrangeiros ou de trabalhadores imigrados. Os resultados foram publicados no Nouvel Observateur (2 de Julho de 1979). " Sabia que o parlamento examina actualmente um projecto de lei visando facilitar ao governo a possibilidade de expulsar estrangeiros ou trabalhadores imigrados. Você seria muito favorável, bastante favorável, bastante oposto ou muito oposto a esta medida ? "

	conjunto (%)	simpatizantes da UDF (%)	simpatizantes do RPR (%)
muito favorável	14	10	28
bastante favorável	38	47	49
bastante oposto	23	28	11
muito oposto	15	6	5
sem opinião	10	9	7

Segundo uma sondagem SOFRES - Le Parisien Libéré realizada entre 18 e 24 de Agosto com mil pessoas, a solução referida por 51 % dos Franceses para lutar contra o desemprego era de " reenviar os trabalhadores imigrados para os seus países ". A este propósito, M. Pierre Mauroy declara: " Não é pelo facto de um estereótipo ser partilhado por uma maioria de Franceses que ele se torna uma ideia justa " (in Migrations Nouvelles, n° 91, Octobre, 1983, p. 3).

Uma sondagem encomendada pelo Magazine Hebdo (13 de Abril de 1984) ao instituto Indice - Opinion mostra que 60 % dos Franceses interrogados esperam que a grande maioria dos migrantes se instalará definitivamente em França. 3 contra 4 pessoas entrevistadas lamentam no entanto essa expectativa, pois desejam que para o futuro da sociedade francesa se facilite o regresso definitivo ao seu país de origem. " Uma recusa maciça; mas uma resignação fatalista " é como são sintetizados estes resultados pelo apresentador desta sondagem.

Em suma, a distância social não é a mesma entre nacionais e imigrantes provenientes de países diversos. Tal constatação não é recente tendo sido posta em evidência nos inquéritos efectuados após a segunda guerra mundial.

Mais perto de nós, entre as etnias imigradas em França, a imagem dos Portugueses aparece como positiva o que poderia facilitar a sua inserção. " O Português é um bom migrante " ouve-se dizer constantemente. " Trabalhador sério, bebendo pouco,



nada desordeiro, não se vê praticamente na prisão nem se mistura na política " (Barros-Ferreira, 1978, p. 538). Todavia, depois da crise económica, a atitude dos Franceses, embora não sendo hostil, aparece mais desfavorável em relação aos migrantes portugueses o que nos é confirmado pelos nossos inquéritos. Esta atitude do meio receptor contribui para reactivar o sentimento de insegurança nos migrantes e para dificultar o seu processo adaptativo.

A análise de alguns aspectos do contexto em que evolui a migração em França e em particular a Portuguesa, é suficiente para nos mostrar como o migrante é um ser marginal<sup>(1)</sup>.

Butaud distingue duas espécies de marginalidade: disfuncional e produzida. " A marginalidade disfuncional que se admite a título hipotético: à descentração existindo no momento da chegada a França - deve-se opôr - mas uma não exclui a outra - uma marginalidade produzida que só aparece a partir das condições de trabalho e de estadia no país de imigração, em relativa independência com as características de partida " (Butaud, 1973, p. 1).

A marginalidade disfuncional exprime o grau de desenvolvimento económico do país de origem. Aqui, segundo a tipologia dos países fornecedores de mão-de-obra de Granotier (1973), Portugal situar-se-ia numa marginalidade disfuncional intermediária entre os países que " descolaram " economicamente e os países subdesenvolvidos. Butaud confirma esta tipologia tendo em conta os indicadores da marginalidade disfuncional.

O lugar ocupado pelos migrantes na esfera social e profissional explica-se não só por razões " objectivas ", como pelas precárias condições de estadia e de em-

(1) - Trata-se de uma noção já antiga introduzida por Park em 1928. Park insiste na desorganização psíquica e social resultante de uma dupla pertença cultural. Esta noção é retomada por Stonequist que se interessa a partir de 1930 por quatro tipos de marginais: o emigrante, o filho do emigrante, o judeu saído guetto e o mestiço. A noção é, neste autor, alargada a todos os indivíduos que se encontram mergulhados numa situação de " deslocação social ". Stonequist considera que as suas investigações distinguem-se das de Park, na medida em que este último define o homem marginal como sendo o " híbrido cultural ", colocado por nascimento ou situação, na encruzilhada de duas culturas e portanto comprometido em conflitos objectivos de " lealdade " para com uma ou outra destas culturas. Enquanto que, para Stonequist, a situação marginal conflitual pode surgir no próprio interior do grupo cultural de pertença, em favor de situações tais como, por exemplo, a evolução das crenças religiosas, a passagem da ruralidade à urbanidade, as modificações do papel tradicional das mulheres. O conceito de marginalidade engloba, portanto, na perspectiva de Stonequist, um leque de situações mais aberto que em Park " (Duchac, 1974, p. 345).

prego suscitadas pela sua situação jurídica. Cria-se assim um círculo vicioso difícil de quebrar (Lebon, 1983). A ocupação de empregos não qualificados e desvalorizados acompanha-se de más condições de trabalho e uma remuneração medíocre. Além disso, são poucos os migrantes que beneficiam de uma formação profissional. O alojamento do migrante é um interior sem interioridade que exprime a exclusão. As condições de alojamento influenciam negativamente sobre as condições de saúde. A opinião pública também parece ser cada vez mais hostil. Todos estes processos marginalizantes contribuem para o isolamento do migrante na sociedade de acolhimento. " As condições criadas pela insuficiência e a inadequação das estruturas nacionais existentes serão mais favoráveis à inadaptação, ao ensimesmamento e à sub-proletarização, que à inserção das populações estrangeiras e à salvaguarda das suas culturas " (L'Éducation des travailleurs migrants et de leurs familles, 1978, p. 17).

Qualquer que seja o critério retido, as condições de vida dos trabalhadores estrangeiros em França levam a classificar as nacionalidades aí presentes em três grupos, segundo um modo esquemático:

- Os Europeus, à excepção dos Portugueses e mais geralmente os estrangeiros originários de países desenvolvidos.
- Os Portugueses, que passam por uma situação intermediária.
- Os estrangeiros originários de países em vias de desenvolvimento, dos quais cerca de 3/4 são do Norte de África, mas também sobretudo dos Turcos, Africanos do Sul do Saara e estrangeiros do Sudeste Asiático.

Globalmente, os Portugueses parecem, pois, caracterizar-se por uma marginalidade produzida intermediária.

Compreende-se neste contexto que a aspiração ao regresso seja uma das aspirações-chave dos migrantes portugueses em França.

Vejamos agora, muito sucintamente, alguns aspectos do contexto do país de origem que podem dificultar o eventual regresso.

## 5.2/ Obstáculos à reinserção no país de origem

As correntes migratórias estão subordinadas às contingências do desenvolvimento económico e o abrandamento deste crescimento traduziu-se, por parte da França, por uma paragem da imigração.

Desde que considerados como inúteis, os trabalhadores estrangeiros dificilmente encontram um lugar no aparelho de produção e a sua partida desejada pelo país de acolhimento faz parte da lógica do sistema. O fracasso, ou pelo menos a pouca amplitude em relação ao esperado de " medidas políticas inadequadas " (Vigneras, 1981, p. 68) como sejam a " formação - reinserção " e a " ajuda para o regresso ",

deixam antever que para inverter o fluxo migratório é necessário, antes de mais, atacar as causas da emigração. É o desenvolvimento económico do seu país que pode conduzir os migrantes à realização do sonho trazido na mala ao chegar ao estrangeiro: regressar à sua terra.

Ora, tal desenvolvimento parece ser pouco propício à realização desse sonho colectivo. As perspectivas objectivas oferecidas pelo país de origem são um obstáculo, por ora duradouro, à reinserção. Para que esta se efectue é necessário resolver um certo número de problemas. Mesmo que nos limitemos a estudar os principais problemas de ordem económica: emprego, salário, alojamento, qualificação e que coloquemos num plano completamente secundário os importantes problemas sócio-culturais, apercebemo-nos que nenhuma destas dificuldades examinadas tem solução a curto prazo.

As razões económicas da emigração - falta de trabalho e insuficiência dos salários - já diagnosticados no século passado<sup>(1)</sup>, não foram por ora curadas. " Em princípio, pode argumentar-se que a situação económica actual não apresenta condições favoráveis a uma reintegração dos migrantes nem seria de resto atractiva para o retorno " (Ferreira, 1984, p. 95).

Em Portugal, os sucessivos governos têm-se confrontado, em diversos graus, com as consequências da crise económica no seu país e as consideráveis dificuldades de emprego da mão-de-obra nacional. Tratando-se de um país que, num curto espaço de tempo, viu regressar ao seu solo mais de 500 000 pessoas vindas da ex-colónias, compreende-se que os responsáveis não manifestem um interesse particular em relação ao regresso dos emigrados já que as estruturas internas não permitem absorver o actual excedente de mão-de-obra.

O governo português enfrenta um grave problema de emprego, ligado não somente às deficiências estruturais da economia portuguesa, mas também às medidas de corte à imigração nos países industrializados da Europa.

No quadro 23 podem-se verificar os valores da população activa, empregada e desempregada, e, neste último caso, os contingentes que procuram um primeiro emprego ou um novo emprego.

De acordo com as estimativas do INE a população residente no continente cresceu de 1974 a 1981 de 8 650 000 pessoas para 9 496 000, o que pode ser considerado normal se tivermos presente o número anual de emigrantes nesse período e o número de portugueses refugiados das ex-colónias.

A taxa de actividade da população nesse período manteve-se quase constante, girando em volta dos 45 %. Observa-se que a mão-de-obra feminina na população total tem evoluído positivamente.

(1) - Cf. relatório dirigido a João de Andrade Corvo, Ministro dos Negócios Estrangeiros, por Daniel da Silva Ribeiro, encarregado do Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, in Pereira, 1981, p. 204.

Quadro 23 População, emprego e desemprego

	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981
População residente total	8 650	8 947	9 123	9 168	9 204	9 338	9 423	9 496
População activa civil.....	3 853	3 957	4 096	4 107	4 157	4 251	4 303	4 269
Emprego.....	3 767	3 739	3 820	3 781	3 809	3 906	3 961	1 943
Desemprego.....	86	222	276	326	348	344	340	325
.Procura de primeiro emprego.....	41	86	125	166	198	198	177	164
.Procura de novo emprego.....	45	136	151	160	150	146	163	161
Taxa de actividade (%).....	44,5	44,2	44,9	44,8	45,1	45,5	45,7	45,7
.Homens.....	56,2	56,9	57,6	56,9	56,8	56,2	56,5	54,6
.Mulheres.....	34,0	32,8	33,5	32,9	34,7	35,9	35,9	36,2
Taxas de desemprego (%).....	2,2	5,6	6,7	7,9	8,4	8,1	7,9	7,6

(1) 2/1

(2) 4/2

Fonte: Serviço de Estatística do Ministério do Trabalho, Inquérito ao Emprego".

Quadro 24 Evolução do emprego, por sectores - população activa civil empregada (H+I)

	1979	1980	1981
Agricultura.....	1 158	1 061	1 005
Pesca.....	21	21	22
Indústrias extractivas.....	22	23	21
Indústrias transformadoras...	1 000	1 029	1 013
Electricidade, gás e água....	13	19	22
Construção.....	329	372	394
Comércio.....	461	466	489
Transportes comunicações e .. armazenagem	161	160	151
Bancos, seguros, etc.....	76	80	89
Administração pública e (1). (2) defesa	386	415	411
Serviços diversos.....	278	315	326
Total.....	3 906	3 961	3 943

(1) Inclui parte das rubricas "Serviços de Educação" e "Serviços" de

(2) Rubrica residual Saúde"

Fonte: INE, "Inquérito Permanente ao Emprego".

A taxa de desemprego aumentou substancialmente, sendo a partir de 1977 sempre superior a 7 %. Em 1981 cerca de 50 % dos desempregados eram os que tinham acesso pela primeira vez ao mercado de trabalho.

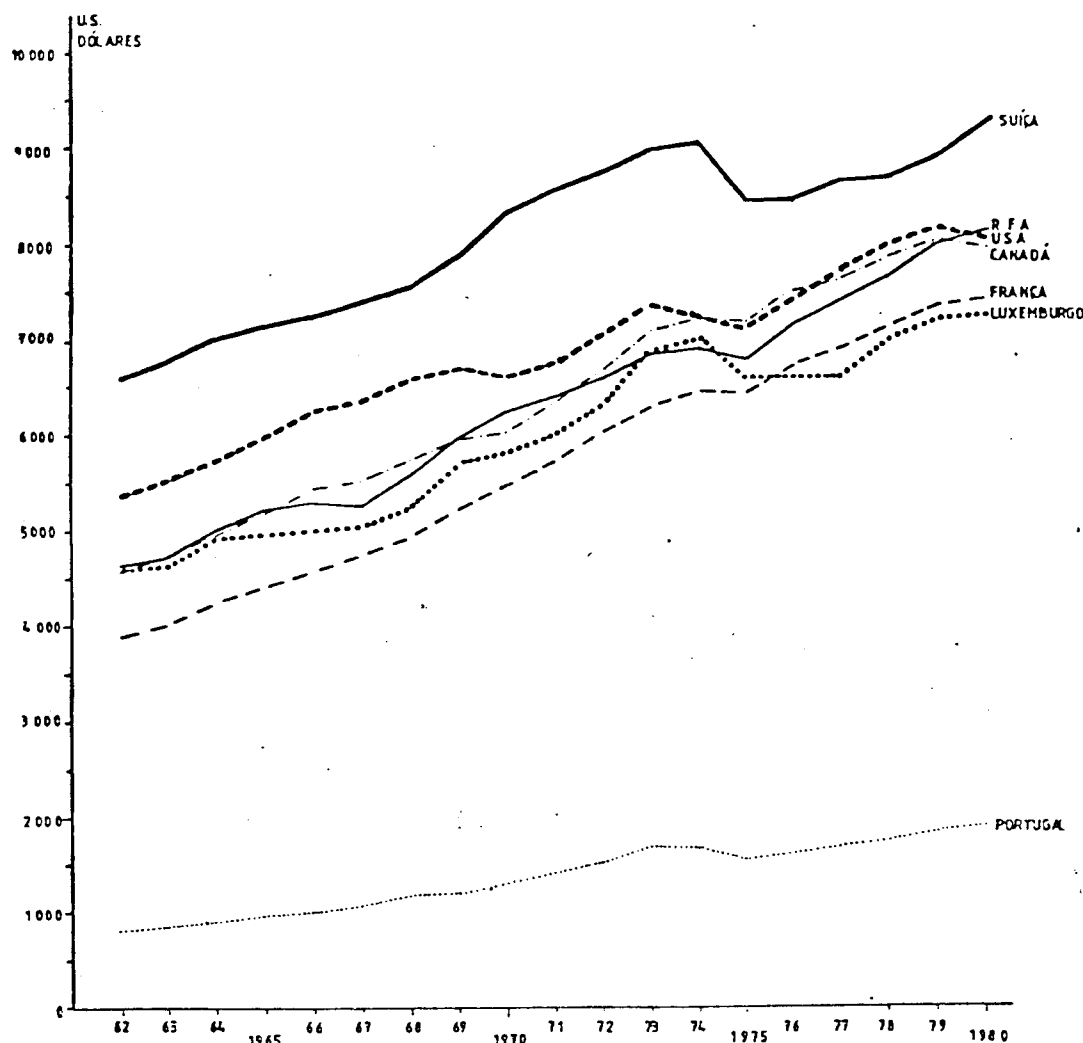
Os dados do INE e do Ministério do Trabalho (quadro 24 ) permitem constatar que a tradicional divisão da população empregada pelos três macro-setores da actividade regista ainda uma elevada percentagem no sector primário, de modo muito especial na agricultura.

No sector secundário verifica-se a evolução favorável da construção.

O sector terciário e em especial os bancos, a administração pública e os serviços diversos, é o sector que mais tem contribuído para a criação de empregos.

Na figura 4 observa-se a evolução, a preços constantes de 1975, dos valores do PIB per capita dos principais países de acolhimento da migração portuguesa nos últimos 20 anos. É notório o fosso que nos separa desses países.

Figura 4 - Produto interno bruto (preços constantes).



Fonte: Oliveira (1982).

O problema da habitação em Portugal é extremamente grave. Milhares de Portugueses vivem sem alojamentos decentes, quer nas zonas urbanas quer nas rurais.

Segundo um inquérito citado por Manuel Dias (1979) verifica-se que 706 000 famílias não têm um alojamento decente, isto é, 3 em cada 10 famílias. Habitam em bairros de lata, bairros em ruínas, em sub-aluguer, ou alojamentos sobre-ocupados.

Este inquérito mostra ainda que 6 em cada 10 famílias não têm água corrente, 8 em cada 10 não têm saneamento e 3 em cada 10 não têm electricidade.

Se será pouco provável a resolução, a curto termo, das questões de emprego e da habitação em Portugal, será ainda mais improvável igualizarem-se os níveis de vida e os salários aos dos países de acolhimento da emigração portuguesa.

Duas questões se colocam a propósito da qualificação adquirida em França. O primeiro problema é de ordem qualitativa, isto é, a natureza da qualificação adquirida em França. Uma boa parte dessas qualificações são obtidas directamente nos locais de trabalho. No seu regresso a Portugal o operário arrisca-se a não encontrar trabalho num sector equivalente àquele onde se especializou em França. O segundo problema com que se choca a qualificação em França é o do volume propriamente dito. Poderemos assinalar como travões ao aumento da formação de operários portugueses em França: o analfabetismo e o nível de instrução geral muito fraco presente na maioria dos emigrados; a fraca capacidade global do aparelho de formação profissional francês: a AFPA oferece mais de 50 000 colocações das quais apenas 6 000 ou 7 000 são para os estrangeiros.

O regresso põe também problemas de adaptação sócio-cultural. Para além do problema linguístico que se coloca à segunda geração, há uma série de problemas de costumes e mentalidades (por exemplo, o problema da emancipação da mulher).

Se o regresso implica a reinserção, para que esta se possa efectuar é necessário ter um trabalho, um salário conveniente, uma habitação, mas ainda habituar-se aos modos de vida da sociedade local, rencontrar os costumes.

Uma política de reinserção não pode ignorar estas condições económicas e sócio-culturais próprias a incitar o regresso voluntário dos emigrados. O seu objectivo é, com efeito, de tornar possível no plano material e humano o regresso dos emigrantes que o desejem.

Para se realizar, eficazmente, a reinserção dos migrantes não é suficiente que o governo tome medidas respeitantes ao emprego, ao alojamento e aos serviços sociais, como também não é suficiente que os próprios interessados sejam capazes e desejosos de se adaptarem.

Há uma outra condição suplementar que diz respeito à população local que não emigrou e à representação que ela tem dos migrantes de regresso. Ocupar-nos-emos desta questão na segunda parte deste trabalho.

É neste contexto que se pode compreender a política do Governo Português neste domínio. A actual política de regresso pode sintetizar-se numa dupla negativa: trata-se de não incentivar o regresso nem de desencorajá-lo. Estas posições foram

claramente expostas pela Secretária de Estado da Emigração, Dr.<sup>a</sup> Manuela Aguiar na alocução da sessão de abertura da conferência sobre " retorno e reintegração de e migrantes " organizada pelo Centro de Estudos da Dependência e pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (18/6/84): " Não se trata, como tenho insistido, de uma política de incentivo ao regresso. Promovê-lo seria regra geral, e só com a possível excepção de alguns casos muito localizados e específicos, uma atitude muito pouco realista, dada a situação económica em que Portugal se encontra e as dificuldades dela resultantes para todos os domínios da sociedade portuguesa.

Não é, também, uma política que tenha como objectivo o desencorajamento dos regressos. O que se considera fundamental, e é essa uma das principais bases de toda a actuação de apoio aos portugueses emigrados, neste sector, como aliás o é também em todos os outros sectores de apoio, é dotar o emigrante com uma informação ampla, precisa, correcta e sempre actualizada. Só na base de uma informação assim como o conhecimento, por um lado dos seus direitos e das suas perspectivas de vida no país de acolhimento e por outro das condições económicas e sociais e das suas possibilidades de levar a efeito um projecto de reintegração satisfatória, sobretudo económica, na sociedade portuguesa, só nessa base poderá, em nosso entender, o emigrante decidir consciente e livremente o seu futuro ".

Se se compreende na actual situação do país uma política de regresso definida pela negativa, para se assegurar o direito ao regresso garantido pela Constituição Portuguesa, será necessário empreender-se uma política definida positivamente. Caso contrário, corre-se o risco do regresso ser selectivo como nos chama a atenção Oliveira (1982, anexo III, p. 77): " Na ausência de uma verdadeira política de regresso ( e de emigração) não se poderá atrair o grupo dos mais activos e dos mais dinâmicos e teremos uma forte dominância de regressos daqueles que falharam. Isto quer dizer que teremos de novo um processo de selecção funcionando a expensas do país de origem ".

Benhadji (1974) distingue três tipos de regressos: o regresso espontâneo, o regresso organizado e a reinserção planificada. Ora, constatamos que a emigração portuguesa de regresso está ainda ao nível do regresso espontâneo. " O regresso espontâneo obedece a um grande número de factores, geralmente psicológicos, mas subentendidos e suscitados por uma situação conjuntural da economia do país de acolhimento. Daí a grande dificuldade em fazer um limite preciso entre os regressos motivados por razões estritamente pessoais e os regressos essencialmente conjunturais " (Ibid., p. 59). Segundo o autor a característica principal do regresso espontâneo é que ele é determinado por centros de decisão externos sobre os quais o país de origem não pode agir.

Para uma abordagem global da emigração é preciso levar em conta o regresso e a reinserção como vertentes complementares. Não é o regresso espontâneo que pode resolver um problema tão complexo. Somente um diálogo entre país de origem e país de destino que leve em conta os desejos individuais dos migrantes poderá trazer uma solução para este problema.

## II/ ESTUDO 1 (1977) - PROJECTOS DE REGRESSO

- 1/ Abordagem metodológica
- 2/ Perspectivas migratórias de futuro
- 3/ Adaptação
- 4/ Identidade
- 5/ Representações
- 6/ Discussão



## 1/ ABORDAGEM METODOLÓGICA

" Tout individu est infini et l'infini n'est pas épuisé."

Durkheim

" Il n'est aucun test, aucune batterie de tests qui puisse donner une connaissance adéquate de la personnalité dans sa multiplicité et son unité; ce ne sont que des sondages plus ou moins nombreux, ordonnés et profonds."

Lagache

Tendo-nos já referido aos princípios <sup>(1)</sup> que guiaram o desenvolvimento da investigação, propomo-nos agora fazer referência sobretudo aos meios a que recorremos para a sua efectivação. Assim, abordaremos sucessivamente:

- o pré-inquérito
- os instrumentos utilizados
- a população interrogada
- o desenrolar do inquérito

### 1.1/ Pré-inquérito

#### 1.1.1/ Entrevistas preliminares

Começámos por efectuar entrevistas com o objectivo de precisar as orientações e os instrumentos de investigação e de apreender a maneira como os sujeitos organizavam o discurso sobre o tema proposto. As entrevistas " para ver ", se são

---

(1) - " Toda a metodologia refere-se primeiro aos princípios que guiam o desenvolvimento de uma investigação para que esta se ajuste o melhor possível às situações a partir das quais nascem as questões de que a investigação se ocupa; ela visa também os meios postos em marcha para que este esforço de distanciação que uma investigação implica, encontre os suportes adequados " (Migrations/Études, n° 32, 1980, p. 7).

um ponto de partida empírico, dão uma informação preciosa para todo o inquérito.

Escolheu-se efectuar o primeiro contacto no comboio, aquando de uma viagem para Portugal no mês de Maio de 1976. A escolha do comboio não foi tanto motivada por uma questão de facilidade em encontrar compatriotas quanto pela constatação, feita em viagens anteriores, da fluidez com que os migrantes falam da sua experiência pessoal e da dos outros. A mesma língua, vinte e quatro horas à sua frente para chegar a Portugal, o sossego, uma viagem efectuada na maioria dos casos por motivações que fazem emergir uma forte polaridade, seja ela positiva, o caso de um casamento, de um nascimento, da compra de um terreno, de uma festa na aldeia, seja ela negativa, um falecimento, problemas de " papéis ". Eis as razões que fazem circular a comunicação no comboio. Para efectuar entrevistas não-estandardizadas, o comboio parece-nos um local privilegiado. Fizeram-se doze entrevistas semi-directivas. O desenrolar da entrevista era muito informal. Depois de se colocar a questão inicial: " Então, pensa algum dia regressar a Portugal ou ficar em França toda a vida ? ", limitávamo-nos a escutar o vivido do migrante relançando-os aqui e ali. Era nosso objectivo provocar no sujeito uma auto-exploração das suas reacções, sentimentos e opiniões.

Para além destas doze entrevistas foram efectuadas mais oito em França, conduzidas de modo similar.

Entrevistaram-se 11 pessoas do sexo masculino e 9 do sexo feminino, cujas idades variavam entre 19 e 40 anos. Só dois migrantes tinham intenção de ficar definitivamente em França.

Estas vinte entrevistas permitiram precisar o nosso método. Emergia uma primeira orientação: se os sujeitos falavam das dificuldades vividas em França, também falavam das dificuldades que esperavam encontrar em Portugal em caso de regresso. A partir daí, começa a delinear-se a ideia das duas partes da nossa hipótese geral de trabalho.

#### 1.1.2/ Pré-questionário

As entrevistas preliminares permitiram elaborar um pré-questionário, a partir de uma análise de conteúdo confrontada com a nossa problemática. Este pré-questionário compunha-se do teste das cores<sup>(1)</sup> e do questionário propriamente dito, composto de três partes:

- a situação antes da emigração;
- o processo migratório: trabalho, habitação, tempos livres, economias/orçamento, contacto social, sindicatos/política, religião;
- o regresso.

(1) - O teste " Quem sou Eu ? " só foi introduzido no questionário definitivo utilizado neste estudo. Foi no entanto testado aquando do pré-teste deste questionário.

Estes instrumentos foram testados junto de 52 migrantes residentes em França, em situação de férias no país natal, no concelho de Macedo de Cavaleiros, no mês de Agosto de 1976. A idade dos migrantes variava entre 16 e 51 anos; 26 deles eram do sexo masculino e os outros 26 do sexo feminino; quanto ao seu estado civil, 24 eram casados, 23 celibatários, 3 separados e 2 viúvos. O local de residência em França era, para a maioria, a região parisiense.

O pré-questionário nas aldeias permitiu testar, elaborar e melhorar os instrumentos.

Desde o primeiro contacto que o teste das cores se mostrou como um auxiliar muito bom devido ao seu carácter lúdico, para iniciar a entrevista.

A partir de uma questão aberta: " Como é que vê Portugal ? ", introduzida neste questionário, elaborámos o Diferenciador Semântico utilizado no questionário definitivo.

No que diz respeito às dificuldades que o migrante possa encontrar aquando do regresso, deixou-se-lhe a possibilidade de introduzir novos itens. Apesar da apresentação desta questão semi-aberta, os sujeitos não mencionaram outras dificuldades.

Certas questões apareceram como falhas de interesse para o nosso estudo. Por exemplo, saber o número de irmãos e irmãs assim como a posição ocupada pelo migrante entre eles, foram duas questões sem interesse. Nenhuma tendência significativa sobressaía delas e isto justamente por causa da emigração em massa efectuada sobretudo nas aldeias. Uma outra questão que não parecia suscitar muito interesse era, por exemplo: " Quando chegou a França, como é que fez para arranjar habitação ? ". Para aqueles que partiam com um contrato de trabalho era o patrão que lhes fornecia a sua primeira habitação. Quanto aos migrantes clandestinos, encontravam-na junto de parentes ou amigos.

Pensou-se, no início da investigação, que uma das causas susceptíveis de induzir o migrante a regressar ao seu país de origem era a discriminação de que era vítima na sociedade de acolhimento. Ficámos admirados com os resultados: somente 10 % dos migrantes declararam ter tido experiências racistas. Para explicar estes resultados eram possíveis várias hipóteses: a questão não tinha sido compreendida ou então tratava-se de uma hiper-valorização do processo migratório nas aldeias aos olhos dos outros. Em seguida, pôde-se constatar que a questão tinha sido compreendida, mas quanto à segunda hipótese não havia meios para verificá-la. No seguimento das respostas dadas, tal como a partir de um estudo no terreno levado a cabo no CREDA (Raveau et al., 1976), onde não havia discriminação significativa entre o actor francês e o português, convencemo-nos que o tema do racismo não afectava muito os Portugueses. Assim, eliminou-se esta questão do questionário definitivo. Um ano mais tarde, quando havíamos terminado com

o questionário definitivo, o racismo aparecia indirectamente no seguimento de outras questões. Quando nos apercebemos disso, era já demasiado tarde para reintroduzir o tema. Que se terá passado no espaço de um ano ? Uma explicação possível: após a crise económica houve uma mudança de atitude em relação aos imigrantes marcada por uma maior intensidade na manifestação dos preconceitos donde a possibilidade de terem nascido novos estereótipos. Isto leva a pensar no estudo efectuado por Schriecke (Castellan, 1977, p. 211) a propósito dos Chineses nos Estados Unidos, no século passado. Uma nova configuração económica pode estar na origem de novas motivações e novas representações. Este fenómeno pode ser compreendido à luz da teoria da frustração, apresentada pelo grupo de Yale (Dollard J., Doob N., Miller D., Mowrer D., Sears R., 1939). Psicologicamente, os emigrantes são vistos como aqueles que dificultam a realização de objectivos de um padrão de vida melhor e mais satisfatório nos autóctones. Estes, frustrados por repetidos obstáculos encontrados nas suas tentativas para conseguir o objectivo que buscam, procuram uma vítima que possibilite a descarga de agressão deslocada.

Uma outra explicação possível para a insensibilidade dos migrantes ao racismo vivido em França, pode encontrar-se na diferença dos papéis desempenhados por eles aquando do pré-questionário em Portugal onde se viam a si próprios talvez mais como " veraneantes " e menos como migrantes, enquanto que em França adoptavam mais o papel de migrantes.

Seja como for, há um certo consenso em considerar que os Ibéricos são muito menos objecto de racismo que outras etnias. " Na maioria das repartições uma família portuguesa obtém mais facilmente a autorização para o reagrupamento familiar que uma família magrebina. Os obstáculos colocados para a admissão ao trabalho de mulheres portuguesas, sobretudo para aquelas que entraram regularmente, são menores. Mas daí a dizer que Espanhóis e Portugueses não têm problemas seria uma prova de ignorância. O regime comum é-lhes aplicável e aplicado " (Briot, Verbunt, 1981, p. 71).

No pré-questionário, eram postas nove questões a propósito do comportamento religioso. Se este nos parecia dever ser estudado e aprofundado, tendo sempre em conta a nossa problemática central e as limitações de tempo, no questionário definitivo só se incluiu a frequência das práticas religiosas.

No que diz respeito à questão: " Qual é a profissão, a idade, o sexo, o país de origem das pessoas que vê com mais frequência e que considera como os seus melhores amigos ? ", ela não foi bem aceite, suscitando desconfiança. Por esta razão e por causa da sua extensão, foi igualmente suprimida. O mesmo sucedeu com outra questão, não muito bem aceite, que era: " Tem um rádio, uma televisão, uma máquina de costura ...? ", assim como para a repartição do orçamento. Ambas foram suprimidas.

No seu conjunto, este pré-questionário mostrou-se um pouco longo (cerca de

uas horas), com a necessidade de o abreviar. Através dele pôde-se constatar uma grande desconfiança dos migrantes em relação a um compatriota. Lá a mantinhamos em contacto com os migrantes e que será exposta mais adiante.

No que concerne aos resultados deste pré-questionário, apenas daremos aquelas que correspondem à intenção de regresso. Havia:

- 39 migrantes que pensavam regressar a Portugal; 21 ainda não sabiam quando, 11 fá-lo-iam dentro de um a três anos e 7 depois de quatro anos;
- 8 não sabiam ainda se iriam ficar em França ou regressar a Portugal;
- 5 pensavam ficar em França.

Se fizermos a clivagem entre os que tinham idade superior a 15 anos e aqueles que tinham menos de 15 anos, no momento da emigração, obtemos os seguintes resultados:

- 9 indivíduos tinham menos de 15 anos, repartindo-se as intenções de regresso da seguinte maneira:
  - = 4 pensavam ficar em França;
  - = 3 desejavam regressar a Portugal;
  - = 2 não tinham opinião formada.
- 43 indivíduos tinham mais de 15 anos, repartindo-se agora as intenções de regresso da seguinte maneira:
  - = 1 pensava ficar em França;
  - = 36 desejavam regressar a Portugal;
  - = 6 não tinham opinião formada.

Poder-se-á concluir que a ideia de regresso existe entre aqueles que emigram após a idade dos 15 anos e que para aqueles que partiram mais novos o regresso está comprometido ?

A excepção de um caso, pode-se dizer que as pessoas pertencentes a esta amostra que não pensam regressar são aquelas que emigraram mais novas, celibatários e que não são operários mas sim empregados. Os resultados deste pré-questionário permitiram-nos constatar que num estudo sobre o regresso ao país de origem, era necessário separar os migrantes que partiram jovens daqueles que emigraram com uma idade mais avançada.

A estas abordagens preliminares pode-se contudo pôr uma objecção: pode acontecer que sejam os migrantes que vão a Portugal (em férias, por exemplo) que pensam um dia lá regressar definitivamente, enquanto que aqueles que não vão a Portugal serão aqueles que pensam ficar em França. Afim de evitar esta objecção, o inquérito no terreno desenrolou-se em França.

Mas, então, uma outra objecção pode surgir, dado que nos estudos preliminares efectuados à base de entrevistas semi-directivas no comboio e um pré-teste do questionário no país de origem, o que corresponde a situações espaciais diferentes e talvez também a outras vivências, em relação ao inquérito definitivo administrado em França. Seria uma objecção metodológica de relevo se não tivémos presente que tínhamos um conhecimento prévio do terreno do inquérito pela nossa vivência migratória, que foram também efectuadas entrevistas semi-directivas em França e que antes da passagem definitiva do inquérito em França o mesmo foi pré-testado junto de uma dezena de pessoas.

## 1.2/ Técnicas de recolha de dados no inquérito

O pré-inquérito permitiu-nos elaborar o questionário utilizado neste estudo (1). Escolhendo esta técnica, corremos o risco de empobrecer a investigação, pois o questionário reduz necessariamente a informação, mas, paralelamente, estabiliza o nível de informação, canaliza-a e estrutura-a, o que nos permite evitar a dispersão dos interlocutores.

O questionário foi confeccionado para nos permitir atingir sintomas de adaptação e representações do país de origem em conformidade com as hipóteses de trabalho. Foram retidos como sintomas da adaptação, a partir do exame da literatura e do pré-inquérito, a integratividade, a satisfação do processo migratório, o bem-estar somático, a distância social, a vinculação, a identidade e a ansiedade (2). Por meio das representações do país de origem procurou-se saber a atitude face ao regresso e a atitude perante o país de origem comparativamente com o país de destino. Para responder a esses objectivos impõe-se-nos a diversificação dos procedimentos de investigação que são de três tipos de instrumentos:

- um questionário "stricto sensu"
- uma prova inspirada do diferenciador semântico
- duas provas projectivas.

Para além da problemática teórica, a escolha destes três tipos de instrumentos responde a considerações práticas: a primeira reside na sua simplicidade; estas técnicas não têm um material que cause estorvo, bem pelo contrário. Além disso, as instruções são facilmente decoradas pelo investigador; são curtas e não lhe exigem demasiada sofisticação verbal.

A nossa segunda preocupação foi a duração. Para que a entrevista não se tornasse demasiado longa, foi necessário recorrer a técnicas que não tomem muito

- 
- (1) - Relembremos que um questionário não deve ser exclusivamente considerado como uma lista de questões (Muchielli, 1975, p. 8).
- (2) - Não exporemos aqui os resultados relativos à ansiedade. Aliás, não são apresentados neste trabalho todos os resultados disponíveis, para não o alongarmos demasiado.

tempo.

### 1.2.1/ Questionário "stricto sensu"

Este instrumento é utilizado para recolher uma informação que corresponde ao vivido do migrante e aos dados objectivos sobre a sua "prática"<sup>(1)</sup>. Compõe-se de 69 questões, para além da ficha de identificação, 12 questões abertas e 57 fechadas, o que assegura um compromisso entre uma standardização rígida e qualidades de flexibilidade próximas das que se encontram na entrevista. Esta forma de questionário permite-nos fazer uma análise, quer quantitativa, quer qualitativa, do conteúdo das respostas. As questões postas vão situar o sujeito na temporalidade: o passado no país de origem, o presente "hic et nunc" em França, e as perspectivas de futuro. Esta temporalidade é descontínua, sendo os cortes efectuados pela partida para França e pelo eventual regresso ao país.

Este instrumento permite apreender as características e condições pré-migratórias, as variáveis psicosociais da adaptação, a atitude face ao regresso e as perspectivas migratórias de futuro.

Da situação antes da emigração, que condiciona, como já dissemos, o processo de adaptação na nova sociedade, solicitamos opiniões sobre as motivações da partida, a duração de estadia prevista em França, a imagem desta na véspera da partida e o estado de satisfação em relação à sua vida em Portugal; paralelamente, dados factuais tais como o ano de emigração, o estado de actividade ou de não-actividade, local de residência antes da emigração e o grau de instrução recebida.

As variáveis psicosociais da adaptação abordadas pelo questionário "stricto sensu" giram à volta de cinco temas:

O primeiro é a integratividade, que representa de certo modo uma síntese dos aspectos objectivos de adaptação distinguidos por Goldlust e Richmond (1974). Este tema compreende questões relativas às trocas interpessoais e à participação na sociedade de acolhimento: frequentações de lazes<sup>(2)</sup>, relações de amizade, interesse pela vida política francesa.

O segundo tema tido em conta é a satisfação proporcionada pelo processo migratório. Esta pode diferir consoante os aspectos específicos da experiência

---

(1) - Isto não quer dizer que não estejamos conscientes do facto de "a passagem das respostas a um questionário para os comportamentos correspondentes não é directa e que se atinge, pelos questionários, as representações que os sujeitos têm dos factos ou dos seus comportamentos mais do que esses factos ou esses comportamentos eles próprios" (Bacher, 1978, p. 119).

(2) - Diversas frequentações como teatro, concertos, museus, exposições, pouco frequentes entre migrantes portugueses com as características da população estudada, não foram incluídas no questionário. Está fora de dúvida a ligação entre a frequência desses locais e o nível de instrução. Relembremos a observação dos sociólogos: o visitante modal dos museus tem, em França, o ano propedêutico (Bordieu, Darbel, 1966).

migratória que se considerem: trabalho, alojamento, lazeres, relações interpessoais com os autóctones, relações com os organismos administrativos, a política em relação à imigração. Quaisquer que sejam os tipos de situações analisadas, o grau de satisfação do transplantado é sempre função:

- por um lado, das expectativas por ele formuladas na sociedade de destino em relação ao nível de aspiração elaborado na sociedade de origem;
- por outro lado, da resposta da sociedade de destino e, em parte, do carácter descriminatório ou não desta resposta.

O terceiro tema refere-se à percepção que o sujeito tem do seu bem-estar somático. Escrevem a este propósito Bastide, Morin e Ravcau: " O estado de saúde pode ser considerado como um bom indicador da adaptação ao novo meio. A saúde física testemunha a nutrição, as condições de trabalho e a qualidade do conforto. A saúde mental, em relação com o estado físico, dá conta mediante a forma de que se revestem as descompensações psicopatológicas, dos estados de tensão psicossociológicos e dos meios de os liquidar num meio estrangeiro " (1974, p. 149). O corpo é o lugar do prazer, do desejo, do sofrimento, onde é vivida e experimentada a separação. O migrante exprime frequentemente o seu sofrimento mediante a linguagem do corpo por dois motivos (Beauchesne, Esposito, 1981, p. 63). Por um lado, deve elaborar a perda de objectos na sua imagem corporal. Por outro lado, esta perda simbólica vê-se confirmada na realidade tanto mais quanto o sujeito não pode agir eficazmente sobre o novo meio.

A distância social pode dar-nos uma indicação sobre os pequenos grupos nacionais, de origem ou de residência, que são tomados como grupos de referência. A perspectiva de regresso ou, ao contrário, de fixação, é susceptível de introduzir uma clivagem ao nível das identificações ?

Finalmente, através da vinculação, procuramos saber que laços são mantidos com o país de origem.

A atitude dos migrantes face ao regresso é apreendida através das dificuldades a resolver, susceptíveis de aparecerem aquando de um virtual regresso a Portugal.

A propósito das perspectivas migratórias de futuro, procuramos saber se a intenção de regressar existe e as respectivas motivações. Quando ? Onde ? Com que objectivos ?

### 1.2.2/ Diferenciador semântico

A prova inspirada do diferenciador semântico é utilizada para avaliar as representações que os migrantes se fazem dos dois espaços geo-culturais postos em



relação pela migração - Portugal e França. Esta técnica pode permitir-nos a obtenção da medida de um conceito como uma definição operacional da significação que esse conceito tem para um sujeito ou um grupo de sujeitos, tal como os processos seguidos para obter um Q I nos dariam uma definição operacional respeitante à inteligência.

O DS é um procedimento interessante para estudar a natureza geral das características das palavras. É uma técnica de observação e de medida da significação psicológica que as coisas têm e particularmente os conceitos, para o indivíduo. Foi descrita pela primeira vez por Osgood (1952) e Osgood, Suci, Tannenbaun (1957). Examinemos as hipóteses que estão na base desta técnica.

O instrumento de Osgood propõe-se estudar a significação do conteúdo da comunicação. Fundamenta-se no seguinte princípio: o sistema paradigmático (ou das ligações significante-significado) explica-se pela mediação semântica (impressão semântica segundo a tradução de Jodelet (1965)). A impressão semântica é a " reacção representacional mediadora " pela qual um estímulo, à partida neutro, se encontra condicionado a um outro e adquire por isso a propriedade de desencadear de pronto uma parte da resposta natural desse estímulo; esta parte ao nível das impressões (impressiva ou semântica) pode provocar por retorno (feed-back), uma outra resposta tipo-instrumental (evitamento, fuga, etc.).

O modelo espacial do " campo semântico multi-dimensional " subentende esta teoria e interpreta-se da seguinte maneira: todas as dimensões passam por um ponto neutro, a origem. A distância de um ponto (posição de um conceito) à origem é uma indicação da sua significação; a direcção do vector que o religa à origem dá conta da qualidade semântica do conceito.

Em termos de medida, o campo semântico condensa-se num conjunto de escalas bipolares geralmente de 7 pontos. Cada escala é definida por um par de adjektivos antagónicos do género " bom - mau ". O sujeito avalia um dado conceito colocando um círculo em redor do ponto da escala em que se situa.

Osgood apresenta em 1964 o resultado de uma série de estudos interculturais. Esses resultados provam a validade do instrumento revelando a sua estabilidade através de diferentes amostras culturais, dos três primeiros factores: Avaliação, Poder, Actividade.

A teoria de base de Osgood pode ser discutida, mas pode-se utilizar o instrumento sem referência ao seu quadro teórico. Este instrumento parece-nos pertinente para o estudo do conteúdo das significações conotativas de dois conceitos estímulos (Portugal e França). O DS utilizado é uma adaptação da técnica ao terreno de estudo.

A versão utilizada comporta 20 escalas bipolares. Os 40 adjektivos que as compõem provêm das entrevistas preliminares.

Utilizámos escalas em cinco pontos, dando o nível de instrução da nossa

população ser baixo e a entrevista oral utilizada para administrar o questionário.

Pede-se aos sujeitos para avaliarem cada adjectivo numa escala de cinco pontos, dentro de uma perspectiva pessoal<sup>(1)</sup>, isto é, o quadro de referência é a percepção que o sujeito tem deles.

No início da investigação, tínhamos por objectivo medir somente as representações que os transplantados portugueses se faziam de Portugal. De seguida caímos na conta que seria mais útil possuir uma comparação entre as representações de Portugal e da França.

A quantificação foi feita da seguinte maneira, que ilustraremos com a ajuda do qualificativo rico - pobre: 5 pontos se o sujeito responde "muito rico"; 4 pontos, "rico"; 3 pontos, "nem rico nem pobre"; 2 pontos, "pobre"; 1 ponto, "muito pobre".

rico ' 5 ' 4 ' 3 ' 2 ' 1 ' pobre

Resta-nos examinar algumas críticas de que foi objecto o DS (Menahem, 1968).

a) - A improbabilidade da equivalência dos escalões.

Os escalões do DS não são provavelmente de considerar como intervalos de impressão semântica iguais. Eles podem pelo contrário representar, para os utilizadores da técnica métrica, sinais ordenados sobre a dimensão hipotética, ao longo da qual os sujeitos situam cada um dos conceitos.

b) - A ambiguidade do escalão central.

O escalão central pode significar quer uma recusa à resposta, quer uma não pertinência da escala (o estímulo não sendo denotado), quer ainda uma autêntica estimação média. De facto, o risco conhecido ao utilizar o escalão central é de assimilar as respostas médias às ausências de resposta e vice-versa, o que não é psicologicamente idêntico. Mas a sua não utilização retira toda a flexibilidade à técnica e corre-se o risco de obtenção de respostas ao acaso.

c) - A não correspondência da oposição lexical com a oposição psicológica.

É o problema da pertinência das escalas; formulada desta maneira, é uma crítica a fazer a todos os dados psicológicos verbalizados. Há sempre um desfazamento entre o sentido geral das palavras e o significado particular que os sujeitos lhe associam. Esta crítica chama contudo a atenção para o facto de que mesmo especificadas em oposições binárias, as palavras retêm um grau de polissemia e de que as

(1) - Os julgamentos podiam ter em conta três condições diferentes: ou se podia um julgamento numa perspectiva social, sendo o quadro de referência as pessoas, em geral; ou numa perspectiva ressentida, sendo o sujeito instado a indicar aquilo que ressentiria se o qualificativo lhe fosse atribuído ou ainda numa perspectiva pessoal como o fizemos.

escalas do DE não são verdadeiramente quase nada unidimensionais.

d) - A atracção polar.

Os sujeitos, no dizer de Messik, citado por Menahem (1968), têm tendência a privilegiar o lado esquerdo das escalas nas suas respostas. Dado que era o entrevistador que preenchia o questionário, este fenómeno pôde ser evitado.

### 1.2.3/ Técnicas projectivas

Com o intuito de apreender duas séries de variáveis da personalidade, a identidade e a ansiedade, utilizamos o teste " Quem sou Eu ? " <sup>(1)</sup> e o teste das cores de Lüscher. A identidade e a ansiedade são sintomas de adaptação <sup>(2)</sup> que assumem particular interesse no caso de migração (Almeida, 1975; Berthelmer, 1977; Scotto, 1982). Todavia como não apresentaremos aqui os resultados relativos à ansiedade, limitar-nos-emos a apresentar o teste " Quem sou Eu ? ".

As técnicas utilizadas pelos investigadores nos seus estudos sobre os fenómenos respeitantes à identidade são muito numerosas e variam em função dos objectivos colocados à partida e das abordagens teóricas dos autores: listas de adjectivos, escalas de atitudes, ensaios autobiográficos, inventários, etc., (L'Ecuyer, 1978). A técnica que utilizamos no nosso estudo foi o " Quem sou Eu ? ". Ela permite aos sujeitos fazer a sua introspecção e respectiva descrição. Esta técnica dá a possibilidade de deixar a palavra aos migrantes para poderem exprimir-se autonomamente sobre o seu " ser em situação " e aceder às percepções vitais, vividas e sentidas.

Os diferentes modos das representações de si parecem-nos importantes de serem abordados pois são um factor de relevo na adaptação de todo o migrante a um novo meio. A migração, pelo corte que implica com a " matriz cultural ", põe em questão todos os sistemas de valorização e de desvalorização de si, toda a percepção que o sujeito tem de si e de si em relação à sua cultura.

A sua primeira aplicação data de 1950, sendo feita por Burgenthal e Zelen.

- 
- (1) - A forma pouco estruturada deste teste, os estímulos repetidos que, em primeiro lugar, fazem apelo a identificações facilmente acessíveis, depois a associação de palavras mais subtilmente ligadas a conteúdos semi-inconscientes recalcados, fazem com que seja considerado por certos autores (Gordon, 1968), como uma prova projectiva.
  - (2) - Convém ter presente que a distinção que efectuamos entre variáveis psicossociais e variáveis da personalidade só se justifica do ponto de vista do modo de recolha de dados. As variáveis psicossociais são recolhidas pelo questionário "stricto sensu" e as variáveis da personalidade por testes projectivos. É evidente que para nós a identidade, por exemplo, é também uma variável psicossocial.

Foi fornecida aos sujeitos uma folha virgem e foi-lhes pedido para darem três respostas para a questão: " Quem és tu ? ". Alguns anos mais tarde, dois outros investigadores utilizaram esta técnica, modificando-a (Kuhn, Mc Partland, 1954). Pediam a cada sujeito para responder vinte vezes seguidas à pergunta " Quem sou eu ? ", devendo cada resposta ser diferente, dispondo de um tempo de 12 minutos. Na análise dos resultados, os autores dicotomizaram as respostas " consensuais ", sociológicas, posicionais, " etiquetas sociais " geralmente conhecidas por toda a gente (exemplo: homem, imigrado, trabalhador, etc., ...) e as respostas " sub-consensuais ", subjectivas, idiossincrásicas (exemplo: grande, louro, feliz ...). Os autores verificaram que os sujeitos tinham tendência, na sua maioria, a enumerar em primeiro lugar todos os atributos da primeira categoria para depois passarem aos atributos da segunda. A utilização do teste por outros investigadores revelou sempre esta ordem nas respostas.

Gordon (1969), fez o balanço das técnicas utilizadas por Kuhn e Mc Partland e seus discípulos. Utilizando a mesma técnica, solicita a 156 estudantes de ambos os sexos de responderem 15 vezes seguidas à questão " Quem sou eu ? ". As repostas mais frequentes são a idade (82 %) e o sexo (74 %). As categorias de identidade social tais como a idade, a profissão, o sexo, são uma parte do conceito de SI do indivíduo. A identidade social subjectiva variaria em função da posição social objectiva. O autor estabelece então uma distinção entre identidade social e pessoal.

Klineberg e Zavalloni (1969) utilizaram este teste no decurso de um inquérito a estudantes africanos, com 12 respostas possíveis. A análise de conteúdo efectuada permitiu a estes autores apreender a atitude dos sujeitos em relação à sua etnia e/ou nação.

Morokvasic (1971) e Lirus (1979) também a aplicaram, respectivamente, em migrantes jugoslavos e antilhanos em França.

O teste é do tipo projectivo e por consequência tem o mérito de fornecer respostas mais espontâneas que as questões directas ou uma outra técnica (lista de atributos, por exemplo).

Foi administrado a meio do questionário, já que no decurso do pré-inquérito deu-se conta que os migrantes tinham muita dificuldade em concentrarem-se sobre si próprios. Se a administração do questionário no início tinha a vantagem de tornar as respostas mais espontâneas, isso também podia bloquear os sujeitos, ou mesmo atingir um aumento da recusa. Além disso, o efeito de sugestão podia já intervir a partir do momento em que apresentávamos o tema da investigação. Em todo o caso o teste foi administrado antes das perguntas respeitantes ao regresso. São portanto problemas práticos encontrados no terreno que nos conduziram a administrá-lo a meio do questionário.

Foi utilizado um número limitado de 10 respostas como é usual no CIEBA e a seguinte instrução: " Nesta página temos dez linhas numeradas. Cada uma começa pela pergunta ' Quem sou eu ? ', pedimos-lhe para responder dez vezes a esta pergunta como se a estivesse a pôr a si próprio ".

Se o sujeito o quisesse, podia ele próprio preencher o protocolo. Fê-lo um único sujeito. O tempo de resposta não era limitado.

Se até aí as respostas surgiam com facilidade, a passagem do teste obrigou os migrantes a silêncios por vezes bastante longos. " Não sei o que é que hei-de responder ", palavras que ouvimos com frequência. Os sujeitos responderam quer por palavras isoladas, quer por frases. O material recolhido foi analisado com a grelha que iremos apresentar aquando da exposição dos resultados.

Os diferentes instrumentos utilizados foram sempre administrados aos sujeitos pela mesma ordem:

- 1 - teste das cores de Lüscher (primeira passagem);
- 2 - questionário (partes: Situação em Portugal, Situação em França);
- 3 - teste " Quem sou Eu ? ";
- 4 - segunda parte do questionário (os laços com Portugal, o regresso ao país);
- 5 - teste das cores de Lüscher (segunda passagem);
- 6 - prova inspirada no Diferenciador Semântico.

### 1.3/ A população interrogada

#### 1.3.1/ Técnica de amostragem

A amostra não foi obtida segundo os métodos utilizados nos grandes inquéritos (Gravitz, 1972, pp. 554-562). " Pôr a si próprio o problema da representatividade em si e querer a todo o preço uma amostra perfeitamente representativa, é impôr a si próprio uma obrigação difícil de satisfazer e frequentemente inútil " (Chiglione, Natalon, 1978, p. 53). A construção de uma amostra aleatória era para nós praticamente inaplicável. A primeira condição era dispôr de uma lista exhaustiva de transplantados (portugueses) em França, aquilo que se chama uma base de sondagem. Esta condição não podia verificar-se dado o facto do desconhecimento do número exacto de portugueses instalados em França. " Assina amostragem choca com um obstáculo manifesto: os clandestinos " (Granotier, 1973, p. 17). É certo que se dispõe das tabelas do ONI mas, apesar da contabilização dos clandestinos que regularizam a sua vinda, apenas se obtém um reflexo bastante deformado da realidade. Mas, mesmo supondo de que dispúnhamos de uma lista exhaustiva à qual

teríamos acesso, a amostra seria muito dispersa do ponto de vista geográfico, já que os indivíduos residentes em qualquer lugar do território podem sair. Os nossos meios materiais não nos permitiam isso.

Para poder obter uma amostra representativa nestas condições, seria preciso efectuar o inquérito num meio restrito, uma ou duas empresas por exemplo, mas neste caso não poderiam ser manipuladas um número suficiente de variáveis. Além disso, o método areolar exigiria também meios muito importantes.

Posto de lado este levantamento de uma amostra probabilística, havia a possibilidade de recorrer a uma amostra por quotas mas o desconhecimento das características da população-mãe obrigou-nos a renunciar igualmente a este tipo de amostra. Além do mais, as amostras proporcionais por quotas apoiam-se num número limitado de variáveis. Como ter a certeza que outras variáveis não têm uma importância talvez maior em relação a um objecto científico considerado, que as tomadas em conta ao nível das quotas?

A insuficiência de informação estatística e de meios materiais não são contudo os únicos elementos que contribuíram para utilizar uma amostra não representativa. A utilização deste procedimento justificava-se tendo em vista os objectivos que perseguíamos, isto é, efectuar um estudo exploratório. Efectivamente, o que nos interessa aqui não é a distribuição dos factos recenseados para poder extrapolá-los à população total, mas a análise de mecanismos e de relações entre factos, atitudes e representações, a avaliação da incidência de um certo número de variáveis sobre um dado comportamento.

A nossa amostra constituiu-se a partir do método "bola de neve". Um tal tipo de amostra constrói-se a partir de uma outra comportando um número restrito de pessoas, às quais se acrescentam outras com as quais as primeiras declaram estar relacionadas, e assim por diante até que a amostra esteja completa. Um tal procedimento tornou menos árdua a nossa tarefa no terreno. Dada uma certa dose de paranoia mais ou menos manifesta nos migrantes portugueses (Barros-Ferreira, 1977), a ideia que tínhamos tido de sermos acompanhados por alguém em que eles tinham confiança, permitiu diminuir a sua suspeição e a relação era menos tensa, mais autêntica<sup>(1)</sup>. Mas um tal procedimento corre o risco de introduzir viés na observação, jamais sendo indiferente o modo segundo o qual se elaboram as relações.

Fixou-se um número mínimo de 110 sujeitos já que ele é suficiente para uma

(1) - Dito isto a desconfiança não é específica dos migrantes portugueses. Por exemplo, Camilleri pôde constatar a propósito dos jovens magrebinos: "Mas sobretudo, dada a viva desconfiança dos sujeitos, particularmente quanto ao objecto explorado, não era possível bater em portas desconhecidas: os sujeitos recusavam responder ou forneciam respostas truncaças e insinceras" (1979, p. 6).

análise factorial (cf., Le Boudec, 1972, p. 52), que será o principal método de tratamento de dados utilizado.

Em suma, a amostra é um compromisso entre constrangimentos técnicos e materiais por um lado, e os objectivos pretendidos, por outro. Não é a amostra ideal, é uma amostra possível.

Embora não estejamos perante uma amostra representativa dos emigrantes portugueses, estritamente falando, observando as características da população do inquérito, pode-se constatar que se trata efectivamente da forma mais representativa da migração económica actual. Vamos encontrar a confirmação nas afirmações de George: " A Europa ocidental é hoje o principal contratador de migrantes com a idade de 35 anos em média que permanecem durante 5 a 10 anos, frequentemente em várias estações, separadas por um ou dois regressos ao país de origem, migrantes que são ocupados em empregos industriais ou para-industriais. Presentemente, é esta a forma mais representativa de emigração económica " (1977, pp. 31-32).

### 1.3.2/ Características da amostra

Toma-se em conta, para constituir a amostra, a não-inclusão de migrantes da segunda geração<sup>(1)</sup>, nem elementos de casais mistos. Assim, incluíram-se migrantes dos dois sexos que fossem trabalhadores assalariados, suas famílias e cuja residência se situasse em zonas urbanas, com um tempo de estadia que permitisse deixar para trás os primeiros choques culturais.

Seremos assim levados a descrever sucessivamente as características demográficas, o estatuto profissional, o habitat; o tempo de estadia em França, bem como características pré-migratórias que, como já vimos, são susceptíveis de influenciar o processo adaptativo.

#### A - Características demográficas

##### a) - Idade

Todas as pessoas interrogadas tinham entre 30 e 40 anos. Trata-se, em todos os casos de migrantes ditos da " primeira geração ", não se tendo revestido a emigração portuguesa de um carácter massivo senão a partir de 1964-65. Foi por uma preocupação de homogeneidade, tendo em vista a pequena extensão da amostra, que o leque das idades retidas foi voluntariamente restrito. A idade média da amostra é de 26 anos e 4 meses no momento da emigração. O desvio-padrão é de 4 anos e 3 meses.

(1) - Talvez fosse melhor falar de " segundas gerações " que de " segunda geração ", pois a problemática é muito diferente, como o mostrou Sayad (1977), a propósito das três idades da migração argelina, segundo se nasceu e se é educado no país de origem, ou então nascido e educado no país de acolhimento depois de ter migrado, ou ainda nascido e educado no próprio país de migração. As condutas e as atitudes não serão inspiradas pelas mesmas causas nos três casos. Utilizamos neste trabalho o termo " segunda geração " no sentido restrito de crianças nascidas e educadas no país de origem até à adolescência.

170

b) - Sexo

A maioria dos estudos consagrados a populações transplantadas foram efectuados a partir<sup>de</sup> elementos do sexo masculino. Tentamos por isso constituir uma amostra mista de 55 pessoas de cada sexo.

Relembremos que havia em França, em 1975, 54 % de migrantes do sexo masculino e 46 % do sexo feminino, o que não difere muito da equiprobabilidade.

c) - Situação familiar

84 % dos migrantes são casados. Entre os 48 homens casados, 8 têm a sua mulher em Portugal. A presença das mulheres na terra de origem tem um profundo significado social: " ela é depositária de um regresso, mas de um regresso que apresenta certas exigências que podem ser mais facilmente satisfeitas pela existência do lar (a mulher e/ou a casa) " (Wall, 1932, p. 19). Pelo contrário, todas as esposas estão acompanhadas dos maridos.

O numero médio de crianças por casal é de 2,5. Não há na amostra nenhum casamento dito " nisto ".

B - Estatuto profissional

a) - Sector de actividade

A ideia fixa para o migrante é encontrar trabalho para a sua subsistência e da respectiva família. O trabalho constitui o pilar da sua segurança; não há segurança sem trabalho. O trabalho é uma condição primordial para a inserção, desempenhando um duplo papel. Permite a realização do projecto migratório; além disso, o meio de trabalho constitui um lugar de trocas com o novo ambiente, muito importantes no contexto da socialização no país de destino.

É evidente que existe uma ligação entre o tipo de trabalho que o migrante pode exercer no seu novo meio e o nível de instrução.

35 homens trabalham na construção civil, 20 na metalurgia. Trata-se de sectores da actividade onde os empregos são bastante penosos. Há, pois, no caso dos migrantes masculinos, que distinguir duas categorias de empregos penosos: uma antiga, no exterior, mais riscos de acidente (construção civil); a outra categoria, mais recente, ligada ao trabalho em cadeia (indústria automóvel). Na primeira categoria, o sujeito usa-se fisicamente, mas efectua tarefas mais ricas do que no trabalho parcelar da segunda categoria.

44 mulheres ocupam-se de trabalhos domésticos fora dos seus domicílios (crianças de quarto, empregadas domésticas...) e/ou são porteiras. 11 mulheres não têm emprego remunerado, trabalhando os seus maridos quer na construção civil, quer na indústria metalúrgica.

b) - Qualificação profissional

As mulheres não têm qualificação profissional. 16 homens declararam-se



operários especializados e 36 declararam-se operários profissionais. Tendo em conta o sector de actividade maioritário (construção civil), pode-se todavia concluir da existência de um nível médio relativamente fraco de qualificação. 10 dos 20 operários metalúrgicos são todavia operários profissionais.

As qualificações que parecem ter sido adquiridas durante a experiência da i migração resultarão de uma verdadeira formação? Nenhum dos entrevistados teve o caso de beneficiar da menor tentativa de formação.

c) - Estabilidade

O número médio de empregos ocupados sucessivamente na amostra é de 3,2. Tendo em conta a penosidade dos postos de trabalho que lhes são oferecidos, somos tentados a falar de uma estabilidade relativa da mão-de-obra portuguesa<sup>(1)</sup>.

No que diz respeito às mulheres, não há praticamente modificação no tipo de emprego. Assinale-se que entre 16 mulheres empregadas domésticas à sua chegada, 12 tornaram-se mulheres a dias, o que sem dúvida se explica pelo facto da sua família ter aumentado.

No que diz respeito aos homens, 20 % deles mudaram de sector de actividade, quer da metalurgia para a construção civil, ou vice-versa.

C - Residência

a) - Residência em França

No momento do inquérito, 37 migrantes habitam mesmo em Paris (18 H, 19 M), 36 migrantes habitam nos seus arredores (19 H, 17 M) e os últimos 37 vivem na aglomeração de Reims (18 H, 19 M). Toda a amostra tem assim uma implantação urbana em França, o que neste plano, não a distingue particularmente da população de conjunto.

b) - Modo de residência

20 % da amostra habita só (13 H, 9 M), 3 % vive em casa de amigos e o resto em casal.

63 % da amostra habita num apartamento, 17 % habita em portarias (sobretudo em Paris). 22 % dos homens vivem em lares (nenhuma mulher). Pelo contrário, 13 %

(1) - A reputação da instabilidade da mão-de-obra imigrada foi confirmada por alguns autores, infirmada por outros (Granotier, 1973, pp. 89-90). Mas talvez possa melhor afirmar-se, em vez da sua propagada instabilidade, que estão à procura da sua estabilidade. Essa dita "instabilidade" profissional não obedece a um "nomadismo psicológico" (Girard, Stoetzel, 1953, pp. 104-05), mas exprime a procura de uma tarefa que lhes permite satisfazer as suas legítimas aspirações. Tal conduta não é específica dos migrantes, mas da classe social em que se inserem. Chombart de Lauwe (1956, p. 25), por exemplo, encontrou nos operários franceses que 24 % dos sujeitos mudaram mais de 11 vezes de lugares de trabalho, 42 % mudaram de profissão 4 vezes ou mais, somente 10 % mudaram de lugar uma vez ou nunca mudaram.

das mulheres vive em quartos (contra 5 % dos homens). Uma maioria muito forte da amostra habita pois em família, num apartamento ou numa portaria.

A percentagem por ordem decrescente dos que habitam apartamentos, segundo a implantação urbana, é: Reims, arredores de Paris, Paris. As pessoas casadas, acompanhadas do cônjuge residentes em Paris, habitam com frequência portarias (lo<sup>g</sup>es de concierge) (41 %), o que é mais <sup>raro nos</sup> arredores da capital ou inexistente em Reims. A portaria é o tipo de habitação mais frequentemente procurado pelos casais portugueses em Paris. Habitar uma portaria permite fazer economias - não pagando o aluguer e ocupando-se das crianças - não sendo ainda incompatível com uma actividade profissional no próprio imóvel ou nas vizinhanças. Onde, ao fim das primeiras loconôções na nova sociedade, seja frequente surgir em Paris a febre de habitar uma portaria. É quase a única saída para um casal habitar em Paris e ter um alojamento mais ou menos confortável. Mas se para os jovens casais é uma solução interessante, a partir do momento em que as crianças começam a crescer, a portaria torna-se menos interessante.

#### D - Tempo de estadia

A duração média de estadia é de 8 anos e 5 meses<sup>(1)</sup>. Nenhuma duração é inferior a 4 anos. 65 % da amostra permanece em França há mais de 7 anos e menos de 13 anos. Esta antiguidade de estadia situa a amostra na " vaga de chegada " de mais forte intensidade da migração portuguesa em França, ou seja, na década de 60 e princípios da de 70.

Estamos perante uma amostra de migrantes relativamente " idosos " que já passaram todas as fases, descritas algures, da acomodação à sociedade de destino. Os dois primeiros anos, como o demonstraram os trabalhos do CREDA (Centre C. Richey des dysfonctions de l'Adaptation), relativos a migrantes antilhanos, correspondem à fase de adaptação bio-climática, dietética e social. Passado este cabo, o migrante entra numa fase mais calma correspondente a uma re-socialização. A sub-população de que nos ocupamos é a de um conjunto de indivíduos que atingiram de uma certa maneira " a velocidade de cruzeiro ".

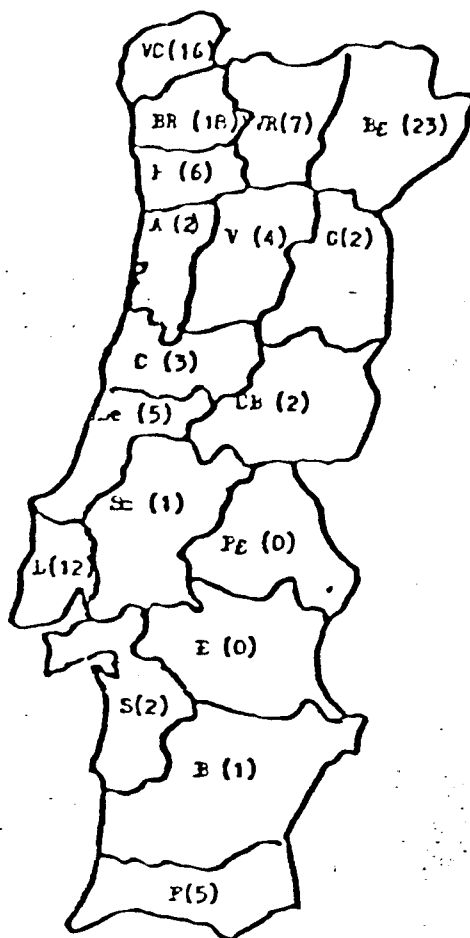
#### E - Características pré-migratórias

81 % da amostra nasceu numa aldeia, 5 % numa vila 14 % numa cidade, mas apenas 67 % viviam ainda numa aldeia no momento da emigração e 20 % numa cidade. A migração interna tocara 14 % da amostra.

(1) - É de notar que a idade média de estadia dos Portugueses que regressaram ao país utilizando a " ajuda para o regresso ", analisada por Poinard (1979), é de 9,5, valor de que se aproxima a nossa amostra.

60 % da amostra provém dos quatro distritos situados mais ao norte do país: Bragança (23), Braga (18), Viana do Castelo (16), Vila Real (7); 12 pessoas são oriundas de Lisboa (figura 1).

Figura 1 - Local de residência da amostra, por distritos, antes da emigração.



Nota-se que no plano nacional, os cinco distritos que forneceram contingentes de migrantes mais importantes (1960-1975), são Braga, Leiria, Porto, Viana do Castelo e Castelo Branco. A amostra seria então de origem, nem mais urbana nem mais rural, que o conjunto da população que vem maioritariamente do norte.

Apesar da industrialização progressiva de Portugal, certos traços das sociedades tradicionais podem ainda aplicar-se nas zonas rurais, donde são originários a maior parte dos emigrantes.

Leonetti e Lévy resumem os valores tradicionais no termo "fatalismo", isto é, "a crença num poder exterior (magia, Deus, destino, natureza) que o homem não pode dominar nem controlar, de que resulta um espírito de solidariedade comunitária que se traduz, por um lado, por uma grande dependência em relação a essa

comunidade; dependência que é racionalizada ou sublinhada nos valores étnicos que ocupam um lugar central nas sociedades mediterrânicas " (Leonetti, Lévy, 1972, p. 48).

A migração em França representa pois a passagem a uma sociedade industrial urbana em que os valores podem ser caracterizados " por um certo optimismo quanto ao poder do homem sobre a natureza " (Ibid., p. 50).

As sociedades urbanas diferenciam-se e por vezes opõem-se às sociedades tradicionais em certos pontos: o homem moderno crê poder exercer um controlo sobre o meio e sobre o seu próprio futuro; a família restringe-se nos centros urbanos ao núcleo de base; os laços de parentesco, a solidariedade comunitária, atenuam-se e tornam-se facultativos; a autoridade do pai enfraquece; os papéis sociais do homem e da mulher estão menos delimitados, pelo menos na prática (ibid., p. 50).

Escreve George: " Enquanto o migrante do começo do século era geralmente analfabeto ou tinha um pequeníssimo grau de instrução, os países mediterrânicos enviam hoje como migrantes gente nova que frequentou a escola durante seis ou oito anos. A repartição no mercado de trabalho, as formas de inserção já não são as mesmas. O imigrante analfabeto torna-se raro " (1972, p. 21).

A migração portuguesa para França nos anos 60-70 parece constituir excepção a estas observações de George, pois, na nossa amostra, 49 % não acabaram os estudos primários e 23 % nunca frequentaram a escola primária. A percentagem de analfabetos <sup>(1)</sup> é bastante próxima da que se observa a nível nacional (29 % - 1970). Estamos pois perante uma população fracamente escolarizada. Efectivamente, a emigração para a França parece menos selectiva do ponto de vista da instrução, que a emigração para outros destinos. As facilidades anteriormente concedidas aos clandestinos contribuíram para isso. Por exemplo, o número médio de anos de escolaridade antes de se estabelecer no Québec era, entre 1968-72, de 7,5 anos para o grupo étnico português (Cf. Bordeleau in Lévy-Leboyer, 1980, p. 84). Apesar de tudo, ele estava colocado no penúltimo lugar logo à frente do grupo italiano. Para que se possa estabelecer um ponto de referência, em primeiro lugar situavam-se os Polacos, cujo número médio de anos de escolaridade era de 15,6.

(1) - Utilizamos a palavra " analfabeto " num sentido muito estrito, isto é, o indivíduo com mais de 14 anos que nunca frequentou a escola primária, o que corresponde mais ou menos àquilo que se considera como analfabeto em Portugal. Para que alguém não seja considerado analfabeto basta-lhe saber ler. As Nações Unidas utilizam outros parâmetros que não este. Para que uma pessoa seja considerada alfabetizada precisa de preencher as seguintes condições: ter uma boa compreensão oral e escrita da língua; saber exprimir-se correctamente, quer verbal, quer por escrito; saber resolver rapidamente operações aritméticas elementares; ter conhecimentos gerais elementares que lhe permitam integrar-se e participar socialmente na vida quotidiana do seu país. Segundo estes parâmetros, seria necessário considerar como analfabetos todos os que não concluíram os estudos primários.

A agricultura ocupava 52 % dos trabalhadores interrogados, bastante mais os homens (64 %) do que as mulheres (40 %). A construção civil ocupava 6 %, sendo unicamente homens. A metalurgia ocupava 11 % dos dois sexos; 13 % das mulheres eram costureiras e igual percentagem ocupava postos de serviços domésticos; 13 % das mulheres, igualmente, não tinham emprego remunerado. Portanto, 94 % da amostra era activa no momento da partida.

No plano nacional (1960-1973), verifica-se a proporção de 93 % de activos no momento da partida.

Não é pois o desemprego que é a causa directa do êxodo, mas sim as condições de trabalho, ligadas todavia elas próprias ao sub-emprego endémico nos campos. Poder-se-á dizer que para pouco mais de metade da amostra, a emigração representou uma mudança radical de meio, mudança sócio-linguística bem-entendido, nas também do meio de trabalho e mais genericamente ainda do meio de vida.

A maior parte dos sujeitos (100), evoca uma causa económica para emigrar: " para ganhar dinheiro ", " para ganhar a vida ", " para melhorar a situação ", " trabalhava sábados e domingos e não conseguia melhorar a situação "; 7 mulheres vieram para se juntar aos seus maridos; 3 homens declararam ter partido para fugir ao serviço militar.

Muitas vezes, as bagagens dos que partem só estão cheias de esperança e ilusão. " A emigração de milhões de trabalhadores de empreitada que fizeram a fortuna da economia americana foi accionada, durante décadas, pela imagem do ' tio da América '. Os cruzados partiram para salvar a alma, os ' voluntários ' para alcançar a glória, os emigrantes para fazer fortuna " (George, 1977, p. 67). Saem com projectos, com fantasmas ligados a objectos parciais, investidos de propriedades idealizadas.

Depois das vicissitudes que costumam acompanhar a viagem até França, de pessoas que, muitas vezes, nem sequer tinham conhecido uma grande cidade, a chegada a França, qual terra prometida, cria decepções e desilusões. Estes momentos não podem ser unicamente vistos no espelho da objectividade científica, pois sem a paixão, ficaremos na berma dos dilaceramentos do migrante.

Para alguns, hoje, a migração aparece como sendo o resultado de uma ilusão: " Emigrar é uma autêntica ilusão, porque se comermos e vivermos como o fazíamos em Portugal não podemos juntar nada. Os sacrifícios que fazemos em França, podemos fazê-los em Portugal e com menos esforços. Pelo menos sacrificamo-nos para o futuro do nosso país e não para um país que não nos diz nada ", " com a ilusão de melhorar a nossa vida, pensei que se juntava dinheiro como se ajuntam as agulhas dos pinheiros com uma pá ", " pensava que a França era melhor ... ", " não ganho tanto quanto pensava ".

Menos de um terço da amostra tinha um projecto de estadia no momento da partida. Somente 3 % pensavam ficar em França para toda a vida.

Somente 47 % da amostra estava satisfeita com a vida em Portugal. Podemos-nos perguntar se a percentagem de insatisfeitos não era contudo ainda mais importante na realidade. Uma estadia prolongada em França, durante a qual a maioria das ilusões se apagam, a nostalgia do país, jogam certamente em favor da resposta de satisfação.

A vida em França era percebida como fácil ou muito fácil para 43 % da amostra e difícil ou muito difícil para 46 %. Também aí podemos interrogar-nos para saber em que medida um fenómeno análogo ao precedente influenciou as respostas.

#### 1.4/ Desenrolar do inquérito

##### 1.4.1/ Condições de administração:

###### A - Locais

A escolha das técnicas e as condições segundo as quais se desenrola o inquérito não são independentes. O nosso questionário é incompatível com contactos de rua ou noutros locais onde as pessoas apenas passam.

Era necessário evitar locais ansiogénicos, bem pouco propícios a entrevistas. Estas desenrolaram-se no domicílio do migrante, local que assegura as condições mais favoráveis.

O único inconveniente digno de nota residiu na dificuldade que tivémos para estar a sós com o entrevistado. De facto, poucas entrevistas se desenrolaram num frente-a-frente (entrevistador e entrevistado) como é de bom uso no domínio das ciências sociais. Mas o que se encontra nos manuais teóricos nem sempre coincide com a prática. Como fazer, dada a exiguidade de certos alojamentos e a tendência dos Portugueses a reunirem-se em casa de amigos ou então ainda a desconfiança do marido quando se pedia à sua mulher para ter uma conversa a sós com o entrevistador. Isto deve ser tomado em conta nas perguntas de opinião, onde, talvez mais do que uma opinião pessoal, se recolhia mais uma opinião modelada pelo grupo. As discussões em grupo ocorreram frequentemente, proporcionando uma grande vivacidade à entrevista.

Esta dificuldade não é tanto específica dos migrantes como da classe a que pertencem. Chombart de Lauwe já verificara antes de nós que no meio operário a entrevista junto de uma só pessoa no quadro familiar é, na maior parte do tempo, impossível. A sua experiência, colhida nesta categoria sócio-profissional, vem de encontro às nossas observações: " Trabalhando muito rapidamente com representantes de diversos meios operários verificou-se que esta famosa resposta ' individual ' à qual nos ligávamos não tinha sentido. De uma maneira geral os sujeitos interrogados não respondem no seu nome mas em nome de um grupo mais ou menos lato no qual se situam. A resposta é sempre numa certa medida uma resposta comunitária " (Chombart de Lauwe, 1956, p. 255).

Os locais de residência onde se desenrolaram os inquéritos foram variados desde o quarto de criada ao apartamento de luxo, passando pelos habitáculos de velhos imóveis em ruínas, aos H L M , aos lares.

Assim, visitámos um lar nos arredores de Paris. Todas as construções eram pré-fabricadas. De um lado encontravam-se pequenas casas destinadas às famílias e do outro pavilhões onde se alojavam os homens celibatários ou casados nas cuja esposa se encontrava no país de origem. Cada pavilhão pertencia a uma etnia. Assim, havia um pavilhão para os Portugueses, um para os Árabes, um outro para os

Negros. Interessámo-nos mais pelo que se passava no pavilhão dos Portugueses. Cada aposento era destinado a quatro pessoas, o que explica o aluguer móico que estes migrantes pagavam (110 francos por mês). Estes homens descontraídos ocupam-se da cozinha que é comum a todo o pavilhão, da louça e de outras tarefas domésticas. Não demonstravam sinais de quaisquer complexos ao efectuar essas tarefas. Talvez que um comportamento semelhante fosse impensável no país de origem, onde as tarefas domésticas são " trabalho " das mulheres. Um homem que se ocupasse desses trabalhos na aldeia de origem seria considerado homossexual.

Jogar cartas, uma " garrafa de tinto " sempre ao lado, os passeios sobretudo aos mercados, são os lazeres preferidos destes homens. Quanto aos temas de conversa mais frequentes fala-se das últimas oscilações do " escudo ", da preocupação em acabar o mais depressa possível a casa na aldeia já que os materiais tornam-se cada vez mais caros, as tradições da festa da aldeia de cada um, os últimos resultados dos jogos de futebol e os resultados do " tiercé ".

Em Vitry-sur-Seine, contactámos uma importante comunidade onde se agrupou um número considerável de transplantados de uma mesma aldeia de Trás-os-Montes (Murçós)<sup>(1)</sup>. Esta comunidade tinha tido dois " pioneiros ", dezasseis anos antes; um deles morreu muito muito novo (33 anos) e quanto ao outro pudemo-lo contactar. Este estava muito ligado ao seu companheiro morto (no seguimento de um acidente de automóvel que o vitimou, já que o condutor estava em estado de embriaguez). Possui uma fotografia do amigo que guarda como uma relíquia. O filho do " pioneiro " falecido, agora imigrado, pediu-lha emprestada para fazer uma reprodução e foi com bastantes dificuldades que pôde obtê-la (" - Se tu não ma dás de volta, nunca mais te digo uma só palavra ").

Soubemos que existia em Mans uma outra comunidade reagrupando migrantes da mesma aldeia. No seu interior organizaram-se associações formais e informais. Existe, por exemplo, uma equipa de futebol jogando para um campeonato e cujos apoiantes, ao domingo, são muito numerosos. Há também um café, ao qual os migrantes da aldeia deram o nome de " Nossa Terra ", onde se acreditaria estar num café português. Nunca lá vimos mulheres portuguesas. Tratar-se-á de uma reprodução da " taberna " portuguesa onde só entram homens ?

#### B - Contacto

Desde o pré-inquérito que nos demos conta da desconfiança dos migrantes em relação ao entrevistador. Esta reacção de desconfiança para com um desconhecido não tem nada de patológico se pensarmos na violenta repressão de que foi alvo o

(1) - A propósito deste fenómeno cf., por exemplo, Thomas, Znaniecki, 1918; Rocha Trindade, 1973; Anderson, 1974.



povo português durante cerca de 50 anos. A interiorização de código repressivo tornou-se um reflexo condicionado a tal ponto que a desconfiança se estendia mesmo até aos amigos por causa de uma eventual ligação com a polícia política. O descondicionamento não se faz de um dia para o outro. Atitudes paranóicas com origem no real, reactivadas por um ambiente hostil ou pelo menos não-facilitador, são dados que se devem ter em conta.

Como paliativo para a desconfiança que reina entre os migrantes portugueses em França, fazíamos-nos sempre acompanhar, aquando das visitas de porta-em-porta, por uma pessoa mais ou menos conhecida do migrante. Esta começava por apresentar-nos explicando aquilo que compreendia do que estávamos a levar a cabo, altura em que interrompíamos a conversa para dizer: " - Sou um estudante português. Ando a fazer um estudo sobre a migração portuguesa em França. Se quisesse colaborar respondendo a algumas perguntas sobre as condições de vida que leva em França, a sua ajuda ser-me-ia bastante útil. É evidente que isso não lhe trará problemas já que não assinará nada nem dará o seu nome. Ninguém saberá quem respondeu ". Seguia-se um diálogo mais ou menos longo e se a pessoa estava de acordo iniciava-se a entrevista propriamente dita<sup>(1)</sup>.

Note-se que na nossa instrução o regresso não era mencionado, facto que foi propositado para não condicionar o migrante logo desde início. O risco do efeito de sugestão poderia ser notório sobretudo no teste " Quem sou Eu ? ".

#### C - Desenrolar do inquérito

Cremos que não é desprovido de interesse o situar no tempo o desenrolar do inquérito, já que o estudo no terreno foi desencadeado no preciso momento em que o Governo acabava de decidir a extensão da ajuda para o regresso a outras categorias de migrantes.

O questionário foi passado entre Outubro e Dezembro de 1977.

Não foi utilizado o gravador já que na maioria da literatura respeitante à metodologia dos inquéritos se está de acordo sobre o efeito inibidor que o mesmo pode ter sobre a pessoa interrogada. Mesmo se uma experiência permitiu demonstrar que as categorias sociais inferiores davam respostas mais exactas quando se utilizava um gravador e que se verificou o inverso para as categorias sociais superiores, mas unicamente após uma análise muito fina (Ghiglione, Matalon, 1978, p. 143), renunciámos a este procedimento. Na experiência citada, tratava-se de um questionário factual.

Seriam os resultados os mesmos se houvesse questões de opinião ?

Para evitar um aumento da desconfiança e consequentemente da inibição, senão mesmo da recusa, utilizámos um formulário policopiado que nós próprios preenchíamos. Trata-se portanto de um questionário de respostas indirectas, isto é, ele era utilizado no quadro de uma entrevista registando o entrevistador as respostas

(1) - Todas as entrevistas foram feitas por nós.

(cf. Badin, 1977, p. 152). É evidente que o facto de tomar notas pode também desencadear um efeito inibitor, mas pelo menos não havia traços directos, a voz ou a escrita.

#### 1.4.2/ Esboço da situação de inquérito

Neste parágrafo iremos fazer um ensaio teórico da abordagem do entrevistador no terreno. Este facto tem sido muitas vezes esquecido na literatura, tendo todavia há pouco tempo alguns investigadores começado a chamar a atenção para este aspecto (cf., por exemplo, Galap, Lirus, 1974).

Se nos contentarmos em recolher dados que possam ser quantificados por métodos estatísticos, amputaremos à realidade tudo o que lhe dá vida e que não é quantificável. O indivíduo torna-se um elemento numa série de distribuições. Se nos contentarmos com esta abordagem redutiva, fariamos, segundo Touraine, como se " As opiniões estejam dentro da cabeça como os tostões no bolso " (citado por Ghiglione e Katalon, 1978, p. 145).

A passagem do questionário constituiu uma situação social, na qual entravam em interacção pelo menos duas pessoas: o entrevistador e o entrevistado (na maior parte do tempo, estavam presentes outras pessoas, dificuldade metodológica já por nós aliás assinalada) aos quais podia eventualmente associar-se a presença fantasmagórica da organização a que pertencia o entrevistador sob a forma de representações mais ou menos estereotipadas.

Devido ao facto da similitude de nacionalidade (entrevistador e entrevistado tinham a mesma nacionalidade) o entrevistado é susceptível de perceber o entrevistador como membro da opinião pública do país de origem, sentimento reforçado pelo facto de a entrevista se passar, na sua maior parte, em grupo, o que pode proporcionar um comportamento verbal conforme à opinião pública.

O facto de falarem a mesma língua facilitava já o contacto entre ambos: a um compatriota, transmitem-se mensagens que não são as mesmas que se transmitiriam a um estrangeiro. Se o facto de ter a mesma nacionalidade facilitava a comunicação, também a tornava difícil. Lá voltaremos mais tarde.

Existia um fosso entre entrevistador e entrevistado por causa da distância social devido à diferença de estatuto social. Por um lado, o entrevistador está separado dos trabalhadores imigrados na medida em que para ele, as razões da emigração não são essencialmente económicas, mas, por outro lado, ambos estão implicados numa mesma situação contextual. É mesmo desejável uma certa distância social, segundo os resultados de um recente conjunto de investigações. Quando a distância social é mínima, não se obtêm as respostas mais exactas. Pelo contrário, é necessária uma certa distância social (Ghiglione, Katalon, 1978, p. 150).

O entrevistador era do sexo masculino e os entrevistados de ambos os sexos. No teste " Quem sou Eu ? " é que a variável sexo se revelou com mais influência. As palavras utilizadas, a forma de se perceber são diferentes segundo o sexo

do interlocutor é o mesmo ou é o oposto.

Ferguntávamos com frequência às mulheres se elas nos podiam conceder uma entrevista ao que respondiam: " Volte mais tarde, que o meu marido não está. Ele é que decidirá ".

Se o papel no qual se coloca uma pessoa interrogada é provavelmente determinado, em parte, pela maneira como é abordada pelo entrevistador, os nossos interlocutores adoptaram ou acharam por bem adoptar o papel de migrantes. Era o papel mais pertinente para o problema de que nos ocupávamos. Mas não se pode esquecer que cada um desempenha vários papéis na sociedade.

O entrevistado projectava sentimentos ambivalentes sobre a pessoa do entrevistador: por um lado, sentimento que incitavam o migrante a não querer responder ao questionário; Por outro lado, sentimentos que o incitavam a querer-lhe responder.

O que é que incitava o migrante a não querer responder ? Por um lado, uma situação nova é susceptível de ser ansiogénica ( os imigrantes não têm suficientemente o hábito de serem escutados), por outro lado, reina a desconfiança em relação ao entrevistador. Tudo isto vai saldar-se numa recusa à entrevista, mais ou menos manifesta. A desconfiança surgia sobretudo no início aquando do primeiro contacto, da tentativa de " sedução " do entrevistado. Para remediar esse óbice, em parte, acabamos de ver que o contacto se fez com a ajuda de um intermediário. A extrema desconfiança saldava-se por uma recusa total em responder, tendo havido cerca de uma dezena de pessoas que teve esta atitude. Este número, que, em nossa opinião, é muito reduzido, é sobretudo devido ao modo como procedemos para ser introduzidos junto do migrante. Por vezes, ouvimos frases como: " - Ah ! a política, isso não me interessa ! Se tivesse vindo sozinho bater à minha porta, não lha abriria ".

Como pretexto para não responder, um migrante evocou: " - Isso são coisas inúteis ! ". Um outro aconselhou-nos: " - Não vale a pena estudar a vida do imigrado. Desde há muito que ela está estudada e toda a gente sabe aquilo que ela é ".

Uma senhora evocou como causa da sua recusa : " Ah, não tenho tempo ! Ainda tenho algumas horas para fazer ". Ela era mulher-a-dias e tratava-se de uma desculpa real, já que eram oito horas da noite e ela devia ainda trabalhar até às 23 horas, pois havia começado às seis da manhã. Trabalhava 16 horas por dia.

Uma mulher celibatária que deveria ter cerca de quarenta anos, respondeu-nos: " - Se quer falar comigo, hoje não tenho tempo porque acabei de chegar e ainda tenho o trabalho de casa para fazer. Está tudo em desordem aqui, nem sequer quero que entre. Passe cá noutro dia ". Eu e o meu amigo (cujo papel era apresentar-me) continuámos a conversa precisando aquilo que queríamos. A resposta não se fez esparar: " - Se é para isso, a emigração, nem mesmo vale a pena vir ". Ela tinha

pensado que nós trabalhávamos em organismos oficiais da emigração portuguesa. Explicou-se-lhe que não trabalhávamos para nenhum organismo, mas a resposta manteve-se tão categórica como de início.

Algures ainda, encontrámos um filósofo. Já caía a noite quando nos abeirámos do Sr. X que estava sentado num banco comprido, defronte do seu velho alojamento, um caramanchão de vinha por cima dele; parecia o Minho. No fim das nossas explicações, como meio de defesa relativamente à nossa entrevista, ele começou um longo discurso filosófico a propósito de vários temas: o sentido da vida, a ciência, a emigração. Ficámos agradavelmente surpreendidos com um tal discurso vindo de um nosso compatriota, um operário. Estas explicações filosóficas duraram cerca de uma hora; finalmente perguntámos-lhe se ele queria ou não participar no nosso estudo. " — Ouça, não vale a pena escrever seja lá o que for. Durante o dia você ouve as pessoas e à noite faz um resumo do que ouviu ". A conversa durou umas boas duas horas mas o questionário não foi preenchido. Ressentimos a recusa deste homem (mais do que doutros, porque ele não foi o único) como um mecanismo de defesa permitindo evitar a reactivação de um traumatismo.

Sempre que o sujeito aceitava submeter-se à entrevista, isto não significava forçosamente que a desconfiança estava vencida. Ela podia ainda intervir, fosse quando de uma paragem a meio-caminho da entrevista, fosse quando o migrante evitava responder a certas questões, apesar das nossas explicações e precisões iniciais, sempre que o entrevistado nos interrompia para se certificar: " — Você trabalha para quem? É pago por quem? Que é que vai fazer com isso? ". Esta desconfiança podia igualmente ser suscitada pelo ambiente. Por exemplo, um migrante havia accedido a responder e havíamos entretanto começado a entrevista. Neste momento chega a mulher que imediatamente fica nervosa: " — Papéis, já há muitos. Não faças isso! Toma atenção, vais-nos trazer desgraças! ". Pudemos contudo acabar a entrevista.

O outro sentimento que anima o entrevistado é de agradecer ao entrevistador, de se gratificar com esta atitude. Da mesma forma, a gratificação podia ser engendrada por uma certa curiosidade de saber do que se tratava. Tudo isto levava o migrante a querer responder. " — Um compatriota? Porque não colaborar com ele? Além do mais, não se assina nada. Isto pode ser um benefício para todos nós ".

Com bastante frequência, os espaços do questionário reservados às respostas, eram excedidos, seja porque o migrante reivindicava direitos, seja mesmo porque pedia ajuda para responder a certos problemas. As questões que mais se ouviam entre as famílias visitadas diziam respeito à educação dos seus filhos. " — Veja, nós pensamos regressar um dia a Portugal, mas se as crianças não falam português ... ". Eles desejavam sobretudo saber onde é que os seus filhos poderiam estudar a língua materna. Trata-se de uma questão corrente nos lares.

Ouvimos também falar com frequência do medo do desemprego, da expulsão, de a cidentes de trabalho. Foi sobretudo em Reims que constatámos uma certa sensibilidade ao racismo. " — Antes, os Franceses eram gentis, agora já não é a mesma coisa. Têm medo que lhes tiremos o trabalho ".

Outros reivindicavam o direito a terem as mesmas regalias que os repatriados das antigas colónias. " — Nós deveríamos poder levar as nossas viaturas para Portugal sem pagar nenhuma taxa, como os ' retornados ' ".

Enfim, servimos de intermediários para produzir efeitos catárticos. Se isso não se produzia em catadupa era devido, em particular, à maneira segundo a qual se desenrolavam as entrevistas, isto é, em grupos.

A percepção do entrevistador não era uniforme para todos os migrantes. Para alguns, este não era mais do que alguém que tentava obter uma colaboração mas que podia igualmente prestar a sua ajuda.

Certas mulheres olhavam-nos com um ar maternal: " — Ah ! Coitado, ainda deve cansar-se ! Sabo, ainda há aqui três Portugueses e dois lá em baixo. Isto está cheio de Portugueses aqui ". Para outros, o entrevistador era um enviado dos organismos oficiais da emigração (vimos atrás um exemplo). Nas aldeias do Trás-os-Montes perguntavam-nos com frequência: " — Pertence a uma confraria ? É a de S. Vicente de Paulo ? ". Do princípio ao fim, a política era um fantasma real: " Para que partido trabalha ? ". Mesmo se este fantasma nem sempre era manifesto, sentíamos-lo bem.

Se a entrevista começava geralmente sob o signo da desconfiança, esta desaparecia frequentemente com rapidez e tudo terminava no convite habitual: " Toma um copo ? ".

A duração média era de uma hora e trinta minutos, mas em muitos casos foi largamente ultrapassada.

Lembro-me ainda daquela mulher do Alentejo (que tinha comprado uma casa em França e outra em Portugal), que, de lágrimas nos olhos, me confiou no momento em que a deixava, após a entrevista, " — Dê ' saudades ' da minha parte a Portugal ". Ela soubera que regressaríamos a Portugal dentro de duas semanas.

## 2/ PERSPECTIVAS MIGRATÓRIAS DE FUTURO

" Aqui é o limbo e estamos a purificarmo-nos."

Um dos entrevistados

" O meu corpo está aqui, mas o meu coração está lá baixo."

Outro entrevistado

Tendo-nos proposto examinar as relações entre a presença virtual ou a ausência do comportamento intencional de regresso e a situação dos migrantes no processo adaptativo por um lado e as representações da situação no país de origem por outro lado, antes de passarmos a ver as suas interconexões, o que faremos nos próximos três capítulos, abordaremos, neste capítulo, conteúdos e motivações desse comportamento intencional.

### Os grupos

A intenção de regresso ao país de origem pode receber três respostas:

- a presença dessa intenção comportamental,
- a ausência dessa intenção,
- o conflito de escolha entre regressar ou ficar.

Quando a intenção de regresso está na perspectiva futura dos migrantes, interessa saber a sua localização temporal. A localização temporal dos objectos na perspectiva futura é no entanto coisa muito delicada e aproximativa (Nuttin, 1980 b, p. 19). Contentamo-nos aqui com a estimação pessoal do sujeito. Constituíram-se assim seis grupos, tendo em conta a duração prevista da estadia em França. Os meios de que dispúnhamos não nos permitiram constituir uma amostra em que os diferentes grupos tivessem o mesmo número de elementos. Se o fizéssemos, a amostra obtida ficaria demasiado pequena e deixaria de reflectir uma situação natural. Os resultados dos grupos com efectivos fracos são pois a tomar em conta com uma certa prudência, mas consideramos as suas tendências significativas.

Apresentamos seguidamente os efectivos dos grupos (figura 1), bem como as suas características de identificação: sexo, local de residência, tempo de estadia, estado civil, idade no momento da emigração e estatuto profissional.

Os seis grupos constituídos são:

Grupo I - Intenção de regresso num futuro indeterminado-

Trata-se de migrantes que, embora pensem regressar a Portugal antes da reforma, não apresentam uma localização temporal para concretizar a sua intenção. Estão neste caso 41 sujeitos, ou seja, 37% da amostra.

**Grupo II - Intenção de regresso num futuro próximo -**

Incluem-se aqui os sujeitos que perspectivam regressar dentro de menos de três anos. Estão neste caso 14 sujeitos, ou seja, 13% da amostra.

**Grupo III- Intenção de regressar num futuro intermédio -**

São 34, ou seja, 31% da amostra que têm intenção de regressar dentro de três anos ou mais, mas antes da reforma. 28 sujeitos pensam regressar dentro de 3 a 5 anos, e 6 dentro de mais de 5 anos. Pensámos fazer aqui dois grupos, mas dado ambos possuírem características bastante semelhantes, e o segundo caso, sendo pouco frequente, decidimos agrupá-los.

**Grupo IV - Intenção de regressar num futuro afastado -**

Trata-se dos migrantes que pensam regressar aquando da reforma. São 6, ou seja, 5% da amostra. Esta intenção implica o abandono de um projecto de trabalho no país de origem o que diferencia este grupo de todos os mencionados anteriormente.

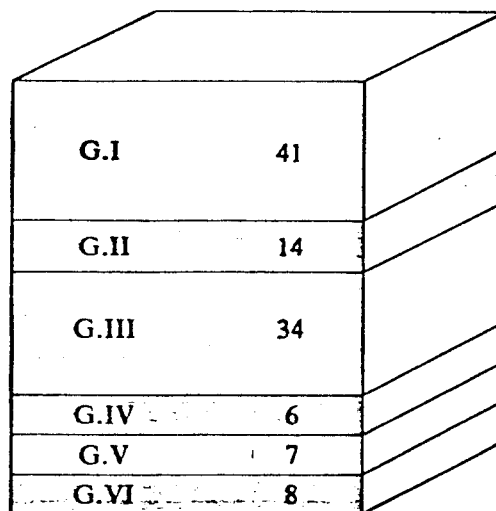
**Grupo V - Conflito de escolha -**

São 7, ou seja, 6% da amostra, os que não fizeram a escolha entre regressar a Portugal ou ficar em França.

**Grupo VI - Intenção de enraizamento -**

Compreende os que tomaram a decisão de ficar definitivamente em França, de lá viver a sua velhice e morrer. Não é fácil tomar tal decisão para migrantes da primeira geração, representando 7% da amostra. Relativamente aos migrantes da primeira geração que aqui analisamos, estamos perante um discurso " contra a corrente "; para empregar os termos utilizados por Cordeiro e Guffond (1979, p. 46) a propósito da migração argelina em França.

110



G.I	41
G.II	14
G.III	34
G.IV	6
G.V	7
G.VI	8

Figura 1 Efectivo da cada grupo

Na sua grande maioria, a amostra pensa regressar, mas dificilmente fixa a data de um movimento definitivo. 87% dos sujeitos têm um projecto de regressar ao país de origem que relembra a infância e as primeiras relações. " Ficar ou partir, partir ou ficar, o meu coração reflecte se deve ficar ou partir, se deve partir ou ficar. Nem partiu, nem ficou, a sua doença antiga instalou-se ..." (poema de Sliman Azzem).

Globalmente não aparecem diferenças significativas entre os grupos e as variáveis sexo, implantação urbana, tempo de estadia e estado civil (quadro 1).

Quadro 1 Sexo, local de residência, tempo de estadia e estado civil segundo os grupos em percentagem

		G I	G II	G III	G IV	G V	G VI	Nível de significância $\chi^2$
Sexo	Masculino	56	43	47	67	71	12	N. S.
	Feminino	44	57	53	33	29	88	
Local de residência	Paris	32	21	41	-	43	50	N. S.
	Arredores de Paris	29	57	35	50	14	-	
	Reims	39	21	24	50	43	50	
Tempo de estadia	4-7 anos	34	21	27	-	14	25	N. S.
	7-10 anos	37	43	32	17	57	50	
	10-13 anos	19	29	38	67	29	-	
	+ de 13 anos	10	7	3	17	-	25	
Estado civil	Solteiros	15	29	9	-	14	37	N. S.
	Casados acompanhados	78	57	85	100	71	63	
	Casados não acompanhados	7	14	6	-	14	-	

A propósito do sexo, verifica-se no entanto haver um grupo essencialmente feminino (G VI) e dois com uma maioria de elementos do sexo masculino (G V e G IV). Já nos restantes grupos que encaram o regresso antes da reforma não há grande disparidade na repartição por sexo.

Já vimos que cerca de 1/3 da amostra habita Paris, um outro terço os arredores de Paris e o outro terço Reims. Nota-se no entanto que, para os que habitam Reims, quanto mais o prazo do regresso está próximo tanto menor é a percentagem dos que aí habitam. No que diz respeito a Paris, os resultados são homólogos aos de Reims, menos para os que intencionam regressar num futuro mais afastado (G IV). A ideia de regresso a longo termo é talvez incompatível com o facto de habitar uma grande cidade tão diferente da aldeia para onde se encara o regresso. Para os arredores de Paris, observa-se que o grupo que perspectiva o regresso num futuro próximo habita lá maioritariamente, enquanto que nenhum migrante residindo nos arredores de Paris encara fixar-se definitivamente em França. Dos três centros urbanos examinados, os arredores de Paris não parecem ter uma força atractiva tão grande como Paris ou Reims.



Já se viu que estamos perante uma amostra que ultrapassou os primeiros choques culturais. As relações entre o tempo de estadia e as intenções de regresso não parecem ser tão simples como se poderia imaginar. Autores concluíram que quanto mais a emigração dura tanto mais fraca é a probabilidade de um regresso (Bovenkerk, 1974). A ideia de regresso não aparece aqui em função do tempo de estadia. O grupo com um tempo de estadia mais prolongado é o que pensa regressar num futuro mais afastado (média = 11,7 anos) e não o que pensa instalar-se em França (média = 9,3 anos). Pode-se pois levantar a questão de se saber se nos migrantes da primeira geração o alongamento do tempo de estadia não contribui tanto para perspectivar ficar em França como para encarar o regresso aquando da reforma.

Passando ao estado civil, no que respeita aos grupos que pensam regressar ao país, verifica-se que quanto mais proximamente se localiza o regresso tanto maior é a percentagem de solteiros. Se só se observassem estes grupos, poder-se-ia deduzir apressadamente que o casamento agiria como um factor de fixação. O reagrupamento familiar " clássico " foi sempre considerado, com efeito, como um factor favorável ao estabelecimento definitivo do migrante (Tapinos, 1975, p. 114). Ora, se se olhar o grupo que pensa ficar em França, as conclusões não são tão claras: o estado civil de solteiro encontra-se sobretudo nos que pensam fixar-se em França e regressar a Portugal no prazo mais breve. Os casados não acompanhados encontram-se em todos os grupos, excepto nos que pensam ficar em França até à reforma e definitivamente. Uma estadia muito longa no estrangeiro ou definitiva parece ser incompatível com o estado de casado não acompanhado de sua família completa. Pois se a propósito do número médio de crianças os grupos não apresentam comportamentos diferentes, já se diferenciam quanto ao lugar onde estão os filhos. Os grupos que encaram o regresso num futuro afastado ou que já não o perspectivam, têm todos os filhos em França. Verifica-se que, quanto mais próxima está a data do regresso, maior é a percentagem dos que têm os filhos em Portugal.

Quadro 2: Grupos e taxa de afastamento dos filhos (% de crianças vivendo no país de origem)

G I	G II	G III	G IV	G V	G VI
8,3	30,0	10,3	-	14,3	-

Como se viu, só retivemos a classe de idade, 30-40 anos, no momento do inquérito. Esta homogeneidade da variável idade far-se-á sentir pelo facto de que as variações das médias de idade no momento da emigração não são muito sensíveis nos grupos (quadro 3). Por isso não podemos confirmar ou infirmar a hipótese de que quanto mais jovem se emigra tanto mais a ideia de regresso se dilui. Tudo o que podemos observar dentro de um leque restrito de idades é que para os que pensam regressar, quanto mais o prazo previsto de regresso está próximo, tanto mais é

elevada a idade média, o que iria no sentido da hipótese acima colocada. Verifica-se no entanto também que é o grupo com a intenção de enraizamento aquele cuja idade média no momento da emigração era mais elevada. Esta diferença reduz-se no entanto um pouco se pensarmos que este grupo é fundamentalmente feminino e que para as mulheres, a idade média no momento da emigração é mais elevado (27,3) que para os homens.

Quadro 3: Grupos e idade média aquando da emigração

G I	G II	G III	G IV	G V	G VI
26,2	27,3	25,7	25	27,4	28,8

Já apresentámos os sectores de actividade e a qualificação profissional da amostra. Há uma maioria de homens que trabalham na construção civil e obras públicas em todos os grupos, à excepção do G I e do G V nos quais há quase um equilíbrio entre os que trabalham nesse sector e na metalurgia. Pode ser que tal constitua um dos vectores da indeterminação em que se encontram relativamente às perspectivas de futuro, pois o trabalho na fábrica é menos penoso que na construção civil.

Entre as mulheres, vimos que havia 20% não-activas. Estas só pertencem aos grupos que aspiram ao regresso antes da reforma (G I, 17%; G II 50%; G III, 28%). Em relação à actividade das mulheres verifica-se que, quanto mais o prazo do regresso está próximo, tanto mais reduzida é a percentagem de mulheres activas. O G VI quase exclusivamente composto de mulheres, só comporta mulheres activas. A actividade das mulheres parece pois contribuir para o alongamento da estadia, ou mesmo, para a sua fixação definitiva.

Sobre o número médio de empregos ocupados desde a chegada a França, não se encontram propriamente diferenças entre os grupos.

Em suma, se globalmente não aparecem diferenças significativas entre os grupos e as variáveis sexo, implantação urbana, tempo de estadia, estado civil, idade no momento da emigração, os sectores de actividade, já é de realçar que o grupo que localiza o regresso num futuro próximo é o que tem maior percentagem de crianças em Portugal e de mulheres inactivas.

## Motivações

Os objectos motivacionais evocados pelos sujeitos para regressarem ou se manterem definitivamente em França são muito diversos.

Para os que pensam regressar, giram sobretudo à volta da vinculação ao país e à família. A motivação mencionada em primeiro lugar é a vinculação ao país, na construção do qual os migrantes querem trabalhar. A resposta que salta quase mecanicamente é: " porque é o meu país ", " a minha terra ", " foi onde nasci e tenho saudades." A identidade portuguesa também é reivindicada: " porque sou português, é o meu sangue." Por vezes, esta vinculação ao país exprime-se em termos bucólicos: " é o meu país. Ele é alegre. Só o ouvir cantar os passarinhos pela manhã, isso dava-me vontade de cantar. Aqui é o metro. Não tenho vontade de cantar."

Muitas vezes a esta primeira racionalização juntam-se outras motivações: a vinculação à família, a educação das crianças, a propriedade, o desejo de acabar os seus dias em Portugal: " tenho a minha família lá baixo, aqui sinto-me sozinho"; " para que as minhas crianças conheçam a língua do meu país "; " se fosse possível que as crianças aprendessem o Português, talvez ficasse cá "; " parto por causa da educação das crianças, para que elas possam aprender a língua portuguesa "; " tenho lá baixo a minha casa e o que é meu "; " quero regressar ao lugar onde nasci e onde possuo algumas terras "; " temos lá as nossas coisas: campos, casa..." " o meu país é Portugal e é lá que quero acabar os meus dias junto dos meus "; " é o meu país e não gostaria de morrer aqui ". Uma das reivindicações da primeira reunião anual do Conselho das Comunidades Portuguesas efectuada de 6 a 10 de Abril de 1981 foi efectivamente a " solicitação de um maior esforço no sentido de assegurar a transladação gratuita para Portugal dos portugueses falecidos no estrangeiro "(1).

Inscram-se em negativo, como motivações ao regresso, o cansaço da vida em França devido a dificuldades para se inserir na sociedade francesa, à precariedade do trabalho, a dificuldades administrativas: " para ter uma vida mais descansada "; " aqui só é bom para ganhar umas coroas, a França não é terra para viver."

Para os que pensam ficar em França, a motivação mais frequentemente mencionada é o hábito da vida francesa: " estou aqui habituada "; " sinto-me mais habituada aqui que em Portugal "; " penso ficar porque sou algarvia e o ambiente é o mesmo que no Algarve. Só falta o sol e os amigos. Aqui sinto-me sozinha. Contudo, sinto-me bem aqui, pois não tenho problemas com os colegas de trabalho e ganho o suficiente para viver, mesmo se a vida está cara." O hábito da França pode efectivamente constituir um freio para o regresso. Em França há mais " liberdade " e salários que permitem uma vida mais desafiada que em Portugal. Duas destas migrantes estão perante uma situação de conflito, dado que as perspectivas

(1) - Esta reivindicação repete-se na reunião de Vila da Feira (Novembro de 1983). É de notar que existem associações portuguesas em França que se dedicam ao transporte de pessoas falecidas. A SEECF criou uma espécie de seguro de morte.

face ao regresso são diferentes. Eles quereriam regressar aquando da reforma. Uma faz alusão à educação das crianças que na sua opinião é mais fácil em França.

Nestas breves citações esboça-se o papel das crianças como freio ou acelerador do regresso.

As crianças são muitas vezes um freio temporário ou definitivo importante na vontade de regresso. Para elas põe-se o problema dos estudos e da aprendizagem de uma profissão cuja solução por vezes aparece mais satisfatória para os pais na sociedade de origem. Mas a segunda geração ignora as suas raízes, está privada de contactos profundos com o país de origem cuja língua conhece pior que a francesa. Além disso sofre influências e contrai hábitos porventura opostos à educação que os pais teriam desejo de lhe dar.

Através das crianças os pais sentem mais intensamente a importância da cultura, da língua de origem e ligam-se tanto mais a ela quanto os filhos parecem correr o risco de não serem por ela banhados.

#### Local e trabalho em perspectiva

Após terem passado por uma sociedade altamente industrializada, 15% dos sujeitos têm em vista fixar-se doravante num local diferente daquele que habitavam antes da emigração. 13% dos sujeitos pensam fixar-se em zonas mais urbanas e 2% em zonas mais rurais.

De entre aqueles que mencionam o local de regresso, uma vez regressados a Portugal (99 sujeitos), 82% pensam fixar-se no local onde nasceram e 90% no local onde residiam antes da emigração. Pode-se então concluir que o pólo de atracção do migrante parece ser o local de residência antes da emigração, mais que o local de nascimento. É sobretudo à volta deste local de residência que os fantasmas do regresso parecem concentrar-se. Aí os sujeitos continuam a encontrar um centro de referência e um princípio de protecção mental, comandando a dialéctica complexa da mutação e da migração.

Estes dados a propósito do local desejado para o regresso, parecem contradizer o que é por vezes escrito a este respeito, ou seja, que a maioria dos emigrantes pensam, no seu regresso, fixar-se numa zona urbana. Dietrel (1977, p.257), a propósito dos emigrantes de regresso da Alemanha, afirma o seguinte: "a esmagadora maioria dos 'retornados' fica nas cidades... Passados certos anos, muitos deles procuram de novo um posto de trabalho em países industrializados..." Os resultados mencionados permitem ilações práticas. Se os migrantes pensam regressar na sua maioria às regiões de origem, é nas regiões de emigração que os "serviços de reinserção" (Rien Van Gendt, 1977, pp. 49-51) ligados ao desenvolvimento regional, deverão ser implantados.

Os sujeitos que perspectivam fixar-se em zonas mais urbanas em relação ao lugar de residência antes da vinda para França repartem-se por todos os grupos, excepto pelo G IV. O regresso para a reforma parece não suscitar o desejo de mobilidade em relação ao local de residência anterior à migração.

Tendo em vista o local onde os emigrantes pensam fixar-se, pensarão eles trabalhar e em quê? Esta questão só diz respeito àqueles que têm em vista o regresso. Seria também interessante conhecer os projectos de trabalho daqueles que regressam para a reforma. Ora, todos os sujeitos nestas condições dizem que não regressariam para trabalhar.

O sector primário toma o primeiro lugar no que diz respeito às intenções de trabalho (30%), o terciário o segundo lugar (25%) e o secundário e os inactivos situam-se em terceiro lugar (21%). Os desejos do regresso em perspectiva são portanto na maioria das vezes, mais tradicionais, centrados sobre a terra, sobre o comércio na aldeia de residência antes da emigração, que modernos, tendo por objectivo, a indústria colocada sobretudo no litoral do país.

O regresso vivamente desejado pela grande maioria dos sujeitos é efectivamente preparado? Um dos indicadores é a utilização ou a intenção de utilização da poupança.

### Poupança

Se pelo trabalho o migrante participa no processo de produção, o dinheiro que recebe faz participá-lo no processo de consumo. Os padrões de consumo da nova sociedade são atractivos. Deve decidir se gastar em aquisições que o separam cada vez mais das condições de vida que deixou atrás (aspiração à afirmação de si pela partilha da condição comum) ou de trabalhar para poupar o suficiente com o intuito de ter uma vida melhor quando do eventual regresso (aspiração à poupança).

Os sujeitos estão animados por uma grande preocupação de economizar. Mais de metade dos migrantes (54%) pouparam tanto ou mais que previsto, 32% menos que previsto. Só 9% declaram não ter poupado nada.

A vontade de poupar diferencia significativamente os grupos ( $\chi^2 = 25,687$ ,  $p < 0,05$ ). A vontade de poupar concretiza a vontade de regressar. É o grupo que tem intenção de ficar em França que declara mais não ter poupado nada. São esses migrantes que adoptam mais um comportamento de consumo, facto raro nos migrantes portugueses vindos por razões económicas, mas menos raro na classe operária francesa. Quanto mais o prazo de regresso está próximo, tanto menor é a percentagem dos que pouparam mais ou tanto como previsto. Para metade do grupo que encara o regresso num futuro próximo, este não é devido à obtenção da poupança prevista, mas a outros factores. Trata-se de um fracasso de adaptação? Quase a totalidade do grupo que deseja regressar para a reforma economizou

mais ou tanto como previsto. Pode-se deduzir que este grupo não se lançou num comportamento de consumo. O regresso poderá agir para este grupo como um mecanismo de defesa perante um comportamento de consumo.

No espaço de alguns anos, os sujeitos conseguem poupar algum dinheiro, talvez pouco em termos absolutos, mas que se reveste de uma importância decisiva em termos relativos. O envio das economias para Portugal exprime a força da intenção de regresso. Assim, entre os que fazem economias, 82% enviam-nas para Portugal. Também aqui os grupos se diferenciam significativamente ( $\chi^2 = 32,514$ ,  $p < 0,05$ ). Em todos os grupos que encaram o regresso, mais de 3/4 enviam as suas economias para Portugal. Tal põe em relevo a intensidade do desejo de regresso, que não se reduz a um pio desejo. Trata-se de um desejo que se acompanha de um comportamento efectivo em relação à canalização da poupança. Este laço real, e também simbólico, permite-lhe manifestar a sua presença, e sobretudo a sua pertença ao grupo de origem. No grupo que pensa instalar-se em França toda a sua vida, o envio de dinheiro para o país de origem, se bem que pouco frequente, não está completamente ausente. Estaremos perante uma contradição entre as perspectivas de futuro e o comportamento efectivo? Outros autores também confirmam que alguns dos que desejam instalar-se em França transferem algumas vezes somas muito importantes (Garson Tapinos et al., 1981, p. 207). No entanto, os nossos resultados diferenciam claramente os que pensam regressar a Portugal, dos que pensam instalar-se definitivamente em França, quanto à transferência das suas poupanças.

Em consequência do nível de vida mais elevado e também do seu trabalho e do espírito de economia, os sujeitos estudados têm acesso à propriedade no país de origem.. Este acesso não contribui para fixar definitivamente os Portugueses em França.

Em 126 respostas sobre o emprego ou a intenção de emprego das suas economias, 83 referem-se à aquisição de uma casa, 15 à compra de terras, 13 não têm intenção de fazer nada. Respostas menos frequentes fazem menção à educação das crianças ou à instalação de um comércio. 76% da amostra já fez ou pensa fazer uma casa no país de origem. Em relação às intenções de emprego da poupança o G VI diferencia-se. Ao lugar preponderante que a casa ocupa em todos os grupos que pensam regressar, corresponde, para os que pensam fixar-se em França, uma ausência de projectos quanto ao emprego das suas poupanças.

A casa é o ponto de referência para onde converge a agulha da bússola da maioria dos sujeitos. Para além do conforto exterior e material, projectado no futuro, perante um presente provisório, ela é o garante da identidade do sujeito. Permite conservar a verdadeira auto-imagem e enfim a permanência da sua prole na estabilidade das paredes. A casa é então " a mais perfeita expressão do ego " (Marc, 1973, p. 12) e " fazer a sua casa quer portanto dizer criar um lugar de paz, de calma e de segurança à imagem do ventre da sua mãe, onde se pode retirar

do mundo para sentir bater o seu coração, criar um lugar onde não há o risco da agressão, um lugar de que se seja a alma " (Marc, 1973, p. 23). Para Eache-lard (1957), a casa é uma das maiores potências de integração para os pensamentos e os sonhos do homem; sem ela o homem seria um ser disperso. Esta dispersão vivida no presente reveste a casa de uma significação ainda mais profunda. Suporte por excelência das fantasias presentes, a propriedade de um lugar de residência em Portugal é o laço palpável que liga os migrantes ao torrão pátrio.

É óbvio que para nos darmos conta da importância que reveste a casa para o migrante não teria sido necessário fazer este inquérito. Bastaria visitar as aldeias mais recônditas de Trás-os-Montes, por exemplo, onde, ao lado das casas tradicionais de pedra e barro, se encontram as mais modernas vivendas que não envergonhariam os arredores de Paris. Lá encontraríamos frequentemente o bairro dos " Avec " (1).

Além dos materiais utilizados na construção, outras características permitem facilmente identificar as casas dos migrantes: o aspecto exterior (a dimensão, a cor utilizada (2) ) bem como o equipamento interior (conforto interior, os mais modernos electrodomésticos). Estas casas provocam uma ruptura dos padrões tradicionais arquitecturais, inquietando alguma "bem-pensância" portuguesa. A este respeito interroga-se Barata: " Mas para lá das angústias e tensões que gera no tão rico meio da "intelligentsia" portuguesa, é isso que está mesmo em causa? " (1982, p. 9). A vivenda construída na terra é a ancoragem do sonho de regresso ligado a um desejo de ascensão social. É o sinal exterior, simbólico, do novo estatuto social do migrante.

Na amostra não se verifica no entanto a " febre dos terrenos ". A compra de terrenos para aumentar as suas parcelas tornando-se um proprietário pela posse de maiores extensões de terra ou para ter acesso à nova condição de proprietário, é também uma maneira de empregar a poupança. Eis o segundo sinal exterior simbólico do novo estatuto. Ambos, a casa e os terrenos, deixam a marca física da presença do migrante mesmo estando ausente. Ambos podem representar uma consolidação do património familiar e uma afirmação da autonomia. Revestem-se também de um valor justificativo, pois pode-se provar aos outros e a si mesmo, a decisão acertada de ter partido.

Um outro sinal muito difundido nas aldeias de origem, do sucesso, é o automóvel. É de admirar que não seja mencionado pelos migrantes na utilização das suas poupanças. Considerarão ser natural ter um automóvel como o é para as pessoas dos países de destino ou é a valorização das marcas físicas no país de origem que está em questão?

(1) " Avec " é sinónimo, na região de Macedo de Cavaleiros, de emigrante.

(2) Já no século passado chamava à atenção a cor utilizada pelo " brasileiro " na sua casa. A controversa intervenção do deputado Luis de Palmeirim na Câmara dos Deputados em 25 de Maio de 1882 deixa-o transparecer: " Chegou: o seu primeiro cuidado foi o de cumprir um dever de gratidão, mandando edificar nas margens do Lima ou do Minho, um palacete pintado de verde e amarelo como contributo de homenagem às cores da bandeira brasileira, à sombra da qual o imigrante se tornou argentário. (Riso) "

Sendo o regresso intensamente desejado e preparado pelos migrantes, vamos interrogar-nos finalmente se será bem aceite de ser enquadrado por medidas incentivadoras por parte do país de acolhimento, na ocorrência pelo famoso e controverso " milhão dos migrantes ".

### Posição perante a "ajuda para o regresso"

Praticamente a totalidade dos sujeitos (96%) tem conhecimento da ajuda para o regresso " dada " pelo Governo Francês aos migrantes. Os que ignoram tal mecanismo pertencem aos grupos que encaram o regresso antes da reforma.

Se os grupos não se diferenciam ao nível do conhecimento desta ajuda, diferenciam-se ao nível da satisfação proporcionada por tal dispositivo?

De entre aqueles que estão ao corrente da ajuda para o regresso, 77% declaram-se insatisfeitos com a mesma. Os homens estão mais insatisfeitos (83%) que as mulheres (72%).

A motivação mais frequente naqueles que dizem estar satisfeitos com a ajuda para o regresso é: " para aqueles que pensam voltar, é bom ". Para os que se sentem insatisfeitos, a motivação mais frequente é de que um milhão é julgado como insuficiente: " É pouco ". Frequentemente esta primeira reacção é justificada: " não é suficiente, porque trabalho aqui há mais de doze anos "; " perco os meus direitos e os meus direitos dão-me mais que um milhão "; " volto para Portugal, não tenho trabalho e um milhão gasta-se depressa "; " um milhão não paga os sacrifícios que passamos aqui "; " um milhão não me convém pois terei que voltar definitivamente e nunca mais posso pôr os pés em França. Não dou a minha Carta por dinheiro. Quando voltar guardarei os meus papéis como recordação ". Esta insatisfação é formulada, mesmo na maioria das vezes, num tom indignado: " quando eles precisavam de nós, não nos mandavam embora "; " espremam a laranja e quando não há mais sumo, deitam-na fora "; " quem me comeu a carne, que me chupe agora os ossos. "

A um conhecimento muito bom sobre a ajuda para o regresso, sobrepõe-se pois um descontentamento bastante geral, não admirando pois que não apareçam diferenças significativas entre os grupos. Tal descontentamento pode, numa primeira abordagem, aparecer como resultante da insuficiência da oferta que era proposta para o regresso. Não pomos isso em dúvida, porque muitas vezes os migrantes, mesmo sendo analfabetos, fazem as suas contas: " se eu ficar desempregado 10 meses, toca-me mais do que o que me toca com a ajuda ". Mas, podemos apreender isso a um outro nível: o receio de ser posto na rua, de ser expulso. Eis o fantasma obsessivo que plana sobre as cabeças da nossa amostra. É a espada de Dâmocles que pode cair sobre os migrantes, susceptível de contrariar o projecto da grande



maioria de ainda ficar em França mais alguns anos. " Um dia, seremos todos mortos na rua ". A lembrança dos retornados das ex-colónias portuguesas em África torna ainda mais viva essa ansiedade. Sentimento de insegurança ligado à evolução da política da imigração em França e à situação em Portugal, é uma constante que encontramos no vivido dos sujeitos.

57% da amostra fixa uma certa soma em dinheiro para regressar logo ao seu país desde que o Governo Francês a desse; 38% não regressariam imediatamente, fosse qual fosse a soma de dinheiro; 1% dos sujeitos regressariam na condição de lhe ser dada uma pensão; finalmente, 4% dos sujeitos não emitem qualquer opinião acerca deste assunto.

De entre aqueles que fixam uma certa soma em dinheiro para regressar logo a Portugal, encontramos dois valores modais: 5 e 10 milhões. O valor modal para os homens é de 5 milhões e para as mulheres de 10 milhões. A média da distribuição é de 8,3 milhões, a dos homens sendo ligeiramente inferior à das mulheres. As mulheres aparecem assim um pouco mais exigentes que os homens.

Estes resultados deixam filtrar uma forte exigência para regressar definitivamente ao país natal ou mesmo uma certa displicência o facto de se dar dinheiro para regressar. Uns avançam uma certa soma em dinheiro mas que ultrapassa largamente o proposto no quadro da ajuda para o regresso. Outros, mais peremptórios, não aceitam nenhum dinheiro para regressar.

Em suma, no interior da amostra estamos perante duas atitudes diferentes: a propensão bastante pregnante do desejo de regresso, e a rejeição da ajuda para o regresso. Estas duas atitudes parecem obedecer a duas reacções psicológicas diferentes: a vinculação e a ferida narcísica (Neto, 1982).

## 3/ADAPTAÇÃO

Este é tempo do homem  
Perdido na multidão

Como ser desintegrado  
Na folha branca da cidade

Tempo do homem sentado  
À mesa da solidão

Manuel Alegre

" Le langage, le vêtement, les centres d'intérêts, le type de loisirs, le mode des rapports individuels, bref, tout ce qui constitue la vie quotidienne se trouve largement déterminé par cette appartenance de classe et constitue chaque fois un vécu spécifique.

A l'intérieur de chaque classe, le vécu se différencie suivant les couches considérées. Dans le cas des ouvriers immigrés, le vécu est sensiblement différent de celui des ouvriers français du fait de la diversité culturelle d'une part, de l'emploi des immigrés aux postes de travail les plus bas d'autre part."

Bernard Granotier

A análise factorial das correspondências vai permitir-nos a apreensão global dos dados do questionário " stricto sensu " e a visualização da dinâmica dos diferentes grupos.

A análise factorial das correspondências foi elaborada nos anos 1962-65 por Benzécri, introduzindo em França perspectivas próximas da " Data Analysis " dos anglo-saxões, mas desenvolvendo-se de modo original quer do ponto de vista do método utilizado, quer dos usos sociais que dela se fizeram (Cibois, 1980, pp. 335-372).

A AFC (anexo IV) tem por objecto apresentar uma nuvem de indivíduos ou de variáveis num espaço de fraca dimensão, conservando o máximo de informação. Para isso, extrai-se um pequeno número de variáveis chamados factores, calculados para cada indivíduo e cada variável. Contribuições permitem medir a parte relativa de cada uma das variáveis na determinação destes factores, gui-

ando assim a interpretação de um eixo. Note-se que estes eixos não são correlacionados e exprimem portanto tendências independentes. Obtém-se assim uma representação gráfica das variáveis no sistema dos eixos factoriais. Esta síntese multidimensional permite fazer ressaltar a estrutura de conjunto dos dados analisados.

A análise tem por intenção fazer ressaltar, se existem, certos sub-conjuntos constituindo o conjunto da amostra e caracterizar esses sub-conjuntos por uma ou mais variáveis. "É bem certo que os resultados fornecidos pelo método são objectivos pois resultam do próprio valor dos números tomados em conta, e que nenhuma hipótese distribucional preliminar é feita. Pelo contrário, a sua interpretação, isto é, a sobreposição de um modelo explicativo (aqui de natureza psicosocial) é da total responsabilidade do utilizador" (Cazes, citado por Castellan, 1974, p. 128).

O quadro "indivíduos x caracteres" analisado aqui, é um quadro de descrição, lógica posto sob forma disjuntiva completa. Isto significa que todas as modalidades possíveis de uma questão formam o conjunto das variáveis, a presença da modalidade sendo codificada 1, a sua ausência 0. Assim, as diversas modalidades de uma questão são tratadas de modo equivalente e o vector resposta de um sujeito comporta tantos 1 quantas respostas há, quaisquer que sejam as respostas fornecidas.

O número de variáveis sendo muito elevado, é de esperar que os eixos factoriais possuam uma inércia fraca em valor absoluto. Cada variável possui, em média, uma taxa de explicação de 0,64. A taxa de explicação dos eixos é superior a este valor até ao 47º factor (figura 1).

A percentagem de inércia extraída pelos dois primeiros eixos é de 11,4%. O exame do plano dos eixos factoriais 1 e 2 permite-nos observar certos factos interessantes e mormente uma tipologia (1) bastante clara da nossa população.

O primeiro factor representa 6,3% da inércia total (isto é, extrai 6,3% da informação contida no quadro analisado). Concentra no pólo negativo um conjunto de modalidades vincando a insatisfação em diferentes esferas. Ao nível do trabalho aparece a insatisfação nas relações interpessoais com os superiores,

(1) Empregamos o termo tipologia no sentido geral de classificação de tipos. Neste sentido a Encyclopaedia Universalis nota, referindo-se à etimologia do termo e ao seu uso na imprensa: "por metáfora, tipos e caracteres foram em breve os termos designando as séries de seres humanos tendo em comum certas atitudes perante a vida, pertencendo às mesmas famílias de espírito." Não se trata pois aqui de biótipos ou de morfótipos nem de tipologia psicológica, mas de classificação por reagrupamento de opiniões associadas.

Figura 1 Histograma dos valores próprios dos dados do questionário "stricto sensu"

Os valores próprios				Histograma dos valores próprios da matriz			
Ítem	Ítem	Valor próprio	Percentagem	Cumulativo	Ítem	Ítem	Ítem
1	2	0.11719531	6.37	6.37	1	2	0.11719531
1	3	0.09365502	5.083	11.431	1	3	0.09365502
1	4	0.08275350	4.482	15.913	1	4	0.08275350
1	5	0.07567320	4.109	20.022	1	5	0.07567320
1	6	0.06277573	3.400	23.422	1	6	0.06277573
1	7	0.06035507	3.271	26.693	1	7	0.06035507
1	8	0.05557751	3.010	29.703	1	8	0.05557751
1	9	0.0523582	2.992	32.695	1	9	0.0523582
1	10	0.05236632	2.836	35.531	1	10	0.05236632
1	11	0.04689677	2.637	38.168	1	11	0.04689677
1	12	0.0450779	2.440	40.608	1	12	0.0450779
1	13	0.0450268	2.410	43.018	1	13	0.0450268
1	14	0.0435155	2.357	45.375	1	14	0.0435155
1	15	0.04273077	2.317	47.692	1	15	0.04273077
1	16	0.0418352	2.268	49.960	1	16	0.0418352
1	17	0.03813051	2.085	52.045	1	17	0.03813051
1	18	0.03635016	1.969	53.964	1	18	0.03635016
1	19	0.03489265	1.890	55.874	1	19	0.03489265
1	20	0.03405675	1.845	57.723	1	20	0.03405675
1	21	0.03292176	1.783	59.506	1	21	0.03292176
1	22	0.03234637	1.752	61.258	1	22	0.03234637
1	23	0.03157128	1.710	62.968	1	23	0.03157128
1	24	0.03073356	1.670	64.617	1	24	0.03073356
1	25	0.02980365	1.617	66.231	1	25	0.02980365
1	26	0.02872107	1.537	67.770	1	26	0.02872107
1	27	0.02874662	1.445	69.217	1	27	0.02874662
1	28	0.02562569	1.397	70.617	1	28	0.02562569
1	29	0.02491077	1.347	71.960	1	29	0.02491077
1	30	0.02376757	1.286	73.255	1	30	0.02376757
1	31	0.02253615	1.221	74.475	1	31	0.02253615
1	32	0.02195407	1.191	75.666	1	32	0.02195407
1	33	0.02140866	1.160	76.826	1	33	0.02140866
1	34	0.02045151	1.108	77.934	1	34	0.02045151
1	35	0.01953957	1.058	78.992	1	35	0.01953957
1	36	0.01841869	0.998	79.990	1	36	0.01841869
1	37	0.01755026	0.951	80.940	1	37	0.01755026
1	38	0.01682368	0.911	81.851	1	38	0.01682368
1	39	0.01636160	0.886	82.737	1	39	0.01636160
1	40	0.01594987	0.867	83.601	1	40	0.01594987
1	41	0.01521150	0.827	84.428	1	41	0.01521150
1	42	0.01442067	0.781	85.209	1	42	0.01442067
1	43	0.01413091	0.765	85.971	1	43	0.01413091
1	44	0.01374321	0.747	86.718	1	44	0.01374321
1	45	0.01281104	0.697	87.410	1	45	0.01281104
1	46	0.01243059	0.673	88.083	1	46	0.01243059
1	47	0.01175461	0.637	88.719	1	47	0.01175461

com os colegas, bem como nos horários. Ao nível do alojamento emerge descontentamento com o conforto, a grandesa e a vizinhança. Existe também insatisfação no relacionamento havido com os organismos administrativos, em suma, insatisfação da estadia no estrangeiro. A esta insatisfação encontra-se associada uma certa participação social mediante a frequência de lazeres como o cinema, a dança, o café, o restaurante e a participação em associações. Três modalidades reflectem a desvinculação da sociedade de origem: ausência de economias, ausência da passagem de férias em Portugal e a preferência de casamento com um cônjuge da nacionalidade do país de acolhimento. Encontramos finalmente um balanço negativo da saúde, entre as modalidades com mais fortes contribuições.

No pólo positivo encontramos modalidades que denotam a satisfação proporcionada pelo processo migratório ao nível do alojamento e do trabalho. A poupança corresponde pelo menos às expectativas, sendo muitas vezes ultrapassadas o que pode também ser uma fonte de satisfação. Ligado a este lado do eixo 1 encontra-se igualmente uma boa autopercepção da saúde.

O factor 2 extrai 5,1% da inércia total. Reúne no pólo positivo um conjunto de variáveis que traduzem uma boa integratividade como a presença pouco frequente de saudades, a ausência de isolamento, um bom conhecimento da língua francesa, boa adaptação à vida francesa. Associa-se aí a identificação com o meio de acolhimento, pois ao nível dos amigos e dos vizinhos é o grupo nacional francês que é tomado como grupo de referência. O bem-estar somático emerge através de uma boa saúde e de um humor com tonalidade positiva em França. Não encontramos todavia aqui uma frequência assídua de lazeres, pois o cinema e o restaurante são raramente frequentados. A mais forte contribuição para este eixo é-nos dada pela intenção de enraizamento.

No pólo negativo concentram-se modalidades que reflectem uma integratividade fraca na sociedade de acolhimento. Transparece aqui uma vinculação real ou simbólica ao país de origem mediatizada por frequentes viagens a Portugal, pela frequência regular da Igreja, pelo desejo de regressar à aldeia de origem. Também se situa neste lado do eixo 2 a identificação ao grupo nacional de origem, pois são tomados como grupos de referência os que são formados sobretudo por compatriotas. O balanço autopercebido da adaptação à vida francesa é negativo.

De modo muito simplificado, poder-se-á, pois, dizer que o eixo 1 é um eixo de "insatisfação/satisfação" do processo migratório, estabelecendo uma dicotomia entre a intenção de regresso num futuro próximo, num futuro indeterminado e de enraizamento, por um lado; a intenção de regresso num futuro intermédio, afastado e o conflito de escolha, por outro lado. O eixo 2 é um eixo da "não-integratividade/integratividade". Este eixo distingue dois itinerários entre os quais todo o migrante é solicitado a escolher: voltar-se sobre si próprio

e a sua comunidade ou procurar uma relativa integração na sociedade de acolhimento. Este eixo estabelece uma dicotomia entre a intenção de regresso antes da reforma, por um lado; a intenção de regresso para a reforma, a intenção de enraizamento e o conflito de escolha, por outro lado.

Segundo os princípios de construção dos eixos em análise das correspondências, as noções de satisfação e de integratividade parecem pois independentes, o que pode parecer surpreendente. Notemos contudo que os dois pares opostos de modalidades do balanço da adaptação estão separados pelo eixo 2, a variável marcando a melhor adaptação em cada um destes dois pares estando situada à direita do eixo 2, isto é, do lado da maior satisfação.

Examinemos agora os diferentes quadrantes (figura 2).

Os grupos distribuem-se por todos os quadrantes.

Assim, no quadrante inferior esquerdo encontramos o G I, grupo constituído pelos que perspectivam o regresso antes da reforma, mas que desconhecem pelo momento a data da partida. Também aí se projecta o G II, grupo composto pelos que encaram o regresso no futuro mais próximo.

O G I está perto do centro de gravidade (ponto médio da nuvem dos caracteres e dos indivíduos). Trata-se de um grupo espartilhado entre a satisfação e a insatisfação, entre uma boa integratividade e uma fraca integratividade. Na encruzilhada destes dois factores é bem difícil localizar temporariamente o regresso.

Contudo uma análise mais em profundidade das modalidades associadas a este grupo permitem verificar globalmente antes a insatisfação que a satisfação e antes uma fraca integratividade que uma boa integratividade. Ou por outras palavras, embora seja um grupo com um perfil psicosociológico semelhante ao do conjunto da amostra, aproxima-se mais da tipologia dos que intencionam regressar num futuro próximo.

O G II encontra-se no quadrante da insatisfação e da fraca integratividade. Entre os dados factuais que caracterizam este grupo encontram-se a residência nos arredores de Paris, com amigos ou num lar. O lar favorece efectivamente o isolamento do migrante do resto da sociedade e não facilita a integração do migrante na sociedade francesa (Briot, Verbunt, 1981, p. 54). O isolamento em que estes sujeitos se encontram tenta ser compensado pela procura de lazeres, frequentando o cinema, o baile, o café. Este último é, antes de mais, "um quadro de relações sociais livremente escolhidas" (Dumazedier, 1974, p. 109). A maioria dos indivíduos procura, frequentando o café, não tanto o consumo de bebidas, como contactos, trocas que completam ou compensam as relações quotidianas impostas pelo trabalho, os deveres familiares ou sociais. Os cafés desempenham um papel "realmente positivo na luta contra o isolamento social que toca muitas vezes 'a multidão solitária' das cidades" (Dumazedier, 1974, p. 113).

Várias modalidades traduzem a proximidade da sociedade de origem.



Os membros deste grupo sentem a necessidade de fugir de uma sociedade diferente e de experienciar a protecção da sociedade de origem por meio do sentimento religioso frequentando regularmente a Igreja. Manter os valores religiosos da sociedade natal protege a identidade original. A procura de associações sobretudo portuguesas corresponde a esta mesma necessidade de segurança. Por outro lado, pode-se verificar esta fuga da sociedade de acolhimento através das estadias prolongadas em Portugal para além das férias (estadias de vários meses). As razões invocadas para o alongamento da estadia são diversas: doença do cônjuge, partilhas, desejo de acabar a casa, efectivação de trabalhos agrícolas... Administrativamente, se a estadia no país tinha ultrapassado 6 meses, este trabalhador era quer contabilizado como reinstalado em Portugal, quer como imigrante de novo ao regressar a França. Tal era possível antes de 1974. Desde que a França decidiu suspender a entrada de novos trabalhadores estrangeiros, já não é possível para o migrante ficar no país mais de 6 meses. Também se situa neste quadrante o facto de ir a Portugal pelo menos duas vezes por ano. Para eles estes regressos periódicos representam uma necessidade quase física. Estes migrantes procuram sobretudo vizinhos portugueses (1). Ao nível subjectivo, pode-se notar esta fuga da sociedade de acolhimento através das saudades frequentemente sentidas. Mais do que outros migrantes o seu sentimento aproxima-se do que escreveu Torga: " E eu sei como é lancinante esse mal da lonjura, e resistente o fio da baba que a memória vai segregando à medida que se afasta, e por onde passam, depois, telepáticas ondas de ternura por coisas que talvez a não merecessem à despedida. Avolumam-se as broas, amaciam-se as fragas, dilatam-se as leiras " (1969, p. 111).

Através dos " restos diurnos " dos sonhos transparece igualmente a fuga da sociedade de destino e a vinculação ao país de origem. Explorando todas as possibilidades de cenário, perto deste grupo projectam-se os sonhos em situações ou cenas relacionadas com a vida portuguesa e num cenário português. São os sonhos " lembranças puras " como diriam Bastide, Morin, Raveau (1974, p. 160) em que não transpareceria traça de aculturação. Também as personagens dos sonhos

(1) O conjunto da amostra prefere igualmente ter como vizinhos Franceses e Portugueses. O terceiro lugar na hierarquia das preferências é ocupado pelos Espanhóis, o quarto pelos Negros e o último pelos Argelinos. O desejo de afastamento máximo de um grupo étnico como vizinho não se verifica em relação ao fenótipo mais afastado (Negro). Podemos verificar como os migrantes Portugueses estão tão penetrados pelos estereótipos sobre os Negros e os Árabes como os Franceses. Frequentemente ouvimos dizer a propósito dos Negros que eles cheiravam mal; igualmente certos migrantes faziam alusão, a propósito do corpo desta etnia, ao volume suposto formidável de seu sexo. Os Árabes são vistos como uma ameaça que mobiliza medos muito arcaicos (por exemplo, o da violação das mulheres). " O terreno para uma tal desconfiança em relação a certas etnias foi preparado por vários demógrafos, de que o mais conhecido é R. Delerm; segundo ele, é necessário travar o afluxo de Negros e Árabes e preferir os Europeus..." (Granotier, 1973, pp. 67-68). Jacques Mesnil verificou a propósito das atitudes dos Franceses em relação aos estrangeiros: " ... pensamos estar à altura de indicar que os Africanos são percebidos tanto mais favoravelmente que os Argelinos são o objecto de uma atitude desfavorável " (Esprit, abril 1966, p. 750).



são sobretudo portuguesas. Não fizemos uma recolha sistemática dos sonhos, pois tal tarefa representaria um trabalho em si, limitámo-nos a recolher sonhos episodicamente quando a entrevista se encaminhava nesse sentido. Não podemos deixar de relembrar o sonho de um sujeito deste grupo: "sonhei que estava a nadar no mar em Portugal, lutando contra a corrente. A areia parecia-me longe e mais eu nadava, mas não me conseguia aproximar dela..." Se à luz da psicanálise freudiana este sonho reflecte o desejo de regressar ao ventre da mãe, não reflectirá também o desejo de regressar à terra materna, projecto que norteia a vida do sujeito? Para este grupo, Portugal está constantemente no seu horizonte visual. No estado de vigília como nos sonhos, a vida do migrante está impregnada pela presença da terra natal.

Se a fuga de uma sociedade diferente amortece as dificuldades vividas no presente, também efectua a re-socialização antecipatória relativamente ao regresso.

O grupo manifesta pouca satisfação da sua estadia em França e do relacionamento interpessoal com os autóctones. As condições de trabalho são percebidas mais insatisfatórias que as de alojamento. É o preço do aluguer que, ao nível do alojamento, é a fonte de maior insatisfação, pois um aluguer elevado em relação às expectativas é incompatível com o fim que o migrante se fixou: poupar o máximo no mínimo de tempo. A insatisfação do trabalho provém sobretudo do tipo de trabalho efectuado, das relações com os superiores e do salário. Ao nível dos lazeres transparece também uma certa insatisfação.

Uma constelação de modalidades denotando mal-estar somático caracteriza sobretudo os que pensam regressar a Portugal num futuro próximo.

O sono é indispensável para manter o equilíbrio físico e psíquico. Mais que uma função, é uma necessidade que não pode ser suprimida (Passouant, Rechniewski, 1976). É muito sensível às dificuldades quotidianas de certas pessoas e a ruptura da harmonia vigília-sono está na origem de numerosas insónias. No sentido estrito, a insónia é a ausência total de sono, mas por extensão tornou-se sinónimo de "mau sono". Não é a sua duração que define um bom sono. "Um bom sono define-se por um tempo de adormecimento suficientemente breve (isto é, inferior a trinta minutos), por acordar durante a noite menos de três vezes, e pelo estado de boa forma sentido ao despertar" (Novikoff, Olie, 1980, p. 25). Não precisamos aos sujeitos, aquando do inquérito, estas condições de um bom sono, mas limitámo-nos à autopercepção dos sujeitos sobre o seu sono. 37% dos sujeitos declaram não dormir bem. Relembremos que estamos perante uma amostra adulta, mas não idosa, pois se as pessoas da terceira idade podem ter um bom sono, muitas queixam-se de dormir mal (Passouant, Rechniewski, 1976). Verificamos que uma percentagem mais elevada da amostra dorme pior que o conjunto da população. Novikoff e Olie (1980, p. 25) assinalam que cerca de 20% da população dorme mal. A

insónia, expressão de uma patologia, pode pois exarcerbar-se pela migração. A alteração do sono é o primeiro sintoma de uma patologia somática, psicológica, ou somática e psicológica ao mesmo tempo, isto devido às dificuldades encontradas aquando do reencontro com outra sociedade diferente daquela onde o indivíduo viveu originariamente. Ora é o grupo que tem intenção de regressar num futuro mais próximo que aparece melhor caracterizado por um sono perturbado.

A fadiga reúne uma multiplicidade de sintomas vividos e explicitados sob este termo. Veil et al., após terem passado em revista uma série de definições da fadiga, afirmam que " aparece bem claramente, segundo estas citações, que o conceito de fadiga é difícil de definir. Os seus aspectos são múltiplos e diversificados; cada um insiste numa das suas facetas, cerna, delimita e precisa noções, sem todavia conseguir apreendê-la no seu conjunto " (1972, p. 176). No quadro deste inquérito, muito curto neste domínio por razões evidentes, só distinguimos, como o fizeram Bastide, Morin e Raveau (1974) duas formas de fadiga: a fadiga " fisiológica " que está em relação com as tarefas quotidianas dos indivíduos capazes de os fazer sucumbir e se decompõe numa fadiga vespéral e numa fadiga global, e a fadiga " neurótica " traduzida por uma astenia matinal.

Para Dierkens (1969), os migrantes são afectados por uma astenia e uma fadiga constantes. São o resultado das modificações quantitativas e qualitativas da alimentação, do "stress" do período migratório e das perturbações digestivas psicossomáticas reaccionais ao desenraizamento e à solidão. Que dizem os sujeitos? O sentimento de fadiga é muito frequentemente mencionado. Três quartos dos sujeitos sentem-se muitas vezes cansados. Tal parece facilmente justificado pelas condições habituais de existência. Quem se interroga perante a fadiga de um operário que passa pela barafunda dos transportes em comum e o barulho infernal do seu posto de trabalho? Quem se admira se uma mãe que trabalhe no exterior, se lamente de cansaço? Ora a fadiga " fisiológica " caracteriza sobretudo os que pensam regressar num futuro mais próximo.

" O conjunto das reacções afectivas elementares determina uma atmosfera psíquica particular chamada humor ou timia " (Novikof, Olie, 1980, p. 19). O humor é a disposição afectiva fundamental que colora os estados psíquicos de uma tonalidade agradável ou desagradável. Oscila entre dois pólos: um patético, imbuído de pessimismo, de tristeza, ou, ao invés, de optimismo, de euforia; o outro apático. " O humor é para a esfera tímica que engloba todos os afectos, o que é a consciência para a esfera noética que engloba todas as representações, é simultaneamente a manifestação mais elementar e a mais geral " (Delay, Pichot, 1969, p. 155). As percepções do sujeito, a sua maneira de sentir os acontecimentos que sofre, as informações que capta em si mesmo ou à sua volta estão impregnadas pelo estado tímico de fundo. Parece poder-se dizer que a migração, segundo as declarações actuais dos sujeitos, fez oscilar o humor de uma tonalidade agradável em Portugal para uma tonalidade apática em França (Neto, 1983). O perfil sanitário do G II é descrito por uma polaridade negativa ou neutra do humor em França.

O perfil sanitário deste grupo fica completo para além do sono perturbado, da fadiga " fisiológica " e da tonalidade negativa ou neutra do humor pela autopercepção deficiente da saúde e pelo sentimento de ter mais saúde em Portugal que em França. É o grupo que exprime maior sofrimento através da linguagem do corpo.

O sucesso da migração do ponto de vista económico não está assegurado, pois os sujeitos que intencionam regressar num futuro próximo economizaram menos do que tinham previsto.

Este perfil é reflexo já de factos anteriores à migração: nascimento em zonas rurais, analfabetismo, trabalho na agricultura. O regresso é perspectivado à aldeia de origem.

Em suma, trata-se claramente de pessoas que tentam a todo o custo viver exactamente como em Portugal, cortadas do país em que se encontram, e que devem assim sofrer condições de vida difíceis. Os indicadores de saúde que são os piores deixam-no filtrar. É o quadrante do desencanto, da insatisfação, das saudades, numa palavra da adaptação insatisfatória.

No quadrante inferior direito, encontramos o G III, isto é, o grupo dos que têm a intenção de regressar a Portugal dentro de três anos, ou mais tarde, mas em todo o caso antes da reforma. Este quadrante encontra-se rodeado pelos eixos que denotam uma integratividade fraca, mas uma certa satisfação.

A integratividade na sociedade de acolhimento, como para o G II, parece deficiente. Ambos os grupos têm em comum a vivência em gueto: " o gueto é a permanência no tempo de um grupo de estrangeiros, localmente ou culturalmente delimitado, que mantém maneiras de viver e formas de organização social diferentes das do meio. Estas maneiras de viver referem-se ao passado e ao país (ou à cultura) de origem " (Verbunt, 1980, p. 145). No entanto as estratégias dos dois grupos diferenciam-se. Para o G II, o gueto parece traduzir-se mais por uma lusitanidade vivida sob o modo saudosista e para o G III por uma lusitanidade vivida "in loco". Efectivamente certas modalidades associadas ao G III denotam o seu retraimento sobre a comunidade portuguesa: a preferência de conhecimentos e vizinhos portugueses, visitas frequentes a compatriotas. A rede de relações interpessoais é pois mais vasta que no caso do G II. Esta estratégia tem um duplo significado: por um lado, o evitar o alargamento das relações interpessoais com os autóctones permite a obtenção do objectivo primordial - a obtenção de poupanças -; por outro lado, vivendo a migração como um parêntesis na sua vida, em contacto com compatriotas, a reinserção aquando de um eventual regresso pode estar facilitada, por um mecanismo algo semelhante à socialização antecipatória.

Esta multiplicidade de relações com os compatriotas não cria a necessidade de se informar sobre Portugal através dos " mass-media " (1). Através dessas rela-

(1) Para o conjunto da amostra, por ordem decrescente, as informações sobre o país natal chegam por rádio, cartas, conversas, televisão, jornal, telefone.

ções passam a maior parte das informações sobre Portugal. Mas se declaram não se informar sobre Portugal pelos suportes mass-mediáticos, nem por isso a vinculação ao país de origem se extinguiu: as férias são passadas em Portugal uma vez em cada dois anos, a poupança efectuada é transferida para Portugal, as saudades são sentidas frequentemente, a língua do sonho é sobretudo portuguesa. Trata-se, por consequência, de uma vinculação subjectiva e objectiva às origens.

A evocada riqueza de relacionamento interpessoal com os compatriotas também impede o isolamento total do grupo. Não sente assim necessidade de frequentar lazeres como o baile, o restaurante, o cinema. Pouco adaptados à vida francesa, têm um mau conhecimento da língua do país de destino, o que limita a rede das relações com os Franceses ao estritamente necessário (comerciantes, funcionários, médicos...). Por outro lado, também não manifestam o mínimo interesse pela actualidade política francesa.

Todavia encontramos-nos perante pessoas que sentem um certo bem-estar em relação ao processo migratório. Conseguem poupar tanto como tinham previsto ou até mais. Esta satisfação é igualmente uma consequência das condições de trabalho em geral e sobretudo do alojamento. As variáveis que são fonte de maior satisfação ao nível do alojamento são a vizinhança, o conforto e a grandeza. Encontra-se pois neste quadrante a associação entre a satisfação proporcionada pelo alojamento e o envio das poupanças para o país de origem. Note-se que Butaud (1973, p. 168) encontra que a qualidade do alojamento melhora quando a frequência das transferências monetárias diminui. Tais resultados podem traduzir que nem sempre existe uma correlação entre a percepção subjectiva da satisfação que o alojamento proporciona e as suas características objectivas. Os lazeres também proporcionam uma certa satisfação bem como as relações com os Franceses.

Este perfil corresponde sobretudo a migrantes tendo uma duração de estadia curta (4-7 anos) em relação à amostra e que habitam Reims. Um certo número de mulheres não exercem actividade profissional. Esta inactividade está ligada sobretudo à existência de crianças de tenra idade. É de notar que já no país de origem declaram que eram inactivas. Igualmente como característica pré-migratória encontramos a instrução primária incompleta.

O regresso é perspectivado à aldeia de origem. Mas para que o regresso se efectue mediante a medida incentivadora "ajuda para o regresso" o grupo é muito exigente.

Em suma, este grupo parece caracterizar-se por um tipo de adaptação instrumental. Toda a implicação no processo migratório gira à volta de objectivos económicos. A bússola está firmemente orientada para esse pólo. Se a persecução e a obtenção desses objectivos se acompanham do sentimento de bem-estar, já não se acompanha da implicação em relações interpessoais com a sociedade de acolhimento, a não ser para o estritamente necessário. O percurso de adaptação passa para estas pessoas pela utilização das diferenças.

Avancemos progressivamente para o quadrante superior direito. Encontramos aí dois grupos: o G IV que perspectiva o regresso aquando da reforma e o G V que ainda não decidiu se vai regressar a Portugal ou ficar em França. Os dois grupos declaram-se satisfeitos e adaptados à vida francesa.

Apesar dos migrantes do G IV não terem cortado os laços com Portugal, pois organizam o seu futuro para lá viver, já não vivem em França sob o signo do provisório. Assim é-lhes própria uma certa estabilidade que se traduz pelo facto de viverem com cônjuge e de habitarem um apartamento. A vida em França proporciona-lhes satisfação ao nível das condições de trabalho em geral e do alojamento; o mesmo acontece ao nível do relacionamento interpessoal com os Franceses.

Os membros deste grupo não sofrem do isolamento, pois estão próximos quer de pessoas da sociedade de acolhimento, quer de compatriotas.

Conservam um humor com tonalidade positiva e têm uma boa autopercepção da sua saúde. Expressam o sentimento de terem tanta saúde em Portugal como em França. Apesar de tudo, a adaptação tem o seu preço, sendo tocados pela doença desde a chegada a França (1) e sobretudo pela fadiga, em particular a "neurótica".

Este grupo é composto pelos velhos migrantes da amostra (mais de 13 anos de estadia).

Em suma, encontramos-nos perante pessoas adaptadas à sociedade de acolhimento, mas que não esqueceram a sociedade de origem. Trata-se de indivíduos possuidores de uma força e de trunfos individuais que lhes permitem fazer face à sua situação de estrangeiros.

Duas modalidades muito próximas do G V deixam transparecer o conflito no qual se encontra o grupo: a indiferença em conhecer amigos portugueses ou franceses e a ausência de resposta à questão sobre a política migratória do Governo Francês. Trata-se de um grupo bem adaptado à vida francesa. Através da língua do sonho - a francesa - e de sonhos sob o signo do " presente puro ", isto é, sonhos de situações ou cenas francesas num cenário francês (Bastide, Morin, Raveau, 1974) transparece a traça da aculturação. Tem menos laços com o país natal que o G IV. Os seus membros sentem raramente saudades. A estadia em França proporciona grande satisfação. Note-se, porém, que as condições de trabalho proporcionam maior satisfação que as de alojamento. O bem-estar também é garantido pela saúde, visto que mesmo ao lado deste grupo projecta-se a modalidade que denota melhor saúde em França que em Portugal. Estes migrantes mantêm uma relativa estabilidade de humor em França como em Portugal. Contudo, sentem igualmente a fadiga.

(1) Foi precisado aos sujeitos de que se entendia por doença uma indisposição de pelo menos uma semana, obrigando o sujeito a ir para a cama e necessitando a intervenção do médico. Entre as doenças assinaladas pela amostra ocupam o primeiro lugar os acidentes de trabalho. Afectaram 18% dos sujeitos. Foram sobretudo os homens que sofreram acidentes de trabalho (19 casos graves para os homens, contra 1 para as mulheres). O segundo lugar entre as doenças mais frequentes é ocupado pelas doenças digestivas (15%). Também aqui os homens são mais afectados que as mulheres (18% de homens, contra 11% das mulheres).

Como nos pudemos dar conta, encontra-se neste quadrante uma constelação de variáveis indicativas de bem-estar somático, mas duas modalidades - doente desde a chegada a França, fadiga - parecem falsas notas num conjunto sanitário harmónico. Porém, no que diz respeito à doença desde a chegada a França, muito perto dessa modalidade projecta-se o tempo de estadia mais longo. Poder-se-á supor que quanto mais se fica no estrangeiro, maiores são as probabilidades de ficar doente. A propósito da fadiga, faremos nossas as palavras de Veil et al. : " longe de ser um disfuncionamento como os outros, um acontecimento simplesmente indesejável e parasita, a fadiga é, na realidade, uma modalidade de adaptação, um elemento constitutivo da regulação do sistema, um sinal de alarme desencadeando mecanismos de protecção contra o excesso de carga " (1972, pp. 217-218). Uma via de explicação para os resultados da fadiga " neurótica "; presente sobretudo nos que encaram uma longa estadia no estrangeiro, seria considerá-la como uma antecipação defensiva das consequências previsíveis de uma longa estadia sem perder a ideia de regresso ao país.

Em suma, uma boa integratividade e uma satisfação proporcionada pela estadia em França garantem, quer a perspectiva de uma longa estadia ainda no estrangeiro, quer a possibilidade de escolher a sua evolução pessoal num ou noutro país que a migração põs em relação. Ambos os grupos parecem caracterizar-se por um tipo de adaptação satisfatória.

No quadrante superior direito, completamente em cima, encontramos o G VI, grupo composto de indivíduos que intencionam ficar em França. As ligações com o país natal são fracas. Assim, o comportamento económico é radicalmente diferente de todos os outros migrantes. Não poupam. Não têm como objectivo mandar as suas economias para Portugal. As ligações subjectivas expressas pelas saudades estão raramente presentes.

Note-se que neste quadrante encontramos uma forte identificação ao grupo nacional francês que é percepcionado como modelo de referência. O cônjuge ideal é francês. Ora a preferência de casamento com pessoas do país de localização significa a aceitação em profundidade da troca com uma outra sociedade. Segundo Stonequist, " um dos indicadores principais de integração bem sucedida será o casamento misto, que testemunha a eliminação de blocagens raciais ou étnicas, pelo menos no imigrante da segunda geração, e em geral também nos seus pais " (citado por Duchac, 1974, p. 346). A opinião de que o comportamento sexual dos franceses é normalmente livre é também um sintoma da procura de referências na sociedade onde aspiram a passar o resto dos seus dias. Tratando-se de um grupo essencialmente feminino, como já se sabe, este resultado é tanto mais surpreendente quanto em vários estudos sobre atitudes sociais, as mulheres estão mais ligadas que os homens a um certo número de valores tradicionais (Francès, 1980, p. 150). Manifestam igualmente preferência por amizades e vizinhos franceses.

As personagens dos sonhos são sobretudo francesas, como francesa é a língua do sonho. Os sonhos estão sob o signo do " presente puro ". " Em suma, quanto mais estamos integrados numa sociedade ..., tanto mais ela nos fornece materiais oníricos " (Bastide a, 1972, p. 231).

Contudo, as relações interpessoais na nova sociedade são pouco profundas. As visitas a compatriotas são raras, mas a compensação por visitas a amigos franceses está ainda inacabada. Do mesmo modo, lazeres como o cinema ou o baile são pouco frequentados. Faltam pois ainda a este grupo ligações com vários grupos de pessoas da sociedade de acolhimento susceptíveis de lhe oferecer a segurança e um sentimento de pertença.

Apesar destes migrantes ocuparem alojamentos de melhor qualidade que os restantes migrantes, declaram-se insatisfeitos dos alojamentos. São, por consequência, mais exigentes nas condições de alojamento, em particular no conforto e no tamanho.

A "Francisação" parece facilitada por condições anteriores à migração como o nascimento numa cidade e a migração interna.

Estamos, em suma, perante um grupo cujo perfil mais pregnante é o da adaptação integrativa.

A análise que acaba de ser delineada define uma tipologia da população no seu conjunto. Os projectos de regresso aparecem associados a diferentes tipos de adaptação. Esta tipologia permite apreender a homogeneidade e a heterogeneidade dos comportamentos e opiniões dos grupos constituídos. A análise esboça já uma confirmação da primeira vertente da hipótese geral de trabalho, isto é, a intenção comportamental de regresso ao país de origem acompanha-se de variáveis indicativas desse comportamento ao nível da situação do migrante no processo adaptativo. É de realçar todavia que a presente análise limitou-se às variáveis psicosociais da adaptação não incluindo as de personalidade, muito em particular a identidade, nem as de representação. Irão também essas variáveis no sentido da hipótese? A resposta tê-la-á o leitor nos dois próximos capítulos.

## B/ A IDENTIDADE

" Por mais fortuna que tenham pelo mundo a cabo, é com o ninho onde nasceram que sonham dia e noite. É que só nele se exprimem correctamente, estão certos nos gestos, são realmente quem são. "

Miguel Torga

" Le concept d'identité psychologique désigne donc le noyau central de la personnalité individuelle, sorte de résultante d'un ensemble donné de composantes psychologiques et sociologiques. "

Zavalloni (M.)



A problemática da identidade ocupou no passado um lugar central na psicologia social (Mead, 1934; James, 1920). " Contudo, esta noção não parece ter suscitado o interesse que se podia esperar. Certamente que numerosos trabalhos a utilizam, mas não estudando nunca como tais os processos subjacentes à identidade. Foi necessário esperar pelos anos 70 para que esta preocupação se manifeste claramente " (Doise, Deschamps, Mugny, 1978, p. 29). Trata-se efectivamente de um conceito que está a renascer nas ciências sociais. Reencontramos recentemente este conceito nos trabalhos sobre as relações entre os grupos, sobre a diferenciação social, sobre a identidade marginal... (1).

A identidade de que se trata neste trabalho é a identidade psicossocial aprendida através da Representação de Si.

Na literatura americana o termo consagrado é o " Self " ou o " Self-concept ". Os investigadores europeus preferem antes as expressões consciência de si, representação de si, imagem de si (2).

No estado actual da investigação, " as expressões imagem, percepção, representação e conceito de si, são, podem — e devem possivelmente ainda durante um certo tempo — ser utilizadas e intermutáveis " (L'Ecuyer, 1978, p. 34). Se L'Ecuyer apresenta como única razão para a escolha do termo "conceito de si" a sua origem americana, nós optamos pelo termo "representação de si". Todavia, seja qual for o termo utilizado (percepção, imagem, representação, conceito, consciência de si), tanto os americanos como os europeus " referem-se sensivelmente aos mesmos conteúdos: conjunto de traços, de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio, influenciado pelo meio e organizado de modo mais ou menos consistente " (L'Ecuyer, 1978, p. 34).

Para Nuttin, a representação de si " compreende o indivíduo sobre todos os seus aspectos, tal como é percebido pelo próprio sujeito e tal como aparece aos outros nas suas formas físicas, psíquicas e sociais (Nuttin, 1980 b, p. 47).

- 
- (1) - Em França realizaram-se recentemente dois colóquios importantes sobre o tema da identidade:
- sob a égide do Laboratório Europeu de Psicologia Social, um colóquio sobre a " Identidade social " em Rennes (Dezembro de 1978);
  - um outro colóquio internacional tendo por tema " Produção e Afirmação da Identidade ", em Toulouse (Setembro de 1979).
- (2) - L'Ecuyer (1978, pp. 26-27), esboça uma explicação desta preferência terminológica nos dois continentes.

Vários autores fazem a distinção entre a identidade pessoal e a identidade social - sendo esta confirmada pelo olhar do outro - e insistem sobre as inter-relações existentes entre a identidade pessoal e a identidade social. Por exemplo, Gergen (1971) caracteriza todo o indivíduo por traços de ordem pessoal, atributos mais específicos ao sujeito, e por traços de ordem social que assinalam a sua pertença a grupos ou categorias.

No processo de elaboração da identidade reencontram-se dois movimentos contraditórios de que Codol (1978) sublinha a relação dialéctica: a imagem de si é, com efeito, segundo Codol, uma imagem social de si, pois, ao longo de toda a sua vida, o indivíduo elabora e reelabora a sua identidade nas suas relações com o seu meio social e cultural; de certo modo, cada indivíduo sente-se solidário, identifica-se com os outros membros da sua cultura e da sua classe social. Mas mesmo sentindo-se semelhante aos seus companheiros, todo o indivíduo tem o sentimento da sua diferença e percepção-se como objecto único. Mas se o sentimento da diferença é essencial para a tomada de consciência de si, é inerente à própria vida social, pois a diferença só aparece em relação aos outros.

Entre as fontes da representação de si Argyle, (1974, pp. 163-165), menciona: as reacções dos outros, a comparação com outros, papéis desempenhados e identificação com modelos.

Por seu lado, Nuttin (1980 a, p. 243), vê a génese e a constituição progressiva deste conceito como o resultado de todo o desenvolvimento de uma personalidade em função de todas as influências sofridas. Ora, a influência exercida pela migração é susceptível de modificar as representações de si.

Nestas linhas tentaremos pôr em evidência formas de mudança no domínio da representação de si que a adaptação a uma nova sociedade faz surgir, não perdendo todavia o fio condutor do nosso trabalho: se a identidade é, quer pessoal, quer social, e se constrói pelo confronto do idêntico e do diferente, ver-se-á de que modo os projectos migratórios se associam nesta dinâmica.

A maioria das teorias do desenvolvimento e da personalidade tende a fazer crer que a maturidade adulta constitui uma espécie de patamar caracterizado por um equilíbrio constante, sem flutuações. Afortunadamente, desde há alguns anos, que uma literatura cada vez mais numerosa obriga a reconsiderar as teorias do desenvolvimento (L'Ecuier, 1978, p. 152): " A literatura obriga cada vez mais a admitir que entre os 20 e os 60 anos não somente evolui o conceito de si, mas talvez ele seja ainda objecto de reformulações periódicas ... " (L'Ecuier, 1978, p. 153).

A migração acompanha-se de mudanças vividas que são de três grandes tipos: mudança de espaço geográfico, mudança de espaço corporal e mudança de espaço semiótico (cf. Beauchesne, Esposito, 1981, p. 57-65). As mudanças de pontos de referência intervêm a um nível fundamental da organização da personalidade: a iden

tidade que reentra à continuidade e à permanência de si apesar das mudanças.

A migração é uma situação de mudanças múltiplas que obriga o migrante a " atravessar várias crises de identidade com arranjos sucessivos da personalidade " (Almeida, 1972 b, p. 105).

Ao migrante, na medida em que se encontra colocadoma encruzilhada de duas culturas, põem-se-lhe problemas identificatórios. Deixa um país que o liga aos seus pais, o país das origens, da primeira infância, dos primeiros estádios do desenvolvimento.

Existe pois uma problemática comum a toda a migração: a existência de uma perda a partir da qual se põe o problema da identidade que é determinada de maneira decisiva pelo compromisso numa relação entre duas sociedades (Montalvon, 1979, pp. 38-51). O migrante é essa relação em carne e osso. É difícil defini-lo em si, escreve Simone Vallantin (1977, p. 17). Efectivamente só pode ser definido como um intermediário activo entre dois " em si ": " lá em baixo e aqui ".

A representação de si foi estudada por três abordagens diferentes: abordagem fenomenal, psicanalítica e experimental-behaviourista <sup>(1)</sup>.

Situar-nos-emos aqui na primeira abordagem, embora cientes que a adaptação se acompanha de mecanismos conscientes e inconscientes da representação de si (Almeida, 1972 a, p. 172). A abordagem fenomenal refere-se geralmente " ao conjunto de percepções que o indivíduo tem dele próprio e de que é consciente " (L'Ecuyer, 1978, p. 37).

Feitas estas precisões teóricas, a abordagem aqui adoptada será estritamente operacional: a representação de si é a resposta do sujeito quando interrogado sobre ele próprio por meio do Quem Sou ?, técnica que já foi apresentada.

Esta empreitada que pode ser arriscada para os nossos informadores, não o é menos para nós. Observara Anzieu: " O conhecimento de si passa com efeito desde há muito por uma questão discreta, boa para os diletantes, ou afectada de um passivo peso. As psicologias rivais que são o behaviourismo e a psicanálise estiveram de acordo no princípio sobre um ponto, a condenação da introspecção " (1975, p. 12). Apesar de, como o autor indica, " a situação mudou desde há uma quinzena de anos. É possível falar cientificamente de conhecimento de si ? " (Anzieu, 1975, p. 13). Suscitamos por conseguinte a descrição de certas representações de si que os migrantes reivindicam, afirmam.

Antes de passarmos a apresentar essas respostas, vamos debruçar-nos sobre a

(1) - Para a descrição destas três abordagens, cf. L'Ecuyer, 1978, pp. 39-98.

grelha utilizada para a análise de conteúdo.

Para classificar os protocolos nas diferentes categorias retidas, seguimos os três critérios seguintes:

- A exaustividade: permite classificar em todas estas categorias as unidades de conteúdo: todo o material pôde ser analisado;
- A exclusão mútua: um mesmo elemento foi classificado numa categoria e só numa;
- A objectividade: outros investigadores em psicologia social puderam classificar os mesmos elementos nas mesmas categorias (neste caso a análise de conteúdo foi efectuada por mais dois psicólogos sociais).

Para o exame das respostas fizemos apelo à grelha utilizada no CREDA, construída por Lirus (1979). Apenas a modificámos ligeiramente. Não se trata de categorias construídas "à priori" mas que advêm do arranjo espontâneo do discurso dos nossos informadores.

As categorias retidas (Lirus, 1979), foram as seguintes:

- O estado civil: o sujeito assinala o seu nome, sobretudo o seu apelido e o seu estado matrimonial. Nenhum sujeito assinalou a idade, categoria a mais frequente no estudo de Gordon acima citado.
- O biofísico: distinguiremos aqui dois temas: o sexo, quando o sujeito fornece a sua pertença sexual (homem, mulher, rapariga, rapaz), e a imagem do corpo, quando ele exprime o seu vivido corporal, quer se trate de um julgamento agradável ou desagradável (gordura, magreza, altura, asseio).
- A referência à família cujos temas são variados: a percepção da paternidade, da maternidade, as relações entre o casal e entre este e as crianças, os desejos relacionados com a educação das crianças, etc....
- O contexto sócio-político-económico que se subdivide em quatro temas:
  - . o estatuto social, mais precisamente, a situação do trabalhador é evocada;
  - . as referências ao sistema político ou económico;
  - . as referências à situação migratória;
  - . as referências ao regresso.
- As qualificações psicológicas ou as características pessoais, cujas respostas foram analisadas segundo três grandes eixos, cada um deles dicotomizado em positivo e negativo.
  - . A representação social de si, agrupando características que necessitam de outrem, um meio social. Exemplo de resposta cuja imagem social é positiva: "gosto de ajudar o meu próximo"; exemplo em que a imagem social é negativa: "não vou dançar porque não tenho com quem ir".

- . A representação de si em termos comportamentais, que pode também ser positiva, por exemplo, "estou com muita coragem para trabalhar"; e negativa, por exemplo, "sinto-me fatigado".
- . As representações de si, expressões de um Eu (a imagem própria), independentes das representações de si, sociais e comportamentais. Nas representações de si positivas o sujeito atribui a si mesmo um julgamento positivo, só dizendo respeito a um traço da sua personalidade: "eu sou esperto". As expressões de auto-satisfação, isto é, quando o julgamento positivo visa o conjunto da pessoa e já não somente um traço, também pertencem a esta categoria.

As representações de si negativas compreendem todas as representações de si em que o sujeito atribui a si próprio um julgamento negativo e que só dizem respeito a um traço da personalidade, por exemplo, "sou muito triste". As expressões de auto-crítica pertencem igualmente a esta categoria, isto é, quando o julgamento desvalorizante visa a pessoa em todos os seus aspectos, por exemplo, "eu não sou nada".

- A categoria "Outros" compreende todas as definições de si que não puderam ser incluídas nos temas anteriormente mencionados nesta análise.

De notar que uma resposta podia decompor-se em vários temas.

Após classificarmos todos os protocolos, tínhamos como objectivos:

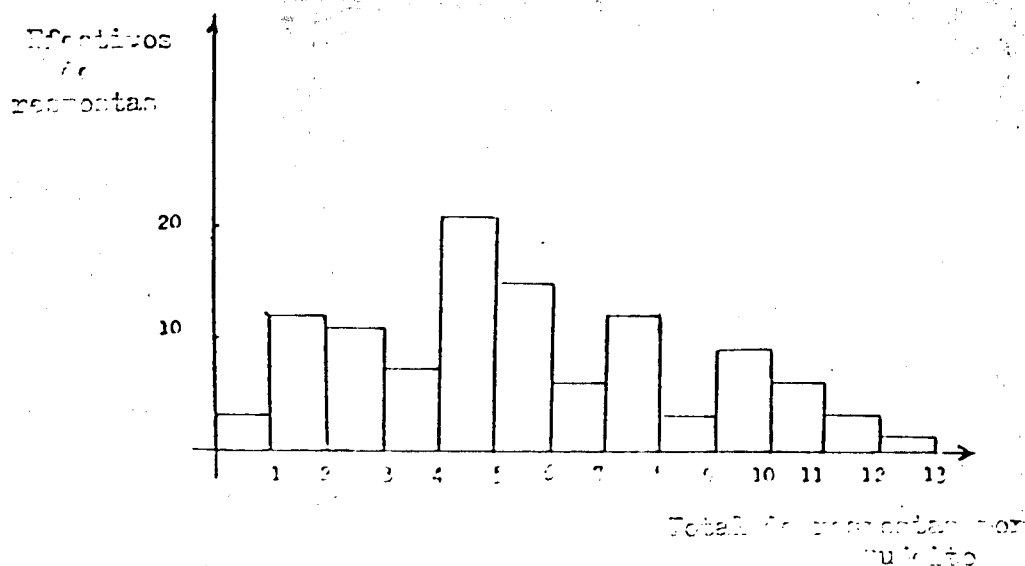
- determinar as representações preferenciais de si dos transplantados portugueses em França e saber se o acontecimento migratório contribui para a emergência das representações de si;
- determinar se os projectos de regresso estão em relação com as representações de si.

Conhecemos por esboçar o perfil geral da população.

Em 110 sujeitos entrevistados, obtivemos uma recusa a este teste por parte de uma mulher. Se todos achavam que era difícil efectuar a sua introspecção, as mulheres achavam-na mais difícil do que os homens. O número médio de respostas é de 5,9 por sujeito; 6,8 para os homens e 5 para as mulheres. Cremos que os resultados seriam um pouco diferentes se fosse uma mulher a recolher o vivido das mulheres. Foi o único momento onde ressentimos que um entrevistador do outro sexo seria susceptível de recolher propósitos diferentes.

Somente 10 deram mais de 10 respostas-itens. Somos assim levados a fazer uma primeira constatação: uma produção quantitativamente fraca ao "Quem sou eu?".

Figura 1: Respostas ao teste "Quem Sou Eu?"



A hierarquização das diferentes categorias vai permitir-nos precisar melhor o perfil. As percentagens correspondem ao número de migrantes que deram respostas nas diferentes categorias.

- 1° - Representação de si positiva: 49 %
- 2° - Referências à família: 46 %
- 3° - Representação social de si positiva: 40 %
- 4° - Representação comportamental de si positiva: 38 %
- 5° - Identidade sexual: 37 %
- 6° - Referências migratórias: 32 %
- 7° - Estatuto social: 30 %
- 8° - Identidade portuguesa: 28 %
- 9° - Representação de si negativa: 19 %
- 10° - Representação social de si negativa: 19 %
- 11° - Estado civil: 17 %
- 12° - Outros: 15 %
- 13° - Referências políticas: 14 %
- 14° - Imagem do corpo: 13 %
- 15° - Referências ao regresso: 9 %
- 16° - Representação comportamental de si negativa: 7 %

Constatamos que as características psicológicas pessoais positivas, as referências à família, as características psicológicas sociais e comportamentais positivas e a identidade sexual são o modo de expressão de si preferencial na nossa população. Logo que um migrante português pensa em si próprio são estas as características psicológicas que lhe ocorrem em primeiro lugar ao espírito. Em seguida situa-se na sua família, como um ser social, sexuado. É de notar o lugar importante que ocupam as referências à família. No estudo de Lirus (1979, p. 127), este tipo de referências situava-se apenas em 11º lugar. Mesmo se a família não tem a mesma conotação numa população antilhana e portuguesa, essa diferença explica-se sobretudo porque no citado estudo tratava-se de estudantes, portanto na sua maioria celibatários, enquanto que a nossa população é constituída por operários, na sua maioria casados. Parece que o casamento favoriza a expressão das referências à família.

Prosseguindo a comparação com este mesmo estudo de estudantes antilhanos em França, a propósito das características psicológicas negativas verifica-se que a nossa população evoca-as muito menos. Mais de metade dos estudantes antilhanos mencionam, quer as representações de si quer as representações sociais de si, em termos negativos. Ora menos de 1/5 da nossa população está neste caso. Podemos pois concluir que uma migração externa como a portuguesa não interiorizou tanto o peso dos estereótipos e dos preconceitos desvalorizantes como uma migração interna — a migração antilhana.

Se as referências ao regresso não ocupam um lugar de vanguarda, tal não nos surpreende em nada. Trata-se de um tema que não aparece, por exemplo, na grelha utilizada no CREDA. Se um sujeito em dez, numa população submetida a uma produção livre da expressão de si, lhe faz referência, achamos que isso é já notório.

Deste perfil das representações de si podemos concluir que pelo menos as referências migratórias, o estatuto social, a identidade portuguesa <sup>(1)</sup>, as referências ao regresso, categorias que estão mais relacionadas com a identidade social, devem a sua emergência à situação migratória. Encontramos aqui confirmada a observação de Klinsberg e Zaralloni (1969, p. 25), a propósito da identidade: "a preeminência de uma identidade social atribuída pode depender de factores situacionais que são independentes, ou de uma estrutura mais estável da identidade individual ...". Sobre a identidade pessoal, ela é em parte determinada pela situação migratória, mas aí o sujeito é portador de todo um passado de que não negaremos os efeitos. No entanto, certos temas que veremos adiante, tais como o pécúlio, o trabalho, a solidão, parecem provir da situação migratória. Para conhe-

(1) - As referências à nacionalidade têm pouca importância no país. Nós próprios o verificámos administrando um "Quem sou eu?" a uma centena de estudantes de psicologia. Apenas aparecem em 11 dos casos.

ser a parte exata do que é determinado na identidade pessoal pela migração ter a sido preciso fazer estudos longitudinais.

Nas, pelo contrário, pode-se afirmar que a estadia e o trabalho em França modificaram a representação fenomenal de si, inclusive dos migrantes, preocupados em ancorarem-se à sua identidade original. A sua identidade já não se amalgama com a dos que não emigraram. " Ser transplantado para uma outra sociedade é aceitar a evidência de que se está ' noutro local ', é ter querido, conscientemente ou não, estar fora da sua casa, e tomar consciência de si nessa problemática da alteridade. A dinâmica da aculturação procede então deste mesmo movimento. Ela é interrogação, empréstimo, pôr em questão, por vezes transformação da pessoa em coexistências heterogêneas ou em sínteses mais felizes " (Clapier-Valladon, 1980, p. 718).

Se a migração é susceptível de introduzir um equilíbrio instável entre a identidade pessoal e a identidade social que constituem as representações de si, apesar da intensidade das situações de "stress", a parte negativa não suplanta a positiva. Mediante as respostas ao " Quem sou eu ? ", a afirmação de si, resultante de uma luta quotidiana para que os valores positivos superem os negativos (Li rus, 1979), sai vitoriosa. Todavia, como veremos mais adiante, a afirmação de si não se efectua de modo idêntico segundo as diferentes perspectivas migratórias.

Outros estudos defendem que o grupo nacional é menos importante quando o indivíduo se encontra no seu próprio país. Por exemplo, Ho Clintock e Davis (1959), sustêm o postulado que a nacionalidade não é importante para o indivíduo no seu país. Por seu lado, Morokvasic (1971), mostrou que no seu meio de origem e na sua vida quotidiana normal o indivíduo tem menos tendência a tomar o grupo nacional como referência. Do mesmo modo o autor mostra que o grupo nacional torna-se o grupo de referência importante no momento em que o indivíduo deixa o país de origem e entra num meio cultural novo. Para Clapier-Valladon (1980), a tomada de consciência da pátria parece fazer-se mais ampla e intensamente no estrangeiro. A pátria, país do pai, é " a nação ou comunidade política à qual se pertence ou à qual se tem o sentimento de pertencer " (Dicionário Robert). Ora este sentimento de pertença é reforçado pela migração.

A análise factorial das correspondências permitir-nos-á visualizar a dinâmica da identidade segundo as diferentes perspectivas de futuro.

Foram projectadas como variáveis activas as categorias do " Quem sou eu ? ", sendo variáveis de contingência. Como elementos suplementares para além dos grupos, o sexo, o tempo de estadia, os locais de nascimento, de residência antes da emigração e de residência actual, o grau de instrução e o estado civil, foram utilizadas, sendo antes recodificadas em disjuntivo completo.

Os três primeiros factores extraem 33,7 % da inércia total.

O primeiro factor representa 13,1 % da inércia. Quatro categorias apresentam



uma contribuição superior à média. Uma no lado esquerdo, a representação social de si positiva; três no lado direito, as referências migratórias, a identidade portuguesa e as referências ao regresso. Estas categorias que se opõem de um lado e do outro do eixo 1 parecem denotar referências identificatórias sociais.

O segundo factor extrai 10,5 % da inércia. Opõe as variáveis identidade portuguesa e referências migratórias no lado esquerdo às referências ao regresso no lado direito. Este factor, englobando não só as referências directas à nacionalidade - a identidade portuguesa - como as referências mais ou menos indirectas - referências migratórias e referências ao regresso -, parece pois traduzir as referências identificatórias nacionais.

O terceiro factor, que extrai 10,1 % da inércia, opõe as categorias representação negativa de si, representação comportamental de si negativa e representação social de si negativa no lado esquerdo, à representação social de si positiva e à representação comportamental de si positiva no lado direito. Trata-se pois de uma dimensão que reflecte a oposição da polaridade das referências identificatórias psicológicas.

Antes de examinarmos os diferentes quadrantes dos planos 1-2 e 1-3, para melhor apreendermos os elementos em presença na luta para a afirmação de si, vamos estudar em pormenor as categorias que têm mais forte contribuição para os três primeiros eixos. Trata-se por um lado das categorias que denotam identidade nacional (identidade portuguesa, referências migratórias e referências ao regresso) e, por outro lado, os qualificativos psicológicos, quer negativos quer positivos.

A identidade nacional pode ser estudada pelo menos por três prismas. Pela análise de toda uma literatura de ensaios consagrados aos caracteres nacionais, ensaios que conheceram uma floração particular na Europa na primeira metade do século XX (Lipiansky, 1979). Pelo prisma dos estereótipos, sendo numerosos os inquéritos que se propuseram fazer a sua colecta e penetrar-lhe a lógica e os mecanismos (cf., por exemplo, Klineberg, 1967). Finalmente, pelo aspecto da identidade subjectiva vivida pelos indivíduos que tentaremos aqui apreender ao longo da dimensão nacional na identidade psicosocial.

As referências directas à identidade nacional apresentam-se sob formas variadas desde simples enunciados: " eu sou Português ", aliás os mais frequentes, até às frases completas e mesmo por vezes um conjunto de frases. Podemos distinguir três tipos de respostas:

- simples enunciados da nacionalidade, presentes em 27 % da população;
- Português com outros qualificativos ( " um cidadão português ", " uma mulher tipicamente portuguesa ", etc....), presente em 7,3 % dos sujeitos;
- referência feita à nacionalidade por menção feita a uma região de

Portugal. Apenas houve uma resposta deste tipo (" eu sou bracarense ").

Estas referências directas à identidade nacional foram classificadas na categoria identidade portuguesa.

Em certos casos as referências à identidade nacional não são directas, mas mais ou menos latentes, como é o caso das referências migratórias e das referências ao regresso. Entre aquilo que classificamos na categoria " referências migratórias ", encontramos todo um arsenal de referências indirectas à nacionalidade. Nestas encontramos:

- a percepção da diferença (" eu sou um estrangeiro ", " eu sou emigrante ");
- as queixas das suas condições de vida;
- " outras ": outras referências à situação migratória que não se enquadram nas categorias mencionadas. A maioria destas referências estão relacionadas com as causas da emigração (" vim para me reunir ao meu marido, na esperança de uma vida melhor ", " só quero ajuntar alguns toques ", etc....).

Para as referências indirectas à identidade nacional somente nos interessam os dois primeiros temas, a percepção da diferença e as queixas sobre a estadia em França presentes, respectivamente, em 21 % e 12 % dos migrantes.

As referências ao regresso estão presentes em 9 % da amostra. Uma vez que o tema do regresso nos toca particularmente, eis o tom das respostas: " gosto de trabalhar para ganhar dinheiro e poder um dia regressar a Portugal e viver bem ", " gostaria de ficar aqui, se cá tivesse a família ", " penso regressar a Portugal ", " sou um emigrado à força, porque se pudesse viver na minha terra não estaria num país onde somos sempre estrangeiros ", " gostaria de viver em Portugal ", " esforço-me por poupar, para poder regressar o mais cedo possível ", " um dia mais tarde regressarei, assim que a vida em Portugal for melhor ", " gostaria de acabar os meus dias em Portugal ", " queria regressar o mais cedo possível, pois vejo que os franceses não nos recebem mais tão bem ", " dói-me a cabeça de pensar sempre em Portugal ".

Descrito o conteúdo das categorias englobadas na identidade nacional, passemos aos qualificativos psicológicos.

As representações positivas de si exprimem-se nestes termos:

- honestidade: 12 %
- poupança: 11 %
- alegria: 7 %
- optimismo, esperança: 7 %
- normalidade: 6 %
- gostos (trabalho, fumo, música, alimentação): 5 %
- sinceridade: 3 %
- simplicidade: 3 %

Existem outros qualificativos mas apenas são mencionados uma vez. As representações de si positivas decorrem da situação migratória pelo menos para aqueles que se definem como poupadores (11 % dos sujeitos). Com efeito, o projecto migratório da maioria dos migrantes é poupar o máximo no mínimo de tempo.

Os julgamentos positivos relativos a si próprio relacionados com o meio social esclarecem-nos sobre as relações interpessoais. Compreendem os seguintes temas:

- entreaajuda: 25 %
- frequentações (amigos, vizinhos, colegas): 17 %
- respeito mútuo: 9 %
- bondade: 8 %
- sexualidade: 5 %

Encontram-se ainda nesta categoria itens mencionados apenas uma vez. A entreaajuda, frequente na vida das aldeias de origem, é-o muito menos nas zonas urbanas. Os migrantes marcados pelas dificuldades existenciais que ressentiram na própria carne, a necessidade de ajuda que esperamos por vezes dos outros, guardam bem presente este sentimento de solidariedade, em grau a estadia em zonas urbanas.

As respostas-itens respeitantes à sexualidade ("sou um tipo que gosto de ter raparigas"), apenas aparecem nos homens. Há coisas que se dizem entre pessoas pertencentes ao mesmo sexo e que não se dizem na presença de pessoas de sexo diferente. Dificuldade do facto do entrevistador-homem.

Os principais itens das representações de si positivas comportamentais, são:

- trabalho: 24 %
- gostos (desportos, jogos, televisão): 10 %
- calma: 4 %

Também aqui a situação migratória provoca a emergência de representações de si. Se nas RS+ o tema da poupança era frequente, para poupar é preciso ganhar dinheiro e, conseqüentemente, trabalhar.

As referências ao trabalho são muito variadas: "um homem que trabalha", "corajosa no trabalho", "uma mulher que trabalha de manhã à noite", etc....

Os itens exprimidos na representação de si negativa são:

- a auto-crítica desvalorizante ("não sou nada", "sou um zero", "sou uma coisa tão pequena que nem sei mesmo aquilo que sou", etc....): 9 %
- o "mal-estar" ("sou um maluco", "um pouco complexado", etc....): 4 %
- tristeza: 4 %
- o desperdiçar (de dinheiro): 2 %
- o lamento da falta de instrução: 2 %
- e alguns julgamentos dados por um si sujeito, tais como o pessimismo, a falta de saúde, a ausência de projectos na vida, "vícios" (cigarros, vinho), nervosismo, a manha, etc....

A maioria dos julgamentos negativos relativos a si próprio relacionados com o meio social, exprimem a falta de relações interpessoais. 10 % dos sujeitos referem-se à solidão (" estou sozinho(a) ", " estou sozinho(a) no mundo ", " gosto de dançar, mas não vou dançar porque não tenho ninguém para me acompanhar ", " gostaria de conhecer algumas pessoas para comunicar ", " uma pessoa com poucos amigos, por causa da falta de tempos livres ", etc...).

Um outro tema que aparece em 6 % dos sujeitos é a pobreza.

Finalmente aparecem certos julgamentos dados por um só sujeito contra certos grupos sociais (os negros, os homossexuais), e contra a tagarelice, etc....

As referências à representação de si negativas comportamentais são pouco numerosas: 4 sujeitos definem-se com tendo uma vida com preocupações, 3 como sendo nervosos e o resto deles têm julgamentos isolados.

Vistos os itens das categorias da identidade nacional e da identidade pessoal de modo analítico, retomemos à AFC examinando agora os diferentes quadrantes dos planos 1-2 e 1-3.

No quadrante inferior esquerdo do plano formado pelos eixos 1 e 2 (figura 2) situam-se as categorias que denotam a representação social de si positiva, o aspecto político do seu vivido, o aspecto social evocando o seu estatuto social de trabalhador. Esta constelação de variáveis reflecte que se trata de sujeitos implicados socialmente " aqui e agora ", parecendo ter boas relações interpessoais no novo meio. Esta implicação social acompanha-se também de uma representação de si positiva. Este perfil corresponde sobretudo a migrantes que terminaram a sua instrução primária, com um tempo de estadia entre os 10 e os 13 anos, do sexo masculino e que referem um projecto migratório sob o signo do conflito de escolha.

No quadrante superior esquerdo encontramos sujeitos que têm consciência do seu corpo e da sua identidade sexual, dinâmicos e activos. Este perfil corresponderia sobretudo aos sujeitos que habitavam um zona urbana antes de emigrar e que têm como perspectiva migratória de futuro o regresso a longo termo.

Avançando para o quadrante superior direito, situam-se as variáveis que significam que certos sujeitos tomaram em conta na sua maneira de se definir a relação afectiva à sua família, as referências ao regresso e a desvalorização de si ao nível das características pessoais. Trata-se de migrantes implicados socialmente na sociedade de acolhimento cujas referências identificatórias mostram a preocupação em vincular-se às suas raízes. Este perfil corresponde sobretudo a migrantes nascidos em zonas rurais, habitando os arredores de Paris, com um tempo de estadia mais longo e do sexo feminino. Localizam-se também aí os que pensam regressar ao país o mais cedo possível.

No quadrante inferior direito encontramos a reivindicação do direito à

referências ao regresso

eixo 2		referências ao regresso	
representação de si negativa			
nasceu numa vila	G II		
referências à família			
nasceu numa aldeia	habita arredores de Paris		
	tempo de estadia: 3 e mais anos		
tempo de estadia: 1-7 anos	mulheres	eixo 1	
solteiros			
G III			
antes de emigrar residia numa aldeia	analfabetos		
nasceu numa aldeia	tempo de estadia: 7-10 anos		
habita Reims	estudos primários incompletos		
representação de si social negativa	G VI		
representação de si comportamental negativa			
habita Paris	G I		
residência numa vila		referências migratórias	
antes de emigrar			
casados não acompanhados	estado civil		
de cônjuge		identidade portuguesa	

diferença " aqui e agora " que se exprime mediante as referências migratórias e a identidade portuguesa. Esta reivindicação tem todavia o seu custo psicológico pois acompanha-se de desvalorização de si, tanto ao nível comportamental como ao nível das relações sociais. Este perfil caracteriza sobretudo os migrantes analfabetos ou que não terminaram a instrução primária, residentes em zonas rurais antes de emigrar, residentes em Paris e em Reims, solteiros ou casados mas não a acompanhados do respectivo cônjuge e com um tempo de estadia entre 7 e 10 anos. Na sua perspectiva migratória de futuro está o regresso a médio prazo ou a fixação definitiva em França.

A identidade nacional aparece pois sobretudo associada aos que perspectivam o seu regresso antes da reforma e um tanto ou quanto paradoxalmente nos que pensam instalar-se definitivamente em França. Estes dados não concordam tanto com os resultados de Mc Clintock e Davis (1958) como com os de Morokvasic (1971). Para Mc Clintock e Davis, a identidade nacional tem sempre a mesma função, qualquer que seja a situação encarada: importante no começo da estadia, perde a sua importância com a aculturação do migrante. Estes autores não prevêem nas suas conclusões as situações em que a identidade persiste como importante, paralelamente a uma boa aculturação. Morokvasic (1971), a propósito das relações entre a identidade nacional e a aculturação, partira da hipótese que, no novo meio, o indivíduo guarda o seu grupo nacional como o grupo de referência mais importante no começo da sua estadia e enquanto não encontrou o seu lugar neste meio. Visto que essa hipótese não se verificou totalmente, Morokvasic formulou "a posteriori" uma outra hipótese: a nacionalidade não tem sempre uma só e mesma função e por conseguinte uma total identificação com as origens pode ser perfeitamente compatível com uma boa adaptação. Os nossos dados vão mais nesse sentido, pois as referências identificatórias nacionais estão presentes, quer nos que encaram o regresso a curto ou a médio prazo e que, como já vimos, têm mais dificuldades adaptativas, quer nos que pensam instalar-se em França e têm um perfil de adaptação integrativa. É toda a diferença entre assimilação e adaptação: a presença nas representações de si da identidade nacional nos migrantes que já não têm um projecto de regresso, indica que a adaptação integrativa não pressupõe a assimilação. A adaptação não implica forçosamente a renúncia à sua identidade nacional de origem. Como Leonety e Lévy (1978, p. 197), perguntamo-nos se a afirmação da identidade nacional nestes sujeitos não é necessária para evitar uma ruptura total com o seu país, ruptura essa que seria muito dolorosa.

Esta reivindicação de poder viver em França como Portugueses é provavelmente a única solução realista, o que leva à criação de uma identidade original. Trata-se de um modo de enraizamento na comunidade de acolhimento que sem negar

as origens e segundo um estilo relacional novo (Abou, 1978). Outros investigadores confirmaram-nos (Migrations/Études, n° 32, 1980) que a originalidade portuguesa compreende um conjunto de estratégias que se apoiam, entre outros suportes, na forte referência a uma identidade nacional e cultural. Relembremos, e aqui entramos na história, que o povo português foi um dos primeiros povos europeus a adquirir uma verdadeira unidade nacional (Godinho, 1982).

Talvez o leitor já se tenha interrogado: não estaremos perante uma falta de coerência interna dos resultados, pois, se por meio do " Quem sou Eu ? ", o grupo nacional de origem aparece como grupo de referência para os que pensam instalar-se em França, o mesmo não acontece ao nível dos grupos restritos. Sabemos que estes migrantes são os únicos que tomam como grupos restritos de referência os grupos nacionais franceses. Para nós não se trata de uma falta de coerência interna dos resultados, mas de incoerência existencial. A apreensão dos grupos de referência foi feita a dois níveis diferentes. No caso dos grupos restritos, os grupos de referência são apreendidos sobretudo ao nível imaginário, enquanto a identidade nacional é sobretudo apreendida ao nível real. Todavia a comparação dos resultados a estes dois níveis leva-nos a colocar a hipótese de que se a adaptação integrativa pressupõe tomar como referência os grupos restritos da sociedade de acolhimento, ela pode também acompanhar-se da identificação ao grupo nacional de origem. Em todo o caso, esta identificação seria a última a dissipar-se, se porventura se dissipa nos migrantes da primeira geração.

Não se pode perder de vista que a adaptação não obedece à lei do tudo ou nada, mas que é um processo dinâmico, a partir do qual o migrante procura construir uma nova identidade.

Passamos agora aos quadrantes formados pelos eixos 1 e 3 (figura 3). Limitar-nos-emos a comentar os qualificativos psicológicos, pois, no respeitante às referências identificatórias sociais, seríamos de certo modo levados a repetir o que já foi dito.

No quadrante superior esquerdo projecta-se a valorização de si. Esta valorização caracteriza sobretudo os sujeitos que ainda não decidiram qual o seu país de evolução no futuro. Os migrantes em conflito de escolha, com um dinamismo que lhes permite encarar o seu futuro nos dois espaços nacionais interrelacionados pela migração, são os que mais se valorizam. Esta escolha virtualmente aberta, acompanhada de uma valorização de si, é sintomática do sentimento de poder dominar os acontecimentos " aqui " e " lá baixo ". Pois, como escreve Codol (1978, p. 6) a valorização de si consiste sobretudo " em atribuir a si próprio um certo poder sobre o meio material e social. Conceber-se a si próprio como fonte de efeitos particulares, ter o sentimento de poder influir sobre as coisas e os seres, dirigir ou dominar, pelo menos parcialmente, os acontecimentos ... são correlativos

Figura 3 - Localização das modalidades do  
Quem Sou eu? no plano determi-  
nado pelos eixos 1 e 3

representação de si social positiva		referências ao regresso	
G V	representação de si comportamental positiva	referências familiares	estado civil
		G II	
		habita Reims	
		tempo de estadia: 4-7 anos	
G IV	referências políticas	casados acompanhados	mulheres
		G I	
	homens	habita arredores de Paris	
	tempo de estadia: 10-13 anos	casados não acompanhados	referências migratórias
G VI	identidade sexual	G III	tempo de estadia: 13-e mais anos
	representação de si positiva	habita Paris	
	estatuto sócial	solteiros	
		representação de si social negativa	G VI
imagem do corpo		representação de si negativa	
	outras referências	representação de si comportamental negativa	



de forte imagem positiva de si ".

O quadrante inferior direito caracteriza-se pela desvalorização de si, quer ao nível comportamental, como ao nível das relações sociais e até ao nível das características pessoais. Este perfil corresponde sobretudo aos solteiros, residentes em Paris e que têm um tempo de estadia mais longo. Bem implantado no âmago deste quadrante, encontramos a intenção de se instalar definitivamente em França que é o grupo onde mais transparece a crise da identidade. Por um lado, são os que mais se desvalorizam e, por outro lado, são os que apresentam uma imagem de si incoerente denotada pelo facto de terem como grupos restritos de referência, os franceses, enquanto que a referência ao grande grupo nacional lusitano está bem presente. Ora a incoerência da imagem de si e a desvalorização de si são sinais de crise de identidade (Malewska-Peyre et al., 1982). Esta crise da identidade é um custo psicológico da adaptação integrativa que por ora não confere aos sujeitos o poder de dominar o meio material e social " aqui ", e " lá baixo " já não constitui alternativa para esse poder se projectar. A adaptação integrativa ainda não lhes permite fazer uma síntese harmoniosa do sentimento da sua própria diferença e da sua unidade. Todavia, como a crise da adolescência, por vezes dolorosa, é uma passagem obrigatória a partir da qual o adolescente vai constituir-se como pessoa independente, a crise de identidade dos migrantes é a condição "sine qua non" para que a adaptação se efectue em condições que permitam ao sujeito adquirir a sua integração na nova sociedade.

O regresso, para os migrantes que o encaram, permite recompor o sentimento de continuidade da sua vida e a identidade da sua pessoa. Mesmo se, na sociedade de acolhimento, os migrantes têm o sentimento de não poder dirigir os acontecimentos, este poder é-lhes assegurado pelas referências a um projecto de vida no país de origem. Estas referências ancoradas algures, conferem ao migrante, sobretudo nos meios rurais, um certo prestígio, como veremos. Pelo contrário, os grupos aos quais os sujeitos podem pertencer na sociedade francesa, como trabalhadores migrantes, não lhes conferem nenhum prestígio. Por exemplo, o tipo de trabalho em razão da sua qualificação, do poder e do prestígio que lhe estão associados, é desvalorizante. A ideia de regresso parece, no entanto, proteger o migrante da desvalorização de si. " Parece bem que, neste caso, o indivíduo criador deverá aceitar a identidade negativa como a base para uma nova partida " (Erickson, 1978, p. 21).

Solitário

por entre a gente vi o meu país.

Era um perfil

de sol

e Abril.

Era um puro país azul e proletário.

Anónimo passava. E era Portugal

que passava por entre a gente e solitário  
nas ruas de Paris.

Vi a minha pátria derramada

na gare de Austerlitz. Eram cestos

e cestos pelo chão.

Pedaços do meu país.

Restos.

Braços.

Minha pátria sem nada

sem nada

despejada nas ruas de Paris.

E o trigo?

E o mar?

Manuel Alegre

Em relação com a segunda vertente da nossa hipótese geral de trabalho, isto é, a presença ou a ausência da perspectiva de regresso ao país de origem, acompanha-se de constelações de variáveis indicativas deste comportamento intencional ao nível das representações da situação no país de origem, passamos agora a examinar a avaliação da dificuldade do regresso e a atitude perante os dois pólos nacionais postos em relação pela migração.

### 5.1/ Dificuldades no regresso

Abordar-se-á a representação global de dificuldade ou facilidade que o regresso acarreta e as dificuldades pontuais que ele pode levantar à chegada ao país de origem ou ao deixar o país de acolhimento. Mas antes, vejamos se a data do regresso já foi marcada no passado e se não foi cumprida, precisamente por essas dificuldades.

15 % dos sujeitos já tinham marcado, no passado, uma data para regressar e não efectuaram esse regresso. Só os sujeitos que estão em conflito de escolha e os que pensam instalar-se definitivamente em França, jamais localizaram no passado uma data para o regresso. Mais de um quarto dos que pensam regressar num futuro mais próximo já marcaram uma data não cumprida.

De entre aqueles que não têm um projecto certo de ficar em França, 53 % imaginam o regresso difícil e 43 % imaginam-no fácil. A distribuição por sexos não apresenta diferenças significativas.

Quadro 1 - Percepção do regresso difícil segundo os grupos (%).

	G I	G II	G III	G IV	G V
Difícil	68,3	42,9	44,1	0,0	71,4

Os grupos diferenciam-se significativamente ( $p < 0,01$ ) segundo a percepção global da dificuldade a enfrentar aquando do seu eventual regresso.

O grupo que imagina o regresso como mais difícil é o que não fez a escolha entre ficar em França ou regressar a Portugal, seguido daquele que não fez a escolha quanto ao prazo do regresso. O regresso é portanto globalmente percepçionado como mais difícil pelos grupos indecisos. O grau de dificuldade nos grupos que pensam regressar num futuro próximo e intermédio é quase idêntico. Ninguém pertencente ao grupo dos que pensam regressar aquando da reforma, considera o regresso como difícil.

Para apreender a atitude dos sujeitos face ao regresso, apresentamos a cada migrante uma lista de dificuldades a resolver, susceptíveis de ocorrer na altura do regresso definitivo ao seu país.

A escala compunha-se de 5 itens:

- adaptar-se à mentalidade das pessoas
- encontrar um trabalho

- falta de tempos livres
- ter um salário conveniente
- encontrar habitação.

Ao migrante era deixada a possibilidade de incluir outros itens nesta lista. A escolha dos itens apresentados foi feita após a análise de conteúdo das entrevistas preliminares<sup>(1)</sup>.

Se compararmos esta escala com as escalas clássicas utilizadas pelos psicólogos sociais, ela pode parecer-nos demasiado simples. Sem dúvida que os itens podiam ser mais matizados, mas não se deve perder de vista que esta escala foi integrada num questionário bem mais amplo. Por consequência, se multiplicássemos os itens da escala, essa técnica já não seria utilizável no nosso questionário, já que por um lado prolongar-se-ia a duração da entrevista e, por outro lado, aquele foi administrado oralmente. A nossa população compõe-se de operários e comporta um número bastante considerável de analfabetos. Ora, a maioria das escalas utilizadas pelos psicólogos sociais foram destinadas para medir atitudes de uma população universitária. Ao utilizar esta escala pensamos nas características da nossa população.

A escala foi administrada a todos os sujeitos menos ao G VI, já que para este grupo que não mais encara o regresso, não se põem problemas desta ordem. Portanto, no total, responderam a esta escala 102 sujeitos.

- 
- (1) - A quantificação dos resultados foi feita da seguinte maneira:
- o número  $n$  de pontos atribuídos ao problema classificado em primeiro lugar, é igual ao número  $n$  de problemas ordenados;
  - o número  $n-1$  de pontos atribuídos ao problema classificado em segundo lugar, é igual ao número de problemas menos 1 ( $n-1$ );
  - o número  $n-2$  de pontos atribuídos ao problema classificado em terceiro lugar, é igual ao número  $n$  de problemas menos 2 ( $n-2$ );
  - o número  $n-3$  de pontos atribuídos ao problema classificado em quarto lugar, é igual ao número  $n$  de pontos ordenados menos 3 ( $n-3$ );
  - o número  $n-4$  de pontos atribuídos ao problema classificado em quinto lugar, é igual ao número  $n$  de pontos ordenados menos 4 ( $n-4$ ).

Os totais de pontos são: 1 ponto se o sujeito apenas menciona um problema, 3 pontos se o sujeito menciona dois problemas, 6 pontos se o sujeito menciona três problemas, 10 pontos se o sujeito menciona quatro problemas e finalmente 15 pontos se o sujeito menciona cinco problemas.

Quadro 2 - Número de pontos da escala de atitude face ao regresso segundo o sexo.

. n° de pontos	homens	n° de pontos	mulheres	n° de pontos	total	n° de pontos
0	4	0	10	0	14	0
1	8	8	12	12	20	20
3	16	48	14	42	30	90
6	14	84	6	36	20	120
9 <sup>+</sup>	1	9	0	0	1	9
10	2	20	0	0	2	20
15	9	135	6	90	15	225
Total	54	304	48	180	102	484

<sup>+</sup> - Foram atribuídos nove pontos a um caso que colocou três itens, todos com a mesma importância; portanto, para cada item, 3 pontos.

A primeira constatação que podemos fazer, é que existem quase tantos sujeitos que não classificam nenhum problema, como sujeitos que classificam os cinco problemas. Mais frequentemente, os sujeitos classificam três problemas. O número médio de pontos é de 4,7 ( $\bar{x} = 4,8$ ), sendo o número de pontos para os homens 5,6 ( $\bar{x} = 4,8$ ), superior ao das mulheres 3,8 ( $\bar{x} = 4,7$ ). Os homens têm mais problemas a resolver que as mulheres, aquando do regresso.

Quadro 3 - Número de pontos por cada item segundo o sexo.

	homens	mulheres	total
trabalho	102	64	166
salário	84	48	132
mentalidade	36	35	71
habitação	44	22	66
lazer	38	11	49
Total	304	180	484

A maior dificuldade para o regresso diz respeito ao trabalho e aos direitos sociais em referência aos direitos de trabalho em França. A maior parte estão conscientes do facto que o seu país não pode oferecer-lhes exactamente os mesmos salários, directos e indirectos.

Mas o problema do regresso e da reinserção dos migrantes portugueses no seu país, não é somente de ordem económica, é também um problema de ordem sócio-cultural.

Efectivamente, se a migração tem por efeito o confronto, na esfera de produção, dos trabalhadores portugueses com um mundo industrial que para a grande maioria era um estranho, confronta-os simultaneamente com uma ordem social e um modelo cultural. Assim, o terceiro problema a defrontar aquando de um eventual regresso será a dificuldade de adaptação à mentalidade das pessoas.

"Grosso modo", trata-se de uma emigração de média duração, efectuada numa idade relativamente nova e portanto, mais maleável, menos estereotipada, de contacto com zonas urbanas, factores que podem tornar mais difícil uma nova adaptação à sociedade de origem. Por outro lado, a sociedade lusa onde desejam regressar está igualmente em mutação e é, por conseguinte, diferente da sociedade que deixaram " ... As mentalidades evoluíram, as relações e estruturas sociais modificaram-se pelo contacto com os mesmos emigrados que de qualquer modo importavam ideias novas com as divisas. Ao fim de alguns anos, a imagem que o emigrado tem da sua terra de origem não corresponde mais à realidade; ele sente-se aos poucos um estrangeiro na sua casa. Ao mesmo tempo, as comunidades em França conservam tradições que se modificaram ou se extinguíram no país de origem. Quando o emigrado se decide a regressar ' a sua casa ', descobre que o país dos seus sonhos já não existe mais " (Briot, Verbunt, 1981, p. 85).

Mas vários outros factores podem também facilitar essa readaptação. A grande maioria dos migrantes nunca se integrou completamente no país de imigração, encontrando-se vinculada ao país de origem.

A habitação, que é um grande problema em Portugal, não era um problema muito grande para os migrantes.

Em último lugar, vêm os tempos livres.

Em suma, o trabalho e concomitantemente o salário são, para a maioria, um problema insolúvel, muito mais que o alojamento. Se a vontade individual da utilização da poupança pode ser suficiente para resolver o problema do alojamento, não o é no caso do trabalho. Só uma vontade política que transcende a decisão do migrante pode resolver tal problema. Discursos políticos manifestam intenção de utilizar a poupança dos migrantes na criação de empregos. Entre os votos de discursos e a realidade percebida pelo migrante, há um desfiladeiro por ora intransponível.

A distribuição por sexo é idêntica no que diz respeito aos dois primeiros problemas: o trabalho e o salário. Nisso, toda a gente está de acordo. Se as mulheres classificaram em terceiro lugar a adaptação à mentalidade das pessoas, os homens, no entanto, classificam-na em último lugar. O processo migratório traz à mulher uma maior liberdade, uma libertação de servidões antigas, uma certa independência. As mulheres que trabalharam, terão com frequência problemas de reinserção num meio onde os costumes lhes concedem pouca autonomia. Ela tem um salário, sofre menos as pressões do ambiente social e familiar e está menos submetida a tabus sexuais. As migrantes portuguesas passaram de uma sociedade rural fortemente influenciada pela religião e onde o estatuto da mulher era inferior ao do homem, para uma sociedade industrializada onde o peso do catolicismo sobre os valores é muito menos forte e onde o estatuto da mulher está em mudança. " Diferentemente dos homens, a sua inserção na sociedade francesa não se limita à sua inserção no sistema de produção. Pelo facto do seu papel de donas de casa e de mães, elas estão em contacto com comerciantes, professoras da escola, médicos, ... " (Lévi, 1977, p. 287). Adquiriram efectivamente um novo papel no casal, substituindo muitas vezes o marido no contacto com o exterior, ganharam uma maior autonomia. A imagem do pai pode ser desvalorizada pelas crianças, contribuindo a migração para a mudança do estatuto das mulheres na família. Voltar ao país é sinónimo de pressão do meio, já experimentada aquando de férias anteriores. Retorno ao antigo, ou inovação ? Em todo o caso há uma mudança nos estereótipos femininos nas aldeias de origem, modelada talvez pelos contactos com os emigrantes em férias.

Quadro 4 - Escala de atitude face ao regresso segundo os grupos (em número médio de pontos).

G I	G II	G III	G IV	G V
5	6,3	2,9	3,2	10

É o G V, ou seja, o grupo que não escolheu entre ficar em França ou regressar a Portugal, que classifica um número maior de problemas. Segue-se-lhe o grupo cujo regresso está mais próximo, em menos de três anos. Aqueles para quem a ideia de regresso está presente, mas dentro de mais de dois anos (G III e G IV), têm valores bastante próximos.

Os sujeitos que pensam regressar num futuro mais próximo não vêm pois a sua

instalação sem dificuldades. Pôr-se-á a questão: será que estas dificuldades não vão levar o migrante a adiar o seu regresso ? Não será a ideia do regresso um motor para engendrar a força necessária para poder viver numa sociedade estranha e estrangeira ? Uma tal verificação só poderia ser feita por um estudo longitudinal. Temos um exemplo à mão, vestígio do pré-inquérito realizado em Portugal. Regra, excepção ... ? Verão de 1976, a família instala-se na aldeia. As causas mencionadas para o regresso foram as dificuldades de saúde da mulher. De médico em médico, a saúde não melhorava. Depois de instalados na casa já remodelada e invadida pelos electrodomésticos mais modernos, o marido declara todavia a intenção de ficar em França, ainda mais seis meses, já que na aldeia não há trabalho. " Se houvesse bons terrenos para comprar, eu fá-lo-ia, mas aqueles que têm bons terrenos não os querem vender. Só querem vender os terrenos cheios de calhaus. Assim, vou continuar com o meu trabalho em França e a mulher e os filhos ficarão aqui ". Outubro de 1984. Este migrante vive ainda em França não acompanhado da sua família.

Para que possamos fazer uma ideia mais apurada da importância de cada dificuldade em relação às outras, distribuímo-las pelos diferentes itens. Há uma observação importante a fazer: o número de pontos só é comparável no interior de cada grupo.

Quadro 5 - Número de pontos por item segundo os grupos.

	G I	G II	G III	G IV	G V	Total
Trabalho	78	22	42	4	20	166
Salário	56	23	31	3	19	132
Mentalidade	29	14	13	5	10	71
Habitação	27	17	5	5	12	66
Lazeres	17	12	9	2	9	49

Em todos os grupos, encontrar trabalho e ter um salário conveniente, ocupam os primeiros lugares, excepto no G IV, o que é consequente com o que vimos anteriormente, pois esse grupo, aquando do regresso, não pensa trabalhar mais.

De notar que para o grupo que deseja regressar num futuro mais próximo, o problema do alojamento não está totalmente resolvido.

Depois de termos apresentado a escala de atitude em relação ao regresso,



vamos ver finalmente o que os emigrantes pensavam ser mais difícil de deixar em França, depois de um regresso definitivo.

Aquilo que é mais difícil de deixar em França aquando de um regresso definitivo a Portugal, entre aqueles que já não têm um projecto certo de lá ficar, é o salário (25 %). Em segundo lugar, fica o modo de vida (20 %). Apesar de todas as críticas que os imigrantes possam formular acerca da sociedade de acolhimento, eles adquiriram lá todavia uma certa liberdade individual, de costumes ou de expressão. Em terceiro (19 %), estão os que afirmam que não há nada de difícil para deixar. É também feita menção aos amigos, ao alojamento, à família. A distribuição por sexo é um pouco diferente. Assim, para os homens, o salário é mais difícil de deixar (28 %), do que para as mulheres (21 %), bem como os amigos (19 % contra 6 %). As mulheres estão mais ligadas ao modo de vida em França (29 %) que os homens (11 %), o que vai no sentido das afirmações já feitas, onde a França a parece como a terra de libertação de certas imposições. Se 24 % dos homens dizem que não têm nada de que arrepender-se quando deixarem a França, apenas 12 % das mulheres são da mesma opinião.

Apesar dos efectivos restritos, a comparação inter-grupos mostra que há tendências que se esboçam entre as categorias que ocupam os dois primeiros lugares: o salário e o modo de vida. Quanto mais próximo está o prazo do regresso, é maior a percentagem daqueles que se arrependerão de deixar um salário e mais pequena é a percentagem daqueles que se queixam do modo de vida.

## 5.2/ As representações de aqui e de "lá-baixo"

A migração põe em relação dois espaços geográficos que não são redutíveis ao aspecto topográfico. A este aspecto está ligado o aspecto psicológico, suporte de projecção ou de introjecção para objectos internos bons (gratificantes) ou maus (frustrantes). " A dimensão geográfica toma em consideração o aspecto físico do terreno, as características naturais do meio, as modificações introduzidas pela mão do homem (arquitecturais, de urbanismo ..., etc) e também a 'sociedade' que o habita com toda a complexidade de interacção entre os indivíduos " (Beauchesne, Esposito, 1981, p. 59). Vamo-nos ocupar agora da representação da vida social dos dois países postos em relação pela migração. Associar-se-ão aos diferentes projectos migratórios, constelações diferentes de representações dos países de origem e de acolhimento?

○ O nosso propósito aqui não é pois fazer uma imagologia portuguesa e francesa, isto é, um discurso crítico sobre as imagens que forjamos de nós próprios ou dos outros. Nesta perspectiva, por exemplo, uma imagologia portuguesa centrada quase exclusivamente nas imagens de origem literária foi esboçada por Lourenço (1978), num ensaio recente.

Toda a amostra viveu até à idade adulta no país de origem. Todos os sujeitos podem referir-se a uma experiência vivida no seu país, o que não é o caso de muitas crianças de migrantes. A grande maioria da amostra mantém ligações com o país de origem, como já se viu. As representações forjadas não são pois só o resultado de vivências anteriores à migração, mas durante a migração pode haver confrontação com elas.

A transplantação numa sociedade diferente da sociedade de origem acompanha-se também necessariamente da confrontação com outras representações do mundo. Interessa-nos por isso igualmente abordar as representações do país de acolhimento que são o resultado de um já longo contacto com essa sociedade, pois, como se viu, nenhum dos sujeitos da amostra tem menos de 4 anos de tempo de estadia no estrangeiro.

Dos 110 sujeitos da amostra obtiveram-se 101 respostas totais, isto é, respostas ao mesmo tempo às representações de Portugal e da França. Todas as recusas em responder foram femininas: 2 recusas totais e 7 recusas parciais (4 sobre Portugal e 3 sobre a França).

Mesmo se a migração pode criar uma imagem idílica do país natal, tal reconstrução não é tão forte que possa fazer com que a representação do país de origem seja mais positiva que a do país de destino. Assim as representações da França são mais positivas que as de Portugal para o conjunto da amostra, excepto para os pares bonita-feia, alegre-triste, repousante-enervante, que coincidem no perfil de polaridade (quadro 6,7, figura 1). A França não comporta pois nenhuma escala mais negativa que Portugal. A escala onde o fosso é maior entre as representações dos dois países é constituída pelo par rica-pobre. Os sujeitos não esqueceram

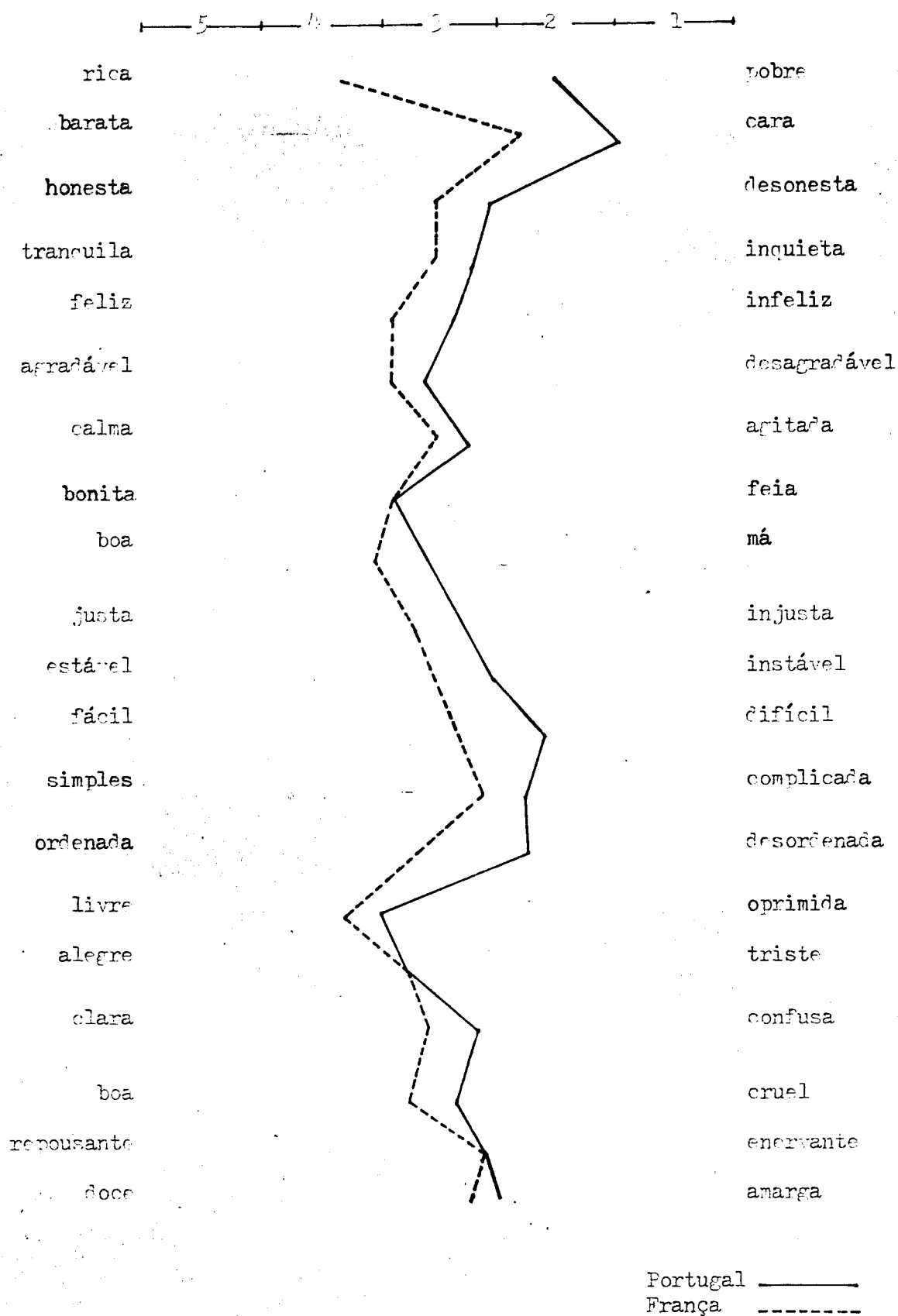
Quadro 6 Representações de Portugal (para o conjunto da amostra)

	n° de ordem	média	desvio-padrão	mediana
Livre - oprimida	1	3,6	1,4	4,2
Bonita - feia	2	3,5	1,3	4,2
Alegre - triste	3	3,4	1,3	4,2
Boa - má	4	3,3	1,2	4,0
Agradável - desagradável	5	3,2	1,3	4,1
Feliz - infeliz	6	3	1,3	3,3
Boa - cruel	6	3	1,2	2,9
Calma - agitada	8	2,9	1,3	3
Justa - injusta	9	2,9	1,2	3,1
Clara - confusa	10	2,8	1,3	2,9
Tranquila - inquieta	11	2,7	1,2	2,8
Repousante - enervante	12	2,7	1,1	2,9
Honesta - desonesta	13	2,7	1,2	2,9
Doce - amarga	14	2,6	1,1	2,8
Estável - instável	15	2,6	1,2	2,7
Ordenada - desordenada	16	2,3	1,1	2,6
Simples - complicada	17	2,3	1,1	2,5
Fácil - difícil	18	2,2	1,1	2,5
Rica - pobre	19	2,1	1,0	2,5
Barata - cara	20	1,6	0,7	2,0

Quadro 7 Representações da França (para o conjunto da amostra)

	n° de ordem	média	desvio-padrão	mediana
Livre - oprimida	1	3,9	1,1	4,4
Rica - pobre	2	3,9	1,0	4,3
Boa - má	3	3,6	1,0	4,2
Bonita - feia	4	3,5	1,1	4,2
Agradável - desagradável	5	3,5	1,2	4,3
Feliz - infeliz	6	3,5	1,2	4,2
Alegre - triste	7	3,4	1,2	4,1
Justa - injusta	8	3,3	1,2	4,1
Ordenada - desordenada	9	3,3	1,2	4,1
Boa - cruel	10	3,2	1,2	4,1
Clara - confusa	11	3,2	1,2	4,1
Estável - instável	12	3,1	1,1	3,6
Honesta - desonesta	13	3,1	1,2	3,7
Calma - agitada	14	3,1	1,2	3,5
Tranquila - inquieta	15	3,1	1,2	3,7
Fácil - difícil	16	2,9	1,2	2,9
Doce - amarga	17	2,9	1,2	3,2
Repousante - enervante	18	2,7	1,2	2,9
Simples - complicada	19	2,7	1,2	2,8
Barata - cara	20	2,4	1,0	2,7

Figura 1: Perfil de polaridade das representações de Portugal e da França para o conjunto da amostra



o fenómeno miséria desencadeador da partida na moderna migração para a Europa. Pobres, separam-se de seus lares para servir povos mais ricos. Situam-se em seguida como escalas onde a distância entre as representações é maior: ordenada-desordenada, barata-cara, fácil-difícil, feliz-infeliz.

Para efectuar a comparação inter-grupos, recoreu-se não só à análise factorial das correspondências que exporemos mais adiante, como a um procedimento estatístico destinado a verificar a congruência das respostas associativas às duas palavras-estímulos para o conjunto das escalas. Essa congruência é medida pelo escore  $D = \sqrt{\sum d^2}$ , em que  $d$  é a diferença entre duas notas aferentes aos dois estímulos para uma escala, o somatório  $\sum$  abarcando o conjunto das escalas utilizadas. Quanto menos elevado seja  $D$ , tanto mais os dois estímulos são julgados similares quanto à sua significação.

Quadro 8: Os grupos e os escores D

G I	G II	G III	G IV	G V	GVI
2,3	1,9	2,8	4,6	6,9	4,1

Para o conjunto da amostra  $D = 2,7$ , não existindo diferenças intersexuais (homens  $D = 2,7$ , mulheres  $D = 2,6$ ). Relativamente aos grupos, o escore  $D$  permite-nos verificar que quanto mais a localização temporal do regresso está afastada, tanto maior é o fosso entre as representações de Portugal e da França. Os dois estímulos são julgados de maneira menos similar quanto à sua significação pelos que estão em conflito de escolha.

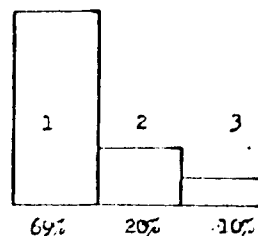
As cinco escalas mais discriminativas das representações de Portugal e da França foram submetidas à AFC, sendo previamente recodificadas em três modalidades cada escala. O escalão central manteve-se e os dois escalões extremos de cada escala recodificaram-se num só escalão que nos dão a direcção do julgamento podendo ser positivo ou negativo. As dez escalas estão pois na origem de 30 modalidades que foram projectadas como elementos principais, tendo sido projectados como elementos suplementares além dos grupos as características da população.

Os quadros que se seguem compreendem para cada escala, os elementos úteis à nossa análise, visualizando-se num histograma o peso (em %) de cada escalão.

a) nobre-rica

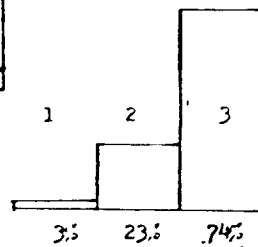
a vida em Portugal

Graus	Peso	Var	F1	CTR	F2	CTR	F3	CTR
1	68	17	218	10	-223	15	240	22
2	20	38	-1029	67	138	2	-310	11
3	10	13	500	8	987	43	-1027	57
total		98%		85%		60%		90%



a vida em França

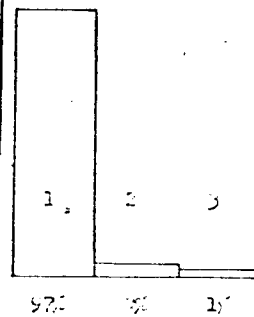
Graus	Peso	Var	F1	CTR	F2	CTR	F3	CTR
1	3	48	977	9	202	1	-887	13
2	23	41	-1068	83	-65	0	-248	8
3	75	13	295	20	28	0	107	5
total		100%		112%		1%		26%



b) cara-barata

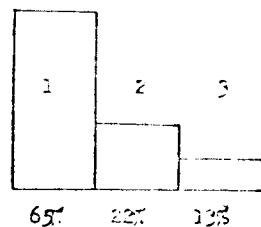
a vida em Portugal

Graus	Peso	Var	F1	CTR	F2	CTR	F3	CTR
1	96	3	38	0	-27	0	29	0
2	2	47	-1200	9	-646	4	-741	6
3	1	48	-1469	7	3182	44	-1071	6
total		98%		16%		48%		12%



a vida em França

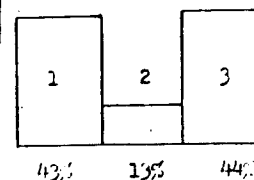
Graus	Peso	Var	F1	CTR	F2	CTR	F3	CTR
1	65	19	88	2	-18	0	-46	81
2	22	37	-689	35	13	0	762	72
3	13	45	727	22	146	1	1000	76
total		100%		5%		1%		229%



## c) infeliz-feliz

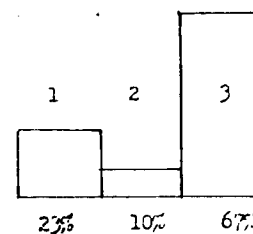
## a vida em Portugal

Graus	Peso	Var	F1	CTR	F2	CTR	F3	CTR
1	42	29	552	41	-391	29	-136	4
2	13	45	-1755	130	-615	23	490	18
3	43	27	4	0	555	61	12	0
total		101%		171%		113%		22%



## a vida em França

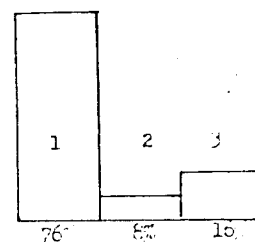
Graus	Peso	Var	F1	CTR	F2	CTR	F3	CTR
1	23	39	226	4	-604	38	-1029	137
2	10	43	-2029	124	-13	0	230	3
3	68	17	213	10	224	16	311	37
total		99%		138%		54%		177%



## d) difícil-fácil

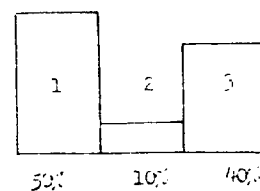
## a vida em Portugal

Graus	Peso	Var	F1	CTR	F2	CTR	F3	CTR
1	75	13	169	7	-416	59	176	10
2	3	44	-1319	42	649	15	-501	15
3	16	43	-160	1	1557	120	-516	2
total		100%		50%		254%		52%



## a vida em França

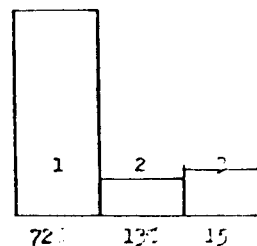
Graus	Peso	Var	F1	CTR	F2	CTR	F3	CTR
1	51	25	-16	0	-174	52	-138	53
2	10	43	-1526	70	-246	3	1017	56
3	40	31	390	19	607	86	896	20
total		90%		89%		144%		129%



e) desordenada/orienada

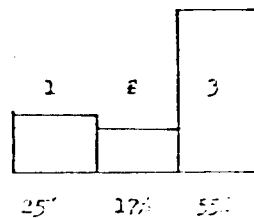
a vida en Portugal

Graus	Peso	Var	F1	CTR	F2	CTR	F3	CTR
1	71	15	317	23	-356	41	145	3
2	13	42	-1623	103	-303	5	-153	2
3	15	41	-156	1	1839	236	-523	24
total		98%		125%		202%		30%



a vida en Franca

Graus	Peso	Var	F1	CTR	F2	CTR	F3	CTR
1	25	36	279	6	-512	30	-1461	158
2	17	42	-1532	120	-32	0	-46	0
3	50	22	338	21	243	16	401	70
total		100%		155%		46%		228%





É de notar que para o estímulo "Portugal" é sobretudo o primeiro grau que é utilizado (pólo negativo), o que denota uma atitude sobretudo desfavorável em relação ao país de origem. A vida em Portugal é julgada pobre, cara, difícil e desordenada. Ao invés, para França, em três das cinco escalas é sobretudo o terceiro grau (pólo positivo) que é utilizado, o que denota uma atitude sobretudo favorável em relação ao país de destino. A vida em França é julgada rica, feliz, ordenada; pelo contrário, é julgada sobretudo difícil e cara. Reencontramos pois de uma outra maneira o que o perfil de polaridade nos tinha mostrado para o conjunto das escalas utilizadas.

A pertinência das escalas é-nos confirmada pelo facto do grau 2 ser em todos os casos pouco utilizado.

A percentagem de inércia extraída pelos três primeiros eixos é de 34,4%.

O primeiro factor representa 15,3% da inércia total. Reúne no pólo negativo oito das dez modalidades intermediárias e no pólo positivo só uma modalidade que se refere à vida em Portugal infeliz. A observação destas contribuições superiores à média deixa filtrar que estamos perante um eixo monopolar que associa as representações intermediárias dos países de origem e de acolhimento.

O segundo factor extrai 10,6% da inércia total. Encontram-se no pólo negativo, representações negativas quer da vida em Portugal, como difícil e desordenada, quer da vida em França, como igualmente difícil e desordenada. No pólo positivo encontram-se todas as representações positivas de Portugal e ainda a modalidade que exprime a vida fácil em França. Este eixo parece assim reflectir sobretudo a oposição entre as representações positivas/negativas do país de origem.

O terceiro factor extrai 8,5% da inércia total. Reúne no pólo negativo todas as representações negativas da vida em França, à excepção da modalidade pobre, esta aparecendo aí associada à vida em Portugal. No pólo positivo encontram-se representações intermediárias ou positivas de França. Este eixo parece assim reflectir a oposição entre as representações positivas, intermediárias/negativas do país de acolhimento.

Os diferentes grupos são melhor caracterizados pelos eixos 2 e 3 que pelo eixo 1, como nos vai mostrar o exame dos quadrantes formados pelos planos 1-2 e 1-3.

No plano 1-2, dois grupos aparecem nitidamente caracterizados. No quadrante inferior direito localizam-se os que pensam regressar a Portugal aquando da reforma e aí encontramos uma série de modalidades que denotam representações negativas do país de origem. Assim a vida em Portugal é representada como sendo infeliz, desordenada, pobre, difícil. No quadrante superior direito, associado ao grupo que pensa instalar-se em França definitivamente, temos uma constelação de modalidades que reflectem representações positivas do país de acolhimento: a vida ordenada, barata, feliz, fácil.

**Fixo 2**

**VIDA ORDENADA  
EM PORTUGAL**

**VIDA FÁCIL  
EM PORTUGAL**

• VIDA RICA  
EM PORTUGAL

VIDA FÁCIL  
EM FRANÇA

VIDA FELIZ  
EM PORTUGAL

•VIDA FELIZ  
EM FRANÇA

**MULHERES**

TEMPO DE ESTADIA:  
4-10 ANOS

VIDA NEM BARATA  
NEM CARA EM FRANÇA

**VIDA NEM RICA  
NEM POBRE  
EM FRANÇA**

**EM FRANÇA**

**EM FRANÇA**

ESTUDOS PRIMÁRIOS  
INCOMPLETOS

VIDA POBRE  
EM PORTUGAL

HABITA PARIS

**VIDA DESORDENADA  
EN PORTUGAL**

VIDA NEM FELIZ  
NEM INFELIZ  
EM PORTUGAL

VIDA NEM CARA  
NEM DARATA  
EM PORTUGAL

VIDA DIFÍCIL  
EM PORTUGAL

VIDA DIFÍCIL  
EM BRANCA

VIDA INTELIZ  
EM PORTUGAL

VIDA DESORDENADA  
EM FRANÇA

**-CASADOS  
ACOMPANHADOS**

VIDA INFELIZ  
EM FRANÇA

G IV

G VI

**TEMPO DE ESTADIA:**

MAIS DE 10 ANOS

**HABITAVA VILA**

**-JON ENE**

• HABITAVA CIDADE

VIDA POBRE  
EM PORTUGAL

HABITA PARIS

**VIDA DESORDENADA  
EN PORTUGAL**

VIDA NEM FELIZ  
NEM INFELIZ  
EM PORTUGAL

VIDA NEM CARA  
NEM DARATA  
EM PORTUGAL

VIDA DIFÍCIL  
EM PORTUGAL

VIDA DIFÍCIL  
EM BRANCA

VIDA INTELIZ  
EM PORTUGAL

VIDA DESORDENADA  
EM FRANÇA

**-CASADOS  
ACOMPANHADOS**

VIDA INFELIZ  
EM FRANÇA

FIGURA 3 - LOCALIZAÇÃO DAS MODALIDADES DAS REPRESENTAÇÕES DE PORTUGAL E DA FRANÇA NO PLANO DETERMINADO PELOS EIXOS 1 E 3.

•VIDA NEM FÁCIL  
NEM DIFÍCIL EM FRANÇA

•VIDA NEM FELIZ  
NEM INFELIZ  
EM PORTUGAL

•VIDA NEM FELIZ  
NEM INFELIZ  
EM FRANÇA

•VIDA NEM BARATA  
NEM CARA EM FRANÇA

•VIDA NEM ORDENADA  
NEM DESORDENADA EM  
FRANÇA

•VIDA NEM ORDENADA  
NEM DESORDENADA EM  
PORTUGAL

•VIDA NEM FÁCIL  
NEM DIFÍCIL  
EM PORTUGAL

•VIDA NEM BARATA  
NEM CARA EM  
PORTUGAL

•VIDA BARATA  
EM PORTUGAL

•VIDA NEM RICA  
NEM POBRE EM  
FRANÇA

•VIDA NEM RICA  
NEM POBRE EM  
PORTUGAL

EIXO 3

GV

•VIDA ORDENADA  
EM FRANÇA

•VIDA FELIZ  
EM FRANÇA

•HABITAVA  
VILA

•VIDA POBRE  
EM PORTUGAL

•VIDA DIFÍCIL  
EM PORTUGAL

•HABITA REIMS  
EM PORTUGAL

•VIDA RICA  
EM FRANÇA

•CASADOS  
ACOMPANHADOS

•TEMPO DE ESTADIA:  
MAIS DE 10 ANOS

GVI

GIV

EIXO 1

•ESTUDOS PRIMÁRIOS  
INCOMPLETOS

•HABITAVA ALDEIA  
HOMENS

•SOLTEIROS

•CASADOS NÃO ACOMPANHADOS

•VIDA DIFÍCIL  
EM FRANÇA

•VIDA CARA  
EM FRANÇA

GII

•VIDA FÁCIL  
EM PORTUGAL

•VIDA ORDENADA  
EM PORTUGAL

•VIDA INFELIZ  
EM FRANÇA

•VIDA BARATA  
EM PORTUGAL

•VIDA DESORDENADA  
EM FRANÇA

•VIDA POBRE  
EM FRANÇA

Passando ao plano 1-3, já aí encontramos projectados todos os grupos. Os que têm intenção de regressar num futuro próximo localizam-se no quadrante inferior direito associados a uma constelação de modalidades que denotam representações negativas da vida em França. A vida em França é essencialmente caracterizada como sendo difícil, cara, infeliz, desordenada, ou até pobre. Ao invés, a vida no país de origem é representada positivamente, o que transparece através das modalidades fácil e ordenada. No quadrante superior direito encontramos os três grupos que apresentam uma melhor integratividade: a intenção de enraizamento, a intenção de regressar num futuro afastado e o conflito de escolha. Os três grupos encontram-se associados a constelações de representações positivas do país de acolhimento e negativas do país de origem. Todavia o G V é melhor caracterizado pela constelação de representações positivas da vida em França, enquanto que o G IV e o GVI pela constelação de representações negativas do país de origem. Os restantes grupos, ou seja, a intenção de regresso num futuro intermédio e num futuro indeterminado, localizam-se já mais perto do centro de gravidade. Os que têm intenção de regressar num futuro indeterminado aparecendo mais associados a representações intermédias do país de destino e os que têm intenção de regressar num futuro intermédio mais associados a representações negativas da vida em Portugal.

Os grupos aparecem, por conseguinte, caracterizados por diferentes constelações representacionais do país de origem e do país de acolhimento.

## 6/ DISCUSSÃO

O estudo que acabamos de analisar põe em evidência a alquimia de reacções dos migrantes da primeira geração face a um eventual regresso ao país natal, a partir das situações imediatas migratórias e das representações, fundadas numa abordagem multidimensional.

O comportamento humano é determinado por uma complexa rede de diferentes determinantes. Só alguns podem ser adequadamente medidos e observados. " Além disso, a natureza voluntarista de qualquer modelo causal nas ciências sociais e comportamentais implica que mesmo se toda a informação pertinente estivesse disponível e as nossas medidas completamente fiéis, haveria uma parte importante de variância inexplicável " (Goldlust, Richmond, 1974, pp. 194-195).

A abordagem multidimensional fornece uma base mais realística e sofisticada para a explicação de qualquer aspecto do comportamento humano, e, em particular, do comportamento migratório, que o facto de considerar uma só variável de cada vez, ou uma única dimensão. A análise das correspondências é um método rigoroso que extrai estruturas a partir dos dados (Benzécri, 1973).

Este trabalho de terreno permite fazer o balanço das vantagens e dos inconvenientes de um regresso ao país natal ou de um prolongamento da estadia em França. Encontramos variáveis que agem no sentido do prolongamento da estadia bem como variáveis que agem, como uma força de atracção a favor da partida definitiva. A imbricação dos fenómenos psico-sociais de decisão sendo complexos, é muito difícil indicar com precisão quais são as variáveis determinantes.

A primeira vertente da hipótese geral de trabalho, isto é, a presença virtual da perspectiva de regresso ao país de origem acompanha-se de constelações de variáveis indicativas deste comportamento intencional, ao nível da situação dos migrantes no processo adaptativo, parece confirmar-se globalmente. As análises das correspondências efectuadas, quer com as modalidades psicosociais da adaptação (questionário " stricto sensu " ), quer com as da identidade, mostram que os projectos migratórios aparecem associados a diferentes constelações de modalidades.

Submetidas à AFC, as modalidades do questionário " stricto sensu ", os dois primeiros factores parecem denotar a " insatisfação/satisfação " do processo migratório e a " não-integratividade/integratividade " na sociedade de acolhimento. Os eixos factoriais introduzem uma ordem que permite compreender a organização comportamental dos migrantes em relação às perspectivas de futuro. Constata-se que os grupos se distribuem pelos diferentes quadrantes. Embora se trate de grupos constituídos "a priori", a sua situação nos eixos válida o seu valor classificatório "a posteriori" em relação às variáveis psicosociais

da adaptação. A análise dos respectivos quadrantes permite distinguir quatro tipos de adaptação:

1. A adaptação insatisfatória a que se associa o projecto de regresso num futuro próximo;
2. A adaptação instrumental que caracteriza melhor o projecto de regresso num futuro intermédio;
3. A adaptação satisfatória a que se associa o projecto de regresso num futuro afastado e o conflito de escolha entre partir ou ficar;
4. Finalmente, a adaptação integrativa em cujo perfil se insere o projecto de enraizamento.

Só o grupo que deseja regressar num futuro indeterminado não aparece claramente descrito pelos tipos de adaptação mencionados, embora se aproxime da adaptação insatisfatória.

É óbvio que a tipologia descrita é uma simplificação e não deixa transparecer a quase infinita variedade dos diferentes modos em que as variáveis consideradas neste estudo (e outras que tenham sido omitidas) podem combinar-se. Contudo, fornece um suporte conclusivo a uma abordagem multidimensional da adaptação do migrante, relacionada com as perspectivas de regresso.

Em relação a esta análise, quereríamos chamar a atenção para dois pontos: em primeiro lugar, para o facto de os dois primeiros factores serem independentes e em segundo lugar para a clivagem das identificações introduzidas pelos projectos migratórios ao nível dos grupos restritos.

Os dois primeiros factores postos em evidência pela AFC aparecem independentes, pelo que tais dados vão de encontro aos resultados de certos investigadores. Por exemplo, Shuval (1963) encontrou que quanto mais alta é a satisfação, maior é a aculturação. Heiss (1966) encontrou igualmente fortes relações entre satisfação e duas variáveis da assimilação: identificação e integração. Ora os resultados apresentados não vão nesse sentido, pois pode existir uma fraca integratividade associada a uma certa satisfação do processo migratório, como acontece com o projecto de regresso num futuro intermédio, ou, ao invés, uma certa integratividade pode acompanhar-se de insatisfação, como acontece com o projecto de enraizamento. Os nossos resultados vão no sentido de outros investigadores segundo os quais os melhor integrados declaram-se os menos satisfeitos: " parece que o resgate psico-sociológico de um processo de adaptação bem sucedida seja pago por uma satisfação menor, verificação lúcida do esforço pedido " (Raveau, Galap, Lirus, Lecoutre, 1977, p. 264). Ou então: " o investigador descobrirá muitas vezes que o custo psicológico é tão pesado que o sujeito que se declara no fundo mais assimilado é finalmente o menos satisfeito " (L'entretien avec le Professeur François Raveau, 1979, p. 76).

Faça a estes resultados, propomos uma tentativa de explicação, introduzindo

"a posteriori" o conceito explicativo de "satisfação relativa", modulado pelas perspectivas migratórias de futuro. Para os que pensam regressar, a satisfação sentida "hic et nunc" seria modulada pela satisfação diferida para um futuro "lá-baixo" onde o sujeito encontrará o prazer. O indivíduo considera que o seu centro definitivo de interesse não está na sua situação actual. Este projecto teria um efeito amortecedor da realidade actual e de resignação, permitindo valores mais elevados na percepção da satisfação. Tal não é o caso dos que pensam ficar em França. O seu futuro está aqui, não encarando o presente como uma etapa intermediária, provisória, que prepara o futuro no país de origem. Para estes, prazer e realidade não andam disjuntos na nova sociedade. Privações objectivas iguais ou inferiores aos que pensam no regresso, são percebidas subjectivamente de modo menos satisfatório.

Tomemos, por exemplo, o domínio do alojamento, cujos resultados mais contribuem para uma menor satisfação dos que têm um projecto de enraizamento. As aspirações neste domínio "hic et nunc" para os migrantes cuja estadia no estrangeiro é vivida como provisória, não são tão grandes como para os sujeitos que perspectivam ficar em França. Há um provérbio português que diz: "a casa é a sepultura da vida". Se para uns a casa está algures, para os outros está aqui. Certamente o alojamento tornou-se um direito, em termos psicológicos uma necessidade fundamental do homem (Huguet, 1972). Mas a procura deste refúgio, desta necessidade algures ou aqui pode fazer com que as condições presentes sejam sentidas mais ou menos satisfatórias. Através da satisfação declarada que o alojamento proporciona aos migrantes não se pode pois inferir que eles não aspirem a um alojamento mais confortável. Entre uma satisfação resignada perante o alojamento possível no rodopio dos condicionalismos existentes na matéria e o desejo de um alojamento melhor há um abismo que só a má consciência pode ligar.

Os projectos de regresso são susceptíveis de introduzir uma clivagem ao nível das identificações. Quando o projecto de regresso está presente, o migrante identifica-se sobretudo com os grupos restritos da sociedade de origem e, ao invés, quando a perspectiva de regresso está ausente, o migrante identifica-se sobretudo com os grupos restritos da sociedade de acolhimento. Utilizando a terminologia de Newcomb (cf. Kelly, 1970), só para os que pensam instalar-se em França os grupos restritos da sociedade de acolhimento são grupos de referência positivos e os da sociedade de origem são grupos de referência negativos.

Segundo Eisenstadt (1954), os grupos a que se não pertence podem tornar-se quadros de referência se são capazes de conferir um prestígio ao indivíduo do ponto de vista institucional da sociedade. Por outro lado, Merton (1964) emite a hipótese em termos mais gerais: o indivíduo adota os valores de um grupo se está fortemente motivado a afiliar-se a este grupo.

Combinando estas duas hipóteses a propósito dos resultados encontrados, podemos dizer que a maior parte dos migrantes não aspiram a tornar-se membros, a afiliar-se ao grupo nacional francês, tanto mais que os grupos a que lhes é aberta a porta na sociedade francesa - como trabalhador migrante - não lhe conferem nenhum prestígio, pelo menos na sociedade de acolhimento.

Os nossos resultados confirmam a hipótese de Merton. Poderemos dizer que o sujeito adopta os grupos de referência do grupo a que está motivado a afiliar-se, isto é, os migrantes que pensam no regresso adoptam como grupo de referência os grupos nacionais portugueses, e os que pensam instalar-se definitivamente em França os grupos nacionais franceses. Tais resultados põem em evidência o papel mediador do conceito grupos de referência, entre normas culturais e opção de regresso. Os grupos de referência são indicadores da imagem dinâmica do eu, da sua intenção.

A opinião recolhida relativamente às intenções de regresso pode ser momentânea e muito provavelmente alguns dos que desejam partir, ficarão, e alguns dos que desejam ficar, regressarão. Todavia essa opinião denota uma atitude de base face à cultura francesa.

Os que encaram a estadia em França como provisória referem-se mais frequentemente à cultura de origem. Esse estádio não lhes exige a modificação radical das referências. Ao invés, para os que pensam instalar-se em França há uma modificação na polaridade das referências. Para esses, a congruência entre esse desejo de ficar e o de modificar as referências culturais é fundamental para estar ao máximo em sintonia com o seu novo meio. Essa mudança não se opera sem uma contrapartida psicológica para o sujeito.

Em suma, a referência a grupos nacionais pontuais reflecte no seu conjunto a maior parte das preocupações e dos projectos dos migrantes quando pensam na sua existência actual ou futura (Maisonneuve, 1975). Mediante os grupos de referência, os sujeitos vivem a avaliação do seu futuro.

A identidade inscreve-se na dialéctica da mudança e da continuidade. Trata-se de um processo adaptativo que estabelece uma certa estabilidade, coerência, uma permanência na vida cognitiva e afectiva do indivíduo e, correlativamente, permite a adaptação deste à mudança.

Quando um migrante português faz a sua introspecção, pensa em primeiro lugar nas características psicológicas, situando-se depois na sua família como um ser social, sexuado. Um migrante em cada vez faz referência ao regresso por meio da produção livre que é o " Quem sou eu? "

A situação migratória determina as representações preferenciais de si ao nível da identidade social (referências migratórias, estatuto social, identidade portuguesa, referências ao regresso). A identidade pessoal também é, em par-



te, determinada pela situação migratória (poupança, trabalho, solidão...).

As três primeiras dimensões postas em evidência pelo " Quem sou Eu? " são: as referências identificatórias sociais, nacionais e psicológicas. O conceito de identidade permite pois analisar a articulação do psicológico e do sociológico que determinam e diferenciam o indivíduo. O exame dos quadrantes formados pelos planos 1x2 e 1x3 mostra também a dispersão das diferentes perspectivas migratórias de futuro nesses planos. Apesar da prudência que o tamanho limitado da amostra impõe, parece pois que as intenções de regresso estejam associadas a diferentes constelações de referências identificatórias.

É de notar que se as identificações apreendidas através dos grupos restritos introduzem uma clivagem entre os migrantes com um projecto de regresso e de enraizamento, o mesmo não se verifica em relação às referências identitárias apreendidas através do " Quem sou Eu? ". A identidade nacional não tem sempre a mesma função, qualquer que seja a situação encarada. Assim os migrantes que pensam ficar em França e que aparecem caracterizados por uma " adaptação integrativa " não aceitam passivamente a assimilação. A reivindicação da identidade nacional mais presente neste grupo que noutros grupos reflecte o fosso que existe entre a adaptação integrativa e a assimilação. O desejo expresso por estes sujeitos não é de ser fagocitado pelo outro mas de ser com o outro na sua alteridade. Transparece aqui o desejo da instauração de novas relações sociais baseadas no reconhecimento da especificidade. Toda a medida que favoreça a inserção bicultural dos emigrantes facilita a realização desse desejo.

As observações efectuadas são suficientes para rejeitar a concepção da adaptação segundo um modelo linear, isto é, a aquisição de uma nova cultura significa a substituição da antiga. Os resultados expostos vão no sentido da adaptação como um conceito não linear que supõe a coexistência de duas identificações culturais ou até baixas identificações em ambas as culturas. Um modelo linear supõe que os problemas psicológicos de uma pessoa serão resolvidos quando o sujeito se adapta à sociedade de destino (Maykovich, 1976). Tal não se verifica no nosso caso com migrantes da primeira geração que pensam ficar em França, a propósito, por exemplo, da satisfação e da identidade pessoal. Um modelo não linear implica um reportório bicultural em acção mais que em conflito. Uma pessoa não se sentirá " alienada ", se se encontra adaptada a mais de um grupo.

Se a primeira vertente da hipótese de trabalho aparece, pois, globalmente confirmada, já não se pode dizer o mesmo da segunda vertente.

As representações do país natal são apreendidas através das dificuldades que o sujeito pensa encontrar aquando de um eventual regresso e da comparação com as representações do país de acolhimento.

A representação da existência de dificuldades no país de origem aquando do regresso não impede a expressão do projecto de regresso. Na escala de atitude perante o regresso, entre os grupos que encaram partir, é o grupo que pensa regressar no futuro mais próximo que obtém um número médio mais elevado de pontos. O regresso a Portugal no futuro mais próximo não é perspectivado pelo facto de dificuldades estarem ausentes. As dificuldades aparecem mesmo com tanta maior acuidade quanto o regresso está próximo. Para os grupos que pensam regressar antes da reforma, as dificuldades mencionadas são sobretudo socioeconómicas (emprego e salário).

Pode-se igualmente verificar que os grupos que projectam regressar antes da reforma têm a percepção global de um regresso mais difícil (" Como imagina o regresso ao país? "), que o grupo que pensa regressar aquando da reforma.

Apesar do regresso levantar problemas e do migrante estar consciente das dificuldades, tal não apaga a existência do projecto de regresso.

O que origina e mantém a migração são representações mais positivas do país de destino que do país de origem no cômputo geral. Efectivamente encontram-se para o conjunto da amostra representações mais positivas da vida em França que em Portugal. Todavia verifica-se que os projectos migratórios aparecem associados a constelações diferentes de representações dos países postos em relação pela migração. Deste ponto de vista, é sobretudo interessante considerar o plano 1-3. Aí, o projecto de regresso num futuro indeterminado caracteriza-se sobretudo por representações intermédias da vida social em Portugal. O projecto de regresso num futuro próximo está associado a representações positivas de Portugal e negativas da França. O projecto de regresso num futuro intermédio caracteriza-se por representações negativas de Portugal. Para os restantes grupos, o projecto de regresso num futuro afastado, o conflito de escolha e o projecto de enraizamento, aparecem constelações de representações negativas do país de origem e positivas do país de acolhimento. Verifica-se pois que o projecto de regresso pode existir a par de representações negativas do país de origem. Só o projecto de regresso num futuro próximo se acompanha de representações positivas do país de origem.

As duas vertentes da hipótese geral de trabalho apontam para a situação paradoxal em que se encontram os migrantes. Por um lado, a situação dos migrantes no processo adaptativo a uma outra sociedade aparece tanto mais bem sucedida quanto a intenção de regresso está situada longinquamente na perspectiva temporal. Por outro lado, as dificuldades sócio-económicas que suscitaram a partida estão igualmente presentes no campo representacional dos sujeitos aquando do regresso, bem como representações negativas do país de origem.

Os resultados expostos são obviamente a tomar em consideração com uma certa precaução, pois trata-se de uma amostra restrita e os grupos constituídos comportam efectivos pouco numerosos. Foi essa uma das razões que nos levou a efectuar um outro inquérito junto de uma amostra mais numerosa de migrantes portugueses em França, seis anos depois do estudo que acabamos de apresentar.

### III/ ESTUDO 2 (1983) - PROJECTOS DE REGRESSO

"Ai, há quantos anos que eu parti chorando .  
Deste meu saudoso, carinhoso Lar !...  
Foi há vinte ? ... Há trinta? ... Nem eu sei já quando!...  
Minha velha ama, que me estás fitando,  
canta-me cantigas para me eu lembrar !...  
  
Dei a volta ao mundo, dei a volta à vida...  
Só achei enganoso, decepções, pesar ...  
Oh! A ingénua alma tão desiludida!...  
Minha velha ama, com a voz dorida,  
canta-me cantigas de me adormecer!..."

Guerra Junqueiro

#### 1/ Introdução

#### 2/ Abordagem metodológica

##### 2.1/ Técnicas de recolha de dados

##### 2.2/ População interrogada

##### 2.3/ Desenrolar do inquérito

#### 3/ Resultados

##### 3.1/ Perspectivas migratórias de futuro

##### 3.2/ Adaptação

##### 3.3/ Representações

#### 4/ Discussão

## 1/ Introdução

O estudo sobre as perspectivas de regresso dos migrantes portugueses em França, realizado em 1977, permitiu pôr em evidência que para a maioria dos sujeitos o trajecto migratório era concebido como provisório. Esse estudo não nos permitiu concluir que esse trajecto, concebido como provisório, fosse então "uma representação arcaica e estereotipada das migrações de trabalho" (Marie, 1982, p. 245). Não discutimos aqui se o projecto face ao regresso se acompanhou de um regresso efectivo ou não. Interessa-nos, sim, para o nosso propósito, que os actores sociais de então tinham, sobretudo, uma representação provisória do projecto migratório.

Estava-se nessa altura no começo das medidas restritivas em França, desde as blocagens dos fluxos de entradas às formas mais diversas de pressão para o regresso.

De então para cá, verificou-se, muito esquematicamente, a evolução dos dois pólos da "cadeia migratória" no seguinte sentido:

- . As transformações em Portugal, país de origem, não modificaram os processos de perpetuação da emigração. Os dois estudos que apresentamos na segunda parte confirmam a manutenção de causas sócio-económicas geradoras da emigração. Por outro lado, como já se viu, não se verificaram regressos massivos.
- . Nas sociedades de acolhimento, modificaram-se as condições de inserção, produtiva e social, dos migrantes. Marie (1982, p. 246), resume-as do seguinte modo:
  - uma inserção estrutural dos trabalhadores imigrados no aparelho produtivo;
  - um crescimento rápido da emigração familiar;
  - uma estruturação progressiva das comunidades com as suas redes de influências, de alianças, de entajudas, de serviços mercantis e não-mercantis;
  - um desenvolvimento sob o plano cultural e social de novas formas de organização, de expressão e de lutas autónomas em relação às estruturas oficiais;
  - uma modificação das relações com o país de origem em virtude desta maior inserção na sociedade de residência e da mutação dos estatutos sociais dos indivíduos.

Lebon faz também menção às causas económicas e sociais da estabilização.

" Mas, por outro lado, a presença estrangeira combinada com uma longa duração da residência, tem entretanto fixado progressivamente a imigração de alta taxa de rotação, e isto por causa de razões bem conhecidas: economicamente falando, por causa do estabelecimento dos trabalhadores migrantes no aparelho nacional de produção ter assumido um aspecto estrutural e já não cíclico; socialmente falando, por causa do intenso reagrupamento familiar e da emergência de uma segunda geração ter contribuído para a estabilização do migrante no país de acolhimento " (Lebon, 1981, p. 2).

A evolução nos dois pólos da " cadeia migratória " é convergente: aponta para uma estabilização das comunidades migratórias.

Assim, foi verificado que os Portugueses da Alsácia apresentam numerosos sinais de uma população que se pode dizer em vias de estabilização (Migrations/Études, n° 32, p. 10). Entre a assimilação e a marginalização, os Portugueses da Alsácia inventaram um modo que lhes permite continuarem a ser eles próprios.

De um desejo que se instalava no provisório há seis anos, poder-se-á dizer que em 1983 a concepção da trajectória migratória como provisória é " uma representação arcaica e estereotipada " segundo a perspectiva dos actores sociais que sofrem a migração ?

Partimos de uma resposta negativa a essa questão, ou seja, para a primeira geração portuguesa em França o projecto de regresso ainda não esmoreceu em 1983, continuando a orientar as condutas. Se vários sinais apontam para a estabilização, esta inscreve-se ainda no provisório.

Para além dessa hipótese geral que está subjacente a este trabalho, retemos também a hipótese geral do estudo exploratório de 1977, embora modificada mercê dos resultados então obtidos.

Se mantemos a primeira vertente da hipótese geral, isto é, o comportamento intencional de regresso acompanha-se de variáveis indicativas desse comportamento ao nível da situação do migrante no processo adaptativo, já modificamos agora as hipóteses específicas da segunda vertente. A intenção de regresso acompanha-se também de variáveis indicativas ao nível das representações do país de origem. Todavia, não se parte da ideia que a representação das dificuldades que o sujeito pensa encontrar aquando de um eventual regresso possam ser tanto maiores quanto mais longe ele estiver perspectivado. A representação de dificuldades aquando do regresso não apaga o projecto do regresso. O que mantém a migração são representações mais positivas do país de destino do que do país de origem, no cômputo geral. Espera-se pois encontrar representações mais positivas de França que de Portugal. Já como em 1977, partimos da ideia que os projectos de regresso associam-se a estruturas diferentes ao nível das representações do país de

origem e do país de acolhimento.

As hipóteses de 1977 foram testadas junto de grupos, por vezes de efectivo reduzido. É nosso propósito, testá-las agora junto de uma população mais numerosa.

Propomo-nos agora também avaliar a qualidade do percurso de adaptação, os factores de sucesso e de fracasso, os pontos de conflito e os lugares de fracasso por um lado e as representações do país natal por outro, nas suas relações com o projecto de regresso nos começos da década de 80.

## 2/ Abordagem metodológica

### 2.1/ Técnica de recolha de dados

Para responder a esses objectivos, utilizou-se também como instrumento de investigação o inquérito por questionário. Foi preocupação essencial elaborar um instrumento tão curto quanto possível, mas que fosse sensível aos objectivos fixados. Isso só foi possível mediante a experiência colhida no inquérito de 1977 e dos estudos conduzidos no CRITA.

Para além do questionário "stricto sensu", utiliza-se também agora o diferenciador semântico abreviado. O questionário "stricto sensu" compõe-se de 54 questões. Só se utilizam questões fechadas ou semi-fechadas.

Através da ficha de identificação procura-se recolher não só características sócio-demográficas da população (idade, sexo, estado civil, residência, profissão), como características pré-migratórias: motivações da partida, a eventual actividade profissional no país de origem, o nível de instrução recebido, o ano de partida e a eventual existência de migração para outro país antes de ter vindo para França.

O questionário "stricto sensu" permite igualmente apreender as perspectivas migratórias de futuro, a atitude face ao regresso e as variáveis psicossociais da adaptação. Retivemos também aqui como sintomas da adaptação, a integratividade, a satisfação do processo migratório, o bem-estar somático, a distância social e a vinculação. Não sendo agora utilizadas provas projectivas, procura-se no entanto, através de uma questão fechada, apreender a identidade portuguesa.

A propósito da integratividade, solicita-se a opinião dos sujeitos sobre as dificuldades encontradas no processo de adaptação, em diferentes domínios da vida quotidiana (alojamento, trabalho, língua, alimentação, pertença social...).

As questões relativas à satisfação do processo adaptativo aparecem aqui consideravelmente reduzidas, dado existirem fortes correlações entre a avaliação da satisfação global face a condições de trabalho e alojamento e os aspectos mais particulares desses domínios. Só são agora exploradas as avaliações globais da satisfação proporcionada pelo trabalho, pelo alojamento, o balanço global da satisfação, a atribuição de satisfação aos outros compatriotas migrantes e as principais fontes de prazer e desprazer proporcionadas pela estadia no estrangeiro.

Também se reduzem, embora menos notoriamente que para a satisfação do processo migratório, as questões relativas ao bem-estar somático e à vinculação, apenas permanecendo intocáveis as relativas à distância social. É de sublinhar, que os cinco itens de distância social utilizados em 1977, apresentavam todos globalmente diferenças significativas segundo a intenção de regresso. Em relação com a distância social vivida e percebida, introduziram-se questões sobre o racismo



que tinham emergido em 1977 através de questões abertas e sobre a imagem dos Franceses.

Para o diferenciador semântico só se retiveram as cinco escalas mais descritivas para as palavras-estímulos, país de origem e país de residência, aquando do inquérito de 1977.

## 2.2/ População interrogada

Para a constituição da amostra tiveram-se em conta critérios idênticos aos de 1977, que relembramos: limitação a migrantes da primeira geração, dos dois sexos; não inclusão de elementos de casais mistos; só abranger trabalhadores assalariados e suas famílias; a residência em zonas urbanas; um tempo de estadia que superasse os primeiros choques culturais.

Segundo a técnica "bola de neve" e mediante uma diversificação de canais, propusemo-nos obter uma amostra de cerca de três centenas de migrantes. A amostra obtida comporta 313 migrantes, de que passamos a apresentar as características sócio-demográficas e pré-migratórias.

### A - Características demográficas

#### a) - Idade

Quase metade da amostra (48,6 %), situa-se entre os 30-40 anos, leque onde se situava toda a amostra de 1977; 19,5 % têm menos de 30 anos e 32,6 % têm entre 40 e 55 anos. A amostra abrange pois quase todo o período da "vida produtiva ou adulta" (Nuttin, 1980 b, p. 72).

Com efeito, foi nosso propósito ter em conta um leque mais vasto das idades, desde que não se incluíssem migrantes da segunda geração.

#### b) - Sexo

A população do inquérito compreende migrantes dos dois sexos: 63,9 % do sexo masculino e 36,1 % do sexo feminino.

#### c) - Situação familiar

80,5 % dos migrantes estão casados, 15,3 % solteiros, 2,6 % separados e 1,6 % viúvos. O número médio de crianças por casal é de 2,5, tendo 47,3 % da amostra 1 ou 2 filhos e 32,6 % mais de dois filhos. Os filhos cujos pais são migrantes nem sempre os acompanham no estrangeiro. 7 % da amostra sofre de separação dos filhos por estes viverem no país de origem.

### B - Qualificação profissional

A grande maioria das mulheres (68,1 %) trabalha em serviços domésticos e mais de metade dos homens (52,5 %) são serventes ou operários especializados (quadro I).

Quadro 1 Qualificação profissional segundo o sexo

	Homens		Mulheres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Serviços pessoais e domésticos	19	9,5	77	68,1	96	30,7
Serventes, operários especializados	105	52,5	12	10,6	117	37,4
Operários qualificados, contra-mestre	42	21,0	1	0,9	43	13,7
Empregados, quadros médios	15	7,5	4	3,5	19	6,1
Outros	6	3	9	8,0	15	4,8
Sem resposta	13	6,5	10	8,8	23	7,3
Total	200	100,0	113	100,0	313	100,0

C - Residênciaa) - Residência em França

No momento do inquérito, 39 % da amostra reside em Paris e 61 % nos arredores de Paris. Trata-se de uma amostra com implantação urbana (1).

b) - Modo de residência

60 % da amostra habita em apartamentos, 17 % em portarias, 14 % em quartos e 9 % em lares. Habitar uma portaria ou um quarto é mais frequente em Paris, enquanto que habitar um apartamento ou um lar é mais frequente fora de Paris ( $\chi^2 = 44,66$ ,  $p = 0,0000$ ).

D - Tempo de estadia

O tempo médio de estadia da amostra é de 13,1 anos. 26 % da amostra permanece no máximo há dez anos em França, 44 % residem lá há mais de dez anos mas há menos de dezasseis e 27 % têm um tempo de estadia igual ou superior a dezasseis anos.

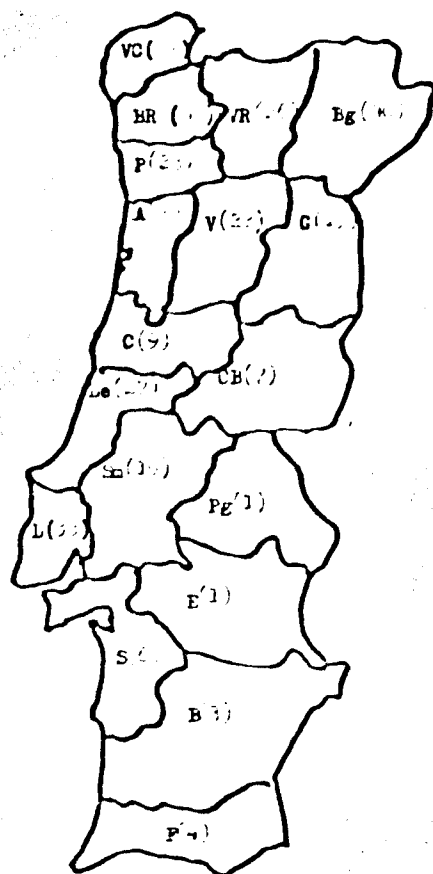
E - Características pré-migratórias

66 % da amostra habitava uma aldeia antes de emigrar, 16 % uma vila e 18 % uma cidade. Metade da amostra é originária de províncias situadas a norte do Rio Douro (figura 1).

19,8 % da amostra não completou a instrução primária e 79,6 % completou-a.

(1) Note-se que mais de um terço dos migrantes portugueses em França habitam Paris e os seus arredores.

Figura 1 - Lugar de residência da amostra, por distritos, antes da emigração.



76 % dos sujeitos declararam que já trabalhavam antes de emigrar, sendo as profissões mais frequentes dos homens a de agricultor e pedreiro. As mulheres eram sobretudo domésticas.

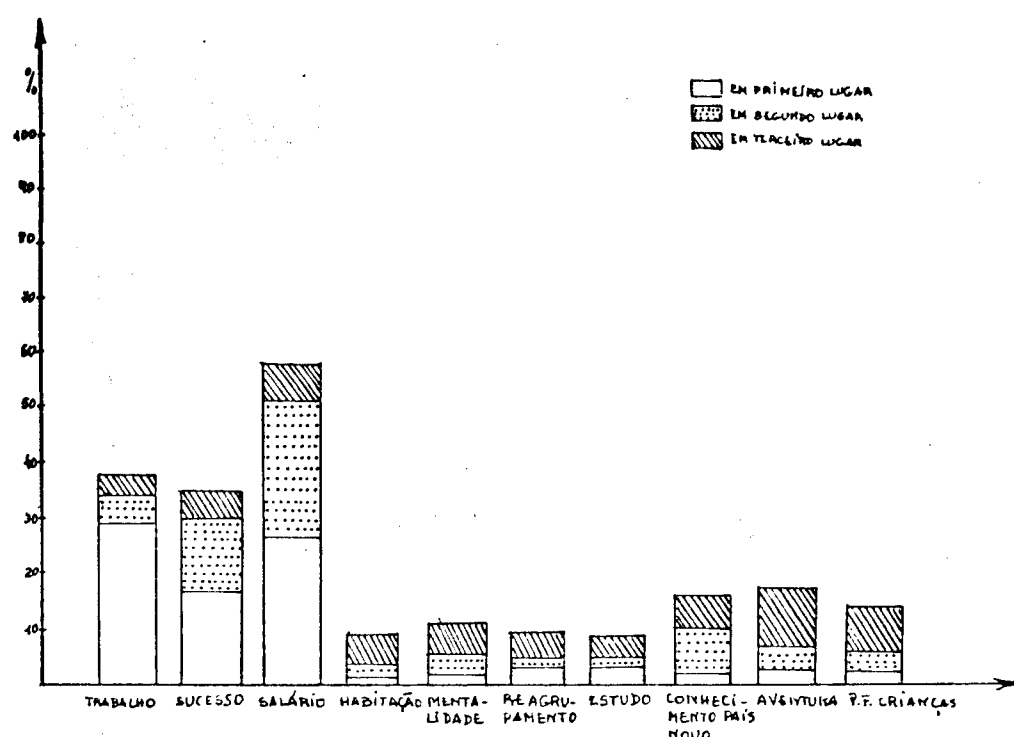
As motivações mais frequentemente evocadas para a emigração são as socio-económicas: os salários insuficientes e a falta de trabalho em Portugal (figura 2).

Finalmente, nota-se que para 5,4 % da amostra, a vinda para França representa uma segunda emigração. Não mencionados como primeiros países de migração a Alemanha, a Espanha, o Brasil e a Suíça. Se no caso dessa migração para países europeus o tempo de estadia raramente ultrapassa os dois anos, já no caso do Brasil se assinala uma estadia superior a nove anos.

Geralmente, a motivação invocada para ter mudado de país é a procura de melhores condições de vida. Só um sujeito assinala o reagrupamento familiar.

Em suma, se compararmos as características da população deste inquérito com

Figura 2 - Motivações da Emigração.



o de 1977, verificamos que, embora em ambos os inquéritos se trate de migrantes da primeira geração, o leque das idades é agora mais amplo. Proporcionalmente, a amostra actual comporta menos mulheres. Ambas as amostras residem em zonas urbanas, mas agora só se incluíram migrantes de Paris e da região parisiense. Trata-se de sujeitos que também já ultrapassaram os primeiros choques da adaptação, sendo efectivamente o tempo médio de estadia cerca de 5 anos superior, o que nos permite, como para a idade, abarcar um maior leque desta variável. Já as características pré-migratórias são bastante comparáveis.

### 2.3/ Desenvolver o inquérito

O inquérito foi passado no primeiro semestre de 1980, ou seja, quase seis anos depois do estudo exploratório já apresentado.

Só a ajuda benévola de colegas<sup>(1)</sup>, nos permitiu obter a amostra apresentada

(1) Não podemos deixar de ter aqui uma palavra de agradecimento muito especial para a Dra. Dominique Brozeck, professora do ensino secundário, para o Dr. Alípio Dias e para o Dr. Barros de Oliveira, psicólogos, pela preciosa ajuda prestada na recolha dos dados.

Também foram efectuados inquéritos em Portugal, mas não foram explorados neste trabalho.

cua, se não é muito numerosa, é suficiente para os nossos objectivos.

Deixa-se ao migrante a possibilidade de escolher a administração indirecta ou a auto-administração do questionário. Embora este procedimento tenha sido muito criticado, partilhamos a opinião de Muchielli (1975, p. 49), segundo a qual "a única crítica válida é de que a quantidade de informações recolhidas não pode ser garantida". Para tal, impõe-se o recurso a um questionário curto, como foi feito. No fim do preenchimento do questionário, o "entrevistador", além de responder às dificuldades tidas pelo sujeito, verifica se todas as questões foram respondidas. Trata-se, pois, em todos os casos, de uma auto-administração controlada.

Segundo Muchielli (1975, p. 50), o questionário auto-administração exige três condições:

- 1 - Que a pessoa que responde seja capaz de se exprimir.  
Devido o baixo nível de instrução da população, utilizou-se um vocabulário e uma sintaxe tão simples quanto possível e evitaram-se questões abertas às quais só se obteriam respostas, na sua maioria, extremamente sumárias (Chiglione, Matalon, 1979). "A vantagem mais manifesta do questionário fechado é a sua completa estandarização. As mesmas questões são postas a todos os sujeitos; são-lhes propostas as mesmas eventualidades de resposta. As respostas fornecidas por diferentes sujeitos são assim directamente comparáveis" (Bacher, 1978, p. 13).
- 2 - Que a pessoa que responde saiba responder. Na medida em que o questionário aborda temas familiares e quotidianos, a dificuldade em situar-se nele diminui.
- 3 - Enfim, exige que as pessoas que respondem queiram responder.

É óbvio que os migrantes analfabetos não são colocados perante esta alternativa. Se com a administração directa a relação entrevistador-entrevistado pode fazer surgir aspectos positivos, e em particular em matéria de motivação dos entrevistados, pode também contribuir para a aparição de distorções vindas de fora do entrevistado, quer do entrevistador (Bacher, 1978). Todavia, essas distorções são bem reduzidas pelo facto de se tratar de questões fechadas parecendo-nos que os dados recolhidos dos dois meios são, no caso presente, comparáveis.

A assinatura dos questionários é deixada ao critério de cada um dos entrevistados, já que trabalhos americanos recentes (Butler, 1973) mostram que o facto de se assinar ou não um questionário não tem influência sobre a qualidade das respostas pessoais, das opiniões dos sentimentos.

O migrante voluntário respondeu, sempre na mesma ordem:

- 1 - às características pré-migratórias;

- 2 - aos sintomas de adaptação;
- 3 - às perspectivas migratórias de futuro, à atitude perante o regresso, às representações da vida em Portugal e em França;
- 4 - enfim, às características sócio-demográficas.

### 3/ RESULTADOS

#### 3.1/ Perspectivas migratórias de futuro

Vejamos se a intenção de regresso está na perspectiva futura dos sujeitos e qual a sua localização temporal.

Grupo I - Intenção de regresso num futuro indeterminado. Trata-se, como já sabemos, de migrantes que, embora pensem regressar a Portugal antes da reforma, não apresentam uma localização temporal para concretizar a sua intenção. Estão neste caso 64 migrantes, ou seja, 20,4 % da amostra.

Grupo II - Intenção de regresso num futuro próximo. Incluem-se aqui os sujeitos que perspectivam regressar dentro de menos de três anos. Estão neste caso 82 migrantes, ou seja 26,2 % da amostra.

Grupo III - Intenção de regressar num futuro intermédio. São 85, ou seja, 27,2 % da amostra que têm intenção de regressar dentro de três anos ou mais, mas antes da reforma.

Grupo IV - Intenção de regresso num futuro afastado. São 19, ou seja, 6,1 % da amostra, que pensam regressar aquando da reforma. Note-se que pode ser discutível assimilar os migrantes que pensam regressar para a reforma, como tendo a intenção de regressar num futuro afastado. É óbvio que a análise da perspectiva temporal de um sujeito implica duas variáveis: o período de idade em que se encontra o sujeito no momento do inquérito e aquele em que se localiza o objecto da sua motivação. Nesta via, Kuttin (1980 b), fala do tempo dos sujeitos e do tempo dos objectos. Se no estudo de 1977, dada a idade dos sujeitos, um migrante declarava tencionar regressar para a reforma profissional, não restavam dúvidas que o objecto se situava num futuro afastado. No presente estudo, só depois de verificarmos as idades dos sujeitos que pensam regressar para a reforma, tendo todos menos de 50 anos, é que se pode falar de regresso num futuro afastado.

Grupo V - Conflito de escolha. Trata-se de 52 migrantes (16,6 %), que não fizeram a escolha entre regressar a Portugal ou ficar em França.

Só dois sujeitos da amostra têm um discurso "contra a corrente" em relação ao regresso. Por isso não se constitui o grupo com a intenção de enraizamento, sendo esses migrantes recodificados na categoria sem resposta. Esta categoria engloba 3,5 % da amostra.

313

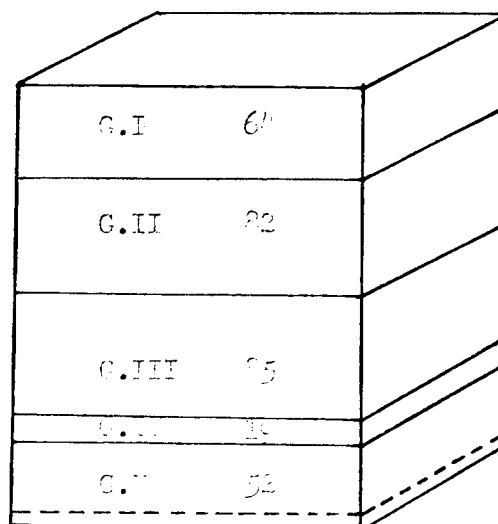


Figura 1. Efectivo de cada grupo

Descritos os efectivos dos cinco grupos agora constituídos relativamente ao projecto migratório, abordaremos as suas características sócio-demográficas.

Globalmente, não aparecem diferenças significativas entre os grupos e as variáveis sexo, local de residência, tempo de estadia (quadro 1). Por conseguinte, que o migrante seja de sexo masculino ou feminino, habite em Paris ou nos seus arredores, tenha um tempo de estadia mais ou menos longo, os projectos migratórios não se diferenciam. Observa-se todavia que quanto ao local de residência, como em 1977, Paris não parece ser propício à localização do regresso num futuro afastado. Relativamente ao tempo de estadia mais curto (4-10 anos), note-se igualmente a tendência, como em 1977, para diminuir a percentagem de migrantes quanto mais longinquamente se localiza o regresso na perspectiva temporal.

Já a idade e o estado civil diferenciam globalmente os grupos.

Os migrantes que têm intenção de regressar antes da reforma têm mais frequentemente entre 30-40 anos, enquanto que os que pensam regressar para a reforma ou ainda não decidiram se vão ficar definitivamente em França ou regressar a Portugal, têm mais frequentemente entre 40-55 anos.

A propósito do estado civil, verifica-se que os solteiros invocam mais frequentemente a intenção de voltar num futuro próximo. Assim, 45,2 % dos solteiros



Quadro 1 Sexo, local de residência, tempo de estadia, idade e estado civil segundo os grupos em percentagens

		GI	GII	GIH	GIV	GV	Nível de significância
Sexo	masculino	68,8	58,8	68,2	68,4	55,8	$\chi^2 = 4,39$ $p = 0,4937$
	feminino	31,3	41,5	31,8	31,6	44,2	
Local de residência	Paris	37,5	45,1	44,7	21,1	34,6	$\chi^2 = 7,48$ $p = 0,1873$
	arredores de Paris	62,5	54,9	55,3	78,9	65,4	
Tempo de estadia	4 - 10 anos	20,3	36,6	28,2	15,8	21,2	$\chi^2 = 19,85$ $p = 0,1774$
	11-15 anos	53,1	41,5	38,8	57,9	46,2	
	16 anos e mais	23,4	20,7	29,4	21,1	30,8	
Idade actual	20-30 anos	15,6	24,4	17,6	-	25,0	$\chi^2 = 22,40$ $p = 0,0132$
	30-40 anos	57,8	50,0	50,6	31,6	34,6	
	40-55 anos	26,6	25,6	31,8	68,4	40,4	
Estado civil	solteiro	10,9	26,6	10,6	10,5	11,5	$\chi^2 = 35,10$ $p = 0,0132$
	casado	85,9	72,0	88,2	84,2	75,0	
	separado	-	1,2	1,2	5,3	9,6	
	viúvo	3,1	-	-	-	3,5	

pensam regressar num futuro próximo. Confirma-se deste modo uma tendência verificada em 1977. Os migrantes separados declaram, com mais frequência, estar em conflito de escolha.

O efeito da taxa de afastamento dos filhos sobre a intenção de regresso é marginalmente significativo ( $\chi^2 = 16,75$ ,  $p = 0,0799$ ). Se os G I, G III, G IV e G V não apresentam comportamentos muito diferentes a este propósito, já os sujeitos que tencionam regressar num futuro mais próximo demarcam-se claramente. Confirma-se também, tal como em 1977, que são eles os que têm mais frequentemente as suas crianças em Portugal.

Quadro 2 - Grupos e taxa de afastamento dos filhos (% de crianças vivendo no país de origem).

G I	G II	G III	G IV	G V
4,7	17,6	3,5	5,3	5,8

No quadro 3, podemos observar a distribuição da qualificação profissional segundo a intenção de regressar. Globalmente, o efeito da qualificação profissional sobre a intenção de regressar não é significativo ( $\chi^2 = 30,31$ ,  $p = 0,2127$ ).

Quadro 3 Qualificação profissional segundo os grupos

	GI	GII	GIII	GIV	GV
Serviços pessoais e domésticos	32,8	29,3	30,6	26,3	32,7
Serventes, operários especializados	40,6	40,2	35,3	30,8	32,7
Operários qualificados, contra-mestres	10,9	11,0	16,5	15,8	13,5
Empregados, quadros médios	9,4	3,7	4,7	-	11,5
Outros	3,1	11,0	3,5	-	-
Sem resposta	3,1	4,9	9,4	21,1	9,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

$\chi^2 = 30,31$ ,  $p = 0,2127$

Também as características pré-migratórias como o lugar de nascimento ( $\chi^2 = 17,26$ ,  $p = 0,3031$ ), o lugar de residência antes da emigração ( $\chi^2 = 15,17$ ,  $p = 0,4391$ ), o distrito de residência antes da emigração ( $\chi^2 = 74,16$ ,  $p = 0,7932$ ), o nível de instrução ( $\chi^2 = 9,35$ ,  $p = 0,4571$ ), a actividade profissional ( $\chi^2 = 7,96$ ,  $p = 0,6325$ ) e a principal motivação de emigração evocada ( $\chi^2 = 66,82$ ,  $p = 0,1317$ ) não diferenciam globalmente os grupos.

Em suma, os grupos não se diferenciam globalmente segundo o sexo, o local de residência, o tempo de estadia, a qualificação profissional, nem segundo as características pré-migratórias.

A idade actual, o estado civil e a taxa de afastamento dos filhos já os diferenciam.

### 3.2. Análise

Impoemos os resultados respeitantes à adaptação em três tempos: em primeiro lugar, faremos a análise das características da adaptação em que há uma certa unidade; em segundo lugar, as questões que globalmente diferenciam a amostra segundo a intenção de regresso; finalmente, esboçaremos uma tipologia da adaptação.

Sendo demasiado enfadonho o exame das frequências brutas, procedeu-se ao seguinte modo. No anexo V, encontra-se a lista das questões 9 a 44 e 46 com as percentagens de sujeitos que escolheram cada modalidade de resposta. As percentagens foram calculadas em relação ao efectivo total da amostra e a taxa de não-resposta foi igualmente indicada. O número de pessoas que não responderam é bastante



O quadro 4 dá a lista das questões de forte consenso e maioritárias.

Quadro 4			
Respostas de forte consenso (A) e maioritárias (B) relativas à adaptação			
	Questão n°	% de sujeitos	Respostas
A	21	91,7%	Efectivação de poupanças
	20	89,5	Com o salário consegue viver muito bem/bastante bem
	38	83,3	Pertença a associações portuguesas, entre os associados
	36	82,4	Pessoas de família que vivem no estrangeiro
	22	81,8	Envio de economias para Portugal
B	35	77,6	Ideia a Portugal pelo menos uma vez por ano
	29	73,8	Preferência de amigos portugueses e franceses
	28	73,5	Desde a chegada a França já sofreu atitudes racistas
	12	73,2	Nenhuma dificuldade alimentação
	30	73,2	Preferência de vizinhos portugueses e franceses
	44	72,5	Forte reivindicação da identidade portuguesa

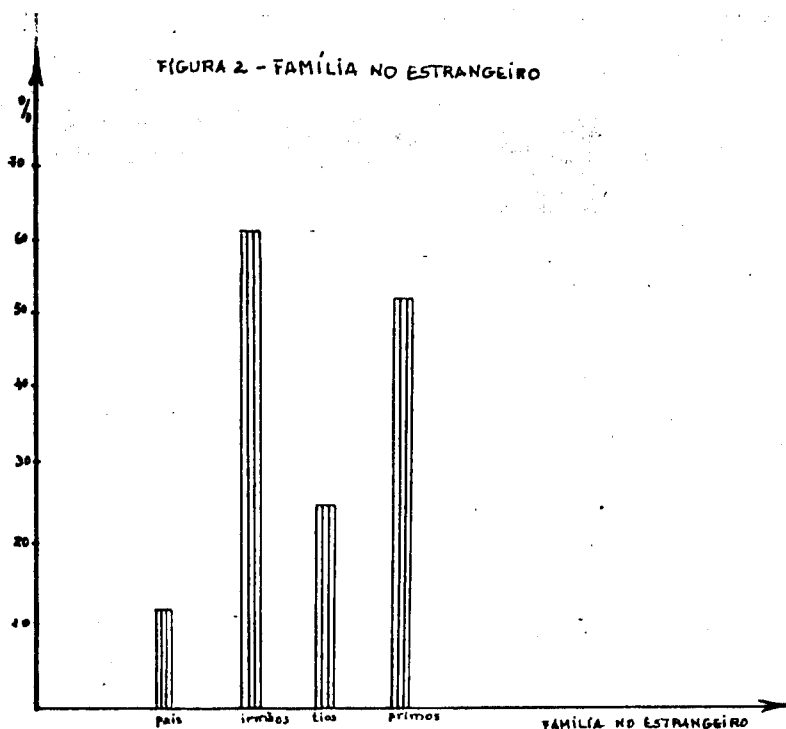
A unanimidade da amostra gira sobretudo à volta da temática económica, pois três das cinco questões de forte consenso pertencem a este domínio. Há, antes de mais, um consenso na amostra no reconhecimento da efectivação de poupanças e de que com o salário ganho consegue-se viver bem em França. Se lembrarmos que a motivação da emigração mais frequentemente evocada nos três primeiros lugares é o salário insuficiente usufruído em Portugal, a vinda para França permite a consecução dessa motivação. Permite igualmente o envio de poupanças para Portugal. Lembra-se que, segundo Delorme (1983), o montante médio transferido por migrante de França para Portugal, era, em 1982, de 9 400 francos<sup>(1)</sup>. Todavia, o envio de poupanças acompanha-se por vezes de um certo desencanto, como transparece através do propósito de um migrante entrevistado: "por erro, tenho enviado as economias para Portugal, visto o nível de vida ter piorado" (2).

(1) - Para o ano 1982: 1 escudo = 0,024 f.f.

(2) - É de notar que existe, por vezes, falta de informação nos emigrantes quanto às modalidades oferecidas pelo sistema bancário português para os seus depósitos.

Se pouco mais de um terço da amostra pertence a alguma associação (40,6 %), entre os migrantes associados, há um forte consenso em declararem pertencer a as associações portuguesas. Por ordem decrescente, pertence-se a associações religiosas, culturais, desportivas, sindicais, políticas<sup>(1)</sup>.

Raramente o migrante não tem outras pessoas da família que também sejam migrantes, resultado da migração em massa para a Europa transpirinaica na década de 60 e no princípio dos anos 70. Como mostra a figura 2, 60,7 % têm irmãos migrantes, 53,0 % primos, 25,6 % tios e 10,5 % têm os próprios pais residindo no estrangeiro.



Mais de 3/4 da amostra vai a Portugal pelo menos uma vez por ano. Essas idas permitem o confronto das perspectivas de regresso com a situação objectiva do país de origem, qual pomba da arca de Noé enviada em missão de reconhecimento no momento da descida das águas. Sai da arca e volta, parte uma segunda vez, uma terceira, até que volta com um ramo fresco de oliveira. Vai-se então para já não voltar, pois encontrou a terra firme.

(1) - A título indicativo, os inquéritos de Maïs (1963, p. 84) entre os operários franceses, apontam que perto de um operário em cada dois (47 %) faz voluntariamente parte de um agrupamento social organizado: sindicato (35 %), círculo desportivo (10 %), associação de pescadores (8 %), agrupamento cultural (5 %), partido político (5 %), agrupamento religioso (2,5 %) ou familiar (1,5 %) e diversas associações (4 a 5 %: turismo, campismo, música, ...).

Essas idas ao país natal oferecem ao migrante a ocasião de efectuar gastos que se situam no registo da ambivalência. É sintomático o propósito de um sujeito: " Quando vamos de férias, abrimos a garrafa de ' champagne '. É só um mês e não olhamos ao que gastamos. Podíamos gastar menos. Somos palermas. Mas se não gastamos, fica mal, somos mal vistos " . Através destas palavras, emerge igualmente o fenómeno conhecido em psicologia pelo nome de predição criativa.

Encontram-se igualmente como respostas maioritárias a tomada como grupos de referência ao nível dos amigos e dos vizinhos, os portugueses e os franceses, o que denota de certo modo a ausência de distância social desejada em relação a esses dois grupos nacionais. Todavia, a distância social é vivida na sociedade de acolhimento através da constatação dos migrantes terem sido, desde a sua chegada a França, alvo de atitudes racistas. É todavia de assinalar que quase metade dos sujeitos (45,4 %) só episodicamente sentiu o racismo. As atitudes racistas manifestaram-se nos locais de trabalho (38,7 %), nos locais onde habitam (17,3 %), nos serviços públicos (câmara, correios, polícia, ....)(15,7 %), nos transportes públicos (14,1 %), na procura de um alojamento (12,1 %) e finalmente noutros lugares públicos - cafés, restaurantes, cinemas, bailes - (10,5 %). Eis só um exemplo da atitude de um professor que foi vivenciada como racista: " Bem, isto há de tudo, mas sim, há franceses que são racistas. Por exemplo, o meu filho que tem 3 anos, queria-o meter na escola de brincar. Fui ter com a ' maîtresse ' da escola, contei-lhe que eu e o meu marido trabalhamos todo o dia e não tínhamos onde guardar a criança. A resposta dela foi: Se não têm onde guardar a criança, mandem-na para Portugal " .

A importância da alimentação é confirmada pelos especialistas da infância na medida em que, desde há muito, demonstraram o seu lugar essencial, uma das primeiras experiências da vida, na formação da personalidade do indivíduo. Ora a alimentação não constitui uma dificuldade maioritária para os migrantes. Todavia, ouvimos frequentemente frases do género: " A comida não tem o mesmo gosto. Um bife muito bonito vai-se comer e não sabe a nada " .

Finalmente, a amostra manifesta uma forte reivindicação da identidade portuguesa.

Esta descrição só foi efectuada tendo em conta as respostas que se apresentam de modo muito agrupado nos sujeitos interrogados. Restam muitas questões nas quais as posições estão dispersas. São sobretudo essas questões que diferenciam significativamente as características de adaptação segundo os projectos de regresso. É essa análise que passamos a apresentar mediante o recurso ao  $\chi^2$ . Só são retidas as diferenças significativas no limiar  $p = 0,05$ . No entanto, faremos

também menção aqui às diferenças marginalmente significativas que muito embora não sendo significativas no limiar  $p = 0,05$  são-no no limiar  $p = 0,10$ .

Entre as 37 questões utilizadas para avaliar o processo adaptativo do migrante, 14 apresentam diferenças significativas segundo a intenção de regresso e 4 diferenças marginalmente significativas (quadro 5).

Quadro 5 Diferenças significativas pelas variáveis de adaptação e pelos grupos

Nº e tema da questão	
13 - Saudades	$\chi^2 = 24,15, p = 0,0625$
16 - Auto percepção da saúde	$\chi^2 = 37,71, p = 0,0096$
17 - Comparação da saúde	$\chi^2 = 34,80, p = 0,0026$
18 - Comparação humor	$\chi^2 = 36,69, p = 0,0014$
19 - Auto percepção da adaptação	$\chi^2 = 45,06, p = 0,0032$
22 - Envio das roupas	$\chi^2 = 30,79, p = 0,0006$
23 - Conselho a um amigo para emigrar	$\chi^2 = 19,08, p = 0,0392$
26 - Satisfação em geral da migração	$\chi^2 = 57,28, p = 0,0030$
27 - Atribuição de satisfação a outros migrantes	$\chi^2 = 45,64, p = 0,0070$
30 - Preferência vizinhos	$\chi^2 = 26,55, p = 0,0326$
31 - Personagens dos sonhos	$\chi^2 = 33,05, p = 0,0333$
32 - Preferência casamento	$\chi^2 = 37,46, p = 0,0011$
33 - Ajuda em caso de doença	$\chi^2 = 27,20, p = 0,0271$
35 - Idas a Portugal	$\chi^2 = 30,21, p = 0,0112$
37 - Pertença associativa	$\chi^2 = 17,73, p = 0,0595$
39 - Principal prazer na sociedade de acolhimento	$\chi^2 = 35,99, p = 0,0717$
40 - Principal desprazer na sociedade de acolhimento	$\chi^2 = 43,13, p = 0,0564$
41 - Estereótipos dos Franceses	$\chi^2 = 64,22, p = 0,0089$

O efeito de sentir saudades sobre a intenção de regressar aparece marginalmente significativo. De mais de metade da amostra (55,7 %) declara ter muita dificuldade com as saudades do país de origem, são sobretudo os que anseiam regressar num futuro mais próximo os que mais sofrem deste sentimento (70,7 %) e os que menos sofrem são os que ainda não decidiram se vão regressar a Portugal ou ficar em França.

O efeito da auto-percepção da saúde no momento presente sobre a intenção de regressar é significativo. Aparece mais deficiente nos grupos que planeiam regressar num futuro próximo e intermédio.

O efeito da comparação entre a saúde disfrutada em França e em Portugal é

significativo. A maior parte dos sujeitos (60,7 %) declara usufruir no estrangeiro uma saúde igual à que tinha em Portugal. Estão todavia mais frequentemente neste caso os que estão em conflito de escolha (73,1 %) e os que ainda não determinaram o prazo de regresso (71,9 %). Os restantes grupos, que localizam temporariamente o seu regresso, são os que declaram ter com mais frequência a saúde pior em França.

O efeito da comparação do humor é ainda mais notório. Metade do grupo que pensa regressar num futuro próximo declara ter o humor pior que em Portugal, só estando neste caso 13,5 % dos que estão em conflito de escolha e 21,1 % dos que pensam regressar para a reforma. Verifica-se claramente que o humor ressentido em França tem uma tonalidade tanto mais negativa quanto o regresso se perspectivava mais proximamente.

O efeito de auto-percepção da adaptação sobre a intenção de regresso mostra que fazem um balanço negativo da adaptação os que pensam regressar num futuro próximo e intermédio. Ao invés, o balanço mais positivo aparece com mais frequência nos que pensam regressar num futuro afastado ou estão em conflito de escolha. Verifica-se igualmente que quanto mais próximo se localiza o regresso eventual, tanto mais deficiente é o balanço da adaptação feito pelos sujeitos.

Embora o envio de poupanças para Portugal seja uma questão onde há um forte consenso, é também uma questão que diferencia a amostra segundo as perspectivas de regresso. Mais de 84 % de todos os grupos que desejam regressar enviam as suas economias para Portugal. Quem menos envia as suas poupanças para Portugal, são os que estão em conflito de escolha.

Através da resposta à questão sobre o aconselhamento a um amigo residente em Portugal para emigrar, transparece a atitude em relação à emigração. Trata-se de uma questão que partilha a amostra. 48,6 % não aconselharia um amigo a emigrar e 44,7 % já o fariam. O seu efeito sobre a intenção de migrar é significativo. O aconselhamento negativo aparece sobretudo nos que pensam regressar num futuro próximo ou intermédio. Também aqui se verifica a relação de que o aconselhamento de um amigo a emigrar é tanto menos frequente quanto o regresso se localiza proximamente na perspectiva temporal.

Globalmente, os efeitos da satisfação da estadia em França e da atribuição da satisfação a outros migrantes são significativos e do principal prazer na sociedade de acolhimento e desprazer são marginalmente significativos sobre a intenção de migrar.

A satisfação, em geral, da estadia em França é tanto maior quanto mais longinquamente é perspectivado o regresso. De igual modo a atribuição de satisfação a outros migrantes portugueses no estrangeiro é tanto maior quanto mais afastado está o eventual regresso.



O que mais se aprecia no estrangeiro, por ordem decrescente, é a organização ao nível do trabalho, do alojamento, dos transportes; a possibilidade de ter emprego, promoções, formação; a possibilidade de se fazer tudo o que se quer; a maneira de educar as crianças; e, finalmente, uma maior escolha de produtos para comprar a preços mais variados.

Proporcionalmente, os que desejam regressar num futuro indeterminado evocam com mais frequência a possibilidade de se fazer tudo o que se quer. Os que localizam o regresso num futuro próximo referem-se mais frequentemente à possibilidade de ter emprego, promoções, formação e uma maior escolha de produtos para comprar a preços mais variados. Os que situam o regresso num futuro intermédio referem-se mais à organização do trabalho, do alojamento, dos transportes, à maior escolha de produtos e à maneira de educar as crianças. Quer os que têm intenção de regressar para a reforma, como os que estão indecisos, proporcionalmente ao conjunto da amostra, apreciam mais a possibilidade de ter emprego, promoções, formação e a maneira de educar as crianças.

O que é fonte de maior desprazer no estrangeiro, por ordem decrescente, é a falta de calor humano, o individualismo, a liberdade sexual em demasia, as condições de vida, a maneira de educar as crianças e finalmente o espírito de competição.

Proporcionalmente, os que têm intenção de regressar num futuro indeterminado evocam mais frequentemente o espírito de competição. O grupo com intenção de regressar num futuro próximo evoca mais a falta de calor humano e a demasiada liberdade sexual. O grupo com intenção de regressar num futuro intermédio refere-se também mais à falta de calor humano e ao individualismo. O grupo com intenção de regressar para a reforma menciona mais as condições de vida e a falta de calor humano. Os migrantes indecisos individualizam-se mais pela menção à maneira de educar as crianças, à demasiada liberdade sexual e ao espírito de competição.

Os efeitos da preferência de vizinhos, das personagens dos sonhos, da preferência de casamento, da ajuda em caso de doença, sobre a intenção de regressar, são significativos. As quatro questões permitem avaliar a distância social.

A preferência de amigos portugueses diminui com o afastamento do regresso na perspectiva temporal. Assim, prefeririam vizinhos portugueses 25,6 % dos que pensam regressar num futuro próximo, 16,5 % dos que localizam o regresso num futuro intermédio e só 5,3 % dos que intencionam regressar para a reforma.

As personagens portuguesas que povoam os sonhos dos migrantes diminuem com o afastamento do regresso na perspectiva temporal. Assim, as personagens dos sonhos são sobretudo portuguesas em 35,4 % dos que pensam regressar num futuro

próximo, 22,4 % dos que localizam o regresso num futuro intermédio e 10,5 % dos que planeiam o seu regresso aquando da reforma.

A preferência de casamento com compatriotas diminui igualmente com o afastamento do regresso na perspectiva temporal. Assim, um migrante português em França deveria ter como cônjuge pessoa da mesma nacionalidade segundo 64,6 % dos que desejam regressar num futuro próximo, 47,1 % dos que pretendem fazê-lo num futuro intermédio e 31,6 % dos que pensam regressar aquando da reforma. São os que estão indecisos que menos frequentemente preferem o casamento com compatriotas.

No caso de gravemente doentes, a percentagem de migrantes que poderiam contar com a ajuda de compatriotas, diminui com o afastamento do regresso na perspectiva temporal. Poderiam contar, nessa eventualidade, com a ajuda de compatriotas 41,5 % dos que pensam regressar num futuro próximo, 28,2 % dos que tencionam fazê-lo num futuro intermédio e somente 5,3 % dos que perspectivam o regresso para a reforma.

O efeito das idas a Portugal sobre a intenção de regresso é significativo.

As idas a Portugal mais de uma vez por ano são tanto mais frequentes quanto mais proximamente se localiza o regresso. Estão neste caso 37,8 % dos que encaram o regresso num futuro próximo, 34,1 % num futuro intermédio e 26,3 % num futuro afastado. Menos de um quinto dos que estão indecisos sobre o país onde evoluir no futuro, manifestam esse comportamento.

O efeito de pertença associativa sobre a intenção de regresso é marginalmente significativo. A pertença associativa aumenta com a localização mais próxima do regresso. 36,8 % dos que pensam regressar para a reforma, 37,6 % num futuro intermédio e 48,8 % num futuro próximo declaram pertencer a associações. Já sabemos que os migrantes declaram sobretudo pertencer a associações portuguesas, pelo que esta questão não denota tanto a integratividade na sociedade de acolhimento, como a aproximação à sociedade de origem.

Abordemos enfim a imagem dos Franceses.

Uma percepção estereotipada do outro é simplificadora, selectiva, generalizada e orientada. " Pode-se definir o estereótipo como uma espécie de esquema perceptivo associado a certas categorias de pessoas ou de objectos, cristalizados à volta da palavra que os designa e intervindo automaticamente na representação e caracterização dos espécimens destas categorias; é assim que existem estereótipos nacionais, étnicos, sócio-profissionais, etc.... " (Maisonnewe, 1977, p. 110). Se certos autores põem o acento no aspecto " cliché " do estereótipo, outros insistem na sua origem fora da experiência pessoal (Castellan, 1977, p. 207). Todos concordam em considerar o estereótipo " uma opinião completamente feita, impondo-se como um cliché, aos membros de uma colectividade (Pieron, 1968, p. 417).

Para Clapier-Valladon (1980, pp. 723-24), a adaptação relacional do migrante vive-se através da imagem estereotipada do outro. Abordando a imagem estereotipada que os migrantes têm dos Franceses, reencontramos a abordagem dos autores que descreveram o carácter nacional. Apesar das críticas a este conceito (Clapier-Valladon, 1980, pp. 726-27), os numerosos estudos utilizam três abordagens diferentes. Certas investigações visam uma descrição, comparativa ou não, das configurações particulares de uma cultura, o seu "núcleo central de significação", e fazem então aparecer as regularidades e as constantes no comportamento. Uma segunda abordagem analisa as relações entre os ensinamentos de base dados às crianças e os outros aspectos da cultura. Enfim, entre as investigações do carácter nacional, um certo número de autores liga os seus trabalhos à teoria da aprendizagem e estudou as modalidades desta aprendizagem culturalmente modeladas.

Situamo-nos aqui ao nível descritivo dos traços da personalidade<sup>(1)</sup> atribuídos aos membros da sociedade de acolhimento.

Analisando o etnótipo francês, Michaud escreve: "Apesar dos seus defeitos e das suas contradições, estes homens - e estas mulheres - souberam, no decurso das eras, elaborar uma arte de viver que nenhuma fórmula saberia definir, mas que parece ser bem o produto da união entre o solo e os seus habitantes, entre um clima infinitamente variável e uma mentalidade rica em diversidades ... Que resta, na verdade, numa sociedade fundada essencialmente na luta pela vida e na eficácia prática, da velha sabedoria camponesa, da generosidade cega e pródiga? Que resta do sentido da medida num mundo deixado à desmedida, e, quando os modos de pensar e os valores tradicionais são postos em questão, que resta mesmo das noções de justiça e de liberdade?" (1967, p. 32).

Para o conjunto da amostra, os estereótipos dos Franceses mais frequentemente evocados, por ordem decrescente, são: individualista, trabalhador, aberto, racista, simpático, fiel na amizade, pretensioso, fiel no amor. Se a imagem estereotipada e parcelar é interessante, procede de um processo de ajustamento pessoal e de procura de identidade (Clapier-Valladon, 1980, p. 732), depende também das perspectivas de regresso.

Proporcionalmente, os que pensam regressar num futuro indeterminado evocam

---

(1) - Entendemos traços no sentido geral de traços de comportamento. Retomamos aqui a definição de Muttin: "Um traço de personalidade pode pois definir-se em termos de constância ou de repetição externa, ou de estabilidade e consistência na significação das formas de conduta de um indivíduo. Stern, que introduziu esta noção na psicologia contemporânea, fala sobretudo de disposições, enquanto que Allport vulgarizou e elaborou o mesmo conceito sob o nome de traço" (1975, p. 33).

mais frequentemente os traços trabalhador e racista. O grupo com intenção de regressar num futuro próximo refere-se mais aos estereótipos de individualista, trabalhador e racista. Os que pensam regressar num futuro intermediário, mencionam mais as características individualista, simpático, fiel no amor. O grupo que pensa regressar para a reforma cita sobretudo os estereótipos pretensioso e simpático. Finalmente, o grupo indeciso é o único que só evidencia estereótipos positivos: aberto e fiel na amizade.

A imagem estereotipada dos Franceses aparece assim em todos os grupos que pensam regressar imbuída de ambivalência, caracterizada quer de modo positivo, quer de modo negativo. Para os estereótipos negativos - individualista e racista - verifica-se que quanto mais proximamente o regresso é perspectivado, maior é a percentagem dos que os evocam. Para os grupos que pensam no regresso, a adopção de estereótipos desfavoráveis, se pode ser uma imagem simplificadora do outro, é simultaneamente a justificação da eventual mudança de quadro vital. A elaboração de tais estereótipos é explicativa e securizante para o ego. A presença de aspectos negativos dos traços atribuídos aos Franceses representa talvez um canal através do qual se descarrega a agressividade, exprimindo assim as dificuldades do processo adaptativo. Trata-se em todo o caso de migrantes que coexistem com o grupo nacional francês sem se fundirem nele: " quando um grupo coabita com um outro grupo, é mais exacto e mais operacional afirmar que coabita com a imagem que dele se faz " (Camilleri, 1975, p. 239).

Após esta visão analítica das relações entre a intenção de regresso e a situação dos migrantes no processo adaptativo, vai-nos ser dada uma visão mais global através da análise factorial das correspondências.

37 questões utilizadas para a análise do migrante no processo adaptativo estão na origem de 132 modalidades que foram projectadas como elementos activos. 14 questões relativas às características sócio-demográficas da população, bem como as ausências de resposta às questões de adaptação, estão na origem de 93 modalidades projectadas como elementos suplementares, no sistema de eixos obtidos. A análise foi efectuada num quadro sob a forma disjuntiva completa.

Como seria de esperar, dado o elevado número de variáveis, os eixos possuem uma inércia em valor absoluto não muito elevada. A percentagem de inércia extraída pelos dois primeiros eixos é de 27,9%. Trata-se de dois factores genéricos da adaptação.

O primeiro factor representa 17,7% da inércia total. Parece constituir um factor de oposição da adaptação, denotando as modalidades que se concentram no

no pólo negativo uma fraca adaptação e as que se reúnem no pólo positivo uma boa adaptação. Opõem-se neste factor 16 variáveis. Assim no pólo negativo encontram-se dificuldades existenciais do vivido migratório em domínios como o clima, o racismo, o alojamento, as saudades, a solidão, o trabalho, a saúde; o mal-estar somático transparece através de um humor pior que em Portugal, a saúde no estrangeiro pior que em Portugal, uma auto-percepção negativa da saúde; há uma maior aproximação de compatriotas, pois o casamento é sobretudo desejado intra-etnicamente e em caso de doença é sobretudo com os compatriotas que se pode também contar. O balanço geral da adaptação e da satisfação é negativo. No caso particular do alojamento também é fonte de insatisfação. A atitude perante a migração parece ser também negativa, através do não-aconselhamento de um amigo residente em Portugal a emigrar.

Em oposição, no pólo positivo localizam-se modalidades que vincam a ausência de dificuldades em domínios como o clima, o racismo, o alojamento, as saudades, a solidão, o trabalho, a saúde. O bem-estar somático aflora mediante a opinião de ter uma saúde excelente, uma tonalidade de humor mais positiva em França que em Portugal, ou uma estabilidade de humor, o sentimento de ter tanta saúde no estrangeiro como em Portugal. Há uma aproximação quer de compatriotas, quer de Franceses, o que transparece através da preferência de casamento e da ajuda em caso de doença. O balanço geral da adaptação e da satisfação é muito positivo e no caso particular do alojamento ele constitui uma fonte de satisfação. Finalmente, a descrição das modalidades que se opõem no factor 1 fica completa, com o aconselhamento a um amigo para emigrar.

As restantes modalidades do factor 1 que muito embora aí não se oponham, vão no sentido da oposição mencionada.

O segundo factor representa 10,2% da inércia total. Opera uma clivagem entre a maioria das variáveis que se opõem no eixo 1 e que agora se localizam no pólo negativo, e as modalidades que reflectem uma adaptação intermediária, no pólo positivo.

Em suma, o primeiro factor parece opôr adaptação/ina adaptação e o segundo, adaptação, in adaptação/adaptação intermediária.

Passemos à análise dos quadrantes formados pelos eixos 1x2.

No quadrante inferior direito situa-se muito perto a intenção de regresso para a reforma e o conflito de escolha entre ficar em França ou regressar a Portugal. O seu perfil apresenta pois aqui características semelhantes.

Ambos tomam como grupos de referência os da sociedade de acolhimento, pois na sua opinião o casamento deveria efectuar-se com franceses, as personagens dos

Quadro 6

Modalidades contribuinte para a significação do eixo 1 na análise da adaptação

Tema das questões

Modalidades e contribuições (em milésimo)

-Mudanças	pólo negativo	pólo positivo
-Subje	pior 37	melhor 8
-Dificuldade clima	pior 32	igual 11
-Dificuldade isolamento	muita 31	igual 10
-Dificuldade racismo	muita 20	nenhuma 24
-Adaptação	muita 25	nenhuma 30
-Preferência de vizinhos	pouco 24	nenhuma 8
-Dificuldade alojamento	portugueses 24	muito 20
-Dificuldade saúde	muita 20	-
-Ajuda em caso de doença	muita 20	nenhuma 20
-Satisfação da migração em geral	portugueses 26	nenhuma 15
-Dificuldade saúde	pouco 17	pouca 13
-Preferência amigos	nada 15	ambos 11
-Preferência casamento	muita 12	nuito 20
-Personagens dos sonhos	portugueses 19	nenhuma 19
-Dificuldade língua	portugueses 16	-
-Satisfação trabalho	portuguesas 16	ambos 16
-Objecto de atitudes racistas	muita 16	-
	pouco 15	-
	-	-
	nunca 15	-
-Dificuldade trabalho	muita 14	nenhuma 12
-Satisfação alojamento	nada 14	muito 13
-Auto percepção da saúde	má 10	excelente 14
-Julgamento sobre a satisfação dos outros migrantes	pouco 13	-
-Dificuldade alimentação	pouca 11	-
-Aconselhamento a um amigo de migrar	muito 9	sin 10
-Conceper	nada 10	-
-Intenção de regresso	falta de calor humano 9	-
	futuro próximo 9	-

Quadro 7

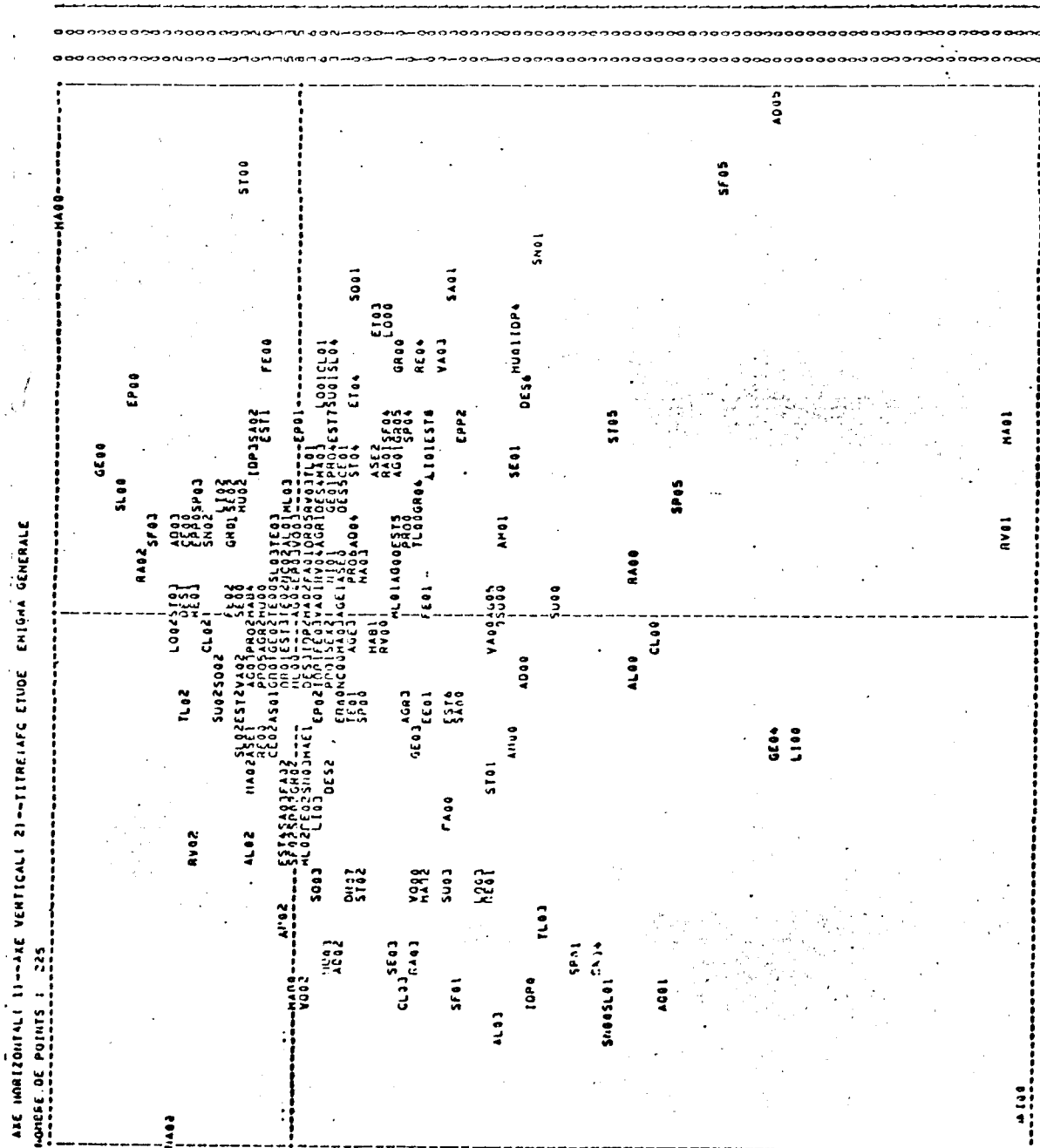
Modalidades contribuinte para a significação do eixo 2 na análise da adaptação

Tema das questões

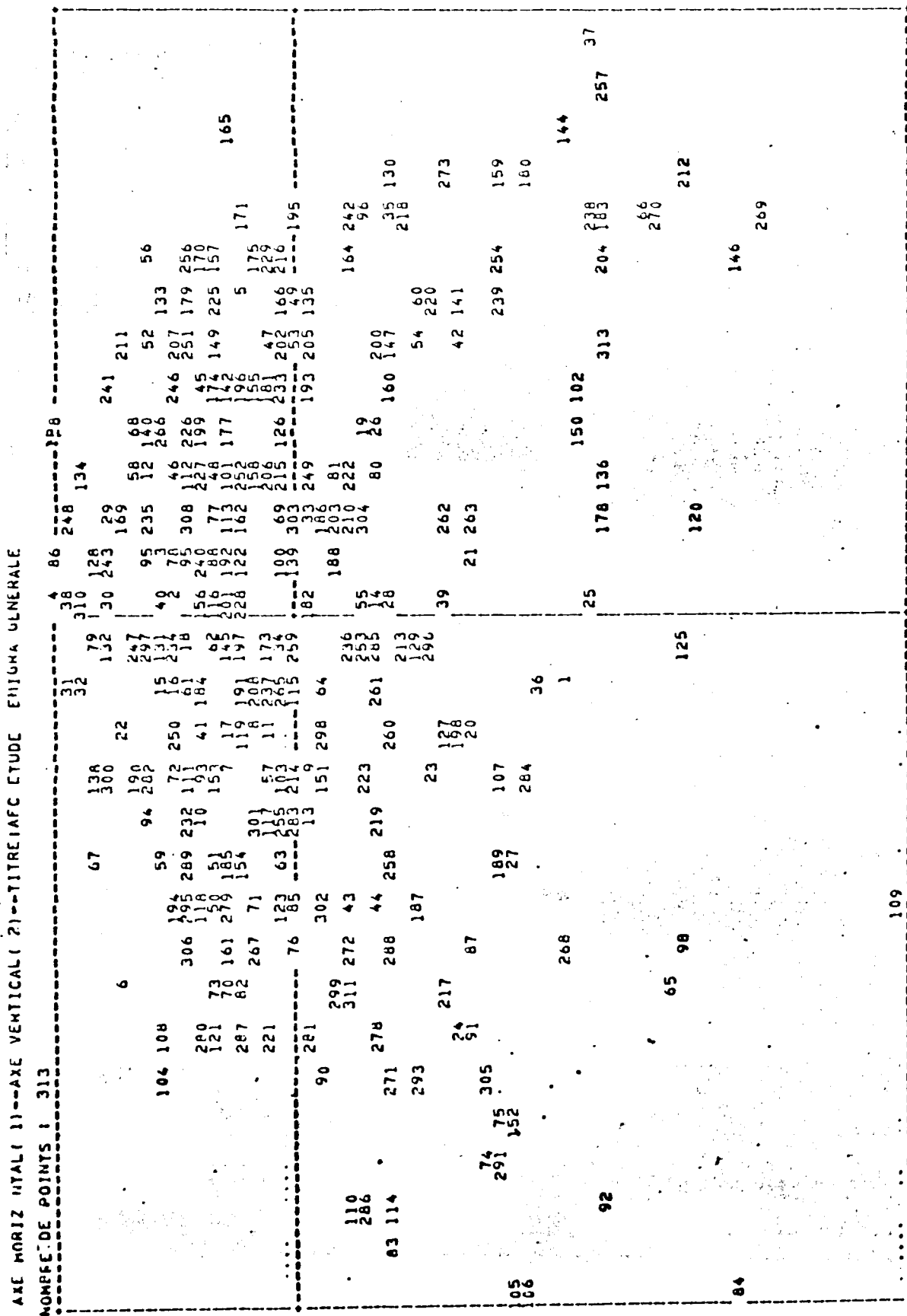
Modalidades e contribuições (em milésimo)

-Satisfação da migração em geral	pólo negativo	pólo positivo
-Adaptação	muito 57	normalmente 30
-Satisfação do trabalho	muito 54	normalmente 30
-Personagens dos sonhos	muito 39	normalmente 24
-Dificuldade racismo	francesas 33	-
-Dificuldade alojamento	portuguesas 9	pouca 32
-Satisfação do alojamento	muita 32	pouca 22
-Dificuldade trabalho	nada 31	-
-Julgamento sobre a satisfação dos outros migrantes	muita 29	pouca 15
-Auto percepção da saúde	muito 25	normalmente 14
-Humor	nada 13	boa 13
-Objecto de atitudes racistas	excelente 20	igual 12
	má 16, 18	-
	melhor 18	-
	muitas vezes 15	raramente 16
	nunca 12	-
	não 15	-
	mais de uma vez	-
	por ano 13	-
-Envio de economias para Portugal	muita 12	pouca 9
-Idas a Portugal	nunca 11	-
-Dificuldade saúde	-	individualismo 11
-Dificuldade saudades	muita 8	pouca 11
-Conceper	muito mal 10	-
-Dificuldade clima	-	pouca 9
-Com o salário vive	nenhuma 9	pouca 8
-Dificuldade isolamento	maneira de educar as crianças 9	-
-Dificuldade língua	-	-
-Prazer	-	-

Figura 3 Localização das modalidades de análise da adaptação no plano determinado pelos eixos 1 e 2



**Figura 4** Localização dos sujeitos na análise da adaptação no plano determinado pelos eixos 1 e 2





sonhos são sobretudo francesas sendo os autóctones também preferidos como amigos. Em caso de doença poder-se-ia contar sobretudo com a ajuda dos franceses. O que se verifica a nível de grupos restritos, verifica-se igualmente a nível do grande grupo nacional, pois a identidade portuguesa é pouco reivindicada. Os dois grupos manifestam pois uma identificação com a sociedade de acolhimento.

Também não existe distância social percebida para esses grupos, pois a eles associam-se estereótipos positivos dos franceses, que são representados como fiéis na amizade e no amor, além de simpáticos.

A ausência de distância social vivida é denotada pelo facto de nunca se terem sentido alvo de atitudes racistas e pela pertença a associações francesas.

A ausência de distância social desejada, percebida e vivida, associa-se aqui, de certo modo, à desvinculação da sociedade de origem, que transparece através da falta de elos objectivos e subjectivos. Assim, situa-se neste mesmo quadrante o não-envio de poupanças para Portugal, as idas a Portugal não se verificam todos os anos, não sentem a saudade. A desvinculação também se efectua "in loco", pois nunca são visitados amigos portugueses.

Se os dois grupos aparecem associados à falta de fluxos financeiros de regresso, tal não parece dever-se a dificuldades económicas, pois encontramos também no seu perfil a opinião de que com o salário obtido no estrangeiro se consegue viver muito bem.

Quer para os migrantes que intencionam regressar para a reforma, quer para os que estão em conflito de escolha, o processo adaptativo não lhes acarreta dificuldades ao nível do clima, do alojamento, do trabalho e da língua. O balanço geral da adaptação é positivo assim como o da satisfação proporcionada pela estadia em França. São fontes de grande satisfação, o trabalho e o alojamento, e aos outros migrantes atribui-se-lhe também a satisfação com a emigração.

Entre o que é mais agradável no estrangeiro, surge a possibilidade de se fazer tudo o que se quer, sendo o mais desagradável, o espírito de competição, a maneira de educar as crianças e a demasiada liberdade sexual. Esta lista de desprazeres verificados pela estadia no estrangeiro, deixa reflectir que a fusão com os autóctones não é total. Tratando-se de migrantes adaptados, esta parece ser vivida autonomamente e não sob o signo da assimilação.

O balanço do bem-estar corporal não pode ser melhor, pois neste quadrante associam-se as modalidades: a opinião de ter melhor saúde em França que em Portugal, uma autopercepção excelente da saúde, ausência de dificuldades com a saúde, enfim, um humor mais positivo no país de acolhimento do que no país de origem.

Dado o conjunto de modalidades associadas neste quadrante, não é de admirar uma atitude positiva em relação à emigração, o que aflora através do aconselha-

mento positivo a um amigo residente em Portugal para seguir a via migratória.

Em suma, os dois grupos localizados no quadrante inferior direito parecem caracterizar-se por uma adaptação satisfatória.

As características sócio-demográficas aqui emergentes são: o nascimento numa cidade, a instrução primária incompleta, a emigração efectuada antes dos vinte e um anos, o estado civil viúvo e separado e a qualificação profissional de operário qualificado ou contra-mestre.

No quadrante superior direito detectamos a intenção de regresso num futuro indeterminado. O perfil que melhor o caracteriza talvez se possa sintetizar na adaptação intermediária.

Embora encontremos a reivindicação da identidade portuguesa, associada a este grupo, tal não é feito de modo extremo mas normal. Raramente se sentiram objecto de atitudes racistas e o estereótipo que melhor caracteriza os franceses é o de serem abertos. Contrapondo esse estereótipo com a principal fonte de desprazer no estrangeiro - o individualismo - encontramos aqui um sintoma ambivalente do seu vivido. O relacionamento interpessoal com os franceses é mantido, pois, em caso de doença no estrangeiro, a ajuda tanto pode vir daqueles como dos compatriotas, desde que seja necessária.

O balanço geral da adaptação e da satisfação proporcionada pela estadia no estrangeiro é intermediário, como também o é a satisfação proporcionada pelo alojamento e pelo trabalho e a satisfação do processo migratório atribuída a outros migrantes portugueses. No seu quotidiano, estes migrantes esbarram com poucas dificuldades ao nível da saudade, da língua, do racismo. A alimentação não proporciona nenhuma dificuldade.

A vinculação ao país é normalmente sentida, indo uma vez por ano ao solo pátrio.

A saúde também aparece aqui pouco problemática: autopercepção de boa saúde, pouca dificuldade com a saúde, estabilidade de humor em França comparativamente com Portugal. Tratando-se de migrantes que não vivem o processo migratório abati-  
dos pelo sofrimento somático, não necessitam de localizar compulsivamente o regresso num prazo definido.

As características sócio-demográficas mais associadas a este quadrante, são: família com mais de dois filhos, o alojamento numa portaria e o tempo de estadia mais longo, isto é, nunca inferior a 16 anos.

No quadrante superior esquerdo localiza-se a intenção de regresso num futuro intermédio se bem que não muito afastada do centro de gravidade.

Os grupos de referência são os da sociedade de origem, o que é particularmente reflectido pela preferência de casamento e pelas personagens dos sonhos. A identidade portuguesa é bastante reivindicada. A identificação com o grupo nacional de origem acompanha-se de lusitanidade vivida "in loco", que se exprime pela pertença associativa e muito em particular, a pertença a associações portuguesas.

Os habitantes da sociedade de acolhimento são percebidos de modo ambivalente. Se são trabalhadores, também são individualistas.

Se o processo adaptativo não acarreta muitas dificuldades, põe algumas ao nível da saúde, do trabalho, do alojamento e da alimentação. Essas dificuldades são suficientes para ter uma atitude negativa em relação à eventual migração de amigos.

Não parecem estar associadas a este grupo dificuldades económicas, pois bem perto encontramos a modalidade segundo a qual com o que o migrante ganha, vive bastante bem.

Este grupo parece assim estar inserido numa constelação de modalidades que traduzem uma adaptação instrumental.

As características sócio-demográficas que aparecem mais associadas à intenção de regresso num futuro intermédio, são: a idade da emigração entre os 21 e os 30 anos, a idade actual entre os 40 e os 55 anos e a qualificação profissional de serventes, operários especializados e até empregados.

A intenção de regresso num futuro próximo encontramo-la mesmo em cima do eixo 1 no seu pólo negativo.

Esse grupo encontra-se bem rodeado de toda a constelação de modalidades indicativas de que os grupos de referência são os do país de origem: o casamento deve efectuar-se de preferência com compatriotas, as personagens dos sonhos são sobretudo portuguesas, preferência de amigos e vizinhos portugueses, a ajuda em caso de doença viria dos portugueses. A identidade portuguesa aparece extremamente reivindicada. A identificação ao grupo nacional de origem não se acompanha tanto de lusitanidade vivida "in loco", como vivida saudosisticamente.

A uma distância social desejada em relação à sociedade de acolhimento, associa-se a distância social percebida e vivida através de estereótipos negativos dos franceses, pretensiosos e racistas, e do facto de se sentirem frequentemente objecto de atitudes racistas desde a sua chegada a França. Trata-se dos migrantes mais sensíveis à discriminação étnica.

Se não emerge nenhuma modalidade que seja fonte de prazer na sociedade de acolhimento, surgem como fontes de desprazer a falta de calor humano e as condições de vida.

As dificuldades vividas quotidianamente, parecem ser de toda a ordem: língua, solidão, clima, alojamento. Considerando-se pouco adaptados, pouco satisfeitos da estadia no estrangeiro, pouco satisfeitos no trabalho, consideram do mesmo modo, que os outros migrantes portugueses estão igualmente pouco satisfeitos.

A saúde destes migrantes aparece extremamente vulnerável. É autopercepcionada como medíocre, é pior em França que em Portugal, sente muitas dificuldades ao nível da saúde, o humor assume uma tonalidade mais negativa no estrangeiro que em Portugal.

A completar este quadro negativo, o sucesso da migração do ponto de vista económico não parece estar garantido. Além das poupanças efectuadas não correspondem às expectativas, com o salário disfrutado no estrangeiro vive-se bastante mal.

Em suma, não parece haver dúvida de que a intenção de regresso num futuro próximo aparece associada a uma adaptação insatisfatória.

Tal perfil é mais característico daqueles para quem a vinda para França representou uma segunda emigração, tendo então mais de 29 anos, habitando em Paris, tendo como alojamento um quarto, o tempo de estadia não excede os 10 anos e não têm parentes no estrangeiro.

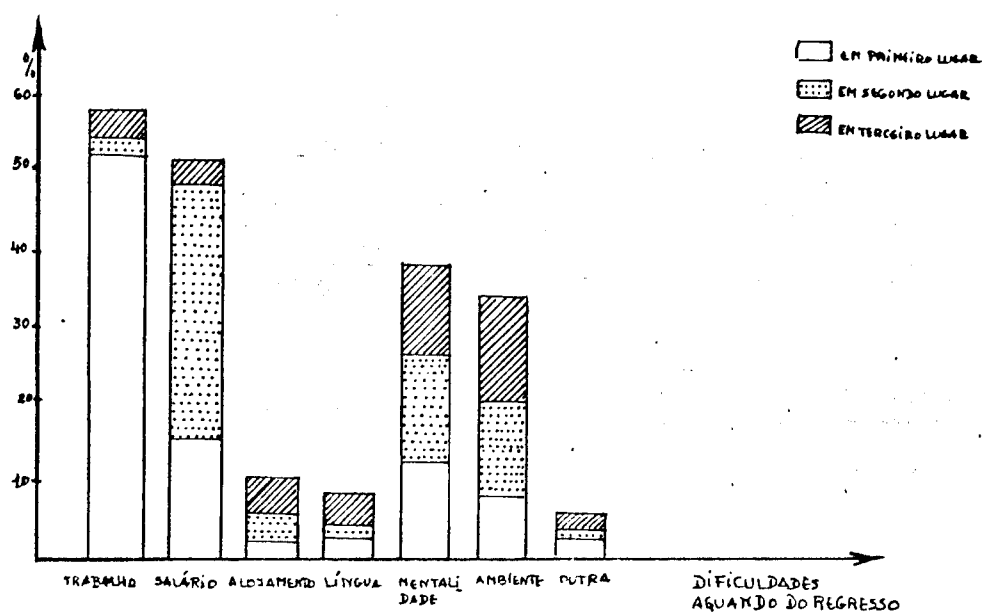
### 3.3/ Representações

Veremos de seguida as representações das dificuldades postas pelo regresso e as representações da vida em Portugal e na França.

A propósito das representações das dificuldades do regresso, confirma-se o que encontramos no inquérito de 1977. Há não só uma certa constância das principais dificuldades mencionadas pela amostra, como também essas dificuldades são independentes dos projectos de regresso.

Embora a lista das dificuldades tenha sido ligeiramente modificada, verifica-se que encontrar trabalho e ter um salário conveniente são as dificuldades mais frequentemente evocadas (figura 5). Mais de metade da amostra (53,4 %), menciona como principal dificuldade aquando de um eventual regresso o facto de encontrar trabalho. O regresso põe igualmente problemas sócio-culturais: a readaptação à mentalidade das pessoas que não emigraram e ao ambiente deixado anos atrás, ocupam respectivamente o terceiro e quarto lugares na lista das dificuldades. Finalmente, a obtenção de um alojamento ou dificuldades linguísticas raramente são mencionadas.

Figura 5 Dificuldades aquando do regresso

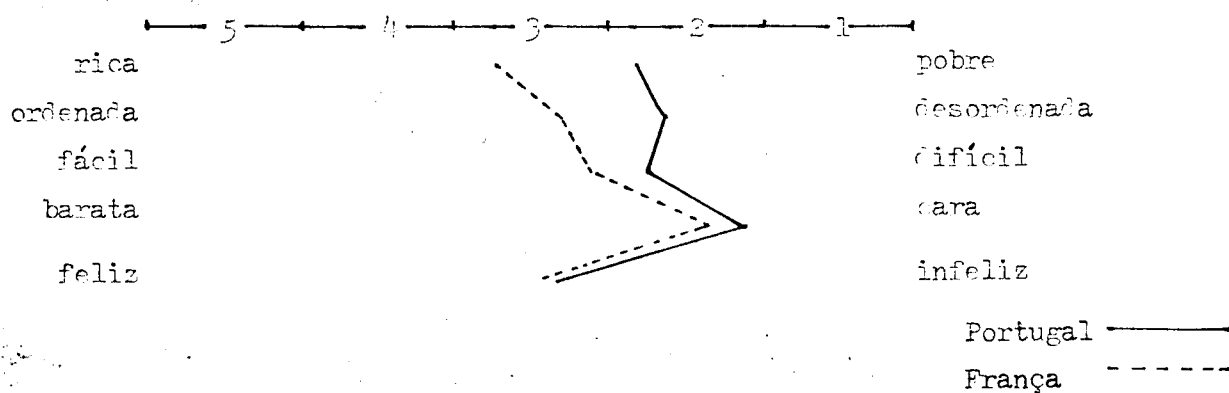


Quadro 8 Principal dificuldade do regresso segundo os grupos (%)

	G I	G II	G III	GIV	GV
Arranjar trabalho	57,8	52,4	57,6	42,1	50,0
Ter um salário conveniente	14,1	14,6	15,3	10,5	26,9
Encontrar alojamento	0,0	0,0	3,5	0,0	1,9
Adaptar-se à língua	0,0	2,4	2,4	0,0	1,9
Adaptar-se à mentalidade	10,9	12,2	7,1	21,1	11,5
Adaptar-se ao ambiente	6,3	9,8	7,1	15,8	1,9
Outra	1,6	0,0	2,4	0,0	0,0
Sem resposta	9,4	8,5	4,7	10,5	5,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

$$\chi^2 = 36,99, \quad p = 0,3771$$

Figura 6 Perfil de polaridade das representações de Portugal e da França



O quadro 8 mostra-nos que o efeito da principal dificuldade de regresso sobre a intenção de migrar não é significativo ( $\chi^2 = 36,99$ ,  $p = 0,3771$ ). Qualquer que seja o projecto de regresso, a dificuldade de encontrar trabalho é mencionada em primeiro lugar. A segunda dificuldade a enfrentar, segundo todos os grupos, é a de ter um salário conveniente, excepto para os que pensam regressar aquando da reforma. Estes esperam encontrar mais dificuldades em readaptar-se à mentalidade das pessoas ou até ao próprio ambiente português.

Para se avaliarem as representações da vida nos dois pólos da cadeia migratória, utilizou-se a técnica do diferenciador semântico reduzido às cinco escalas mais discriminativas no estudo de 1977.

Para o conjunto da amostra aparecem representações mais positivas da França que de Portugal. O conceito "França" não comporta nenhuma escala mais negativa que o conceito "Portugal" (figura 6). As escalas onde o fosso é maior, são constituídas pelos pares rica-pobre, ordenada-desordenada. Situam-se em seguida as escalas fácil-difícil, barata-cara e feliz-infeliz.

As escalas foram submetidas à AFC sobre um quadro disjuntivo completo, previamente recodificadas em três modalidades. O escalão central manteve-se e os dois escalões extremos de cada escala recodificaram-se num só escalão, fornecendo-nos estes a direcção do julgamento. Obtiveram-se assim 30 modalidades que foram projectadas como elementos principais, tendo sido projectados como elementos suplementares as características da população e os projectos migratórios.

A percentagem de inércia extraída pelos três primeiros eixos é de 29,8%.

O primeiro factor representa 11,4% da inércia total. No pólo negativo têm contribuições superiores à média, três modalidades intermediárias relativas ao país de acolhimento: a vida em França nem é ordenada nem desordenada; nem é rica nem pobre; nem é feliz nem infeliz. No pólo positivo encontramos todas as modalidades positivas do país de acolhimento e três do país de origem: a vida em Portugal é fácil, barata, ordenada. Trata-se pois de um factor que opõe representações intermediárias/positivas do país de acolhimento.

O segundo factor representa 10,2% da inércia total. Aparecem no pólo negativo todas as representações intermediárias da vida no país de origem, à excepção do par feliz-infeliz. O pólo positivo reúne todas as representações negativas do país de origem, à excepção do par barata-cara. Trata-se pois de um factor que opõe representações intermediárias/negativas do país de origem.

O terceiro factor extrai 8,1% da inércia total. Reúne no pólo negativo representações intermediárias do país de acolhimento que não apareciam no primeiro factor: a vida em França nem é barata nem cara; nem é fácil nem difícil. No pólo positivo encontram-se todas as modalidades negativas do país de acolhimento. Parece pois tratar-se de um factor que opõe representações intermediárias/

FIGURA 3 - LOCALIZAÇÃO DAS MODALIDADES DAS REPRESENTAÇÕES DE PORTUGAL E DA FRANÇA NO PLANO DETERMINADO PELOS EIXOS 1 E 2.

20X13

• VIDA INTELIZ  
EM PORTUGAL

• VIDA POBRE  
EM PORTUGAL

• VIDA DESORDENADA  
EM PORTUGAL

VIDA POBRE  
EM FRANÇA

VIDA FELIZ  
EM FRANÇA

• VIDA ORDENADA  
EM FRANÇA

• VIDA BARATA  
EM FRANÇA

• VIDA FÁCIL  
EM FRANÇA

• VIDA FÁCIL  
EM PORTUGAL

**- VIDA BARATA EM PORTUGAL**

VIDA ORDENADA

Exo 1

**ATG**

GV

• ANTES DE ENIGRAR  
RESIDIA NA CIDADE

HABITA PARIS

• IDADE NO MOMENTO DA EMIGRAÇÃO: 16-24 anos

SEGUNDA EMIGRAÇÃO PARA FRANÇA

HABITA APARTAMENTO • SEXO MASCULINO

GII

TEMPO DE ESTADIA:

• ANTES DE EMIGRAR  
RESIDIA NA ALDEIA

IDADE NO MOMENTO  
DA EMIGRAÇÃO: 21-30 anos

6-111

• SERVENTES OPERÁRIOS ESPECIALIZADOS

FORM DC-42 (Rev. 10-6-65)

• NÃO COMPLETOU INSTRUÇÃO PAIMÁRIA

OUTRA PROFISSÃO \_\_\_\_\_

VIDA FELIZ  
RM PORTUGAL

VIDA RICA  
EM PORTUGAL

**PRIMEIRA EMIGRAÇÃO  
PARA FRANÇA**

TEMPO DE ESTADIA:  
16 e mais anos

VIDA SEM ORDEMADA  
SEM DESORDENADA

vida nem feliz  
nem infeliz  
em França

• VIDA SEM RICA  
SEM POBRE  
EM PORTUGAL

• VIDA SEM ORDENADA  
SEM DESORDENADA  
EM PORTUGAL

SEPARADO

vida nem fácil  
nem difícil  
em Portugal

**FILMS ASSIEM  
EM FRANTA**

VIDA SEM CARI  
SEM BARATA  
EM PORTUGAL

• VIDA DIFÍCIL  
EM PORTUGAL

- VIDA DIFÍCIL EM FRANÇA
- VIDA DESORDENADA EM FRANÇA

VIDA DESORDENADA  
EM FRANÇA

IDADE 40-55  
anos

• VIDA NEM FELIZ  
NEM INFELIZ  
EM PORTUGAL

VIDA NEM FÁCIL NEM DIFÍCIL  
EM FRANÇA

**VIDA NEM RICA  
NEM Pobre  
EM BRANCA**

**FOX13**

VIDA DESORDENADA  
EM FRANÇA

**-VIDA DIFÍCIL  
EM FRANÇA**

•VIDACADA  
6M FEBRUARY

## GI

- VIDA NA OBEDIEN-  
ÇA DA SOCIEDADE EM PORTUGAL
- VIDA NA RUA NA OBEDI-  
ÇA EM PORTUGAL
- VIDA NA FÉZ NA  
INTERIÓR EM PORTUGAL
- SERVIÇOS PESSOAIS E  
DOMÉSTICOS

VIDA NEN FELIZ  
NEN INFLUZ CA FRANKA

VIDA NEW ORLEANS  
NEW ORLEANS LA FRANCE

- SEPARANDO
- VIDA MUY FACIL EN BRANCA
- MUY DIFICIL EN PORTUGAL
- MUY BUEN MUNICIPIO

VIDA NEM FÁCIL  
NEM DIFÍCIL EM FRANÇA

VIDA WITH BARATL  
WITH CAROL ENZANCA

VIDA MTH BARATA  
MTH CARA EN PORTUGAL

VIDA INFELIZ  
EM TANCIA

WILDA PODRZE  
EK FRANKA

II  
G

MARGARETA MURRAY  
 \*RESIDIA MURRAY  
 \*TRABABA NO MOMENTO DA ENTREVISTA;  
 16-24 ANOS \*CASADO \*OUTRA PROFISSÃO  
 SEMO FÉRMENNO

MADEIRA PARÍS

• TCM 24 252016-  
4-10-2003

MABITA A PAQTAR+NTD .SEXO N43CULIND

### G-III

- RESIDUA MUNA CLADDE

## A5

$-V(DA) + 308D + 74A + 64$  PORTLAND

• VIDA PODRE EM PORTUGAL

**GIV**

• Principio de espacio  
para tener

VIDA FULL  
IN FRANCE

• VIDA ORDINADA  
em FRANÇA

WILDA RICA  
CHERNOCA

ON 72444  
PACIFIC

VIDA FINE  
ET POSITIVE

विद्या भवन

**Don't**

VIDA DAKOTA  
EN FRANCA

VIDA FÁCIL  
em PORTUGAL

Vida Jacata  
em Portugal



Figura 9 Localização dos sujeitos nas representações de Portugal e da França no plano determinado pelos eixos 1 e 2

AXE HORIZONTAL( 1)--AXE VERTICAL( 2)--TITRE:AFIC ETUDE EMIGRA ECHELLES SUR 3 POSITIONS +SR EN SUPP.

NOMBRE DE POINTS : 313

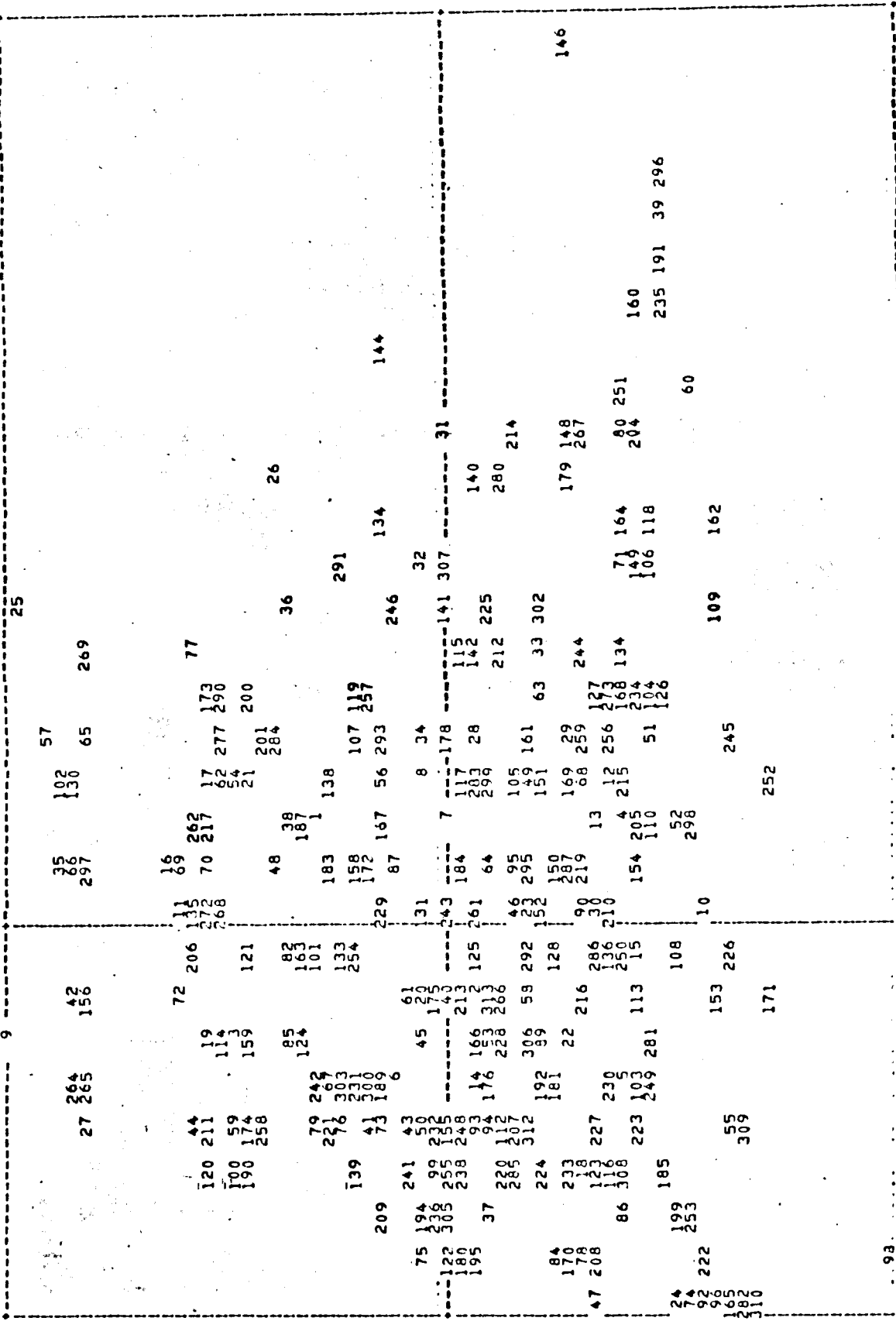
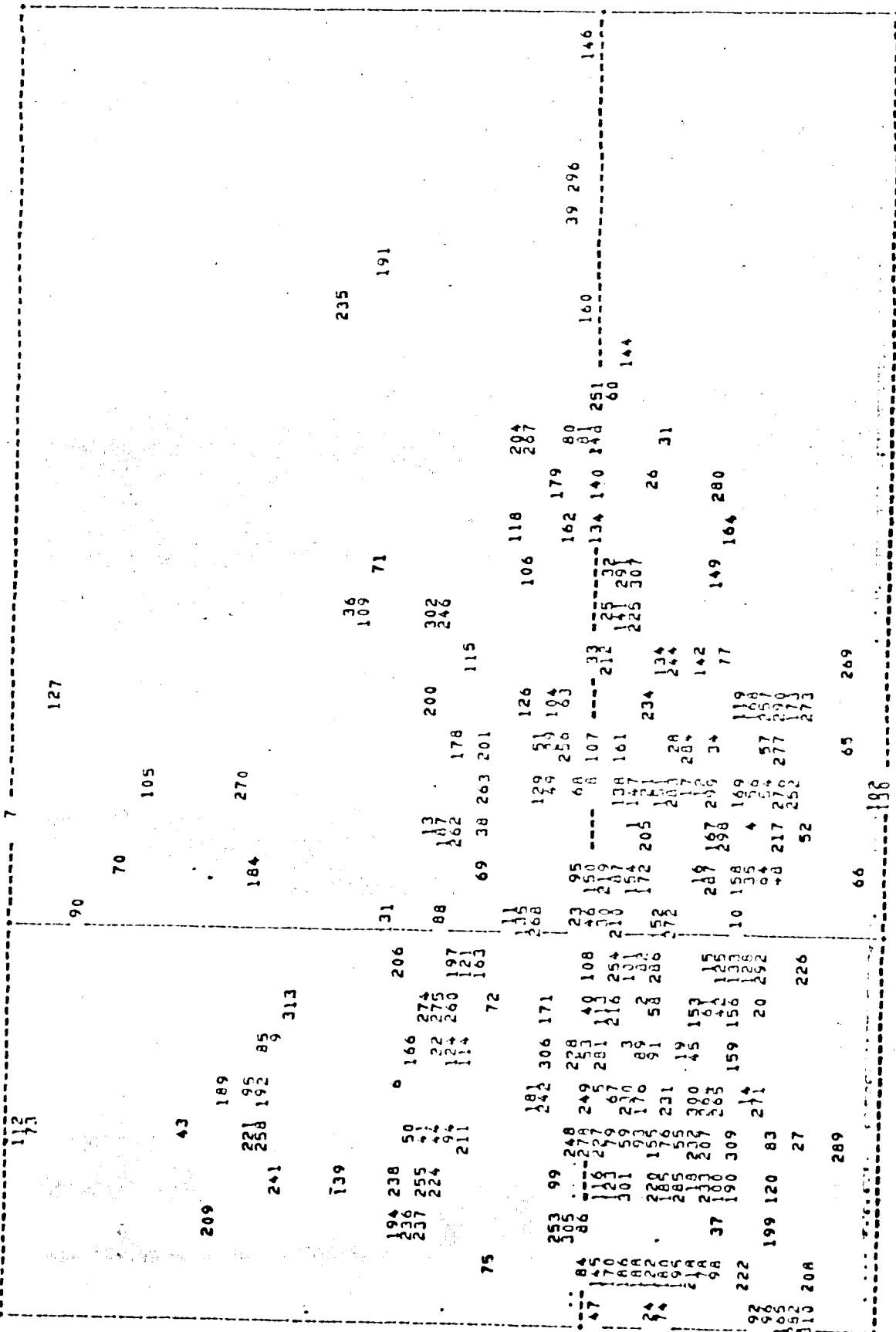


Figura 10 - Localização dos sujeitos nas representações de Portugal e da França no plano determinado pelos eixos 1 e 3

AXE HORIZONTAL( 1)---AXE VERTICAL( 3)---TITREIAFC ETUDE EMIGRA ECHELLES SUR 3 POSITIONS \*SR EN SUPP.

NOMBRE DE POINTS 1 313



negativas do país de acolhimento.

Passemos a analisar os quadrantes formados pelos planos lx2 e lx3.

Começando pelo plano lx2, encontra-se no quadrante inferior esquerdo a intenção de regresso num futuro indeterminado. Este grupo encontra-se associado a representações intermediárias, quer do país de acolhimento, quer do país de origem.

No quadrante inferior direito localiza-se a intenção de regresso num futuro próximo e intermédio se bem que relativamente perto do centro de gravidade.

Avançando progressivamente para o quadrante superior direito situa-se proximamente a intenção de regresso num futuro afastado e o conflito de escolha. Estes grupos encontram-se partilhados entre modalidades que denotam representações negativas da vida no país de origem e positivas no país de acolhimento. Só há uma falsa nota nestas associações. A vida em França é representada como sendo pobre, sobretudo pelos que pensam regressar aquando da reforma.

No plano formado pelos eixos lx3, todos os grupos aparecem associados a constelações representacionais. Precisa-se assim a visão global que se acaba de ver.

No quadrante superior esquerdo encontra-se a intenção de regresso num futuro indeterminado, associado a modalidades intermediárias da vida em Portugal e negativas da vida em França.

No quadrante superior direito situa-se a intenção de regresso num futuro próximo rodeada de constelações representacionais negativas do país de acolhimento e positivas do país de origem.

No quadrante inferior direito, encontramos os restantes grupos. Aí a intenção de regresso num futuro intermédio aparece projectada perto de representações negativas do país de origem: a vida em Portugal é desordenada, pobre, infeliz. Os grupos com intenção de regresso num futuro afastado e em conflito de escolha encontram-se rodeados de representações negativas do país de origem e positivas do país de acolhimento.

#### 4/ Discussão

Este inquérito, efectuado junto de 313 migrantes portugueses da primeira geração residentes em França, confirma as hipóteses de que partíramos.

A concepção da trajectória migratória como provisória não parece ser em 1983 "uma representação arcaica e estereotipada", segundo as declarações dos actores do acontecimento migratório. 80% dos migrantes interrogados têm na sua perspectiva de futuro o regresso ao país de origem, entre os quais só 6% pensam regressar aquando da reforma. Este inquérito não nos permite verificar a evolução da comunidade portuguesa da primeira geração para um projecto de enraizamento que parece constituir ainda "um discurso contra a corrente". Só o encontramos em dois sujeitos e por isso não se constituiu um grupo com o projecto de enraizamento. Porém, se compararmos os projectos migratórios da amostra de 1977 com a de 1983, a constatação que salta com mais força é a impossibilidade de os sujeitos se decidirem entre dois projectos contraditórios, regressar ao país ou ficar definitivamente em França. O conflito de escolha está proporcionalmente três vezes mais presente agora. É óbvio que esta observação deve ser tomada com certa precaução na medida em que não se trata de um plano de inquérito longitudinal. A impossibilidade de se decidir entre dois projectos contraditórios não é específica à comunidade portuguesa, pois Le Masne pôde-o também verificar junto de migrantes argelinos em França: "esta impossibilidade é o sinal das contradições em que vivem, contradições inerentes à sua condição proletária" (Le Masne, 1982, p. 38).

Partindo da reformulação das hipóteses, tendo em conta os resultados do inquérito de 1977, encontramos no estudo de 1983 a sua confirmação. Assim o comportamento intencional de regresso associa-se a variáveis indicativas desse comportamento ao nível da situação do migrante no processo adaptativo. A partir de um questionário mais curto, verifica-se que os projectos de regresso agregam-se a constelações de variáveis psicosociais da adaptação idênticas às de 1977:

- O projecto de regresso num futuro próximo associa-se a uma adaptação insatisfatória;
- O projecto de regresso num futuro intermédio é caracterizado sobretudo por uma adaptação instrumental;
- O projecto de regresso num futuro afastado e o grupo que vive na indecisão entre partir ou ficar associam-se a uma adaptação satisfatória;
- Se em 1977 o projecto de regresso num futuro indeterminado não aparecia claramente descrito por nenhum tipo de adaptação, aparece agora caracterizado por um tipo de adaptação intermediária.

Os dados agora encontrados são igualmente convergentes com os de 1977 relativamente às relações entre os projectos de regresso e as representações do país de origem. As representações das dificuldades aquando do regresso são independentes dos projectos de regresso. Este está nas perspectivas de futuro dos migrantes apesar de terem consciência das dificuldades que o regresso pode suscitar. As dificuldades sócio-económicas postas pela reinserção são também agora as mais evocadas. Tratando-se, contudo, de uma amostra mais " idosa " relativamente ao tempo de estadia, não é de admirar que as dificuldades de adaptação sócio-psicológicas postas pelo regresso, como a adaptação à mentalidade dos que não emigraram e ao ambiente originário, ganhem mais importância.

Reencontram-se representações mais positivas do país de acolhimento que do país de origem para o conjunto da amostra, mediante um diferenciador semântico abreviado. A AFC deste diferenciador semântico mostra que nos dois inquéritos os diferentes grupos encontram-se associados a constelações de representações similares nos planos formados pelos eixos  $1 \times 2$  e  $1 \times 3$ . Como em 1977, o plano  $1 \times 3$  precisa melhor que o plano  $1 \times 2$  as representações da vida em Portugal e na França relativamente aos projectos de regresso. O projecto de regresso num futuro indeterminado encontra-se associado a representações intermédias do país de origem e negativas do país de acolhimento. O projecto de regresso num futuro próximo é melhor caracterizado por representações positivas do país de origem e negativas do país de acolhimento. O projecto de regresso num futuro intermédio aparece associado a uma constelação representacional negativa do país de origem. Os restantes grupos, isto é, o projecto de regresso num futuro afastado e o grupo em conflito de escolha agregam-se a constelações de representações positivas do país de acolhimento e negativas do país de origem. Verifica-se pois que os projectos de regresso são caracterizados por diferentes constelações representacionais dos pólos postos em relação pela migração, idênticas às encontradas em 1977.

Se os projectos de regresso estão presentes nos migrantes portugueses da primeira geração em França, a representação que os potenciais acolhedores do país de origem têm dos migrantes é uma condição a ter em conta para o regresso. Assim, a segunda parte deste trabalho será consagrada à migração portuguesa representada.

## SEGUNDA PARTE

### A MIGRAÇÃO PORTUGUESA REPRESENTADA

" E as aves que chegavam. E as aves que  
partiam. Recorda as rolas de Setembro.  
Maçaricos passavam sobre a Ria  
alguém sonhava um outro continente.  
Recorda a migração (a emigração). "

Manuel Alegre

" De même que dans un jeu, où l'on essaie et  
éprouve les phénomènes matériels, collectifs,  
avant de vérifier leur existence réelle et de  
les mettre en pratique ' pour de bon ', on se  
risque à faire des ébauches et des brouillons,  
on se livre à des manoeuvres intellectuelles  
et à des répétitions, que présentent le spectacle  
du monde comme un monde du spectacle. "

Serge Moscovici

I/ ESTUDO 1

A MIGRAÇÃO PORTUGUESA REPRESENTADA PELOS ADOLESCENTES

II/ ESTUDO 2

PROJECTOS DE EMIGRAR NOS PRÉ-ADOLESCENTES

## I/ESTUDO 1 - A MIGRAÇÃO PORTUGUESA REPRESENTADA PELOS ADOLESCENTES

- 1/ Introdução
- 2/ Quadro teórico geral: a representação  
social
- 3/ Quadro metodológico
- 4/ Campo semântico da representação
- 5/ Informação
- 6/ Atitude
- 7/ Partida
- 8/ Processo adaptativo
- 9/ Regresso
- 10/ Análise global
- 11/ Projectos de emigrar
- 12/ Discussão



## 1/ INTRODUÇÃO

O núcleo central deste estudo é a apreensão das representações do fenómeno migratório que habitam os adolescentes. Os sujeitos deste estudo não são nem foram geralmente migrantes. Quase todos olham os migrantes de fora. Mas estão eles precisamente fora? Só o psicólogo pode falar de psicologia, só o político pode falar de política, só a abelha do mel que se lhe extrai? Este estudo é um certo olhar: o olhar que tem a adolescência - idade de opções vitais/cruciais - dos migrantes e da migração. Estes observadores estão aliás eles próprios na migração, pois se não há migração sem migrantes também não há migração sem uma sociedade que "produz" migrantes.

Dois objectivos globais estão na origem deste trabalho. O primeiro prende-se com a análise do universo de opiniões, a apreciação do nível global de conhecimento e a estruturação da opinião sobre a migração. Não nos contentaremos unicamente em descrever os conteúdos de pensamento. Tentaremos localizar as variações e as significações numa população definida. A referência à migração suscita nos grupos sociais sistemas de opinião e uma visão do mundo que lhes são próprios. A perspectiva adaptada vai permitir pôr em evidência a propósito de um objecto socialmente significativo e mobilizador de interesses múltiplos na conjuntura actual, a migração, os conteúdos e a forma de organização das representações próprias a diferentes grupos sociais.

Uma das características fundamentais da personalidade do adolescente segundo Spranger (citado por Santos, 1966, pp. 52-54) é a formação de um plano de vida. Se para a criança, a vida é uma série de acontecimentos distintos e fragmentários, e o tempo uma sucessão de elementos isolados, o adolescente sente a vida como

uma totalidade e o tempo como um conjunto unitário e permante. A necessidade e o poder que o adolescente tem de se projectar no futuro e de formular planos de existência são o resultado da vivência do tempo e da vida como orientação contínua. "O desenvolvimento da reflexão sobre si, ... , toma muitas vezes no adolescente a forma de uma interrogação e de julgamentos efectuados sobre as suas próprias condutas e tendências, julgamentos por vezes projectados na perspectiva de futuro" (Tome, 1983, p. 212).

O período da adolescência pode ser considerado como uma moratória psico-social, durante a qual o adolescente, através da livre experimentação de papéis, poderá encontrar um lugar, "um nicho", na sociedade (Dias, 1980). Estará na perspectiva de futuro dos adolescentes o papel de emigrantes? A resposta a esta questão pondo em evidência determinantes da intenção de migrar é o nosso segundo objectivo geral.

O estudo reveste-se de um interesse não só actual como prospectivo.

O primeiro ponto de interesse é que nenhum estudo do nosso conhecimento foi efectuado sobre esse assunto dentro do campo teórico que nos inserimos - o conceito psicosociológico de representação (Moscovici, 1961).

Para além deste interesse teórico, a temática em questão tem também interesse para a compreensão da sociedade portuguesa pela importância que o fenómeno migratório tem hoje em dia. Já assinalámos este ponto na introdução geral.

Herzlich (1972, pp. 308-309), observa com pertinência que os estudos efectuados sobre as representações sociais tendo por objectivo uma teoria científica (a psicanálise), um papel social (mulher, criança), ou noções (cultura, doença), deram lugar a violentas controvérsias na sociedade. Diz a nossa sabedoria popular que não há regra sem excepção. Se a representação do "homem simpático" é uma excepção (Maisonneuve, 1978, p. 73), um fenómeno social, como a migração, não é excepção a esse movimento, mas segue a regra geral.

O estudo das representações da migração elaboradas pelos adolescentes num contexto histórico é uma contribuição à imagem que têm deles próprios e da sua situação na sociedade, ao conhecimento do seu projecto. A representação social de um objecto é também o estudo da nossa sociedade enquanto que se representa em relação a esse objecto (Moscovici, 1976, p. 208). Estamos perante um assunto que favorece não só a projecção dos sujeitos como a revelação das influências dominantes que se exercem sobre eles. Não escreveram o vate transmontano:

"A mocidade é o barómetro do mundo" (Torga, 1983, p. 183)?

Ambrósio passando em revista a carência de estudos sobre os adolescentes portugueses escreve: "Enfim, desconhecemos sobretudo as aspirações dos adolescentes e a diversidade dessas aspirações ... (1982, p. 12). Esperamos contribuir para o conhecimento de uma aspiração específica.

Os estudos efectuados sobre a adolescência puseram em evidência os conflitos próprios a esta idade de transição. Dentre estes é de referir, para além da procura de uma explicação dos problemas sexuais, a curiosidade, o desejo de compreender a conduta dos outros, a necessidade de um guia (cf. Moscovici, 1976, p. 186). A migração pode servir de écran de projecção destes três últimos conflitos.

O estudo apresenta prospectivamente um duplo interesse. O primeiro, ligado à população objecto de estudo: os adolescentes que são os esteios da humanidade de amanhã, eles próprios serão eventualmente os emigrantes ou com quem se inter-relacionarão os emigrantes.

Um segundo interesse prospectivo está ligado à problemática abordada. Um país com mais de 1/3 da população vivendo na diáspora cuja primeira geração, pelo menos a que vive na Europa, manifesta a intenção de regressar. Não sendo visionário nem profeta, a manter-se a actual situação económica nos países desenvolvidos e caso o nosso país ofereça melhores condições, serão cada vez mais os que regressarão. Mas para a reinserção dos emigrantes, medidas governamentais em sectores como o emprego, alojamento, os serviços sociais e a capacidade dos migrantes se readaptarem, são dificuldades a resolver que condicionam necessariamente o regresso. Mas há também uma condição suplementar a ter em conta: "o estado de espírito da população local em relação aos emigrantes", para utilizar a expressão de Rien Van Gendt. E este autor continua: "Desde que haja nessa população local indivíduos que não emigraram, embora tendo-o desejado, e desde que o tratamento preferencial dado aos emigrantes de regresso faça nascer na população o sentimento de que ela é vítima de uma discriminação, podem facilmente manifestar-se tensões e uma certa animosidade a nível local. Em contrapartida, se a população local demonstra uma disposição favorável em relação a eles, os migrantes de regresso podem afirmar-se como um elemento positivo na vida social da colectividade e no desenvolvimento da sua região. As autoridades nacionais e locais deveriam assim tentar impedir a mobilização da opinião contra estes trabalhadores e deveriam também, assim que decididas as medidas a tomar, ter em conta a forma como a população local considera os migrantes de regresso" (Rien Van Gendt, 1977, p. 67.)

Citamos longamente este autor por ele mostrar o interesse prático do estudo das representações dos adolescentes, adultos de amanhã, perante a migração de regresso. Um autor argelino também se refere a este assunto: "As condições de uma reinserção com êxito residem não somente num conjunto de estruturas para que os Argelinos, no seu regresso, encontrem emprego, habitação, escola ... mas também na presença de um clima que ateste que eles sempre tiveram o seu lugar no seu país" ( Le Masne, 1982, p. 58). Para além do acolhimento "oficial" é pois necessário tomar em consideração o acolhimento da população portuguesa e o modo como ela representa a migração, os migrantes.

Estudando as reacções do meio social de origem em relação à migração esperamos contribuir para o conhecimento dum domínio muito pouco abordado na literatura (Kassimati, 1983, p.7).

Terão os adolescentes representações negativas geradoras de preconceitos ? Perante uma resposta afirmativa seria de prever um problema social, dado que a manifestação comportamental do preconceito pode originá-lo (Jones, 1973, p. 3). E aqui o psicossociólogo poderia dar o seu contributo mediante a elaboração de uma de intervenção sobre a opinião. No caso do barómetro representacional dos adolescentes apresentar valores positivos, o caminho está aberto para que os migrantes potenciais ou reais de hoje se dêem as mãos na construção do bem-estar colectivo "in situ", banindo das nossas terras a migração enquanto resposta a um constrangimento social.

Esboçados os objectivos e o interesse do estudo, estamos cónscios de que ele só representa uma etapa.

## 2/ QUADRO TEÓRICO GERAL: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL

O estudo que nos propomos fazer resulta de uma certa maneira de olhar o real, de uma abordagem teórica e metodológica. O mesmo é dizer que a nossa problemática não é fortuita: situa-se no quadro teórico da representação social que parece cor responder às nossas interrogações.

### 2.1 - Origens

A palavra representação social encontra-se, hoje em dia, espalhada nas ciênciias sociais, desde que em 1961 Moscovici desenterrou este " conceito esquecido " de Durkheim.

O conceito de representação social resulta do empréstimo do vocabulário filosófico do termo representação. No seu " Vocabulário da Filosofia ", Lalande (1926) dá-lhe quatro acepções:

A - Facto de representar (nos sentidos B e C), uma pessoa ou uma coisa, (reenviando-nos para Leibniz e para o Código Civil).

B - No sentido concreto: conjunto de pessoas que representam outras.

C - Aquilo que está presente no espírito; o que em nós " se representa "; aquilo que forma o conteúdo de um acto do pensamento, em particular, reprodução de uma percepção anterior (e reenvia-nos para Taine).

D - Acto de representar em si algo; faculdade de pensar uma matéria concreta, organizando-a em categorias; o conjunto do que em nós se representa como tal.

E, num comentário crítico, continua:

" ... Pode-se supor que o sentido filosófico actual da palavra representação venha, por um lado, do uso do verbo " representar-se ", muito clássico em Francês como sinónimo de " imaginar " (cf. Bossuet); por outro lado, do uso feito por Leibniz desta palavra que a toma, inicialmente, no sentido de " correspondência " (ver A.), mas que faz desta correspondência o género de que a representação no sentido C é uma espécie ... "

E acrescenta a nota seguinte:

" ... Sobre representação, representar e as outras palavras desta família. - Na palavra representar, no sentido jurídico, o prefixo re parece significar: tornar uma pessoa ou uma coisa presente no local onde a sua presença é devida e esperada. No sentido usual, ocupar o lugar de ..., este prefixo parece exprimir de preferência a ideia de uma segunda presença, de uma repetição imperfeita da pre-

sença primitiva e real. Isto pode ser dito de uma pessoa que age em nome de outra e de uma simples imagem que nos torna presente, à sua maneira, uma pessoa ou uma coisa ausente. Donde o sentido de representar-se interiormente uma pessoa ou uma coisa imaginando-a, donde se passou enfim, ao sentido filosófico de representação. Mas a passagem parece-me ter algo de violento e de ilegítimo. Teria sido necessário poder dizer se-representação, e não o podendo, teria sido necessário renunciar a essa palavra. - Por isso parece-me provável que nós próprios não tenhamos tirado representação de representar-se, mas decalcado simplesmente Vorstellung para a traduzir. Somos hoje obrigados a tolerar este uso da palavra; mas mal me parece francês ... "

Embora não agradando a Lalande, o termo foi precisamente pelo seu uso " muito clássico " e muito antigo em Francês, próprio a ser retomado na língua erudita da Filosofia e das Ciências do Homem.

O conceito de representação social inscreve-se numa tradição europeia e sociológica, ao invés da grande maioria dos conceitos de psicologia social que são de origem anglo-saxónica e procedem da psicologia geral.

Durkheim (1895) falara de " representações colectivas " e em 1898, de " representações sociais ", esforçando-se por distingui-las das " representações individuais " (que se devem classificar nas acepções C e D de Lalande):

" ... A sociedade tem por substrato o conjunto dos indivíduos associados. O sistema que formam ao unir-se e que varia segundo a sua disposição na superfície do território, a natureza e o número das vias de comunicação, constitui a base sobre a qual se ergue a vida social. As representações que são a sua teia emanam das relações que se estabelecem entre os indivíduos assim combinados ou entre os grupos secundários que se intercalam entre o indivíduo e a sociedade total. Ora se não se vê nada de extraordinário em que as representações individuais, produzidas pelas acções e pelas reacções trocadas entre os elementos nervosos, não sejam inerentes a estes elementos, que há de surpreendente em que as representações colectivas produzidas pelas acções e as reacções trocadas entre as consciências elementares de que é feita a sociedade não derivem directamente destas últimas e, por conseguinte, as ultrapassem ? ... "

Se não se encontra na obra de Durkheim uma definição deste novo conceito, existem numerosos pontos de ancoragem neste paralelo constante que opera o autor entre psiquismo individual e psiquismo colectivo para melhor os distinguir:

" ... A vida colectiva, como a vida mental do indivíduo, é feita de representações; é por conseguinte presumível que representações individuais e representações sociais, sejam, de certo modo, comparáveis. Vamos efectivamente tentar mostrar que umas e outras têm a mesma relação com seu respectivo substrato. Mas esta proximidade, longe de justificar a concepção que reduz a sociologia a ser apenas

um corolário da psicologia individual, porá, ao contrário, em relevo a independência relativa destes dois mundos e destas duas ciências ... ".

Davy (1920), condensava bem a óptica durkheimiana quando escrevia:

" ... Não nos podemos contentar de postular ... uma natureza humana formada de um certo número de sentimentos imutáveis e fundamentais, é necessário explicá-la, ela própria, e explicá-la em função do meio social a que se adapta, constituir, do ponto de vista sociológico, uma psicologia dos sentimentos e uma psicologia do conhecimento ... "

Esta psicologia dos sentimentos e esta psicologia do conhecimento constituídas de um ponto de vista sociológico, é bem a psicologia social a que Durkheim fazia apelo para estudar as leis da ideação colectiva e que ele considerava ainda inteiramente por fazer.

Esta observação foi verdadeira durante muito tempo: foi necessário esperar os anos sessenta para que um psicólogo social voltado para a sociologia do conhecimento, Moscovici, consagre um estudo fecundíssimo às representações sociais da psicanálise (1961), e se aplique em cernar o conceito de representação social. Foi a partir desta investigação que se afirmou em França uma corrente de estudo sobre as representações sociais.

Se é em Durkheim que encontramos a origem teórica do conceito e é, ao invés, " no domínio antropológico que encontramos uma tradição de estudo de fenómenos deste tipo, tais como os mitos, os reportórios linguísticos e os diversos sistemas conceituais das sociedades ditas primitivas, quer se trate dos estudos antigos do pensamento mágico-religioso quer dos mais recentes, das taxonomias médicas ou botânicas da etno-ciência " (Herzlich, 1972, pp. 303-304), quais as razões de tão longa ausência da representação social das preocupações dos psicólogos sociais ?

O longo eclipse de um conceito cheio de promessas, esboçado em finais do século passado, deve-se sobretudo, segundo Herzlich, ao desenvolvimento teórico da psicologia social. " A psicologia, sabe-se, foi durante muito tempo dominada pela corrente behaviourista. Na tradição watsoniana da ligação estímulo-resposta, só os comportamentos " manifestos ", directamente observáveis, tais como as respostas motoras ou verbais, podiam ser objectos de estudo. As respostas " latentes " ou " implícitas ", tais como as actividades cognitivas eram negligenciadas. Em psicologia social, a adição do termo " social " quer à classe dos estímulos quer à classe das respostas, pouco modificava a problemática " (Herzlich, 1972, p. 304).

O interaccionismo simbólico, tendo por origem os trabalhos de G. H. Mead - corrente teórica que se desenvolveu em psicologia social em concorrência com a tradição behaviourista - poderia ter constituído um terreno mais favorável aos

estudos da representação social. " O indivíduo tem menos a ver com estímulos que com objectos e situações socialmente construídas na actividade e na interacção. Contudo, além de que foram muitas vezes notadas as ambiguidades e os defeitos de operacionalização, os estudos empíricos saídos desta corrente trataram em prioridade, outros problemas: principalmente os da identidade e do desempenho do papel no contexto geral do desvio social " (Herzlich, 1972, p. 305).

Notemos igualmente o domínio de certas escolas de pensamento (de inspiração marxista, em particular), que afastaram o estudo das representações sociais do domínio da sociologia. Ainda recentemente se falava desta matéria primeira - obstáculo produzido pela filosofia burguesa que constitui a categoria de representação (Pechoux, 1975). Por conseguinte, como relembra Moscovici, os pensadores marxistas nem sempre manifestaram uma tal desconfiança ou um tal desprezo perante a representação social e, mais geralmente, a psicologia social. Assim Plekhanov pôde afirmar: " Não há nenhum facto histórico que não tenha a sua origem na economia da sociedade; mas não é menos verdade que não há nenhum facto histórico que não seja precedido, acompanhado e seguido de um certo estado da consciência. Donde a importância enorme da psicologia social " (1927, p. 211).

Não é acontecimento inédito o facto de um conceito se estabelecer numa ciência e da teoria ser elaborada noutra ciência. A noção de gene nasceu na genética e a sua teoria na biologia molecular. O mesmo acontece para a representação social. O seu conceito aparece em sociologia onde sofre um longo eclipse. Todavia a sua teoria vai esboçar-se em psicologia social (Moscovici, 1961, 1976), tendo efectuado uma incursão pela psicologia da criança (Piaget, 1926).

## 2.2 - Noção

Se a realidade das representações sociais é fácil de apreender, não acontece o mesmo com o seu conceito. Para além de razões históricas de tal dificuldade, as razões não-históricas reduzem-se a uma só: " a sua posição mista, na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de uma série de conceitos psicológicos " (Moscovici, 1976, p. 39).

Começaremos por dar um exemplo que ilustra não só o tipo de fenómenos estudados mediante esta noção, mas também e sobretudo, a representação social que uma das sociedades de acolhimento da emigração portuguesa tem dos migrantes portugueses. A representação social condensa aí numa imagem coisificante, a história, as relações sociais e os preconceitos. Num inquérito sobre a imagem de Paris (Milgram e Jozelet, 1976), as avaliações dos bairros, do ponto de vista da preferência, do conhecimento, da escolha ou da rejeição residencial, do tipo de actividade e de povoamento que aí se nota, põem em evidência um corte do espaço urbano, articulado à volta de um núcleo e de uma cintura históricos. Emerge, antes de mais, um núcleo central onde se cristaliza um fantasma originário, o berço, as raízes da cidade: tudo o que é positivo focaliza-se à volta dos bairros do nascimento da cidade.



Em seguida, uma coroa, hoje inexistente, a muralha dos " Fermiers Généraux ", de molida em 1859. Esta deixa na memória colectiva um traço de separação de ordem social, a do Barão Haussmann, com a rejeição do pequeno povo dos fundibulários nos limites periféricos, embrião de uma segregação humana e residencial fortemente presente nas imagens sociais do Paris dos nossos dias. A estruturação urbana repousa numa base imaginária e simbólica que influencia interiormente a forma segundo a qual os parisienses vivem a sua cidade. Esta organização do espaço pela sua história, organiza a percepção dos diferentes bairros numa representação sócio-espacial largamente partilhada. É na direcção norte e este que serão rejeitados os pobres e, sobretudo, os emigrados quaisquer que eles sejam. Aparece assim uma nova classe de emigrantes: os " Porto-crouilles ". Um neologismo espontâneo que faz uma imagem, resume em si próprio a evolução da emigração, engloba no mesmo desprezo toda a mão-de-obra estrangeira. Esta alcunha identifica os Portugueses (designados a partir de um termo genérico, inspirado no nome de um produto conhecido, emblema de Portugal: o Porto-Cruz), aos Árabes (que na gíria são também apelidados de " crouillas " - recorde-se o célebre herói de Queneau " Crouilla-bey-sidi-mouilleminche " em Pierrot mon ami). Esta categorização dos Portugueses assinala a sua substituição, em relação aos Árabes, num estatuto social, a sua assimilação dentro de um mesmo grupo.

Como fenómenos, as representações sociais apresentam-se em formas variadas, mais ou menos complexas: imagens, sistemas de referência, categorias, teorias. " Imagens que condensam um conjunto de significações; sistemas de referência que apenas nos permitem interpretar aquilo que nos chega, isto é, dar um sentido ao inesperado; categorias que servem para classificar as circunstâncias, os fenómenos, os indivíduos<sup>E</sup> que estamos relacionados; teorias que permitem estatuir sobre eles muitas vezes quando nos cingimos à realidade concreta da nossa vida social, tudo no seu conjunto" (Jodelet, 1983 a, p. 6).

Adoptaremos neste trabalho a definição geral proposta por Jodelet: " O conceito de representação social designa uma forma de conhecimento específica, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Em sentido mais lato, designa uma forma de pensamento social " (Jodelet, 1983, 1, p. 8).

Esta forma de conhecimento permite a apreensão pelos sujeitos sociais dos acontecimentos da vida corrente, das informações veiculadas, das pessoas do nosso meio próximo ou longínquo. Trata-se do conhecimento do senso comum em oposição ao conhecimento científico. Conceitos que tendem a qualificar globalmente um conjunto de actividades intelectuais e práticas como a ciência, o mito, a religião, a ideologia, etc., distinguem-se das representações sociais pois " constituem uma organização psicológica, uma forma de conhecimento particular à nossa sociedade e irreduzível a nenhuma outra " (Moscovici, 1976, p. 43). O parentesco não é muito maior com os " objectos parciais " que utiliza a psicologia social: imagens, opiniões, atitudes, estereótipos, preconceitos.

Como forma de conhecimento, a representação social implica a actividade de reprodução das características de um objecto. Esta representação não é, porém, o reflexo puro e fiel do objecto, mas uma verdadeira construção mental. Assim, o conceito de imagem, que ocupou um lugar de destaque na abordagem dos fenómenos psicológicos e psicossociológicos, não se pode confundir com o de representação no sentido que hoje lhe é atribuído. Abric (1976), referindo-se a Meyerson, lembra que durante muito tempo as imagens foram consideradas como " conteúdos de consciência " em ligação com o mundo exterior. As imagens, nesta concepção, são directamente produzidas pelos objectos; são, diz Moscovici (1976, p. 45), " ... sensações mentais, impressões que os objectos, as pessoas, deixam no nosso cérebro ". A imagem é pois, neste ponto de vista, reprodução, reflexo. Além disso, é selectiva, finalizada: trata-se de um fenómeno passivo o que a distingue definitivamente da representação.

Se bem que as noções de opinião e atitude tenham elos com a representação, são, contudo, noções diferentes. A opinião é uma resposta manifesta, tem a particularidade de ser o único elemento observável do sistema que descrevemos, a partir do qual os outros elementos só podem ser inferidos e é susceptível de medida.

A atitude, mais complexa pelo seu carácter latente, foi sobretudo abordada como resposta antecipada.

Tanto a opinião como a atitude foram sobretudo encaradas enquanto resposta e " preparação para a acção ", respectivamente. Pelo contrário, a representação social, na medida em que é um processo de construção do real, age simultaneamente sobre o estímulo e a resposta.

Os preconceitos parecem constituir uma espécie de " genótipo " de que os estereótipos seriam os " fenótipos " (Castellan, 1977, p. 207). Sendo assim, o preconceito está estritamente ligado à atitude tendendo mesmo a confundir-se com ela<sup>(1)</sup>.

As noções de estereótipo e de preconceito, na medida em que se aproximam das noções de opinião e de atitude, respectivamente, são, por conseguinte, também diferentes da representação social.

Em suma, se todos estes objectos parciais estão integrados nas representações sociais estas não são consideradas " como opiniões sobre " ou " imagens de ", mas " teorias ", " ciências colectivas " sui generis, destinadas à interpretação e à leitura do real (Moscovici, 1976, p. 48).

Na medida em que a representação social designa uma forma de conhecimento, isso acarreta o risco de a reduzir a um acontecimento intra-individual, o social intervindo só secundariamente. O facto de designar uma forma de pensamento social, acarreta o risco de a diluir nos fenómenos culturais e ideológicos.

---

(1) - Assim se compreende que os estudos sobre os preconceitos, prolíferos entre 1930 e 1950, quase não constituam hoje um sector de investigação específico.

Contudo, para o psicólogo social, a representação actualiza-se " numa organização psicológica particular e preenche uma função específica " (Herzlich, 1972, pp. 306-307). Não se pondo em dúvida a determinação de uma representação por um feixe de condições objectivas, sociais e económicas, entre um grupo e a sua representação há uma " reciprocidade de relações ". Também a representação social desempenha um papel na formação das comunicações e das condutas sociais, na medida em que é através dela que o grupo apreende o seu meio.

### 2.3 - Análise microsociológica da representação social

As proposições teóricas de Moscovici integram numerosas aquisições da psicologia social sobre as actividades cognitivas em situação de interacção social estudadas por diversos autores (Zajonc, 1967; Bruner, 1957; Tajfel, 1972; Tajfel, Billig, Bundy, Flament, 1971). Mas estes dados inserem-se numa construção de conjunto original em que o interesse já não está centrado nos mecanismos de respostas sociais, como vimos, mas, no " estudo dos modos de conhecimento e dos processos simbólicos na sua relação com as condutas " (Herzlich, 1972, p. 305).

Numerosas investigações quer experimentais quer de terreno sobretudo desde há uma década inscrevem-se neste quadro teórico. Há um acordo, no entanto, em abordar a representação social como o produto e o processo de uma elaboração psicológica e social do real. Convém não perder de vista que se nas investigações sobre as representações sociais se tornou corrente distinguir dois objectos distintos - os produtos e os processos - esta distinção, se se pode fazer, é artificial. Estamos de acordo com Jodelet: " processos e produtos são indissociáveis, só se pode descobrir a obra nos seus efeitos, estudar os mecanismos na base da sua produção " (Jodelet, 1983 b, p. 24).

Três condições afectam a formação das representações sociais, as duas primeiras referindo-se à acessibilidade do objecto:

- 1º - Há sempre uma dispersão da informação e diferença entre a informação efectivamente presente e a que seria necessária para constituir um sólido conhecimento.
- 2º - Os indivíduos e os grupos não estão focalizados sobre os mesmos objectos. O grau de interesse e a implicação variam.
- 3º - Há pressão à inferência. Um indivíduo deve ter rapidamente resposta mesmo ao que não conhece. Esta pressão vai pois acelerar a passagem da constatação à inferência. Infere-se na incerteza, mas a inferência é uma necessidade. As representações sociais fornecem uma apropriação do mundo exterior, apesar e talvez por causa da falta de informação.

### 2.3.1. - A representação-produto

Com algumas variações nas formulações, todos os autores (Moscovici, 1961; Kaës, 1968; Herzlich, 1972; Abric, 1976), concordam em dizer que a representação-produto aparece como um universo de opiniões (1) ou de crenças (2), organizadas à volta de uma significação central. Na passada de Moscovici, todos propõem uma análise do produto sob vários aspectos e falam a este propósito de " dimensões " (Moscovici, 1961), de " análise dimensional " (Herzlich, 1972), ou de " elementos constitutivos " (Abric, 1976). Utilizaremos os termos " elementos constitutivos ", " componentes " ou " aspectos " antes da quantificação do universo de opiniões. Só falaremos de " dimensões " após a utilização de técnicas factoriais.

A título hipotético, Moscovici considera cada universo de representações sob três aspectos: a informação, a atitude e o campo de representação.

° A informação diz respeito à soma e organização dos conhecimentos sobre o objecto de representação. A sua apreciação supõe que se relacione o discurso do sujeito com os caracteres objectivos do objecto. É possível distinguir níveis de conhecimento e de os definir quer pela quantidade de informação relativa ao objecto quer pela qualidade desta informação, banal ou original, por exemplo. Moscovici encontrou no estudo da representação social da psicanálise, uma informação fraca nos operários interrogados. Esta é, pelo contrário, maior nos estudantes, nos sujeitos das classes médias e das profissões liberais.

° O conceito de atitude, introduzido em primeiro lugar em psicologia experimental pela escola de Würzburg, foi depois retomado pelos psicólogos sociais. Os trabalhos por estes efectuados assumiram uma tal importância que numerosos especialistas não hesitaram em definir a sua disciplina como o estudo científico das atitudes. Para esta proliferação de estudos contribuíram enormemente as migrações (3).

Eis apenas dois estudos intimamente ligados à história do estudo científico das atitudes, na origem dos quais está o relacionamento inter-étnico.

William Thomas, professor na Universidade de Chicago, estuda com Florian

- 
- (1) - Stoetzel define a opinião: " considerada em relação ao sujeito, a opinião aparece como uma reacção verbal - ou pelo menos verbalizável - a uma situação, pondo em jogo um valor susceptível de contestação " (Stoetzel, 1952, p. 305). Moscovici define-a: " a opinião é uma asserção avaliativa - constituindo um meio de expressão e de troca entre os membros de um grupo - sobre uma questão controversa, relativamente específica, socialmente significativa " (Moscovici, 1961, p. 262).
  - (2) - A crença é uma " organização duradoura de percepção e de conhecimentos relativos a um certo aspecto do mundo do indivíduo " (Krech, Crutchfield, 1952, p. 197).
  - (3) - Assim, duas razões, pelo menos, explicam esta multiplicidade de investigações: " A primeira diz respeito à necessidade de compreender melhor as relações, muitas vezes conflituosas, entre etnias ou grupos sociais. Ora estas relações dependem das atitudes colectivas. A segunda provém da preocupação dos especialistas da publicidade de afinar técnicas de venda " (Thomas, Alaphilippe, 1983, p. 6).

Znanięcki, emigrante polaco, os problemas que se põem aos emigrantes europeus nos Estados Unidos. Procuram definir um conceito que lhes permita compreender a enculturação e mais geralmente a interiorização de uma cultura pelos membros de uma sociedade. O conceito de atitude parece-lhes responder a esta necessidade. A investigação efectuada (Thomas, Znanięcki, 1918) está centrada nas noções de valor e de atitude que estão intimamente ligadas, a atitude sendo um estado de espírito em relação a um valor.

Bogardus elabora por seu lado a primeira escala de atitudes. No quadro de investigações sobre os grupos étnicos, constrói em 1925 uma escala de distância social cuja medida se efectua pela separação que o sujeito deseja colocar entre ele e o grupo étnico considerado (Bogardus, 1925).

A atitude exprime a orientação global, positiva ou negativa, em relação ao objecto da representação. É "uma organização duradoira de processos motivacionais, emocionais, perceptivos e cognitivos que se relacionam com um aspecto do mundo do indivíduo" (Krech, Crutchfield, 1952, p. 199) e prepara à acção. Moscovici exprime que o objecto da atitude é percebido como exigência de acção para o indivíduo, ao defini-la como um "esquema dinâmico da actividade psíquica" (1961, p. 269).

A atitude é muitas vezes o aspecto mais fundamental, enquanto elemento mais arcaico, ou até mais resistente das representações. "É razoável concluir que nos informamos e que nos representamos alguma coisa unicamente depois de ter tomado posição. As investigações recentes sobre a percepção e o julgamento concordam plenamente com uma tal conclusão" (Moscovici, 1976, p. 72). Ela pode existir

mesmo se a informação é reduzida e o campo da representação pouco organizado. Por exemplo, Moscovici mostra que os operários têm uma atitude estruturada em relação à psicanálise, enquanto que a informação possuída e o campo de representação são mais difíceis de cernar.

Na atitude a função reguladora é sem dúvida mais importante que a energética. A atitude aparece sempre como uma espécie de reacção secundária tendo por função orientar (por antecipação ou comparação) o comportamento através das estimulações do meio físico e social. Uma atitude transforma as relações entre o estímulo e a resposta de uma determinação macânica numa interdependência significativa. Um exemplo pode facilitar a compreensão deste ponto. Num questionário de atitude, o sujeito que responde a uma questão responde efectivamente, a maior parte das vezes, a duas questões. Se lhe perguntamos, como faz Moscovici: "De qual das práticas seguintes vos parece que a psicanálise se aproxima mais: sugestão, conversação, hipnotismo, confissão ...?", o sujeito responde de modo implícito à psicanálise, e depois à própria questão. O que faz com que uma reacção favorável à psicanálise influenciará a escolha da categoria "confissão", etc. Assim a resposta a um determinado estímulo engendrado pela atitude não é nunca uma pura resposta. Ao mesmo tempo é uma acção, pois começa antes que o estímulo esteja presente.

A atitude, não só orienta o comportamento, como regula as trocas com o meio. Pode-se considerar o estímulo e a resposta de um sujeito como uma troca, sendo a atitude o sistema que regula esta troca.

Tem também uma função energética, pois imprime à orientação e à troca com o meio uma certa intensidade emocional e afectiva. Este componente afectivo-emocional é constituído pela história individual e social do sujeito. A atitude é, deste modo, o aspecto mais afectivo das representações sociais enquanto reacção emocional para com o objecto.

As atitudes acompanham-se de emoções. Como mostrou Wallon a regulação tónica que se exprime nas posturas, constitui a fonte das emoções (Wallon, 1949). Numerosas experiências podem ilustrar o componente emocional das atitudes. Citemos apenas uma, de Cooper (1959), que mostra este fenómeno no laboratório. Tendo seleccionado sujeitos favoráveis ou desfavoráveis a grupos étnicos, apresenta-lhes frases que depreciam certas etnias, enquanto que outras fazem o seu elogio. Para um determinado sujeito, o nome da etnia mais rejeitada figura na lista dos enunciados elogiosos e o da etnia preferida, numa das frases desvalorizantes. Os indicadores psicofisiológicos clássicos, tais como a reacção electro-dermal, mostram que nestes casos, o sujeito reage fortemente.

Em suma, a atitude é reguladora e energética supondo uma estruturação dos estímulos e das respostas.

• O campo de representação designa o " conteúdo concreto e limitado das proposições sobre um aspecto preciso do objecto de representação " (Moscovici, 1976, p. 107). Remete-nos para os aspectos imagéticos da representação - isto é, para a construção significativa que é feita do objecto integrando e interpretando as informações de que o sujeito dispõe - com a ideia de uma organização ou de uma hierarquia de elementos.

Moscovici mostra que os sujeitos de opinião política de esquerda dissociam a psicanálise dos problemas sociais, considerando-os de uma outra ordem; para os que têm opinião centrista os problemas psicológicos, sociais e políticos podem fazer parte de um mesmo universo, integra-se numa imagem coerente. São pois os factores ideológicos que estruturam o campo de representação, neste caso.

A noção de campo de representação deve ser analisada sob diferentes aspectos. " Poder-se-ia falar então de elementos constitutivos do campo, da sua extensão, da sua estrutura, da sua estabilidade, do seu carácter mais ou menos imaginado ou abstracto em relação ao objecto, etc.. É igualmente a propósito do campo que é necessário falar de elementos mais ou menos 'centrais' (o núcleo) ou 'periféricos', elementos cuja distinção é importante tanto pelas suas diferenças no seu respectivo peso na representação actual como pelas suas diferenças de resistência à mudança na perspectiva de uma evolução de certos aspectos do campo " (Gilly, 1980, p. 32).

Gilly relembra-nos que é a propósito do campo de representação que operacio-

nalmente se encontram maiores dificuldades. Se é relativamente fácil apreciar a atitude e a informação " é, pelo contrário, sempre difícil chegar a um bom conhecimento do campo. Este último só pode ser apreendido de modo parcial através dos instrumentos propostos pelo psicólogo destinatário das respostas construídas " (Gilly, 1980, p. 33).

Estes três elementos constitutivos da representação social denotam o seu conteúdo e sentido. A sua análise vai permitir-nos estabelecer o grau de organização da representação, delimitar a distinção entre os grupos em função de um fenómeno social - a emigração. Enfim, tornam possível um estudo comparativo dos grupos segundo a homogeneidade ou heterogeneidade do conteúdo e da estruturação da representação. O estudo dos elementos constitutivos " distingue opiniões, atitudes, estereótipos como sendo modos de formação da conduta para com um objecto socialmente significativo. A estrutura do universo de opiniões que tenta descobrir faz da atitude uma das dimensões, não estando as duas outras acopladas sobre a conduta. Em conjunto, as três dimensões permitem apreender a natureza e o grau de coerência de uma representação social, estabelecer o seu papel na definição das fronteiras de um grupo, e enfim tornar possível uma análise comparativa " (Moscovici, 1961, pp. 292-293).

### 2.3.2. - A representação-processo

Moscovici põe em evidência dois processos fundamentais que deixam transparecer o modo como o social transforma um conhecimento em representação e como esta representação transforma o social a propósito do estudo de uma teoria científica, a Psicanálise. Estes dois processos, a objectivação e a ancoragem, mostram a interdependência entre a actividade psicológica e as condições sociais.

#### 1 - A objectivação

Na objectivação, o social reflecte-se " na disposição e na forma dos conhecimentos relativos ao objecto de uma representação. Articula-se com uma característica do pensamento social, a propriedade de tornar concreto o abstracto, de materializar a palavra. A objectivação pode assim definir-se como uma operação imagética e estruturante " (Jodelet, 1970, a, p. 18).

Este processo pode sub-dividir-se em três fases no caso de um objecto complexo como uma teoria.

#### a) - Seleção e descontextualização dos elementos da teoria.

Esta primeira fase vai da "teoria à sua imagem". Procura-se dar um carácter concreto, imagético, mais facilmente acessível, a noções mais abstractas. Há retenção selectiva de certos elementos e respectiva deslocação pois são extraídos do contexto inicial. As informações sobre a psicanálise são seleccionadas em função de critérios culturais e normativos e são desligadas do campo científico a que pertencem.

b) - Obtém-se assim um " esquema figurativo " que é o núcleo organizador da representação. O esquema figurativo forja uma imagem visual de uma organização abstracta.

O esquema figurativo da psicanálise concentra nalgumas noções-chave uma visão do psiquismo. O núcleo da representação pode ser visualizado pelo posicionamento, em cima, do inconsciente, que evoca o involuntário, o escondido, o possível, e abaixo, o consciente, que evoca a vontade, o aparente, o realizável. Entre ambos, um mecanismo nocivo o " recalcamento ", que produz o " complexo ".

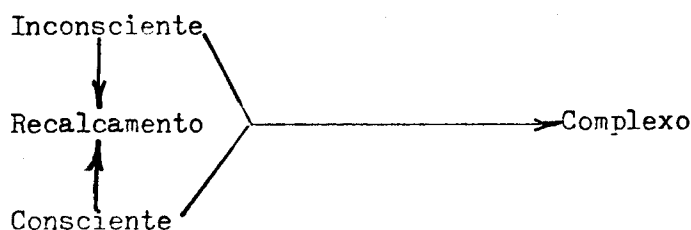


Figura 1 - Esquema figurativo da psicanálise.

Embora este esquema tenha relações com a teoria inicial, certos conceitos teóricos são " apanhados " contribuindo para um conjunto imagético e coerente que permite explicar a génese das neuroses, o desenvolvimento da personalidade, a terapia analítica. Mas este esquema "esquece" o conceito essencial na teoria, a libido, directamente associada à sexualidade. Sabe-se que foi esta a noção que suscitou a controvérsia mais violenta. A eliminação da libido na reconstrução esquemática, permite ter uma visão do psiquismo compatível com outras teorias e visões do homem.

c) - A naturalização é a operação pela qual os conceitos se movem " em verdadeiras categorias de linguagem e entendimento - categorias sociais certamente próprias para ordenar os acontecimentos concretos e a ser abafadas por eles " (Moscovici, 1961, p. 315). O esquema figurativo autónomo, separado do seu contexto inicial, torna-se uma expressão imediata e directa do objecto de que é questão. Cada um dos seus elementos torna-se em ser de natureza: " o inconsciente está inquieto ", " os complexos são agressivos ", " as partes conscientes e inconscientes do indivíduo estão em conflito ". A representação da realidade torna-se realidade da representação.

Esta tendência em dotar de realidade um esquema conceitual não é apanágio do " sentido comum ", como observa Jodelet (1983 a, p. 20). Roqueplo (1974) assinala a tentação que espreita os próprios científicos de ontologizar os modelos que familiarizam o aspecto teórico do seu saber. O modelo ' coisificante ' do átomo induziu muitos físicos a considerar o electrão como ' qualquer coisa ' que gira à volta de uma ' outra coisa ', o núcleo .

A tendência à objectivação posta em evidência a propósito de uma teoria científica é caracterizada pela selecção, esquematização e naturalização, é susceptí



vel de generalização a toda a representação.

Herzlich, no seu estudo sobre a representação social da saúde e da doença, (1969), mostra que a representação organiza-se num esquema coerente, se bem que o tema de que trate não seja uma teoria. No seu estudo conclui que a génese da saúde e da doença é concebida como a luta entre " o indivíduo/saúde " e o " modo de vida/doença ". " Embora esquemática, uma tal representação caracteriza-se mais pela coerência do seu conteúdo e da sua função organizadora do real: a luta dos dois elementos opostos dá primeiro conta dos diferentes estados (saúde e doença) e das diferentes etapas (no desencadeamento de uma doença), mas, em virtude disso, elabora-se uma visão ou uma interpretação das relações entre o indivíduo e o seu meio. Saúde e doença diferenciam-se pela oposição entre o indivíduo e o seu modo de vida " (Herzlich, 1969, p. 43).

Igualmente, as representações da criança estudadas por Chombant de Lauwe (1971), através da literatura e de filmes, põem em evidência que uma série de oposições elabora uma imagem coerente e mistificadora da criança, oposta ao adulto como: o autêntico ao inautêntico, a natureza à sociedade, a vida espontânea ao condicionamento normativo.

Gilly (1980), a propósito das representações que os professores têm dos seus alunos, aponta que o julgamento feito sobre as crianças com as quais o professor ou educador está em interacção constante, estrutura-se à volta de dois tipos de qualidades (intelectuais e relacionais) que correspondem aos imperativos institucionais que definem a sua função: ensinar, gerir a vida colectiva da turma.

Os exemplos poder-se-iam multiplicar.

As relações inter-étnicas nas suas sequelas de racismo são exemplos correntes na elaboração de um estatuto de natureza. A história precave-nos contra a " biologização do social " quando diferenças culturais e sociais são consideradas como equivalentes de diferenças biológicas.

A estabilidade do esquema figurativo orientando os julgamentos fornece os instrumentos à ancoragem, segundo processo da representação social.

## 2 - A ancoragem

Se a objectivação reflecte a intervenção do social na representação, a ancoragem traça a intervenção da representação no social. O processo de ancoragem não se limita ao conteúdo, mas engloba as actividades cognitivas de reconstrução e de remodelação, em três direcções. Se as duas primeiras, utilidade e significação, são tidas em conta desde a introdução deste conceito em Psicologia Social, a terceira, a integração cognitiva, só a investigação recente no domínio das representações e dos processos cognitivos pôs em evidência toda a sua importância (Jodelet, 1983 a, p. 25).

### a) - Instrumentalização

A ancoragem equivale à atribuição de uma funcionalidade instrumental. Assim, à Psicanálise atribuem-se domínios de intervenção, usos, uma eficácia. As

categorias ou objectos naturalizados, coisificados, vão constituir-se em sistemas de interpretação e de classificação do conjunto da realidade social. O sistema de interpretação tem uma função de mediação entre o indivíduo e o meio e entre os membros de um mesmo grupo. " Enquanto sistema de interpretação, a representação social revela-se como mediadora entre os membros de um mesmo grupo humano, mediadora geral pela extensão do seu horizonte, colectiva pelo seu poder e a sua origem " (Moscovici, 1961, p. 328). Permite ao indivíduo classificar e fabricar uma tipologia das pessoas e dos acontecimentos. A propósito da ancoragem, citamos Jodelet: " A ancoragem aparece-nos como um prolongamento da objectivação: elaboração de um quadro de instrumentos de conduta que prolonga a remodelagem cognitiva em curso na objectivação " ( Jodelet, 1983, a, p. 25).

A ancoragem como instrumentalização permite pois compreender como os elementos da representação não exprimem só relações sociais, mas contribuem para constituí-las.

b) - Constitui-se assim uma " rede de significações " a partir dos valores " pregnantes " na sociedade e nos seus diversos grupos. " Este enraizamento da representação na vida dos grupos constitui para numerosos investigadores um traço essencial do fenómeno representativo, já que dá conta da sua ligação com uma dada cultura ou uma dada sociedade " (Jodelet, 1983 a, p. 26). Assim a psicanálise não se limita a ser só um conteúdo, mas é também uma totalidade à volta da qual se ordenaram uma rede e uma hierarquia de significações. Durante o seu enraizamento encontrou diferentes correntes de pensamento (político, filosófico, religioso ...) mais ou menos hostis. Está desde então associada a correntes de pensamento, a categorias sociais (os ricos, as mulheres, os intelectuais ...), exprime uma relação entre grupos sociais (associa-se à luta de classes, ao antagonismo franco-americano, ao modo de vida americano ...), incarna um sistema de valores morais (fonte de liberdade ou fracasso na vontade, chave para o desvio ou ameaça para a autonomia ...), a representação social pode tornar-se um sinal, um emblema de certos valores. A psicanálise pode tornar-se sinal, representando a sexualidade ou uma vida sexual liberada. Uma representação chama outras, opõe-se a outras, exclui outras.

c) - A ancoragem refere-se também à integração cognitiva do objecto representado no sistema de pensamento pré-existente e às transformações que daí resultam. Se a objectivação traduz a constituição formal de um conhecimento, a função cognitiva da integração denota a sua inserção orgânica a um pensamento constituído (Jodelet, 1983 a, p. 25), já que a representação não se inscreve numa tábua rasa.

Moscovici emite a hipótese de que modalidades distintas de conhecimento coexistem num mesmo indivíduo ou num mesmo grupo, correspondendo a relações definidas do homem ou do grupo com o seu meio. Esta coexistência dinâmica determina um estado de " polifasia cognitiva ". Este fenómeno relaciona-se com o contacto en-

tre o carácter criador, autónomo da representação social e os quadros de pensamento antigos. " O contacto entre a novidade e o sistema de representação pré-existente está na origem de duas ordens de fenómenos, de certa maneira opostos, que dão às representações uma dualidade, por vezes surpreendente. A de serem, ao mesmo tempo, inovadoras e rígidas, móveis e remanescentes, e isto, por vezes, no interior de um mesmo sistema " (Jodelet, 1983 a, p. 31).

Resumindo, o processo de ancoragem articula as três funções-base da representação: função de orientação das condutas e das relações sociais, função de interpretação da realidade, função cognitiva de integração da novidade.

#### 2.4 - Áreas de investigação

Recorremos aqui à sistematização efectuada por Jodelet (1983, b). Assim, a autora citada distingue três áreas de investigação sobre as representações sociais.

a) - Uma área que se relaciona especificamente com a difusão dos conhecimentos e com a vulgarização científica no campo social (Ackerman e Zigouris, 1966; Barbichon, 1972; Roqueplo, 1974), ou no campo educativo (Gilly, 1980). Esta área tende para a autonomia nos problemas e métodos.

b) - Uma área que integra a noção de representação social como variável intermediária ou independente no tratamento, a maior parte das vezes experimental em laboratório, de questões clássicas de psicologia social: cognição, conflito e negociação, relações interpessoais e inter-grupais, etc. (Abric, Codol, Doise, Flament, in Farr e Moscovici, 1983). Uma das contribuições essenciais desta área é a de ter estabelecido a intervenção de processos de interacção social e de modelos culturais na elaboração das representações e o papel destas últimas na determinação dos comportamentos.

c) - Uma área mais ampla, se bem que menos estruturada, em que as representações sociais são apreendidas em contextos sociais reais ou grupos circunscritos na estrutura social, mediante formações discursivas diversas. Os estudos abordam objectos socialmente valorizados, sempre situados no âmbito de conflitos de ideias e de valores, a propósito dos quais os diferentes grupos sociais definem os seus contornos e as suas particularidades. Estão neste caso o estudo de uma teoria científica como a psicanálise (Moscovici, 1961, 1976); de papéis sociais como os da mulher (M. J. e P.H. Chombart de Lauve, 1963), da criança (M.J. Chombart de Lauve, 1971); de bens da sociedade como a cultura (Kaës, 1968), a justiça (Robert, Faugeron, 1978); suportes de valores sociais como a saúde (Herzlich, 1969) ou o corpo (Jodelet, 1976, 1982).

Entre estas três áreas há pontos de convergência e disparidades.

De entre os pontos de convergência sobre as abordagens das representações

sociais Jodelet menciona a pertinência, a estrutura, os processos de constituição e as funções.

As diferentes abordagens convergem na pertinência social e cultural dos fenômenos simbólicos que a noção permite assinalar e estudar; na sua estrutura: conjunto complexo e ordenado compreendendo elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, opiniões, imagens, atitudes, etc.; nos processos da sua constituição: modalidades de conhecimento implicando, por um lado, uma actividade individual e social de elaboração, de apropriação, de interpretação de realidades exteriores ao pensamento e, por outro lado, interiorizações de práticas, de experiências e de modelos de conduta ou de pensamento socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social; nas suas funções: sistemas de interpretação das relações dos homens entre si e com o seu meio, orientado e organizando as condutas e as comunicações sociais, intervindo no desenvolvimento individual e colectivo, na definição da identidade pessoal e social, a expressão dos grupos, na difusão dos conhecimentos e nas transformações sociais.

A disparidade das abordagens é originada por duas ordens de razões. Umas estão ligadas à complexidade dos fenómenos englobados na noção de representação social que permite operar diferentes cortes da realidade estudada e de aplicar diferentes ópticas disciplinares, estudá-las a diferentes escalas. Outras estão ligadas à conjuntura intelectual na comunidade científica.

As sendas trilhadas desde o projecto de Durkheim até às recentes investigações sobre as representações sociais são longas. A contribuição de Moscovici neste domínio é um marco fundamental. A partir da verificação da existência de representações sociais da psicanálise mostrou que o processo representacional possui uma dupla função: fornecer às colectividades um modo de interpretação das realidades do seu meio e consequentemente modelos comportamentais. Desde então, poucas coisas novas foram adquiridas (Di Giacomo, 1981).

Esboçado o quadro teórico fundamental em que aqui nos inserimos, passamos a delinear o quadro metodológico a propósito do qual melhor se podem ver as arborescências do nosso estudo com o conceito de representação social.

### 3 / QUADRO METODOLÓGICO

O estudo das representações da migração exige um método e instrumentos apropriados, bem como uma população de que é necessário traçar os caracteres pertinentes em relação com as hipóteses de trabalho.

Colocamo-nos no campo de uma disciplina que se interessa particularmente pela interacção do indivíduo e da sociedade. A interacção do jovem indivíduo humano e do seu meio, em que interferem uma série de mecanismos na formação de diferentes tipos de homens e mulheres que vão constituir a sociedade futura, é lugar central da transmissão dos modos, dos sistemas de representações e de valores (Chombart de Lauze, Bellan, 1979).

A interacção do adolescente e do meio foi já objecto de numerosas investigações em psicologia genética, clínica e social. O que nos propomos estudar da adolescência é uma vertente menos abordada. Encaramos esta categoria sócio-genética ligada a sistemas de representações susceptíveis de orientarem os seus papéis, os seus comportamentos.

#### 3.1 - Hipóteses

Geralmente, distinguem-se duas orientações metodológicas na abordagem das representações sociais (Herzlich, 1972): os estudos de laboratório e a experimentação, os estudos de terreno e a análise qualitativa. Farr (1983), a propósito desta distinção, fala da oposição entre a aplicação de técnicas estruturadas a fenómenos situados ao nível individual (experimentação) e a aplicação de técnicas não-estruturadas a fenómenos situados ao nível social (estudos de terreno). Como nota Jodelet (1983 b), esta distinção só é parcialmente exacta, pois o social foi introduzido em numerosos estudos experimentais e existem experimentações naturais, observações e inquéritos em meio real rigorosamente "armados". O nosso estudo está neste último caso. Sendo assim o problema não é tanto um problema de procedimento, de instrumentação, como de definição do objecto visado.

Faremos a abordagem da migração portuguesa representada, apreendida num contexto social real, em dois tempos. Num primeiro tempo abordaremos a representação social da migração segundo o quadro teórico que acabamos de traçar. Situa-se na terceira área de investigação que acima referimos. Estamos perante um objecto socialmente valorizado não só numa perspectiva diacrónica, mas também numa perspectiva sincrónica e é sob este ângulo que aqui nos interessa; situado na encruzilhada de conflitos de ideias e de valores, veremos como os diferentes grupos sociais definem os seus contornos.

Num segundo tempo tentaremos ver os determinantes das perspectivas migratórias de futuro. Para além de determinantes representativos, consideraremos os de

personalidade e os demográficos. Aqui, a representação, na medida em que é considerada como variável independente, aproxima-se da segunda área de investigação distinguida.

Na origem de cada um desses tempos estão hipóteses específicas.

#### A - Representação social da migração

Em que condições é possível classificar de social uma representação? Moscovici propôs três critérios: a extensividade, a origem e o modo de produção, a função social.

- Quando se trata de assinalar a sua extensão numa colectividade, o critério adoptado é um critério quantitativo.
- Quando a queremos considerar como a expressão de uma organização social, o critério é um critério de produção.
- Quando se analisa a sua contribuição própria no processo de formação e de orientação das condutas e das comunicações sociais, o critério é um critério funcional. É sob esta vertente que uma representação nos parece mais rica e mais importante.

Se os dois primeiros critérios não são específicos à representação social, o mesmo não se pode dizer do último. " Uma tal função é específica e é a propósito dela que nós falamos de representação social. Ela difere da função da ciência ou da ideologia, por exemplo " (Moscovici, 1976, p. 75).

Na análise das formas de determinação social da representação da psicanálise o autor adopta cada um destes três critérios.

Moscovici distingue e analisa duas formas de determinação social: uma central, em relação com o estado e conteúdo da representação. A outra, lateral, em relação com os aspectos expressivos e cognitivos da representação.

" A determinação social central depende da totalidade das circunstâncias sociais. " ... pode-se dizer que o estado de uma sociedade num dado momento determina as possibilidades de extensão, avaliação e interacção, de uma representação social, mas não a sua organização completa " (Moscovici, 1961, p. 343). Por outras palavras, o conjunto das relações sócio-económicas orienta as trocas relativas ao objecto da representação, define a sua extensão num grupo e as suas relações com outras representações.

Moscovici, mediante a introdução de uma distinção entre campo de representação e sistema de orientação, propõe-se dar conta do conjunto das variações notadas nas representações e dos factores que as determinam a dois níveis: o das condições sócio-económicas e o das condições psicológicas e sociais. " A determinação central da representação age pelo conjunto das condições sociais e históricas sobre o estado da representação social, e pelos sistemas de orientação parti

culares sobre os campos limitados dessa representação " (Kaës, 1968, p. 27).

No caso do nosso estudo, encontraremos uma representação da migração homogênea ou a existência de variações na configuração da representação nos adolescentes ? Partimos da ideia de que as representações da migração elaboradas pelos adolescentes são socialmente determinadas, de maneira central, pelo conjunto das condições económicas e sociais. Se não parece haver dúvidas que uma representação social é determinada pela estrutura da sociedade, em que se desenvolve (Herzlich, 1972), propomo-nos aqui verificar até que ponto a estrutura social não determina ao mesmo título todos os aspectos da representação. Veremos particularmente até que ponto a emigração suscita informações, atitudes, campos de representações em função dos dados, sexo e meio, revelando assim diferenciações do sistema de representações.

° Existe ao lado desta determinação central uma determinação lateral, que age sobre a forma da representação. Os elementos expressivos e cognitivos da representação têm leis próprias, mas dependem, por certos aspectos, dos factores sócio-económicos e culturais e dos sistemas de orientação correspondentes. Segundo Kaës (1968, p. 28), seria necessário empreender investigações para analisar a natureza do laço de interdependência.

#### B - Determinantes das perspectivas migratórias de futuro

As representações sociais, sendo conjuntos dinâmicos cujo estatuto é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio (Moscovici, 1976, p. 48), quisemos saber as suas relações com a intenção de migrar.

Mas fazer da representação social um determinante " essencial " dos comportamentos, seria minimizar o papel do conjunto de outros determinantes. A este propósito Herzlich nota que experimentadores manipulando a representação como variável independente nos trabalhos de laboratório em que o que se entende, por exemplo, por " representação do partenaire " assenta numa tipologia de comportamentos interpessoais " enquanto que o seu conteúdo social, no seu sentido mais simples, em nada é analisado. Ainda menos se interrogam sobre a origem - ligada a um grupo, a uma situação social, a uma tradição cultural determinada - de tais representações, sobre os factores susceptíveis de as tornar salientes em diferentes contextos, e portanto sobre as condições da sua introdução e do seu funcionamento na situação experimental " (Herzlich, 1972, p. 321).

Sendo assim, propomo-nos ver o efeito, não só de variáveis da representação, como de personalidade e demográficas, sobre o comportamento intencional de migrar.

A ideia geral subjacente é que a intenção de migrar depende de uma multiplicidade de factores. Examinaremos particularmente três ordens de factores: demo-sociológicos, psicológicos e psicosociológicos.

Para explicar o fenómeno migratório existe uma ampla gama de autores que põem o acento nos factores sociais. A emigração não é o produto do acaso ou da fatalidade. É uma resposta social a uma situação social e a dadas estruturas sócio-económicas (Belguendouz, 1974). Ou ainda, " quanto às causas sociais, hoje em dia preponderantes, elas escalonam toda a história da humanidade " (Dollot, 1976, p. 4). O autor menciona, entre estas, as Perseguições políticas ou religiosas e motivos de ordem económica. Aliás, o discurso dos próprios actores confirma a etiologia social da migração. Procuraremos ver que factores sociais são susceptíveis de influenciar as intenções de migrar.

Dito isto, não centraremos a nossa análise nos mecanismos económicos e sociais (Almeida, Barreto, 1974; Anido, Freire, 1978), susceptíveis de enquadrar a migração, mas nos indivíduos enquanto situados num contexto sócio-económico.

A propósito das variáveis demo-sociológicas pode-se formular a hipótese muito geral de que aquilo que influencia a decisão de migrar, na idade em que esta decisão pode ser tomada, influencia de maneira bastante semelhante a intenção de migrar numa idade em que ainda não se põe a questão de uma tradução concreta dessa intenção autonomamente.

Tratando-se da variável "meio rural ou urbano", a hipótese mais razoável, se, em consequência, nos basearmos na realidade actual da emigração portuguesa, é a de que os jovens de origem rural devem considerar-se como muito mais preocupados com a eventualidade de uma migração, do que os de origem urbana.

Os migrantes portugueses provêm, tradicionalmente, na sua grande maioria, de zonas rurais (Arroteia, 1983). Tomemos o exemplo da França, principal país de destino, a partir dos anos 60. Seguindo um método análogo ao de Antunes (1973), hierarquizámos os distritos de origem em função da relação entre a emigração oficial para França (1960-75) e a população residente (Neto, 1980). Essa hierarquização mostra que metade dos distritos do Continente estiveram na origem de uma corrente emigratória oficial para França mais que proporcional à sua participação na população residente no Continente. Nesses distritos a taxa de crescimento da população não equilibrava o volume das partidas. Entre os distritos que não estavam neste caso contavam-se todos os do Alentejo (zona de latifúndio) e as regiões desenvolvidas do país (zona litoral de Porto a Setúbal).

Inquéritos de amostragens restritas também o confirmam. Por exemplo, no inquérito feito por Rocha Trindade (1973), em Orsay, havia uma grande maioria de migrantes portugueses originários de " distritos de marcada vocação agrícola". Os nossos inquéritos também confirmam que a grande maioria dos migrantes provêm de zonas rurais.

Tratando-se da variável "sexo", se de novo nos basearmos na realidade da actual migração portuguesa, é provável que o sexo masculino manifeste mais a



intenção de migrar.

Os estudos sobre o sexo dos migrantes (Duchac, 1974) ou dos potenciais migrantes (Isaac, 1949) apontam que se recrutam sobretudo entre os homens. No caso português, segundo dados da Secretaria de Estado da Emigração de 1960 a 1978, 58,4% dos emigrantes são do sexo masculino e 41,6% do sexo feminino. À excepção de 1968, 1975 e 1976, a percentagem do sexo masculino é sempre superior à do sexo feminino. No caso particular de França, segundo os dados do recenseamento, havia 53,8% migrantes portugueses do sexo masculino e 46,2% do sexo feminino. É de notar, todavia, que no actual contexto a migração para a Europa e para França, em particular, tornou-se uma migração familiar. A partir de 1972, a parte das famílias nos fluxos migratórios é sempre superior à dos trabalhadores, atingindo em 1978/79, segundo o ONI, 96%. O contingente mais volumoso da actual migração portuguesa já não recobre mais a imagem do homem só, celibatário ou casado, que deixou a mulher e os filhos na aldeia. Por isso "... a feminização da população estrangeira, notada em todos os países receptores é chamada a prosseguir-se, não é um dado a negligenciar" (Lebon, 1983, p. 96).

Tratando-se da variável "nível sócio-cultural", se nos basearmos na realidade actual da emigração portuguesa, é provável que os jovens de nível sócio-cultural baixo, se considerem bastante mais preocupados com a eventualidade de emigrar que os de nível sócio-cultural médio.

As estatísticas oficiais portuguesas assinalam até 1974 o sector de actividade antes da partida e após 1974 distinguem as profissões. Se a emigração oficial atingiu todos os sectores de actividade, tocou-os diferentemente. Por exemplo, no período 1960-74 entre os migrantes que tinham uma actividade económica, 44,3% pertenciam ao sector primário, 41,9% ao sector secundário e 13,8% ao terciário. Este tipo de classificação não nos permite tirar conclusões quanto ao nível de qualificação dos migrantes portugueses, porque não há correspondência directa entre o facto de ser originário do sector primário ou secundário e um nível específico de qualificação. A partir de 1974, as estatísticas mencionam a profissão e se tomarmos o ano de 1975, vemos que somente 11% dos migrantes oficiais tendo uma actividade económica pertenciam à categoria sócio-cultural média e superior.

Amostras restritas confirmam a pertença dos migrantes, sobretudo, a profissões de nível de qualificação baixa. A amostra de Rocha Trindade (1973) provinha, maioritariamente, do sector primário e, consequentemente, falta-lhe qualquer outra qualificação profissional. Os nossos inquéritos também mostram que a maioria dos entrevistados trabalhavam no sector primário antes da emigração.

O nível cultural dos migrantes portugueses é muito baixo. Segundo as estatísticas oficiais portuguesas no período 1960-75, num total de 851 102 migrantes, somente 732 706 sabiam ler. O número total de analfabetos é, portanto, de 118 396, ou seja, 13,9%. A percentagem do total de analfabetos oscila entre os valores

mínimos de 5,4% (1973) e os valores máximos de 20,2% (1967). Devemos todavia precisar que " dentro da categoria sabendo ler podem ter sido incluídos (e foram-no de resto), indivíduos que sabendo ler - muitas vezes com dificuldade - não atingiam todavia o nível suficiente para serem considerados como analfabetos, ou indivíduos classificados na rubrica ' sabendo ler ' pelo simples facto de o ter declarado na fronteira e/ou terem sabido reproduzir a sua assinatura num papel " (Anido, Freire, 1978, p. 36). Estes autores põem em evidência o facto de que os distritos de mais forte emigração são aqueles onde o grau de analfabetismo é mais marcado.

Da conjugação entre a baixa qualificação profissional e o baixo nível cultural pode-se deduzir que a grande maioria dos migrantes portugueses, pertencem à categoria sócio-cultural baixa de que falaremos.

Várias investigações mostram que é nos meios rurais e socialmente desfavorecidos que o atraso escolar é maior e as famílias mais numerosas. A partir daí, a propósito de outras variáveis demográficas tais como a idade e a fratria, é provável que, consequentemente, sejam os jovens mais " idosos " e aqueles que têm um número elevado de irmãos e irmãs, que se sintam mais preocupados com a eventualidade da emigração.

É também sabido que é nesses mesmos meios, onde as práticas religiosas são mais seguidas. É, pois, provável que os jovens católicos praticantes manifestem mais a intenção de migrar.

Finalmente, a propósito das variáveis demo- sociológicas, se a migração produz migração, é provável que os sujeitos que estão mais em contacto com a migração de família, de amigos e de vizinhos manifestem mais a intenção de migrar.

Se pusermos de lado o caso do refugiado que emigra por obrigação, podemos levantar a questão seguinte: porque é que certos sujeitos migram e outros não? A etiologia sócio-económica desempenha certamente um papel importante, pois a falta de trabalho no país de origem e a oferta de trabalho noutra país têm uma influência indiscutível. Todavia, tal não explica tudo, visto que muitos preferem não emigrar apesar da vida se encontrar povoada de dificuldades sociais semelhantes aos que partem.

Entre as hipóteses levantadas, contam-se as características da personalidade. Mas os dados existentes sobre as relações entre doença mental e desenvolvimento cognitivo por um lado, migração por outro lado, são contraditórios.

O balanço das relações entre doença mental e migração é contraditório. Por exemplo, Clapier-Valladon examinando as publicações psiquiátricas recentes afirma: " parece que se possa tirar a conclusão da disposição particular das populações migrantes para as perturbações mentais "(Clapier-Valladon, 1980, p. 220). Já Bastenier (1983) defende que a morbilidade psiquiátrica dos migrantes não é superior ou é mesmo inferior à dos autóctones.

Na literatura são avançadas duas hipóteses para explicar a fragilidade dos transplantados: ou a transplatação e a instalação num país com civilização diferente são o testemunho de um desejo de evasão que pode ser patológico, ou a transplatação, só por si, é patogénica (Sivadon, Koechlin, Guibert, 1954).

Para o nosso propósito só nos interessa analisar aqui a primeira hipótese, em que a personalidade do pré-migrante é vista sob o ângulo patológico.

No fim do século passado, a mobilidade geográfica foi encarada como um sintoma revelador de certos estados delirantes sistemáticos (Foville, 1875). Este autor coloca o acento no carácter paranóico dos "alienados migradores".

Posteriormente "a mobilidade geográfica já não é com efeito considerada como sintoma, mas como comemorativo" (Champion, 1958, p. 63), onde se inserem as teorias constitucionalistas. Neste contexto analisou-se a personalidade pré-migrante. Odegaard (1932) emite a hipótese que a forte representação de síndromas esquizofrénicos entre os doentes mentais de origem norueguesa hospitalizados no Minnesota está em relação com uma predominância relativa dos efectivos de personalidades esquizóides no seio da migração norueguesa nos Estados Unidos. Muitos outros estudos americanos sublinham a preponderância de síndromas esquizofrénicos (Champion 1958). Todavia Murphy (1955) baseando-se nos trabalhos da escola de Chicago corrige em parte estas atitudes dizendo que as características sociológicas que caracterizam a população de transplantados são onde o risco de esquizofrenia é maior.

Foi precisamente o facto de tomar em consideração os índices ponderados no exame das relações entre doença mental e migração que de um longo período em que se tentou demonstrar que os migrantes tinham uma percentagem de doenças mentais proporcionalmente mais elevada, se começou a constatar que os migrantes eram quase tão "sãos" como os nativos. A utilização de índices ponderados atenuou ou até eliminou as diferenças de taxa de morbilidade entre anóstras autóctones e migrantes. (Champion, 1958; Bastide, 1977).

Todavia a relação entre migração e doença mental está ainda hoje longe da sua compreensão e resolução (Frigessi, 1983).

Também os dados existentes sobre a relação entre desenvolvimento cognitivo e migração são contraditórios. O ponto de partida das investigações sobre o desenvolvimento cognitivo ascende à primeira guerra mundial (1). Os psicólogos do

---

(1) A noção de migração selectiva de pessoas de nível superior atribuiu-se num dado momento a características físicas (cf. Klineberg, 1966). Em 1899, o antropólogo alemão Otto Ammon, no seu estudo da população de Baden, desenvolveu a teoria segundo a qual a população da cidade era mais dolicefala (tendo uma cabeça longa) que os rurais que eram mais braquicefalos (tendo uma cabeça redonda). Segundo o autor isso provinha do facto de que os dolicefalos gostavam da novidade e da aventura e emigravam portanto para as cidades. Pelo contrário, os braquicefalos eram económicos, conservadores, ligados à terra e preferiam ficar no campo.

A ideia da correspondência entre a forma da cabeça e a mobilidade geográfica foi abandonada há muito tempo.

exército americano inquietavam-se do abaixamento do quociente intelectual médio dos recrutas, e atribuíam-no a uma modificação na composição étnica e social dos imigrantes europeus (Duchac, 1974). Estas investigações partiram da hipótese da inferioridade intelectual do migrante e forneceram o argumento às correntes de opinião "selectivas". Entre 1920-30 proliferaram nos Estados Unidos trabalhos psicométricos de inspiração selectiva (Champion, 1958). Champion menciona vários trabalhos que apontam para um quociente intelectual particularmente baixo nos migrantes originários da Europa meridional.

As críticas destas investigações não tardaram, e outros trabalhos, sobre as migrações internas como sobre as migrações internacionais chegam a conclusões diametralmente opostas.

Mead em 1926 critica a metodologia da psicometria diferencial.

A investigação de Boody (1924), utilizando simultaneamente testes verbais e testes de eficiência, não põe em evidência diferenças significativas em relação às crianças de americanos de nascimento.

Mas são sobretudo os trabalhos de Klineberg (1935) que vão chegar a conclusões opostas às teses selectivas. Klineberg perguntava-se se resultados superiores dos migrantes negros no teste Stanford-Binet aos dos não-migrantes deviam ser considerados como um factor anterior à migração, e podiam determiná-la, ou se não eram antes o resultado da migração, devido à modificação do meio social do migrante. É esta segunda hipótese que vai ser confirmada. Antes da migração, não se verificava diferença de quociente intelectual entre os jovens negros que abandonavam as escolas do Sul para emigrar para o norte, e os seus camaradas não-migrantes. Pelo contrário, os testes de inteligência aplicados a jovens negros de Harlem, nascidos no sul, revelavam resultados que aumentavam em função do tempo de estadia em New York. Outras investigações chegam a conclusões idênticas (Lee, 1951): as crianças que migraram mais recentemente manifestam, em relação aos seus camaradas, um atraso que depois recuperam. Estes testes são, pois, muito mais próprios para caracterizar o grau de integração sociocultural que "a inteligência geral própria" (Champion, 1958).

Perante tais trabalhos Klineberg conclui que não há migração selectiva no que diz respeito à inteligência: "vimos que os emigrantes internos não faziam prova de uma inteligência superior; por outro lado, não temos dados demonstrando que os imigrantes vindos do exterior são inferiores" (1966, p. 766).

Por seu lado Lynn (citado por Eysenck, 1982) re-analisando grande quantidade de dados nas Ilhas Britânicas verificou que em Londres e no Sudeste da Inglaterra os resultados do QI médio eram mais altos (102) e na Irlanda encontrou os valores mais baixos (96). Lynn atribui estas diferenças, em grande parte, à imigração selectiva: os Irlandeses tenderam a emigrar para a Inglaterra. " Apresenta evidência convincente, de que, durante o século passado, este padrão de imigração mudou a combinação de genes da Escócia, de uma posição de superioridade potencial, para uma inferioridade real " (Eysenck, 1982, p. 89).

Dado o balanço contraditório das investigações que examinam as correlações entre a personalidade do migrante e a dos autóctones é bem mais difícil emitir uma hipótese sobre as relações existentes entre intenção de migrar e personalidade.

Além disso, dado que o que estudamos é a intenção de migrar e não a migração efectiva, a nossa incerteza quanto ao efeito da personalidade é de qualquer modo muito forte.

Segundo o critério funcional a que já nos referimos, uma representação social contribui para o processo de formação e de orientação das condutas. Sendo assim é de prever que as representações sociais da migração contribuam para a emergência do comportamento intencional de emigrar, ou, utilizando os termos de Moscovici, das " condutas desejáveis ". "Elas determinam o campo de comunicações possíveis, valores ou ideias presentes nas visões partilhadas pelos grupos e regulam, em seguida, as condutas desejáveis ou admitidas " (Moscovici, 1976, p.49). Este autor considera que a representação da psicanálise e da sua acção está em estreita relação com as intenções de conduta (ibid., p. 194). Também Chombart de Lauwe e Bellan (1979), puseram em evidência que a representação de um objecto, evocação e reconstrução específica para um indivíduo, um grupo, uma categoria social, varia em função da sua maior ou menor implicação de si na sua própria relação com o objecto. No nosso caso, tratar-se-ia do desejo de implicação futura de si no processo migratório; a intenção de passar de observador de um fenómeno social, a actor. A tendência geral é para valorizar mais o seu próprio grupo que o dos outros. Vários trabalhos mostraram que a simples categorização de indivíduos feita a partir de uma base completamente arbitrária, em dois grupos, " eles " e " nós ", induz comportamentos de discriminação entre os grupos de valorização do " nós " e de desvalorização do " eles " (Tajfel H., Billig M., Bundy R. P., Flament C., 1971). Apoiados nestes trabalhos, se considerarmos a intenção comportamental de migrar como a antecipação do papel futuro, pode-se esperar que os sujeitos que tenham essa intenção, valorizem mais o fenómeno migratório.

### 3.2 - Técnicas de recolha dos dados

Para verificar as hipóteses que acabámos de referir utilizámos o inquérito: " são confidências provocadas que consistem essencialmente em respostas fornecidas a certas questões " (Debesse, 1948, p. 92).

O inquérito é uma das técnicas mais adequadas para o exame científico da representação social (Moscovici, 1961, p. 15). Trata-se de uma técnica bastante rica e maleável para dar resultados válidos sobre o assunto que nos ocupa.

A construção do questionário representa um preliminar muito importante numa investigação deste tipo. A elaboração do questionário definitivo foi efectuada mediante o conhecimento dos fenómenos migratórios acumulado no Centre Charles Richet d'Etude des Dysfonctions de l'Adaptation (Paris), cujo director é o Prof. François Raveau, o conhecimento por nós adquirido em inquéritos junto de populações de migrantes e de um pré-inquérito efectuado junto de uma centena de adolescentes em meio urbano (Porto) e rural (Trás-os-Montes) de ambos os sexos em 1981. A análise do pré-inquérito permitiu não só a recolha de material verbal para elaborar o questionário definitivo, como também uma primeira confrontação da problemática. Só depois de pré-testado este questionário, é que foi administrado à amostra definitiva.

O inquérito pode ser utilizado com finalidades muito diferentes. Debesse (1948), faz menção ao inquérito de introspecção, de reacção e de teste (1).

As técnicas que foram propostas aos sujeitos do inquérito - um jogo de associações livres, um questionário em sentido estrito, um diferenciador semântico (2), o H S P Q - cobrem esses três géneros de inquérito.

(1) - No inquérito de introspecção " procura-se antes de tudo provocar as suas confidências, encontrar nas respostas materiais interessantes, susceptíveis de serem interpretados como manifestações do psiquismo juvenil " ... " pode-se também propor um questionário com o fim de estudar não o conteúdo psíquico da resposta, mas sim a reacção do sujeito diante de uma dada excitação " ... " Enfim, o inquérito pode ter por objectivo fazer, perante um dado auditório, experiências que ele próprio escalona, afim de apreciar uma determinada função mental ou aptidão motora ou intelectual: aproximamo-nos então do método dos testes " (Debesse, 1948, pp. 93-94).

(2) Não serão aqui apresentados os resultados obtidos com o diferenciador semântico. Esta técnica foi utilizada com o objectivo de apreender as representações do migrante em três momentos diferentes: à partida, durante a estadia no estrangeiro e aquando do regresso. Para tal utilizaram-se vinte e sete escalas bipolares em sete escalões.

A associação livre insere-se no inquérito de reacção, o questionário e o diferenciador semântico no inquérito de introspecção e o H S P Q é um teste de personalidade.

### 3.2.1. - Associação Livre

O recurso à associação livre vai permitir-nos o acesso à totalidade dos elementos da representação mediante a constituição do campo semântico. Esta técnica será utilizada para conceito /estímulo: " EMIGRAÇÃO ", sendo pedido aos sujeitos para associarem 5 palavras-respostas: " Diga as cinco primeiras palavras que lhe vêm à mente quando lhe digo: emigração ". Este jogo de associação de palavras, proposto logo no começo do inquérito, não foi fortuito: permite evitar a indução de respostas (efeito de halo), o que sucederia se as associações fossem solicitadas noutra local do questionário. Procedendo deste modo estamos seguros de delimitar o universo das representações no qual o sujeito situa o fenómeno migratório.

A questão que se põe no entanto é a de saber se o produto dessas associações veicula uma significação útil para o estudo das representações sociais.

A associação é uma operação da mente, como a abstracção ou o raciocínio. Já Aristóteles observara que há três formas de associação: por similaridade, por contraste e por contiguidade, que eram consideradas como as " leis primárias da associação, pois eram elas que determinavam a força de ligação entre as ideias " (Delay, Pichot, 1969, p. 165).

Se a significação veiculada pelas associações não constitui o conjunto da significação, constitui, segundo Le Bouedec (1979), uma das suas formas, que se chama a significação associativa e que se manifesta fora de constrangimentos contextuais.

Já a psicanálise chamou a atenção para o facto da associação veicular uma significação, pois a associação livre constitui uma regra fundamental. O procedimento da associação livre é constitutivo da técnica psicanalítica (Laplanche, Pontalis, 1973, pp. 228-229).

Por seu lado, as experiências da escola de Zurique retomam, numa perspectiva psicanalítica, as experiências mais antigas feitas pela escola de Mundt e que consistiam num estudo das reacções e dos tempos de reacção a palavras indutoras. Jung põe em evidência o facto de que as associações assim produzidas são determinadas pela " ... totalidade de ideias em relação com um acontecimento particular dotado de uma coloração emocional " (citado por Laplanche, Pontalis, 1973, p. 228).

Poder-se-á no entanto objectar que em psicanálise a associação livre não é em si uma associação de palavras. Embora tal não seja excluído, uma vez que tudo o que o analisado associa constitui um material para o analista, debruçar-

-nos-emos mais em pormenor sobre esta questão, a partir do exemplo seleccionado por Le Bouedec (1979), da análise do sonho do Licorne (Laplanche, Leclaire, 1966). Essa análise põe em evidência que seria ingénuo pensar que só a cadeia discursiva deixaria passar a onda do significado. Não é nosso propósito relatar aqui toda a análise do sonho. Indicaremos somente o texto e a última fase do desmonte analítico.

Fis aqui, relatado por Felipe, um obsessivo de cerca de 30 anos, o sonho do licorne. " A praça deserta de uma pequena cidade; é insólito, procuro algo. Aparece Lillianne de pés nus - que eu não conhecia - e quem diz: há muito tempo que não via uma areia assim tão fina. Nós estamos na floresta e as árvores parecem curiosamente coloridas, de <sup>tonalidades</sup> vivas e simples; eu penso que há muitos a nimais nesta floresta e como me preparo para dizê-lo, um licorne cruza o nosso caminho; andamos os três em direcção a uma clareira que se adivinha a um nível mais baixo ".

Seguem-se da parte dos autores, considerações sobre a pulsão, sobre o processo psíquico primário, com os mecanismos de condensação e deslocamento; sobre o inconsciente como condição da linguagem. Seria evidentemente indispensável ler estes desenvolvimentos para que as linhas que vamos citar de seguida não apareçam fora do seu contexto, como irrisórias. Pensamos todavia que devemos correr esse risco, tendo apenas como objectivo mostrar a forma como os psicanalistas reconstituem a cadeia associativa a partir do discurso do cliente. Eis o que escrevem os autores:

" Voltemos agora à cadeia inconsciente assim completada ... Podemos desenvolvê-la inteiramente e escrever: Lili - praia - sede - areia - pele - pé - CORNE, tal como ela nos aparece após uma tentativa de análise ... Bastará agora, para figurar esta cadeia, condensá-la ao extremo; o LI-CORNE desenhar-se-á. É assim que, em última análise, se descobre o inconsciente. "

Este desvio pela psicanálise não tinha outro objectivo senão o de relembrar que a interpretação permite extrair uma significação dentro de todo o material simbólico, quer se trate de imagens, textos, mas também palavras. Paradoxalmente, os analistas põem de lado uma certa forma de contexto (o enunciado) para buscar o sentido no jogo das palavras.

Estudar uma representação a partir de um jogo de associações não implica que nos apropriemos da teoria do conhecimento a que se deu o nome de associacionismo, que defende que toda a vida mental, incluindo as suas manifestações mais elevadas, se explica por evocações associativas automáticas determinadas pela ordem em que sucederam anteriormente às nossas impressões nervosas e as sensações concomitantes. " Afirmar que a associação veicula uma significação não pressupõe uma teoria da memória semântica em geral, dos processos utilizados em particular " (Le Bouedec, 1979, p. 34).



### 3.2.2/ Questionário " stricto sensu "

Os temas do inquérito estão organizados a partir de significações que situam os sujeitos a dois níveis: numa perspectiva pessoal, não experienciada, mas projectada, e numa perspectiva mais distanciada, indirecta, o sujeito atribuindo a outros certas experiências.

Um tipo de informação, resultado da experiência directa, através do vivido e da prática, não é pertinente para sujeitos que não passaram pelo fenómeno migratório. Se, por exemplo, " se pode conhecer alguma coisa sobre o seu corpo e do seu corpo andando, ou levantando-se, fazendo amor, praticando um desporto, mas também sentindo-se por ocasião de uma dor, de uma doença ou de uma emoção, sentindo na sua pele o contacto do vento, do sol, de um vestuário, etc..." (Jodelet, 1976, p. 29), é evidente que não seria pertinente estudar o vivido migratório de sujeitos que não foram eles próprios migrantes.

O questionário " stricto sensu " foi elaborado tendo em vista recolher informações sobre elementos constitutivos da representação social da migração e sobre a identificação dos sujeitos.

Compõe-se de 121 questões fechadas (anexo VI) e de 11 questões abertas.

A informação e a atitude são dois elementos constituintes de uma representação social. Nesta perspectiva vai procurar-se saber qual o conhecimento que os adolescentes têm da migração e através de que suportes a conhecem. Uma série de questões vai permitir-nos obter a orientação global existente em relação à migração.

O acesso ao campo de representações através do questionário nunca sendo total, delimitamo-lo através das três etapas da cadeia migratória - a partida, a estadia, o regresso - e dos projectos migratórios.

As questões colocadas a propósito da partida vão precisar as representações das motivações que levam os Portugueses a emigrar, as categorias de Portugueses que mais emigram e os principais países de destino da emigração portuguesa.

Relativamente à estadia no estrangeiro o instrumento utilizado vai fornecer-nos a representação da situação dos migrantes no processo adaptativo.

Através das representações do regresso, porventura última etapa do processo migratório, procurar-se-á não só conhecer a atitude dos adolescentes face ao regresso eventual da migração portuguesa, como as mudanças que podem operar-se na pessoa no termo da sua peregrinação.

Estará a migração nas perspectivas de futuro dos adolescentes? No caso de uma resposta afirmativa saberemos a origem temporal dessa intenção comportamental, o país de acolhimento e o tempo de permanência encarado, a crença na possibilidade da sua concretização. Examinaremos igualmente as motivações invocadas para partir ou ficar.

Finalmente, o questionário de identificação vai permitir recolher os seguintes dados sobre o adolescente e a sua família:

- ° sobre o adolescente - o sexo, a idade, a naturalidade, o local de residência, com quem vive, o estabelecimento de ensino frequentado, a posição perante a religião e as expectativas escolares e profissionais;

- ° sobre os pais - a idade, a situação conjugal, o nível de instrução, a profissão.

- ° sobre a fratria: a sua dimensão e o lugar ocupado pelo adolescente.

3.2.3/ O H S P Q

Para avaliar a personalidade dos adolescentes optámos pelo " High School Personality Questionnaire " - H S P Q - de Cattell e Beloff. No começo da investigação pensámos utilizar uma bateria de testes em que cada um mediria dimensões precisas da personalidade. A sua aplicação exigiria contudo um tempo superior de administração o que achámos que já seria pedir demasiado aos jovens. Além disso estaríamos perante instrumentos " específicos " de medida de personalidade. Tal não é o caso do H S P Q que " cobre todas as dimensões principais implicadas numa visão e numa descrição compreensivas das diferenças individuais de personalidade " (Cattell, Beloff, 1966, p. 4). Segundo os seus autores este teste fornece " o máximo de informação sobre o maior número de dimensões da personalidade, no tempo mais curto " (Cattell, Beloff, 1966, pp. 4-5).

O H S P Q pretende avaliar a personalidade dos adolescentes segundo catorze dimensões (quadro 1) de que onze estão também presentes no C P Q (para pré-adolescentes) e no 16PF (para adultos).

Relativamente aos termos técnicos com os quais Cattell designa os factores, verifica-se um grande número de neologismos. Aos autores que lhe censuraram esta terminologia pouco corrente, Cattell responde: " A análise factorial, como qualquer outro método científico produtivo, conduz a conceitos teóricos novos que ultrapassam os limites de uma terminologia popular". E acrescenta que "a física moderna não poderia falar de pré-mesão se devesse obedecer, como a psicologia, à opinião dictatorial de certos partidários da mentalidade popular na ciência" (citado por Nuttin, 1975, pp. 62-63).

Quadro 1 Termos e símbolos designando as catorze dimensões do  
H S P Q

Designação do traço por uma letra	Termo técnico
A	Esquizotímia ↔ Ciclotímia
B	Aptidão mental geral fraca ↔ Inteligência geral
C	Instabilidade emocional ↔ Força do Eu
D	Temperamento fleumático ↔ Excitabilidade
E	Submissão ↔ Ascendência
F	Não-expansividade (desurgency) ↔ Expansividade (surgency)
G	Ausência de aceitação das normas morais colectivas ↔ Força do Super-Eu
H	Timidez (threctia) ↔ Audácia (parmia)
I	Dureza (harria) ↔ Sensibilidade (premsia)
J	Simplicidade dinâmica ↔ Tendência neurasténica para a auto-crítica
O	Adaptação confiante ↔ Tendência para a culpabilidade
Q2	Dependência do grupo ↔ Autonomia
Q3	Fraqueza do sentimento de si ↔ Fortaleza do sentimento de si
Q4	Fraca tensão érgica ↔ Forte tensão érgica

O teste comporta 140 itens, 10 para cada um dos factores. À excepção dos itens da escala inteligência (B) há três possibilidades de resposta para cada item, duas delas indicam eventualidades precisas e claramente distintas, a terceira é uma eventualidade intermediária. O escore para cada item é obtido atribuindo 2 pontos à resposta correspondendo a um pólo da escala retida, 1 ponto à resposta intermediária e 0 pontos à outra resposta. O escore da escala é a soma dos escores dos itens. Para a escala, inteligência, que tem um estatuto particular o escore da escala é simplesmente a soma das boas respostas.

Existem duas formas deste questionário (A,B). Neste estudo foi utilizada a forma A.

Previamente à utilização do H S P Q neste estudo efectuou-se:

(a) A tradução da forma A do questionário a partir da versão francesa editada pelo CPA (Cattell, Bellof, 1966).

(b) Pré-teste em quatro classes de adolescentes de ambos os sexos, duas rurais e duas urbanas, com o intuito de aperfeiçoar a tradução, o método de aplicação colectiva e verificar a duração de aplicação. Verificou-se que o tempo de aplicação é compatível com a duração de uma aula de 50 minutos.

Este questionário apresenta no entanto alguns inconvenientes que não queremos passar por alto. O método do questionário apresentando aos sujeitos, perguntas fechadas sobre a forma como agem ou as suas preferências em diversas matérias, levantam problemas de subjectividade e de desejabilidade social. Além disso, os 140 itens da forma A podem cansar os adolescentes havendo por vezes dificuldades em controlar a " correcção " das respostas, quando a prova é administrada colectivamente.

Não quereríamos terminar esta apresentação dos procedimentos técnicos utilizados sem fazer duas observações.

A primeira diz respeito ao conteúdo do campo, a segunda à situação de julgamento.

Embora o conteúdo do campo de representação seja apreendido sobretudo através de questões fechadas, deixamos aqui e ali ao sujeito a possibilidade de construir o seu discurso. Há um compromisso entre técnicas directivas e não directivas, mas a favor das primeiras. O recurso sobretudo a técnicas directivas tem vantagens indiscutíveis para o estudo da organização das respostas e para estabelecer comparações rigorosas. Mas esses procedimentos só se justificam na medida em que foi efectuado um pré-inquérito que nos permitiu apreender como os sujeitos se colocam o problema e as escolhas feitas obedecem a hipóteses preliminares. Mas quaisquer que sejam os procedimentos postos em execução, os resultados obtidos só podem fornecer-nos informações sobre aspectos parciais dos fenómenos de representação (Gilly, 1980).

As situações de julgamento são sempre situações triangulares. Um sujeito fala de algo a um destinatário do seu discurso ou das suas respostas: há o sujeito representante, o sujeito-objecto da representação e o destinatário da construção (Gilly, 1980). A condição "sine qua non" da representação é a existência de um destinatário (exterior ou não ao sujeito). Podem existir diferenças na representação em função do destinatário ou das situações. Como observa Moscovici tal não significa da parte do interlocutor "uma falta de autenticidade ou uma atitude maquiavélica destinada a esconder uma opinião verdadeira" (1976, p. 48). Sendo assim nenhum dispositivo técnico pode ter a pretensão de dar conta da representação na sua totalidade. No processo de interacção o sujeito acentua os aspectos que lhe parecem mais adaptados ao destinatário do discurso.

### 3.3/ População do inquérito

#### 3.3.1/ Técnica de amostragem

Renunciámos a tomar uma grande amostra estatisticamente representativa escolhendo à sorte entre milhares de adolescentes. Não dispunhamos para tal dos meios financeiros necessários.

Além disso tal tipo de amostra não teria muito interesse na nossa perspectiva. O nosso objectivo não é tanto obter uma radiografia de uma população, como avaliar a incidência de um certo número de variáveis na migração representada.

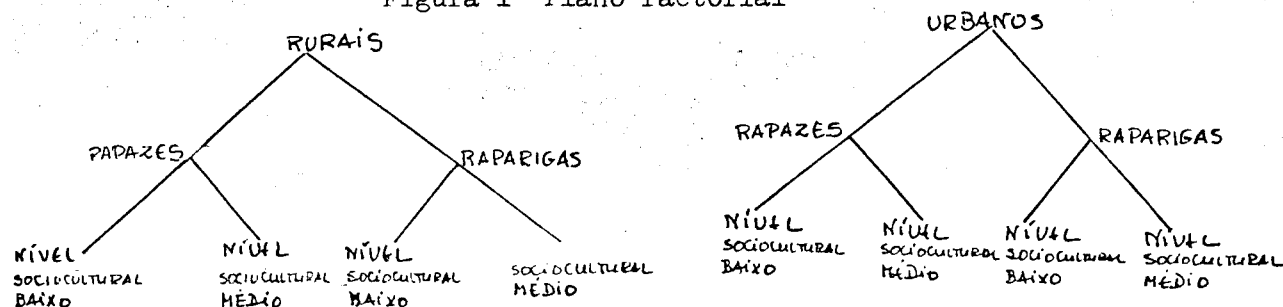
O cerne do problema como se põe para nós não é de saber se a média da nossa amostra corresponde à média geral de todos os adolescentes portugueses, por exemplo, mas se a amostra foi suficientemente bem escolhida para que da sua comparação se possam extrair factores de variabilidade com um valor geral de explicação.

O nosso principal meio de análise é a procura de diferenças entre grupos de adolescentes contrastados nesta ou naquela variável. Mas procedendo dessa maneira pode acontecer que encontremos muitas vezes entre os grupos contrastados pontos de convergência importantes. Tratar-se-á neste caso de um fundo comum a todos os adolescentes? Se tal pode ser provável, nada nos permite inferir a sua veracidade absoluta. Tudo o que nos é permitido inferir nesse caso é que na teia que tece as nossas observações, certas representações escapam aos factores diferenciadores do meio. Talvez ela seja demasiado larga, pois todos os adolescentes pertencem à mesma civilização, ao mesmo grupo nacional, estão todos inseridos num sistema escolar semelhante.

O tipo de amostra escolhida, a amostra racionada, se não permite inferir os seus resultados ao conjunto da população-mãe, ela corresponde aos objectivos que nos tínhamos fixado.

Para obter a amostra racionada, os adolescentes foram escolhidos baseados em critérios geográficos, sexuais e socioculturais, mantendo constante o ano de escolaridade, pois todos os alunos frequentavam no momento do inquérito o 8º ano de escolaridade. Limitámos o estudo a adolescentes das escolas oficiais. De notar, pois, que a situação dos sujeitos no sistema educativo era homogénea não só do ponto de vista do nível de estudos e do tipo de escolas frequentadas, como do tipo de estudos, já que não existia na altura a distinção entre a finalidade profissional ou não, uma vez que o ensino secundário se encontrava unificado.

Figura 1 Plano factorial



Na figura 1 podemos ver o plano factorial  $2 \times 2 \times 2$  adoptado (1). Obtiveram-se 8 grupos homogéneos de 60 sujeitos cada um, o nosso público sendo pois constituído por 480 adolescentes.

### 3.3.2/ Características da população

Dirigimo-nos a uma população contrastada proveniente de zonas rurais e urbanas, do sexo masculino e feminino, do meio sociocultural baixo e médio.

#### Residência

Metade da amostra é, pois, residente em zonas rurais e a outra metade em zonas urbanas. O interesse em incluir os jovens urbanos é tanto maior quanto " no Portugal dos anos 70, a vontade de emigrar ultrapassa de longe as zonas de partida tradicional para ganhar os meios urbanos e industriais em via de modernização "(Poinard, 1979, p.82).

Para distinguir a população urbana da rural utilizamos os critérios do censo de 1960. É considerado centro urbano " a capital de distrito e a localidade, qualquer que fosse a sua categoria legal (cidade, vila, etc.), que, na área urbana demarcada pela Câmara Municipal respectiva, contasse 10 000 ou mais habitantes ", sendo considerada genericamente como zona rural a parte do território não compreendida nos centros urbanos " (Nunes, Miranda, 1970) (2).

A nossa população rural foi colhida no Nordeste Transmontano, distrito de Bragança; a população urbana na cidade do Porto. Estamos pois seguros de ter uma amostra contrastada segundo a residência.

Se tivermos presente que o migrante português aspira a regressar às zonas de residência antes da emigração (Neto, 1980) e que tanto os distritos de Bragança como do Porto têm fornecido um contingente numeroso de emigrantes, a escolha destas duas regiões parece-nos ser pertinente.

#### Sexo

Esta variável põe poucos problemas de método. Em geral a classificação de um indivíduo num ou noutro sexo põe poucos problemas. Mesmo se se pode argumentar a partir

(1) Não se deve estabelecer relação directa entre " plano factorial " e " análise factorial ".

(2) Por consequência o critério retido na nossa amostra para definir a população urbana e a rural é bem mais restrito do que o utilizado pela ONU. A fronteira entre população urbana e rural estabelecida pela ONU em 1968 baseia-se na noção de população aglomerada, considerando de 20 000 habitantes o limite mínimo para um centro populacional ser considerado como cidade, e, por conseguinte, separar os dois tipos de população (Vieira, 1978).

Em 1970, segundo Stone (1975), o nível de urbanização - isto é, a percentagem de população urbana em relação à população total - na Europa variava entre 35% e 84%, tendo Portugal apenas 36% da sua população classificada como população urbana. O grau de urbanização - isto é, a percentagem de população urbana vivendo em centros populacionais com 100 000 ou mais habitantes em relação à população urbana total - é bastante elevado (65%) dada a conhecida concentração populacional em Lisboa e no Porto. O estágio de urbanização, função dos conceitos anteriores é baixo.

de casos ambíguos, são pouco numerosos para falsearem os inquéritos.

O sexo é uma variável clássica de que ninguém ignora o interesse sobretudo quando se trata dos projectos de futuro." O interesse do factor sexo é evidente, mesmo num estudo que se queira limitar às diferenciações de origem social. A adolescência do rapaz e a da rapariga não são independentes uma da outra, nem como realidades, nem como representações. E as diferenças percebidas, imaginadas, impostas, não são as mesmas em todos os grupos sociais. O factor sexo deve ser considerado aqui, tanto, senão mais, como social que como biológico " (B. Zazzo, 1966, pp. 50-51).

A amostra comporta tantos rapazes como raparigas.

### Nível sociocultural

Metade da amostra pertence ao nível sociocultural baixo e a outra metade ao médio.

Como fizera Lautrey (1980) tomamos o nível sociocultural dos pais para resumir o conjunto de indicadores de classe.

O nível sociocultural baixo agrega as famílias cujo pai ou mãe:

- . exerce uma profissão de contramestre, operário, trabalhador de serviços, camponês, o que corresponde à camada social inferior alta e inferior baixa esboçada por Nunes e Miranda (1970);

- . e fez somente estudos primários com uma eventual qualificação profissional(1).

O nível sociocultural médio agrega as famílias cujo pai ou mãe:

- . quer é empregado, quadro médio, pequeno comerciante, o que corresponde de uma certa maneira à camada social média dos autores citados;

- . quer fez estudos secundários.

O nível sociocultural de pertença desempenha um papel estruturante nas relações humanas. Numerosos dados mostram que as opiniões e as representações concernentes a objectos sociais muito diversos (humanos, sociais, culturais...) dependem de influências do nível sociocultural dos indivíduos (Moscovici, 1961; B. Zazzo, 1966; Kaës, 1968; Gilly, 1980, etc). Por exemplo escreve a este propósito B. Zazzo: " A representação que os adolescentes têm dos papéis adultos depende evidentemente dos modelos que o meio lhes propõe e dos valores que lhes transmite. Ora modelos e valores diferem consideravelmente em função do meio social " (1966, p. 28).

Torna-se pois interessante conhecer o impacto eventual que os factores socioculturais podem desempenhar nas representações do fenómeno migratório.

### Idade

Embora homogenizada a amostra quanto ao nível de escolaridade, 8º ano, encontramos uma dispersão nas idades. A idade mínima é de 13 anos e a máxima é de 17 anos.

(1) Para a profissão, no caso dos dois pais trabalharem, é a profissão de nível superior que é tomada em consideração, seja a do pai ou a da mãe. Procedeu-se do mesmo modo para o nível de instrução dos pais.



45,6% da amostra tem entre 13 e 15 anos e 54,4% tem mais de 15 anos. Este leque de idades aberto, estendendo-se por cinco anos num mesmo ano de escolaridade, é um facto corrente (Bastide, 1982, p. 152).

### Religião

A variável " posição perante a religião " permitiu definir o universo em três categorias:

. Católicos praticantes: indivíduos que se definiram como católicos e que declararam ter ido à missa nos dois últimos fins de semana anteriores ao inquérito.

. Católicos não praticantes: indivíduos que se definiram como católicos, mas que declararam que nos dois últimos fins de semana anteriores ao inquérito não tinham ido à missa.

. Outra posição: indivíduos que se definiram como protestantes, ateus ou outra posição.

51,2% da amostra declara-se católico praticante, 42,9% católico não praticante e só 5% declara ter outra posição.

### Situação conjugal dos pais

89,8% dos pais dos adolescentes estão casados, 4,2% separados e 5,2% em situação de viuvez.

### Idade actual dos pais

A grande maioria da idade dos pais está situada entre 41 e 50 anos (51,9%). 21,2% dos adolescentes têm os pais com uma idade compreendida entre 32 e 40 anos e 19% com mais de 50 anos. 7,9% não respondem.

### Idade actual das mães

As mães são mais novas, pois 40,6% têm idades compreendidas entre 30 e 40 anos. 42,5% têm idades compreendidas entre 41 e 50 anos e 11,2% mais de 50 anos. 5,6% não respondem.

### Dimensão da fratria

71,5% dos sujeitos fazem parte de famílias de 1 a 3 crianças e 25,8% de famílias de quatro crianças ou mais que podemos qualificar de numerosas no contexto demográfico actual.

### Lugar na fratria

10,4% são filhos únicos, 31,5% são os mais velhos e 52,1% ocupam posições intermédias ou são os mais novos.

### Habitat

82,3% vive com ambos os pais, 15,4% não estando nesse caso (vivem só com um dos pais, com pais adoptivos, em internatos...).

### Migração interna

Podemos ter uma ideia aproximada se o adolescente passou por uma migração interna comparando o local da naturalidade com o da residência. 40,2% nasceram em meio rural, 46,7% eram oriundos de meio urbano e 12,5% eram provenientes das ex-colónias. Pelo menos 12,9% dos adolescentes já efectuaram uma migração interna.

### Emigração de família, amigos e vizinhos

6,9% da amostra tem o pai e (ou) a mãe emigrante, 7,3% tem pelo menos um irmão ou irmã emigrante, 50,4% tem pelo menos um tio e (ou) tia emigrante e 49,8% um primo (a) emigrante.

43,1% dos adolescentes têm amigos que são eles próprios emigrantes e 27,7% têm vizinhos que estão neste caso.

### Emigração de regresso de família, amigos e vizinhos

6,7% da amostra tem o pai e (ou) a mãe que tendo sido emigrantes já regressaram definitivamente ao torrão natal, 2,1% tem pelo menos um irmão e (ou) irmã que já regressou, 28,3% tem pelo menos um tio e (ou) tia nesse caso e 20,4% um primo (a).

26,9% têm amigos que já regressaram de emigração e 21,7% têm vizinhos que estão neste caso.

Descritas as características da amostra, as respostas fornecidas pelos nossos informadores devem dar-nos as representações da migração e permitir-nos, no interior da amostra frutuosas comparações sobretudo entre grupos diferentes pela origem geográfica, pelo sexo e pelo nível sociocultural.

### 3.4/ Desenrolar do inquérito

Quando se querem interrogar os adolescentes, tem-se a escolha entre vários procedimentos: o inquérito oral e o inquérito escrito, cada um apresentando uma forma colectiva e uma forma individual.

As dificuldades levantadas pelo inquérito oral quer individual quer colectivo com adolescentes já foram assinaladas (Debesse, 1948). " O inquérito por questões escritas é muito mais fácil e, com os adolescentes enamorados de originalidade, mais frutuoso " (Debesse, 1948, p.107). Utilizou-se por isso o inquérito por questões escritas passado colectivamente durante os tempos lectivos.

Durante a administração do inquérito o entrevistador estava presente, o que permite estar mais seguro de ter uma resposta e, sobretudo, garantir que as condições mediante as quais são obtidos os testemunhos sejam assim as mesmas para todos (Debesse, 1948, p. 106).

O inquérito foi administrado pelos próprios professores. Tivemos em conta a fecunda experiência de Debesse nesta matéria: " A hiperactividade dos adolescentes torna pois desejável que o que interroga seja conhecido dos que testemunham " (1948, p.105). O recurso aos professores exige no entanto determinadas precauções. Devem receber " indicações precisas, de modo a que o trabalho seja feito em todos os lados nas mesmas condições. É melhor que conheça pessoalmente os seus colaboradores, a fim de escolher com cuidado, e muitas vezes poder guiá-los. Um inquérito conduzido por pessoas notavelmente inteligentes, mas interrogando cada uma à sua maneira, daria resultados menos seguros que os de uma equipa menos brilhante, mas mais coerente; a homogeneidade das respostas é uma condição essencial do sucesso " (Debesse, 1948, p. 105). Para assegurar a homogeneidade dos resultados explicámos cuidadosamente aos professores que nos ajudaram nesta tarefa a maneira de proceder (1).

Cada passagem durou duas horas. Os primeiros cinco minutos eram consagrados a uma introdução com o objectivo de colocar o adolescente em confiança e suscitar um abandono sincero. Esta introdução reduzia-se a algumas frases a fim de reduzir ao mínimo o risco de suggestionar os jovens: " Efectuamos actualmente um estudo sobre o que pensam os jovens acerca da emigração. Para não nos limitarmos a ter em conta somente as nossas ideias ou experiências pessoais, quisemos fazer apelo ao testemunho de numerosos jovens. E é a este título que vos pedíamos para responder a algumas questões ". Era precisado aos nossos informadores que podiam dizer tudo nas respostas não correndo o risco de aborrecimentos escolares ou outros. Garantia-se o segredo absoluto dos seus testemunhos. À semelhança do procedimento de Debesse (1948, p. 115) se não interdítamos a indicação dos nomes, também a não encorajámos. Os alunos eram convidados a solicitar o entrevistador todas as vezes que houvesse incompreensão ou dificuldade num ponto qualquer.

(1) Temos aqui uma palavra de agradecimento, muito especial, para as D.<sup>ras</sup> M. Antónia, L. Neto e para os D.<sup>res</sup> A. Adérito, F. Correia, F. Leal, M. Rocha, M. Rodrigues, M. Sampaio, P. Santarém que colaboraram na recolha de dados.

Na primeira hora o adolescente era convidado a responder à associação livre, ao questionário "stricto sensu " e ao diferenciador semântico. Na outra, o sujeito respondia ao teste de personalidade.

Quando restava tempo, a palavra era deixada aos alunos que manifestavam as suas reacções, questões eventuais e muitas vezes começavam espontaneamente um debate sobre o tema do inquérito.

O estudo sobre o terreno efectuou-se em 1982.

## 4/ CAMPO SEMÂNTICO DA REPRESENTAÇÃO

" ..., si l'extension du language suit celle de la représentation sociale, l'usage des mots relativement adéquats reste prédominant. La langue socialisée est imaginative, mais non pas délirante."

Serge Moscovici

A exposição dos resultados será feita em dois tempos. Num primeiro tempo exporemos as representações dos adolescentes a propósito da emigração. Num segundo, abordaremos os determinantes dos projectos migratórios.

No primeiro tempo, e antes de apresentarmos analiticamente aspectos da representação, abordemos globalmente o campo das representações sob o seu aspecto semântico. Para sabermos o que é hoje a emigração começaremos por interrogar o universo semântico da própria palavra, tal como o constituem as associações solicitadas logo no começo do inquérito. Factos de linguagem, as representações podem ser delimitadas mediante dados lexicais que permitem o isolamento dos principais vectores do objecto - emigração. Mediante o que os interlocutores dizem da e sobre a emigração, pode-se definir "o objecto que constroem e o sistema cognitivo, normativo e simbólico em que o inscrevem. Os atributos que caracterizam este objecto e o conjunto dos conhecimentos, valores, significações, opiniões, etc... que a ele se referem, formam o campo das suas representações" (Jodelet, 1976, p. 10).

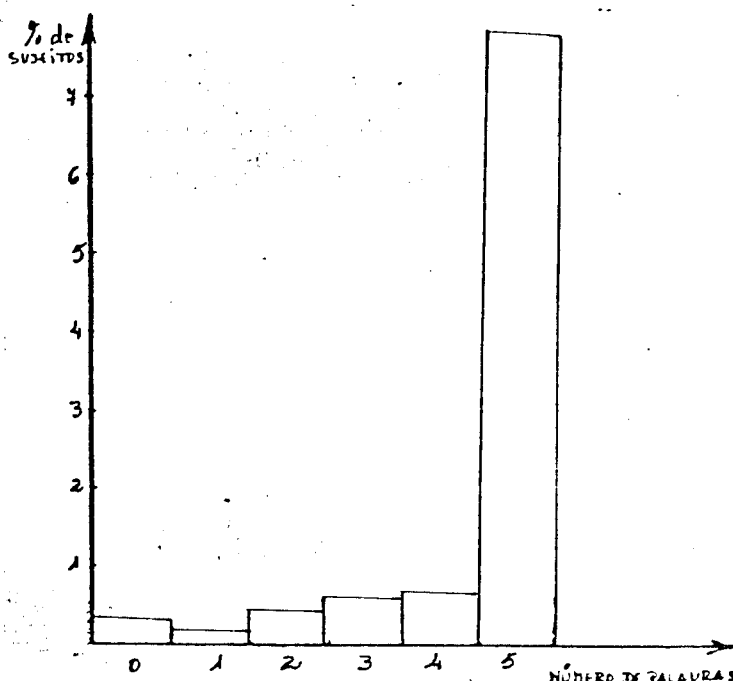
É útil verificar por meio das informações fornecidas pela associação livre se algum aspecto global não escapou à investigação no momento do pré-inquérito. A sua abordagem permitir-nos-á também pôr em evidência alguns nós sensíveis das representações desde o começo, bem como esboçar um modelo figurativo da emigração.

A emigração suscita evocações variegadas.

Os 480 sujeitos propuseram 465 palavras-respostas diferentes, não tendo dificuldade em fornecer o número de associações solicitadas. 79% da amostra forneceu cinco associações e só 2.9% não conseguiu dar nenhuma resposta como se pode ver na figura 1. O elevado número de sujeitos que forneceu as respostas so-

licitadas reflecte que a emigração não tem só interesse numa perspectiva diacrónica, como já se viu, mas também sincrónica. Fenómeno social marcante no passado das gentes portuguesas, continua a sê-lo e, veremos, que segundo as perspectivas de futuro dos adolescentes de hoje continuará a sê-lo nos anos vindouros.

FIGURA 1 - HISTOGRAMA DO NÚMERO DE PALAVRAS ASSOCIADAS



A primeira condição para empreender um estudo da representação é que o objecto da representação suposta exista efectivamente como objecto de representação (Kaës, 1968, p. 31). Verifica-se pois, que a emigração faz parte do universo psicológico dos adolescentes. A segunda condição citada por Kaës é que os sujeitos possam comunicar a sua representação numa situação favorável à sua expressão. O modo como os dados foram recolhidos permite também afirmar que essa condição se verifica aqui.

Para a análise das associações livres não nos fechamos num esquema de análise a priori rígido, mas preferimos seguir a perspectiva adoptada por Cartwright: "A experiência sugere que o melhor procedimento é o de iniciar com um esquema e, então, adaptá-lo a padrão ordenado e autoconsciente de modo que abranja o conteúdo a ser estudado" (in Festinger, Katz, 1974, p. 421).

A análise de conteúdo das palavras-respostas permitiu numa primeira fase a elaboração de uma grelha em nove categorias semânticas, cada uma podendo comportar vários temas. Para classificar os protocolos nos diferentes temas retiraram-se os três critérios seguintes: exaustividade, exclusão mútua e objectividade (Neto, 1980, p. 310). Para garantir este último critério a classificação

foi efectuada por 3 juizes na base de um acordo maioritário.

TRAJECTÓRIA: esta primeira categoria corresponde à definição "mais nua" da emigração, como movimento de indivíduos ou de grupos, de um lugar de origem para um lugar de destino (Duchac, 1974, p. 469). Engloba associações que estão bastante próximas do sentido etimológico da palavra emigração: "Facto de emigrar, isto é, sair da pátria para residir noutro país" (Silva Bastos, Dicionário Etimológico). Retivemos aqui quatro agrupamentos temáticos: as associações que gravitam à volta do termo de saída; os termos que fazem menção ao país de origem; as expressões que se referem à viagem, ou mesmo aos meios de transporte utilizados; e finalmente vocábulos que se referem aos países de acolhimento, onde se encontra quer a referência específica a países quer referências mais genéricas - o estrangeiro, a lonjura, o desconhecido.

MOTIVAÇÕES: nesta categoria cinco temas foram retidos fazendo referência a motivações sócio-económicas: o trabalho, o dinheiro, a habitação, melhores condições de vida, a necessidade. Para além destes cinco agrupamentos de "objectos motivacionais" de ordem sócio-económica, aparecem também motivações cognitivas e de exploração (1), gravitando à volta da procura de conhecimentos. Um sétimo tema retido foi a aventura. Num último tema classificámos diversas motivações: ir tratar da saúde, em viagem de negócios, juntar-se a um familiar, por imitação ou na busca de divertimentos. Também aqui classificámos as poucas referências a motivações políticas: só cinco jovens mencionam a fuga ao serviço militar e dois a guerra. Se motivações políticas puderam estar na base de emigração portuguesa num passado não muito distante (Rocha Trindade, 1973, p. 23), os adolescentes, só muito episodicamente, referem essas motivações, não havendo material suficiente para construir um tema à parte.

AFFECTOS: distinguimos aqui quatro temas. Para além dos afectos positivos e negativos deu-se um lugar à parte a dois afectos que pela sua importância qualitativa e, como veremos mais adiante, também quantitativa merecem ser destacados: a separação e as saudades.

REPRESENTAÇÕES DO EMIGRANTE: distinguiram-se três temas. Para além da representação positiva e negativa do emigrante, retivemos a sócio-demográfica que engloba referências ao sexo, à idade, à família, à origem geográfica e nacional.

Na quinta categoria dicotomizaram-se os JULGAMENTOS AVALIATIVOS sobre a emigração: referências que fazem menção a uma avaliação positiva e os que fazem

(1) Nuttin engloba nas motivações cognitivas e de exploração "o desejo de se informar, de compreender, de explorar todas as espécies de objectos e de situações, conhecer o mundo e compreender-se a si próprio" (Nuttin, 1980, b, p. 207).

referência a uma avaliação negativa .

A sexta categoria refere-se às DIFICULDADES DE ADAPTAÇÃO levantadas pelo contacto com uma outra sociedade: linguísticas, laborais, interpessoais ...

Na categoria perspectiva de futuro estão incluídas as referências a formas de migração sazonal, temporária e definitiva (Dollot, 1976, p. 5).

Na oitava categoria classificámos as associações fonéticas.

Finalmente na categoria diversos englobámos as associações que não se podiam classificar nas categorias anteriormente mencionadas e que, nem tinham uma expressão quantitativa e qualitativa para formar uma categoria à parte.

Dentre esta primeira classificação em nove categorias, totalizando vinte e cinco temas, fizemos a opção de só reter para a análise ulterior os temas que emergissem em pelo menos 10% da população. Os temas que não obedecessem a esse critério quantitativo seriam recodificados.

Na categoria trajectória, o tema país de origem só aparece em 2,1% dos sujeitos pelo que foi recodificado na categoria viagem.

Na categoria motivações os temas habitação (5,8%) e aventura (4,2%) foram respectivamente recodificados nos temas, melhores condições de vida e diversos.

Os temas da representação do emigrante, nenhum obtendo os 10% - características sócio-demográficas (5,6%), representação positiva (5,8%), representação negativa (6,9%) -. foram todos agrupados.

O mesmo se deu em relação à avaliação da emigração em que a positiva está presente em 6,2% dos sujeitos e a negativa em 3,8%.

Assim, apesar do interesse em opor a polaridade das representações e das avaliações, os temas iniciais da representação do emigrante e da avaliação estarão agrupados na respectiva categoria.

Quanto à categoria perspectivas de futuro, presente em 4,6% da população será englobada na categoria diversos.

Em suma, após esta recodificação são retidas oito categorias compostas de 18 temas (quadro 1).



## QUADRO 1 - Temas da associação livre (% de sujeitos)

## 1/ TRAJECTÓRIA

1.1. Saída	56,0%
1.2. País de acolhimento	18,3%
1.3. Viagem (país de origem)	13,7%

## 2/ MOTIVAÇÕES

2.1. Trabalho	36,7%
2.2. Dinheiro	30,6%
2.3. Necessidade	24,0%
2.4. Melhores condições de vida (habitação)	23,1%
2.5. Conhecimento	10,8%
2.6. Diversos (aventura)	12,5%

## 3/ AFECTOS

3.1. Afectos negativos	28,5%
3.2. Separação	18,3%
3.3. Saudades	17,1%
3.4. Afectos positivos	13,7%

## 4/ REPRESENTAÇÃO DO EMIGRANTE 16,2%

## 5/ DIFICULDADES DE ADAPTAÇÃO 10,8%

## 6/ ASSOCIAÇÕES FONÉTICAS 10,2%

## 7/ JULGAMENTOS AVALIATIVOS 10,0%

## 8/ DIVERSOS (perspectivas de futuro) 11,0%

Por ordem decrescente, as três categorias mais evocadas na amostra são as motivações, a trajectória e os afectos.

Os "objectos motivacionais" mais frequentemente citados são os sócio-económicos: trabalho, dinheiro, necessidade, melhores condições de vida. Cada um deles está presente em cerca de um quarto da amostra, pelo menos. Quanto às motivações cognitivas e de exploração estão presentes em mais de 10% da amostra. Um só tema da categoria trajectória, a saída, está presente em mais de metade da amostra. A paleta dos afectos suscitados pela emigração é policromática. São no entanto, os afectos negativos que predominam, não conseguindo os positivos equilibrar a tonalidade.

Se nos referirmos à ordem em que as associações são evocados o tema da saída é o mais frequentemente referido nos três primeiros lugares, enquanto que nos quarto e quinto lugares encontramos os afectos negativos. Ao nível global da amostra encontra-se, pois um deslizar do sentido dado pelo "dicionário", nos primeiros lugares, para um sentido afectivo de tonalidade sobretudo negativa, que emerge em seguida. A evolução de respostas codificadas a respostas idiosincrásicas que aqui se encontra, faz-nos pensar no que encontram Kuhn e Mc Partland a propósito de "Quem sou eu?" (Neto. 1980, pp.308-309), bem como outros investigadores: uma evolução de respostas "consensuais" a respostas "sub-consensuais".

As restantes categorias são menos frequentemente citadas, mas elas são no entanto monotemáticas. A não ser a representação do emigrante (16,2%), os julgamentos avaliativos, as dificuldades do percurso de adaptação e as associações fonéticas comportam respostas de cerca de 10% da população. Se a categoria diversos diz respeito a mais de 10% dos sujeitos isso deve-se ao facto de aí terem sido recodificadas as referências às perspectivas de futuro que recobrem quase metade das respostas.

Das menções às perspectivas de futuro, a evocação da migração temporária é massivamente dominante. As referências à migração definitiva ou sazonal são episódicas.

Na perspectiva que aqui nós interessa é preciso notar sobretudo que as respostas a esta questão aberta não fizeram aparecer temas das representações da emigração diferentes dos que apareceram no momento do pré-inquérito e que, por conseguinte, foram retidos para a confecção do questionário definitivo. Tirando

as associações fonéticas todos os outros temas postos em evidência pela análise de conteúdo das informações fornecidas pela palavra indutora emigração, estão incluídas no inquérito. Dito isto, não temos a pretensão de, com este estudo, atingir todos os elementos constituintes da representação. Mesmo quando o psicólogo deixa ao sujeito a ilusão da liberdade da construção do seu discurso, o sujeito só fornece sempre um aspecto fragmentário da representação que tem (Gilly, 1980, p. 36). As produções verbais mediante as quais é estudada a representação só traduzem o que pode ser atingido pela situação criada pelo investigador. "Crer que possam existir procedimentos permitindo atingir a representação de algo na sua integralidade seria utopia" (Gilly, 1980, p. 36).

Antes de apresentarmos uma visão de conjunto das representações do campo semântico da emigração por meio da análise das correspondências, vamos ver como variam essas representações em função das variáveis de estratificação: residência, sexo, nível sociocultural.

O quadro 2 apresenta as diferenças significativas dos temas da associação livre segundo as variáveis de estratificação. É sobretudo a residência rural ou urbana que diferencia a amostra: 8 dos 18 temas recodificados apresentam diferenças significativas. Quatro temas diferenciam os rapazes das raparigas e um nível sociocultural baixo do médio.

Os rurais evocam mais que os urbanos os temas das categorias trajectória e motivações em que aparecem diferenças significativas e o inverso verifica-se para os afectos. Na categoria trajectória, os rurais mencionam mais a viagem e o país de acolhimento e, nas motivações, o dinheiro e melhores condições de vida. Na categoria afectiva os urbanos estão mais focalizados na separação, nos afectos positivos e negativos que os rurais. Estes resultados deixam transparecer, pois, uma maior focalização dos rurais na trajectória e nas motivações sócio-económicas e uma diluição na manifestação dos afectos comparativamente aos urbanos.

Também os rurais evocam mais a avaliação da emigração que os urbanos. Globalmente, os rurais tomam mais frequentemente posição sobre o fenómeno migratório.

Na categoria trajectória o tema da saída diferencia os sexos. Os rapazes mencionam-no mais frequentemente. As raparigas estão mais centradas na esfera afectiva. Assim o efeito do sexo é significativo sobre a evocação dos afectos

QUADRO 2 - Diferenças significativas pelos temas da associação livre  
e pelas variáveis de estratificação

Temas	Residência	Sexo	Nível Sociocultural
1/ Trajectória			
1.1. Saída	N.S.	$X^2 = 14,75$ , $p = 0,0114$	N.S.
1.2. País de acolhimento	$X^2 = 8,61$ , $p = 0,0414$	N.S.	N.S.
1.3. Viagem (País de origem)	$X^2 = 7,82$ , $p = 0,0400$	N.S.	N.S.
2/ Motivações			
2.1. Trabalho	N.S.	N.S.	N.S.
2.2. Dinheiro	$X^2 = 6,04$ , $p = 0,0488$	N.S.	$X^2 = 6,29$ , $p = 0,0430$
2.3. Necessidade	N.S.	N.S.	N.S.
2.4. Melhores condições de vida (Habitação)	$X^2 = 6,64$ , $p = 0,0008$	N.S.	N.S.
2.5. Conhecimento	N.S.	N.S.	N.S.
2.6. Diversos (Aventura)	N.S.	N.S.	N.S.
3/ Afectos			
3.1. Afectos negativos	$X^2 = 21,82$ $p = 0,0006$	$X^2 = 19,25$ $p = 0,0017$	N.S.
3.2. Separação	$X^2 = 8,51$ , $p = 0,0445$	N.S.	N.S.
3.3. Saudades	N.S.	$X^2 = 23,21$ , $p = 0,0000$	N.S.
3.4. Afectos positivos	$X^2 = 9,43$ , $p = 0,0241$	N.S.	N.S.
4/ Representação do emigrante	N.S.	$X^2 = 11,32$ , $p = 0,0229$	N.S.
5/ Dificuldades de adaptação	N.S.	N.S.	N.S.
6/ Associações fonéticas	N.S.	N.S.	N.S.
7/ Julgamentos avaliativos	$X^2 = 10,87$ , $p = 0,0439$	N.S.	N.S.
8/ Diversos (Perspectivas de futuro)	N.S.	N.S.	N.S.

negativos e das saudades. As raparigas referem-se mais aos afectos negativos e à temática saudosista que os rapazes. Também é significativo o efeito do sexo sobre a representação do emigrante, mencionando-o os rapazes mais frequentemente.

Só o "objecto motivacional" dinheiro, diferencia o nível sociocultural. Os jovens do nível sociocultural baixo evocam-no mais frequentemente que os do médio.

Nenhuma das variáveis de estratificação diferencia as dificuldades do processo adaptativo, as associações fonéticas e as associações diversas.

Vejamos agora os resultados da análise factorial das correspondências efectuada sobre um quadro disjuntivo. Nesta análise os 18 temas da associação livre foram utilizados como variáveis principais e as variáveis de estratificação, a idade, a posição perante a religião, a intenção de emigrar como elementos suplementares.

Figura 2 Histograma dos valores próprios do campo semântico de representação

OS VALORES PRÓPRIOS				VAL(1)=0.99999517							
INUM	ITER	I VAL	PROPRID	%	CUHUL	I*	HISTOGRAMA	DDS	VALORES	PROPRIOS	DA
1	1	0.49187666	10.364	10.364	10.364	1	.....	.....	.....	.....	.....
2	1	0.46842068	9.869	20.233	20.233	2	.....	.....	.....	.....	.....
3	1	0.42861509	9.033	29.266	29.266	3	.....	.....	.....	.....	.....
4	1	0.36254174	7.639	36.903	36.903	4	.....	.....	.....	.....	.....
5	1	0.32651724	6.880	43.782	43.782	5	.....	.....	.....	.....	.....
6	1	0.30922890	6.551	50.297	50.297	6	.....	.....	.....	.....	.....
7	1	0.30045372	6.330	56.628	56.628	7	.....	.....	.....	.....	.....
8	1	0.28162212	5.933	62.561	62.561	8	.....	.....	.....	.....	.....
9	1	0.26311729	5.544	67.999	67.999	9	.....	.....	.....	.....	.....
10	1	0.24459505	5.154	73.049	73.049	10	.....	.....	.....	.....	.....
11	1	0.22966135	4.839	77.887	77.887	11	.....	.....	.....	.....	.....
12	1	0.22440773	4.728	82.616	82.616	12	.....	.....	.....	.....	.....
13	1	0.20423627	4.309	86.925	86.925	13	.....	.....	.....	.....	.....
14	1	0.19326365	4.072	90.997	90.997	14	.....	.....	.....	.....	.....
15	1	0.15769196	3.123	94.113	94.113	15	.....	.....	.....	.....	.....
16	1	0.14145251	2.991	97.104	97.104	16	.....	.....	.....	.....	.....
17	1	0.12794477	2.696	100.000	100.000	17	.....	.....	.....	.....	.....

A percentagem de inércia totalizada pelos quatro primeiros factores é de 36% (figura 2). A taxa de variância não é muito diferente entre os três primeiros factores. Vamos indicar para esses quatro factores os elementos que têm as contribuições mais fortes.

No factor 1 quatro temas têm uma contribuição superior à media: no pólo positivo encontramos as associações fonéticas; no pólo negativo os julgamentos avaliativos, os afectos negativos e a saudade. Se as associações fonéticas denotam distanciamento em relação ao estímulo proposto (Jodelet, 1976, p. 18), poderemos dizer que os julgamentos avaliativos e os afectos denotam implicação. Sendo assim, poderemos interpretar este primeiro factor como uma dimensão que

parece reflectir uma reacção emocional, onde se opõem o distanciamento e a implicação.

No factor 2 encontramos três temas com contribuições fortes: no pólo positivo os afectos negativos e a saudade; no negativo os julgamentos avaliativos. Este segundo factor parece pois denotar a implicação no fenómeno migratório.

No factor 3 oito temas têm contribuições fortes. No pólo negativo encontramos as quatro modalidades da reacção emocional: julgamentos avaliativos, associações fonéticas, afectos negativos e saudade. No pólo positivo localizam-se quatro temas da categoria motivacional: melhores condições de vida, conhecimento, trabalho, dinheiro. Esta oposição entre reacção emocional e motivacional parece reflectir uma dimensão dinamizante.

No factor 4 opõem-se no lado positivo a representação do emigrante ao tema da saída e da separação no lado negativo. Estamos perante uma dimensão que parece corresponder à evocação da partida.

Das variáveis de estratificação é a residência que se encontra melhor explicada pelos quatro primeiros factores, seguindo-se o sexo e o nível sociocultural. Por ordem decrescente, a residência encontra melhor explicação no factor 2, 3, 1, 4. Os rurais situam-se mais nos pólos que denotam, respectivamente, julgamentos avaliativos, motivações, distanciamento e a representação do emigrante. Ao invés, os urbanos situam-se mais nos pólos que reflectem a valência afectiva, a reacção emocional, a implicação e a saída. Parece pois poder dizer-se que as associações dos rurais evocam mais aspectos axio-cognitivos e socio-cognitivos e as dos urbanos aspectos afectivo-cognitivos.

O sexo encontra-se melhor explicado, tal como a residência, no factor 2, 3, 1, 4. A polaridade dos eixos dos rapazes é a mesma da dos rurais e a das raparigas a mesma da dos urbanos. Parece pois também poder dizer-se que as associações dos rapazes evocam mais os aspectos axio-cognitivos e sócio-cognitivos e as das raparigas aspectos afectivo-cognitivos.

Também por ordem decrescente o nível sociocultural encontra melhor explicação no factor 2, 1, 4, 3. Os jovens do nível sociocultural baixo situam-se mais nos pólos que denotam os julgamentos avaliativos, a implicação e a representação do emigrante; os do nível sociocultural médio nos da valência afectiva, distanciamento, saída. No factor 3 os níveis socioculturais não se opõem, situando-se ambos no pólo que denota a reacção emocional.

A idade e a posição perante a religião encontram a sua melhor explicação no factor 1. Os mais novos opõem-se, aí, aos mais velhos situando-se aqueles mais no pólo que denota distanciamento e os mais velhos no que denota implicação. As modalidades da posição perante a religião católico praticante e outra posição, opõem-se à modalidade católico não praticante. Esta situa-se no pólo que denota implicação, ao passo que as outras duas situam-se no pólo de distanciamento.

Comparando a organização dos temas segundo a sua frequência com a organização extraída pelos quatro primeiros factores, se em ambas as organizações aparecem as motivações, a trajectória e os afectos em lugar de destaque, é necessário dar a César o que é de César. Há um denominador comum aos quatro primeiros factores: a presença em todos eles da categoria afectos.

Se na amostra os afectos negativos são mais frequentes que os positivos, como vimos, nenhum dos quatro primeiros factores opera uma oposição entre a tonalidade negativa e positiva. Verifica-se o mesmo se alargamos a análise até aos sete primeiros factores. Uma vez que na mesma população encontramos ambas as tonalidades, podemos dizer que a emigração suscita representações ambivalentes. A ambivalência caracteriza sobretudo os urbanos e em menor grau os católicos não praticantes e as raparigas.

A partir dos quatro primeiros factores podemos esboçar um modelo figurativo da emigração. As primeiras quatro dimensões que organizam o campo semântico da representação - a reacção emocional, a reacção implicativa, a reacção dinamizante, a evocação da partida - formam dois núcleos tendo por elo a corrente afectiva. Um núcleo organiza-se à volta da dimensão partida (factor 4): se toda a emigração implica por um lado a saída e a desvinculação de objectos, supõe por outro lado um personagem que a concretize (figura 3). Este núcleo, ancorado na definição codificada do termo emigração, enriquece-se, no entanto, de aspectos sócio-cognitivos e afectivo-cognitivos. O outro núcleo é formado pelos três primeiros factores. A dimensão dinamizante opõe a temática motivacional à dimensão emocional. A dimensão emocional opõe as associações fonéticas à dimensão implicativa. A dimensão implicativa opõe os julgamentos avaliativos aos afectos.

Tomando as cinco palavras mais frequentes da resposta ao estímulo proposto, e ordenando-as com base na estrutura factorial do campo semântico de representação, apresenta-se na figura 4 o modelo figurativo mais prestante na nossa população. Saída é a palavra mais frequente dentro da temática que aparece na dimensão partida. Trabalho e dinheiro são as duas palavras mais fre-

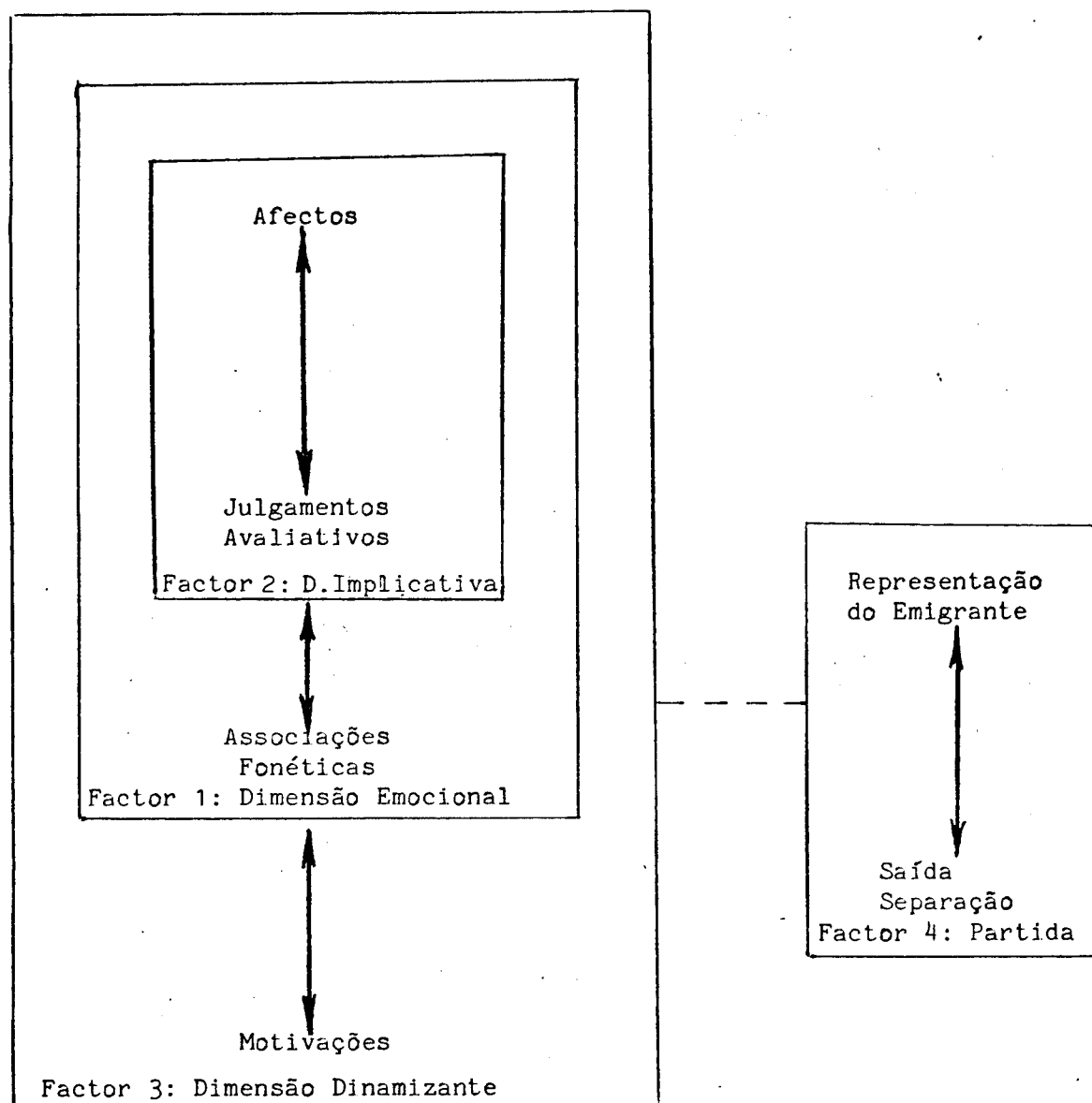
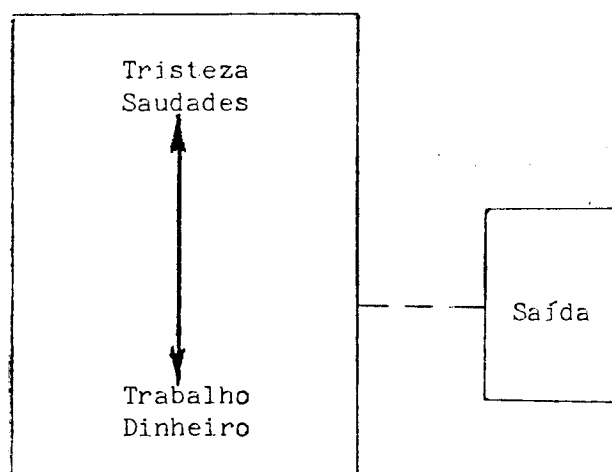


FIGURA 4 - MODELO FIGURATIVO DA EMIGRAÇÃO





quentes da dimensão dinamizante. Tristeza e saudades são as palavras mais frequentes da dimensão emocional e da implicativa. No esquema figurativo estão pois representadas as palavras não só mais frequentes na amostra, como também as mais frequentes em cada dimensão factorial. Pode-se assim dizer que na nossa população a emigração evoca antes demais a saída motivada por razões sócio-económicas (trabalho, riqueza) e investida de afectos - (tristeza, saudades).

Este modelo imagético "esquece", no entanto, o objecto orientador do vivido da grande maioria da emigração portuguesa na Europa da primeira geração: o regresso. Há assim o evitamento de trajectórias de sentido oposto, tornando coerente esse modelo.

Em suma, o universo do campo semântico das representações migratórias sob o prisma semântico põe em evidência oito categorias: trajectória, motivações, afectos, representação do emigrante, dificuldades de adaptação, associações fonéticas, julgamentos avaliativos e diversos. Os quatro primeiros factores da análise das correspondências hierarquizam este campo segundo a reacção emocional, a reacção implicativa, a reacção dinamizante e a evocação da partida.

Desde o início do inquérito, a associação livre reflecte toda uma representação que vamos examinar mais em pormenor. O exame dos protocolos permite não só pôr em evidência as dimensões que organizam o campo semântico da emigração e esboçar o seu modelo figurativo, como também apontar nós sensíveis da sua representação.

Tínhamos levantado ao nível da determinação social central a hipótese de que a estrutura social não determina ao mesmo título todos os aspectos da representação. Tanto a análise por meio do  $X^2$  como a análise das correspondências convergem em apontar que é sobretudo a residência rural ou urbana que diferencia as representações migratórias dos adolescentes sob o seu aspecto semântico. Resta-nos aguardar, para sabermos, se este resultado é confirmado na abordagem mais analítica dos elementos constituintes de representação que vamos efectuar.

## 5/ INFORMAÇÃO

" En résumé, l'homme semble avoir besoin d'information et de connaissance comme il a besoin d'échange social et d'interaction biochimique avec la biosphère. L'activité cognitive est une des formes essentielles du fonctionnement Individu-Environnement."

Joseph Nuttin

A informação é um dos elementos constituintes de uma representação social como vimos. Em que medida e como os jovens conhecem a emigração ?

A experiência directa mediante a implicação no processo adaptativo a uma sociedade alógena fornece informações sobre a transplantação. Pode-se conhecer a migração através das vicissitudes da viagem, das emoções despertadas pela separação e pela chegada, enfim, da vivência quotidiana de "homo peregrinus" em contacto com outras culturas. Não se trata todavia aqui deste tipo de conhecimento, mas de um conhecimento indirecto de sujeitos não inseridos num processo migratório adaptativo. O conhecimento não se constitui só a partir de experiências migratórias, mas também das informações, saberes, modelos de pensamento que recebemos e transmitimos pela tradição, educação e comunicação social. Este modo de conhecimento nem por isso deixa de ser socialmente elaborado e partilhado (Jodellet, 1983 a. pp.6 - 7). Para abordar este aspecto retiveram-se questões para deixarem transparecer o conhecimento que os jovens têm da emigração e para sabermos por que canais a informação é obtida. As fontes de informação podem classificar-se de dois modos (Moscovici, 1976. pp. 90-91): segundo a sua função social. comunicação institucional (aulas) e não institucional; e segundo a reciprocidade ou não reciprocidade das trocas, comunicação direccionada (livros, revistas, jornais, rádio, televisão) e de impacto ou transitiva (conversação com a família, amigos ou os próprios emigrantes). Dentro das questões aqui incluídas, cinco obtêm respostas de forte consenso e quatro respostas maioritárias (cf. quadro 1).

As respostas unânimes ou bem esboçadas encontram-se, sobretudo, em modalidades de conhecimento factual. Emerge um desconhecimento de tipo escolar da emigração. Ignora-se a origem histórica da emigração portuguesa, o país que acolhe mais emigrantes portugueses na primeira metade deste século, as causas da emigração portuguesa a partir dos anos 60. É excepção a este desconhecimento "escolar", o conhecimento da origem geográfica dos emigrantes mais oriundos do Norte que do

Alentejo. Este mesmo conhecimento é confirmado por uma questão aberta a este respeito: a maior parte dos jovens pensa que os emigrantes são sobretudo originários do Norte, do Nordeste, do Interior.

#### QUADRO 1

Respostas de forte consenso (A) e respostas maioritárias (B) relativas à informação

	Questões nº	% de sujeitos	Respostas
A	66	88,8	Desconheço quando começou a emigração portuguesa.
	69	83,3	Há mais emigrantes oriundos da região ao norte do rio Douro que do Alentejo.
	70	96,1	O número total de emigrantes portugueses é muito ou bastante elevado.
	101	82,5	Tenho pessoas da família, amigos ou vizinhos que são emigrantes
	117	81,9	Informo-me de assuntos relacionados com a emigração portuguesa pela rádio e televisão.
B	67	77,5	Desconheço para que país emigraram mais portugueses durante a primeira metade deste século.
	68	79,0	A única razão da emigração portuguesa a partir de 1960 eram as condições económicas no nosso país
	71	76,3	Em Portugal fala-se muito de emigração.
	118	71,0	Informo-me de assuntos relacionados com a emigração pelos jornais e revistas.

O desconhecimento "escolar" é de certo modo contrabalançado pelo conhecimento dos actores, sendo poucos os sujeitos que não conhecem pessoalmente emigrantes (15,4%). A propósito destes poder-se-á levantar a questão: terá sentido estudar a representação nos sujeitos que não conhecem emigrantes ? Não esqueçamos que é

no interior dos grupos primários e secundários que o indivíduo se socializa e se inicia nas crenças, valores e normas do grupo de pertença ou de referência. Radke e Sutherland (1949) encontraram estereótipos claramente negativos dos Negros e dos Judeus em crianças de uma pequena cidade do Middle West, onde não vivia nenhum Negro e somente uma família judaica sem crianças. Na ausência de contacto há uma aprendizagem que se efectua pela mediação dos pais, dos professores, do grupo de iguais, dos mass-média, dos jogos, das histórias.

Há unanimidade em considerar elevado o número de emigrantes portugueses. Lá não se levantam dúvidas. No entanto, fazer uma estimativa do número de emigrantes quer no mundo quer em França, é mais bem delicado para os nossos informadores, pois quase metade não conseguem avançar uma estimativa. Reencontramos nestas duas questões abertas o desconhecimento de tipo "escolar".

Quadro 2 Representação do número de emigrantes no mundo e em França (%)

	no Mundo	em França
. menos de um milhão	17,7	33,1
. de 1 milhão a 5 milhões	25,3	16,8
. mais de 5 milhões	12,1	3,4
. sem resposta	45,0	46,7

Se conhecer socialmente uma coisa, é falá-la (Moscovici, 1976, p. 232), pode-se dizer que, segundo a representação dos jovens, a emigração é conhecida socialmente, uma vez que declaram maioritariamente que se fala muito em Portugal de assuntos relacionados com a emigração. Tal resultado sublinha que a emigração penetrou nas relações interpessoais. Merece a pena a este propósito citar Moscovici: "A conversação é uma actividade experimental das colectividades... E é neste laboratório da sociedade que as combinações intelectuais são naturalmente seleccionadas antes de se cristalizarem em símbolos ou em utensílios sociais" (1976, p. 98). As fontes de conhecimento que podem ser utilizadas pela juventude para elaborar as suas representações, os seus projectos de vida futura são variegadas. Até um período recente, a socialização efectuou-se em meios circunscritos, pelo canal da família e seguidamente da escola. Nos nossos dias as condições psicológicas e sociais de descoberta das múltiplas realidades de existência estão perturbadas. Os meios de comunicação de massa "oferecem uma visão do mundo,

reflexo mais ou menos deformado do real, que alarga o seu horizonte no tempo e no espaço" (Chombart de Lauwe, Bellan, 1979, p. 7). Essa "escola paralela" pode ser considerada como um conjunto de instituições que contribuem para a socialização de uma nova geração, ao lado da escola e da família. "Se as comunicações de massa, os mass-média, são muitas vezes substitutos de relações de face-a-face, são também um alimento ao mesmo tempo que um factor de informação e de estimulação. A radiodifusão e mais ainda a televisão constituem, quer se queira quer não, uma fonte considerável de conhecimentos e de influências que se sobrepõem em larga medida à educação familiar e escolar" (Maisonneuve, 1975, p. 230). Neste contexto não admira que, no caso concreto da emigração, a grande maioria dos jovens receba informações pela televisão, rádio, jornais e revistas, fontes de informação em que não há reciprocidade de trocas. O facto de a televisão, a rádio e a imprensa difundirem massivamente este fenómeno, testemunha segundo Moscovici não só um interesse em relação a ele, como também a propensão, na nossa sociedade em, propagá-lo (1961, p. 138). Embora não maioritárias, outras fontes de informação são também utilizadas frequentemente (aulas, conversas). Dadas estas múltiplas vias de comunicação utilizadas para conhecer a emigração, há entre elas, obviamente, interferências.

Vejamos a diversificação deste elemento constituinte segundo as variáveis de estratificação.

A residência rural ou urbana diferencia massivamente a informação sobre a emigração, pois quinze das dezoito questões apresentam diferenças significativas. O sexo só diferencia significativamente três questões e o nível sociocultural cinco (quadro 3).

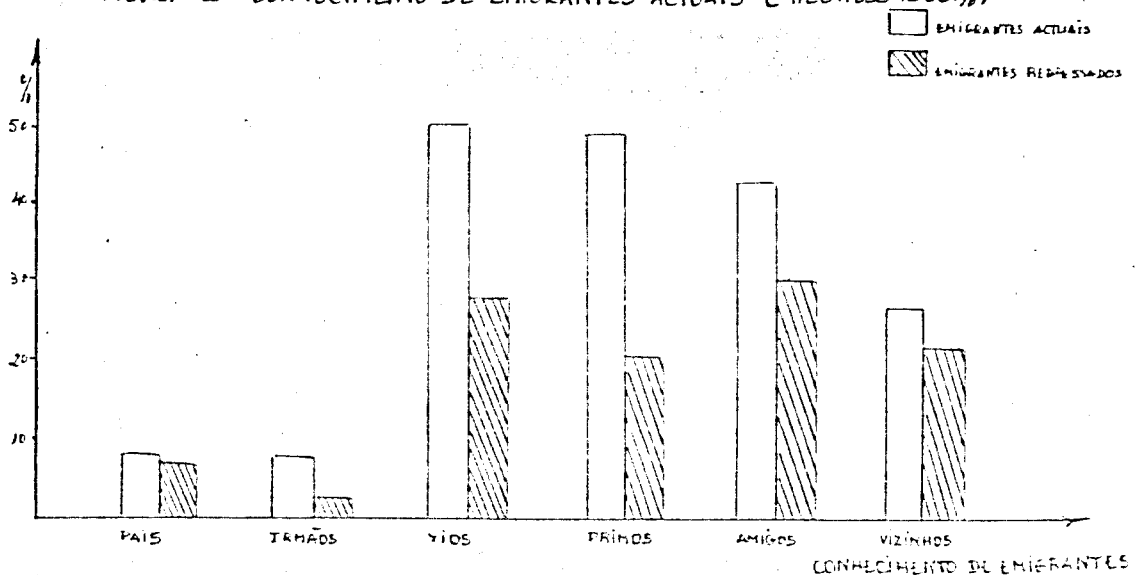
Se a amostra apresenta um fraco conhecimento do tipo escolar da emigração, ele é maior nos urbanos que nos rurais. Assim, os rurais dão mais frequentemente a resposta verdadeira que os urbanos sobre o começo histórico da emigração portuguesa, o país que acolheu mais emigrantes portugueses na primeira metade do século vinte, as causas da emigração portuguesa dos anos sessenta, a origem geográfica dos emigrantes.

De igual modo os rurais declaram reconhecer melhor pelo olhar o emigrante. Quais os indícios desse reconhecimento? O reconhecimento do emigrante passa antes de mais pelo vestuário e pela linguagem: "Reconheço o emigrante através do vestuário que traz e do modo como fala. Tem maneira de falar diferente, por vezes, misturando o português com o estrangeiro"; "a partir da sua roupa e sotaque";

QUADRO 3 DIFERENÇAS SIGNIFICATIVAS PELAS VARIÁVEIS DE ESTRATIFICAÇÃO E PELAS QUESTÕES DE INFORMAÇÃO SOBRE A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

Nº E TEMA DA QUESTÃO	RESIDÊNCIA	SEXO	NÍVEL SOCIO-CULTURAL
64- RECONHECIMENTO DO EMIGRANTE PELO DUMAR	$\chi^2 = 23,84$ , $P < 0,000$	N.S.	N.S.
66- CONHECIMENTO DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA	$\chi^2 = 8,35$ , $P = 0,043$	N.S.	N.S.
67- PRINCIPAL PAÍS DE ACQUINENTO DURANTE A APERTEADE DOSEIAR	$\chi^2 = 25,40$ , $P < 0,000$	N.S.	N.S.
68- CAUSAS A PARTIR DOS ANOS 60	$\chi^2 = 10,50$ , $P = 0,0144$	$\chi^2 = 9,92$ , $P = 0,024$	N.S.
69- ORIGEM GEOGRÁFICA	$\chi^2 = 18,03$ , $P = 0,0009$	N.S.	N.S.
70- JULGAMENTO SOBRE O NÍVEL DE EMIGRANTES PORTUGUESES	N.S.	N.S.	N.S.
71- JULGAMENTO SOBRE A FIDELIDADE DE COMISSAS EM PORTUGAL	$\chi^2 = 15,86$ , $P = 0,012$	$\chi^2 = 9,40$ , $P = 0,022$	N.S.
72- JULGAMENTO SOBRE A FIDELIDADE DE COMISSAS NAS MUNDAS COMISSAS	$\chi^2 = 11,24$ , $P = 0,0036$	N.S.	N.S.
73- JULGAMENTO SOBRE O GRAU DE INTERVENÇÃO	$\chi^2 = 14,14$ , $P = 0,0144$	N.S.	N.S.
101- CONHECIMENTO DE EMIGRANTES (FAMÍLIA, AMIGOS, VIZINHOS)	$\chi^2 = 43,82$ , $P < 0,000$	$\chi^2 = 6,97$ , $P = 0,0305$	$\chi^2 = 13,74$ , $P = 0,0010$
102- CONHECIMENTO DE EMIGRANTES REGRESSADOS (FAMÍLIA, AMIGOS, VIZINHOS)	$\chi^2 = 59,61$ , $P < 0,000$	N.S.	$\chi^2 = 11,32$ , $P = 0,0032$
115- INTERVENÇÃO NAS AULAS	$\chi^2 = 14,93$ , $P = 0,006$	N.S.	N.S.
116- INTERVENÇÃO NOS LIVROS	$\chi^2 = 11,46$ , $P = 0,0025$	N.S.	$\chi^2 = 9,81$ , $P = 0,0201$
117- INTERVENÇÃO NA TELEVISÃO, NA RÁDIO E DISCÓ	N.S.	N.S.	N.S.
118- INTERVENÇÃO NOS BOLINHA E FOLHAS	$\chi^2 = 8,05$ , $P = 0,0131$	N.S.	N.S.
119- INTERVENÇÃO COM A FAMÍLIA	N.S.	N.S.	N.S.
120- INTERVENÇÃO COM AMIGOS	$\chi^2 = 4,99$ , $P = 0,026$	N.S.	$\chi^2 = 10,36$ , $P = 0,0056$
121- INTERVENÇÃO COM ENEMIGOS	$\chi^2 = 2,45$ , $P = 0,006$	N.S.	$\chi^2 = 8,49$ , $P = 0,0238$

FIGURA 1 - CONHECIMENTO DE EMIGRANTES ACTUAIS E REGRESSADOS(%)



"do vestuário e da pronúncia da língua". "por causa de algumas palavras que têm tendência a captar". O aspecto físico também permite o reconhecimento: "através do seu aspecto físico magro, desfigurado, mas evoluído"; "geralmente vêm mais idosos no aspecto físico", "estão muito velhos, fatigados, com muitas rugas"; "pelo seu rosto cansado, pela fadiga". Embora a descrição do aspecto físico seja sobretudo negativa, a positiva também aparece: "vêm menos rudes, com melhores aparências, a cara é mais branca". Os sinais exteriores de um melhor bem-estar económico também permitem o seu reconhecimento: "geralmente sim porque o emigrante quando regressa, a sua primeira coisa que se vê é o carro"; "porque compram logo um bom carro e nota-se pelos carros e a sua matrícula"; "através dos mercedes e das suas grandes casas". Um comportamento associado à posse do carro também permite identificar o emigrante, a má condução. Novos costumes, novas atitudes e até certos traços de personalidade também são assinalados. Dentre estes, dois aparecem com uma certa frequência, a superioridade e a tristeza: "pensa que é mais do que os outros", "porque eles tentam mostrar logo aquilo que não são", "essas pessoas estão transformadas e tristes", "porque o acho triste e comovente". Os rurais emitem mais a opinião de que em Portugal se fala muito de emigração e que as pessoas conhecidas falam muitas vezes desse assunto.

Dentre as fontes de informação, os urbanos só utilizam mais os jornais e revistas que os rurais para extraírem o seu conhecimento emigratório. Ao invés, os rurais declaram estar mais informados pelas aulas, livros, televisão, rádio, conversa com os amigos e emigrantes. A utilização mais frequente nos rurais que nos urbanos da literatura como suporte de conhecimento da emigração é a manifestação de uma atitude mais activa dos primeiros. "Os estudos, a imprensa, dão informações, mas a literatura deve ser chamada, procurada a partir de uma estimulação inicial". (Moscovici, 1961. p. 138). As respostas à questão "sente estar informado sobre a emigração" são coerentes com estes resultados: 48,8% dos rurais declaram estar bem informados e só 33,3% dos urbanos estão neste caso.

Os rurais também conhecem mais sujeitos - sejam eles familiares, amigos ou vizinhos - actualmente inseridos no processo emigratório ou que já regressaram definitivamente.

Se estas duas questões nos dão uma ideia global do conhecimento de emigrantes quisemos no entanto ter uma visão pontual (cf. figura 1). 6,9% da amostra tem,

pelo menos, um dos pais actualmente emigrante. O efeito da residência, sobre o facto de ter pais emigrantes, é significativo ( $X^2=18,11$ ,  $p=0,0001$ ). 11,7% dos rurais têm pais emigrantes enquanto que só 2,5% dos urbanos estão nesse caso. Metade da amostra tem tios e primos no estrangeiro. A residência diferencia significativamente a amostra em ambos os casos. 57,5% dos rurais têm tios emigrantes contra 42,5% dos urbanos ( $X^2=15,56$ ,  $p=0,0010$ ); 57,1% dos rurais têm primos contra 42,5% dos urbanos ( $X^2=15,56$ ,  $p=0,0004$ ).

O efeito da residência é também significativo sobre o facto de conhecer amigos e vizinhos emigrantes. 43,1% da amostra conhecem amigos emigrantes, os rurais tendo 50,8% e os urbanos 35,4%. 27,7% conhecem vizinhos emigrantes, os rurais tendo 35,4% e os urbanos 20,0%.

Em todos os casos considerados pontualmente (pais, irmãos, tios, amigos e vizinhos) é confirmada a questão genérica de um maior conhecimento de emigrantes actuais por parte dos rurais que dos urbanos. O mesmo se verifica em relação aos emigrantes já regressados.

Os jovens rurais têm mais frequentemente pais que já regressaram definitivamente que os urbanos. 11,3% e 2,1% respectivamente. O mesmo sucede com a fátia, embora o número de irmãos regressados seja muito baixo.

Os rurais têm também mais frequentemente tios que já regressaram que os urbanos, respectivamente 35,4% e 21,3%. O efeito de residência é igualmente significativo sobre o facto de ter primos já regressados. 26,3% dos rurais têm primos que já voltaram de vez contra 14,6% dos urbanos.

Os rurais conhecem mais amigos que já tenham regressado que os urbanos, 35,4% e 18,3% respectivamente.

Finalmente os jovens residentes em zonas rurais conhecem mais vizinhos regressados que os urbanos, 25,0% dos rurais conhecem vizinhos já regressados, estando neste caso 17,5% dos urbanos.

Visto o efeito massivo da residência sobre o conhecimento da emigração vejamos o efeito do sexo e do nível sociocultural que é bem menor.

Globalmente as raparigas conhecem mais os emigrantes que os rapazes. A análise pontual de pessoas conhecidas (pais, irmãos, tios, primos, amigos, vizinhos) revela sempre diferenças significativas. Não damos os resultados pormenorizados para não sobrecarregar o texto, mas esse conhecimento é sempre maior nas raparigas que nos rapazes. Ao invés, os rapazes assinalam mais frequentemente de modo correcto as causas da emigração a partir dos anos 60 que as reparigas. Também



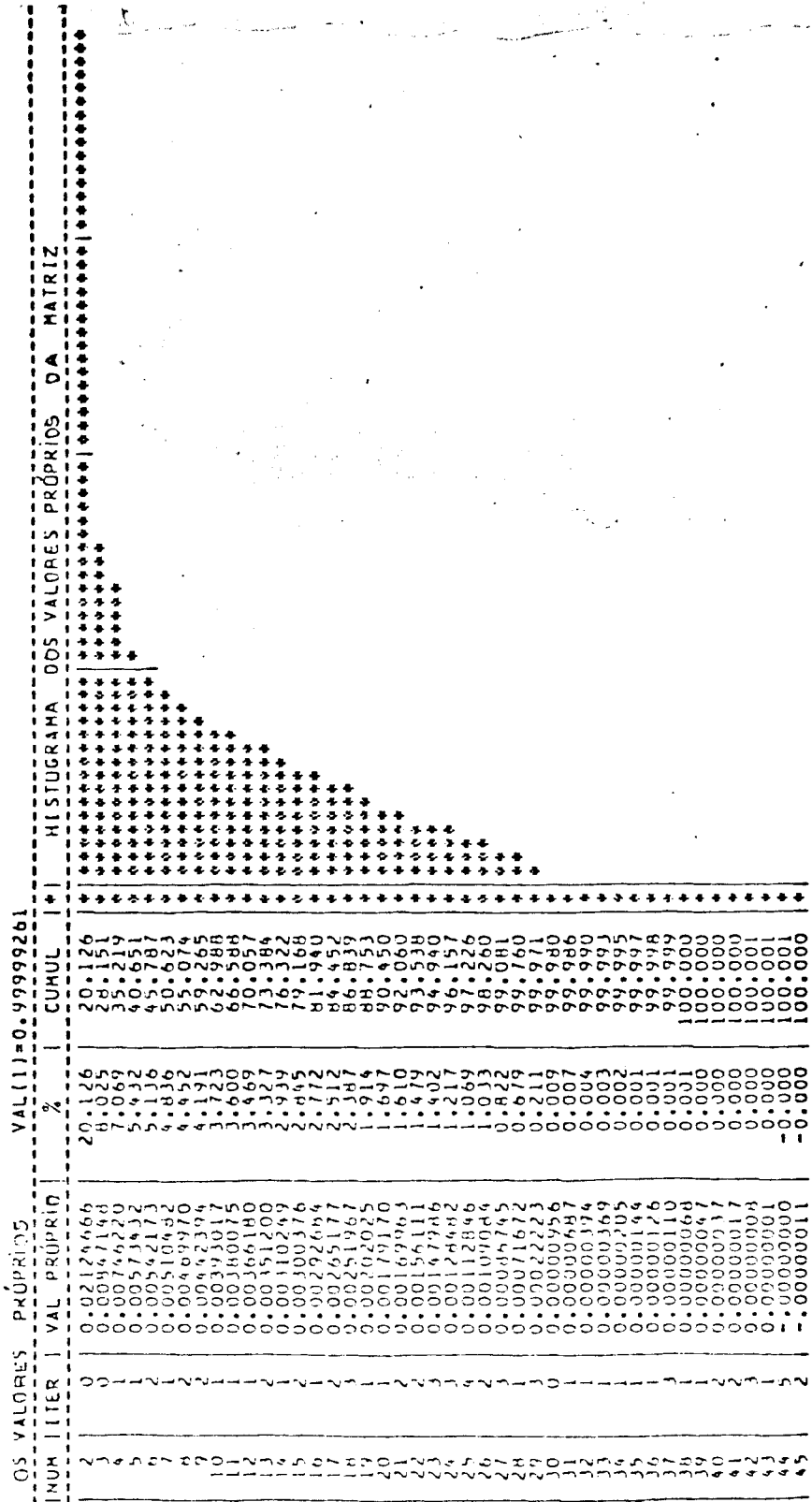
aqueles são mais frequentemente de opinião que em Portugal se fala muito de emigração. Nenhuma das fontes de informação diferencia os sexos, o que nos sugere duas observações a propósito de estereótipos sexuais correntemente propagados, mas que relativamente ao tema específico da emigração não são confirmados. Geralmente atribui-se ao homem uma certa actividade e à mulher uma certa passividade. Não encontramos aqui essa dicotomia se considerarmos, como já dissemos, a literatura como fonte de informação que exige da parte do sujeito uma procura mais activa. Também se considera frequentemente a conversação como apátrio das mulheres, mas os nossos dados não confirmam este estereótipo. A conversação com a família, os amigos ou com os próprios emigrantes não diferencia os sexos. A residência que já assinalámos e o nível sociocultural que em seguida abordaremos fornecem uma interpretação mais satisfatória. Nos jovens de nível sociocultural baixo parece haver um melhor conhecimento sobretudo das relações com o meio. Assim esses jovens declaram, globalmente, conhecer mais emigrantes que actualmente têm esse "modus vivendi" ou que tendo-o tido, já regressaram a Portugal, que os do nível sociocultural médio. A análise pontual (pais, irmãos, tios, primos, amigos, vizinhos) revela sempre diferenças significativas. Pela mesma razão invocada para a variável sexo, também não apresentamos os resultados em pormenor, mas são sempre os jovens de nível sociocultural baixo que conhecem pontualmente mais emigrantes ou pessoas já regressadas. Também têm mais frequentemente conversas com os amigos ou emigrantes sobre a emigração e lêem mais livros a este respeito.

Passemos a uma visão mais global recorrendo à análise factorial das correspondências. As modalidades das questões de informação são aqui utilizadas como elementos principais e as variáveis de estratificação, a idade, a posição perante a religião, a intenção de emigrar e a identidade portuguesa como elementos suplementares. A análise foi efectuada sobre um quadro de Burt.

Verificamos a existência de um primeiro factor claramente separado do seguinte no quadro dos valores próprios ( $\chi_1 = 20.1\%$ ;  $\chi_2 = 8.02\%$ ), que representa um quinto da nuvem (cf. figura 2).

No primeiro eixo, cinco questões opõem-se entre os dois pólos. No pólo negativo do eixo 1 situam-se as modalidades que denotam que as conversas com emigrantes não são utilizadas como fontes de informação, as pessoas conhecidas não falam nunca sobre assuntos relacionados com a emigração, declaram não conhecer emigrantes já regressados à terra-mãe, não conversam com os amigos sobre a emigra-

Figura. 2 Histograma dos valores próprios do aspecto informação



ção, pensam estar mal informados a este respeito. No pólo positivo encontram-se as modalidades que traduzem que as pessoas conhecidas falam muitas vezes de emigração, pensam estar bem informadas sobre emigração, conhecem emigrantes já regressados, têm como fontes de informação sobre este assunto conversas com amigos e com os próprios emigrantes.

Este primeiro factor parece assim denotar um conhecimento interpessoal da emigração. As outras modalidades que têm uma forte contribuição para este eixo não infirmam esta interpretação. Assim no pólo negativo situam-se os que não conhecem emigrantes, não conversam com a família sobre emigração, são de opinião que em Portugal se fala pouco de emigração, não recebem informações sobre este assunto nas aulas, nem nos livros ou nas revistas. No pólo positivo o quadro fica completo se lhe juntarmos o reconhecimento do emigrante pelo olhar.

No segundo eixo encontramos uma oposição entre os dois pólos para quatro questões. No pólo negativo situam-se as modalidades que traduzem a não utilização das aulas, dos livros, dos jornais e das revistas como fontes de informação, as pessoas conhecidas falam muitas vezes de emigração, desconhecem o principal país de acolhimento dos emigrantes portugueses na primeira metade deste século. Ao invés no pólo positivo situam-se as modalidades que denotam o conhecimento do principal país de acolhimento da emigração portuguesa na primeira metade deste século, a utilização das aulas, dos livros e revistas como fontes de informação, as pessoas conhecidas falam raramente sobre emigração. Este segundo factor parece denotar um conhecimento de tipo escolar acerca da emigração. Passemos à análise dos quadrantes definidos pelos dois primeiros eixos (figura 3). No quadrante inferior esquerdo, contornado pelos pólos que reflectem o desconhecimento da emigração através das interacções sociais e de um desconhecimento escolar situam-se os jovens residentes em zonas urbanas, os rapazes, os mais novos, e que se declaram não católicos.

No quadrante inferior direito, ladeado pelos pólos que denotam um conhecimento interpessoal da emigração e um desconhecimento escolar situam-se os sujeitos de nível sociocultural baixo, e que se declaram católicos praticantes.

No quadrante superior direito situam-se os que residem em zonas rurais que para além do conhecimento interpessoal da emigração como se poderia esperar, manifestam também um certo conhecimento escolar.

Finalmente no quadrante superior esquerdo que denota um desconhecimento interpessoal mas um conhecimento escolar situam-se os católicos não praticantes, as raparigas, e os de nível sociocultural médio.

## Quadro 4

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 1  
no aspecto informação

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Conhecimento de emigrantes	não 100	-
-Conversação com emigrantes	não 80	sim 36
-Conhecimento de emigrantes já regressados	não 61	sim 43
-Julgamento sobre a frequência de conversas sobre emigração nas pessoas conhecidas	nunca 49	muitas vezes 58
-Conversação com a família sobre a emigração portuguesa	não 48	-
-Conversação com amigos sobre a emigração portuguesa	não 48	sim 41
-Julgamento sobre o grau de informação sobre a emigração portuguesa	mal 28	bem 47
-Julgamento sobre a frequência de conversas em Portugal sobre emigração portuguesa	pouco 37	-
-Informação nas aulas sobre a emigração portuguesa	não 36	-
-Informação nos livros sobre a emigração portuguesa	não 31	-
-Reconhecimento do emigrante pelo olhar	-	sim 24

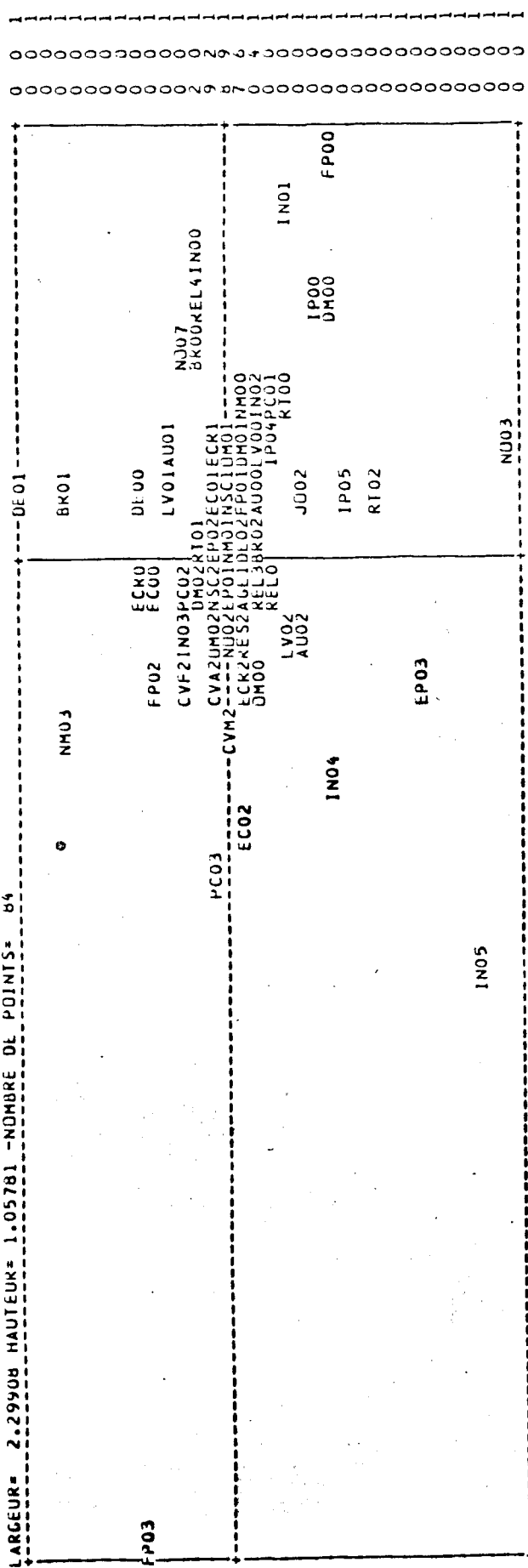
## Quadro 5

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 2  
no aspecto informação

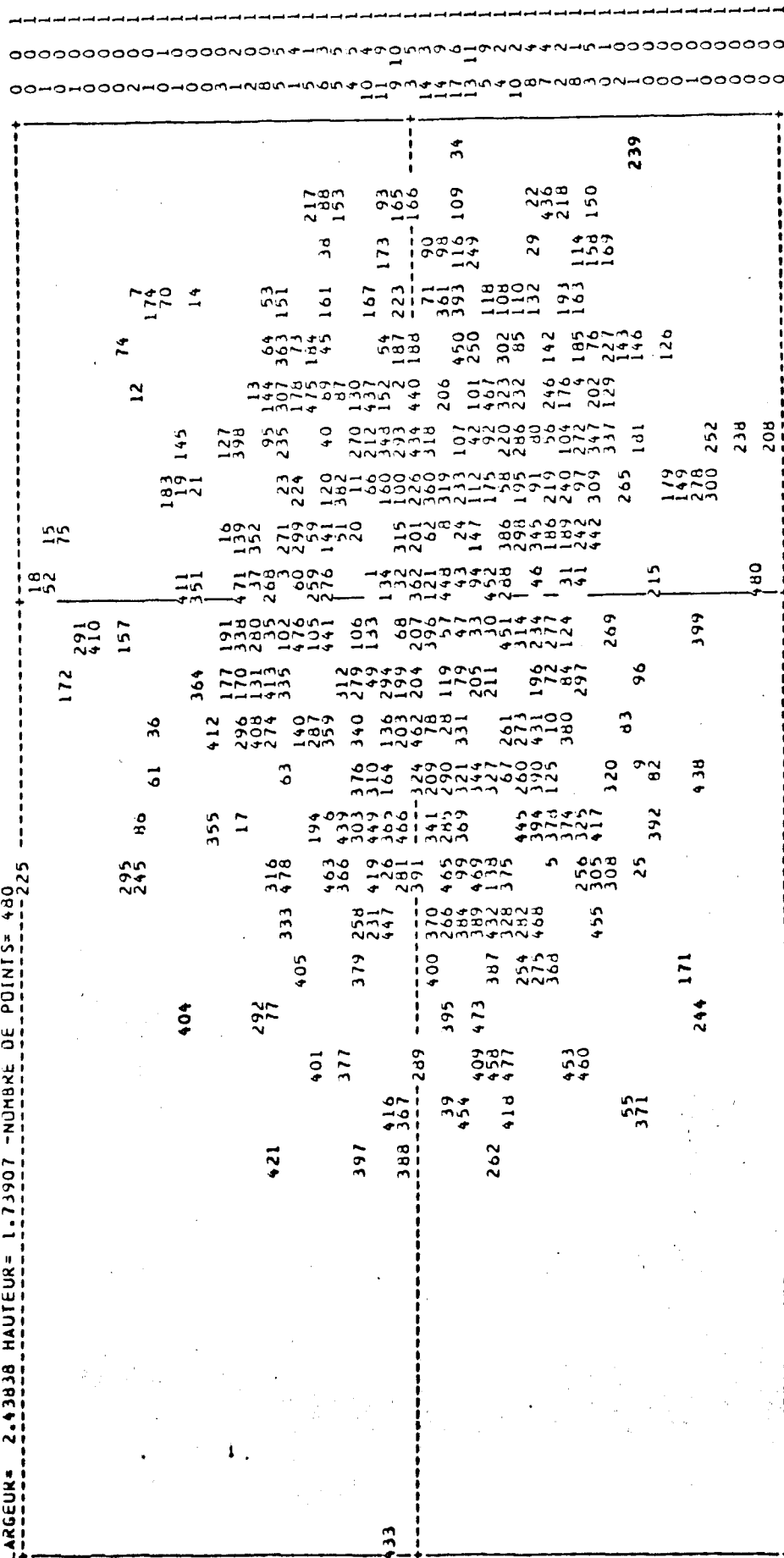
Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Principal país de acolhimento da emigração portuguesa na primeira metade do século XX	falso 45	verdadeiro 55
-Coresço da emigração portuguesa	-	verdadeiro 33
-Informação na televisão e na rádio sobre a emigração portuguesa	não 78	-
-Informação nas aulas sobre a emigração portuguesa	não 62	sim 47
-Julgamento sobre a frequência de conversas nas pessoas conhecidas sobre a emigração portuguesa	muitas vezes 41	raramente 28
-Informação nos jornais, nas revistas sobre a emigração portuguesa	não 45	-
-Julgamento sobre a frequência de conversas em Portugal sobre a emigração portuguesa	-	pouco 32
-Julgamento sobre o grau de informação sobre a emigração portuguesa	-	mal 29
-Julgamento sobre o número total de emigrantes portugueses	-	pouco elevado 27

AXE HORIZONTAL( 1)--AXE VERTICAL( 2)--TIRE:AF C BURT; INFORMATION +SOCIO EN SUPP.

LARGEUR= 2.29908 HAUTEUR= 1.05781 -NOMBRE DE POINTS= 84



LARGEUR= 2.43838 HAUTEUR= 1.73907 -NOMBRE DE POINTS= 480



De todas as variáveis projectadas como elementos suplementares é o eixo 1 que melhor as explica, à excepção do sexo que se encontra melhor explicado pelo eixo 2. No eixo 1 a variável que se encontra melhor explicada é a residência rural ou urbana, seguida da intenção de emigrar, de que falaremos mais adiante. A identidade portuguesa é muito pouco explicada pelos eixos 1 - 2.

Em suma, se a análise das frequências brutas aponta para um relativo desconhecimento de tipo escolar da emigração, não se pode generalizar este resultado concluindo que a emigração não é conhecida. Esse tipo de desconhecimento é contrabalançado e suplantado por um conhecimento interrelacional. A emigração como se poderia esperar, é conhecida socialmente.

O seu conhecimento nos grupos sociais é no entanto diferencial. A variável que mais diversifica o conhecimento é a residência rural ou urbana: de modo espectacular quase todas as questões apresentam diferenças significativas (15 em 18) convergindo massivamente para esboçar um melhor conhecimento, qualquer que seja a esfera abordada, dos rurais que dos urbanos.

Estes resultados são confirmados pela AFC de que abordamos as duas principais dimensões: a primeira, de longe a mais importante, baseada num conhecimento interpessoal e a segunda num conhecimento escolar.

Encontramos por esta via uma combinação das duas condições que afectam as representações sociais referentes à acessibilidade do objecto: a dispersão da informação e a sua focalização. " Os dados de que dispõem a maior parte das pessoas para responder a uma questão, para formar uma ideia a propósito de um objecto preciso, são geralmente ao mesmo tempo insuficientes e superabundantes" (Moscovici, 1976, p. 248). Assim na amostra encontram-se fracos conhecimentos de tipo escolar do acontecimento emigratório e muitos de tipo interpessoal. "Uma pessoa ou uma colectividade está focalizada porque como tais, no decorrer da interacção social, estão implicadas ou comprometidas na substância e nos efeitos dos seus julgamentos ou opiniões" (Moscovici, 1976, p. 250). Ora o grau de implicação em relação à emigração varia sobretudo em função da residência. Os rurais e os urbanos posicionam diferentemente a emigração no seu universo.

## 6/ ATITUDE

Para além da informação, também a atitude é um dos elementos constituintes da representação social.

O processo de aquisição de atitudes é complicado e continua sendo matéria de controvérsia teórica (Reich, Adcock, 1976). Existindo diferentes níveis em que esse problema pode ser abordado, encaramo-lo aqui sob o prisma da filiação no grupo, conscientes da sua dependência com a personalidade e o processo de socialização. Colocamo-nos, pois, fundamentalmente ao nível " mais molar " (Reich, Adcock, 1976, p. 54) para observar o efeito que a filiação no grupo exerce sobre as atitudes em relação à emigração.

A vida quotidiana acarreta para o indivíduo ou para o grupo social a capacidade de tomar posições, o que é " o resultado das pressões que se observam e que requerem a construção de um código comum e estável e obrigam os participantes a um diálogo, a uma troca de ideias para adaptarem as suas mensagens " (Moscovici, 1976, p. 251). Onde, se pode existir a pressão à inferência, de nenhum modo a atitude é incoerente, como se poderia pensar num primeiro momento. Mais abaixo veremos até que ponto a atitude é coerente.

Menos de um terço das questões utilizadas para avaliar a atitude em relação à emigração obtêm respostas de forte consenso e maioritárias (quadro 1).

## Quadro 1

Respostas de forte consenso (A) e maioritárias (B) no aspecto atitude

	Questões n°	% de sujeitos	Respostas
A	59	84,8	Os Portugueses têm necessidade de continuar a emigrar
	62	90,7	A emigração traz à pessoa que emigra vantagens
	74	87,3	Gostaria de ser mais informado sobre assuntos relacionados com a emigração
B	28	79,0	Se emigrasse seria muito difícil deixar a família



Há uma certa unanimidade em considerar a emigração vantajosa para a pessoa que a vive. Um balanço mais analítico destas vantagens será esboçado a propósito da percepção da mudança. É de realçar que a emigração é representada como sendo um factor mais rendoso do ponto de vista individual que colectivo, para o país de partida. Se mais de 90% a consideram como vantajosa para o emigrante pouco mais de metade da amostra a considera vantajosa para Portugal. As vantagens que advêm para Portugal são sobretudo socioeconómicas, segundo os adolescentes: " entrada de divisas ", " na balança de pagamentos é o emigrante que está a equilibrar o país ", " dão mais títulos à nossa riqueza ", " uma menor explosão demográfica ", " não tínhamos habitação para eles e andávamos todos aos empurrões ".

Nas respostas unânimes ou bem esboçadas encontra-se também uma sede de informações respeitantes à emigração, a dificuldade de monta de deixar a família no caso de emigração, a persistência da necessidade de os Portugueses continuarem a emigrar. A justificação da necessidade de os Portugueses continuarem a emigrar recobre, de certo modo, as motivações económicas da emigração pelo que não nos atardaremos aqui demasiado. A tónica é colocada nas condições de vida difíceis em Portugal, muito especialmente o desemprego: " as condições de vida deste país são cada vez piores, mais precárias. As pessoas não têm emprego, habitação, salários baixos, etc. e as pessoas são obrigadas a procurarem melhores condições de vida. Portugal não oferece futuro relativamente a emprego, habitação, saúde, etc. ". " Portugal é terrivelmente mau no que diz respeito à habitação e ao emprego, mas isso não quer dizer que lá fora não haja também falta de trabalho e de habitação, mas sempre será melhor ". " O nosso país não é desenvolvido que permita a um Português ter todas as regalias, não tem condições para as ambições de cada cidadão português. Os emigrantes quando voltam trazem amor ao país, trazem alegria, começo de uma nova vida ".

A justificação dos Portugueses não necessitarem continuar a emigrar acompanha-se sobretudo da opinião de que as condições de vida em Portugal vão melhorando, o país está a desenvolver-se: " Cá em Portugal já não é como nos anos 60 - 70, está melhor "; " o nosso país está em vias de desenvolvimento, já começa a desenvolver-se no sector da indústria, já dá condições suficientes e tem muitos campos para trabalhar "; " acho que se vão criando postos de trabalho e como agora todos temos oportunidades quanto ao ensino já não necessitamos de <sup>ser</sup> emigrantes "; " mesmo assim Portugal já está um bocão melhor, existem alguns empregos "; " os Portugueses se quiserem arranjar emprego, podem arranjar cá, basta ter força de vontade e procurar ". Mas para o país se desenvolver e se criarem melhores condições de vida " Portugal precisa de quem trabalha "; " se toda a gente emigrar o nosso país fica sem gente que deveria ajudar a desenvolver o nosso país "; " as pessoas deviam lutar para arranjar trabalho para o país se desenvolver, pois cada um deve estar no seu país e não ir fazer para os outros países os trabalhos que os outros não querem ".

Dentre as variáveis de estratificação é a residência rural ou urbana que determina em bloco a atitude: 12 das 13 questões apresentam diferenças significativas.

Cinco questões diferenciam o sexo e quatro o nível sociocultural (cf. quadro 2)

QUADRO 2 - DIFERENÇAS SIGNIFICATIVAS PELAS VARIÁVEIS DE ESTRATIFICAÇÃO  
E PELAS QUESTÕES DE ATITUDE

Nº e Tema da Questão	Residência	Sexo	Nível Sociocultural
20- Intenção de emigrar	$X^2 = 47,11$ , $p = 0,0000$	$X^2 = 10,80$ , $p = 0,0045$	$X^2 = 10,91$ , $p = 0,0043$
27- Os pais gostariam que emigrassem	$X^2 = 63,90$ , $p = 0,0000$	$X^2 = 15,24$ , $p = 0,0016$	N.S.
28- Dificuldade em deixar a família	$X^2 = 21,28$ , $p = 0,0001$	N.S.	N.S.
29- Dificuldade em deixar os amigos	$X^2 = 10,35$ , $p = 0,0154$	$X^2 = 10,41$ , $p = 0,0154$	N.S.
30- Dificuldade em deixar o ambiente	$X^2 = 24,70$ , $p = 0,0000$	$X^2 = 8,20$ , $p = 0,0420$	N.S.
57- Conselho a um amigo para emigrar	$X^2 = 66,26$ , $p = 0,0000$	N.S.	$X^2 = 13,54$ , $p = 0,0089$
59- Necessidade de continuar a emigrar	$X^2 = 9,30$ , $p = 0,0255$	N.S.	N.S.
60- Opinião favorável à emigração	$X^2 = 46,79$ , $p = 0,0000$	N.S.	$X^2 = 13,88$ , $p = 0,0310$
61- A emigração é vantajosa para Portugal	$X^2 = 27,58$ , $p = 0,0000$	N.S.	N.S.
62- A emigração é vantajosa para quem emigra	$X^2 = 32,35$ , $p = 0,0000$	N.S.	$X^2 = 9,66$ , $p = 0,0465$
63- Identificação ao emigrante após o regresso	$X^2 = 18,84$ , $p = 0,0003$	N.S.	N.S.
65- No futuro Portugal deixará de ser um país de emigração	$X^2 = 12,70$ , $p = 0,0053$	N.S.	N.S.
74- Desejo de ser mais informado sobre emigração	N.S.	$X^2 = 14,04$ , $p = 0,0153$	N.S.

A intenção de emigrar está mais presente nos rurais que nos urbanos, bem como a crença de que o grupo familiar de pertença deseja a realização desse comportamento.

O grupo familiar não deseja a realização desse comportamento, segundo os adolescentes, antes de mais pelas dificuldades em fazer o corte umbilical com a família e o país de origem: "era muito triste separar-me deles, ficaria longe e os meus pais gostariam de me ter à sua beira"; "querem que viva perto deles e não muito longe"; "não queriam que eu fosse para um país onde eles não estivessem, ficavam tristes"; "acho que a separação filhos-pais é muito triste"; "amam-me e ficariam muito tristes se eu emigrasse, só me veriam talvez de ano a ano"; "não gostariam de um dia me ver partir e para eles que vivem sempre comigo deveria ser cruel"; "não gostariam que me separasse para um país desconhecido, acho que queriam que vivesse ou na mesma cidade ou pelo menos nos arredores"; "porque ficavam insatisfeitos de os deixar e abandonar o país e a família, Portugal onde tinha nascido e é a minha pátria".

A separação suscita não só tristeza, como as citações anteriores o mostram, mas também medo, preocupações, saudades: "se fossem connosco estava bem, mas assim não, porque estão sempre com medo que aconteça alguma coisa e eles não podem estar ao pé de nós"; "tinham medo que me acontecesse alguma coisa por lá, sem eles estarem"; "porque não sabiam se eu estava bem ou mal, eles estavam constantemente aflitos, com medo que corresse perigos"; "ficariam sem ver a filha, ficariam preocupados se eu num país diferente teria sorte"; "têm medo que não me comporte da melhor maneira"; "tinham medo que não voltasse a Portugal"; "ficariam com saudades e preocupações ao verem o filho longe deles"; "os pais gostam que lhe faça companhia para não serem sós no mundo e para não os ter de fazer sofrer de saudades minhas"; "temem que eu me ressinta ao mudar de país e porque talvez eu ficasse com saudades".

Para além das dificuldades postas pela separação e do cortejo de sentimentos que a acompanham, é evocada a não necessidade de emigrar: "acham que não tenho necessidade disso e posso obter aqui o que obteria lá fora"; "têm cá os negócios e casa e não precisam de emigrar"; "acho que eles arranjam logo de princípio um modo de vida que lhes deu para eles não emigrar"; "normalmente quem emigra é mau sinal, porque quando se emigra geralmente é por causa do dinheiro"; "os meus pais acham que não necessito de emigrar por razão alguma, pois acho que me sinto feliz cá e têm razão"; "porque felizmente não preciso e se os meus pais me criaram é para me terem ao seu lado e pensam que cá podemos realizar os nossos sonhos".

Os jovens também atribuem aos pais as dificuldades levantadas pelo processo adaptativo: "nesses países tem-se uma vida muito dura e poucas vezes se tem oportunidades de vir a Portugal"; "não, porque a maior parte dos emigrantes emigra porque pensa que no estrangeiro trabalha-se menos e ganha-se mais, mas é mentira, e os meus pais não pensam isso"; "acham que para um emigrante os trabalhos são sempre forçados"; "dizem que passa-se muitos trabalhos".

Na génese dessa atribuição pode também estar o vivido emigratório dos pais: "não gostariam porque estão muito experientes nessas bolandas"; "por terem emigrado e não gostariam que saísse para fora do meu país". Esse vivido pode estar também sob o signo de uma migração interna ou temporária: "já estiveram nas colónias do ultra-

mar e ficaram marcados de uma maneira incrível para admitir novas saídas"; "o meu pai também é emigrante e ele ganha bem, mas a vida a bordo de um barco é muito má".

Uma eventual desvinculação do grupo familiar, do grupo de iguais ou do ambiente original em caso de emigração é bem mais difícil para os urbanos que para os rurais. Os rurais mais frequentemente que os urbanos aconselhariam um amigo a emigrar. A emigração não só é desejada mais para si, como para os outros, pelos rurais. Estes declaram mais que os Portugueses têm necessidade de continuar a emigrar, são mais favoráveis que os compatriotas continuem a emigrar, encontram a emigração mais vantajosa para Portugal e para os emigrantes.

A adolescência, sendo uma crise, repõe em actividade os processos identificatórios (Dias, 1980) Fará o emigrante parte do Ideal do Eu? (1)

A resposta a esta questão discrimina os adolescentes. A maioria deles toma no entanto o emigrante como modelo de identificação (51,5%). Escreve Torga: "todos temos as nossas balizas humanas. Rostos, nomes que nos ajudaram a ser quem somos" (1983, p. 14). Se a figura do emigrante é susceptível de ser tomada como "baliza humana" é-o no entanto mais frequentemente nos rurais que nos urbanos.

Porque é que os jovens tomam ou não tomam o emigrante como modelo identificatório?

O emigrante é tomado como modelo identificatório essencialmente por três séries de razões - afectivas, cognitivas e sócio-económicas - segundo a frequência com que aparecem por ordem decrescente.

É evocada a alegria suscitada pelo reencontro, pela realização e pela saudade que se esbate: "sentiria alegria em ver o meu país, a minha família e amigos"; "sentir-me-ia feliz de volta à minha pátria"; "porque depois de tantos anos conseguem regressar felizes, com o sorriso nos lábios, podem ficar definitivamente com a família"; "porque dá muita felicidade sentir-se realizado". A ausência pode reforçar mais os aspectos positivos: "ainda gostava mais da família, dos pais devido à longa ausência". Se a emigração pode contribuir para a emergência das saudades, o regresso após vários anos "mataria as saudades".

Um desejo de empatia também está presente no "corpus" analisado: "gostava de saber a sensação que eles ou elas tinham depois de tantos anos no estrangeiro, gostava de saber como eles se sentiam de estar outra vez de volta ao seu país"; "gostaria de sentir a emoção de voltar a ver os familiares e amigos"; "para ter a sensação de voltar a ver a Pátria".

Os jovens gostariam também de ter os conhecimentos proporcionados pela emigração, ou até mesmo a experiência que dela advém: "gostaria de me parecer com o emigrante que regressa de vez porque além de tudo foram conhecer novas ideias e costumes e trazem projectos novos"; "sabem coisas sobre outros países que eu não sei e que eles me podem dizer e conhecem outras maneiras de vida"; "para além de conhecerem

(1) O Ideal do Eu "instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do eu) e das identificações aos pais, aos seus substitutos e aos ideais colectivos. Enquanto instância diferenciada, o Ideal do Eu constitui um modelo ao qual o indivíduo procura conformar-se" (Laplanche, Pontalis, 1973, p.184).

Portugal conhecem outro país novo "; " porque eles têm melhores conhecimentos do que se passa no estrangeiro e já têm mais experiência de vida ". Um outro informador põe em relevo de modo lanídar a importância que o vivido emigratório tem como fonte de conhecimento: " para saber o mais importante sobre a emigração ".

O emigrante é também tomado como modelo identificatório por razões sócio-económicas que do ponto vista quantitativo só aparece em terceiro lugar: " gostaria de me parecer com os emigrantes que regressam definitivamente porque trazem dinheiro e melhores posições sociais "; " porque quando vêm já têm dinheiro para construir casa, comprar terras, etc "; " porque isso seria sinónimo de uma posição social razoável, teria melhores condições de vida ".

A contra-identificação que o emigrante suscita é justificada de modo variado. Certos evocam a ausência da intenção de emigrar: " nunca tive vontade de emigrar "; " não gostava de emigrar ". Outros fazem referência às influências estranhas recebidas e à perda das características nacionais: " parecem estrangeiros na sua própria terra "; " vêm com uma mistura de Português e de estrangeiro "; " vêm com modos estrangeirados "; " gosto do meu país não queria de maneira nenhuma sentir-me estranho cá "; " os emigrantes depois de vários anos noutro país deixam de se parecer com os Portugueses "; " os emigrantes após estarem noutro país, perdem as qualidades do próprio país ". É também feita a referência a preconceitos negativos como a " mania da superioridade ", a " vaidade ". Alguns jovens justificam a contra-identificação pelo evitamento de emoções como a desvinculação, as saudades, a tristeza. Aparece também a reivindicação da originalidade juvenil: " gosto de ser como sou ".

Fenómeno de ontem, de hoje, será de amanhã ? Mais de metade da amostra (54,8%) é de opinião que no futuro Portugal não deixará de ser um país de emigração. Os rurais emitem no entanto esta opinião. Se mediante a análise do campo semântico já sabemos que os rurais emitem mais frequentemente julgamentos avaliativos em relação à emigração, estes dados permitem-nos concluir que indiscutivelmente a orientação global é mais positiva nos rurais que nos urbanos.

A intenção de emigrar e a crença de que o grupo familiar de pertença deseje a realização desse comportamento é mais frequente nos rapazes que nas raparigas. A desvinculação dos amigos ou do ambiente de origem é mais difícil para as raparigas do que para os rapazes. As raparigas gostariam também de ser mais informadas sobre emigração que os rapazes.

Os jovens de nível sociocultural baixo manifestam mais a intenção de emigrar que os de nível sociocultural médio. Os do nível sociocultural baixo aconselhariam mais frequentemente um amigo a emigrar, são mais favoráveis a que os Portugueses continuem a emigrar e percebem a emigração mais vantajosa para os emigrantes.

A orientação global em relação à emigração parece ser mais positiva nos rapazes e no nível sociocultural baixo que nas raparigas e no nível sociocultural médio. A análise factorial das correspondências vai-nos confirmar estes resultados.

Como para a informação são utilizados como elementos suplementares as variáveis de estratificação, a idade, a posição perante a religião e a identidade portuguesa. A análise foi efectuada sobre um quadro de Burt.

Na figura 1 podemos ver a existência de um primeiro factor nitidamente separado do seguinte ( $\lambda_1 = 33,5\%$ ;  $\lambda_2 = 9,4\%$ ), que representa só ele um terço da inércia total: é um factor de nível geral. Podemos considerar este primeiro factor como uma boa condensação do modo de sentir, pensar e agir em relação à emigração.

Neste primeiro eixo há uma oposição em seis questões entre os dois pólos. No pólo negativo do eixo 1 situam-se as modalidades que denotam a não intenção de emigrar, o não aconselhamento a um amigo de emigrar, muita dificuldade em desvincular-se do ambiente, dos amigos, dos pais e crença de que os pais do jovem não gostariam que emigrasse. Ao invés, no pólo positivo situam-se as modalidades que traduzem a crença de que os pais gostariam que emigrasse, o aconselhamento a um amigo de emigrar, a intenção de emigrar, nenhuma ou pouca dificuldade em desvincular-se do ambiente, da família e dos amigos. Têm também uma contribuição superior à média no pólo negativo, a opinião de que os Portugueses não têm necessidade de continuarem a emigrar e no pólo positivo, uma opinião muito favorável a que os Portugueses continuem a emigrar e a ideia de que a emigração traz muitas vantagens para o emigrante.

O segundo factor já é mais específico e opõe as modalidades de desvinculação que se encontram juntas no pólo positivo do factor 1. No pólo positivo projecta-se a desvinculação fácil e no pólo negativo, com uma contribuição bem menor, a desvinculação um pouco difícil.

Passando à análise dos quadrantes constituídos pelo eixo 1 e 2 (figura 2 e 3), na parte inferior esquerda, embora perto do centro de gravidade situam-se os adolescentes mais novos, as raparigas, os que reivindicam fortemente a sua identidade portuguesa. É-lhes muito difícil deixar os amigos e a família. Estão, pois, muito vinculados não só aos grupos restritos de pertença como ao grande grupo nacional. Sobressai neste quadrante uma orientação global de indiferença em relação à emigração: nem favoráveis nem desfavoráveis a que os Portugueses continuem a emigrar, a emigração não traz nem vantagens nem desvantagens a Portugal. Os sujeitos deste quadrante sentindo-se fortemente arreigados "aqui" não sentem necessidade de se implicarem no fenómeno emigratório. Convém sublinhar o papel importante ocorrido pela indiferença nas relações interindividuais. Nakbi (1982-83) pergunta-se a este propósito se geralmente o papel da indiferença não foi um pouco subestimado em psicologia social. Para este autor a indiferença aparece como um dos pólos fundamentais das relações afectivas.

No quadrante inferior direito encontramos a residência rural, os católicos praticantes e o nível sociocultural baixo. Para eles é um pouco difícil separar-se da família, dos amigos e do ambiente de Portugal. Associando-se a este misto de dificuldades e facilidades em separar-se, encontramos uma atitude positiva implicativa em relação à emigração: os pais gostariam que emigrasse, aconselharia

Figura 1 Histograma dos valores próprios no aspecto atitude

OS VALORES PRÓPRIOS			VAL(1)=0.99998951		HISTOGRAMA DOS VALORES PRÓPRIOS DA MATRIZ	
NUM	ITER	VAL PRÓPRIO	%	CUMUL		
2	0	0.05947762	33.545	33.545	*****	*****
3	1	0.01682190	8.487	42.032	*****	*****
4	1	0.01996773	8.653	50.685	*****	*****
5	1	0.01713742	8.281	58.966	*****	*****
6	1	0.00924803	5.216	63.382	*****	*****
7	1	0.00840414	4.740	68.122	*****	*****
8	1	0.00758334	4.277	72.399	*****	*****
9	1	0.00715041	4.033	76.432	*****	*****
10	2	0.00682613	3.737	80.169	*****	*****
11	2	0.00605292	3.414	83.583	*****	*****
12	2	0.00558462	3.150	86.733	*****	*****
13	1	0.00440364	2.383	89.115	*****	*****
14	1	0.00393541	1.920	91.035	*****	*****
15	1	0.00293579	1.659	92.690	*****	*****
16	1	0.00210809	1.443	94.134	*****	*****
17	1	0.00165592	1.188	95.321	*****	*****
18	1	0.00153793	0.934	96.255	*****	*****
19	1	0.00109258	0.867	97.123	*****	*****
20	1	0.00109762	0.616	97.739	*****	*****
21	2	0.00082174	0.551	98.289	*****	*****
22	2	0.00065328	0.463	98.753	*****	*****
23	1	0.00034805	0.368	99.121	*****	*****
24	1	0.00027288	0.196	99.318	*****	*****
25	1	0.00023840	0.154	99.471	*****	*****
26	1	0.00017022	0.133	99.605	*****	*****
27	1	0.00015909	0.096	99.701	*****	*****
28	1	0.00010798	0.090	99.791	*****	*****
29	1	0.00008736	0.061	99.851	*****	*****
30	1	0.00007932	0.049	99.901	*****	*****
31	2	0.00004230	0.024	99.925	*****	*****
32	1	0.00002809	0.016	99.941	*****	*****
33	1	0.00001854	0.010	99.951	*****	*****
34	1	0.00000697	0.004	99.955	*****	*****
35	1	0.00000262	0.001	100.000	*****	*****
36	1	0.00000020	0.000	100.000	*****	*****
37	1	0.00000005	0.000	100.000	*****	*****
38	1	0.00000000	0.000	100.000	*****	*****
39	1	0.00000000	0.000	100.000	*****	*****
40	1	0.00000000	0.000	100.000	*****	*****
41	2	0.00000000	0.000	100.000	*****	*****
42	3	0.00000000	0.000	100.000	*****	*****
43	1	0.00000002	0.000	100.000	*****	*****
44	1	0.00000002	0.000	100.000	*****	*****
45	1	0.00000007	0.000	100.000	*****	*****
46	1	0.00000012	0.000	100.000	*****	*****
47	1	0.00000000	0.000	100.000	*****	*****
48	1	0.00000000	0.000	100.000	*****	*****

### Quadro 3

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 1  
no aspecto atitude

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Os pais gostariam que emigrasse	não 42	sim 91
-Aconselhamento a um amigo de emigrar	não 67	sim 85
-Intenção de migrar	não 74	sim 81
-Dificuldade em deixar o ambiente	muito 53	nada 67
-Dificuldade em deixar a família	muito 24	pouco 64; nada 30
-Dificuldade em deixar os amigos	muito 29	nada 41; pouco 37
-Favorável à emigração	-	muito 28
-Necessidade dos Portugueses continuarem a emigrar	não 26	-
-Vantagem para os emigrantes em emigrarem	-	muito 22

### Quadro 4

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 2  
no aspecto atitude

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Dificuldade em deixar os amigos	-	nada 209
-Dificuldade em deixar a família	-	nada 201
-Aconselhamento a um amigo de emigrar	sim 113	-
-Dificuldade em deixar o ambiente	pouco 33	nada 63
-Favorável à emigração	favorável 49	-



Figura 2 Localização das variáveis no plano de determinação dos fatores

AXE HORIZONTAL( 1)--AXE VERTICAL( 2)--TITRE:AFC VARIABLES REPRESENTATION-ATTITUDE;VAR SOCIO EN SUP:TABLEAU DE BURT

LARGEUR= 1.43668 HAUTEUR= 4.64275 -NOMBRE DE POINTS= 79

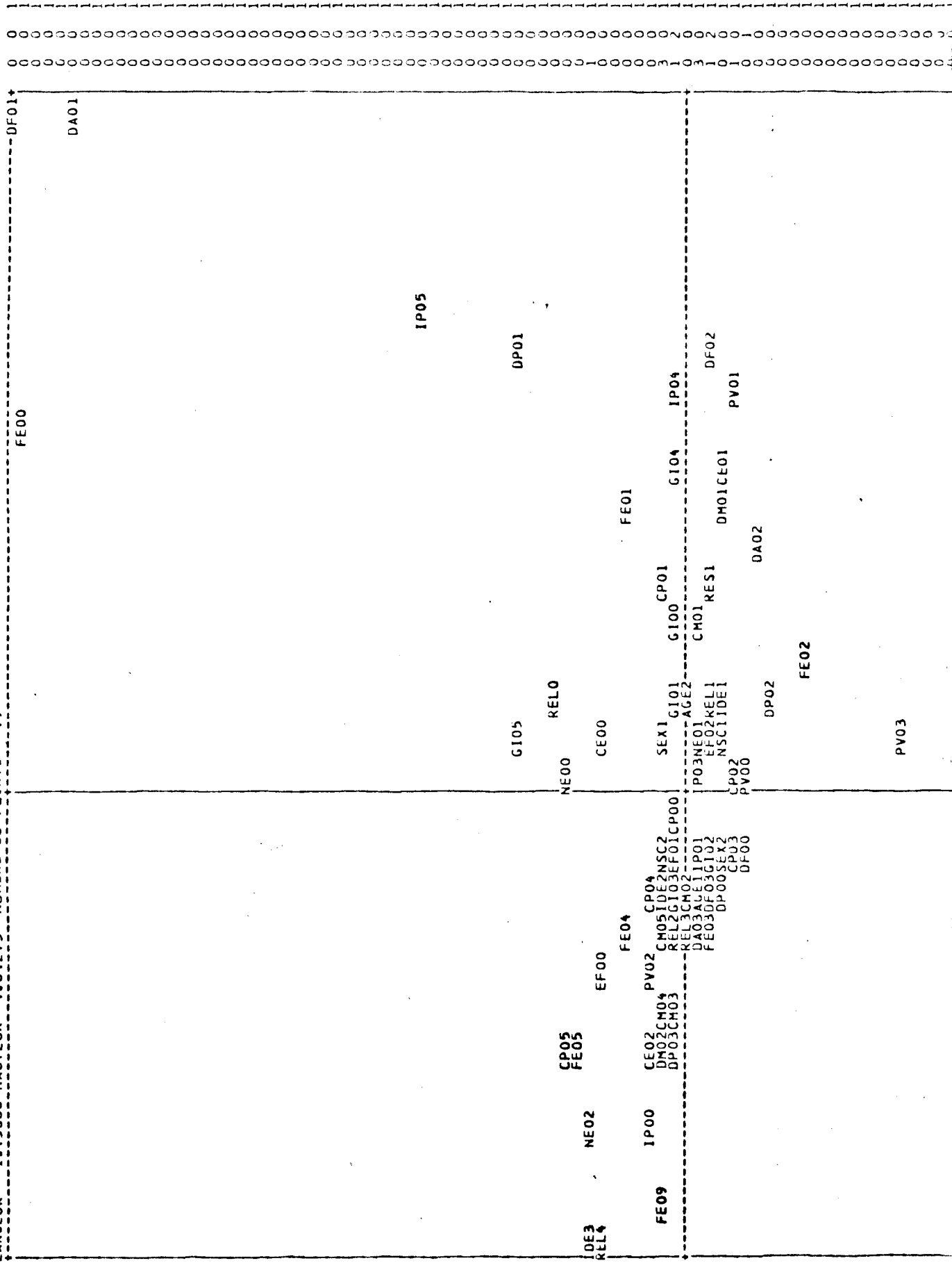
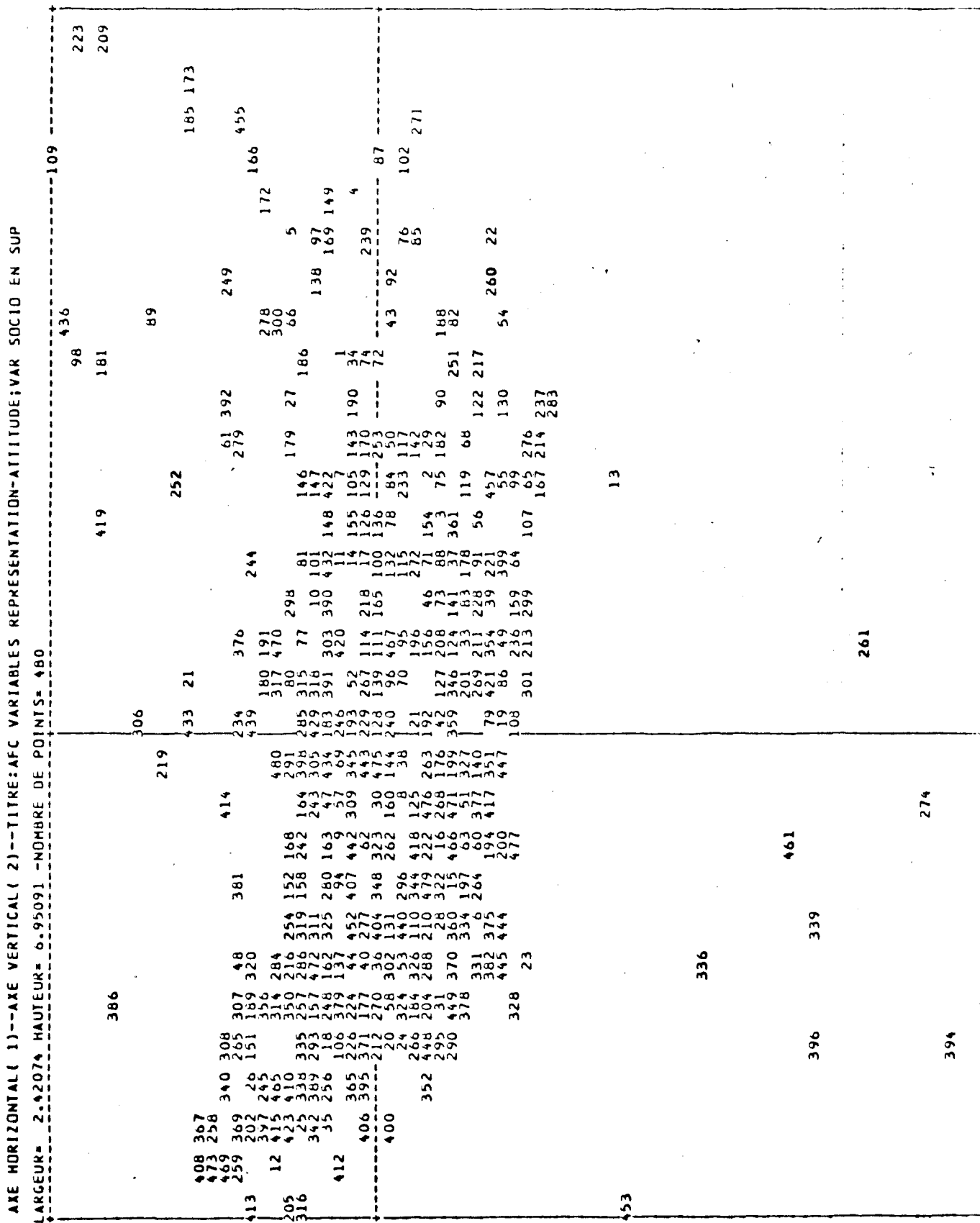


Figura 2 Localização dos sujeitos no aspecto atitudinal (eixo 1 e 2)



um amigo a emigrar e ele próprio tem intenção de emigrar. A emigração é vantajosa individualmente e o emigrante é tomado como modelo de identificação.

No quadrante superior direito, muito perto do centro de gravidade encontram-se os rapazes e já muito afastados, os que não reclamam a identidade portuguesa. Situa-se aí uma grande facilidade em desvincular-se da família, dos amigos e do ambiente. Aqui, a orientação global é positiva traduzida por uma opinião muito favorável a que os Portugueses continuem a emigrar e muitas vantagens colhidas por Portugal com a emigração. Aqui a atitude não parece ser tão implicativa como no quadrante anterior. Se aparece a facilidade em desvincular-se e a orientação positiva, a perspectiva de futuro de emigrar não aparece aqui.

No quadrante superior esquerdo encontram-se essencialmente variáveis que denotam uma orientação global negativa: a não necessidade dos Portugueses continuarem a emigrar, a emigração é desvantajosa colectiva e individualmente, desfavorável a que os Portugueses continuem a emigrar, não aconselham um amigo a fazê-lo nem tal faz parte da sua perspectiva de futuro, os pais não gostariam que emigrasse, dificuldade em deixar Portugal. Este perfil desfavorável encontra-se sobretudo nos urbanos, nos jovens de nível sociocultural médio e nos católicos não praticantes.

Em suma, a análise dos quadrantes delimitados pelos eixos 1 e 2 põe em evidência quatro tipos de atitudes:

- a indiferença associada a uma forte vinculação caracteriza sobretudo os mais novos e as rarasigas;
- a atitude positiva implicativa associada a pouca vinculação caracteriza sobretudo os jovens de origem rural, de nível sociocultural baixo e os católicos praticantes;
- a atitude positiva não implicativa associada à ausência de vinculação caracteriza sobretudo os raros;
- finalmente, a atitude negativa associada a uma certa vinculação caracteriza sobretudo os urbanos, os jovens de nível sociocultural médio e os católicos não praticantes.

As variáveis de estratificação são melhor explicadas pelo eixo 1 que pelo eixo 2 e nesse eixo é a residência que se encontra melhor explicada e que é coerente com a análise do  $X^2$ .

As opiniões, as atitudes são etapas ou formas de organização da resposta em vista da elaboração de uma conduta (Nesicovici, 1961, p.182). Delineada a tipologia das atitudes em relação à emigração tentamos dar um aparelho das condutas possíveis. A não correspondência, muitas vezes constatada, pelos psicólogos sociais entre atitude e comportamento (Noto, 1982) impõe uma certa prudência. Se a atitude contribui para a elaboração do comportamento, também a situação contribui (Newcomb, Turner, Converse, 1970, p.91). Os outros aspectos da representação social fazem parte da situação global. Tendo já abordado a informação, resta-nos ver o campo das representações que será descrito segundo a cronologia da emigração: partida - estadia - regresso.

## 7/ PARTIDA

"Homens, que trabalhais na minha aldeia,  
Como as árvores, vós sois a Natureza  
E se vos falta, um dia, o caldo para a ceia  
E tendes de emigrar,  
Troncos desarraigados pelo vento,  
Levais terra pegada ao coração."

"E partir a chorar  
Que sofrimento.  
Ó Patria, ver crescer a tua solidão !"

Teixeira de Pascoais

Já vimos a existência de um forte consenso na representação de necessidade dos Portugueses continuarem a emigrar. Propomo-nos agora precisar a representação das motivações dos Portugueses que transformam as necessidades em fins, planos, projectos de acção (Nuttin, 1980 a), as categorias de Portugueses que mais emigram e os principais países de destino da emigração portuguesa.

Após as duas guerras mundiais compararam-se sobretudo as migrações políticas e as migrações económicas (Dollot, 1976, p.6). "A definição das motivações da deslocação faz surgir logo de início a distinção fundamental entre migrações impostas por factos políticos e migrações de ordem económica" (George, 1977, p. 27). Por seu lado, no caso da migração portuguesa Rocha Trindade para além das motivações económicas e políticas, menciona a procura de uma valorização intelectual (1973, pp.23-24), como acontece, por exemplo, com os artistas plásticos (Ribeiro, 1984).

Na análise do campo semântico da emigração já assinalámos como é episódica a referência a motivações políticas e em questão fechada visando pôr em evidência a informação, já vimos que menos de 1/5 da amostra atribui motivações políticas à emigração a partir dos anos 60. Esta ilusão óptica pondo fora do campo de representação motivações políticas pode ser o resultado convergente de vários factores de que assinalamos somente dois. Por um lado, o facto da maior parte da socialização dos jovens ter-se desenrolado num clima

democrático (1). Por outro lado, a pregnância das motivações económicas representando uma "boa forma", consegue obnubilar no campo representacional as motivações políticas.

Efectivamente mais de metade da amostra assinala em primeiro lugar, para os Portugueses emigrarem, a falta de trabalho e cerca de um quarto, a insuficiência dos salários. Todos os outros itens recebem menos de 10% de respostas (Figura 1).

Em segundo lugar para a saída dos Portugueses 42,9% referem-se aos salários insuficientes, 16,9% à falta de trabalho e às possibilidades de sucesso limitadas em Portugal e 12,1% às dificuldades de habitação.

Em terceiro lugar, 29,6% dos jovens mencionam as dificuldades de habitação, 16,5% os salários insuficientes e 15,6% as possibilidades de sucesso limitadas.

O papel do trabalho é pois considerado prioritário na decisão de emigrar o que é convergente com a análise do campo semântico da representação. Se bem que outras motivações entrem em linha de conta, são sobretudo de natureza socioeconómica : salários insuficientes, dificuldades de habitação. Em suma, a procura de melhores condições de vida. Com este pano de fundo também se assinalam frequentemente, as possibilidades de sucesso limitadas por cá existentes. A procura de pessoas com mentalidade diferente, o reagrupamento familiar, a valorização intelectual, o conhecimento de um país novo, a aventura ou outras motivações surgem ofuscadas em relação à importância das motivações económicas. Essas motivações menos assinaladas vão aumentando em frequência do primeiro para o terceiro lugar. O maior salto cabe à valorização intelectual em que só 0,8% dos sujeitos a mencionam em primeiro lugar e 7,9% já a referem em terceiro lugar. Se a emigração continua a ser uma aventura (George, 1977, p. 59), só episódicamente é assinalada como motivação da emigração. Se a curiosidade é mencionada pelos especialistas da adolescência como uma das fontes de conflitos dessa idade, forçoso nos é reconhecer que está muito pouco subjacente às motivações da emigração.

(1) Estamos perante algo idêntico ao que constataram ROIG e BILLON-GRAND a propósito da percepção dos homens políticos numa amostra de crianças : "Parece que hoje uma relação entre "o esquecimento" de que são vítimas os homens políticos afastados do poder e a duração deste afastamento". (1968, p. 48).

FIGURA 1 - MOTIVAÇÕES DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

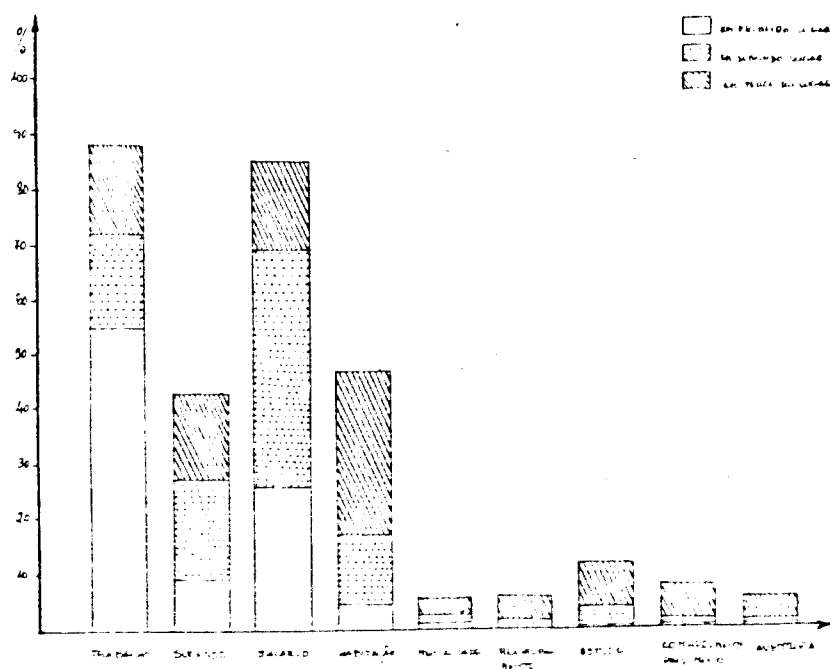
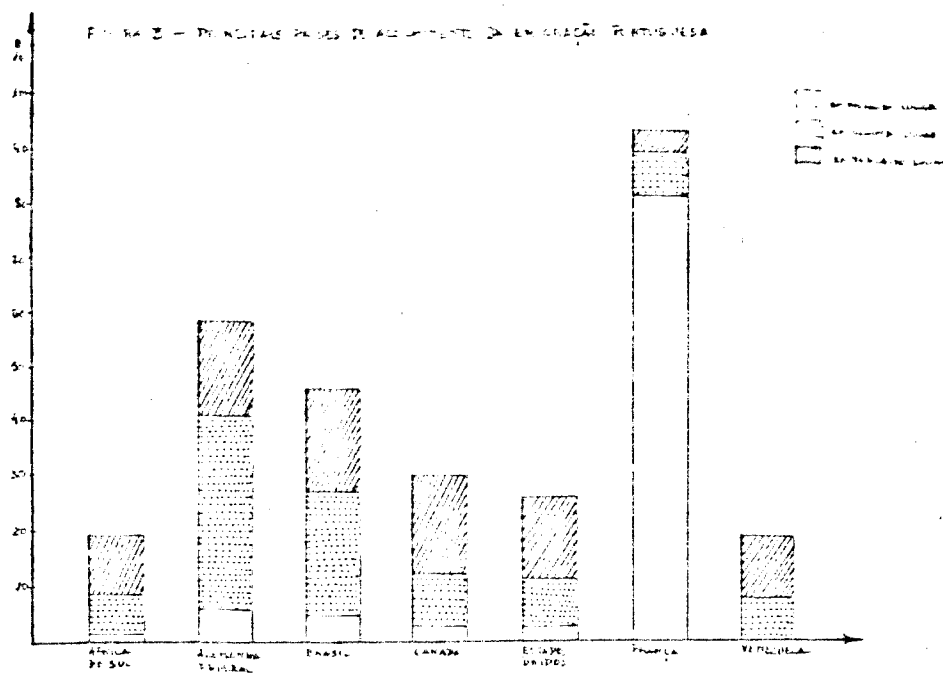


FIGURA 2 - DISTRIBUIÇÃO POR PAÍS DE DESTINO DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA



QUADRO 1 - PRINCIPAL MOTIVAÇÃO PARA OS PORTUGUESES EMIGRAREM SEGUNDO  
AS VARIÁVEIS DE ESTRATIFICAÇÃO

	RESIDÊNCIA				SEXO				NÍVEL SOCIOCULTURAL				TOTAL	
	Rurais		Urbanos		Masculino		Feminino		Baixo		Médio		N	%
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
FALTA DE TRABALHO	136	28,3	126	26,3	125	26,0	137	28,5	127	26,5	135	28,1	262	54,6
POSSIBILIDADES LIMITADAS DE SUCESSO	22	4,6	23	4,8	25	5,2	20	4,2	21	4,4	24	5,0	45	9,4
SALÁRIOS INSUFICIENTES	59	12,3	64	13,3	56	11,7	67	14,0	71	14,8	52	10,8	123	25,6
DIFICULDADES DE HABITAÇÃO	6	1,3	16	3,3	13	2,7	9	1,9	7	1,5	15	3,1	22	4,6
PROCURA DE PESSOAS COM MENTALIDADE DIFERENTE	4	0,8	1	0,2	4	0,8	1	0,2	1	0,2	4	0,8	5	1,0
JUNTAR-SE A UM PARENTE OU AMIGO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ESTUDAR	2	0,4	2	0,4	1	0,2	3	0,6	3	0,6	1	0,2	4	0,8
CONHECER UM PAÍS NOVO	-	-	1	0,2	1	0,2	-	-	-	-	1	0,2	1	0,2
PROCURAR A AVENTURA	1	0,2	3	0,6	4	0,8	-	-	91	0,6	1	0,2	4	0,8
OUTRAS	3	0,6	1	0,2	3	0,6	1	0,2	2	0,4	2	0,4	4	0,8
SEM RESPOSTA	7	1,5	3	0,6	8	1,7	2	0,4	5	1,0	5	1,0	10	2,1
TOTAL	240	50,0	240	50,0	240	50,0	240	50,0	240	50,0	240	50,0	480	100,0
	X <sup>2</sup> = 11,55 p=0,2397				X <sup>2</sup> = 15,216 p=0,0852				X <sup>2</sup> = 11,08 p=0,2797					

Esta descrição global não se diferencia significativamente segundo a residência, o sexo e o nível sociocultural (quadro 1). É uma constante nos jovens a representação da emigração ligada a motivações socioeconómicas; reencontramos assim o que o modelo figurativo da emigração já nos mostrara.

Podemos perguntarmo-nos quais são as características sociodemográficas que no espírito do público recorrem mais à emigração. A propósito da importância destas características escreve Duchac: "O próprio dos dados demográficos é de serem de alguma maneira, em relação aos fenómenos migratórios, o equivalente do que a teoria musical chama um baixo fundamental: a trama subjacente e permanente de toda a análise possível das migrações ..." (1974, p. 316).

Vejamos se a emigração é representada como selectiva segundo o sexo, a classe social, a idade, a residência, o estado civil, a estrutura familiar (1), a crença religiosa e a profissão.

Há uma resposta maioritária em considerar que são os pobres que mais emigram. Só 4,4% declaram que emigram mais os ricos. A emigração é pois representada essencialmente selectiva ao nível da classe social. Trata-se de uma resposta coerente com a preponderância das motivações económicas antes evocadas. Neste caso, "a emigração é considerada um correctivo da pobreza do indivíduo e do grupo" (George, 1977, p.30).

A emigração é também representada selectiva segundo o sexo e a residência: perto de 2/3 da amostra declara que são os homens que emigram mais e os camponeses.

Os emigrantes recrutam-se mais entre os trabalhadores manuais (52,3%) que entre os trabalhadores intelectuais (11,7%). mais entre os adultos (38,8%) que entre os jovens (20,8%).

O estado civil e a crença religiosa não são percebidos como selectivos, pois a emigração afecta quer os casados quer os solteiros, quer os crentes quer os incrédulos.

Quanto à estrutura familiar emerge da amostra uma representação difusa. Todas as respostas têm globalmente as mesmas frequências e nenhuma estrutura se esboça de modo particular. Cerca de 1/3 responde que são os migrantes com família os que mais partem, outro terço os migrantes isolados e, o outro, ambos.

(1) Utilizamos aqui a terminologia de George em que a propósito da "estrutura familiar" dos grupos de migrantes que distingue migrantes com família e migrantes isolados (1977, pp. 37-40).

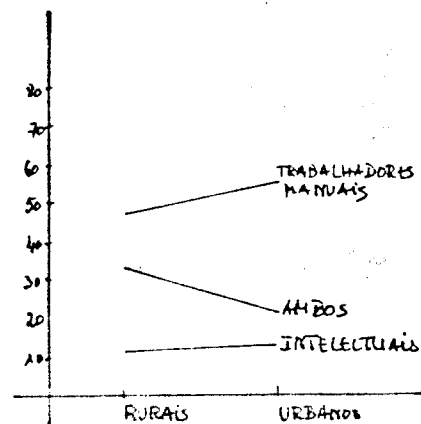
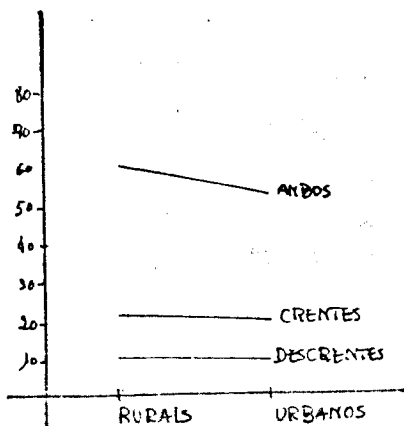
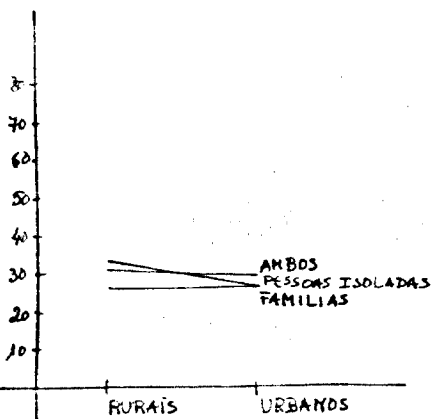
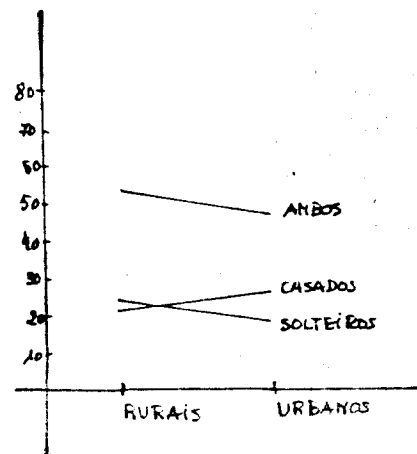
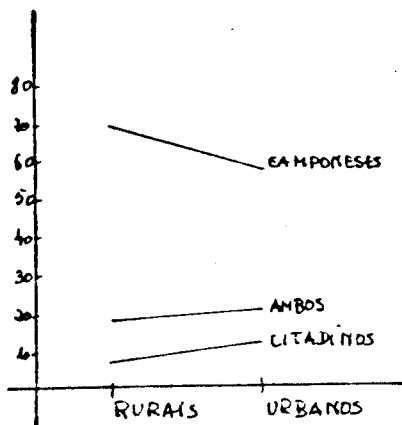
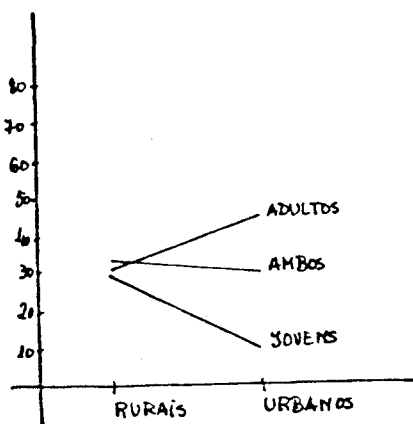
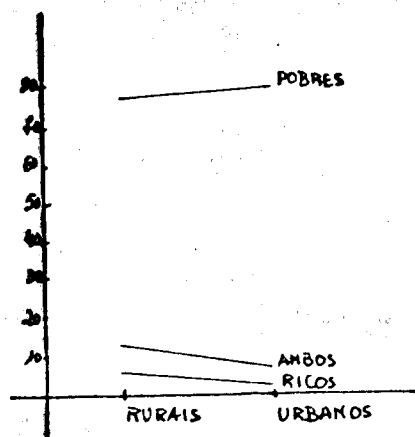
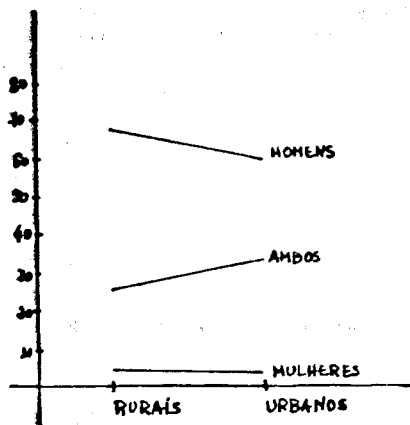


Esta imagem sociodemográfica da emigração não se diferencia segundo o sexo nem praticamente segundo o nível sociocultural. Nenhuma diferença significativa aparece entre as categorias retidas e o sexo e só uma entre o nível sociocultural (quadro 2). Os jovens de nível sociocultural baixo são mais de opinião que a emigração toca mais os solteiros que os de nível sociocultural médio.

QUADRO 2 - Diferenças significativas pelas variáveis de estratificação e pelas questões relativas às características sociodemográficas da emigração portuguesa

Nº e Tema da Questão	Residência	Sexo	Nível Sociocultural
44. Sexo	N.S.	N.S.	N.S.
45. Classe social	$X^2 = 17,05$ $p=0,0007$	N.S.	N.S.
46. Idade	$X^2 = 31,31$ $p=0,0000$	N.S.	N.S.
47. Residência	$X^2 = 9,59$ $p=0,0224$	N.S.	N.S.
48. Estado Civil	$X^2 = 9,78$ $p=0,0215$	N.S.	N.S.
49. Estrutura Familiar	$X^2 = 9,78$ $p=0,0205$	N.S.	$X^2 = 7,95$ $p=0,0470$
50. Religião	$X^2 = 9,16$ $p=0,0271$	N.S.	N.S.
51. Profissão	$X^2 = 11,52$ $p=0,0213$	N.S.	N.S.

Figura 2 Características sociodemográficas da emigração portuguesa em função da residência



Já o mesmo não se pode dizer da residência. Há uma representação sócio-demográfica diferencial segundo a residência rural ou urbana. Das oito categorias retidas só uma não apresenta diferenças significativas, o sexo. Os rurais acentuam mais a selectividade ao nível da idade, da residência, do estado civil e da estrutura familiar. Para os rurais a emigração recruta-se mais entre os jovens, os camponeses, os solteiros e as pessoas isoladas que para os urbanos. Todavia esta representação mais selectiva da emigração acompanha-se nos rurais de uma outra mais generalizada ao nível da classe social, da religião e da profissão. Muito embora haja consenso entre os urbanos e os rurais na opinião de que são os pobres que mais emigram, os rurais mencionam mais os ricos que os urbanos. Os rurais são também mais de opinião que a emigração toca indistintamente crentes e incréus, trabalhadores manuais e intelectuais.

Em suma, se há um consenso quanto às características sociodemográficas da emigração segundo o sexo e o nível sociocultural, a diferenciação introduzida pela residência não é unívoca: os rurais acentuam a selectividade em certas categorias e diluem-na noutras.

Se a emigração é uma constante no tempo e universal no espaço, os principais países de destino foram variando ao longo do tempo (Serrão, 1974). Onde há actualmente mais emigrantes portugueses segundo os jovens? Nesta questão retiveram-se os sete países que segundo as estatísticas oficiais portuguesas relativas à emigração efectiva durante os anos 1960-75 acolheram mais emigrantes.

Há um forte consenso em considerar que é em França onde actualmente há mais emigrantes portugueses: 81.3% da amostra emite esta opinião (figura 3). 5.4% dos jovens pensam que é na República Federal Alemã onde há mais emigrantes e 4,6% no Brasil.

Já não há um consenso quanto ao segundo e terceiro país de acolhimento. Cerca de um terço da amostra pensa que é a República Federal Alemã o segundo país de implantação e cerca de um quinto o Brasil. Quanto ao terceiro país de destino, encontramos três nações com cerca de um quinto de respostas cada uma: Brasil, República Federal Alemã e Canadá.

Emerge através destas respostas o fascínio exercido pelos países transpirinaicos a partir dos anos 60 sobre a emigração portuguesa, muito em particular a França e a Alemanha. A representação do Brasil como país de acolhimento da emigração portuguesa aparece assim diluída em relação à sua importância efectiva(1).

(1) Segundo uma estimativa da população portuguesa residente no estrangeiro, aparecida no ano em que foi efectuado o inquérito (1982) era no Brasil que residiam mais Portugueses (1 200 000), seguindo-se a França (900 000) e a África do Sul (600 000) (SEECF, Fevereiro de 1982).

Estamos perante outra ilusão óptica criada pela falta de visibilidade temporal e espacial. Temporal, pois, a emigração para o Brasil assumiu especial relevo antes dos anos 60. Espacial, na medida em que o meio de origem está hoje menos envolvido pela emigração brasileira que pela francesa.

O efeito da residência sobre a representação do principal país de acolhimento actual é significativo ( $X^2 = 22,45$ .  $p = 0,0021$ ). Os rurais estão mais focalizados na França como país de implantação que os urbanos. Aqueles sentem mais no meio envolvente os efeitos multivariados da migração que tem a França como país de acolhimento.

Dentre os países mencionados, onde é que a emigração portuguesa se sentirá melhor? A resposta a esta questão, servir-nos-á de transição para o capítulo seguinte onde exporemos as dificuldades de adaptação encontradas pela emigração.

Segundo 46.5% da amostra é em França que os emigrantes se sentem melhor. Não aparece já aqui o consenso que verificamos quanto ao principal país de acolhimento. Os que declaram que é em França onde os emigrantes se sentem melhor justificam essa escolha multiformemente, mas sobretudo pela proximidade geográfica: "está mais perto do nosso país e têm mais facilidade de vir visitar a família", "podem vir de vez em quando". Para além da vizinhança que permite efectuar deslocações à terra, também se menciona frequentemente o facto de lá estarem radicados muitos Portugueses e de a língua francesa não ser muito difícil para os Portugueses: "é o país onde há mais emigrantes e conhecem-se". "pelo grande número de emigrantes existentes em França" "é o país onde há mais Portugueses para conviver", "um país em que a língua não é muito complicada", "uma língua um pouco fácil", "é mais fácil entender essa língua", "é um país de melhor aprendizagem na língua". "Também se evoca a propósito da França as melhores condições de vida, a existência de empregos, melhores salários, a moeda forte.

Um quarto da amostra menciona já o Brasil como sendo o país onde os transplantados se sentem melhor o que é justificado essencialmente por razões linguísticas: "é a mesma língua", "fala-se a nossa língua", "a língua é muito parecida", "é quase igual à nossa". Evoca-se também a "facilidade em contactar com os brasileiros", pois "são quase compatriotas" e o clima.

A residência diferencia amostra quanto a esta questão ( $X^2 = 48,35, p=0,0000$ ): o facto mais notório é que um quarto dos urbanos não respondem a esta questão, estando neste caso só 7,5% dos rurais. Estes assinalam mais frequentemente o Brasil, mas sobretudo a França, como país onde a emigração se sente melhor, relativamente aos urbanos. Estamos aqui perante uma maior expansividade de sentimento nos rurais que nos urbanos.

Também o sexo e o nível sociocultural não diferenciam a amostra.

A emigração é uma trajectória, uma ida para todos que por ela passam e um regresso que muitos anseiam e alguns concretizam. O emigrante está transplantado fora do ambiente familiar durante um tempo maior ou menor, porventura para toda a vida, o que implica a passagem por um processo adaptativo. É a representação deste processo que nos propomos examinar de seguida.

## 8/ O PROCESSO ADAPTATIVO

"No egoísmo do conflito que sinto até me esqueço de que o espectáculo que contemplo deslumbrado tem como realidade última a vida a lutar com a vida para sobreviver."

Miguel Torga

Um critério de classificação para se poder elaborar um estudo das migrações de modo sistemático é a "qualidade" do migrante, o temporário estando no ponto mais baixo da escala qualitativa (George, 1977, p. 40). Deixando um ambiente tecnológico e económico em que estava inserido, o migrante entra num ambiente que lhe é adverso, assumindo aí papéis profissionais porventura diferentes dos exercidos no país de origem. Se optar por entrar para o país de destino tem de passar por um longo período de adaptação. Podem aparecer diferentes dificuldades durante a confrontação com uma nova cultura e surgir perturbações psicosociais provocadas por estas dificuldades.

Na representação do processo adaptativo só duas questões são de forte consenso, a duração da permanência e as saudades, e duas maioritárias, as dificuldades da língua e o papel profissional desempenhado pelos sujeitos.

A actual emigração portuguesa é representada como sendo essencialmente temporária (quadro 1). Só 3,1% da amostra a considera definitiva. Aparece sobretudo como uma emigração a médio prazo, isto é, entre 5 e 20 anos. Esta visão é partilhada por 68,8% da amostra.

QUADRO 1 Representação da duração da permanência da emigração portuguesa no estrangeiro

	Nº de sujeitos	%
- Até 5 anos	57	11,9
- De 5 a 10 anos	142	29,6
- De 10 a 20 anos	188	39,2
- Mais de 20 anos	64	13,3
- Toda a vida	15	3,1
- Sem resposta	14	2,9
TOTAL	480	100,0

Como vimos o projecto de regresso à terra-mãe está fortemente impregnado nos migrantes portugueses da primeira geração em França. Já está mais diluído na segunda geração. A representação que os jovens observadores participantes da migração, têm da forma da emigração portuguesa, como temporária ou definitiva, parece pois estar mais próxima do vivido de primeira geração que do da segunda.

A saudade sendo o sentimento mais frequentemente evocado no campo semântico da representação, como vimos, é para 86,7% da amostra mencionada como levando muita dificuldade no percurso de adaptação, para 11,9% pouca e para 0,8% nenhuma.

Não estando na representação dos jovens, o Brasil, como principal país de acolhimento dos Portugueses, mas a Europa transpirinaica é natural que a língua represente muita dificuldade para 77,9% da amostra, pouca para 19,2% e nenhuma só para 2,3%, tanto mais tratando-se de uma emigração económica cuja representação dos papéis profissionais é de qualidade baixa.<sup>(1)</sup> 77,1% da amostra é de opinião que o emprego mais frequentemente ocupado pela emigração portuguesa é o de operário e de profissionais de serviços (limpeza ...).

Das quinze questões destinadas a apreender a representação do processo adaptativo sete apresentam diferenças significativas segundo a residência, duas segundo o sexo e nenhuma segundo o nível sociocultural.

Os rurais têm uma representação mais positiva do nível global de satisfação que os urbanos:

"Os emigrantes estão satisfeitos no estrangeiro porque é a, única maneira de eles conseguirem ter uma vida mais confortável e completa, embora difícil"; "a vida embora difícil é melhor do que cá"; "têm mais condições e possibilidades, ganham mais dinheiro, alimentam-se melhor, ganham mais conhecimentos, têm melhores coisas e passatempos"; "estão mais satisfeitos porque na minha aldeia dizem que estão todos juntos e à noite juntam-se à conversa".

(1) Retivemos como indicador dos papéis profissionais a qualificação que significa a competência pessoal adquirida pelo exercício (Clapier-Valladon, 1980, p. 460). A noção de qualificação aparece como fundamental para toda a sociologia do trabalho. Sociólogos do trabalho como Rolle encaram a qualificação como uma "medida social da relação entre o que é adquirido na preparação do trabalho e o que é exercido na prática do trabalho; compreendendo-se que visto se tratar de uma medida de um pelo outro, não os podemos distinguir nem isolar. O que é adquirido só tem importância na prática, mas esta prática só adquire valor económico em função do que é adquirido" (Rolle, 1973, p. 224).

QUADRO 2 - Diferenças significativas pelas variáveis de estratificação e pelas questões relativas ao processo adaptativo

Nº e Tema da Questão	Residência	Sexo	Nível Sociocultural
31- Nível global de satisfação	$X^2 = 23,01$ , $p = 0,0003$	N.S.	N.S.
32- Nível global de adaptação	$X^2 = 19,15$ , $p = 0,0018$	N.S.	N.S.
33- Poupança	N.S.	N.S.	N.S.
34- Humor	$X^2 = 18,49$ , $p = 0,0010$	N.S.	N.S.
35- Habitação	N.S.	N.S.	N.S.
36- Trabalho	$X^2 = 18,54$ , $p = 0,0003$	N.S.	N.S.
37- Clima	N.S.	N.S.	N.S.
38- Língua	N.S.	N.S.	N.S.
39- Racismo	N.S.	$X^2 = 8,38$ , $p = 0,0387$	N.S.
40- Alimentação	N.S.	N.S.	N.S.
41- Saudade	$X^2 = 10,36$ , $p = 0,0157$	N.S.	N.S.
42- Solidão	$X^2 = 10,16$ , $p = 0,0172$	N.S.	N.S.
43- Saúde	N.S.	N.S.	N.S.
58- Papéis profissionais	$X^2 = 23,52$ , $p = 0,0003$	$X^2 = 16,16$ , $p = 0,0064$	N.S.
75- Duração de permanência	N.S.	N.S.	N.S.



## Quadro 3

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 1  
na representação do processo adaptativo

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Dificuldade alimentação	nenhuma 71	muita 32
-Dificuldade solidão	nenhuma 62	muita 47
-Dificuldade alojamento	nenhuma 54	muita 40
-Dificuldade saúde	nenhuma 48	muita 42
-Dificuldades saudades	pouca 47	-
	nenhuma 19	
-Dificuldade trabalho	nenhuma 44	muita 36
-Dificuldade clima	nenhuma 32	muita 24
-Satisfação	totalmente satisfeitos 29	bastante insatisfeitos 29
-Dificuldade língua	nenhuma 28	-
	pouca 23	
-Adaptação	muita 28	pouca 22
-Humor	-	pior 26
-Dificuldade racismo	nenhuma 25	-

## Quadro 4

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 2  
na representação do processo adaptativo

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Adaptação	muito 109	-
	adaptado 23	
-Dificuldade saudades	nenhuma 101	-
-Satisfação	totalmente satisfeitos 63	bastante satisfeitos 20
	bastante insatisfeitos 21	
-Dificuldade solidão	nenhuma 56	pouca 25
-Dificuldade alojamento	nenhuma 37	pouca 44
	muita 19	
-Humor	melhor 34	igual 42
-Dificuldade língua	nenhuma 35	pouca 26
-Duração de permanência	+ de 20 anos 35	-
-Dificuldade saúde	muita 24	pouca 21
-Dificuldade alimentação	muita 24	-
-Dificuldade racismo	nenhuma 20	-

## Quadro 5

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 3  
na representação do processo adaptativo

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Humor	melhor 41	pior 86
-Adaptação	muito 36	nada 82
	bastante 21	
-Dificuldade alojamento	-	nenhuma 76
-Pareis profissionais	profissionais de serviços 45	operários qualificados, especializados 56
-Dificuldade trabalho	muita 37	nenhuma 52
-Dificuldade alimentação	pouca 39	nenhuma 32
-Poupança	nada 39	-
-Satisfação	totalmente satisfeitos 39	bastante insatisfeitos 32 totalmente insatisfeitos 23
-Dificuldade clima	-	nenhuma 30
-Dificuldade língua	-	nenhuma 28
-Dificuldade solidão	-	muita 21

pois, de um factor de representação da oposição na adaptação. Apresentam também fortes contribuições no pólo negativo a ausência de saudades ou poucas, nenhuma ou pouca dificuldade na língua, nenhuma dificuldade de racismo. No pólo positivo têm igualmente contribuições fortes as modalidades que traduzem uma tonalidade no humor mais negativa no estrangeiro que em Portugal.

O eixo 2 caracteriza-se pela dissimetria dos dois pólos. Um deles é definido por 14 modalidades e o outro por 6. Apesar disso há uma oposição entre seis modalidades: satisfação, solidão, dificuldades de alojamento, humor, dificuldade de língua e de saúde. No pólo negativo aparecem sobretudo modalidades do factor 1 de oposição na adaptação: no pólo positivo encontramos a representação de uma adaptação um pouco difícil, poder-se-ia dizer uma adaptação intermediária. No pólo negativo têm mais forte contribuição as modalidades que reflectem uma adaptação fácil. As modalidades que aí denotam uma adaptação muito difícil (insatisfação, alojamento, saúde, alimentação) têm as contribuições menos fortes deste pólo.

No eixo 3 há uma oposição entre seis modalidades: humor, adaptação, papéis profissionais, trabalho, alimentação, satisfação. O pólo positivo parece exprimir a representação de uma adaptação insatisfatória. Se não se encontra aí nenhuma dificuldade de adaptação no alojamento, no trabalho, no clima, na alimentação, na língua, encontram-se perturbações psicosociais como o humor com tonalidade mais negativa que em Portugal, a ausência total de adaptação, o sentimento de mal-estar, enfim problemas de solidão. O pólo negativo exprime, ao invés, uma adaptação satisfatória, onde encontramos modalidades que denotam ausência de mal-estar psicológico. A emigração favorece a mudança de humor positivamente, a representação da adaptação e da satisfação é boa.

Antes de qualquer tentativa de interpretação verbal a configuração do plano 1 - 2 é visível. Trata-se de uma nuvem cuja configuração parabólica é o índice de um efeito de Guttman. Na parte inferior do lado esquerdo encontramos a representação da adaptação: ausência de saudades, adaptação muito boa, satisfação total, ausência de dificuldades na língua, na solidão, no clima, na saúde, no racismo, um humor melhor que em Portugal. Por cima do eixo 1 encontramos uma constelação de variáveis que denotam uma adaptação intermediária: pouca dificuldade na língua, na solidão, no trabalho, no clima, na saúde, no racismo, na alimentação, estabilidade de humor, sentimento de bem-estar. Na parte inferior do



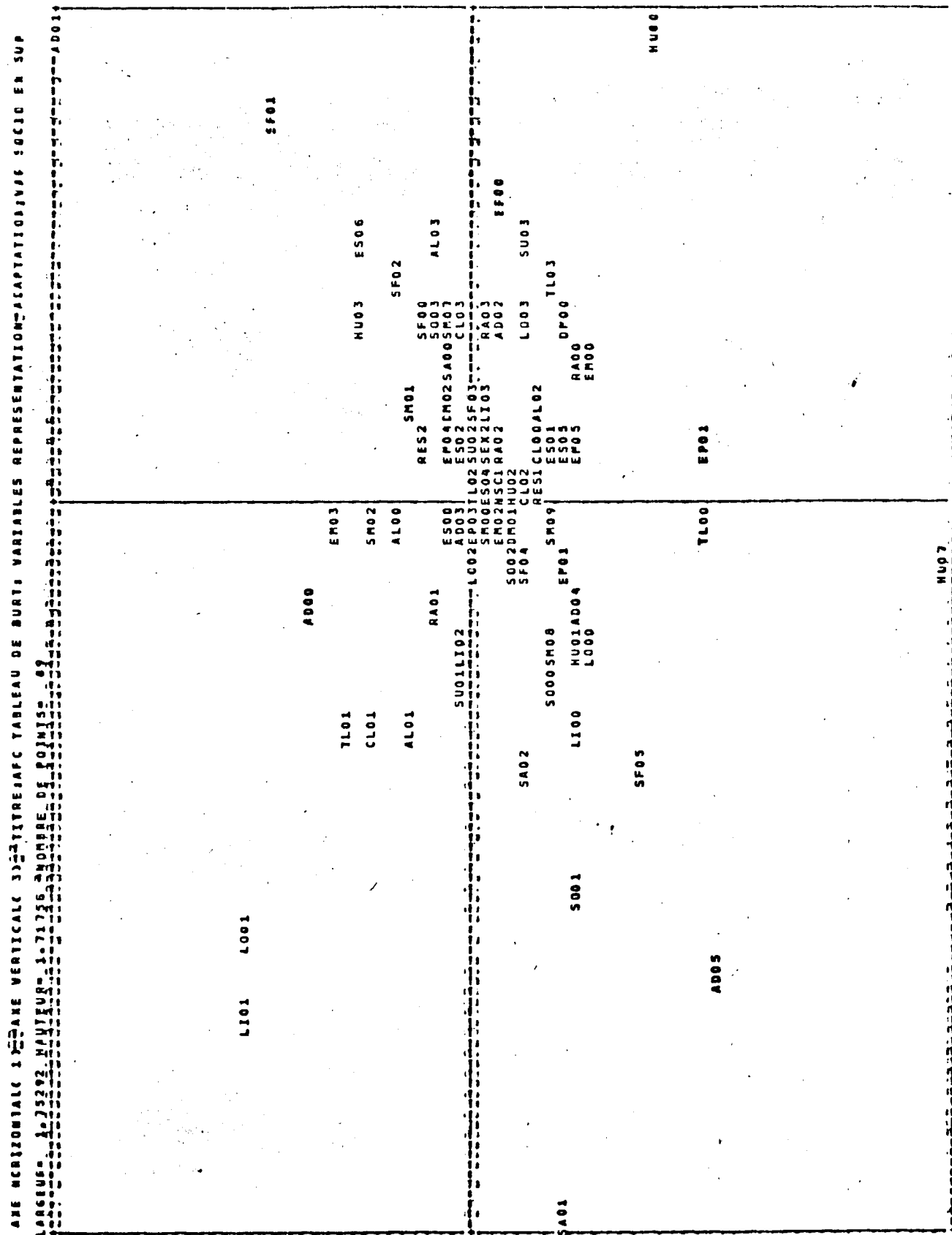
lado direito toda uma constelação de modalidades indica a inadaptação: muita dificuldade na língua, na solidão, no clima, no trabalho, no alojamento, na alimentação, na saúde, um humor pior que em Portugal, inadaptação e insatisfação total.

Os papéis profissionais com uma qualificação mais elevada, profissões liberais, quadros superiores, quadros médios e empregados, ou mesmo os operários qualificados e especializados estão associados à representação de uma adaptação intermediária. Ao passo que as qualificações mais baixas (operários não especializados, operários não qualificados e os profissionais de serviços) estão projectados no quadrante inferior direito, ou seja, associados à representação de uma adaptação mais difícil. Encontramos aqui de certo modo uma equivalência entre a representação e o vivido, tendo em conta o que a este propósito escreveu George: "há uma relação directa entre o nível de qualificação e o grau de assimilabilidade" (1977, p. 41).

No plano 1 - 2 as variáveis de estratificação encontram-se bastante perto do centro de gravidade. É o sexo que aí se encontra melhor explicado, os rapazes tendo uma representação da adaptação ligeiramente mais fácil que as raparigas de modo geral. Quanto aos países de destino onde os emigrantes se sentem melhor, a África do Sul, os Estados Unidos, a Venezuela e um tanto paradoxalmente, dada a proximidade cultural, o Brasil, estão associados a modalidades que deixam transparecer uma adaptação um pouco difícil. Já quanto ao Canadá a constelação de modalidades mais próximas deixam transparecer uma adaptação fácil. A França situa-se muito perto do centro de gravidade, num misto da representação da adaptação fácil e difícil.

No plano 1 - 3 é a residência dentre as variáveis de estratificação a que mais se afasta do centro de gravidade. Os rurais situando-se no quadrante inferior esquerdo encontram-se associados a modalidades que denotam uma adaptação bastante satisfatória. A sua representação não é todavia extremamente optimista pois vislumbra-se alguma dificuldade nas saudades, na solidão, no racismo, no clima, na alimentação. Têm uma opinião extrema sobre a duração de permanência no estrangeiro. Tanto apontam uma migração de curta duração, como uma migração definitiva. Também é extrema a sua visão da profissão mais frequentemente ocupada pelos migrantes, profissões liberais e profissionais dos serviços. Associada a esta constelação de modalidades encontra-se a opinião de que é na França e na Alemanha onde os emigrantes se sentem melhor.

Figura 2 Localização das variáveis na representação do processo adaptativo no plano determinado pelos eixos 1 e 3



A representação dum melhor bem-estar migratório está, pois, ancorada na proximidade geográfica e quase física mediante o relacionamento interpessoal.

Os urbanos, ao invés, situam-se no quadrante superior esquerdo, tendo uma representação da emigração menos optimista no respeitante à adaptação. Projectam-se perto uma grande dificuldade de solidão, uma mudança negativa do humor e bastante mal-estar. Perto está a representação do papel profissional mais frequentemente ocupado pelos emigrantes, o de operário não qualificado, não especializado. Quatro países de destino onde os Portugueses se encontram melhor, situam-se mais perto dos urbanos: África do Sul, Venezuela, Brasil, Canadá. Ou por outras palavras, os urbanos apresentam a representação dum melhor bem-estar migratório em países longínquos, na migração transoceânica.

Resumindo e de modo simplificado, parece que os três primeiros factores da representação do processo adaptativo denotem a oposição adaptação/inadaptação, adaptação/adaptação intermediária, adaptação satisfatória/insatisfatória.

Dentre estes três factores, o sexo encontra-se melhor explicado no factor 1, os rapazes tendo uma representação da adaptação mais fácil que as raparigas. Sobretudo a residência e em menor grau o nível sociocultural encontram-se melhor explicados pelo factor 3. Assim, os rurais e os jovens do nível sociocultural baixo têm uma representação da adaptação mais satisfatória, os urbanos e os jovens do nível sociocultural médio mais insatisfatória.

## 9/ O REGRESSO

Após a abordagem da representação dos dois primeiros momentos do processo migratório, a partida e a adaptação, analisaremos o terceiro e último momento que nem todos os migrantes concretizam, o regresso. Veremos em primeiro lugar a representação dos sedimentos que a adaptação depositou no migrante e, em seguida, a atitude perante o regresso.

### 9.1/ A mudança

No projecto de partir, a migração surge como promessa de mudança antes de ser obrigação de mudança. A transplantação para uma outra sociedade acarreta a evidência de se estar "algures", fora do seu meio envolvente, e a consciência da problemática da alteridade. A dinâmica do processo adaptativo é originada por este movimento. Pressupõe interrogação, diálogo, mudança da pessoa em coexistências heterogêneas ou sínteses mais harmoniosas.

"É imprimindo a sua marca sobre microcosmos que uma representação se torna efectivamente social. Se não se apreender o seu papel na existência quotidiana, não se pode ter uma concepção clara dela" (Moscovici, 1976, p. 182). Ora, foram muitas as alterações sentidas na estrutura social e na estrutura económica das zonas de origem dos migrantes (Rocha Trindade, 1983, pp. 24-27). Qual será, segundo o julgamento dos adolescentes, a influência quotidiana da representação social?

Das catorze questões retidas para abordar a representação da mudança induzida pelo processo adaptativo, não há nenhuma de forte consenso. Só duas questões são maioritárias: a mudança económica e a estabilidade de opiniões relativas à sexualidade. 76,9 % da amostra é de opinião que os emigrantes que regressam de vez a Portugal mudam economicamente para melhor. O regresso de emigração encontra-se pois aureolado de sucesso económico. Relembramos que na tipologia elaborada por Poinard (1979), o fracasso só aparecia em cerca de 1/4 da sua amostra. Um outro quarto deixava transparecer o sucesso e 50 %, embora não mudando de camada social, viviam melhor do que antes.

71,9 % dos adolescentes pensam que os emigrantes que regressam de vez não mudam as suas opiniões sexuais<sup>(1)</sup>. A temática dos que pensam que os emigrantes

(1) - Verifica-se a insuficiência de investigações consagradas à sexualidade dos migrantes (Oriol, 1981). Todavia recentemente alguns investigadores começaram a interrogar-se sobre este tema numa dupla óptica: a abordagem clínica, utilizando os conceitos da psicanálise e da psicologia; em termos de atitudes e de comportamentos, em relação à contracepção e ao aborto.



regressados de vez após haverem passado vários anos no estrangeiro mudaram as suas opiniões em relação à sexualidade, gira à volta da mudança em contacto com países mais evoluídos, a naturalidade em encarar o assunto, uma concepção diferente das relações entre os dois sexos e a dimensão da família.

Aparece antes de mais a oposição entre os países de destino, mais evoluídos, e Portugal, mais atrasado, na maneira de encarar a sexualidade. " Em geral as pessoas emigram para um país mais evoluído com outros conceitos de sexualidade e normalmente mudam ". " Em países mais desenvolvidos o sexo é explorado de maneira diferente de Portugal, acho que uma pessoa vinda do estrangeiro muda de opiniões ". " Começam a pensar de maneira mais evoluída, pois, nos outros países, esse problema não é tão sagrado como em Portugal ". " Há uma maior abertura de pensamento nos países para onde geralmente eles emigram. Há menos preconceitos ". " Tanto a França como a Alemanha são países onde a revolução sexual já passou e chegando a Portugal nota-se uma primitividade neste assunto. Cá, se virem uma pessoa a beijar-se na rua ou a fazer nudismo acham estranho ".

A mudança pode efectuar-se encarando a sexualidade de forma mais natural do que antes de emigrar. " Acho que eles começam a pensar que é uma coisa natural, que não tem assim tanto que se lhe diga ". " Consideram-na um assunto para falar como outro qualquer ". " Cá em Portugal ainda não se consegue expor as suas opiniões em relação à sexualidade com a mesma naturalidade. Os emigrantes já não encararam a sexualidade como uma coisa proibida ". " No sentido de estarem fora, haver mais liberdade e se poder falar nesse assunto, têm mais à vontade de falar de sexualidade. Talvez uma mentalidade menos amedrontada quanto às relações sexuais ".

Os adolescentes referem-se também à mudança nos papéis sexuais no sentido da igualdade: " ficam mais convencidos que as mulheres são como eles homens "; " pensam que já não deve haver diferenças entre os sexos e que somos todos iguais ".

A migração contribui também para diminuir a dimensão da família, tendo menos crianças: " antigamente faziam mais garotos que agora ".

Para além das opiniões sexuais, as opiniões religiosas<sup>(1)</sup> e políticas são os

(1) - Os estudos consagrados aos problemas de religião nos migrantes são pouco abundantes do ponto de vista da análise das práticas religiosas e da dimensão ritual (Oriol, 1981). Relativamente à migração portuguesa na Suíça, Simões (1983) mostrou que 34 % dos homens e 80 % das mulheres mudaram a sua atitude religiosa quase sempre no sentido de se tornarem menos religiosos. Só 3 homens se tornaram mais envolvidos pela igreja. Embora a maioria se decrete católico, só 23 % frequentam regularmente a missa. Também Noël (1973) na Bélgica, encontrou uma alta proporção (86 %) que desertaram da Igreja. O inquérito que efectuámos em França em 1977 (Neto, 1980), mostrou que quase 2/3 da amostra nunca vai à Igreja. Resta saber se esta diminuição acentuada das práticas religiosas se manterá

domínios que mais resistem à mudança provocada pela migração após o regresso. Quanto à identidade portuguesa, a amostra encontra-se dividida ao meio entre a representação de mudança e a estabilidade. Já nos restantes domínios, para se dar uma ideia de grandeza, cerca de 1/3 dos jovens assinalam a estabilidade. A representação da mudança ou da estabilidade não é, por consequência, uniforme. Seriam as convicções sexuais, políticas e religiosas que mais resistiriam à mudança.

Verificar-se-á o mesmo em relação ao vivido depois do regresso? Dados recolhidos numa amostra qualitativamente diferente vão nesse sentido. Assim, é nas mudanças das opiniões religiosas e políticas que médicos franceses regressados do Ultramar assinalam um número menos importante de respostas positivas (Clapier-Valadon, 1980, p. 685).

Mas outros dados recolhidos junto de uma amostra qualitativamente semelhante à nossa, também vão nesse sentido. Na Grécia, Moussouros-Kollaros (citado por Kassimati, 1983, p. 8) verifica que os valores que se relacionam com assuntos de conduta moral e as relações entre os sexos, permanecem em grande parte inalteráveis em migrantes regressados. "É fácil explicar esta retenção de valores sociais fundamentais do país de origem nos migrantes se retivermos na mente que a causa original da migração era o avanço económico" (Kassimati, 1983, p. 8). Já vimos no caso concreto da migração portuguesa em França como esta é perspectivada de modo temporário e a forte identificação ao país de origem existente.

Sete questões diferenciam os rurais dos urbanos, uma os rapazes das raparigas e nenhuma o nível sociocultural (quadro 1).

Os rurais verbalizam mais frequentemente que a mudança no comportamento é para pior e os urbanos para melhor. Quanto à mudança na saúde após o processo adaptativo no estrangeiro os rurais exprimem mais julgamentos contrastados e os urbanos julgamentos de estabilidade. Para os rurais a emigração contribui mais para mudar a saúde em melhor e em pior. Maioritariamente de acordo em considerar a emigração como sucesso económico, este é mais frequentemente mencionado nos urbanos que nos rurais.

As três questões relativas à religião - mudança dos sentimentos religiosos, polaridade da sua mudança e mudança na frequência da Igreja - diferenciam-se segundo a

---

após o regresso definitivo ao país.

É necessária uma certa prudência na interpretação dos resultados. A baixa taxa de católicos praticantes encontrada não quer dizer portanto que se trate do abandono das crenças de modo definitivo. O ofício religioso celebrado em Paris ou nos seus arredores, em Reims ou em todas as aldeias da região de origem, é o mesmo. No entanto, os sentimentos suscitados pelo mesmo ofício em locais diferentes não é o mesmo. A atmosfera envolvente difere. Ir à missa não se limita a uma prática religiosa, é também uma prática social que implica troca. A diminuição de prática religiosa pode pois não significar diminuição de crença. Não é raro ver-se uma grande contribuição da parte dos migrantes para a organização da festa ao patrono da aldeia, ou a frequência aos ofícios religiosos aquando das férias no país natal. Tratar-se-á meramente da ritualização de que falam os etologistas?

QUADRO 1 - DIFERENÇAS SIGNIFICATIVAS PELAS VARIÁVEIS DE ESTRATIFICAÇÃO E DE MUDANÇA

Nº e Tema da Questão	Residência	Sexo	Nível Sociocultural
81- Mudança em Geral	N.S.	N.S.	N.S.
82- Mudança no Aspecto Físico	N.S.	N.S.	N.S.
83- Mudança da Mentalidade	N.S.	N.S.	N.S.
84- Mudança no Comportamento	$X^2 = 9,64$ , $p = 0.0218$	$X^2 = 13,18$ $p = 0.0042$	N.S.
85- Mudança no Interrelacionamento	N.S.	N.S.	N.S.
86- Mudança na Saúde	$X^2 = 8,49$ , $p = 0,0367$	N.S.	N.S.
87- Mudança Económica	$X^2 = 7,79$ , $p = 0,0500$	N.S.	N.S.
88- Mudança Cultural	N.S.	N.S.	N.S.
89- Mudança dos Sentimentos Religiosos	$X^2 = 43,10$ , $p = 0.0000$	N.S.	N.S.
90- Polaridade da Mudança dos Sentimentos Relig.	$X^2 = 42,46$ , $p = 0,0000$	N.S.	N.S.
91- Mudança na Frequência da Igreja	$X^2 = 8,30$ , $p = 0.0401$	N.S.	N.S.
92- Mudança Política	$X^2 = 14,76$ , $p = 0.0052$	N.S.	N.S.
93- Mudança de Atitude perante a Sexualidade	N.S.	N.S.	N.S.
94- Mudança da Identidade Portuguesa	N.S.	N.S.	N.S.

residência. Embora menos de um terço da amostra faça referência a que a estadia no estrangeiro contribua para mudar os sentimentos religiosos dos que regressam, os rurais exprimem mais essa opinião. Todavia esta mudança não é percebida de modo unipolar pelos rurais, mas bipolar, ou seja, estes expressam mais que a mudança se efectua pela aquisição de uma atitude quer negativa quer positiva em relação aos sentimentos religiosos. Quanto à mudança na frequência da Igreja, os rurais fazem mais referência que os emigrantes regressados vão menos à Igreja, enquanto que os urbanos apontam mais a estabilidade de frequência.

A configuração da mudança política é algo semelhante à da religiosa. Os rurais alvitram mais que os emigrantes mudam quer para a direita quer para a esquerda, enquanto que os urbanos mencionam mais a estabilidade nas opiniões políticas.

Do conjunto de questões que diferenciam os adolescentes segundo a residência, a não ser para o domínio económico, as representações dos rurais estão mais voltadas para a mudança enquanto que as dos urbanos para a estabilidade.

Só a mudança no comportamento diferencia os sexos. Os rapazes pensam mais que a emigração contribui para mudar o comportamento em melhor ou ficar igual e as raparigas em pior.

Na análise factorial as catorze questões citadas foram utilizadas como elementos principais e as variáveis de estratificação, a idade, a posição perante a religião, a auto-identidade nacional e a intenção de emigrar como elementos suplementares. Os cinco primeiros factores totalizam metade da percentagem de inércia, 50,3 % (figura 1). A contribuição dos dois primeiros factores é relativamente importante em comparação com os seguintes.

Indicaremos para os cinco primeiros factores as modalidades que têm mais fortes

Figura 1: Mantimentos dos valores próprios na representação da mudança

OS VALORES		PRÓPRIOS		VAL (11)=0.99999356			
NUM	ITER	VAL	PRÓPRIO	%	CUMUL	HISTOGRAMA	DOS VALORES PRÓPRIOS DA MATRIZ
2	0	0.00000000	0.00000000	17.73	17.73	.	.
3	0	0.00000000	0.00000000	17.73	35.46	.	.
4	0	0.00000000	0.00000000	17.73	53.19	.	.
5	0	0.00000000	0.00000000	17.73	70.92	.	.
6	0	0.00000000	0.00000000	17.73	88.65	.	.
7	0	0.00000000	0.00000000	17.73	106.38	.	.
8	0	0.00000000	0.00000000	17.73	124.11	.	.
9	0	0.00000000	0.00000000	17.73	141.84	.	.
10	0	0.00000000	0.00000000	17.73	159.57	.	.
11	0	0.00000000	0.00000000	17.73	177.30	.	.
12	0	0.00000000	0.00000000	17.73	195.03	.	.
13	0	0.00000000	0.00000000	17.73	212.76	.	.
14	0	0.00000000	0.00000000	17.73	230.49	.	.
15	0	0.00000000	0.00000000	17.73	248.22	.	.
16	0	0.00000000	0.00000000	17.73	265.95	.	.
17	0	0.00000000	0.00000000	17.73	283.68	.	.
18	0	0.00000000	0.00000000	17.73	301.41	.	.
19	0	0.00000000	0.00000000	17.73	319.14	.	.
20	0	0.00000000	0.00000000	17.73	336.87	.	.
21	0	0.00000000	0.00000000	17.73	354.60	.	.
22	0	0.00000000	0.00000000	17.73	372.33	.	.
23	0	0.00000000	0.00000000	17.73	390.06	.	.
24	0	0.00000000	0.00000000	17.73	407.79	.	.
25	0	0.00000000	0.00000000	17.73	425.52	.	.
26	0	0.00000000	0.00000000	17.73	443.25	.	.
27	0	0.00000000	0.00000000	17.73	460.98	.	.
28	0	0.00000000	0.00000000	17.73	478.71	.	.
29	0	0.00000000	0.00000000	17.73	496.44	.	.
30	0	0.00000000	0.00000000	17.73	514.17	.	.
31	0	0.00000000	0.00000000	17.73	531.90	.	.
32	0	0.00000000	0.00000000	17.73	549.63	.	.
33	0	0.00000000	0.00000000	17.73	567.36	.	.
34	0	0.00000000	0.00000000	17.73	585.09	.	.
35	0	0.00000000	0.00000000	17.73	602.82	.	.
36	0	0.00000000	0.00000000	17.73	620.55	.	.
37	0	0.00000000	0.00000000	17.73	638.28	.	.
38	0	0.00000000	0.00000000	17.73	656.01	.	.
39	0	0.00000000	0.00000000	17.73	673.74	.	.
40	0	0.00000000	0.00000000	17.73	691.47	.	.
41	0	0.00000000	0.00000000	17.73	709.20	.	.
42	0	0.00000000	0.00000000	17.73	726.93	.	.
43	0	0.00000000	0.00000000	17.73	744.66	.	.
44	0	0.00000000	0.00000000	17.73	762.39	.	.
45	0	0.00000000	0.00000000	17.73	780.12	.	.
46	0	0.00000000	0.00000000	17.73	797.85	.	.
47	0	0.00000000	0.00000000	17.73	815.58	.	.
48	0	0.00000000	0.00000000	17.73	833.31	.	.
49	0	0.00000000	0.00000000	17.73	851.04	.	.
50	0	0.00000000	0.00000000	17.73	868.77	.	.
51	0	0.00000000	0.00000000	17.73	886.50	.	.
52	0	0.00000000	0.00000000	17.73	904.23	.	.
53	0	0.00000000	0.00000000	17.73	921.96	.	.
54	0	0.00000000	0.00000000	17.73	939.69	.	.
55	0	0.00000000	0.00000000	17.73	957.42	.	.
56	0	0.00000000	0.00000000	17.73	975.15	.	.
57	0	0.00000000	0.00000000	17.73	992.88	.	.
58	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1010.61	.	.
59	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1028.34	.	.
60	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1046.07	.	.
61	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1063.80	.	.
62	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1081.53	.	.
63	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1099.26	.	.
64	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1116.99	.	.
65	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1134.72	.	.
66	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1152.45	.	.
67	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1170.18	.	.
68	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1187.91	.	.
69	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1205.64	.	.
70	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1223.37	.	.
71	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1241.10	.	.
72	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1258.83	.	.
73	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1276.56	.	.
74	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1294.29	.	.
75	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1312.02	.	.
76	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1329.75	.	.
77	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1347.48	.	.
78	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1365.21	.	.
79	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1382.94	.	.
80	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1400.67	.	.
81	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1418.40	.	.
82	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1436.13	.	.
83	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1453.86	.	.
84	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1471.59	.	.
85	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1489.32	.	.
86	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1507.05	.	.
87	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1524.78	.	.
88	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1542.51	.	.
89	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1560.24	.	.
90	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1577.97	.	.
91	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1595.70	.	.
92	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1613.43	.	.
93	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1631.16	.	.
94	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1648.89	.	.
95	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1666.62	.	.
96	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1684.35	.	.
97	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1702.08	.	.
98	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1719.81	.	.
99	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1737.54	.	.
100	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1755.27	.	.
101	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1773.00	.	.
102	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1790.73	.	.
103	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1808.46	.	.
104	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1826.19	.	.
105	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1843.92	.	.
106	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1861.65	.	.
107	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1879.38	.	.
108	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1897.11	.	.
109	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1914.84	.	.
110	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1932.57	.	.
111	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1950.30	.	.
112	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1968.03	.	.
113	0	0.00000000	0.00000000	17.73	1985.76	.	.
114	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2003.49	.	.
115	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2021.22	.	.
116	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2038.95	.	.
117	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2056.68	.	.
118	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2074.41	.	.
119	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2092.14	.	.
120	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2109.87	.	.
121	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2127.60	.	.
122	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2145.33	.	.
123	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2163.06	.	.
124	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2180.79	.	.
125	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2198.52	.	.
126	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2216.25	.	.
127	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2233.98	.	.
128	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2251.71	.	.
129	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2269.44	.	.
130	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2287.17	.	.
131	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2304.90	.	.
132	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2322.63	.	.
133	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2340.36	.	.
134	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2358.09	.	.
135	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2375.82	.	.
136	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2393.55	.	.
137	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2411.28	.	.
138	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2429.01	.	.
139	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2446.74	.	.
140	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2464.47	.	.
141	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2482.20	.	.
142	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2500.93	.	.
143	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2518.66	.	.
144	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2536.39	.	.
145	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2554.12	.	.
146	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2571.85	.	.
147	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2589.58	.	.
148	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2607.31	.	.
149	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2625.04	.	.
150	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2642.77	.	.
151	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2660.50	.	.
152	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2678.23	.	.
153	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2695.96	.	.
154	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2713.69	.	.
155	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2731.42	.	.
156	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2749.15	.	.
157	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2766.88	.	.
158	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2784.61	.	.
159	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2802.34	.	.
160	0	0.00000000	0.00000000	17.73	2820.07	.	.
161	0	0.00					

contribuições e examinaremos depois as figuras dos planos 1 x 2, 1 x 3, 1 x 4, 1 x 5.

O eixo 1 opera uma clivagem entre as modalidades que denotam a mudança negativa e a estabilidade. Opõem-se aí modalidades de quatro questões: mudança de sentimentos religiosos, mudança comportamental, mudança nas relações com os outros, frequência da Igreja. O quadro da mudança negativa completa-se pela mudança na mentalidade, em geral, de atitude religiosa e sexual. Se em todas estas questões solicitámos aos sujeitos a polaridade da mudança não o fizemos relativamente à mudança de opiniões sexuais. Mas é curioso assinalar que a mudança de opiniões sexuais se encontra associada à mudança negativa. O quadro da estabilidade é completado pela estabilidade na saúde e na atitude política nos emigrantes regressados.

No eixo 2 encontramos a oposição entre a representação da mudança positiva por um lado, a negativa e a estabilidade por outro. Contribuem para esta oposição a mudança interrelacional, comportamental, em geral, no aspecto físico e cultural. No lado negativo a mudança positiva completa-se por uma mudança para melhor na saúde e no lado positivo uma mudança para pior economicamente.

A estes dois primeiros factores genéricos da representação da mudança seguem-se factores mais específicos. Assim o factor 3 denota sobretudo a mudança religiosa. No pólo negativo encontramos a mudança nos sentimentos religiosos quer para mais positivos quer para mais negativos e uma menor frequência da Igreja. No pólo positivo encontramos a estabilidade nas crenças religiosas. A mudança religiosa encontra-se associada a mudança de atitude política mais à esquerda. Esta mudança de crenças religiosas ou até políticas pode estar acompanhada da representação da estabilidade na mentalidade, económica, comportamental e cultural. Ao invés, a estabilidade nas crenças religiosas pode estar ligada à mudança negativa na mentalidade, económica e comportamental.

O eixo 4 parece traduzir sobretudo a representação da mudança somática. No pólo negativo situa-se a estabilidade no aspecto físico e na saúde oposta no pólo positivo a uma mudança negativa no aspecto físico e na saúde. A estabilidade somática está ligada a uma mudança negativa de crenças e menor frequência de práticas religiosas. Ao invés a mudança negativa somática encontra-se aqui ligada a uma mudança muito positiva das convicções religiosas e a uma maior frequência dos ofícios religiosos. Como no eixo anterior verificamos que a mudança de atitudes e comportamentos religiosos não se efectua no sentido de outras mudanças, no presente caso das somáticas.

O eixo 5 parece traduzir sobretudo a representação da identidade portuguesa. No pólo negativo temos a representação de que a emigração contribui para reforçar de modo positivo a identidade portuguesa e no outro pólo para reforçá-la de modo negativo. No lado onde encontramos a mudança para um reforço da identidade portuguesa encontramos uma maior frequência da Igreja, uma mudança de atitude positi-

## Quadro 2

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 1  
na representação da mudança

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Mudança sentimentos religiosos	sim 87	não 146
-Mudança comportamental	para pior 77	igual 26
-Mudança na mentalidade	para pior 76	-
-Mudança em geral	para pior 64	-
-Mudança nas relações com os outros	para pior 59	igual 45
-Frequência da Igreja	menor 59	igual 43
-Mudança de atitude religiosa	um pouco negativa 53; muito negativa 53	-
-Mudança na saúde	-	igual 37
-Mudança de opiniões sexuais	sim 34	-
-Mudança de atitude política	-	não 32

## Quadro 3

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 2  
na representação da mudança

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Mudança interrelacional	para melhor 76	para pior 38; igual 26
-Mudança comportamental	para melhor 73	igual 43; para pior 29
-Mudança geral	para melhor 60	igual 46; para pior 46
-Mudança na mentalidade	para melhor 42	para pior 60; igual 31
-Mudança no aspecto físico	para melhor 49	para pior 34
-Mudança cultural	para melhor 35	igual 38; para pior 38
-Mudança na saúde	para melhor 32	-
-Mudança econômica	-	para pior 31

## Quadro 4

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 3  
na representação da mudança

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Mudança nos sentimentos religiosos	sim 143	não 78
-Mudança de atitude religiosa	um pouco negativa 76; um pouco positiva 59	-
-Mudança na mentalidade	não 39	para pior 73
-Mudança econômica	não 52	-
-Mudança nos comportamentos	não 47	para pior 55
-Mudança em geral	-	para pior 45
-Mudança cultural	não 27	-
-Mudança de atitude política	mais à esquerda 27	-
-Frequência da Igreja	menor 24	-

## Quadro 5

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 4  
na representação da mudança

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Mudança no aspecto físico	igual 32	para pior 53
-Mudança na saúde	igual 42	para pior 52
-Frequência da Igreja	menor 36	maior 44
-Mudança de atitude religiosa	um pouco negativa 30	muito positiva 24

## Quadro 6

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 5  
na representação da mudança

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Mudança na identidade portuguesa	mais Português 83	menos Português 138
-Mudança cultural	para pior 87	-
-Frequência da Igreja	maior 76	menor 68
-Mudança de atitude religiosa	muito positiva 66; um pouco positiva 36	um pouco positiva 35
-Mudança económica	para pior 44	-
-Mudança interrelacional	-	para pior 31

va em relação à religião, uma mudança negativa do ponto de vista cultural e económico. Ligada à perda na identidade portuguesa encontramos a diminuição dos sentimentos religiosos e dificuldades interrelacionais após o regresso.

Das variáveis de estratificação a residência encontra-se melhor explicada pelo factor 1 e 3, o sexo pelo factor 4 e 5, o nível sociocultural pelo factor 3.

A figura 2 indica-nos a localização das modalidades no plano 1-2.

No quadrante inferior esquerdo encontramos modalidades que denotam a mudança bipolar relativamente às crenças religiosas e políticas: sentimentos religiosos mais positivos e mais negativos, atitude política mais para a esquerda e para a direita. Situa-se também aí a mudança de atitudes sexuais. Associada a esta constelação de crenças encontramos a mudança para melhor no aspecto físico, na saúde, nas relações com os outros.

O quadrante inferior direito contornado por pólos de mudança negativa e de estabilidade está muito pouco povoado de modalidades para constituir um tipo.

Já no quadrante superior esquerdo deparamos com um conjunto de modalidades que denotam a estabilidade económica, comportamental, na mentalidade, nas relações com os outros, na saúde, no aspecto físico, em suma, em geral. Mesmo nas crenças religiosas, políticas e sexuais.

No quadrante superior esquerdo localiza-se a mudança negativa em todos os domínios à excepção das crenças políticas e sexuais.

Neste plano é a residência a variável de estratificação que mais se afasta do centro de gravidade. É o factor 1 que contribui essencialmente para a sua explicação e não o factor 2, pelo que não se situa claramente em nenhum dos quadrantes. Pode, pois, dizer-se que a representação da mudança negativa caracteriza sobretudo os rurais e a estabilidade os urbanos. Relativamente perto de uns e de outros encontra-se a mudança positiva económica.

No plano 1-3, o quadrante inferior esquerdo representa a mudança religiosa mediante a aquisição de atitudes e comportamentos mais positivos e negativos. Associada à mudança religiosa encontra-se aqui a mudança política mais para a esquerda. Os rurais situam-se neste quadrante.

No quadrante oposto, superior direito, situa-se a representação da estabilidade nas atitudes e comportamentos religiosos. A estabilidade nas atitudes políticas encontra-se associada à estabilidade religiosa. Neste quadrante encontram-se os urbanos rodeados das modalidades que reflectem a estabilidade religiosa e já mais perto do centro de gravidade os adolescentes mais novos e os católicos não praticantes.

No quadrante inferior direito situa-se a representação da estabilidade nos restantes domínios. No quadrante oposto, superior esquerdo, encontramos a mudança negativa desses domínios. Associada a esta representação da mudança negativa encontra-se a influência nas opiniões sexuais e políticas para a direita.



Figura 2 Localização das variáveis na representação da mudança no plano determinado pelos eixos 1 e 2

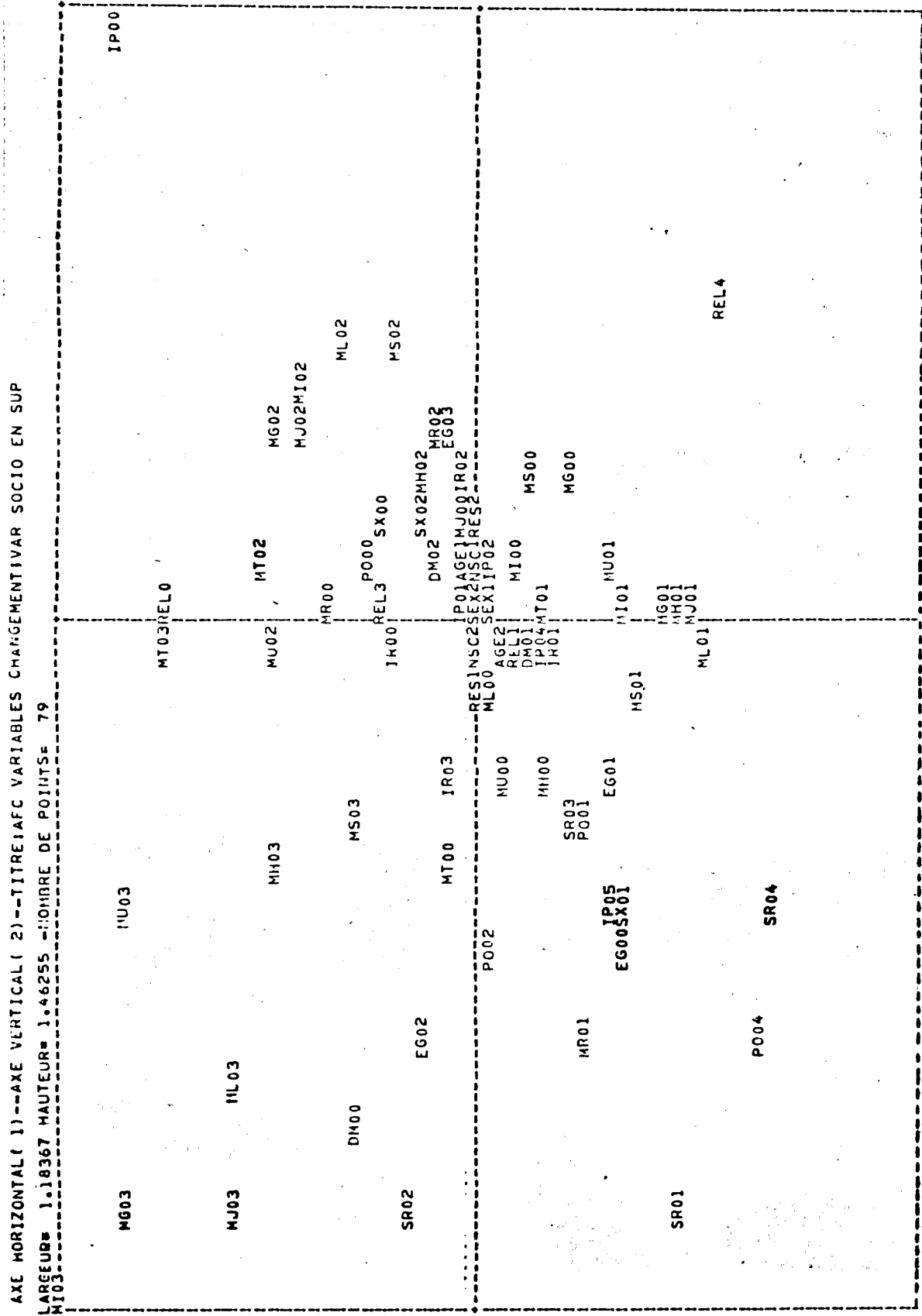
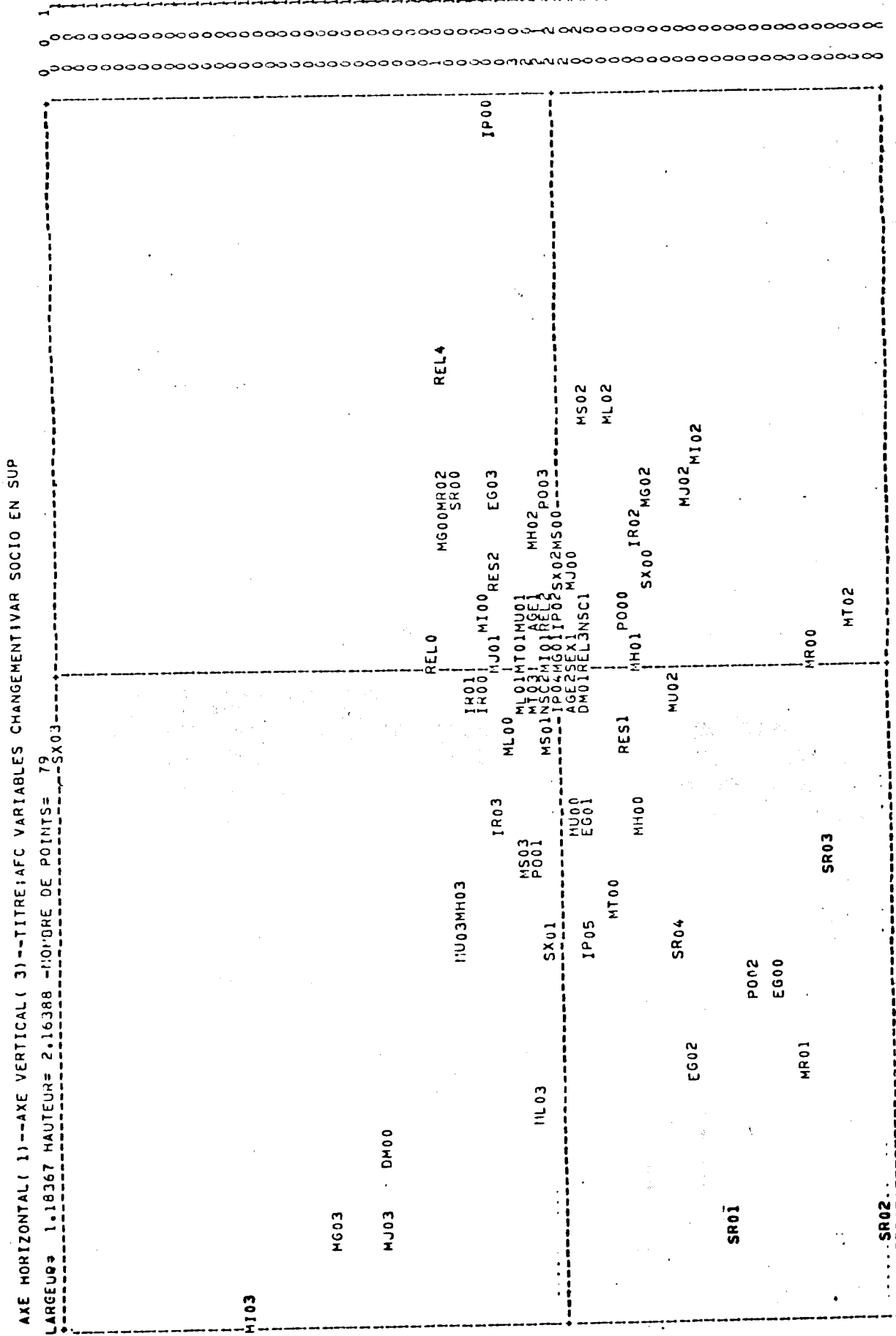


Figura 3 Localização das variáveis da representação, no plano determinado pelos eixos 1 e 3



O nível sociocultural não se situando aqui claramente em nenhum dos quadrantes opõe-se no factor 3. Os jovens oriundos do nível sociocultural baixo encontram-se melhor explicados pela mudança religiosa e os do nível sociocultural médio pela estabilidade religiosa.

Passando ao plano 1-4, encontramos no quadrante inferior direito a representação da estabilidade somática. A estabilidade no aspecto físico e na saúde está associada a não mudança económica. Este perfil corresponde sobretudo aos rapazes, mas também vamos encontrar neste quadrante os adolescentes mais novos e os urbanos.

No quadrante oposto situa-se a mudança negativa somática. Nesta mesma constelação encontramos o aumento das crenças religiosas, mudança de atitude mais à direita na política e mudança na sexualidade. Ou por outras palavras não estamos perante uma representação dualista do ser humano. Aqui a mudança somática está intimamente ligada à mudança psicológica, aparecendo como campos interdependentes. Este perfil é sobretudo característico das raparigas, mas caracteriza também de certo modo os rurais.

Passando ao plano 1-5, no quadrante inferior esquerdo a representação do reforço da identidade portuguesa está ligada ao reforço de crenças e práticas religiosas, mudança política mais para a esquerda, influências negativas nos domínios económicos, culturais, físicos, somáticos, mentais. Este perfil caracteriza sobretudo os adolescentes católicos praticantes, as raparigas, os mais velhos.

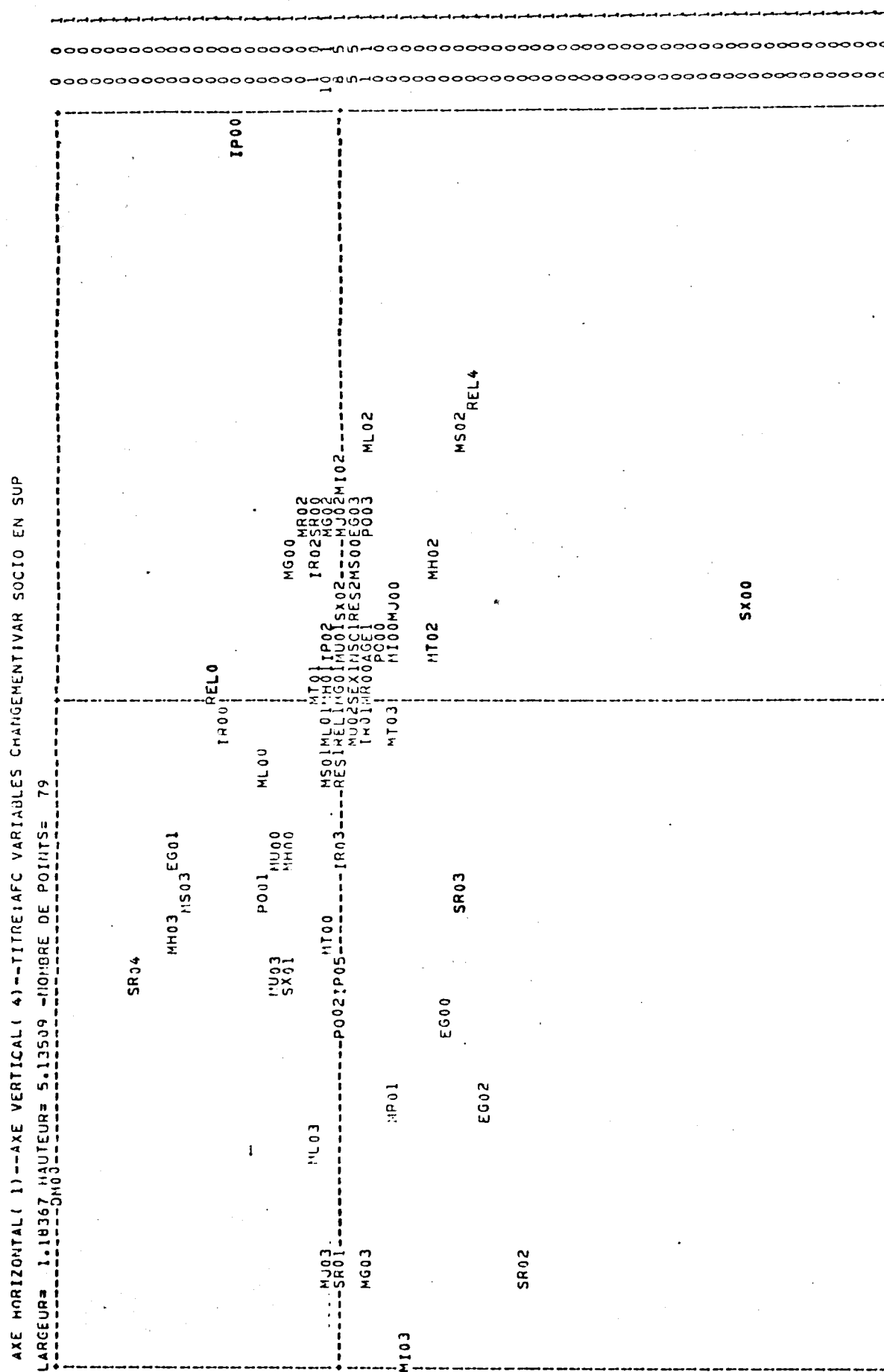
No quadrante superior direito situa-se a estabilidade nas crenças religiosas e políticas, bem como no aspecto físico e na saúde, caracterizando sobretudo os adolescentes mais novos.

No quadrante superior direito localiza-se a representação da diminuição da identidade portuguesa que se acompanha da diminuição de crenças e práticas religiosas, influência nas opiniões sexuais, nas atitudes políticas para a esquerda e de mudanças negativas comportamentais, interrelacionais, em geral. Este perfil corresponde sobretudo aos adolescentes que pouco reivindicam para eles a identidade portuguesa. Também encontramos aí os rurais.

As modalidades da variável sexo não se situam claramente em nenhum dos quadrantes, mas dado que são pouco explicadas pelo factor 1, podemos dizer que os rapazes se caracterizam mais pela representação do reforço da identidade portuguesa e as raparigas pela sua diminuição.

Em suma, a análise efectuada deixa transparecer que a representação da mudança induzida pelo processo migratório está mais pregnante nos rurais e a estabilidade nos urbanos. Abrem-se-nos duas janelas para interpretar estes resultados. Uma primeira ligada ao facto já posto em evidência anteriormente, de uma melhor informação

**Figura 4** Localização das variáveis da representação da mudança no plano determinado pelos eixos 1 e 2





nos rurais que nos urbanos. Por uma via, a melhor informação veiculada num "estilo de vida e de relações humanas", num "certo modelo cultural tornado incompatível com a mutação tecnológica" (Maisonneuve, 1975, p. 229) torna mais visível a mudança perante a inércia multissecular. Por outra via, uma menor informação num meio massificado em que as pessoas se concentram em todos os sectores da vida - alojamento, trabalho, transportes, estudos, lazeres -, tornaria menos invisível a mudança.

Uma outra explicação é-nos sugerida por Moscovici se considerarmos os rurais uma categoria social que vive na dependência e na insegurança ressentindo mais a necessidade de uma renovação da sua situação. Por isso crêem na possibilidade duma acção profunda da emigração. Ao invés, os urbanos, na medida em que estão melhor instalados psicologicamente no seio da sociedade não sentem tanto a necessidade de uma mudança (Moscovici, 1976, p.184).

## 9.2/ A atitude perante o regresso

Já vimos como a emigração portuguesa é fundamentalmente temporária segundo o vivido da grande maioria dos migrantes portugueses em França da primeira geração e segundo a representação dos adolescentes "in situ". Uma outra questão vem-nos confirmar esta representação: "Se um emigrante chegasse junto de ti a pedir-te um conselho sobre se deveria regressar de vez a Portugal ou continuar no estrangeiro que lhe dirias?" Só 8,1% dos jovens aconselhariam um emigrante a ficar definitivamente no estrangeiro. Mas se há um forte consenso no aconselhamento do regresso, a grande maioria dos jovens é de opinião que o regresso se efectue dentro de alguns anos (64,8%). Esta opinião não tem subjacente tanto uma imagem negativa das consequências do regresso para Portugal nem uma atitude negativa em relação aos emigrantes, como a representação de dificuldades que um eventual regresso pode suscitar, como veremos.

Das variáveis de estratificação só a residência diferencia significativamente a amostra (quadro 7). Os rurais aconselhariam mais frequentemente o migrante a regressar dentro de alguns anos ou até mesmo uma migração definitiva e os urbanos o regresso imediato. Será o aconselhamento do regresso diferido e da migração definitiva sintoma duma atitude positiva em relação à emigração? Deixamos a questão em aberto e a ela voltaremos mais adiante.

Se, segundo os emigrantes, o regresso não se efectuará sem dificuldades, também segundo a representação dos adolescentes o regresso acompanha-se dum cortejo de dificuldades (figura 6). A grande maioria dos sujeitos está de acordo em considerar que o maior problema posto ao migrante regressado definitivamente ao país é obter trabalho (61,3%). O problema mais mencionado em segundo lugar é o salário e o terceiro o alojamento. As principais dificuldades aquando dum eventual regresso coincidem com as motivações socioeconómicas da emigração: trabalho, salário, alojamento. O reencontro deste círculo vicioso e tautológico de motivações da partida e dificuldades do regresso contribui para a reprodução da emigração.

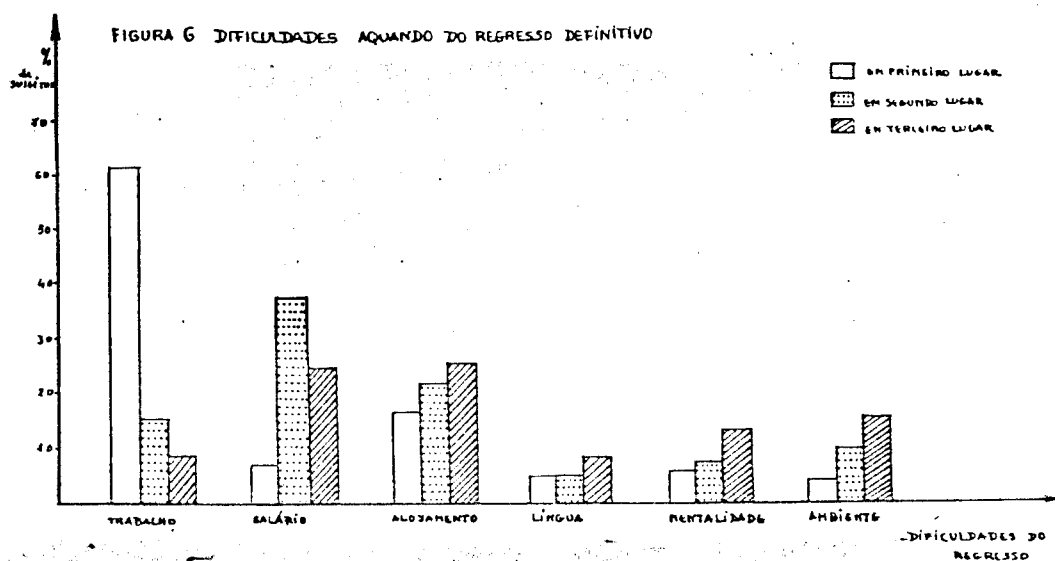
Comparando o vivido de migrantes em França e a representação da emigração há acordo em considerar o trabalho e o salário como os principais problemas que se colocam à emigração de regresso. Já no problema seguinte há disjunção. Assim os emigrantes apontam a dificuldade em se adaptarem à mentalidade das pessoas, enquanto que os adolescentes em Portugal citam o alojamento. Para tal talvez contribua o vivido que cada amostra tem no meio envolvente. Os adolescentes estão quotidianamente mergulhados na dificuldade que representa para os Portugueses a obtenção dum alojamento, enquanto que os migrantes têm como principal leitmotiv a construção ou remodelação da casa. Se este projecto está ao alcance da grande maioria, a sua passagem pe-

Quadro 7. Aconselha sobre a emigração temporária ou definitiva em função das variáveis de estratificação

	Rurais		Urbanos		Lapazes		Pararigas		N.S.C. I		N.S.C. II	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Regresso imediato	43	17,9	80	33,3	67	27,9	56	23,3	57	23,8	66	27,5
Regresso diferido	167	69,6	144	60,0	148	61,7	163	67,9	163	67,9	148	61,7
Migração definitiva	28	11,7	11	4,6	20	8,3	19	7,9	18	7,5	21	8,8
Sem resposta	2	0,8	5	2,1	5	2,1	2	0,8	2	0,8	5	2,1
Total	240	100,0	240	100,0	240	100,0	240	100,0	240	100,0	240	100,0
$\chi^2=23,90$ $p=0,0001$					$\chi^2=3,39$ $p=0,4933$				$\chi^2=5,81$ $p=0,3249$			

Quadro 8. Aceitação em namorar com pessoa emigrante regressada

	Rurais		Urbanos		Lapazes		Pararigas		N.S.C. I		N.S.C. II	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	179	74,6	198	82,5	182	75,8	195	81,3	193	80,4	184	76,7
Não	56	23,3	29	12,1	49	20,4	36	15,0	42	17,5	43	17,9
Sem resposta	5	2,1	13	5,4	9	3,8	7	3,8	5	2,1	13	5,4
Total	240	100,0	240	100,0	240	100,0	240	100,0	240	100,0	240	100,0
$\chi^2=15,22$ $p=0,0016$					$\chi^2=9,35$ $p=0,0249$				$\chi^2=4,19$ $p=0,2411$			





lo processo adaptativo, mesmo se é envernizada, leva-os ao sentimento de diferença em relação aos compatriotas não emigrados. Neste contexto a adaptação à mentalidade dos que ficaram parece ser um problema maior que o alojamento.

A representação da principal dificuldade do regresso diferencia os rurais dos urbanos ( $\chi^2 = 21,10$ ,  $p = 0,0036$ ). Essa diferença é devida ao facto dos urbanos citarem mais frequentemente o alojamento como dificuldade principal e os rurais os aspectos socioculturais (língua, mentalidade, ambiente).

O efeito do sexo também é significativo ( $\chi^2 = 16,95$ ,  $p = 0,0177$ ). Os rapazes mencionam mais frequentemente como principal dificuldade do regresso o trabalho e o salário; as raparigas são mais sensíveis à dificuldade do alojamento. As dificuldades sócio-culturais são idênticamente apontadas por ambos.

Segundo o nível sociocultural não aparecem diferenças.

Apesar destas dificuldades postas pelo regresso, as consequências para Portugal resultantes do regresso são para a maior parte da amostra vantajosas (56,7 %). Um quarto da amostra tem uma imagem de indiferença em relação às consequências do regresso e 17,1 % têm uma imagem negativa. Esta imagem não se diferencia segundo as variáveis de estratificação.

Escrevera Bogardus: " Quanto mais restritas as oportunidades de contactos concedidos a uma raça, menores, presumivelmente, as oportunidades para acomodação e assimilação" (in Thomas, 1971, p. 90). No caso dos migrantes regressados, poder-se-á dizer, apoiados em Bogardus que quanto menos lhe sejam concedidos contactos sociais, menos oportunidades terão de se reinserir convenientemente na sociedade de origem.

O regresso não suscita globalmente nos adolescentes preconceitos negativos, apreendidos através da distância social. Assim, há um fortíssimo consenso em aceitar como amigo, vizinho e como colega num grupo de trabalho uma pessoa emigrante regressada de vez ao país. A resposta à questão "quando desejasse namorar aceitaria fazê-lo com uma pessoa emigrante regressada de vez" é também maioritária (78,5 %).

Se globalmente os preconceitos negativos em relação à emigração de regresso não afloram, por estranho que pareça, emergem mais nas zonas rurais que nas zonas urbanas (quadro 8). Efectivamente 23,3 % dos rurais recusariam namorar com uma pessoa emigrante regressada ao país e só estariam nesse caso 12,1 % dos urbanos. Essa percentagem de quase um quarto dos rurais que não aceitaria namorar com emigrantes regressados já é sintomática dum preconceito existente sobretudo nas relações mais profundas com migrantes regressados.

Tendo presente que os emigrantes exprimem sobretudo a intenção de regressar aos locais de origem que são essencialmente as zonas rurais e sendo nessas zonas onde aparece uma maior sintomatologia de distância social em relação aos emigrantes, nem por isso o reencontro de população migrante e não migrante nas zonas de origem pare-

ce colocar graves problemas que possam despoletar de preconceitos desfavoráveis. Uma certa recusa da intenção comportamental de namorar com emigrantes regressados é como que abafada pela resposta em unísono da intenção comportamental de os aceitar nos grupos de afinidades, de vizinhança, de trabalho. Estamos, no entanto, perante um nó sensível do relacionamento intergrupai.

Uma certa dose de relutância na aceitação de namoro no grupo não emigrante sobretudo rural, exprime, em parte, a defesa contra a sua identidade pessoal e social susceptível de ser abalada mediante contactos sociais mais ou menos íntimos, pondo a nu diferenças socioculturais e a mudança induzida pelo processo adaptativo que os rurais assinalam mais frequentemente.

Os rapazes são mais tocados por este nó sensível que as raparigas. 20,4 % dos rapazes recusariam namorar com uma pessoa emigrante regressada de vez, contra 15 % das raparigas. Segundo o nível sociocultural, não aparecem diferenças significativas.

Estava nos nossos propósitos estudar a distância social em relação às diferentes comunidades portuguesas emigradas mas, limitados pelo tempo de administração do questionário, este tema não foi inserido. Baseados no pré-inquérito, onde foi abordado, diremos tão somente, que a distância social em relação aos emigrantes regressados não é homogénea segundo os países de destino. Utilizando os quatro itens de distância social a que fizemos referência, relativamente aos sete países para onde emigraram mais Portugueses entre 1960-1975, a distância social é menor em relação aos emigrantes vindos do Brasil. Seguem-se a migração dos Estados Unidos, a migração europeia (França, Alemanha), a do Canadá e a da Venezuela. A distância social é maior em relação aos emigrantes regressados da África do Sul.

Regresso aconselhado, mas diferido, consequências positivas da emigração de regresso para o país de origem, intenções comportamentais de pertença a grupos restritos positivas, dificuldades socioeconómicas postas pela reinserção, tal é a representação mais pregnante da amostra confrontada com a atitude perante o regresso.

Apresentados os elementos constituintes da representação social da emigração - a informação, a atitude e o campo de representação - de modo temático, importa termos agora uma visão global. Nesse sentido efectuámos uma análise global das correspondências. Para esta análise utilizaram-se 51 variáveis principais: do elemento constituinte, atitude, retiveram-se as modalidades com mais fortes contribuições no factor 1, o que representa um resumo da orientação global em relação à emigração; do elemento constituinte, informação, retivemos igualmente a contribuição mais forte para o factor 1, o mesmo é dizer, as variáveis que denotam o conhecimento interpessoal; das representações das características sócio-demográficas, do processo adaptativo e de mudança, retiveram-se todas as variáveis; já da atitude perante o regresso, não foram retidas as variáveis de distância social em que havia um fortíssimo consenso, como a aceitação de amigo, de vizinho e de colega para um trabalho. Foram utilizados como elementos suplementares para além das variáveis de estratificação, a idade, a posição perante a religião e a auto-identidade portuguesa.

A análise foi efectuada sobre um quadro de Burt.

A percentagem de inércia totalizada pelos três primeiros factores é de 24%. O primeiro factor extrai 13,2% da inércia total, o segundo 6,3% e o terceiro 4,5%. A contribuição do primeiro factor é pois relativamente importante em relação aos seguintes (figura 1).

Essa percentagem cumula deve ser apreciada em relação ao número total das variáveis em jogo e ao facto de que só certas modalidades de resposta intervêm nos resultados dos três eixos.

Em primeiro lugar, descreveremos cada um desses eixos e em seguida a interpretação será retomada por par de eixos, o que permite estudar a significação de cada um dos quadrantes.

O eixo 1 parece denotar sobretudo a oposição de atitude perante a emigração, de um lado e de outro do eixo, situando-se a respectiva polaridade negativa e positiva. Situa-se aí todas as variáveis de atitude, das quais quatro têm contribuições simétricas aos dois pólos do eixo: a intenção de emigrar, o aconselhamento a emigrar, a dificuldade em desvincular-se do ambiente originário e a crença de que os pais gostariam que os jovens emigrassem. Estas modalidades têm as mais fortes contribuições neste eixo. No pólo negativo agrupam-se as modalidades que denotam uma orientação global negativa em relação à emigração e no outro pólo encontram-se as que denotam uma orientação positiva. Neste lado positivo encontramos igualmente a facilidade em desvincular-se do grupo familiar e dos amigos. Opõem-se também o desejo do regresso da emigração e o aconselhamento

Figura 1 Histograma dos valores próprios na análise global

OS VALORES PRÓPRIOS		VAL(1)=0.99999200		HISTOGRAMA DOS VALORES PRÓPRIOS DA MATHIZ	
INUM	ITER	VAL PRÓPRIO	%	CUMUL	
2	0	0.00980185	13.179	13.179	
3	0	0.00869569	6.275	19.454	
4	0	0.00341982	4.570	24.024	
5	1	0.00324023	4.384	28.408	
6	0	0.00244208	3.794	32.206	
7	1	0.00258697	3.604	35.810	
8	1	0.00225603	3.015	38.825	
9	1	0.00205314	2.744	41.569	
10	1	0.00186556	2.493	44.061	
11	0	0.00162509	2.172	46.233	
12	1	0.00150111	2.006	48.239	
13	1	0.00139216	1.860	49.900	
14	1	0.00135893	1.816	51.715	
15	2	0.00132396	1.769	53.485	
16	1	0.00124903	1.669	55.154	
17	1	0.00115544	1.544	56.698	
18	2	0.00112878	1.508	58.206	
19	1	0.00109884	1.468	59.675	
20	1	0.00104417	1.395	61.070	
21	1	0.00101232	1.353	62.423	
22	1	0.00097167	1.299	63.722	
23	1	0.00094871	1.268	64.989	
24	1	0.00093501	1.250	66.240	
25	1	0.00085818	1.147	67.387	
26	1	0.00082549	1.103	68.490	
27	1	0.00077896	1.041	69.531	
28	2	0.00075893	1.014	70.545	
29	1	0.00073628	0.984	71.529	
30	1	0.00072757	0.972	72.501	
31	1	0.00070705	0.945	73.446	
32	1	0.00069550	0.929	74.375	

## Quadro 1

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 1  
na análise global

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Intenção de emigrar	não 39	sim 42
-Aconselhamento a um amigo de emigrar	não 33	sim 42
-Dificuldade em deixar o ambiente	muito 25	nada 41
-Os pais gostariam que emigrasse	não 20	sim 40
-Dificuldade em deixar os amigos	-	nada 30
-Desejo de regresso da emigração	sim 15	não 29
-Dificuldade solidão	muita 13	nenhuma 28
-Dificuldade saudades	-	pouca 27; nenhuma 16
-Humor	pior 18	melhor 25
-Dificuldade em deixar família	-	pouco 29; muito 18
-Adaptação	-	muito 20
-Aconselhamento do regresso	imediato 17	nunca 15
-Satisfação	bastante insatisfeito 15	totalmente satisfeito 16
-Julgamento sobre o grau de informação sobre emigração portuguesa	-	muito bem 14
-Julgamento sobre a frequência de conversas sobre emigração nas pessoas conhecidas	-	muitas vezes 13

## Quadro 2

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 2  
na análise global

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Mudança em geral	-	para pior 4
-Mudança na mentalidade	-	para pior 41
-Mudança interrelacional	igual 19	para pior 32
-Mudança nos sentimentos religiosos	não 13	sim 27
-Adaptação	-	nada 27
-Mudança no aspecto físico	-	para pior 35
-Dificuldade alimentação	nenhuma 17	muita 33
-Mudança na saúde	igual 22	pior 15
-Dificuldade saúde	-	muita 25
-Mudança no comportamento	-	para pior 20
-Frequência da Igreja	igual 19	menor 19
-Mudança de opiniões sexuais	-	sim 19
-Mudança de atitude política	não 16	-
-Emigram mais os cidadãos/camponeses	ambos 15	-
-Mudança de atitude religiosa	-	muito negativa 14
-Mudança cultural	-	para pior 13
-Dificuldade em deixar a família	-	nada 13

## Quadro 3

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 3  
na análise global

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Dificuldade alojamento	nenhuma 41	muita 19
-Mudança em geral	-	para pior 34
-Dificuldades trabalho	nenhuma 26	muita 33
-Julgamento sobre a frequência de con- versas sobre emigração nas pessoas conhecidas	nunca 31	-
-Dificuldade saúde	nenhuma 27	muita 21
-Mudança sentimentos religiosos	-	sim 26
-Dificuldade alimentação	nenhuma 25	muita 15
-Mudança de atitude religiosa	-	um pouco positiva 23
-Consequências regresso para Portugal	muito desvantajosas 22	-
-Dificuldade racismo	nenhuma 19	-
-Dificuldade caulações	nenhuma 19; nouca 13	-
-Dificuldade solidão	nenhuma 19	-
-Mudança sexualidade	para melhor 14	-
-Enigmas pais avós/avós/avós	desorientados 17	-
-Conhecimento emigrantes regressados	não 17	-
-Julgamento sobre o grau de informação	muito mal 17	-
-Conversação com emigrantes	não 17	-
-Conversação com amigos	não 15	sim 14
-Mudança identidade portuguesa	menos portugueses 14	-

do regresso. O desejo de regresso da emigração e o aconselhamento imediato ou diferido do regresso são modalidades que estão associadas a uma orientação global negativa em relação à emigração. Ao invés, o desejo do não-regresso e o aconselhamento de uma emigração definitiva associam-se a uma orientação global positiva. Estas duas questões da atitude perante o regresso são pois sintomáticas da atitude mais geral em relação à emigração. A completar a descrição do pólo negativo temos três modalidades que denotam a representação de perturbações psicosociais resultantes do processo adaptativo: solidão, tonalidade no humor mais negativa que em Portugal, insatisfação. Encontra-se assim associada uma atitude negativa em relação à emigração a uma representação disfuncional da adaptação. Este lado do eixo 1 deixa transparecer uma polaridade representacional negativa em relação à emigração. Cinco modalidades que denotam o bem-estar psicosocial na representação do processo adaptativo - ausência de solidão e de saudades, humor mais positivo, satisfação e adaptação - e duas, uma boa informação - julgamentos de estar muito bem informados sobre a emigração e das pessoas conhecidas falarem muitas vezes de assuntos relacionados com a emigração - completam a descrição do pólo positivo.

No eixo 2 localiza-se fundamentalmente a oposição entre a representação da estabilidade e a mudança negativa causada pela emigração que encontramos no eixo 1 da análise do aspecto de mudança. No pólo negativo encontramos a estabilidade no interrelacionamento, na saúde, nos sentimentos religiosos e na frequência da igreja, oposta no pólo positivo a uma mudança negativa no interrelacionamento, na saúde, mudança de sentimentos religiosos e frequência da igreja após o regresso. A representação da estabilidade completa-se aí pela não-mudança de atitudes políticas. A representação da mudança negativa fica completa, por seu lado, pela mudança em geral, na mentalidade, no aspecto físico, no comportamento, na cultura, nas atitudes religiosas, na frequência da igreja e na mudança de opiniões sexuais. Associada à estabilidade encontramos a ausência de dificuldades na alimentação e a proveniência dos emigrantes quer das cidades quer dos campos. Associada à mudança negativa está a dificuldade na adaptação em geral, na alimentação e na saúde, a facilidade em desvincular-se da família. Trata-se no entanto de um eixo relativamente assimétrico na medida em que encontramos sete modalidades com contribuições muito fortes no lado negativo e quinze no positivo.

Também o eixo 3 é relativamente assimétrico na medida em que encontramos dezasseis modalidades com contribuições muito fortes no pólo negativo e só oito no positivo. Este eixo parece reflectir sobretudo a oposição na representação da adaptação. Das cinco modalidades que se opõem, quatro referem-se à adaptação: no pólo negativo localiza-se uma adaptação fácil no trabalho, no alojamento, na saúde, na alimentação; no pólo positivo uma adaptação difícil nesses mesmos domínios, completada por dificuldades de solidão, de saudades e de contacto inter

-tínico. Associada à representação da dificuldade adaptativa encontramos um desconhecimento interpessoal da emigração: as pessoas conhecidas não falam de emigração, não se fala com emigrantes e amigos desse assunto, não se conhecem emigrantes regressados, em suma, um grau de informação muito mau. A descrição deste pólo negativo completa-se pelas opiniões de que o regresso da emigração é muito desvantajoso para Portugal, a emigração induz uma mudança na mentalidade para melhor e a emigração de regresso perde características da identidade portuguesa. Associada à representação da dificuldade adaptativa encontramos a mudança em geral para pior, a mudança de sentimentos religiosos e a aquisição da atitude um pouco positiva em relação à religião, a conversação com amigos sobre a emigração. Se a representação da facilidade no processo adaptativo está associada a um desconhecimento de tipo interpessoal, embora haja indícios de que a representação da dificuldade adaptativa esteja associada a um conhecimento de tipo interpessoal através de uma única modalidade que se opõe - conversação com amigos - esta associação não é tão clara. Talvez a análise dos quadrantes nos permita iluminar este ponto.

Dos elementos suplementares, a residência, o sexo, a idade, a posição perante a religião e a auto-identidade nacional, encontram-se melhor explicados pelo eixo 1 e o nível sócio-cultural pelo eixo 3. Assim os rurais, os rapazes, os mais velhos, os católicos praticantes e os que reivindicam pouco ou nada a identidade portuguesa têm uma atitude mais positiva em relação à emigração. Os jovens provenientes do nível sócio-cultural baixo têm uma representação da adaptação mais difícil que os do nível sócio-cultural médio.

No quadrante inferior esquerdo do plano 1x2, contornado por pólos que denotam a orientação global negativa em relação à emigração e a estabilidade, situam-se afastados do centro de gravidade, os urbanos e, já mais perto, as raras, as mais novas, os católicos não-praticantes e os que reivindicam fortemente a identidade portuguesa. A atitude negativa e a representação da estabilidade encontram-se neste quadrante associadas a uma informação interpessoal deficiente, pois aí se situam as modalidades que denotam a ausência de conversas com emigrantes, o não-conhecimento de emigrantes regressados, as pessoas conhecidas raramente falam de emigração e pensa estar mal informado. Este quadrante corresponde à representação de uma migração de duração relativamente curta.

No quadrante inferior direito, ladeado pelos pólos que deixam transparecer a atitude positiva e a estabilidade, localizam-se os jovens oriundos do nível sócio-cultural baixo e os que pouco reivindicam a sua identidade portuguesa. A atitude positiva e a estabilidade estão aqui associadas à representação de uma emigração em massa e de uma adaptação fácil. Emigração em massa na medida em que afecta cidadãos e camponeses, ricos e pobres, pessoas isoladas e famílias, solteiros e casados, trabalhadores manuais e intelectuais. Toda uma série de modalidades denotam a representação da facilidade adaptativa: ausência de solidão,





bem-estar, nenhuma dificuldade no alojamento, na alimentação, no trabalho, no clima, na saúde, poucas saudades e poucas dificuldades na língua, estabilidade de humor.

No quadrante superior direito, contornado pela atitude positiva em relação à emigração e pela mudança negativa que aquela induz situam-se longe do centro de gravidade os que não reivindicam nada a identidade portuguesa, os rurais e, mais perto, os rapazes, os mais velhos, os católicos praticantes. Trata-se de jovens cuja desvinculação dos grupos originários é representada como fácil, relativamente bem informados e também com uma representação de um processo adaptativo fácil. Têm uma representação de mudança ambivalente de atitudes políticas e religiosas e de mudança de opiniões sexuais.

No quadrante superior esquerdo, rodeado por modalidades que denotam a mudança negativa e a atitude negativa, encontramos os jovens provenientes do nível sócio-cultural médio. Localiza-se aqui a representação muito difícil do processo adaptativo. A representação das características sócio-demográficas onde se recrutam os emigrantes - casados e adultos - deixa também transparecer o distanciamento destes jovens em relação à emigração. É a este perfil que se associa a representação da migração definitiva.

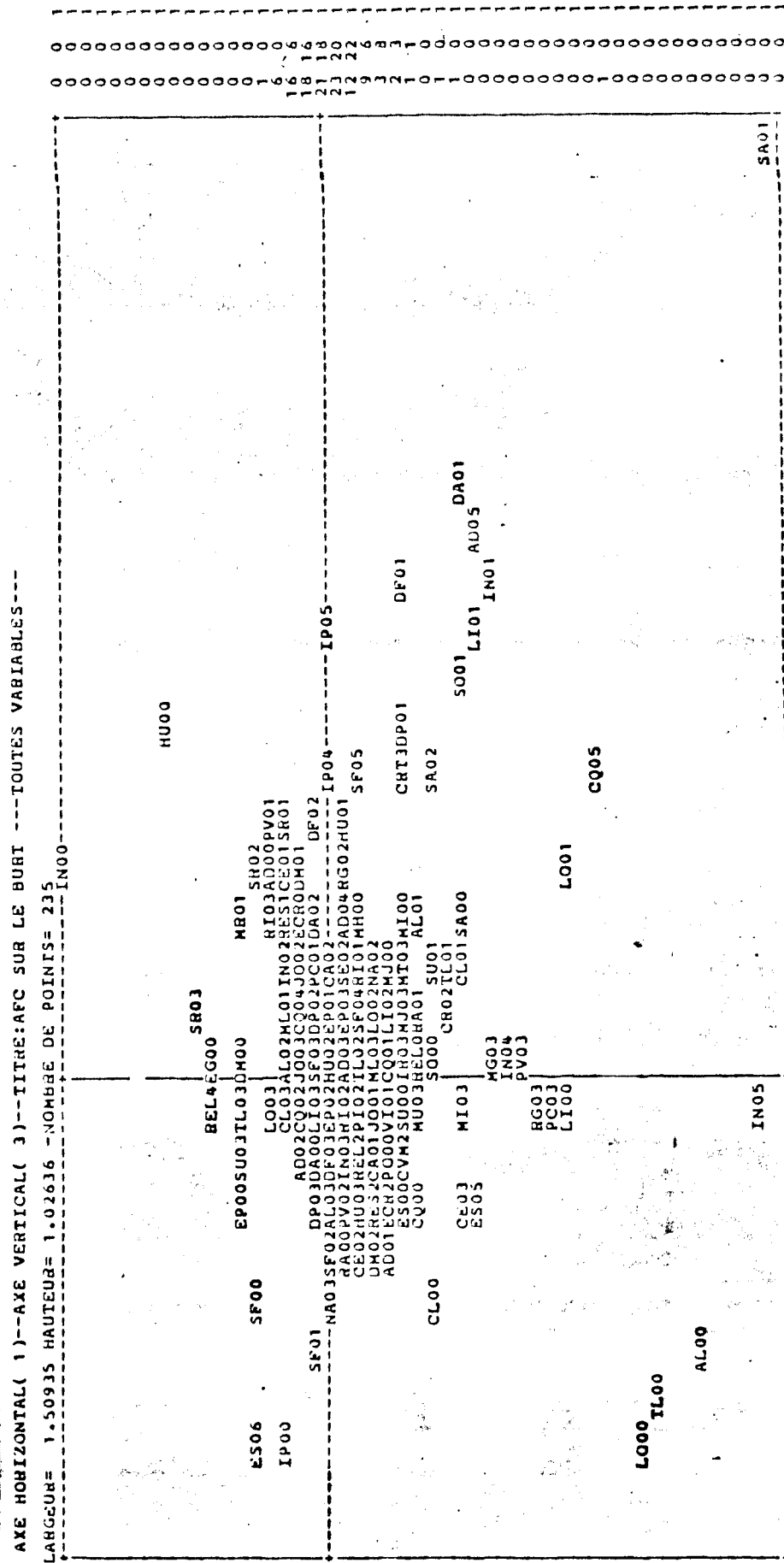
Passemos à análise do plano determinado pelos eixos 1x3.

No quadrante inferior esquerdo, circunscrito pelos eixos que denotam uma atitude negativa em relação à emigração e a representação da ausência de dificuldades do processo adaptativo, projecta-se a representação da emigração definitiva. Aí se situam os urbanos, os mais novos, os católicos não-praticantes ou que declaram ter outra posição perante a religião. Encontramos aqui uma série de itens que manifestam um desconhecimento interpessoal da emigração: não conversação com emigrantes, não conhecimento de emigrantes regressados, não conversação com pessoas conhecidas sobre emigração e o julgamento de estar mal informado. O perfil das características sócio-demográficas da emigração emergente é o de que são os próprios citadinos, os adultos, os casados, os pobres e famílias que são mais afectados pela emigração. O regresso para Portugal seria vantajoso.

Passando ao quadrante inferior direito, contornado pelos pólos que evidenciam uma atitude positiva em relação à emigração e uma representação do processo adaptativo fácil, situam-se os rapazes. Quem mais emigra são os inócuos, os ricos, os solteiros e as mulheres. Emerge aqui uma atitude negativa em relação ao regresso, pois o mesmo é considerado desvantajoso para Portugal, não se aconselha o regresso nem tão pouco se deseja.

No quadrante superior direito associados à atitude positiva em relação à emigração e à representação da dificuldade no processo adaptativo encontramos os rurais, os jovens oriundos de um nível sócio-cultural modesto, os mais velhos e os católicos praticantes. Existe uma boa informação interpessoal mediante conversas com amigos, o julgamento das pessoas conhecidas falarem de emigração e

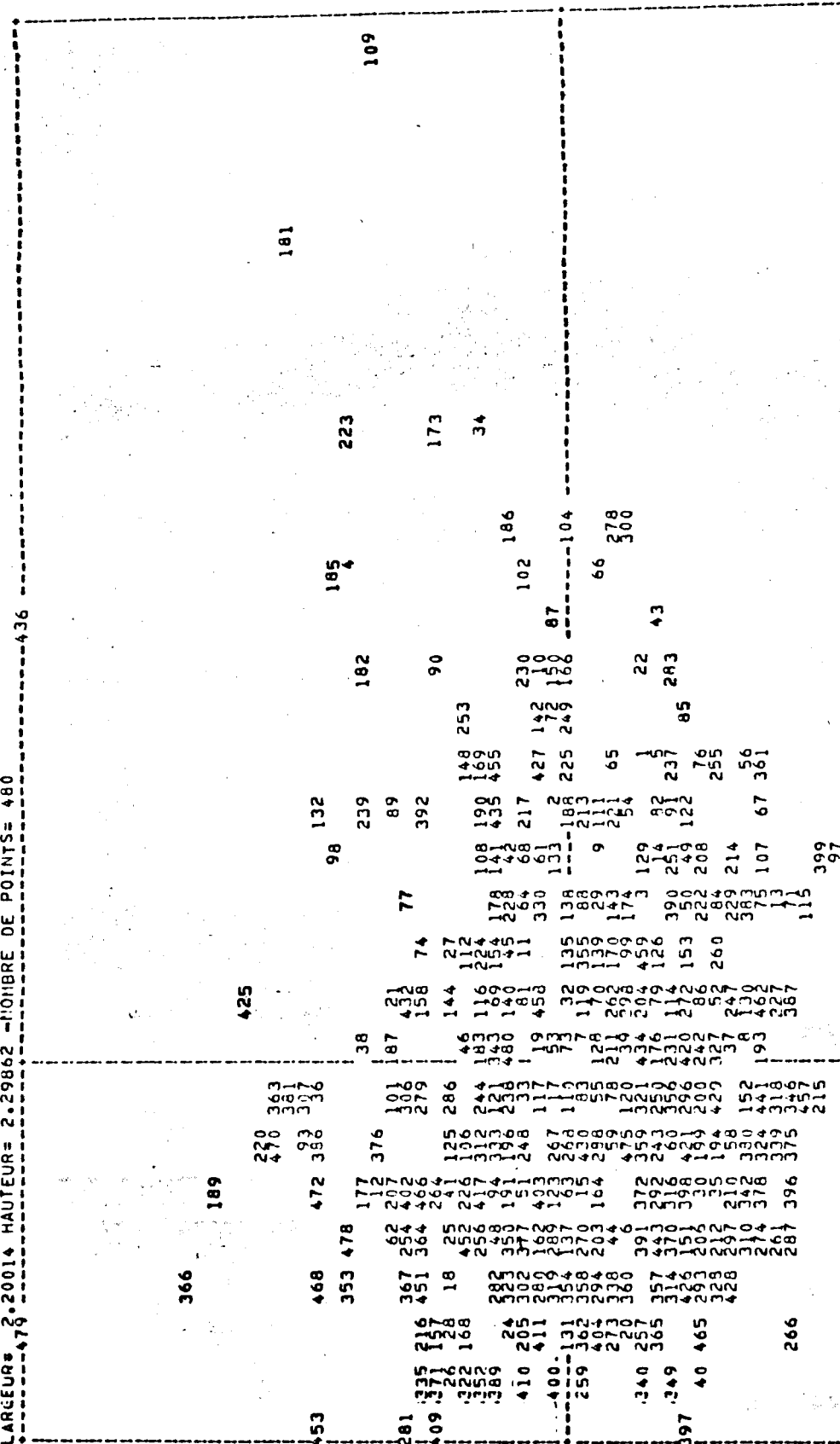
Figura 3 Localização das variáveis da análise global no plano determinado pelos eixos 1 e 3





AXE HORIZONTAL( 1)--AXE VERTICAL( 2)--TITRE:AFC VARIABLES GENERALES;VAR SOCIO EN SUP

LARGEUR= 2.20014 HAUTEUR= 2.29862 -NOMBRE DE POINTS= 480



de pensar estar bem informado a este respeito. Surge a representação de uma emigração em massa: partem jovens e adultos, solteiros e casados, pessoas isoladas e famílias, trabalhadores manuais e intelectuais, ricos e pobres. A emigração é representada como sendo de longa duração. Acarreta mudança de atitudes religiosas e políticas e o regresso é considerado desvantajoso para Portugal.

No quadrante superior esquerdo, contornado pelos pólos que deixam transparecer a atitude negativa em relação à emigração a representação da dificuldade na adaptação, localizam-se as raparigas e os jovens provenientes de nível sociocultural médio. O regresso é representado como vantajoso para Portugal.

Vejamos finalmente os quadrantes determinados pelos eixos 2 e 3.

No quadrante inferior esquerdo que denota a representação da adaptação fácil e de estabilidade localizam-se os urbanos, os mais jovens e os católicos não praticantes.

No quadrante inferior direito contornado pelos pólos de representação da mudança negativa e da adaptação fácil encontramos os rapazes, os oriundos do nível sociocultural médio e os que não reivindicam a identidade portuguesa. Segundo o perfil socio-demográfico, aqui emergente, são os citadinos, os jovens, os trabalhadores manuais, os casados e os incréus os que mais partem. A atitude em relação ao regresso é negativa na medida em que não é aconselhado e é considerado muito desvantajoso para Portugal. Esta atitude encontra-se associada à representação de uma migração definitiva.

Os rurais, os mais velhos e os católicos praticantes encontram-se no quadrante superior esquerdo. Associada à representação da mudança negativa e da adaptação fácil encontramos a mudança de atitude religiosa, quer de modo positivo quer negativo, a aquisição de atitudes políticas mais à esquerda e a mudança de opiniões sexuais.

No quadrante superior direito, o da estabilidade e da adaptação fácil, vamos encontrar as raparigas e os jovens oriundos do nível sociocultural mais modesto. Aí se localiza também de certo modo a representação de uma emigração em massa afectando ricos e pobres, citadinos e camponeses, trabalhadores intelectuais e manuais, casados e solteiros, adultos e jovens.

A análise das representações sociais da migração junto dos adolescentes poder-se-ia prosseguir segundo várias vias. Poder-se-ia, por exemplo, tentar religar sistemas de representações a comportamentos. Prosseguindo esta via, abordaremos as relações entre representações e a intenção de emigrar. Todavia vamos interrogarmo-nos antes sobre o conteúdo das perspectivas migratórias de futuro, as relações entre intenção de emigrar e dados demo-sociológicos e de personalidade.

## 11/ PROJETOS DE EMIGRAR

" La représentation de l'avenir est favorable à la projection des désirs, des besoins et des craintes ".

René Kaës

" A juventude também conhece os dramas da idade. Também a voragem do tempo é para ela factor de angústia. Talvez mais até do que para a velhice, que pelo menos já não é espicaçada por legítimos intentos que necessitam de largas perspectivas ".

Miguel Torga

### 11.1/ Perspectivas migratórias de futuro

Já vimos como a intenção de emigrar, deixando transparecer o componente conativo da atitude em relação à emigração, é discriminativa. Divide a amostra ao meio: 47,3% dos adolescentes manifestam a intenção de emigrar e 52,1% não manifestam essa intenção comportamental. Esta clivagem é tanto mais surpreendente se tivermos presente que se a amostra é racionada, a intenção de emigrar não foi retirada como critério de selecção.

Sendo assim, os efectivos da presença ou ausência da intenção de emigrar permitem-nos efectuar comparações quantitativas que faremos a três níveis: ao nível representacional, de personalidade e demográfico.

Todavia, antes de apresentarmos essa tríade de relações, tentaremos conhecer a origem temporal desta intenção, as motivações invocadas pelos adolescentes para partirem ou para ficarem, o país de acolhimento e o tempo de permanência encardos, a crença na possibilidade de realizar essa perspectiva de futuro.

Se ao nível da percepção, os acontecimentos se apresentam na sua realidade imediata com o sinal local e temporal do " hic et nunc ", ao contrário, ao nível da re-presentação mental, o acontecimento reproduz-se com a localização espacio-temporal própria (Nuttin, 1980 b, p. 17).

Quisemos assim saber, junto dos nossos informadores que têm a intenção de emigrar, a origem da localização temporal desse objecto. Não se pode todavia olvidar que a localização dos objectos na perspectiva temporal é algo de muito delicado e aproximativo (Nuttin, 1980 b, p. 19).

Na nossa cultura, a vida das pessoas divide-se em três grandes secções: o período de preparação educacional, o período de vida produtiva ou adulta, e a terceira idade (Nuttin, 1980 b, p. 72). O período preparatório segundo Nuttin compreende:

- EO - até à idade escolar (0 - 6 anos);
- E1 - a idade do ensino básico (6 - 12 anos);
- E2 - a idade da escola secundária (12 - 18 anos);
- E3 - a idade de formação post-secundária, profissional,  
etc. (18 - 25 anos).

O " tempo dos sujeitos " da amostra situa-se em E2, enquanto que o " tempo do objecto " neste caso a génese da intenção de emigrar pode situar-se em E2 ou antes (EO, E1). O " tempo do objecto " situa-se efectivamente em toda a sequência cronológica do evoluir do ser humano desde o nascimento até ao presente, destacando-se no entanto acontecimentos que servem de faro.



As respostas emergentes são de duas ordens.

Cerca de dois terços dos que manifestam a intenção de emigrar localizam a génese desse objecto em termos de " relógio social e desenvolvimento biológico ", para empregarmos os termos de Nuttin (1). 43,9% dos sujeitos que têm intenção de emigrar localizam a sua génese antes dos 13 anos (E0, E1), e 20,6% a partir dos 13 anos. Alguns adolescentes referem ter intenção de emigrar desde os primórdios da sua existência (4,3%): " tenho intenção de emigrar desde que nasci "; " desde sempre ". A resposta modal, dentre as respostas em termos de " relógio social e desenvolvimento biológico ", é " desde pequeno " (18,4% dos que têm intenção de emigrar). A entrada no ciclo preparatório ou o começo da adolescência também servem de tela onde os sujeitos fixam a génese dessa localização: " desde que comecei os estudos no ciclo "; " desde que vim para Macedo "; " desde que sou adolescente "; " desde que comecei a ser mulher ".

Cerca de um terço dos sujeitos não localiza tanto a génese da intenção de emigrar em termos de " relógio social e desenvolvimento biológico ", muito embora ele esteja subjacente, como faz referência a outros acontecimentos relacionados quer com a emigração quer com a tomada da " consciência de si " (2). Acontecimentos em relação com a emigração, como a partida para o estrangeiro de um familiar ou o próprio regresso de emigração do sujeito, podem contribuir para a emergência da intenção de emigrar: " tenho intenção de emigrar desde que os meus tios foram para França "; " desde que o meu irmão foi para França "; " não sei propriamente, mas desde pequena, devido a ter estado no estrangeiro "; " tenho intenção de emigrar desde que saí do estrangeiro e vim para Portugal ". Frequentemente os jovens situam a origem da intenção de emigrar em relação com a " consciência de si ": " tenho intenção de emigrar desde que comecei a compreender certos males que existem em Portugal "; " desde que percebi que Portugal é muito atrasado em relação aos outros países "; " desde que vi que em Portugal a vida está muito mal "; desde que tomei conhecimento da cultura e da dificuldade em arranjar dinheiro "; " desde que comecei a reflectir um pouco sobre a vida "; " desde que comecei a compreender as coisas "; " desde que me apercebi dos problemas da humanidade "; desde que comecei a pensar no futuro ".

A análise desta questão aberta filtra o carácter difícil e delicado da localização subjectiva dos objectos intencionais no tempo, pois as respostas são formuladas em diversas unidades.

(1) " Na vida de cada um há acontecimentos - chave que funcionam como algarismos no mostrador de um relógio pessoal e social, ao lado dos relógios físico e biológico que, todos, assistem-nos na localização temporal relativa dos acontecimentos. O conjunto destes pontos de referência estabelece-se como uma tela onde se desenhavam as experiências vividas e as projecções de futuro. É sobre esta tela, de origem sobretudo social, que o indivíduo fixa por vezes uma localização mais pessoal dum acontecimento que projecta para a frente ou para trás do esquema convencional " (Nuttin, 1980 b, p. 18).

(2) " Assim, pois, a consciência de si no adolescente apresenta-se num duplo plano. A consciência de si em presença do próximo, e a consciência de si em presença de si próprio, no mais profundo do seu ser, ao mesmo tempo actor e espectador " (Origlia, Quillon, 1974, p. 82).

Os " objectos motivacionais " mencionados em primeiro lugar pelos que têm intenção de emigrar são por ordem decrescente: o trabalho, o salário, os estudos; em segundo lugar, também por ordem decrescente, aparece o conhecimento de um país novo, os salários e as possibilidades de sucesso limitadas em Portugal; em terceiro lugar o conhecimento de um país novo, os salários e a procura da aventura (figura 1).

Comparando globalmente as motivações atribuídas à emigração portuguesa com as motivações que estão na origem da intenção de emigrar, verifica-se uma diminuição das motivações sócio-económicas e um nítido aumento das motivações cognitivas e de exploração.

Se mais de metade da amostra considera a principal causa da emigração portuguesa a falta de trabalho, menos de um terço dos que têm a intenção de emigrar consideram-na como motivação principal desse olhar intencional.

Se o conhecimento de um país novo, a procura da aventura e de pessoas com mentalidade diferente, o prosseguimento de estudos são motivações da emigração portuguesa muito pouco evocadas, já não acontece o mesmo quando o sujeito justifica a sua própria perspectiva de futuro. Neste caso, por exemplo, se tomarmos as três primeiras motivações evocadas pelos jovens, o conhecimento de um país assume tanta importância como a insuficiência do salário ou a procura de trabalho. Verifica-se, pois, que no caso da antecipação cognitiva do futuro papel de emigrante nos jovens, as motivações sócio-económicas já não estão omnipresentes, mas as motivações cognitivas e de exploração conseguem ombreá-las.

A ausência da intenção de emigrar é justificada de modos variegados, os mais frequentes sendo a dificuldade em desvincular-se e a evocação da não necessidade de partir. Por vezes estas duas motivações imbricam-se: " não tenho intenção de emigrar, em primeiro lugar porque abandonaria a família e em segundo lugar vivo aqui em Portugal e não tenho dificuldades financeiras "; " porque geralmente as pessoas que emigram é por falta de condições económicas e eu espero arranjar emprego que me dê condições para continuar a vida cá e também porque não quero estar longe dos familiares e amigos ".

A justificação mais frequentemente evocada é a dificuldade em desvincular-se dos grupos originários: " não tenho intenção de emigrar porque não gosto de me separar da família, dos irmãos, dos pais e filhos "; " porque ficava longe das pessoas mais queridas "; " gosto de Portugal e da minha terra natal, por isso não a quero deixar "; " porque este país apesar de ser uma porcaria é o meu "; " porque sendo Português gosto de estar na minha terra "; " porque esta é a minha pátria e só sairia dela por motivos muito fortes que por agora não existem "; " porque gosto muito do meu país e não gostaria de deixar a família "; porque sou muito agarrado à pátria e à família "; " porque gosto dos meus pais e gosto de sentir que nasci, vivo e viverei e também que morrerei na minha terra ".

Também se menciona muito frequentemente a opinião de não ter necessidade de

FIGURA 1 - MOTIVAÇÕES DO PROJECTO MIGRATORIO

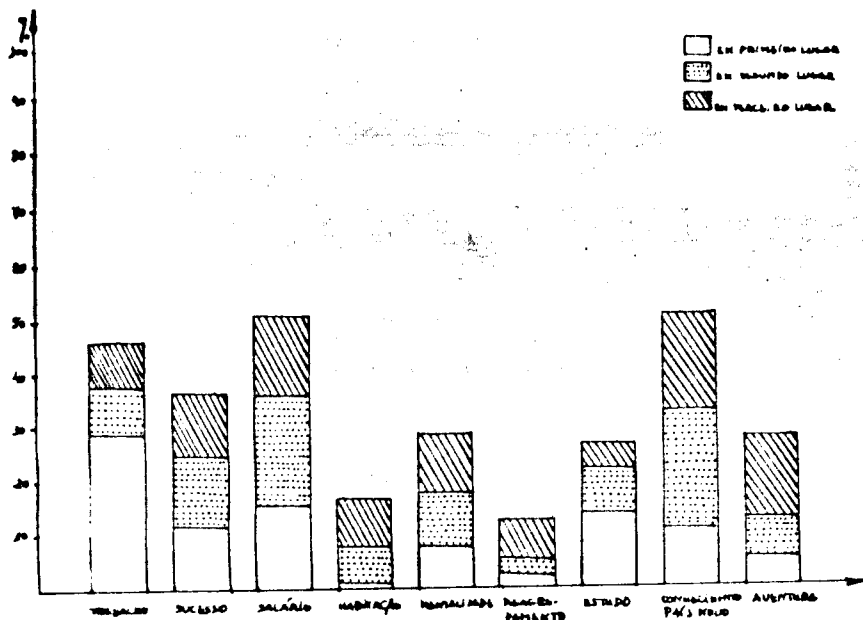
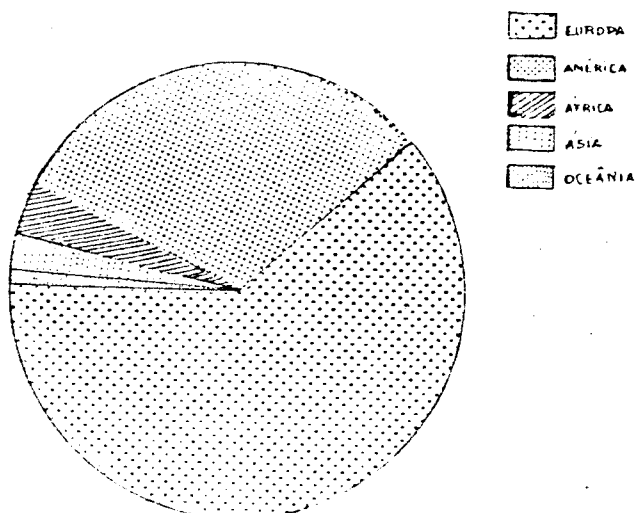


FIGURA 2 - CONTINENTE ONDE SE SITUA O PAÍS DE DESTINO  
ENCARADO PELOS SUJEITOS QUE TÊM INTENÇÃO DE EMIGRAR



emigrar: " porque acho que não vou ter necessidade de emigrar e podendo estar cá não vou andar às voltas "; " porque sou suficientemente capaz de subir na vida em Portugal "; " se tivesse intenção de emigrar é porque tinha dificuldades em todos os aspectos "; " todo aquele que emigra é porque não está bem na sua terra natal "; " acho que se um dia tiver que o fazer é por necessidade, o que espero que não "; " acho que Portugal chega bem para as minhas aspirações ".

Certos avançam julgamentos avaliativos negativos em relação à emigração. A emigração implica para eles a fuga da resolução dos problemas " in situ ": " porque acho que é fugir, virar as costas a uma vida é cobardia, as pessoas devem lutar, só assim é que se pode progredir. Virando as costas é a maneira mais fácil de não encarar as responsabilidades e assim não se pode ir longe, não lutando não encarando aquilo que é difícil "; "acho que para um país evoluir não é emigrando, mas sim esforçar-se para que o seu país evolua "; " acho que se fosse emigrante era cobarde "; " sou deste país e tenho que combater as dificuldades que se têm cá "; " acho que o meu país está pouco desenvolvido e nós os adultos de amanhã temos de fazer com que ele seja melhor e não é emigrando que se resolve o problema "; " acho que Portugal precisa de pessoas que o ajudem a desenvolver e acho que emigrando não é a solução mais própria ".

Outros realçam as dificuldades administrativas e de adaptação levantadas pela emigração: " não tenho intenção de emigrar porque é sempre um risco, além disso há países que não permitem a emigração "; " porque cá em Portugal a vida já está mais ou menos boa e agora para emigrar já há muita chatice, não é tão fácil emigrar "; " acho que teria dificuldades em adaptar-me ao país para onde iria "; " já estou acostumada em Portugal e era capaz de não me adaptar aos métodos de trabalho no estrangeiro e também porque seria difícil conhecer pessoas "; " acho que não se deve viver bem fora de Portugal, é um grande esforço, trabalha-se muito e está-se distante da família "; " acho que ia encontrar e ter de me habituar a um mundo diferente de mim "; " os emigrantes são mal recebidos e são como que escravizados "; " os trabalhos não são muito cómodos "; " sempre pensei na vida dos emigrantes como a vida da miséria e das privações "; " gostaria de visitar outros países, mas não de emigrar, pois dá a ideia de inadaptação ".

Defesa contra a emergência de afectos suscitados pela emigração, como a tristeza e as saudades que emergem no esquema figurativo visto mais acima, são também utilizados para justificar a ausência da intenção de emigrar: " acho que emigrar é triste "; " é triste estar longe das pessoas que nos são queridas "; " se emigrasse sentiria muitas saudades da minha família, da terra natal ".

A experiência migratória própria ou dos pais também pode servir para justificar essa ausência de intenção: " já emigrei e não gostei "; " já fui filho de emigrante e já sei o que é "; " os meus pais são emigrantes e como eu vivo separado deles não quero que a vida para os meus filhos seja tão dura ".

É evocada episodicamente a criança na proibição paterna: " os meus pais é rara a vez que me deixam sair sem eles e por isso não me deixariam emigrar ".

Na justificação da ausência de intenção de emigrar aparecem , pois, todos os elementos do esquema figurativo da emigração coerentemente dispostos: a saída emerge aureolada de dificuldades múltiplas; há uma ausência de motivações para emigrar, pois os sujeitos não se sentem impregnados pela necessidade; há uma protecção contra afectos que a emigração do sujeito pode suscitar.

Quais os países de destino perspectivados pelos que têm intenção de emigrar?

São mencionados vinte e um países<sup>(1)</sup> espalhados pelos cinco continentes (figura 2). Pouco menos de 2/3 dos sujeitos ancoram o seu olhar intencional na Europa. Por ordem decrescente menciona-se a França, a Inglaterra, a Alemanha, a Suíça, a Suécia, a Bélgica, a Holanda, a Espanha, a Rússia e a Grécia. Pouco menos de 1/3 estão voltados para a América. Sobressai aqui a impotência da América do Norte e dos Estados Unidos, em particular. Na América do Sul é feita referência à Venezuela e ao Brasil. Verifica-se que um dos principais países de destino da emigração portuguesa - o Brasil - faz muito pouco parte do campo das perspectivas migratórias de futuro dos adolescentes. As referências a países de África, Ásia ou Oceânia são episódicas.

Embora na escolha de um país de destino apareçam motivações que constituem um cenário comum a todos eles, individualizam-se no entanto pela acentuação de certas motivações.

Se a França se tornou o principal pólo centrípeto da emigração portuguesa nos anos 60, isso deve-se não só a causas endógenas e exógenas que se situam ao nível das nações e sobretudo das regiões (Neto, 1980, p. 31), mas também a causas mediadoras. Destas, o fenómeno de rede grupal ocupa um lugar de destaque nos nossos jovens informadores. O grupo pode ser o detonador da manifestação do estado latente de insatisfação e de tensão ao nível individual: " tenho intenção de emigrar para França porque conheço pessoas amigas e da família que me ajudariam muito"; " por ter lá parentes "; " porque tenho lá os meus pais e é um país com muitas possibilidades "; " porque os meus pais também foram para lá "; " porque é o país

(1) Piaget e Neil (1951) encaram o desenvolvimento da noção da ideia da pátria em dois planos: a descoberta que a criança faz pouco a pouco de pertencer a um país determinado supõe uma elaboração intelectual e uma construção afectiva paralela:

- intelectual - a criança pode representar espacialmente, por exemplo, o cantão de Vaud no interior da Suíça, aos 7-8 anos, sem compreender ainda a inclusão lógica. Terá dificuldade em admitir então que é suíça e " vaudois " ao mesmo tempo. Desde os 10-11 anos, esta inclusão é totalmente compreendida.
- afectiva - aos 7 anos a criança começa por exprimir um apego estável ao seu país, com motivos familiares ( e já não dependendo do humor do momento). Desde 10-11 anos, o apego à pátria é motivado por valores colectivos que ultrapassam a família (" gosto da Suíça porque é neutra, não faz a guerra ", por exemplo).

Como acentua Munoz (1973) a elaboração das imagens dos outros povos implica longas e custosas caminhadas para a criança. Não são a resultante da acumulação de informações que lhes vêm dos agentes de socialização, como muitas vezes se tem tendência a crer, mas são a resultante de factores conjugados como a maturação intelectual e afectiva que se realiza pela passagem de um tipo de estrutura a outra, passagem do egocentrismo à reciprocidade, do sincretismo à reversibilidade, da heteronomia à autonomia, no decorrer do processo de socialização.

onde tenho a família em grande número "; porque tenho lá amigos e gostaria de estar junto deles "; " rapazes que trabalhavam com o meu pai foram para lá e agora estão bem na vida "; " por ter muitos Portugueses "; " por ser o país dos emigrantes ".

A emigração, como todo o fenómeno colectivo, propaga-se por contágio. A emigração produz emigração. O carácter doloroso em que se inscreve uma ruptura individual é compensado, de certo modo, pelo carácter de normalidade que envolve a partida.

A França também é escolhida pela atitude positiva em relação à emigração portuguesa: " tenho intenção de emigrar para França porque é um país que recebe bem os Portugueses e tem boas condições de trabalho ".

Por conseguinte, a escolha da França, primeiro país de destino nas perspectivas migratórias de futuro dos jovens é justificada essencialmente por duas séries de razões: o fenómeno de rede grupal e a atitude positiva da França em relação à emigração. Um jovem resume-o ao afirmar: " escolho este país porque é para onde se emigra mais e talvez o que oferece mais condições ".

A escolha dos Estados Unidos, segundo país de destino através do olhar intencional dos jovens, é justificada essencialmente pelo desenvolvimento e cultura: " o que me leva a escolher esse país para emigrar é o desenvolvimento que tem "; " é um país superdesenvolvido e ganha-se mais dinheiro "; " porque é um país adiantado e culto "; " porque é um país com maior desenvolvimento, maior cultura e maior oportunidade "; " porque é um país com grandes universidades e escolas, onde os jovens podem praticar vários desportos e têm uma vida livre e feliz "; " porque têm uma técnica muito avançada e se for para lá tiro um curso técnico "; " porque gostava de ser cientista ".

A Inglaterra, terceiro país de destino nas perspectivas de futuro dos jovens, individualiza-se pela atracção exercida pela língua sobretudo e pelo contacto com outras mentalidades: " escolho a Inglaterra porque gostava de aprender a falar a língua inglesa "; " por ser um país que tem uma das línguas que gosto "; " porque é um país que sempre desejei conhecer e porque acho que as pessoas têm uma melhor mentalidade e porque é um país bastante livre "; " para encontrar mentalidades diferentes, para ficar ao par da evolução da humanidade ".

Quanto à Alemanha, quarto país na hierarquia intencional dos sujeitos, a sua escolha é justificada pelo fenómeno de rede grupal e pelo desenvolvimento. Encontramos assim sintetizadas no caso da Alemanha as motivações que mais individualizam a França e os Estados Unidos: " tenho intenção de emigrar para a Alemanha porque tenho lá amigos e família "; " porque o meu pai já lá trabalhou "; " porque é um país com muitos emigrantes portugueses "; " porque é um país muito desenvolvido na indústria, no comércio, etc "; " porque é um país desenvolvido e por isso há pouca mão-de-obra ".

As motivações da escolha de intentionar emigrar para os Estados Unidos e para a Inglaterra que mais se individualizam nos adolescentes são semelhantes às da imagem desses povos nas crianças francesas estudadas por Munoz (1973). Assim as categorias mais frequentemente associadas aos Americanos pelas crianças francesas são o modernismo e o desenvolvimento técnico. As categorias mais frequentemente associadas aos Ingleses são a língua, os traços de carácter e os costumes. Já diferem no caso da França que se trata de autoestereotipia e da Alemanha. As categorias mais frequentemente associadas aos Franceses são os traços de personalidade e aos Alemães a guerra e símbolos da guerra o que se compreende por razões históricas. O contexto histórico da emigração portuguesa a partir dos anos 60 ajuda-nos também a compreender as motivações invocadas a propósito do fenómeno de rede grupal para França e para a Alemanha.

A motivação de escolha do país preferido por crianças francesas mais frequentemente mencionada é a topografia. No nosso caso em que a questão é um pouco diferente, pois trata-se da motivação do país para onde o jovem tem intenção de emigrar, as respostas em termos topográficos são muito raras e quando aparecem estão geralmente associadas a outras motivações. Por exemplo, a propósito da Suíça, diz-nos uma jovem: "tenho intenção de emigrar para a Suíça porque tenho lá a minha irmã e também gostava de conhecer as montanhas de neve". Ou ainda um outro jovem que pensa emigrar para a Alemanha: "porque o meu pai esteve lá e acho que é um país bonito".

Localizada no tempo a génese das perspectivas migratórias de futuro e espacialmente, também interrogamos os nossos informadores sobre a forma como encaram a sua virtual emigração: temporária ou definitiva?

Há um forte consenso entre os que consideram a emigração como objecto intencional próprio em perspectivá-la como temporária. 88% desses jovens pensam passar no estrangeiro alguns anos e 12% toda a vida.

Há também um fortíssimo consenso na crença de que a intenção de emigrar poder-se-á concretizar. 89% crêem que terão possibilidades de realizar essa sua intenção.

A crença na possibilidade de realização futura dessa intenção é justificada sobretudo pelo fenómeno de rede grupal: "a intenção de emigrar pode-se realizar porque tenho os meus pais emigrantes"; "porque tenho lá a família e já me chamaram"; "porque se eu quiser ir para a Alemanha o meu pai manda-me os papéis";

" porque tenho bastante família e não me está sendo difícil julgar-me lá ".

Também são muito frequentes as referências ao poder que a vontade tem de transformar a intenção em realidade: " a intenção de emigrar pode realizar-se porque querer é poder "; " porque tenho bastante força de vontade "; " porque uma pessoa que tenha vontade de possuir qualquer coisa consegue "; " eu acho que sim o que vale é a força de vontade "; " porque é um desejo que quero realizar assim que tiver a maior idade ".

Bem menos frequente é a referência a uma realização condicionada, na expectativa: " se não tiver trabalho em Portugal tenho de emigrar "; " o meu pai esteve lá fora e esteve outra vez resolvido a ir e talvez um dia resolva mesmo "; " como os estudos vão sendo feitos e com o decorrer dos anos talvez algum dia possa realizar o meu desejo ".

Certas referências ainda mais idiossincrásicas mencionam traços de personalidade como o optimismo, a ambição, ou já os preparativos: " porque ando a juntar dinheiro para emigrar ".

Os que são de opinião que a intenção de emigrar é difícil de se concretizar justificam-no sobretudo pela inserção na família, também pela ausência de laços familiares ou amicais com pessoas emigradas e pela falta de posses: " a intenção de emigrar será difícil de se concretizar porque tenho cá a família e sinto-me bem com os meus pais "; " porque os meus pais não me deixam "; " por não ter ninguém conhecido lá "; " por não ter possibilidades, pois as viagens são muito caras ".

Vistos alguns elementos do conteúdo do projecto migratório nos jovens, ocupar-nos-emos, seguidamente, do exame das relações entre a intenção de emigrar e dados demo-sociológicos, de personalidade e de representação.



## 11.2/ Dados demo-sociológicos

Quando abordamos um dos elementos constitutivos da representação social, a atitude, já vimos como os efeitos das variáveis de estratificação - o meio, o sexo e o nível sociocultural - sobre a intenção de migrar, são globalmente significativos. Os rurais, os rapazes e os jovens oriundos do nível sociocultural baixo manifestam mais a intenção de migrar. Dos 240 adolescentes provenientes do meio rural, 149 têm intenção de migrar; entre 240 rapazes, 129 têm intenção de migrar; dos 240 jovens cujo meio familiar pertence ao nível sociocultural baixo, 131 têm na sua perspectiva de futuro a migração. Nos três casos o efeito esperado, sendo de 112, é ultrapassado.

Tentaremos agora abordar outras características da população (idade, religião, residência com os pais, lugar na fratria) e da família (percepção da situação socioeconómica da família (1), idade do pai, idade da mãe, estado civil dos pais, tipo de relações entre os pais (1), número de filhos), bem como o contacto do sujeito com a migração através de família, de amigos e de vizinhos ainda inseridos no processo migratório ou já regressados definitivamente.

Veremos num primeiro tempo os efeitos das variáveis demo-sociológicas sobre a intenção de migrar e num segundo tempo o modo como se estruturam essas variáveis.

### 11.2.1/ Estudo dos efeitos principais

#### A/ Características da população

##### a/ Efeito da idade

O quadro nº 1 apresenta a distribuição das idades segundo a intenção de migrar. Globalmente o efeito da idade é significativo ( $\chi^2 = 10,38$ ,  $p = 0,0056$ ). 60,8% dos jovens que têm intenção de migrar têm mais de 14 anos e só 39,2% dos que manifestam essa intenção comportamental têm 13 e 14 anos.

##### b/ Efeito da posição perante a religião

O quadro nº 2 mostra a distribuição da posição perante a religião segundo a intenção de migrar. Globalmente o efeito da posição perante a religião é significativo ( $\chi^2 = 17,87$ ,  $p = 0,0065$ ). Assim 60,4% dos adolescentes que têm como perspectiva de futuro a migração declaram-se católicos praticantes e 33,5% católicos não praticantes.

---

(1) É de notar que se trata de duas variáveis psicosociológicas e não tanto demo-sociológicas. Apesar disso optámos por inseri-las aqui para caracterizar o meio familiar.

Quadro 1 Efeito da idade sobre a intenção de migrar

Tem intenção de migrar	13-14 anos		15-17 anos		Total
	N.	%	N.	%	
Tem intenção de migrar	89	39,2	138	60,8	227
Não tem intenção de migrar	130	52,0	120	48,0	250
Sem resposta	-	-	3	-	3
Total	219	45,6	261	54,4	480

$\chi^2 = 10,38, p=0,0056$

Quadro 2 Efeito da posição perante a religião sobre a intenção de migrar

Tem intenção de migrar	Católico praticante		Católico não praticante		Outra posição		Total
	N.	%	N.	%	N.	%	
Tem intenção de migrar	137	60,4	76	33,5	11	4,8	227
Não tem intenção de migrar	107	42,8	129	51,6	13	5,2	250
Sem resposta	2	-	1	-	-	-	3
Total	246	51,3	206	42,9	24	5,0	480

$\chi^2=17,87, p=0,0065$

Quadro 3 Efeito da residência com os pais sobre a intenção de migrar

Tem intenção de migrar	Vive com os pais		Não vive com os pais		Total
	N.	%	N.	%	
Tem intenção de migrar	180	79,3	41	18,1	227
Não tem intenção de migrar	213	85,2	32	12,8	250
Sem resposta	2	-	1	-	3
Total	395	82,5	74	15,4	480

$\chi^2=3,64, p=0,4565$

Quadro 4 Efeito da posição na fratria sobre a intenção de migrar

Tem intenção de migrar	Filho único		Mais velho		Outras posições		Total
	N.	%	N.	%	N.	%	
Tem intenção de migrar	17	7,5	60	26,4	129	56,8	227
Não tem intenção de migrar	33	13,2	91	36,4	119	47,6	250
Sem resposta	-	-	-	-	2	-	3
Total	50	10,4	151	31,5	250	52,1	480

$\chi^2=22,73, p=0,0009$

c/ Efeito da residência com os pais

O quadro nº 3 patenteia a distribuição da residência do jovem com os seus pais segundo a intenção de migrar. O efeito da residência com os pais sobre a intenção de migrar não é significativo ( $\chi^2 = 3,64$ ,  $p = 0,4565$ ). O projecto migratório está, pois, tão presente nos adolescentes que habitam com os pais como nos que não habitam o lar familiar.

d/ Efeito do lugar na fratria

O quadro nº 4 mostra a distribuição do lugar ocupado na fratria segundo a intenção de migrar. Globalmente, o efeito do lugar ocupado na fratria sobre a intenção de migrar é significativo ( $\chi^2 = 22,73$ ,  $p = 0,0009$ ). A intenção de migrar é mais evocada pelos adolescentes situados numa posição intermédia na fratria ou pelos benjamins que pelos filhos únicos ou os mais velhos.

B/ Características da família

a/ Efeito da percepção da situação socioeconómica da família

O quadro nº 5 indica a percepção da situação socioeconómica da família segundo a intenção de migrar. Globalmente, o efeito da percepção da situação socioeconómica da família sobre a intenção de migrar é significativo ( $\chi^2 = 33,06$ ,  $p = 0,0001$ ). A intenção de migrar manifesta-se mais, não só nos jovens que têm uma percepção da situação socioeconómica da família com dificuldades, mas também nos que a consideram muito boa. É nos que percebem a situação socioeconómica da sua família como "boa" que menos se manifesta essa intenção comportamental.

b/ Efeito da idade do pai

Globalmente, o efeito da idade do pai sobre a intenção de migrar não é significativo ( $\chi^2 = 10,40$ ,  $p = 0,1087$ ), muito embora se verifique a tendência de que quanto mais velhos são os pais mais se manifesta a intenção de migrar.

c/ Efeito da idade da mãe

O quadro nº 6 apresenta as distribuições da idade da mãe segundo a intenção de migrar. Globalmente, o efeito da idade da mãe sobre a intenção de migrar é significativo ( $\chi^2 = 13,55$ ,  $p = 0,0377$ ). É sobretudo nos dois extremos da distribuição das idades que o efeito é mais notório. Assim, 35,7% dos que têm a intenção de migrar têm as mães com uma idade que oscila entre os 30 e 40 anos, estando neste caso 45,6% dos que não têm essa intenção. Para os que têm as mães mais idosas verifica-se o inverso: 15,4% dos que têm intenção de migrar contra 7,2% dos que a não têm, pertencem a famílias cujas mães têm mais de 50 anos.

Quadro 5 Efeito da percepção da situação socioeconômica da família sobre a intenção de migrar

	Muito boa	Boa	Má	Muito má	Sem resposta	Total
Tem intenção de migrar	N. 18 % 7,9	105 46,3	85 37,4	9 4,0	10 4,4	227 100,0
Não tem intenção de migrar	N. 13 % 5,2	155 62,0	74 29,6	2 0,8	6 2,4	250 100,0
Sem resposta	N. 2	-	1	-	-	3
Total	N. 33 % 6,9	260 54,2	160 33,3	11 2,3	16 3,3	480 100,0

$\chi^2=33,06$ ,  $p=0,0001$

Quadro 6 Efeito da idade da mãe sobre a intenção de migrar

	30-40 anos	41-50 anos	Mais de 50 anos	Sem resposta	Total
Tem intenção de migrar	N. 81 % 35,7	97 42,7	35 15,4	14 6,2	227 100,0
Não tem intenção de migrar	N. 114 % 45,6	105 42,0	18 7,2	13 5,2	250 100,0
Sem resposta	N. -	2	1	-	3
Total	N. 195 % 40,6	204 42,5	54 11,3	27 5,6	480 100,0

$\chi^2=13,55$ ,  $p=0,0200$

Quadro 7 Efeito da fratria sobre a intenção de migrar

	0 a 2 irmãos	Mais de 2 irmãos	Sem resposta	Total
Tem intenção de migrar	N 150 % 66,1	67 29,5	10 4,4	227 100,0
Não tem intenção de migrar	N 192 % 76,8	55 22,0	3 1,2	250 100,0
Sem resposta	N 1	2	-	3
Total	N 343 % 71,5	124 25,8	13 2,7	480 100,0

$\chi^2=11,67$ ,  $p=0,0200$

#### d/ Efeito do estado civil dos pais

Globalmente, o efeito do estado civil dos pais sobre a intenção de migrar não é significativo ( $\chi^2 = 2,76$ ,  $p = 0,8383$ ). Os jovens evocam, pois, igualmente, a intenção de migrar quer os pais se encontrem na situação de casados quer na de separados ou de viúvos.

#### e/ Efeito da percepção da relação entre os pais

Globalmente, o efeito da percepção das relações entre os pais sobre a intenção de migrar também não é significativo ( $\chi^2 = 0,97$ ,  $p = 0,9865$ ). Qualquer que seja, por conseguinte, a percepção das relações entre os pais - boas, nem boas nem más, más - o adolescente evoca a intenção de migrar.

#### f/ Efeito da fratria

O quadro n° 7 apresenta a distribuição do tamanho da fratria correspondente à intenção de migrar. Globalmente, o efeito do tamanho da fratria sobre a intenção de migrar é significativo ( $\chi^2 = 11,67$ ,  $p = 0,0200$ ). Se considerarmos, no actual contexto demográfico, como numerosas, as famílias com mais de três filhos verifica-se que é proporcionalmente nestas famílias que mais emerge a intenção de migrar.

#### c/ Migração

##### a/ Efeito da migração de família, de amigos e de vizinhos

Globalmente o efeito de ter os próprios pais migrantes sobre a intenção de migrar é significativo ( $\chi^2 = 18,73$ ,  $p = 0,0009$ ). Assim 11,9% dos adolescentes em cuja perspectiva de futuro está a migração têm pelo menos um dos pais que actualmente é migrante; só 2,4% dos que têm pais migrantes não têm intenção de migrar.

O efeito de ter pelo menos algum irmão migrante sobre a intenção de migrar também é significativo ( $\chi^2 = 19,10$ ,  $p = 0,0007$ ). 11,9% dos adolescentes que têm intenção de migrar possuem um irmão migrante; só 2,8% dos que têm um irmão actualmente migrante não têm intenção de migrar.

O efeito de ter tios migrantes sobre a intenção de migrar é igualmente significativo ( $\chi^2 = 14,78$ ,  $p = 0,0052$ ). Verifica-se que 58,1% dos jovens que têm intenção de migrar têm tios migrantes; 42,8% dos que têm tios migrantes não têm essa intenção comportamental.

O efeito de ter primos migrantes sobre a intenção de migrar é igualmente significativo ( $\chi^2 = 11,57$ ,  $p = 0,0208$ ). 56,8% dos sujeitos que manifestam a intenção de migrar têm primos migrantes; 43,6% dos que têm primos migrantes não têm essa intenção.

Os efeitos de ter amigos ( $\chi^2 = 18,69$ ,  $p = 0,0009$ ) ou vizinhos ( $\chi^2 = 12,52$ ,  $p = 0,0139$ ) sobre a intenção de migrar são também, pois, significativos. Mais de

metade dos jovens (52,9%) que têm no seu horizonte a migração têm amigos migrantes e só 34,0% dos que têm amigos migrantes não têm intenção de migrar. Pouco mais de um terço (34,8%) dos que manifestam a intenção de migrar têm vizinhos migrantes contra 21,2% dos que evocam essa intenção.

Em suma, a análise do efeito da inserção actual no processo migratório de pais, irmãos, tios, primos, amigos, vizinhos sobre a intenção de migrar apresenta em todos os casos diferenças significativas: essa intenção é mais manifesta nos jovens que possuem migrantes no seu meio envolvente.

#### b/ Efeito do regresso de migração de família, de amigos e de vizinhos

O efeito de ter os próprios pais regressados definitivamente da migração sobre a intenção de migrar é globalmente significativo ( $\chi^2 = 20,17$ ,  $p = 0,0005$ ). Assim, 10,1% dos adolescentes em cuja perspectiva de futuro está a migração têm pelo menos um dos pais que já regressou definitivamente; só 3,2% dos que têm pais já regressados não têm intenção de migrar.

O efeito de ter algum irmão já regressado de vez do estrangeiro sobre a intenção de migrar também é significativo ( $\chi^2 = 24,50$ ,  $p = 0,0001$ ).

O efeito de ter tios migrantes já regressados sobre a intenção de migrar é igualmente significativo ( $\chi^2 = 14,78$ ,  $p = 0,0052$ ). Verifica-se que 33,9% dos jovens que têm intenção de migrar têm tios regressados de migração; 23,2% dos que declaram ter tios já de regresso não têm intenção de migrar.

Também o efeito de ter primos regressados sobre a intenção de migrar é significativo ( $\chi^2 = 14,73$ ,  $p = 0,0053$ ): 25,6% dos sujeitos que manifestam a intenção de migrar têm primos regressados contra 16% dos que não têm intenção de partir.

Os efeitos de ter amigos já de regresso ( $\chi^2 = 19,22$ ,  $p = 0,0007$ ) ou vizinhos ( $\chi^2 = 22,14$ ,  $p = 0,0002$ ) sobre a intenção de migrar são também, pois, significativos. Um terço dos sujeitos (33,5%) que manifestam a intenção de migrar têm amigos regressados contra um quinto (20,4%) dos que não têm essa intenção. Igualmente perto de um terço (30,0%) dos que manifestam a intenção de migrar têm vizinhos regressados contra 14,4% dos que não evocam essa intenção.

Como na análise dos efeitos da migração de pais, irmãos, tios, primos, amigos, vizinhos, também os efeitos do regresso de migração sobre a intenção de migrar apresenta em todos os casos diferenças significativas: essa intenção é mais manifesta nos jovens em cujo meio envolvente está presente a migração de regresso.

Em suma, das vinte e cinco variáveis que acabamos de examinar só quatro não diferenciam os que têm intenção de migrar dos que não a têm: a residência com os pais, a idade do pai, o estado civil dos pais e o tipo de relações entre os pais. Todas as outras apresentam diferenças significativas.

Duchac emite a hipótese de que uma propensão migratória mais elevada nos Negros

Quadro 8 Contribuições na análise " variáveis demo-sociológicas "

[illegible][illegible]

que nos Brancos " explica-se pela frequência das situações de desorganização familiar, bem como por factores económicos" (Duchac, 1974, p. 390). Embora não tenhamos uma ideia completa do grau de desorganização familiar por meio dos nossos dados, contudo, algumas indicações são-nos fornecidas por três das quatro questões que globalmente não apresentam diferenças significativas: a residência com os pais, o estado civil dos pais e a percepção das relações entre os pais. O exame destas questões não nos permite a confirmação da hipótese levantada por Duchac.

## 11.2. 2/ Estruturação das variáveis demo-sociológicas

Para observarmos o modo como as diferentes variáveis demo-sociológicas se estruturam em relação com a intenção de migrar recorreremos à AFC. Para esta análise sobre um quadro disjuntivo foram utilizadas como variáveis principais para além do conjunto de variáveis demo-sociológicas a que nos referimos precedentemente, a existência da migração interna. Como elementos suplementares para além da intenção de migrar foram projectados os projectos de escolaridade e de profissão.

Como se pode ver no quadro 8 a intenção de migrar é essencialmente explicada pelo factor 1 ( $\lambda = 0,130$ ;  $\chi^2 = 9,7$ ), pelo que para o nosso propósito tem sobretudo interesse examinar este factor.

Trata-se de um factor que opera sobretudo a oposição entre o meio urbano e rural (quadro 9). Além desta oposição fundamental, opõem-se também a idade do pai, a migração de família, a migração de amigos e o regresso de migração da família. A descrição das variáveis com uma contribuição superior à média fica completa se juntarmos ao pólo positivo as modalidades regresso de migração de amigos, migração de vizinhos, famílias numerosas, idade da mãe superior a 50 anos. É neste pólo que se situa a intenção de migrar.

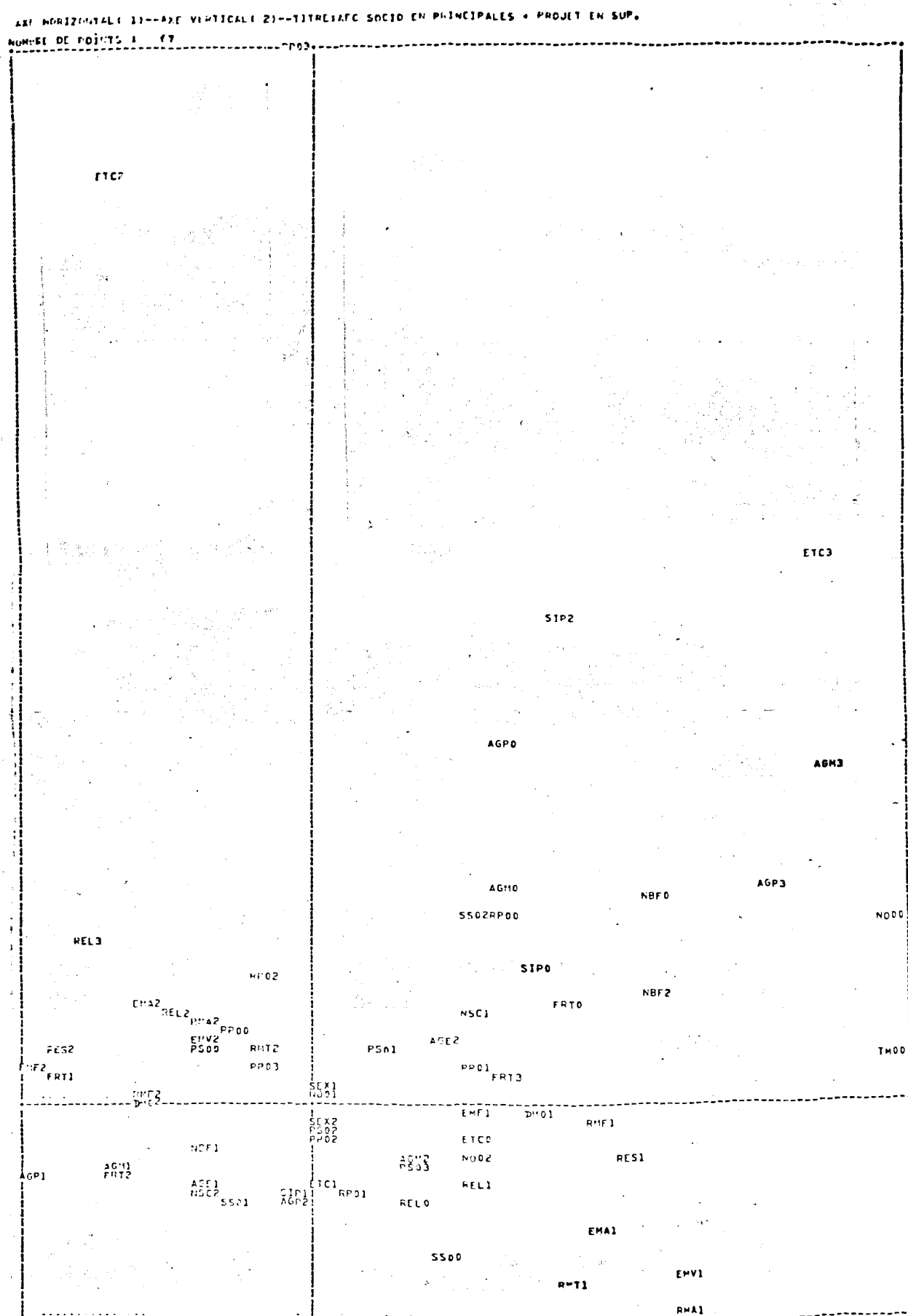
Quadro 9

Modalidades contribuindo para a significação do eixo 1 nas variáveis demo-sociológicas

Tema das questões	Modalidades e contribuições (em milésimo)	
	pólo negativo	pólo positivo
-Meio	urbano 67	rural 70
-Idade do pai	30-40 anos 35	mais de 50 anos 57
-Regresso de migração de amigos	-	sim 55
-Migração de vizinhos	-	sim 54
-Migração da família	não 50	sim 23
-Migração de amigos	não 35	sim 48
-Número de filhos na família	-	mais de três 46
-Idade da mãe	-	mais de 50 anos 45
-Regresso de migração da família	não 29	sim 44



Figura 3 Localização das variáveis demo-sociológicas no plano 1 - 2



No plano 1 - 2, figura 3, podemos ver como a intenção de migrar está associada a características da população cujas modalidades denotam a residência rural, a idade mais "avançada" (15-17 anos), católico praticante, posição intermediária na fratria ou benjamim. As características da família associadas a essa intenção comportamental são a pertença a um nível sociocultural baixo e a famílias numerosas. Todas as variáveis da migração se associam com a intenção de migrar: a passagem do adolescente pela migração interna, a migração e o regresso de migração de família, de amigos e de vizinhos. Muito perto da perspectiva de migrar encarada pelo sujeito projecta-se também o projecto de profissão situada no nível sócio-cultural médio.

Por seu lado, a ausência da perspectiva de migrar encontra-se associada a características da população que reflectem a residência urbana, a idade menos "avançada" (13-14 anos), católico não praticante ou outra posição perante a religião, filho único ou mais velho. As características da família associadas à ausência dessa intenção comportamental são a pertença ao nível sociocultural médio, a percepção de uma boa situação sócio-económica da família, os pais relativamente novos (30-40 anos) e família pouco numerosa. Se a ausência de migração interna não se encontra associada à ausência da migração como perspectiva de futuro para o jovem, já todas as restantes modalidades da "migração", como a ausência de migração ou de regresso de migração no seio da família, dos amigos ou dos vizinhos o estão. Na configuração da intenção de não migrar encontramos projectos de profissão e de escolaridade incertos.

Não podemos terminar o exame das relações entre o projecto migratório e as variáveis demo-sociológicas sem citar Halbwachs: "Assim os motivos dos homens e das suas tendências parecem-nos estar, na maioria dos casos, inteiramente relacionadas com as condições que ocupam na sociedade" (1955, p. 210). No caso concreto do objecto motivacional específico - a migração - não depende só de factores demo-sociológicos, como se verá. Todavia, o exame dos efeitos das variáveis demo-sociológicas sobre a intenção de emigrar, bem como a análise da sua estruturação confirmam a real importância dessas variáveis.

### 11.3/ Personalidade

Ainda recentemente Clapier-Valladon (1980, p. 542) levantava a questão seguinte: " Há disposições psicológicas para a migração? O seu sucesso está intimamente ligado às disposições da pessoa, ao seu carácter, ao seu temperamento? Seríamos levados a pensá-lo mas nenhuma investigação foi feita neste sentido". Propomo-nos aqui dar uma primeira resposta, mesmo se balbuciante, relativamente a essa questão.

Com o intuito de apreendermos se a intenção de migrar depende de factores de personalidade utilizamos o H S P Q que já foi apresentado.

Os questionários de Cattell sendo muito utilizados em diversos sectores da psicologia, Huteau (1983) recentemente interrogou-se se o H S P Q permite uma identificação satisfatória das dimensões postuladas pela teoria. A conclusão desta análise interna é a seguinte: " A homogeneidade entre os itens supostos pertencer a um mesmo traço sendo fraca pode-se considerar que se os traços existem o questionário não permite avaliá-los de um modo satisfatório. Esta conclusão negativa deve contudo ser matizada. O exame simultâneo, para cada escala, do coeficiente de homogeneidade, das correlações item-test e da sua dispersão, das correlações inter-itens e da sua dispersão, mostra que certas escalas ' resistem ' melhor que outras" (Huteau, 1983, p. 250). O alcance prático desta conclusão relativa aos factores primários é que a caracterização do sujeito pelos 13 factores de temperamento de Cattell não aparece justificada.

Para Cattell a análise dos factores do H S P Q conduz a dois factores de segunda ordem que saturam nove escalas. Um destes factores, assimilado à ansiedade, satura as escalas D (excitabilidade), Q4 (tensão érgica), O (tendência à culpabilidade), Q3- (mau controle do sentimento de si), C- (fraqueza do Eu), H- (timidez). O outro factor, assimilado à extroversão, satura as escalas A (ciclotimia), H (audácia), F (expansividade) e Q2- (incapacidade de ser auto-suficiente).

Huteau (1983) reencontra estes dois factores de segunda ordem, donde se pode concluir que se justifica a avaliação de um escore de ansiedade e de um escore de extroversão.

Tendo por base este estudo interno do H S P Q não utilizaremos este teste para ver as relações entre a intenção de migrar e os 13 factores de temperamento, mas os dois factores de segunda ordem e a escala B (inteligência). É evi-

dente que outros instrumentos psicológicos resolveram melhor o problema da avaliação da eficiência intelectual que a escala B. Os próprios autores do teste estavam conscientes disso: "o principal objecto da medida B no H S P Q não é de acrescentar informações sobre a personalidade, mas de completar a medida de factores importantes, para a maior parte das previsões escolares e clínicas, por uma breve medida de inteligência geral" (Cattell, Beloff, 1966, p. 30).

Efectuámos uma análise factorial das correspondências sobre as notas brutas, desdobradas cujos planos 1 - 2 estão representados na figura 4, com o objectivo de pôr em evidência uma estrutura no grupo das notas.

Encontrámos uma estrutura das notas que contribuem para o escore de ansiedade e para o escore de extroversão bastante semelhante ao de Huteau (cf. 1983, p. 253). O resumo das notas pode, pois, substituir todos os itens do H S P Q.

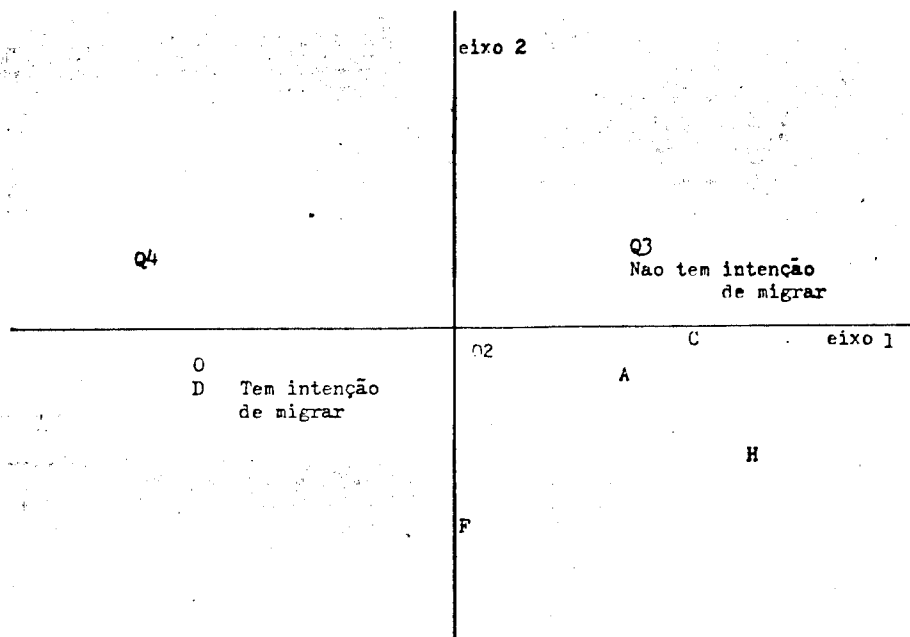
O primeiro eixo tem uma contribuição de 21,1% da inércia total. Neste eixo encontramos cinco escalas com uma contribuição superior à média: três no lado esquerdo Q4, D e O, duas no lado direito H e C. Estas cinco escalas pertencem ao factor de segunda ordem denominado por Cattell ansiedade. Só a escala Q3 desse factor não tem uma contribuição superior à média. Os nossos dados confirmam pois a existência do factor de segunda ordem, ansiedade, que no nosso caso é o primeiro factor posto em evidência pela AFC. As modalidades da variável "intenção de migrar" opõem-se neste primeiro eixo o que não acontece no segundo eixo de modo saliente. Podemos, pois, supor que a ansiedade vai distinguir os que têm intenção de migrar dos que a não têm, já não sucedendo o mesmo com a extroversão.

Efectivamente é o que nos confirmam os escores de ansiedade e de extroversão (quadros 10 e 11). Globalmente o efeito da ansiedade sobre a intenção de migrar é, marginalmente, significativo ( $t = 1,77$ ,  $p = 0,078$ ). Verifica-se a tendência que quanto maior é a ansiedade tanto mais manifesta é a intenção de migrar. Já o efeito da extroversão não é significativo ( $t = 0,77$ ,  $p = 0,441$ ). A extroversão está tanto presente nos que têm intenção de migrar como nos que não têm essa intenção comportamental.

Podemos perguntarmo-nos em que medida o escore de ansiedade, cujo efeito, calculado globalmente, é marginalmente significativo, está associado, em certas eventualidades das variáveis de estratificação - meio, sexo e nível sócio-cultural - à intenção de migrar (quadro 12).

Sob a eventualidade "rural" da variável meio o efeito da ansiedade não é significativo sobre a intenção de migrar ( $t = 0,44$ ,  $p = 0,658$ ). Sob a eventualidade "urbano" desta mesma variável meio o efeito da ansiedade já é significativo ( $t = 2,11$ ,  $p = 0,036$ ). São os adolescentes urbanos cujo escore médio de

Figura 4 Projeções nos dois primeiros eixos das notas do H S P Q



Quadro 10 Efeito do escore de ansiedade sobre a intenção de migrar

Escore de ansiedade	N	Média	Desvio - padrão
Tem intenção de migrar	227	43,8	9,4
Nao tem intenção de migrar	250	42,2	9,8

 $t = 1,77, p = 0,078$ 

Quadro 11 Efeito do escore de extroversão sobre a intenção de migrar

Escore de extroversão	N	Média	Desvio - padrão
Tem intenção de migrar	227	36,3	4,9
Nao tem intenção de migrar	250	36,0	4,9

 $t = 0,77, p = 0,441$

Quadro 12 Escore de ansiedade segundo a intenção de migrar  
e as variáveis de estratificação

Escore de ansiedade		N	Média	Desvio - padrão	
Rurais	Tem intenção de migrar	149	43,2	8,8	$t = 0,44, p = 0,658$
	Não tem intenção de migrar	88	42,7	9,6	
Urbanos	Tem intenção de migrar	78	45,0	10,6	$t = 2,11, p = 0,036$
	Não tem intenção de migrar	162	42,1	10,0	
Rapazes	Tem intenção de migrar	128	42,3	9,6	$t = 1,30, p = 0,193$
	Não tem intenção de migrar	109	40,6	9,7	
Raparigas	Tem intenção de migrar	99	45,8	9,1	$t = 1,86, p = 0,065$
	Não tem intenção de migrar	141	43,5	9,8	
N S C I	Tem intenção de migrar	131	44,3	9,1	$t = 1,51, p = 0,132$
	Não tem intenção de migrar	107	42,4	10,1	
N S C II	Tem intenção de migrar	96	43,3	9,9	$t = 0,82, p = 0,415$
	Não tem intenção de migrar	143	42,2	9,6	

Quadro 13 Escore de extroversão segundo a intenção de migrar e as variáveis de estratificação

Escore de extroversão		N	Média	Desvio - padrão	
Rurais	Tem intenção de migrar	149	36,1	5,1	$t = -0,34, p = 0,734$
	Não tem intenção de migrar	88	36,3	5,1	
Urbanos	Tem intenção de migrar	78	36,7	4,3	$t = 1,53, p = 0,128$
	Não tem intenção de migrar	162	35,8	4,3	
Rapazes	Tem intenção de migrar	128	36,6	5,1	$t = 0,60, p = 0,552$
	Não tem intenção de migrar	109	36,2	4,8	
Raparigas	Tem intenção de migrar	99	35,9	4,6	$t = 0,23, p = 0,818$
	Não tem intenção de migrar	141	35,7	4,9	
N S C I	Tem intenção de migrar	131	36,4	4,7	$t = 1,80, p = 0,074$
	Não tem intenção de migrar	107	35,2	5,0	
N S C II	Tem intenção de migrar	96	36,2	5,2	$t = -0,43, p = 0,670$
	Não tem intenção de migrar	143	36,5	4,8	

ansiedade é mais elevado que manifestam mais a intenção de migrar.

Sob a eventualidade " rapaz " da variável sexo o efeito da ansiedade não é significativo sobre a intenção de migrar ( $t = 1,30$ ,  $p = 0,193$ ), mas é marginalmente significativo sob a eventualidade " rapariga ". Observa-se a tendência a que as raparigas com um escore mais elevado manifestem mais a intenção de migrar.

Qualquer que seja a eventualidade do nível sociocultural o efeito da ansiedade sobre a intenção de migrar não é significativo.

Também nos interrogámos em que medida o escore de extroversão, cujo efeito, calculado globalmente não é significativo, não está associado, em certos casos, à intenção de migrar (quadro 13).

Em nenhuma das eventualidades do meio ou do sexo o efeito do escore de extroversão sobre a intenção de migrar é significativo.

Sob a eventualidade " baixa " do nível sociocultural de pertença o efeito do escore de extroversão sobre a intenção de migrar é marginalmente significativo ( $t = 1,80$ ,  $p = 0,074$ ). Verifica-se a tendência a que os adolescentes cujo escore médio de extroversão é mais alto ( e do nível sociocultural baixo) manifestem mais a intenção de migrar. Já sob a eventualidade " médio " do nível sociocultural o efeito do escore de extroversão não é significativo ( $t = -0,43$ ,  $p = 0,670$ ).

Vistas as relações entre os escores de ansiedade, de extroversão e a intenção de migrar, abordemos o efeito do desenvolvimento cognitivo sobre a intenção de migrar.

Globalmente, o efeito do desenvolvimento cognitivo sobre a intenção de migrar é muito significativo ( $t = -5,15$ ,  $p = 0,000$ ). Os jovens cuja migração está nas suas perspectivas de futuro obtêm um escore de desenvolvimento cognitivo menos elevado (quadro 14).

Sob a eventualidade " rural " da variável meio o efeito do escore de desenvolvimento cognitivo é significativo sobre a intenção de migrar ( $t = -3,45$ ,  $p = 0,001$ ) (quadro 15). Os jovens rurais com um escore médio mais baixo manifestam mais a intenção de migrar. Se considerarmos a eventualidade " urbano " o efeito do desenvolvimento cognitivo sobre a intenção de migrar não é significativo ( $t = -1,05$ ,  $p = 0,297$ ).

Sob a eventualidade " rapaz " o efeito do desenvolvimento cognitivo também não é significativo ( $t = -1,49$ ,  $p = 0,138$ ). Ao contrário, sob a eventualidade " rapariga " esse efeito é significativo ( $t = -5,79$ ,  $p = 0,000$ ). As raparigas cujo escore médio é mais baixo manifestam mais a intenção de migrar.

Sob a eventualidade " baixo " do nível sociocultural de pertença o efeito do desenvolvimento cognitivo sobre a intenção de migrar é significativo ( $t = -4,65$ ,  $p = 0,000$ ), o mesmo acontecendo relativamente à eventualidade " médio " da dita variável ( $t = -2,44$ ,  $p = 0,015$ ). Quer se trate de jovens do nível sociocultural de pertença " baixo " quer " médio ", em ambos os casos, são os que têm o esco-

Quadro 14 Efeito do desenvolvimento cognitivo sobre a intenção de migrar

Desenvolvimento cognitivo	N	Média	Desvio - padrão
Tem intenção de migrar	227	6,5	1,7
Não tem intenção de migrar	250	7,6	1,8

t = -5,15, p=0,000

Quadro 15 Desenvolvimento cognitivo segundo a intenção de migrar e as variáveis de estratificação

Desenvolvimento cognitivo		N	Média	Desvio - padrão	
Rurais	Tem intenção de migrar	149	6,0	1,6	t = -3,45, p=0,001
	Não tem intenção de migrar	88	6,8	1,7	
Urbanos	Tem intenção de migrar	78	7,3	1,8	t = -1,05, p=0,297
	Não tem intenção de migrar	162	7,5	1,8	
Rapazes	Tem intenção de migrar	128	6,6	1,8	t = -1,49, p=0,138
	Não tem intenção de migrar	109	6,9	1,9	
Raparigas	Tem intenção de migrar	99	6,3	1,6	t = -5,79, p=0,000
	Não tem intenção de migrar	141	7,6	1,7	
N S C I	Tem intenção de migrar	131	6,3	1,7	t = -4,65, p=0,000
	Não tem intenção de migrar	107	7,4	1,8	
N S C II	Tem intenção de migrar	96	6,7	1,8	t = -2,44, p=0,015
	Não tem intenção de migrar	143	7,2	1,8	

re médio de desenvolvimento cognitivo mais baixo que manifestam mais a intenção de emigrar.

O efeito do desenvolvimento cognitivo está pois sob a dependência do meio, do sexo e do nível sócio-cultural.

A intenção de emigrar aparece associada a um menor desenvolvimento cognitivo. O instrumento aqui utilizado fornece-nos uma medida breve da inteligência. Todavia, interrogar-nos-emos com um instrumento que parece resolver melhor o problema da avaliação da eficiência intelectual junto de pré-adolescentes para ver se se encontram idênticas relações.



## 11.4/ Representação

" Instrumento de troca ou sistema de interpretação, a representação social sub-repticiamente enraizada no meio social afirma-se como hábito, idiossincracia individual ou cultural " (Moscovici, 1976, p. 192). Este hábito poderá desencadear o projecto migratório?

Para abordar as relações entre o projecto de emigrar e as representações da emigração recorreremos não só ao teste do  $\chi^2$  como à análise factorial das correspondências. Na análise da representação da emigração quando efectuámos as análises factoriais parciais a intenção de emigrar foi projectada como elemento suplementar, à excepção do aspecto atitude onde a utilizámos como variável principal. Geralmente não dedicamos comentários específicos às modalidades desta variável o que nos propomos agora fazer. Quando falarmos de análise factorial a propósito das relações entre projecto de emigrar e representação da emigração, enviamos o leitor para o que já se disse a propósito das interpretações nos respectivos aspectos da representação bem como para os respectivos planos factoriais.

### • Intenção de emigrar e campo semântico da representação

Dos dezoito temas do campo semântico da representação, sete diferenciam os que têm intenção de emigrar dos que a não têm, menos do que os temas diferenciados pela residência, mas mais do que os diferenciados pelo sexo e pelo nível socio-cultural.

Na categoria trajectória o tema da " saída " diferencia os que têm intenção de emigrar dos que a não têm ( $\chi^2 = 23,21$ ,  $p = 0,0100$ ). São os que não têm intenção de emigrar que mencionam mais a " saída ".

Na categoria motivacional os temas " dinheiro " ( $\chi^2 = 14,77$ ,  $p = 0,0052$ ) e " melhores condições de vida " ( $\chi^2 = 19,51$ ,  $p = 0,0034$ ) apresentam diferenças significativas. Os que têm intenção de emigrar referem-se mais aos objectos motivacionais " dinheiro " e " melhores condições de vida ".

Na categoria afectiva apresentam diferenças significativas os temas dos efeitos positivos ( $\chi^2 = 56,11$ ,  $p = 0,0000$ ), os afectos negativos ( $\chi^2 = 17,07$ ,  $p = 0,0728$ ) e as saudades ( $\chi^2 = 12,22$ ,  $p = 0,0158$ ). Os jovens que têm intenção de emigrar mencionam mais os afectos positivos e os que não a têm referem-se mais aos afectos negativos e às saudades.

Finalmente a categoria diversos ( $\chi^2 = 43,44$ ,  $p = 0,0000$ ) é mais evocada pelos que têm um projecto migratório. Estes mencionam aqui mais as formas sazonal, temporária e definitiva da emigração.

Passando à análise factorial, a variável " intenção de emigrar " encontra melhor explicação por ordem decrescente nos eixos 2,3,4,1. Essa intenção situa-se mais nos pólos que denotam os julgamentos avaliativos, as motivações, a representação do emigrante e o distanciamento. Ao invés a ausência dessa intenção comportamental situa-se mais nos pólos que reflectem a valência afectiva, a reacção emocional, a saída e a implicação. Parece pois também poder dizer-se que como para os rurais e os rapazes os que têm um projecto migratório evocam mais os aspectos axio-cognitivos e socio-cognitivos e os que não o têm os aspectos afectivo-cognitivos.

A organização do esquema figurativo da emigração para os que têm a intenção de emigrar acentua os aspectos motivacionais, em particular o dinheiro, ao passo que os que a não têm, acentuam mais a tristeza e as saudades bem como a saída.

#### ° Intenção de emigrar e informação

A informação é um componente crucial. A existência de canais de comunicação são uma condição preliminar para emigrar. Como nota Böhning (1981) existiram muitas sociedades tradicionais com limitadas aspirações, onde virtualmente não havia comunicação com o meio exterior. Embora tais sociedades já não existam no presente, há provavelmente milhares de aldeias que não dispõem de informação sobre as oportunidades no estrangeiro. A mobilidade geográfica não é só causada pela existência de melhores oportunidades, pois elas têm de ser percebidas e avaliadas.

Metade das questões retidas neste aspecto apresentam diferenças significativas (9 das 18 questões), menos do que as questões diferenciadas pela residência, mas mais do que as diferenciadas pelo sexo e pelo nível sociocultural.

A intenção de emigrar está ligada a um mais frequente reconhecimento do emigrante pelo olhar ( $\chi^2 = 12,68$ ,  $p = 0,0129$ ). A maioria dos que pensam emigrar (57,3%) reconhecem o migrante pelo olhar o que não é o caso dos que não o desejam (43,6%).

A intenção de emigrar está também ligada a um melhor conhecimento da origem geográfica dos emigrantes ( $\chi^2 = 14,44$ ,  $p = 0,0409$ ). Assim só 7,9% dos que manifestam essa intenção comportamental pensam haver mais emigrantes do Alentejo do que do Norte, enquanto têm essa opinião 16,8% dos que não manifestam essa intenção.

O meio circundante constituído pelas pessoas conhecidas dos que têm um projecto migratório é percebido como falando mais a respeito de assuntos relacionados com a emigração ( $\chi^2 = 18,38$ ,  $p = 0,0008$ ). 48% dos que têm esse projecto declaram que as pessoas conhecidas falam muitas vezes de emigração e pouco menos de um terço dos que o não têm (31,2%) emitem esse julgamento.

Também a intenção de emigrar está mais ligada ao julgamento de estar melhor informado ( $\chi^2 = 27,75$ ,  $p = 0,0020$ ). 50,7% dos que têm essa intenção declaram estar bem informados contra 32,0% dos que não manifestam essa intenção.

Este sentimento dos que têm intenção de emigrar estarem melhor informados sobre emigração não tem subjacente tanto um conhecimento de tipo escolar, como de tipo interpessoal como emerge da análise do  $\chi^2$  e da A.F.C. Assim os que desejam emigrar conhecem globalmente mais emigrantes ainda inseridos no processo adaptativo ( $\chi^2 = 30,31$ ,  $p = 0,0000$ ) ou já regressados definitivamente ( $\chi^2 = 31,34$ ,  $p = 0,0000$ ).

A este maior conhecimento de emigrantes junta-se uma maior utilização da conversação com amigos ( $\chi^2 = 9,21$ ,  $p = 0,0450$ ) e sobretudo com os próprios emigrantes ( $\chi^2 = 28,70$ ,  $p = 0,0000$ ) como fonte de informação pelos que têm intenção de emigrar. A maior utilização desta fonte de comunicação transitiva, acompanha-se de uma menor utilização da comunicação direccionada veiculada pela televisão e a rádio pelos que têm o projecto migratório ( $\chi^2 = 8,89$ ,  $p = 0,0437$ ). Parece pois, ser mais determinante, na intenção de emigrar, a reciprocidade de trocas (conversação) que a não reciprocidade (televisão, rádio).

Na análise factorial das correspondências efectuada para o aspecto informação a intenção de emigrar está melhor explicada pelo factor 1 que denota um conhecimento interpessoal que pelo factor 2 que reflecte um conhecimento de tipo escolar.

A modalidade " intenção de emigrar " situa-se no quadrante inferior direito no plano determinado pelos eixos 1 x 2, ou seja, o que denota um conhecimento interpessoal, mas um desconhecimento escolar. Assim associada a esta modalidade encontramos respostas erradas sobre o começo histórico da emigração portuguesa e sobre o principal país de destino dos emigrantes portugueses na primeira metade deste século, o reconhecimento do emigrante pelo olhar, o julgamento de que em Portugal se fala muito de emigração, como o fazem também as pessoas conhecidas, o conhecimento de emigrantes ou de pessoas já regressadas de emigração, a opinião de estar bem informado, não utilizando contudo para tal a televisão e a rádio (cf. fig. 3, p. 373).

A modalidade " não intenção de emigrar " situa-se no quadrante superior esquerdo que denota um não conhecimento interpessoal e um certo conhecimento escolar. Associada a esta modalidade encontramos o não reconhecimento do emigrante pelo olhar, os julgamentos de que as pessoas conhecidas falam pouco de emigração e de que em Portugal se fala raramente, a opinião de estar mal informado apesar de ter como fonte de informação a televisão e a rádio, mas não se conversa com a família nem com os amigos sobre emigração.

Em suma, não é tanto um conhecimento da emigração de tipo escolar que está associado à intenção de emigrar como um conhecimento de tipo interpessoal. Escreve um jovem informador: " tenho intenção de emigrar desde que me dei ao conhecimento do que é a emigração ". Deve-se entender esta frase no contexto da informação que advém do relacionamento interpessoal.

Se, segundo Moscovici (1976, p. 193), o conhecimento da psicanálise não determina a opinião sobre um eventual recurso à terapêutica analítica, também encontramos o mesmo a propósito do conhecimento de tipo escolar acerca da emigração. Este tipo de conhecimento não determina o projecto migratório. Já não encontramos o mesmo a propósito do conhecimento interpessoal que determina o projecto migratório. Este último resultado confirma-nos a intuição de Nuttin. Segundo este autor a localiza-

ção de um objecto na dimensão futura advém de uma informação abundante da observação social dos semelhantes (Nuttin, 1980 p. p. 18).

#### • Intenção de emigrar e atitude

A intenção de emigrar foi utilizada para avaliar a atitude em relação à emigração, deixando transparecer o componente conativo da atitude. Está globalmente ligada a uma atitude positiva em relação à emigração o que nos é confirmado pela análise do  $\chi^2$  e pela A.F.C.

Das questões inseridas para a análise da atitude só duas não diferenciam significativamente os que têm a intenção de emigrar dos que não a têm: as opiniões de que os Portugueses têm necessidade de continuar a emigrar e de que no futuro Portugal não deixará de ser um país de emigração. Nas restantes onze questões há uma diversificação das opiniões.

Se a atitude adoptada pelo meio em relação à psicanálise não está em relação com a intenção expressa por um sujeito de entrar ou não em análise (Moscovici, 1976, pp. 194-195), no nosso caso observamos um certo conformismo com a imagem que um jovem faz da opinião dos pais sobre a sua virtual emigração. Efectivamente a crença de que os pais gostariam que o jovem emigrasse diferencia significativamente a amostra segundo o seu olhar intencional ( $\chi^2 = 111,36$ ,  $p = 0,0000$ ). A intenção de emigrar está mais frequentemente associada à crença de que os pais gostariam que esse comportamento se efectivasse. 47,6% dos sujeitos que têm intenção de emigrar e 7,6% dos que a não têm pensam que os pais gostariam que emigrassem. No entanto o conformismo com a crença atribuída aos pais é maior nos jovens em que a emigração não está nas suas perspectivas de futuro do que nos que está. Assim, 81,6% dos jovens que não têm intenção de emigrar pensam que os seus pais não gostariam que emigrasse, ao passo que só 47,6% dos jovens que têm essa intenção são de opinião que os seus pais gostariam que emigrassem. Escreve Lacroix: " a luta das gerações não é uma palavra vã " (1950, p. 16). Se a adolescência está marcada pelo conflito de gerações, a perspectiva futura de emigrar também parece constituir um terreno para a eclosão dos conflitos intergeracionais.

A desvinculação da família ( $\chi^2 = 22,72$ ,  $p = 0,0009$ ), dos grupos de pares ( $\chi^2 = 24,23$ ,  $p = 0,0005$ ) e do ambiente de Portugal ( $\chi^2 = 59,03$ ,  $p = 0,0000$ ) também diferencia a amostra. Aos que têm a intenção de emigrar custar-lhe-ia menos a desvinculação: para 86,8% dos que não têm intenção de emigrar custar-lhe-ia muito deixar a família contra 70,0% dos que a têm; para 76,4% dos que não têm intenção de emigrar custar-lhe-ia muito deixar os amigos contra 58,4% dos que a têm; para 58,4% dos que não têm no seu projecto a emigração seria muito difícil deixar o ambiente de Portugal contra 25,1% dos que o têm.

Os que desejam a emigração para si, desejam mais a emigração para os seus amigos

( $\chi^2 = 124,38$ ,  $p = 0,0000$ ). 67,0% dos que têm intenção de emigrar contra 18,8% dos que a não têm aconselhariam um amigo a emigrar.

O projecto migratório está, igualmente, ligado a uma opinião mais favorável a que os Portugueses continuem a emigrar ( $\chi^2 = 28,23$ ,  $p = 0,0051$ ), bem como às opiniões de que a emigração é mais vantajosa para Portugal ( $\chi^2 = 22,88$ ,  $p = 0,0112$ ) e para o emigrante ( $\chi^2 = 40,79$ ,  $p = 0,0000$ ). 61,7% dos que têm intenção de emigrar contra 48,0% dos que a não têm pensam que a emigração é muito vantajosa/vantajosa para Portugal. 48,5% dos que têm a intenção de emigrar contra 26,8% dos que a não têm são de opinião de que a emigração é muito vantajosa para o seu actor.

A identificação ao emigrante após o regresso é maior naqueles em que se esboça como perspectiva de futuro a emigração ( $\chi^2 = 32,09$ ,  $p = 0,0000$ ). 63,9% dos que têm intenção de emigrar contra 39,9% dos que não a têm tomam o emigrante como modelo identificatório. Confirma-se assim aqui a hipótese de Nuttin segundo a qual a localização de um objecto na dimensão futura depende dos "modelos" que o sujeito tenta imitar (Nuttin, 1980 b, p. 18).

Finalmente são os que manifestam a intenção de emigrar que mais gostariam de ser informados de assuntos relacionados com a emigração. 50,7% dos que têm a intenção de emigrar contra 30,0% dos que a não têm gostariam de ser muito mais informados sobre a emigração. A perspectiva migratória de futuro encontra-se pois ligada não só ao julgamento de estar melhor informado, ao melhor conhecimento interpessoal, como ao desejo de ser mais informado.

Na A F C que apresentámos do aspecto atitude vimos que o projecto de emigrar tinha uma contribuição superior à média no eixo 1, estando associado a uma orientação global positiva em relação à emigração. Curiosamente o perfil mais pregnante da perspectiva futura de emigrar não está associado à representação da maior facilidade em desvincular-se ou à ausência da identidade portuguesa. O projecto de emigrar encontra-se no centro de uma constelação de variáveis que reflectem por um lado pouca dificuldade em desapegar-se do grupo familiar, dos grupos de pares, do ambiente de Portugal e pouca reivindicação da autoidentidade portuguesa; por outro lado uma polaridade positiva em relação à emigração: aconselhamento a um amigo de emigrar, a emigração acarreta vantagens individuais e colectivas, muito favorável a que os Portugueses continuem a emigrar, a crença de que os pais gostariam que emigrasse (cf. fig. 2, p. 385).

O projecto de emigrar aflora pois associado a uma ténue vinculação aos grupos primários e secundários e a uma orientação positiva face à emigração. Ao invés, a ausência desse projecto está associado a uma forte vinculação aos grupos originários e a uma orientação global negativa.

Como Moscovici encontrara que a atitude está estreitamente ligada à aceitação ou à recusa de um eventual recurso à psicanálise, também nós encontramos uma relação estreita entre atitude perante a emigração e o projecto de emigrar.

### • Intenção de emigrar e representações da partida

A representação das motivações da emigração portuguesa não é diferente segundo a presença ou a ausência do projecto migratório.

Das características sociodemográficas da emigração o estado civil ( $\chi^2 = 15,27$ ,  $p = 0,0182$ ) e o tipo de profissão ( $\chi^2 = 19,76$ ,  $p = 0,0113$ ) diferenciam a amostra. 27,3% dos que têm intenção de emigrar contra 16,0% dos que não a têm, pensam que os solteiros emigram mais. Estas respostas denotam uma maior aproximação nos que têm intenção de emigrar do seu actual estado civil. Esta tendência de aproximação também se verifica no caso da idade - os que desejam emigrar declaram mais frequentemente que os jovens emigram mais - embora o limiar de probabilidade se situe ligeiramente acima do que nos fixamos ( $\chi^2 = 11,06$ ,  $p = 0,0863$ ). Quanto ao tipo de profissão, 59,6% dos que não têm intenção de emigrar contra 44,1% dos que a têm declaram que são os operários que mais emigram. Ao passo que 36,1% dos que têm como perspectiva de futuro a emigração contra 20,4% dos que a não têm pensam que tanto emigram os trabalhadores intelectuais como os manuais. No actual contexto português, as profissões manuais parecendo estar menos valorizadas que as intelectuais os que não têm intenção de emigrar acentuam que os emigrantes se recrutam mais entre os trabalhadores manuais, enquanto que os que têm um projecto migratório acentuam que tanto emigram os trabalhadores manuais como os intelectuais, estes valorizando por consequência mais o tipo de profissões dos emigrantes à partida.

As representações dos principais países de acolhimento da emigração portuguesa e dos países onde ela se sente melhor também não diferencia a presença ou a ausência do projecto migratório.

### • Intenção de emigrar e representações do processo adaptativo

Sete das quinze questões para abordar a representação do processo adaptativo diferenciam os que têm intenção de emigrar dos que não têm essa intenção comportamental.

As perturbações resultantes da dificuldade do processo adaptativo - sentimento de mal-estar ( $\chi^2 = 33,98$ ,  $p = 0,0002$ ), humor mais negativo ( $\chi^2 = 33,84$ ,  $p = 0,0000$ ), solidão ( $\chi^2 = 19,11$ ,  $p = 0,0040$ ), saudades ( $\chi^2 = 16,79$ ,  $p = 0,0101$ ) - são menos frequentemente invocadas pelos que manifestam a intenção de emigrar. Esta intenção está também ligada a uma representação de menos dificuldades ao longo da adaptação nos domínios linguísticos ( $\chi^2 = 21,45$ ,  $p = 0,0015$ ) e alimentares ( $\chi^2 = 13,39$ ,  $p = 0,0371$ ). Transparece, pois, uma representação mais positiva da alocação migratória nos que exprimem a intenção de emigrar, o que é confirmado pela A F C.

Já relativamente aos papéis profissionais se há diferenças significativas ( $\chi^2 = 31,66$ ,  $p = 0,0005$ ), elas não apontam claramente para uma representação mais positiva nos que têm a intenção de emigrar ou nos que a não têm. Se os primeiros

atribuem mais frequentemente as qualificações profissionais de serviços (limpeza...) aos emigrantes, os que não têm a intenção de emigrar mencionam mais a qualificação de operários não qualificados, não especializados.

Dos três primeiros factores descritos relativos à representação do processo adaptativo a intenção de emigrar encontra-se sobretudo explicada pelo eixo 1 e também pelo eixo 3. No factor 1 que interpretámos como factor de oposição, a intenção de emigrar está situada no pólo que denota a adaptação e a não intenção de emigrar no pólo que denota a inadaptação. No factor três que interpretámos como adaptação satisfatória/insatisfatória, a intenção de emigrar está mais associada a variáveis que reflectem a adaptação satisfatória e a não intenção de emigrar a variáveis de adaptação insatisfatória. A intenção de emigrar está pois associada a modalidades que denotam uma adaptação mais harmoniosa (cf. fig. 1 e 2, pp. 405, 407).

#### • Intenção de emigrar e representações do regresso

O efeito da intenção de emigrar é significativo sobre a representação da mudança dos emigrantes regressados no aspecto físico, cultural e religioso. Os que desejam emigrar são mais de opinião que o emigrante após a estadia no estrangeiro melhora no aspecto físico, enquanto que os que não manifestam essa intenção apontam mais a estabilidade neste aspecto ( $\chi^2 = 16,98$ ,  $p = 0,0093$ ). O mesmo se pode dizer em relação à mudança cultural. Os que desejam emigrar exprimem mais frequentemente que a emigração contribui para a mudança cultural em melhor e os que não o desejam apontam mais a estabilidade ( $\chi^2 = 20,54$ ,  $p = 0,0022$ ). A intenção de emigrar está ligada à representação da mudança de sentimentos religiosos ( $\chi^2 = 9,73$ ,  $p = 0,0452$ ). Esta mudança segundo os que têm um olhar intencional efectua-se adquirindo mais uma atitude negativa ( $\chi^2 = 24,81$ ,  $p = 0,0017$ ) e frequentando menos a Igreja ( $\chi^2 = 17,20$ ,  $p = 0,0086$ ).

Como os rurais os que têm intenção de emigrar estão mais sensíveis à mudança e os que não a têm à estabilidade. É o que nos confirma a A F C.

Dos cinco factores descritos a propósito da mudança a intenção de emigrar encontra-se melhor explicada no factor 1 e 2. No plano 1 x 2 destes factores relativos à representação da mudança a intenção de emigrar situa-se no quadrante inferior esquerdo, ou seja, contornado pelos pólos que denotam a mudança negativa e a positiva. A intenção de emigrar encontra-se pois associada a uma mudança bipolar: mudança nas crenças religiosas positiva e negativamente, de atitude política à esquerda e à direita, mudança de opiniões relativas à sexualidade, mudança positiva na saúde, no aspecto físico, nas relações com os outros, mas sobretudo muito perto situa-se a mudança para melhor do ponto de vista económico. A modalidade intenção de emigrar situa-se muito perto da autoidentidade portuguesa pouco reivindicada (cf. fig. 2, p. 418).

A não intenção de emigrar situa-se no quadrante superior direito, quadrante que reúne as modalidades da estabilidade. Assim, muito perto da intenção de não emigrar situa-se a estabilidade de opiniões sexuais, no aspecto físico, na saúde, nas convicções religiosas e políticas, na aloidentidade portuguesa após o regresso.

Os três factores mais específicos da mudança também confirmam que a intenção de emigrar está mais ligada à representação da mudança e a ausência de intenção à representação da estabilidade. No factor 3 a intenção de emigrar está mais associada à mudança religiosa e a não intenção à estabilidade religiosa. No factor 4 a intenção de emigrar está mais ligada à mudança somática e a não intenção à estabilidade somática. No factor 5 a intenção de emigrar está mais associada à diminuição da identidade portuguesa após o regresso, enquanto que a ausência dessa intenção comportamental se associa intimamente à representação da estabilidade na identidade portuguesa.

Passando à atitude perante o regresso, o aconselhamento do regresso aos emigrantes actualmente inseridos no processo adaptativo é diferente segundo a emigração faz parte dos objectos intencionais ou não ( $\chi^2 = 196,48$ ,  $p = 0,0$ ). Os que têm intenção de emigrar aconselham menos o regresso imediato e mais o regresso diferido ou a fixação definitiva no estrangeiro.

O projecto de emigrar acompanha-se também de um menor desejo de que a migração portuguesa regresse ( $\chi^2 = 27,13$ ,  $p = 0,0001$ ). Segundo o que já vimos anteriormente, estes resultados denotam uma atitude mais positiva em relação à emigração nos que manifestam a intenção de partir.

As representações das dificuldades aquando dum virtual regresso dos emigrantes e das consequências da emigração de regresso, bem como a distância social em relação à emigração regressada não diferenciam a amostra segundo o seu olhar intencional.

Em suma, quando no universo de opiniões se esboçam diversificações, os que têm intenção de emigrar valorizam mais o acontecimento migratório. Confirma-se assim a propósito do projecto migratório que as representações sociais constituem uma guia comportamental.



## 12/ DISCUSSÃO

A nosso conhecimento o estudo que acabamos de esboçar é uma primeira tentativa de aplicação de um quadro teórico europeu - a representação social - ao fenómeno migratório.

A noção de representação social leva-nos ao âmago da articulação psicossocial. Deve ser entendida no duplo sentido da produção pelas colectividades de discursos sobre elas próprias e sobre o seu meio e dos determinantes sociais das cognições e condutas individuais e colectivas.

A amostra é constituída por adolescentes escolhidos segundo um plano factorial em função da residência, do sexo e do nível sociocultural. Não era nosso objectivo obter uma amostra representativa, mas experimental.

Para abordar a representação social do fenómeno migratório a recolha dos dados efectuou-se por questionário estandardizado, técnica utilizada pelo promotor deste quadro teórico (Moscovici, 1961) e por associação livre, técnica mais recentemente utilizada dentro do campo teórico em questão (Jodelet, 1976; Le Bouedec, 1979; Di Giacomo, 1981).

As escolhas operadas nesta investigação ao nível do modo como os dados foram colectados, impõem-lhe forçosamente limitações de que não queremos passar por alto duas. Um primeiro limite está ligado às técnicas utilizadas. A recolha das representações da migração foi feita num contexto preciso: o inquérito individual. Falta a este trabalho o conhecimento das representações que a comunicação grupal cria e manifesta. Também o estudo de Kaës a propósito das imagens da cultura nos operários franceses tem este limite e a esse respeito escreve o autor: " se a representação se constitui numa e para uma relação social, é natural que a análise deve efectuar-se para o conjunto dos processos interaccionais que regem a criação e o consumo das normas, quadros de referência, influência, crença, imaginário colectivo..." (1968, p. 328). Um segundo limite relaciona-se com a operacionalização do conceito. Partiu-se do princípio que as representações sociais são necessariamente " mediatisadas pela linguagem " (Herzlich, 1972, p. 308). É evidente que existem outras possibilidades. Se é provável que as representações sociais sejam adquiridas muito cedo na infância (Vandenplas-Hopler, 1979), pode-se pensar que isso se efectua tanto através de " imagens " indumentárias, posturais, comportamentais ou cénicas, como mediante a linguagem. Os trabalhos de Chombart de Lauwe (1979) deixam-no filtrar. Di Giacomo (1981) chama-nos à atenção para tal facto se se projectar fazer do conceito de representação social um instrumento de análise dos determinantes sociais dos comportamentos.

A análise estatística das respostas foi efectuada em três fases. Na primeira, calcularam-se as frequências que permitiram descrever os pontos em que a grande maioria dos sujeitos se encontra de acordo e os pontos em que há diversificação. Num segundo tempo, fez-se o cruzamento das respostas com as variáveis do plano experimental, essencialmente com o fim de se saber se as representações dos jovens interrogados se diversificam de modo significativo quando se fragmenta a amostra em subgrupos mais homogêneos. Na terceira fase, o recurso a análise das correspondências permitiu fazer ressaltar a estrutura psicosocial das representações do acontecimento migratório e definir os eixos segundo os quais os adolescentes se diferenciam quando evocam essas representações.

A análise das correspondências parece-nos ser uma técnica de análise de dados pertinente para o estudo da representação social. Embora o autor do quadro teórico em que nos inserimos não tenha utilizado a AFC, nem a poderia ter utilizado uma vez que o seu aparecimento em França é posterior, já deixava entrever a sua utilidade: "A concepção de uma conexão em que uma série de variáveis pode somente explicar as flutuações de uma outra série impõe-se em vez da teoria habitual em que as variações de um termo são responsáveis das variações de um outro termo. É pondo em relação globalmente os factores sócio-económicos, por um lado, e a representação social pelo outro, que se verá o estado desta reflectir o estado daqueles" (Moscovici, 1961, p. 343).

Em geral efectuou-se primeiramente uma análise das correspondências sobre um quadro disjuntivo e em seguida sobre um quadro de Burt.

É no seguimento destas operações que a análise dos resultados permite extrair conclusões e perspectivas de investigação-acção.

Tendo-se partido da hipótese, ao nível da determinação central da representação que a estrutura social não determina ao mesmo título todos os aspectos da representação, verifica-se efectivamente que não há uma representação única da migração, mas várias. Essas representações diferem no seu conteúdo em função das pertenças sociais. Desde o início da análise dos resultados mediante o recurso à associação livre, encontra-se que é a residência rural ou urbana, entre as variáveis de estratificação que mais diferencia as representações. A diferenciação introduzida pelo sexo e sobretudo pelo nível sociocultural é bem menos importante. Esta hierarquia é globalmente confirmada na análise dos elementos constituintes da representação.

No campo semântico da representação os rurais dão maior ênfase às motivações e os urbanos aos afectos. Esta maior focalização dos urbanos nos afectos está no entanto sob o signo da ambivalência.

A organização dos conhecimentos possuídos por ambos os grupos estrutura-se de modo diferente. Os rurais são melhor descritos por um conhecimento de tipo interpessoal da migração e até um relativo conhecimento de tipo escolar. Os urbanos são mais caracterizados por um desconhecimento interpessoal e escolar do objecto social que vimos examinando.

As duas populações diferenciam-se pela orientação global em relação à migração. Os rurais inserem-se sobretudo num perfil que denota uma orientação global positiva associada a pouca vinculação "in situ". Os urbanos são melhor descritos por uma atitude negativa associada a uma certa vinculação.

Encontra-se uma diferenciação, segundo a residência, das características sócio-demográficas dos que partem. Há uma representação mais selectiva nos rurais segundo a idade, a residência, o estado civil e a estrutura familiar; e mais generalizada segundo a classe social, a religião e a profissão. Os rurais são também mais numerosos a pensar que é a França o principal país de implantação dos migrantes portugueses.

Quanto ao processo adaptativo os rurais são melhor descritos por uma representação da adaptação satisfatória e os urbanos por uma representação da adaptação insatisfatória. É de notar contudo que não há nos rurais uma visão idílica da adaptação. Um melhor bem-estar migratório é atribuído pelos rurais à migração transpirenaica e pelos urbanos, à migração transoceânica.

A representação da mudança provocada pelo processo migratório está mais presente nos rurais e a da estabilidade nos urbanos.

A propósito das dificuldades que o regresso pode levantar se os rurais citam mais frequentemente aspectos socioculturais, os urbanos referem-se mais ao alojamento.

Esta rápida condensação é suficiente para mostrar que qualquer que seja o elemento constituinte considerado, as representações dos rurais diferenciam-se das dos urbanos. Mas como o mostra a análise das correspondências global, é sobretudo a atitude que separa os rurais dos urbanos.

A noção de classes sociais impõe-se desde que se deseja interpretar as representações em função da estrutura social (Lage, 1978). A pouca diferenciação nas representações introduzida pela classe social pode ser o resultado de vários factores de que queremos salientar dois. Só tivemos aqui em conta o nível sociocultural baixo e médio. Pode acontecer que a inclusão do nível sociocultural alto contribuisse para uma maior diferenciação das representações. Contudo, na medida em que dispomos de dados recolhidos junto do nível sociocultural alto para os urbanos e que não foram analisados neste estudo, debruçar-nos-emos no futuro

sobre este ponto. A pouca diferenciação das representações pode também advir do modo como as classes sociais retidas foram delimitadas. Uma certa desconexão existente entre o nível sociocultural baixo e médio pode dificultar o estabelecimento de fronteiras entre os dois níveis.

Antes de passarmos aos determinantes dos projectos migratórios, gostaríamos de sublinhar dois pontos relacionados com o quadro teórico da representação social. O primeiro refere-se à confirmação de duas perspectivas teóricas avançadas por Moscovici e o segundo à necessidade de fecundar a teoria das representações sociais com elementos emocionais.

Moscovici observara que a elaboração de uma representação social efectua-se sempre do mesmo modo: informações privilegiadas são em primeiro lugar seleccionadas e retiradas do seu contexto, sendo em seguida reorganizadas num "esquema figurativo" integrado na cultura do grupo em questão. No nosso caso pôde ser posto em evidência um modelo representacional da emigração, como sendo uma trajectória motivada socioeconomicamente e investida de afectos essencialmente de tonalidade negativa.

Se dentro do quadro teórico utilizado a atitude aparece como o aspecto mais fundamental, enquanto elemento mais arcaico, no nosso estudo também estrutura em primeiro lugar as representações da migração. Na análise das correspondências global dos elementos constituintes a atitude emerge como sendo o primeiro factor.

Na AFC da associação livre os temas da categoria " afectos " têm fortes contribuições na descrição dos quatro primeiros factores e o primeiro factor foi interpretado como reflectindo uma dimensão emocional. Face a estes resultados pensamos que é necessário fecundar o estudo das representações sociais, para além dos aspectos cognitivos e avaliativos, normalmente tidos em conta no seu estudo, com a dimensão emocional. Mesmo se o plano avaliativo inclui elementos emocionais, privar-se de um aspecto emocional específico equivaleria a subestimar a sua força determinante nos indivíduos e grupos sociais. Através da análise das representações sociais pode-se assim pôr em evidência a síntese de domínios geralmente independentes: as condutas emocionais e as actividades cognitivas.

A propósito do projecto de emigrar partiu-se da ideia que depende de uma multiplicidade de factores, tendo-se examinado em particular os demo-sociológicos, de personalidade e de representação do acontecimento migratório.

Entre as características demo-sociológicas foram examinadas as da população, da família e da migração. Parece confirmar-se globalmente de que aquilo que influencia a este nível a decisão de migrar, na idade em que esta decisão pode ser tomada, influencia de maneira bastante semelhante a intenção de migrar numa idade em que ainda não se põe a questão de uma tradução concreta dessa intenção autonomamente. Vinte e uma das vinte e cinco variáveis examinadas por meio do  $X^2$  diferenciam os adolescentes que têm nas suas perspectivas de futuro a emigração dos que a não têm. Por seu lado, a AFC permite-nos ultrapassar uma descrição pontual dos efeitos e obtermos uma tipologia dos sujeitos que têm como objecto motivacional a migração. Essa tipologia vai no sentido da hipótese colocada.

Dado o balanço contraditório das investigações que examinam a relação entre migração e personalidade, deixámos em aberto a hipótese da personalidade pré-migratória.

Do exame dos efeitos dos factores de segunda ordem, distinguidos por Cattell - ansiedade e extroversão - que nos fornecem medidas de personalidade mais amplas que os factores primários e do desenvolvimento cognitivo (escala B) sobre a intenção de migrar parece poder concluir-se que o efeito do desenvolvimento cognitivo é mais importante que os das características temperamentais da personalidade.

A intenção de migrar não depende da facilidade em estabelecer relações, da falta de inibição, nem ao invés da tendência a ser tímido, inibido nos contactos, autosuficiente.

Todavia a intenção de migrar tende a depender da ansiedade. Não se trata necessariamente neste caso de sujeitos neuróticos, pois a ansiedade pode estar ligada a uma situação, mas sofrem provavelmente de uma certa inadaptação. Trata-se de adolescentes insatisfeitos da sua capacidade de responder às exigências da vida e em realizar seus desejos. Trata-se, certamente, de sujeitos com um nível de excitação e de tensão devida a pulsões não descarregadas.

Já a intenção de emigrar aparece globalmente associada a um menor desenvolvimento cognitivo.

A hipótese levantada sobre as relações entre a intenção de migrar e as representações do fenómeno migratório - isto é, os sujeitos que têm no seu horizonte temporal a migração valorizam mais o fenómeno migratório - aparece globalmente confirmada. Quando há diversificações de opiniões, os que têm intenção de migrar acentuam mais a vertente positiva.

Assim no campo semântico da representação os afectos positivos são mais evocados pelos que têm intenção de migrar e os negativos pelos que não a têm.

No elemento constituinte da representação social, atitude, a intenção de migrar encontra-se associada a uma orientação global mais positiva em relação à emigração.

Uma representação mais positiva da alocação migratória também aflora nos que têm nos seus planos vitais a migração.

Finalmente, a intenção de migrar encontra-se associada à mudança positiva proporcionada pela migração nos aspectos físicos, sanitários, culturais, interrelacionais e sobretudo económicos. Já os que não têm intenção de migrar acentuam mais a estabilidade proporcionada pelo processo migratório.

A ideia de que partiramos, isto é, o projecto migratório está dependente de múltiplos factores pôde ser assim verificada em relação a variáveis demográficas, sociológicas, de personalidade e de representação.

## II/ ESTUDO 2

### PROJECTOS DE EMIGRAR NOS PRÉ-ADOLESCENTES

- 1/ Introdução
- 2/ Quadro metodológico
  - 2.1/ Instrumentos utilizados
  - 2.2/ População do inquérito
- 3/ Resultados
  - 3.1/ Estudo dos efeitos principais
  - 3.2/ Estudo das interacções
  - 3.3/ Articulação dos diferentes efeitos
- 4/ Discussão

## 1/ Introdução

O estudo que agora vamos apresentar foi efectuado com um objectivo central diferente do que será utilizado neste trabalho, mas contém um certo número de indicações interessantes para a problemática que vimos examinando: os projectos migratórios.

Em Setembro de 1980 foi publicado um número especial da revista " L'orientation scolaire et professionnelle " consagrado à escolarização das Crianças de Trabalhadores Migrantes. Um dos artigos desse número (Mullet, 1980), apresentava, entre outros, os principais resultados de um inquérito conduzido juntos dos conselheiros de orientação. Entre os desejos emitidos como resposta a certas questões deste inquérito, ocupava um lugar de destaque o desejo dos conselheiros de serem informados " das aspirações, dos costumes, do modo de vida das diferentes populações de migrantes " e a preocupação de dispor de padronizações (de provas estandardizadas) adaptadas às populações de crianças. Foi publicado um artigo (Neto, Mullet, 1982) com o intuito de responder (muito parcialmente) ao primeiro tipo de pedido. Para responder ao segundo tipo de pedido, foi efectuado um inquérito psicométrico junto de uma população de crianças portuguesas do segundo ano do ciclo preparatório que permitiu estabelecer uma versão do R.N.V. 1 com instruções em português, aferido com crianças residentes em Portugal (Mullet, Neto, 1983), fornecendo assim aos conselheiros de orientação franceses, um instrumento aplicável a crianças de origem portuguesa desprovidas de um conhecimento suficiente do francês para que testes cujas instruções estejam em francês, lhes possam ser aplicados.

Delineado o objectivo principal deste inquérito psicométrico, propomo-nos extrair dele as informações úteis para o nosso propósito. Essas informações giram à volta de duas questões:

- Estará a intenção de migrar dependente dos mesmos factores demo-socio-lógicos como a residência rural ou urbana, o sexo, o nível sócio-cultu ral, a idade, a fratria ? Partimos, também aqui, da hipótese muito geral que, o que influencia sobre a decisão de migrar, na idade em que esta decisão pode ser tomada, influencia de modo bastante parecido sobre a intenção de migrar numa idade em que esta intenção não se pode tradu-zir concretamente. Já vimos como esta hipótese geral se concretizava segundo as diferentes variáveis sócio-demográficas tendo em conta as características actuais da migração portuguesa.
- Estará a intenção de migrar dependente do nível de desenvolvimento cognitivo ? A resposta a esta questão permite aprofundar um aspecto que foi aflorado junto dos adolescentes. Com estes, utilizamos a escala B de Cattell para observar as relações entre a intenção de migrar e o ní-vel de desenvolvimento cognitivo, conscientes de que os problemas pos-



tos pela avaliação da eficiência intelectual, estavam " muito melhor resolvidos " (Huteau, 1983). Pareceu-nos que, efectivamente, o instrumento que aqui utilizamos para medir o nível de desenvolvimento cognitivo (R.N.V. 1), " resolve " melhor os problemas de avaliação que a escala B.

Como vimos, a literatura existente sobre as relações entre o nível de desenvolvimento cognitivo e a migração efectiva, apresenta teses contraditórias, donde, a dificuldade de emitir uma hipótese, tanto mais que o que estudamos é a intenção de migrar e não a migração efectiva. Tendo por base o trabalho efectuado junto dos adolescentes é interessante no entanto verificar até que ponto também junto dos pré-adolescentes a intenção de migrar depende de um nível de desenvolvimento cognitivo mais baixo.

## 2/ Quadro metodológico

Vamos apresentar sucessivamente:

- os instrumentos utilizados
- a população do inquérito

### 2.1/ Instrumentos utilizados

O inquérito compreende duas partes. A primeira é a parte psicométrica. Trata-se do R.N.V. 1, Prova de Raciocínio Não-Verbal Primeira Forma. É uma prova de Factor G construída no Serviço de Pesquisas do I N E T O P (Institut National d'Etude du Travail et d'Orientalion Professionnelle) em 1965.

Esta prova pode ser aplicada individual ou colectivamente, compreende 40 itens para além dos exemplos e cinco exercícios de treino. Foi composta de maneira a poder discriminar os adolescentes de 13 a 15 anos e a sua duração normal é de 20 m. No inquérito este tempo de aplicação foi alargado para os 40 m, tendo em conta o facto de se tratar de uma população mais jovem (11-12 anos).

Se bem que esta prova se assemelhe aos testes factoriais, não foi construída em referência a uma análise factorial. Utiliza princípios muito vizinhos aos do teste de Spearman. Trata-se de extrair, a partir de dados geométricos, caracteres comuns (educação de relações) que permitem distinguir duas séries homogéneas de figuras. Para cada item, o trabalho consiste em descobrir a permutação entre dois desenhos que permite a recomposição de duas séries homogéneas de figuras. Como no de Spearman, o carácter através do qual se pode encontrar uma homogeneidade para cada uma das duas séries varia em cada item. A prova apresenta, em relação ao teste de Spearman, a vantagem de uma correcção menos ambígua. Foi utilizada aquando do inquérito I N E D - I N E T O P em alunos de Loiret (Bacher, Reuchlin, 1965). A descrição aqui feita foi tirada do Catálogo de testes do I N O P (1974, revisão de 1982).

Esta prova foi adaptada para a população portuguesa (Mullet, Neto, 1983). A instrução que figura na primeira página e todas as indicações de índole verbal são aqui reproduzidas:

Olhe o exemplo A. Vê seis quadrados, três à esquerda, numerados 1, 2, 3, e três à direita numerados 4, 5, 6. Nos quadrados da esquerda, vê dois pontos negros e um ponto branco; nos quadrados da direita, vê dois pontos brancos e um ponto negro. Basta trocar dois quadrados para que os três desenhos da esquerda tenham a mesma característica comum, e os três desenhos da direita outra característica comum.

#### Exemplo A

Vê que se puser o quadrado 3 no lugar do quadrado 6, e vice-versa, todos os desenhos da esquerda serão pontos negros e todos os da direita serão pontos brancos. A resposta é portanto: os dois quadrados que é preciso trocar são 3 e 6.

#### Exemplo B

A resposta boa é: 2 e 4.

### EXERCÍCIOS DE TREINO

Faça sozinho os seguintes exercícios:

1

.

.

.

5

NÃO VIRE A PÁGINA, ESPERE PELO SINAL

6

.

.

.

.

21

CONTINUE NA PÁGINA SEGUINTE

22

.

.

.

37

CONTINUE NA PÁGINA SEGUINTE

Continue do mesmo modo. Agora há quatro quadrados à esquerda e quatro à direita; é preciso do mesmo modo trocar um quadrado da esquerda e um quadrado da direita.

### Exemplo C

A resposta boa é: 2 e 5.

Continue:

38

.

.

.

45

Após haver respondido ao R.N.V. 1, cada aluno preenche um questionário. As questões postas dizem respeito a:

- . data de nascimento
- . sexo
- . residência
- . profissão dos pais
- . nível de estudos obtido pelo pai e pela mãe
- . número de irmãos e irmãs
- . intenção de emigrar.

O inquérito foi administrado colectivamente pelos professores. Foi-lhes previamente explicado o seu objectivo, bem como o sentido e as instruções da prova.

A colecta dos dados sobre o terreno efectuou-se no último trimestre de 1982.

### 2.2/ População do inquérito

A amostra compõe-se 516 alunos frequentando todos o segundo ano do ciclo preparatório.

Sendo o fim do estudo pôr em evidência efeitos, procurou-se que as modalidades das variáveis que nos pareciam mais importantes, essencialmente o meio e o sexo, fossem sensivelmente equilibradas.

240 destes alunos são rapazes (46,5 %), 276 são raparigas (53,5 %). 232 alunos habitam uma zona rural (45 %) - Trás-os-Montes - e 284 uma zona urbana (55 %) - Porto e arredores-(1). 363 alunos são filhos de pais cujo nível geral de instrução não ultrapassou a escola primária (operários, agricultores ...), 149 provêm de pais cujo nível de instrução geral é mais elevado (empregados de escritório, quadros, comerciantes ...). 52 alunos nasceram antes de 1969, 92 nasceram em

(1) Em cada zona procurou-se diversificar a população, efectuando-se a colecta dos dados em diferentes escolas.

1969, 142 em 1970 e 158 após 1970; a dispersão das idades para um mesmo nível escolar é considerável.

Apenas 30 destes alunos são filhos únicos, 159 somente têm um irmão ou irmã, 103 têm dois, 68 têm três, 37 têm quatro e 47 mais de quatro. O número médio de crianças por família ultrapassa os três.

### 3/ Resultados

A resposta à questão relativa à intenção de migrar foi relacionada com cada uma das respostas relativas ao meio, ao sexo ... Apresentaremos num primeiro tempo os efeitos principais observados, em seguida, num segundo tempo, as interações entre variáveis e a articulação dos diferentes efeitos.

#### 3.1/ Estudo dos efeitos principais

##### a - Efeito do meio (urbano-rural)

O quadro n° 1 apresenta as distribuições das pertenças rural e urbana correspondentes às duas categorias de alunos. Globalmente o efeito do meio sobre a intenção de migrar é significativo ( $\chi^2 = 11,05$ ,  $p = 0,0009$ ).

Entre as 225 crianças de meio rural, 122 têm intenção de migrar enquanto que o efectivo esperado é apenas de 104. Entre as crianças de meio urbano, somente 109 têm intenção de migrar sobre 127 esperados. Embora fortemente significativo, o efeito está longe de ser massivo ( $C = 0,15$ ). São, bem mais claramente, as crianças de meio rural que manifestam a intenção de migrar, verificando-se que a diferença entre o efectivo observado e o efectivo esperado não ultrapassa praticamente os 17 % deste.

##### b - Efeito do sexo

Globalmente, o efeito do sexo não é significativo ( $\chi^2 = 0,048$ ,  $p = 0,817$ ).

Consequentemente, quer se trate de rapaz ou rapariga, o aluno do segundo ano do ciclo preparatório evoca igualmente o seu desejo de migrar.

##### c - Efeito do nível sócio-cultural de pertença

O quadro n° 2 apresenta a distribuição das categorias sócio-culturais correspondentes às duas categorias de alunos. Globalmente, o efeito da categoria sócio-cultural de pertença é significativo ( $\chi^2 = 10,71$ ,  $p = 0,0011$ ).

Entre os 353 alunos cujos pais pertencem a um nível sócio-cultural baixo, 180 têm a intenção de migrar, enquanto que, o efectivo esperado é apenas de 163. Entre os 146 alunos cujos pais pertencem ao nível sócio-cultural médio ou alto, somente 51 pré-adolescentes têm intenção de migrar, enquanto que, o efectivo esperado é de 68. Também aí, o efeito, embora claramente significativo, não é massivo ( $C = 0,14$ ).

Quadro 1 Efeito do meio (urbano-rural) sobre a intenção de migrar

	Meio		Total
	Rural	Urbano	
Não tem intenção de migrar	103 (121) <sup>-</sup>	168 (150) <sup>+</sup>	271
Tem intenção de migrar	122 (104) <sup>-</sup>	109 (127) <sup>+</sup>	231
Total	225	277	502

$\chi^2=11,05, p=0,0009; C=0,15$

Quadro 2 Efeito do nível socio-cultural sobre a intenção de migrar

	Nível socio-cultural		Total
	Baixo	Médio, Alto	
Não tem intenção de migrar	173 (190) <sup>-</sup>	95 (78) <sup>+</sup>	268
Tem intenção de migrar	180 (163) <sup>-</sup>	51 (68) <sup>+</sup>	231
Total	353	146	499

$\chi^2=10,71, p=0,0011; C=0,14$

Quadro 3 Efeito da idade sobre a intenção de migrar

	Data de nascimento				Total
	<69	69	70	>70	
Não tem intenção de migrar	19 (28) <sup>-</sup>	46 (49)	76 (76)	97 (85) <sup>+</sup>	238
Tem intenção de migrar	33 (24) <sup>-</sup>	46 (43)	66 (66)	61 (73) <sup>-</sup>	206
Total	52	92	142	158	444

$\chi^2=10,24, p=0,0115; C=0,15$

Quadro 4 Efeito da fratria sobre a intenção de migrar

	Número de crianças por família					Total
	1	2	3	4	5	
Não tem intenção de migrar	18 (16) <sup>+</sup>	92 (83) <sup>+</sup>	49 (54) <sup>-</sup>	31 (36) <sup>-</sup>	18 (19) <sup>-</sup>	233
Tem intenção de migrar	12 (14) <sup>-</sup>	63 (72) <sup>-</sup>	52 (47) <sup>+</sup>	35 (30) <sup>+</sup>	17 (16) <sup>+</sup>	200
Total	30	155	101	66	35	433

$\chi^2=4,85, p=0,4344$

Quadro 5 Efeito do desenvolvimento cognitivo sobre a intenção de migrar

	Desenvolvimento cognitivo (R.N.V.1)					Total
	0 - 12	13 - 16	17 - 19	20 - 23	24 - 40	
Escores						
Não tem intenção de migrar	41 (53) <sup>-</sup>	52 (51)	43 (46)	66 (60) <sup>+</sup>	69 (59) <sup>+</sup>	271
Tem intenção de migrar	58 (46) <sup>+</sup>	43 (44)	43 (40)	46 (52) <sup>-</sup>	41 (51) <sup>-</sup>	231
Total	99	95	86	112	110	502

$\chi^2=11,36, p=0,0228; C=0,15$

#### d - Efeito da idade

O quadro n° 3 apresenta a distribuição das idades para as duas categorias de alunos. Globalmente, o efeito da idade é significativo ( $\chi^2 = 10,42$ ,  $p = 0,0153$ ).

É sobretudo nos dois extremos do quadro que os efeitos são mais claros. Entre os 52 alunos nascidos antes de 1969, 33 desejam migrar enquanto que o efectivo esperado é apenas de 24. Inversamente, em 158 alunos nascidos depois de 1970, somente 61 desejam migrar enquanto que o efectivo esperado é de 73. O coeficiente de contingência eleva-se a 0,15.

#### e - Efeito da fratria

O quadro n° 4 apresenta as distribuições dos tamanhos da fratria correspondentes às duas categorias de alunos. Globalmente, o efeito do tamanho da fratria não é significativo ( $\chi^2 = 4,85$ ,  $p = 0,4349$ ). Note-se todavia, uma certa tendência dos pré-adolescentes cuja fratria é reduzida para não desejarem migrar e inversamente. Se reagruparmos em duas categorias os tipos de fratrias (1 e 2, contra 3, 4, 5 e  $> 5$ ), e estudando de novo o efeito da fratria, este torna-se significativo ( $\chi^2 = 4,15$ ,  $p < 0,05$ ). O efeito é contudo pouco notório.

#### f - Efeito do nível de desenvolvimento cognitivo

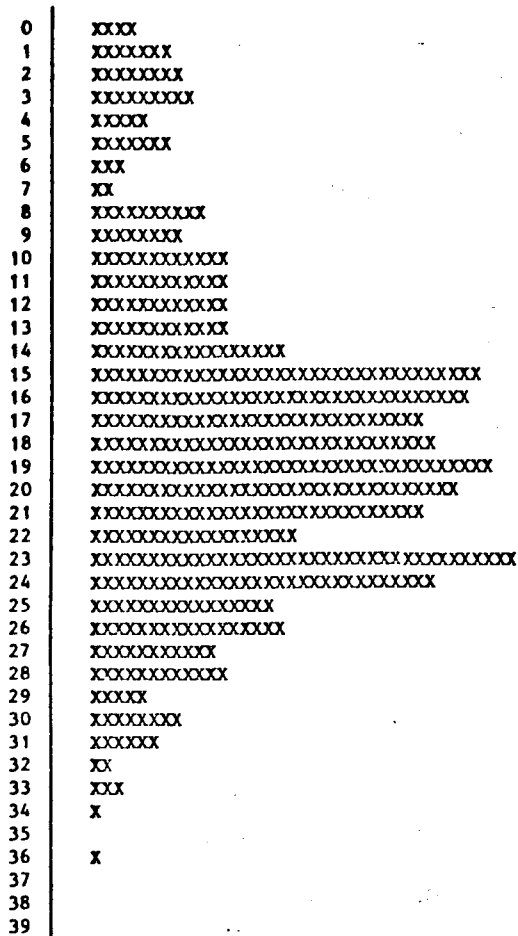
A figura n° 1 apresenta a distribuição dos escores observados para o conjunto da amostra. A amplitude dos resultados é de 36 pontos. A sub-população dos alunos cujo escore se situa entre 0 e 7 ( $N = 45$ ), provavelmente compreendeu mal as instruções. As razões desta incompreensão não se devem imputar a desajustes na aplicação. Sabe-se que numerosos alunos com um sucesso medíocre frequentam em Portugal a escola primária ou preparatória e que noutros países frequentam classes especiais. Podem ser, em parte, responsáveis pelo desfazamento observado na parte superior da curva. A média dos escores é de 18,01; a dispersão de 7,07.

O quadro n° 5 apresenta a distribuição dos escores correspondentes às duas categorias de alunos: aqueles que não desejam migrar e aqueles que o desejam. Globalmente, o efeito do desenvolvimento cognitivo é significativo ( $\chi^2 = 11,36$ ,  $p = 0,0228$ ). Quanto mais fraco é o nível de desenvolvimento cognitivo, mais se manifesta intenção de migrar.

É sobretudo nos dois extremos da distribuição dos escores que o efeito é mais claramente perceptível. Entre os 99 alunos que têm um escore fraco, 58 têm a intenção de migrar, enquanto que o efectivo esperado na base da equiprobabilidade, é apenas de 46 (entre parêntesis).

Inversamente, entre os alunos que têm o escore mais elevado, somente 41 têm intenção de migrar enquanto que o efectivo esperado é de 51 (entre parêntesis). Embora significativo a um limiar elevado, o efeito está contudo longe de ser massivo, já que o coeficiente de contingência  $C$  calculado sobre o conjunto dos valores do quadro eleva-se apenas a 0,15.

Figura 1 Distribuição dos escores observados para o conjunto da amostra



### 3.2/ Estudo das interações

#### a - Interações entre o sexo, as outras variáveis e a intenção de migrar

Perguntámo-nos em que medida a variável sexo, cujo efeito, calculado globalmente, não é significativo ( $\chi^2 = 0,048$ ,  $p = 0,827$ ), não está todavia, em certos casos, associada ao desejo de migrar.

Sob a eventualidade "baixa" da variável categoria sócio-cultural de pertença, a ligação entre o sexo e o desejo de migrar é significativa no limiar de  $0,10$  ( $p = 0,052$ ). São as raparigas (de categoria sócio-cultural dita baixa), que mais desejam migrar. Sob a eventualidade "média e alta" a ligação entre o sexo e o desejo de migrar é significativa no limiar de  $0,01$ , mas são desta vez os rapazes (da categoria sócio-cultural dita média), que mais desejam migrar. Os dois coeficientes  $\psi$  calculados elevam-se a  $+0,103$  e  $-0,247$ .

Sob a eventualidade "Filho único" da variável Fratria, a ligação entre o

sexo e o desejo de migrar, é muito significativa ( $\chi^2 = 6,451$ ,  $p = 0,011$ ;  $\lambda\phi = 0,464$ ). Sob todas as outras eventualidades desta mesma variável, pelo contrário, esta ligação é não significativa ( $\chi^2 = 1,6427$ ,  $p > 0,10$ ;  $\lambda\phi = 0,064$ ). O efeito do sexo sobre o desejo de migrar não depende assim da fratria salvo nos casos dos filhos únicos onde são as raparigas que mais claramente desejam migrar.

Sob a eventualidade " Nascido em 1969 ou antes ", o efeito do sexo é significativo no limiar de 0,05 ( $\chi^2 = 4,424$ ;  $\lambda\phi = 0,175$ ). São as raparigas (as mais velhas) que, igualmente, mais desejam migrar. Sob a eventualidade " Nascido em 1970 ou depois ", o efeito do sexo é igualmente significativo no limiar de 0,05 ( $\chi^2 = 3,954$ ;  $\lambda\phi = -0,114$ ), mas são os rapazes mais jovens que têm mais desejo de migrar.

Consequentemente, segundo a eventualidade considerada das duas variáveis Idade e Categoria Sócio-cultural de pertença, o sentido da ligação entre o sexo e o desejo de migrar inverte-se. Esta inversão é notável embora os efeitos apenas sejam em cada caso bastante pouco notórios.

#### b - Interacções entre a idade, as outras variáveis e a intenção de migrar

A interacção entre o sexo, a idade e a intenção de migrar foi estudada no ponto anterior. Prosseguiremos o seu estudo interessando-nos agora pelas variações das ligações idade-desejo de migrar sob o efeito do sexo. Sob a eventualidade de " rapaz " a ligação entre a idade e o desejo de migrar não é significativa ( $\chi^2 = 1,684$ ,  $C = 0,090$ ). Sob a eventualidade " rapariga ", pelo contrário, a ligação idade-desejo de migrar é muito significativa ( $\chi^2 = 16,733$ ,  $p = 0,0008$ ;  $C = 0,257$ ). Quanto mais velhas são, mais as raparigas desejam migrar.

Sob a eventualidade " baixa " da categoria sócio-cultural de pertença, a ligação idade-desejo de migrar não é significativa ( $p = 0,21$ ,  $C = 0,120$ ). Sob a eventualidade " média e alta ", pelo contrário, esta ligação é significativa no limiar de 0,05 ( $C = 0,253$ ). Quanto mais velhos são os alunos (de categoria média e alta), maior é o desejo de migrar.

O efeito da idade, ainda que pouco notório, está sob a dependência simultânea da pertença cultural e do sexo.

#### c - Interacções entre o nível sócio-cultural de pertença, as outras variáveis e a intenção de migrar

Estudámos no ponto a, a interacção entre o sexo, categoria sócio-cultural e desejo de migrar e constatou-se que são as raparigas de categoria dita baixa e os rapazes de categoria dita média e alta que mais desejam migrar. No ponto b, estudámos a interacção entre a idade, categoria sócio-cultural e o desejo de migrar tendo constatado que a idade só tem efeito nos pré-adolescentes de categoria média e alta. Vamos prosseguir o estudo destas interacções interessando-nos desta vez pelas variações da ligação entre a categoria sócio-cultural de pertença sob o efeito, por um lado do sexo e, por outro lado, da idade.



Sob a eventualidade rapaz, a ligação entre a categoria sócio-cultural e o desejo de migrar não é significativa ( $\chi^2 = 0,017$ ). Sob a eventualidade rapariga, pelo contrário, esta ligação é muito significativa ( $p = 0,0001$ ,  $\chi^2 = 0,296$ ). São os pré-adolescentes de categoria dita baixa (e do sexo feminino) que mais desejam migrar.

Sob a eventualidade " Nascido em 1970 ou antes " da variável idade, o efeito da variável sócio-cultural é não-significativo ( $\chi^2 = 0,030$ ). Sob a eventualidade " Nascido após 1970 ", o efeito desta variável é, pelo contrário, muito significativo ( $p < 0,01$ ,  $\chi^2 = 0,254$ ). São os pré-adolescentes de categoria dita baixa (e jovens) os mais desejosos de migrar.

Sob a eventualidade Meio rural, o efeito da categoria sócio-cultural de pertença não é significativo ( $\chi^2 = 0,074$ ). Pelo contrário, sob a eventualidade Meio urbano este efeito é significativo no limiar de 0,05. São os pré-adolescentes de categoria dita baixa (e de meio rural) que mais desejam migrar.

O efeito da categoria sócio-cultural de pertença está dependente do meio, do sexo e da idade.

d - Interacções entre o meio (rural ou urbano), as outras variáveis e a intenção de migrar.

Acabámos de ver no ponto c que, segundo o meio, o efeito da categoria sócio-cultural de pertença sobre a intenção de migrar pode ser ou não ser significativo. Estudaremos agora esta interacção interessando-nos pelas variações do efeito do meio. Sob a eventualidade " baixa " da categoria sócio-cultural de pertença, o efeito do meio é significativo no limiar de 0,05 ( $\chi^2 = 0,104$ ). São os pré-adolescentes rurais (de categoria sócio-cultural dita baixa) que mais manifestam a intenção de migrar. Sob a eventualidade média e alta, pelo contrário, o efeito do meio não é significativo (mas  $\chi^2 = 0,148$ ). Se, consequentemente, a variável meio tem um efeito sobre a ligação categoria sócio-cultural/intenção de migrar, o efeito recíproco não se regista.

Sob a eventualidade rapaz, o efeito do meio sobre a intenção de migrar não é significativo ( $\chi^2 = 0,060$ ). Sob a eventualidade rapariga, pelo contrário, este efeito é muito significativo ( $p = 0,0002$ ,  $\chi^2 = 0,227$ ). São os pré-adolescentes rurais (do sexo feminino) que manifestam com mais frequência a intenção de migrar. Não notamos, pelo contrário, efeito do meio sobre a ligação sexo/intenção de migrar.

O efeito do meio parece estar sob a dependência do sexo e da categoria sócio-cultural de pertença.

e - Interacção entre o escore na prova de desenvolvimento cognitivo, as outras variáveis e a intenção de migrar.

Sob a eventualidade família com menos de duas crianças, o efeito do escore sobre a intenção de migrar é muito significativo ( $p < 0,01$ ,  $C = 0,312$ ). São os pré-adolescentes cujo escore é mais baixo (e vindos de família de tamanho restrito)

que manifestam mais claramente a intenção de migrar. Sob as outras eventualidades consideradas da variável fratria, o efeito do escore não é significativo.

Sob a eventualidade sexo feminino o efeito do escore sobre a intenção de migrar é significativo ( $\chi^2 = 10,02$ ,  $p = 0,0401$ ). São os pré-adolescentes cujo escore é mais baixo (e do sexo feminino) que mais manifestam a intenção de migrar. Sob a modalidade sexo masculino, o efeito do escore não é significativo ( $\chi^2 = 7,37$ ,  $p = 0,1173$ ).

O efeito do escore de desenvolvimento cognitivo parece pois estar sob a dependência do sexo e da fratria.

### 3.3/ Articulação dos diferentes efeitos

De modo a apreender no seu conjunto a articulação dos diferentes efeitos sobre a intenção de migrar, efectuámos uma análise de segmentação (Bacher, 1978, pp. 633-659).

Todas as variáveis foram colocadas em relação com a intenção de migrar. A variável que mantém a ligação mais forte foi seleccionada. Sob cada uma das eventualidades desta variável seleccionada foram de novo calculadas todas as ligações entre as restantes variáveis e a intenção de migrar e assim sucessivamente.

A árvore obtida por segmentação (figura 2), coloca à frente a variável idade. No segundo nível verifica-se já uma diferença. Quanto mais os pré-adolescentes são jovens, tanto maior é a importância do efeito do sexo e quanto mais "idosos" são, tanto maior é o efeito do escore de desenvolvimento cognitivo. O tamanho da fratria vem na terceira posição de importância para os que nasceram antes de 1970 sob a eventualidade "escore" e para os nascidos depois desta data sob a eventualidade "sexo". Já sob a modalidade "escore" dos que nasceram em 1970, intervem não só a fratria como o sexo e o nível sócio-cultural, o que é indicativo de algo que se prepara.

## 4/ Discussão

Na amostra de pré-adolescentes que vimos examinando a intenção de migrar presente em 46 % da população, já se manifesta numa proporção idêntica à que encontramos nos adolescentes (47 %). De notar que, se a amostra de pré-adolescentes é sensivelmente equilibrada quanto ao meio e ao sexo, já o não é quanto ao nível sócio-cultural como se verifica na amostra dos adolescentes.

Globalmente, encontramos para os pré-adolescentes como para os adolescentes, efeitos idênticos das variáveis demo-sociológicas e de desenvolvimento cognitivo. Só o sexo, cujo efeito sobre a intenção de migrar é significativo nos adolescentes, não o é nos pré-adolescentes. No entanto, o sexo aparece como sendo uma variável moderadora importante, como veremos.

Dito isto, a intenção de migrar nos pré-adolescentes aparece extremamente

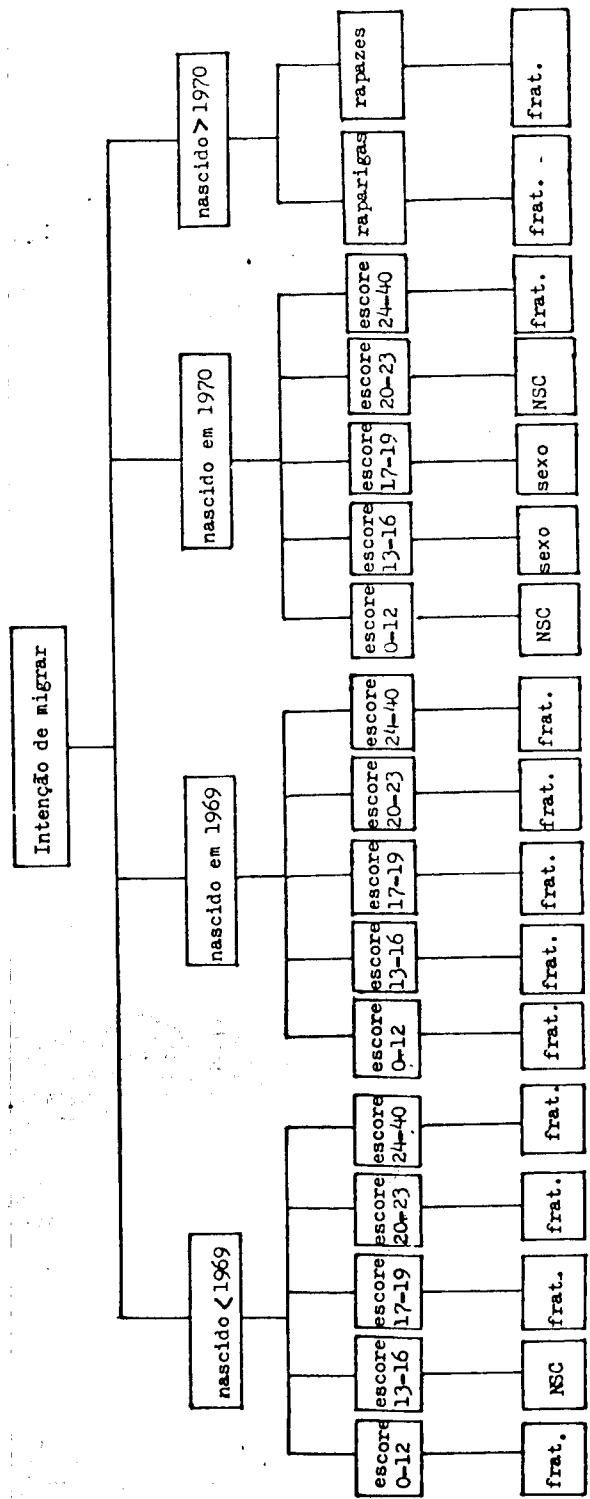


FIGURA 2 ANÁLISE DE SEGMENTAÇÃO

multi-determinada. Cada uma das numerosas ligações observadas aparece muito complexa.

A importância dos diferentes efeitos e a articulação destes são interessantes a considerar. Se ordenarmos a importância dos efeitos tendo em conta os coeficientes de contingência, então observamos a hierarquia seguinte:

1 - Idade	0,151
2 - Desenvolvimento cognitivo	0,149
3 - Meio	0,147
4 - Cat. sócio-cultural de pertença	0,145
5 - Fratria	0,105
6 - Sexo	0,010 (NS)

Esta ordem pode ser contudo largamente posta em causa segundo nos interessarmos pelos alunos do sexo masculino ou feminino, " Nível sócio-cultural baixo ou médio e alto " ... já que se observam numerosas interações. É com as variáveis sexo e categoria sócio-cultural que as interações parecem ser mais numerosas.

Certas interações são recíprocas: aquelas que dizem respeito à idade e à categoria sócio-cultural de pertença, à idade e ao sexo, ao sexo e à categoria sócio-cultural. Outras não o são: a variável tamanho da fratria tem um efeito sobre o efeito do nível de desenvolvimento cognitivo, a variável sexo tem um efeito sobre o efeito do meio, a variável meio tem um efeito sobre o efeito da categoria sócio-cultural.

O efeito do meio rural ou urbano de residência, embora globalmente significativo é na realidade pouco marcante. Este efeito está sob a dependência do sexo. Ele só é realmente importante nas raparigas.

O efeito da variável sexo é nulo. No entanto o sexo aparece como uma variável moderadora importante. Vimos que o efeito da residência rural ou urbana está claramente sob a dependência do sexo. O efeito da idade bem como o da categoria sócio-cultural de pertença, são-lhe igualmente dependentes. Se compusermos uma hierarquia dos efeitos próprios a cada sexo observam-se deslizaamentos importantes.

	Raparigas	Rapazes
Idade	0,257	0,090
Des. Cog.	0,190	0,175
Meio	0,227	0,060
N.S.C.	0,284	0,064
Fratria	0,157	0,212

Os coeficientes de contingência que figuram na coluna Raparigas são de ordem claramente mais elevada (0,157 a 0,284) que aqueles que figuram na coluna Rapazes (0,060 a 0,212). É provavelmente o sinal de que a intenção de migrar está nas raparigas bem mais que nos rapazes, sob a dependência de múltiplos factores sociais.

A variável nível de desenvolvimento cognitivo, para a qual se põe não somente a questão da existência do efeito mas também a do seu sentido, mantém com a intenção de migrar uma ligação globalmente significativa, a segunda em importância depois da idade. São os alunos mais desenvolvidos cognitivamente que manifestam menos a intenção de migrar. O efeito, como para o meio rural ou urbano, está longe de ser massivo. Parece que ele esteja pouco sob a dependência de outras variáveis. Pouco se atenua se for estudado em meio sócio-cultural constante ou em local de residência constante.

A variável nível sócio-cultural aparece, tal como a variável sexo, como uma variável moderadora importante. Como se pode constatar no quadro abaixo, esta variável comanda, em parte, o efeito de duas outras variáveis: sexo e idade.

	Baixo	Médio e Alto
Idade	0,120	0,253
Des. Cog.	0,134	0,146
Meio	-0,104	-0,148
Fratria	0,113	0,074
Sexo	0,103	-0,239

Tratando-se finalmente da idade, é surpreendente constatar-se que esta variável encabeça o que diz respeito ao efeito sobre a intenção de migrar. O estudo foi realizado a um nível escolar constante o que normalmente conduz a uma minimização do efeito da idade. São contudo os pré-adolescentes mais velhos que manifestam, globalmente, o desejo mais intenso de migrar. Isto não é todavia verdade, como é possível constatar-se pelos dois quadros precedentes, senão para as raparigas e para os pré-adolescentes de nível " médio e alto ".

Se examinarmos os resultados da análise de segmentação verificamos que também o efeito da idade aparece sempre como o mais importante. O efeito do desenvolvimento cognitivo aparece também em segunda posição, excepção feita aos adolescentes mais novos. O efeito do meio não aparece nas três primeiras posições, o que não é surpreendente pois a idade, o escore e a fratria são três aspectos em que o meio se evidencia.

## CONCLUSÃO GERAL

Concluir quer dizer, aqui, tão somente, acabar um trabalho e não ter esgotado os dados de um problema. Como nos relembra Duchac (1974), o estudo das migrações não é a análise de um fenómeno simples, redutível a um pequeno número de parâmetros, como ilusoriamente o poderia deixar transparecer a definição mais nua de migração enquanto movimento de indivíduos ou de grupos de um lugar de origem para um lugar de destino. Frequentemente, nas investigações empíricas efectuadas sobre um tema complexo, se o termo é um ponto de chegada também é um ponto de partida. Se se vê mais claro, esta clareza levanta incertezas que não existiam no começo.

A migração foi aqui analisada através dos seus actores e observadores participantes. Para tal procedeu-se à observação do fenómeno migratório no país que acolheu mais Portugueses nas duas últimas décadas - a França - e em Portugal. Recorreu-se a quadros teóricos diversos o que nos foi, em parte, imposto pelo tipo de abordagem escolhida. Para atingir o nosso fim último - contribuir para o estudo da migração portuguesa - utilizaram-se três métodos: a observação participante, o estudo dos traços, mas foi sobretudo o inquérito que foi privilegiado. Foram efectuados dois inquéritos junto de migrantes da primeira geração, tendo já ultrapassado os primeiros choques culturais levantados pela adaptação, a seis anos de distância - 1977 e 1983 -, respectivamente. Dois outros inquéritos foram efectuados em Portugal com adolescentes e pré-adolescentes em 1982.

É bastante frequente limitar-se a análise dos resultados dos inquéritos aos cruzamentos entre as variáveis de identificação, também chamadas " clássicas ", " objectivas " e as questões específicas ao problema em questão. " O recurso privilegiado a um pequeno número de variáveis consideradas como explicativas, sempre as mesmas, envia a uma concepção implícita do que ' é ' um indivíduo: é alguém que é de um certo sexo, tem uma certa idade, tem uma certa actividade profissional, é casado ou não. Trabalha-se sempre com estas variáveis como se elas definissem uma pessoa e sobretudo a definissem objectivamente " (Ghiglione, Matalon, 1978, p. 248). O nosso trabalho procurou ultrapassar esta limitação mediante o recurso a análises multidimensionais.

Os quatro inquéritos realizados são atravessados por uma unidade singular: a análise dos projectos migratórios. Trata-se de saber até que ponto estão os actores confrontados com o projecto de regresso e, para os observadores participantes, se está no seu horizonte temporal o projecto de emigrar. A multideterminação dos projectos migratórios pode ser confirmada.

Se a função das páginas conclusivas dos inquéritos é, em geral, responder às questões postas inicialmente através de uma síntese dos resultados obtidos, não

iremos, porém, aqui discutir as hipóteses de trabalho presentes na base de cada uma das investigações efectuadas. Tal já foi feito no termo de cada uma delas. Articularemos as notas conclusivas em duas rubricas: alguns pontos de convergência de a abordagem da migração através dos seus actores e observadores participantes, e algumas perspectivas de investigação.

Se na abordagem da migração através dos seus actores e observadores participantes encontramos uma unidade temática global, analisando o fenómeno migratório português, e uma unidade temática singular, focalizando os projectos migratórios, em ambos os pólos da cadeia migratória são explorados os domínios abrangidos pela partida, pela estadia e pelo regresso. É à volta destas três sequências do processo migratório que vamos articular alguns pontos de convergência entre a migração vivida e representada.

Se os factores que entram em linha de conta para emigrar são numerosos, verifica-se serem os de natureza económica ligados ao emprego os mencionados com mais frequência. Quer os migrantes entrevistados em França, quer os adolescentes observados em Portugal, mencionam antes de mais como objectos motivacionais da emigração portuguesa a falta de trabalho em Portugal e a insuficiência dos salários usufruídos. Trabalho e dinheiro fazem parte do modelo representacional da emigração, segundo os adolescentes.

Perante a considerável existência de projectos de partida nos adolescentes e pré-adolescentes e de regresso nos migrantes, encontramos de modo complementar, referências a causalidades económicas internas da migração que são duradouras. São modos convergentes de apontar a nossa incapacidade, por ora crónica, para estancar a hemorragia migratória. São modos de assinalar a nossa falta de imaginação colectiva para que o nosso rectângulo seja o lugar de convívio luso.

Não é pois de admirar que haja uma certa convergência entre os actores e observadores em mostrar como a migração é selectiva ao nível sócio-demográfico, pela origem geográfica e pela classe social. Assim, os migrantes são sobretudo originários das zonas rurais e do nível sociocultural baixo. Segundo 80 % dos adolescentes são os pobres que mais emigram e 64 % pensam que os migrantes se recrutam sobretudo nas zonas rurais.

A representação do processo adaptativo e o seu vivido estão salpicados de dificuldades, mesmo se para a maioria é acompanhado de bem-estar. Na medida em que foram colocadas as mesmas questões aos migrantes e aos adolescentes a propósito das dificuldades que levanta a adaptação, podem-se efectuar a este nível compara-



ções quantitativas que todavia não abordaremos aqui. Limitar-nos-emos a esboçar algumas notas a propósito de um aspecto nuclear associado à migração: a saudade.

A migração impõe a separação espacial que significa a interrupção física de um contacto com as instituições da comunidade originária e muitas vezes com os amigos íntimos e com a família, que, enquanto objectos, serviriam de referência para o sujeito. Volvidos os primeiros anos de locomoção na nova sociedade, o reagrupamento familiar nem sempre tem lugar. Assim, no inquérito de 1983, 7 % dos migrantes declaram estar separados dos filhos. Curiosamente, a mesma percentagem de adolescentes entrevistados em Portugal sofre da separação dos pais por causa da migração.

A saudade aparece não só como uma reacção à mudança num sentido multidimensional (mudança na maneira de viver, de pensar, dos afectos e dos sentimentos)<sup>(1)</sup>, mas também como uma reacção à separação espacial.

O sentimento-ideia traduzido pela palavra " saudade " está presente ao longo de toda a história portuguesa<sup>(2)</sup>. Como conceito psicológico é difícil encontrar uma fórmula, uma definição para a SAUDADE. Segundo Rodrigues (1967), ela engloba três palavras que seriam semanticamente próximas: a palavra francesa nostalgia que diz respeito ao passado, ou passado-presente; a palavra inglesa " spleen " que traduz um estado de espírito vizinho da angústia e do vazio e que diz respeito ao presente ausente; finalmente, a palavra latina " desiderium "<sup>(3)</sup> que, segundo o autor, seria a terceira categoria do sonho a englobar na " saudade " e que se refere ao futuro. Filippi (1981, p. 19), baseado numa cantiga de D. Dinis, resume os elementos essenciais da saudade nas seguintes palavras: Lembrança - Solidão - Desejo - Amor.

Não evocaremos aqui as querelas a propósito de saber se o sentimento é específico do psiquismo português ou não<sup>(4)</sup>. Considerá-lo como tal induziria a uma monopolização dessa " disposição melancólica para o regresso ao passado, pré-memória

---

(1) - " Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança,  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades . "

Camões

(2) - Este termo apareceu pela primeira vez com a grafia saudade em 1335 na trova atribuída a D. Pedro sobre os seus amores com D. Inês de Castro (Castro, 1980, p. 7).  
(3) - " Desiderium patriae me tenet ", Cícero.  
(4) - Sobre as opiniões a favor e contra da peculiaridade portuguesa da saudade, cf. Filippi, 1981, pp. 81-91.

do futuro ou vontade do absoluto " (Rodrigues, 1967, p. 19), já que os homens, qualquer que seja a sua origem e qualquer que seja a sua época, são susceptíveis de experimentar sentimentos idênticos<sup>(1)</sup>.

Segundo Zwingman (1973), em termos de horário subjectivo, a gratificação pode derivar de todas as actividades psico-temporais reais, isto é, da projecção (no futuro) da participação (no presente) e da retrojecção (no passado). A retrojecção faz com que a participação no presente (a realidade) se torne desconfortável, penosa e/ou a projecção não oferece uma gratificação adequada, sempre que a reacção " saudosista " aparece. O fenómeno nostálgico que está subjacente à " saudade " pode ser definido " como um regresso simbólico para, ou uma reinstituição psicológica dos acontecimentos do passado pessoal (real) e/ou um passado interpessoal (abstracto, imaginado, sugerido) que fornece a gratificação optimal " (Zwingmann, 1973, p. 23). Subjacente à relação saudosista existe a relação primária com o objecto, a separação e a perda, a vivência emocional depressiva e enfim a tentativa concreta ou fantasmática de reconstrução da relação com o objecto.

Existe uma problemática comum a toda a emigração: a existência de uma perda que remete para uma " problemática depressiva " (que não é uma depressão no sentido psiquiátrico) (Beauchesne, Esposito, 1981).

A emigração foi<sup>(2)</sup> e continua a ser nos nossos dias um dos geradores deste sentimento.

Assim, na amostra de 1977, 77 % declaram sentir muitas vezes saudades, 7 % raramente e 15 % nunca as sentem. Na amostra de 1983, para 54 % dos migrantes a saudade suscita-lhes muita dificuldade, para 32 % pouca e para 13 % nenhuma.

Os objectos investidos pelas saudades são antes de mais a família; mas os amigos, a terra, o solo pátrio, o sol, a praia, os costumes, Portugal, são também outros objectos frequentemente citados. Eis algumas das respostas: " tenho muitas vezes saudades da família, das crianças, de tudo o que há lá-baixo "; " da família, da terra, da casa, dos chouriços pretos ".

A saudade evoca pessoas, lugares ou simplesmente pormenores. Esses objectos são detonadores de sentimentos ambivalentes. " A saudade é chamada gosto doce-amargo, ventura e desventura, morrer e renascer, vitória e derrota, ditosa desventura, deleite de amargura " (Filippi, 1981, p. 36).

- 
- (1) - A literatura grega desenvolveu amplamente este tema complexo da existência humana. Ulisses vive a fascinante aventura do regresso levando no coração a nostalgia da pátria com todas as implicações emotivas intrínsecas a este termo. Um outro exemplo ilustre é-nos fornecido por Ovídio que exilado procura adaptar-se a tais condições mas não consegue resignar-se à separação, realizando a sua nostalgia nos cantos " Tristia " que têm conotações psicológicas muito explícitas com este tema.
- (2) - Por exemplo; Francisco Manuel de Melo na terceira Epanáfora considera que a saudade é natural ao português, pelas suas qualidades amorosas e pelos factos históricos que ocasionaram longas ausências. " Amor e ausência são os pais da saudade ".

A saudade inclui a lembrança de objectos que no passado satisfizeram tendências as cujo conteúdo foi agradável. A ausência actual desses objectos sente-se como uma falta. É geralmente reconhecido que a saudade englobaria matizes da palavra "desiderium" (Rodrigues, 1967; Filippi, 1981). Desejo que impele interiormente a ver, a alcançar, o que está ausente. Existirá uma relação entre a saudade e o projecto de regresso? A saudade é, nos migrantes, um cordão umbilical ligado ao projecto de regresso ao país de origem.

A saudade pode estar na origem do regresso efectivo. Para só dar um exemplo: "Uma criança portuguesa que seguia com sucesso uma classe do 1º ciclo é apanhada 'subitamente' pela saudade. Pede aos seus pais para regressar a Portugal, sem se preocupar com o que lhe vier lá a acontecer" (Grange, 1977, p. 480).

Os vários dicionários de língua portuguesa repetem que a saudade vem de solidão e de soledade. "Se aceitarmos a derivação de saudade do termo latino 'solitudo' - solitudo, a sua aceção mais óbvia refere-se à pessoa só, solitária, abandonada" (Filippi, 1981, p. 23). Embora a origem do vocábulo levante dificuldades é interessante sabermos até que ponto andam juntos a saudade e o sentimento de se sentir isolado, nos migrantes. Efectivamente, tanto na amostra de 1977 como na de 1983, a saudade está tanto mais presente nos sujeitos quanto o está a solidão. É evidente que perante tais resultados não queremos tomar partido a respeito da etimologia da palavra. Deixamos tal tarefa aos glotólogos.

Se por um lado, a emigração suscita a saudade nos actores, por outro lado, esse sentimento também emerge no universo representacional do fenómeno migratório "in situ". Segundo 87 % dos adolescentes entrevistados, a saudade suscita muita dificuldade nos migrantes; esse sentimento faz também parte do núcleo imagético da emigração, tendo uma forte contribuição nos três primeiros factores da AFC da associação livre.

Este sentimento profundo e complexo do povo português aparece assim intimamente entrelaçado no fenómeno migratório quer através dos seus actores quer através dos seus observadores participantes.

A migração é vivida e representada essencialmente como temporária; o regresso aparece como desejável, mas difícil.

Segundo a representação dos adolescentes a migração portuguesa é temporária, pois só 3 % a consideram definitiva. Entre os próprios jovens que têm o projecto de emigrar, 88 % perspectiva a sua estadia como temporária. A grande maioria aconselharia o regresso a um amigo emigrante. Só 8 % aconselhariam a migração definitiva. Se a migração é representada, perspectivada e aconselhada como temporária, o regresso não se fará sem problemas. Entre esses problemas aparecem sobretudo, segundo os adolescentes, a falta de trabalho e os salários insuficientes.

Os dois inquéritos efectuados junto de migrantes portugueses em França, são convergentes ao apontar a situação paradoxal em que estes se encontram. Se, por um lado, os projectos de regresso parecem depender da situação do migrante no processo adaptativo, por outro lado, as representações das dificuldades aquando de um virtual regresso - e até representações tendencialmente mais negativas do país de origem que do de acolhimento - não são suficientes para afastar o regresso das perspectivas de futuro dos migrantes.

Face a esta situação paradoxal será o regresso um mito ?

As técnicas de inquérito utilizadas deram-nos uma fotografia em dois momentos diferentes da realidade da implantação da comunidade portuguesa em França. Segundo os desejos expressos pelos migrantes, apesar de ultrapassados os primeiros choques levantados pela adaptação, a migração é perspectivada como temporária para a grande maioria. Na amostra de 1977, 86 % dos sujeitos têm nas suas perspectivas de futuro o regresso e na amostra de 1983, estão neste caso 80 %.

Em 1983, os migrantes estão mais indecisos entre dois projectos contraditórios - regressar ao país de origem ou manter-se no país de acolhimento - que em 1977. Será a indecisão nos projectos a via para a adaptação integrativa ? Seja como for, por ora, o projecto de enraizamento ainda é um discurso conta a corrente nos migrantes da primeira geração. É obvio que os grupos foram constituídos segundo a expressão de uma intenção - a de regressar ou fixar-se - e a significação das questões de intenção está limitada pelo facto das circunstâncias poderem modificar-se e contribuir para a variação das intenções. Para se saber se a ideia de regresso é a expressão de um desejo mítico, se a actual imigração em França é temporária ou de povoamento, só o devir diacrónico permitirá fazer a hermenêutica do real. Contudo, o leitor pode constatar que as intenções de regresso não aparecem como pios desejos dos indivíduos. O regresso, seja ele mítico ou não, no futuro, acompanha-se no presente de opiniões, de atitudes e de comportamentos que permitem obter a sua etiologia.

A referência ao regresso desempenha um duplo papel: por um lado, manifesta os vínculos objectivos, por outro lado, os vínculos subjectivos que os migrantes mantêm com o país natal. A vinculação ao país é muito forte apesar de uma longa separação. Essa referência mantém um espaço de segurança perante um futuro incerto. A ideia de regresso parece agir como um sistema de segurança, isto é, engendra mecanismos psicológicos mediante os quais o indivíduo faz face às suas ansiedades; serve-lhe de compensação. O regresso ao país corresponde ao regresso ao ventre materno; assim, o indivíduo reencontra o lugar securizante por excelência, abandonando o terreno hostil em que é susceptível de se sentir vítima de agressões múltiplas.

O país de destino recorreu a um controle mais severo da imigração mais do que a medidas de expulsão.

Os dispositivos postos em prática em França para incitar os migrantes ao regresso, a saber, a ajuda financeira e a formação-regresso, apenas tocaram grupos bem determinados. A primeira apenas diz respeito aqueles que tem possibilidades de se reinserir no meio local (Migrations/Études, 1979, p. 19); quanto à segunda, apenas atinge aqueles que têm um nível de base suficiente. Se nos indivíduos que emigraram na idade adulta o desejo de regressar é visivelmente manifesto, este é seguido de uma nítida recusa de um regresso forçado por um país que em tempos lhes abria os braços. " Quem me comeu a carne, que me chupe os ossos "; esta frase confiada por um migrante é bem sintomática deste fenómeno. A reacção virulenta dos migrantes à política migratória francesa, sentindo-se feridos narcisicamente, pode compreender-se pelo facto dos projectos migratórios não terem sido realizados até então, assim como por representações que os mesmos se fazem de Portugal, que não parece susceptível de os atrair. A rejeição massiva da ajuda para o regresso da parte dos membros da amostra não se atenuaria um pouco se a possibilidade de regressar em caso de falhanço estivesse assegurada ?

Na nossa opinião aparece como fundamental, com vista a diminuir a insegurança sócio-psicológica nos migrantes, que o regresso não tenha um carácter irreversível mas que lhes seja outorgado o direito ao ensaio da reinserção, podendo reemigrar no caso de fracasso. Os direitos adquiridos relativamente à residência e ao trabalho seriam salvaguardados.

Como compreender de outro modo a frase por nós tantas vezes escutada: " quando regressar guardarei os papéis como ' souvenir ', mas nunca os entregarei ".

Esta medida corresponde aos anseios de muitos migrantes e seria sobretudo benéfica para os jovens da segunda geração, para muitos dos quais o regresso ao país dos pais não é propriamente um regresso mas uma verdadeira emigração.

Paradoxalmente, uma política de facilitação do regresso supõe duas vertentes: por um lado, permitir que a estadia no estrangeiro se desenrole em condições satisfatórias, facilitando particularmente os progressos no conhecimento da língua francesa e das técnicas; por outro lado, reconhecer em todos os escalões o direito das populações de viverem segundo as tradições e hábitos da sua cultura de origem. Para facilitar o evoluir dos migrantes no país de acolhimento, é do maior interesse quer para os que pensam regressar, cuja identidade pessoal não aparece sobremaneira desvalorizada, mas de cuja identidade social a nacionalidade é parte integrante, e para os que não pensam regressar, cuja identidade pessoal aparece desvalorizada e a identidade nacional não está ausente, criar as condições da emergência de uma identidade revalorizada.

Uma acção que queira integrar a autonomia de escolha entre a perspectiva de regresso e a de se instalar em França, não pode deixar de se preocupar com a identidade sócio-cultural e dos laços com Portugal. A promoção desta identidade dos emigrantes pode evitar o escolho dos grupos minoritários para autopercepção rem a sua cultura com um certo complexo de inferioridade.

Mas para diminuir a situação paradoxal da comunidade lusa em França, o país de origem também tem de assumir as suas responsabilidades.

O lugar perspectivado para o regresso não é polarizado pelas zonas mais desenvolvidas do litoral mas, ao contrário, pelos lugares de residência anteriores ao acontecimento migratório. Os ritmos de regresso serão, pois, modulados ao nível local. A observação da remodelação do parque habitacional, o incremento do comércio, a transformação dos hábitos de consumo, a actividade bancária, são só sinais de prosperidade aparente nas regiões afectadas em massa pela emigração devido ao fluxo de regresso de divisas. O emprego das divisas não parece ser um motor decisivo na recuperação económica das autarquias locais. Se Portugal quer incitar verdadeiramente as suas gentes ao regresso, é necessário agir ao nível das assimetrias regionais. As regiões mais pobres são verdadeiras fábricas de migrantes efectivos ou virtuais. Só mediante a industrialização e a descentralização Portugal poderá ser um dia a pátria de todos os portugueses.

Neste sentido vai a sugestão apresentada pela 1ª Reunião Anual do Conselho das Comunidades Portuguesas (Abril de 1981) para que a poupança dos emigrantes seja aplicada no desenvolvimento regional. Este deveria contribuir para atrair para a sua terra as gentes que tiveram de a abandonar, como para impedir que os fantasmas do prosseguimento do êxodo maciço persistam. Se o desenvolvimento poderá influenciar o regresso e contribuir para a fixação das populações locais mediante a criação de atractivos, o regresso e o emprego "in loco" dos indivíduos poderão ser um factor de desenvolvimento. Na sua maioria, há um projecto de regresso na vida activa. No caso de o regresso se tornar efectivo pode dispor-se de uma mão-de-obra revitalizadora de zonas deprimidas. Sabe-se que a formação profissional usufruída pelo migrante em França é bastante limitada. Poder-se-ia prever uma formação profissional específica para o emigrante que deu o passo de regresso às regiões de origem tendo em conta o desenvolvimento regional.

Por isso, toda a política de emigração/retorno terá forçosamente de passar pelo esboço e concretização do desenvolvimento regional.

Antes de chegarmos ao termo desta longa caminhada só quereríamos apresentar algumas perspectivas de investigação, tendo unicamente em conta as ramificações do trabalho que apresentamos e que podem ser abordadas com o recurso à psicologia

social. Podem-se nesta via distinguir três linhas de investigação:

- as representações da migração
- as análises do regresso efectivo
- as análises dos projectos migratórios.

Se o barómetro representacional dos jovens em relação ao fenómeno migratório aparece por vezes a ambivalência, não parece que a migração de regresso encontre ao nível do relacionamento interpessoal grandes conflitos em contacto com a população jovem não emigrante<sup>(1)</sup>. É o que deixa transparecer a quase inexistência de distância social entre as duas populações. Note-se que tais resultados não podem ser generalizados ao conjunto da população, pois a amostra só é constituída por jovens inseridos no sistema escolar. Poder-se-ia alargar o estudo das representações da emigração a populações adultas. Convém ter presente que as representações positivas podem ter um efeito benéfico sobre o equilíbrio psicológico da migração regressada: "os poucos grupos que vivem em termos bastante bons com a população local acusam uma taxa de hospitalizações por distúrbios mentais inferior a metade dos grupos cuja atitude foi, no conjunto reservada ... Nos locais onde a população local é claramente amistosa para com recém-regressados, esta taxa poderá ainda, provavelmente, baixar mais" (Murphy, 1955, citado por Champion, 1955, p. 86).

Não se pode todavia no futuro deixar de seguir a evolução das representações. Por um lado, já se sabe que o emigrante pensa regressar sobretudo às regiões de origem, principalmente rurais e é nessas zonas que mais se esboça alguma distância social. Por outro lado, a existência de projectos de emigrar cuja concretização esbarra actualmente com as drásticas limitações na admissão de novos migrantes nos tradicionais países de acolhimento, pode contribuir para a manifestação de tensões "in situ". Nesta perspectiva o incremento do projecto de sensibilização comunitária de Coimbra (Rocha Trindade, 1982) é de real interesse.

A efectivação de investigações diacrónicas no domínio das representações sociais da migração, revestir-se-iam do maior interesse, não só prático como teórico. Poucas investigações atacam o problema da estabilidade das representações sociais. Serão elas estáveis e no caso negativo quais as condições da sua evolução (factores de afectação, condições mínimas de mudança, carácter central ou periférico das modificações ...)?

---

(1) - Dito isto, não se pode concluir que a reinserção do migrante no seu meio de origem seja fácil e a inadaptação esteja ausente. Dados já antes referidos deixam-no filtrar.

Mesmo se a propósito do regresso efectivo já existe um certo conhecimento, este centra-se quase exclusivamente no migrante enquanto " homo oeconomicus ". Ainda resta um longo caminho a percorrer para se saber qual o impacto sobre as atitudes e os comportamentos provocados pela estadia no estrangeiro, no migrante e na comunidade de origem. Se este estudo poderia ser concebido a nível nacional, as análises monográficas a nível regional seriam também do maior interesse para orientar a política de migração/desenvolvimento.

Relativamente ao projecto de regresso, tendo sido aqui abordados os da primeira geração em França, seria de interesse não só conhecer os projectos de outras comunidades, como também estabelecer a comparação entre os projectos da migração europeia com os da migração transoceânica. O conhecimento das características da migração de regresso nos anos vindouros permitiria planear o seu acolhimento, evitando a improvisação. Mas mesmo em França, poder-se-ia estudar os projectos dos casais mistos e sobretudo os da segunda geração. Terá a segunda geração nas suas perspectivas de futuro o " regresso " à terra dos pais ? Estes cresceram numa paisagem onde imperam as torres e o betão, longe dos lameiros e dos rochedos, longe do despertar anual ao som da banda de música por ocasião da festa da aldeia, longe do sino que modula a vida quotidiana, longe da guitarra que toca o fado, longe do presunto e do salpicão campestres. Os objectos investidos pela saudade não se encontram mais lá-baixo mas sim aqui. Estudaram em escolas francesas e conhecem por tanto melhor a língua francesa do que a dos seus pais. " — Por vezes, os imigrados são presos de crises sentimentais, de desejos violentos de regressar ao país; contudo os filhos não compreendem o entusiasmo dos seus pais por pequenas aldeias sombrias perdidas entre matagais sem fim ou empoleiradas em cumes selvagens " (Dias, 1953, citado por Rocha Trindade, 1973, p. 150).

Pode-se prever que um certo número de migrantes da segunda geração regresse ao país dos pais. Poder-se-á apresentar uma grande variedade de casos: o regresso por dificuldades de adaptação, o regresso para se casar ou ainda para se reinserir na economia do país de origem (Castro-Almeida, 1978). Um eventual regresso não se efectua todavia sem problemas. Estes põem-se com maior acuidade à segunda geração que à primeira. Para além de um maior enraizamento na sociedade de acolhimento que na do seu país, um eventual regresso pode pôr aos jovens problemas de reinserção escolar, profissional e sócio-cultural. Os filhos dos migrantes estão atravessados por conflitos não só interculturais como também intraculturais que condicionam o seu futuro.

Até que ponto será o projecto de regresso da primeira geração influenciado, acelerado ou retardado, por causa dos filhos ? Podemos observar que muitas vezes o



conflito de escolha entre partir ou ficar é justificado pela escolarização das crianças. Fica apenas um exemplo que ilustra o papel erosivo da segunda geração na diluição do projecto migratório da primeira:

A senhora M. 58 anos, casada, residente em França com o seu marido há 18 anos: "Trabalhei muito para ter uma casa em Portugal. Tive sorte, consegui comprar uma casa a um brasileiro que já estava desabitada há muito tempo e depois ajeitei-a. Parece um 'chateau'. Mas veja lá para que me serve essa casa. Dos meus sete filhos que estão todos em França, só duas raparigas estão ainda solteiras. Uma já namora com um Francês, já a perdi. Só me resta a mais nova que eu gostaria de trazer comigo para Portugal, mas essa também a devo perder. Para que é que os dois velhotes querem uma casa tão grande? Era uma casa onde cabiam todos os meus filhos..."

Das palavras desta mãe aflora uma angústia profunda pela situação em que se encontra. As condições materiais já permitem o regresso à aldeia minhota há uns anos, mas os seus filhos foram-se "perdendo" um a um - entenda-se já não pensam regressar à terra dos pais - e a única razão para este casal continuar em França é tentar pelo menos que um dos seus numerosos filhos regresse com ele a Portugal. A mãe já vislumbra este desejo irrealizável. Após haver passado uma grande parte da sua vida activa marcada pelo fascínio de ter uma casa confortável na terra, desponta a dúvida sobre a sua utilidade. Estará a casa do "Francês" destinada a só apanhar sol um mês por ano?

Este exemplo permite-nos transitar para a sugestão de um último tema de investigação, a casa do emigrante: "A casa nativa. O retiro sagrado da memória. A eternidade paralisada" (Torga, 1983, p. 111). A sua abordagem pode ser perspectivada atravessando as três linhas a que acabamos de nos referir: como é representada a casa do emigrante pelas populações locais, as condições de alojamento do emigrante regressado definitivamente e sua importância, significação no quadro do projecto migratório quando o emigrante ainda está inserido no processo migratório.

As páginas que ficam para trás não têm a pretensão de ser exaustivas no inventário das questões que actualmente se põem a propósito do fenómeno migratório quer num país de acolhimento da migração portuguesa - a França - quer no país de origem. Esperemos que revelem o interesse que a psicologia social pode ter na abordagem da migração portuguesa.

A arquitectura do presente trabalho situa-se na temporalidade. Qualquer que seja o problema humano abordado tem de se considerar a partir do tempo. O ideal é que o presente sirva sempre para construir o futuro. O migrante faz um desvio pelo mundo dos outros ansiando por voltar ao seu próprio mundo. Não é só escravo da necessidade, mas é também homem de desejo (Montvalon, 1976). É

um dos desejos mais enraizados nos sujeitos que auscultamos é o desejo de regressar ao solo pátrio. O migrante coloca incessantemente uma lança no país de origem com o pedido de que se transforme para aí ter um lugar para as bagagens trazidas da viagem. A sua história individual é uma interrogação permanente às duas sociedades de que ele é o elo. Por sua vez um grande número de jovens em Portugal anseia hoje por entrar amanhã no mundo dos outros o que manifesta a insatisfação com as condições de vida local e a apreensão das suas perspectivas de futuro na terra natal. Resta-nos esperar com uma atitude activa, comprometida num problema de todos nós, enterrando o nosso fatalismo crónico, pela concretização das palavras do poeta: " Começo a caber na pátria. Já não olho a fronteira com a inquietação de outrora. O corpo e o espírito vão-se acostumando à ideia de que os sete palmos nacionais da terra chegam perfeitamente para consumir um destino humano " (Torga, 1983, p. 118). Pudesse este estudo contribuir para isso.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOU S. (1978), Intégration et acculturation des immigrés: un modèle d'analyse, in *Migrants-Formation*, 29/30, pp. 35-39.
- ABOU SADA G., GALOO F., JACOB P., TRICART J., (1976), La condition de la seconde génération, Lille, CRESGE.
- ABRIC J., (1976), Jeux, conflits et représentations sociales, thèse de doctorat d'État, Université de Provence.
- ACKERMANN W., ZIGOURIS R., (1966), Représentation et assimilation des connaissances scientifiques, Paris, CERP, AFPA.
- ADORNO T. et al., (1950), The authoritarian personality, New York, Harper and Row.
- ALBOU P., (1968), Les questionnaires psychologiques, Paris, PUF.
- ALBRECHT G., (1972), Soziologie der geographischen mobilität: Zvgleich ein breitrag zur soziologie des sozialen wandels, Stuttgart, Enke.
- ALEGRE M., (1983), Babilónia, Lisboa, O Jornal.
- ALIMAZIQUI K., (1975), Les ouvriers immigrés algériens face au retour, thèse de doctorat de 3<sup>ème</sup> cycle, Paris VII.
- ALLAL T. et al., (1977), Situations migratoires, Paris, Éditions Galilée.
- ALLPORT G., (1961), Patherm and growth in personality, New York, Holt.
- ALMEIDA C., (1972), Migration internationales de la main-d'oeuvre, Bibliographie, Université de Genève.
- ALMEIDA C., (1978), Réflexions sur la situation des migrants de la deuxième génération en Europe Occidentale, in *Revue Internationale du Travail*, Novembre-Décembre, 6, pp. 811-823.
- ALMEIDA C., BARREIRO A., (1974), Capitalismo e emigração em Portugal, Lisboa, Ed. Prelo, (2<sup>a</sup> edição).
- ALMEIDA Z., (1972 a), Introduction à la psychopathologie de la trasplantation, in *Information Psychiatrique*, 48, 2, pp. 167-173.

- ALMEIDA Z., (1972 b), Aspects psycho-sociaux et psychopathologiques de la transplantation, in La santé des migrants, Paris, Éd. Droit et Liberté, Comité médical et médico-social d'aide aux migrants, pp. 103-128.
- ALMEIDA Z., (1975), Les perturbations mentales chez les migrants, in Information Psychiatrique, 51, 3, pp. 249-281.
- ALMEIDA Z., (Avril, 1977), Les sinistres chez les migrants, in Migrations Santé, n° spécial, pp. 2-3.
- ALMEIDA Z. et al., (Avril, 1977), Rapatriements sanitaires des immigrés pour motif psychiatrique, in Migrations Santé, n° spécial, pp. 4-12.
- ALPALHÃO J., ROSA V., (1983), Da emigração à aculturação, Angra do Heroísmo, Coleção Diáspora.
- AMBRÓSIO T., (1982), O adolescente e a inserção social, in Psicologia, III, 3/4, pp. 205-218.
- ANDERSON G., (1974), Networks of contact: the Portuguese and Toronto, Waterloo, Wilfred Laurier University.
- ANIDO N., FREIRE R., (1978), L'émigration portugaise, Paris, PUF.
- ANTUNES M., (1973), A emigração portuguesa desde 1950, Lisboa, Cadernos GIS.
- ANTUNES M., (1981), Migração portuguesa, mobilidade social e identidade cultural, in Análise Social, XVII, 65, pp. 17-27.
- ANZIEU D. (1975), La connaissance de soi, Introduction, in Psychologie de la connaissance de soi, Paris, PUF, pp. 3-16.
- APPLEYARD R., (1962), The return movement of United Kingdom migrants from Australia, in Population Studies, XV, 3, pp. 214-215.
- ARGYLE M., (1974), Comunicação e dinâmica de grupos: bases psicológicas, São Paulo, Ibrasa.
- ARROTEIA J., (1983), A emigração portuguesa, Lisboa, Instituto de cultura e língua portuguesa.
- ATH-MESSOUD M., GILETTE A., (1976), L'immigration Algérienne en France, Paris, Éditions Entente.
- BACHELARD G., (1957), La poétique de l'espace, Paris, PUF.

- BACHER F., (1978), L'organisation et l'interprétation des enquêtes en psychologie, thèse de doctorat d'Etat, Université de Paris V.
- BACHER F., REUCHLIN M., (1965), Le cycle d'observation, Enquête sur l'ensemble des élèves d'un département, in BINOP, 21, pp. 149-236.
- BADIN P., (1977), Aspects psychosociaux de la personnalité, Paris, Le Centurion.
- BARATA J., (1982), Casas dos emigrantes no país real, in Jornal Arquitectos, Abril, pp. 8-9.
- BARBICHON G., (1972), La diffusion des connaissances scientifiques et techniques, in MOSCOVICI S. (ed.), Introduction à la psychologie sociale, Paris, Larousse, pp. 330-363.
- BARREIROS SANTOS A., (Octobre, 1977), La scolarité obligatoire des enfants immigrés: le problème de l'inadaptation, in Migrations Santé, n° spécial, pp. 26-27.
- BARROS-FERREIRA M., (1977), L'immigrant portugais et " sa paranoia ", in Études psychothérapeutiques, 28, pp. 97-103.
- BARROS-FERREIRA M. (1978), L'immigrant portugais et " son " hystérie ou l'hystérie de l'immigration, in L'évolution psychiatrique, XLIII, 3, pp. 521-548.
- BASTENIER A., (1981), Psychopathologie des travailleurs migrants et leurs familles en Belgique, in Santé Immigrés, 13, pp. 5-13.
- BASTENIER A., (1983), Mythes et réalités dans le domaine de la psychopathologie et des soins chez les travailleurs migrants et leurs familles en Belgique, in ROCHA-TRINDADE M. B., Psychopathology of the transplantation of migrants, Strasbourg, ESF, pp. 51-60.
- BASTIDE H. (1982), Les enfants d'immigrés et l'enseignement français, Paris, PUF/Ined, Travaux et Documents, 97.
- BASTIDE R., (1960), Problèmes de l'entrecroisement des civilisations et de leurs oeuvres, in GURVITCH G., Traité de Sociologie, tome II, Paris, PUF, pp. 315-330.
- BASTIDE R., (1971), Anthropologie appliquée, Paris, Payot.
- BASTIDE R., (1972 a), Sociologie et Psychanalyse, Paris, PUF, 2<sup>ème</sup> éd.
- BASTIDE R., (1972b), Sociologie des maladies mentales, Paris, Flammarion.

- BASTIDE R., MORIN F., RAVEAU F., (1974), *Les Haïtiens en France*, Paris, La Haye, Mouton.
- BEAUCHESNE H., ESPOSITO J., (1981), *Enfants de migrants*, Paris, PUF.
- BELGUENDOUS A., (1975), Quelques réflexions sur l'émigration marocaine au regard du développement, in *Hommes et Migrations*, Documents n° 881.
- BEN JELLOUN T., (1977), *La plus haute des solitudes*, Paris, Les Éditions du Seuil.
- BENETON Ph., (1975), *Histoire des mots culture et civilisation*, Paris, Presse de la Fondation Nationale des Sciences Politiques.
- BENHADJI A., (1974), Retour et réinstallation des travailleurs migrants dans leurs pays d'origine, in *Bulletin de l'Institut International d'Études sur le Travail*, 12, pp. 57-64.
- BENNANI J., (1980), *Le corps suspect*, Paris, Galilée.
- BENZÉCRI J. P., (1973), *L'analyse des données*, Paris, Dunod.
- BERKOWITZ L., (1980), *Psicologia Social*, Rio de Janeiro, Editora Interamérica.
- BERNARD Ph., (1977), *Le retour des migrants, Étude bibliographique et critique*, Paris, Commission Nationale pour les Études et les Recherches Interethniques.
- BERTHELIER R., (Avril, 1977), Hygiène mental de l'adolescent migrant, in *Migrations Santé*, n° spécial, pp. 13-16.
- BERTHELIER R., LEJEUNE F., (1981), Monsieur De B.: une sinistresse guérie, in *Migrations Santé*, 28, pp. 11-14.
- BETTENCOURT S., (1961), *O fenómeno da emigração portuguesa*, Luanda, Instituto de Investigação Científica de Angola.
- BETTSCHART W., BOLIGNINI M. et al., (1981), *Adaptation sociale: du village à la banlieue*, Saint-Saphorin, Éditions Georgi.
- BODIN J., CASADEMONT, (1983), *L'immigration*, Paris, Centre d'Information Educative.
- BOGARDUS E., (1925), Measuring social distance, in *Journal of Appl. Soc.*, 9, pp. 299-308.

- BÖHNING W., (1981), Elements of a theory of international economic migration to industrial nation states, in KRITZ M., KEELY, Ch., TOMASI S., Global trends in migration: theory and research on international population movements, New York, Center for Migration studies, pp. 28-43.
- BOLETIM ANUAL, (1960-1969), Lisboa, Junta Nacional de Emigração.
- BOLETIM ANUAL, (1970-1972), Lisboa, Secretariado Nacional da Emigração.
- BOLETIM ANUAL, (1973-1975), Lisboa, Secretaria de Estado da Emigração.
- BOODY B., (1924), A psychological study of immigrant children at Ellis Island, Mental measurement monographs, 3.
- BORDELEAU Y., (1980), L'adaptation au travail: le cas des migrants, in LEVY-LEBOYER C., Le psychologue et l'entreprise, Paris, Masson, pp. 78-104.
- BOUDON R., Adaptation sociale, in Enciclopedia Universalis, tome I, pp. 228-229.
- BOURA I., JACINTO R., LEWIS J., WILLIAMS A., (1984), The economic impact of returned emigrants: evidence from Leiria, Mangualde and Sabugal, in Emigração e retorno na região centro, Coimbra, Comissão de Coordenação da Região Centro, pp. 63-115.
- BOURDIEU P., DARBEL A., (1966), L'amour de l'art: les musées et leur public, Paris, Éd. de Minuit.
- BOURGOIN C., (1971), Effets de l'immigration sur les comportements et les attitudes des jeunes portugais, Notes de recherche en vue du certificat de psychologie sociale, Université de Paris V.
- BOVENKERK F., (1974), The sociology of return migration, A bibliographic essay, The Hague, Martinus Nijhoff.
- BRAUN R., (1970), Sozio-kulturelle probleme der eingliederung italienischer arbeitskräfte in der Schweiz, Erlenbach-Zürich, Eugen Rantsch Verlag.
- BRESSON F., MARX Ch., MEYER F., NUTTIN J., OSTERRIETH P., PIAGET J., (1967), Les processus d'adaptation, Paris, PUF.
- BRIOT F., VERBUNT G., (1981), Immigrés dans la crise, Paris, Les Éditions Ouvrières.



- BRUNER J., (1957), On perceptual readiness, in *Psychological Review*, 64, pp. 123-152.
- BURGENTHAL, ZELEN, (1950), Investigations into self-concept, in *J. of Personality*, 18, pp. 483-498.
- BUTAUD J., (1973), Le logement des immigrés en France, Caques-sur-Mer, CNRO.
- BUTLER R., (1973), Effets of signed and insigned questionnaires for both sensitive and non sensitive, in *J. of Applied Psychology*, 57, 3, pp. 348-349.
- BUY M., (1974), Réflexions sur la situation juridique des travailleurs étrangers en France, in *Droit Social*, 6.
- CAHIERS NORD-AFRICAINS, (Décembre 1962 - Janvier, 1963), ESNA, Paris, 93.
- CAISSE CENTRALE DE COOPÉRATION ECONOMIQUE, (1981), La formation des travailleurs immigrés en vue de leur réinsertion dans l'économie de leurs pays d'origine. 1974-1981: Premier bilan du programme français, Documents internes.
- CALAME Paulette et Pierre, (1972), Les travailleurs étrangers en France, Paris, Les Éditions Ouvrières.
- CÂMARA DOS SENHORES DEPUTADOS, Comissão da, (1873), Primeiro inquérito parlamentar sobre a emigração portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional.
- CAMILLERI C., (1975), L'image dans la cohabitation de groupes étrangers en relations inégalitaires, in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LIX, pp. 239-254.
- CAMILLERI C., (1979), Quelques facteurs psychologiques de la représentation du retour dans le pays d'origine chez les jeunes migrants maghrébiens de la seconde génération, Paris, Ministère du Travail.
- CANNON W., (1946), La sagesse du corps, Paris, Éditions de la Nouvelle Critique.
- CARITAS COIMBRA, (1973), Le retour des migrants portugais, Genève, CICMC.
- CASTELLAN Y., (1974), Personnalité et relations interpersonnelles au sein d'un groupe naturel, thèse d'État, Paris X.

- CASTELLAN Y., (1977), Initiation à la psychologie sociale, Paris, Armand Colin, 4<sup>ème</sup> édition.
- CASTRO A., (1980), Saudade (ensaio), Porto, Edição do autor.
- CATALANO F., (Octobre, 1977), Le 20<sup>ème</sup> Etat de l'Europe et le plus vulnérable, in Migrations Santé, numéro spécial, pp. 60-65.
- CATTEL R., BELOFF H., (1966), Manuel d'application du HSPQ, Paris, Éditions du CPA.
- CEDEP, (1983 a), A naturalização francesa e a dupla nacionalidade, Paris, Dossier de informação, 2.
- CEDEP, (1983 b), O financiamento e apoio das associações portuguesas, Paris, Dossier de informação, 3.
- CERASE F., (1971), L'emigrazione di ritorno: innovazione o reazione ?, Roma, Istituto di Statistica e Ricerca Sociale " C. Gini ".
- CERASE F., (1974), Migration and social change: expectations and reality. A case study of return migration from the United States of Southern Italy, in International Migration Review, 2, pp. 245-262.
- CGT, (1976), Femmes à l'usine et au bureau. Enquête sociologique sur la condition des femmes travailleuses " ouvrières et employées ", Paris.
- CHAMPION Y., (1958), Migration et maladie mentale, Paris, Librairie Arnette.
- CHAKER R., (1978), Quel avenir pour l'émigration algérienne ? Problématique de la réinsertion des travailleurs immigrés, thèse de doctorat de 3<sup>ème</sup> cycle, Université des Sciences Sociales de Grenoble.
- CHAZALETTE A., (1979), Le retour au pays des familles de travailleurs immigrés: désirs, départ et conditions de réussite, Lyon, GSU.
- CHOMBART DE LAUWE M. J., (1971), Un autre monde: l'enfance. Des représentations à son mythe, Paris, Payot.
- CHOMBART DE LAUWE M. J., BELLAN C., (1979), Les enfants de l'image, Paris, Payot.
- CHOMBART DE LAUWE P., (1956), La vie quotidienne des familles ouvrières, Paris, CNRS.

- CHOMBART DE LAUWE P. H., (1977), La culture et le pouvoir, Paris, Stock.
- CHOMBART DE LAUWE P. H. et coll., (1963), La femme dans la société. Son image dans différents milieux sociaux, Paris, CNRS.
- CHOMBART DE LAUWE P. H. et al., (1970), Images de la culture, Paris, Payot.
- CIBOIS Ph., (1980), La représentation factorielle des tableaux croisés et des données d'enquête: étude de méthodologie sociologique, thèse de doctorat de 3<sup>ème</sup> cycle, Paris V.
- CINTRAT I., (1983), Le migrant, sa représentation dans les manuels de lecture de l'école primaire, Paris, Didier, Credif.
- CLAPIER-VALLADON , (1980), Les médecins français d'outre-mer. Etude psychosociologique du retour des migrants, thèse d'Etat, Université de Nice.
- CODOL J., (1978), Une approche cognitive du sentiment d'identité, Comunicação feita no colóquio sobre " a identidade social ", Rennes, 4-6 de Dezembro.
- COHEN-EMERIQUE M., (1980), Eléments de base pour une formation à l'approche des migrants et plus généralement à l'approche inter-culturelle, in Annales de Vaucresson, 17, pp. 117-139.
- COOPER J., (1959), Emotion in prejudice, Science, 130, pp. 314-318.
- CORDEIRO A., GUFFOND J., (1979), Les Algériens de France. Ceux qui partent et ceux qui restent, Paris, Ministère du Travail et de la Participation.
- CORNATON M., (1969), Aspects psychosociologiques de l'immigration, in Economie et Humanisme, 189, pp. 34-40.
- COURGEAU D., (1973), Migrants et migrations, in Population, 1, pp. 95-129.
- CREDIF, (1978), La scolarisation des enfants étrangers en France, Paris, Didier.
- DAVAL R., (1964), Traité de Psychologie Sociale, 2 t., Paris, PUF.
- DAVY G., (1920), L'explication sociologique en psychologie, in Journal de Psychologie, 17, pp. 538-569.
- DE LEY M., (1983), French Immigration Policy since May 1981, in International Migration Review, XVII, 2, pp. 196-211.

- DEBATY P., (1967), La mesure des attitudes, Paris, PUF.
- DEBESSE M., (1948), Comment étudier les adolescents, Paris, PUF, 3<sup>ème</sup> édition.
- DELAY J., PICHOT P., (1969), Abrégé de psychologie, Paris, Masson, 3<sup>ème</sup> édition.
- DELORME J., (1983), Le Portugal et ses emigrés en France: étude des effets/retour, Lisboa, Embaixada de França em Portugal.
- DI GIACOMO J. P., (1981), Représentations sociales et comportements collectifs, thèse de doctorat, UCL.
- DIAS C., (1980), A influência relativa dos factores psicológicos e sociais no evolutivo toxicómano, tese de doutoramento, Universidade de Coimbra.
- DIAS M., (1974), Cri d'un immigré, Paris, Éditions Ouvrières.
- DIAS M., (1979), Retour au Portugal: "viagem sem futuro", Paris, CIEMM.
- DIAS M., (1982), Les immigrés, la participation collective et le rôle des associations, in Pour, 86, pp. 101-105.
- DIERKENS J., (1969), Conditions de vie et santé des migrants et de leurs familles, Université libre de Bruxelles, Éditions de l'Institut de Sociologie.
- DIETREL P., (1977), O papel do emigrante retornado na estratégia do desenvolvimento no imperialismo alemão ocidental, in FERREIRA E., et al., A emigração portuguesa e o seu contexto internacional, Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 247-269.
- DOISE W., DESCHAMPS J., C., MUGNY G., (1978), Psychologie Sociale Expérimentale, Paris, Armand Colin.
- DOLLARD J., DOOB N., MILLER D., MOWRER D., SEARS R., (1939), Frustration and aggression, New Haven, Yale University Press.
- DOLLOT L., (1976), Les migrations humaines, Paris, PUF, 6<sup>ème</sup> éd.
- DRAGUNS J., (1977), On culture shock, biculturalite and cultural complexity, Presentation at the meetings of the International Studies Association.
- DUCHAC R., (1974), La sociologie des migrations aux États-Unis, Paris, La Haye, Mouton.

- DUMAZEDIER J., (1974), *Sociologie empirique des loisirs*, Paris, Éditions du Seuil.
- DURKHEIM E., (1895), *Les règles de la méthode sociologique*, Paris, Alcan.
- DURKHEIM E., (1898), *Représentations individuelles et représentations colectives*, in *Revue de Métaphysique et de Morale*, 6, pp. 273-302.
- DUVIGNAUD J., DUVIGNAUD F., COURBEAU J. P., (1979), *La banque des rêves. Essai d'anthropologie du rêveur contemporain*, Paris, Payot.
- L'ECUYER R., (1978), *Le concept de soi*, Paris, PUF.
- EISENSTADT S., (1954), *Studies in reference group behaviour*, in *Hum. Rel.*, 7, pp. 191-216.
- ERIKSON E., (1978), *Adolescence et Crise*, Paris, Flammarion.
- ESPRIT, (Avril, 1966), *Les travailleurs étrangers en France*, n° spécial.
- EVANGELISTA J., (1971), *Um século de população portuguesa (1864-1960)*, Lisboa, INE.
- EYSENCK H. versus KAMIN L., (1982), *O grande debate sobre a inteligência*, Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- FARR R., MOSCOVICI S., (1983), *Social representations*, Londres, Cambridge University Press.
- FERREIRA E., (1976), *Origens e formas da emigração*, Lisboa, Iniciativas Editoriais.
- FERREIRA E., (1984), *Reintegração dos emigrantes portugueses*, Lisboa, Associação de Estudantes do Instituto Superior de Economia.
- FERREIRA E. et al., (1977), *A emigração portuguesa e o seu contexto internacional*, Lisboa, Iniciativas Editoriais.
- FERREIRA DE ALMEIDA J., (1964), *A emigração portuguesa para França, alguns aspectos quantitativos*, in *Análise Social*, II, 7-8, pp. 599-622.
- FESTINGER L., (1957), *A theory of cognitive dissonance*, Stanford, Stanford University Press.
- FESTINGER L., KATZ D., (1974), *A pesquisa na psicologia social*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- FILIPPI S., (1981), *A saudade*, Porto, Lello e Irmão editores.

- FISHBEIN M., AJZEN J., (1975), *Belief, attitude, intention and behaviour*, Reading, Mass., Addison-Wesley.
- FOVILLE A., (1875), *Les aliénés voyageurs ou migrateurs, Étude clinique sur certains cas de lypémanie*, in *Annales Méd. Psychol.*, II, pp. 5-45.
- FRANCÈS R., (1980), *L'idéologie dans l'Université*, Paris, PUF.
- FRANCÈS R., (1981), *La satisfaction dans le travail et l'emploi*, Paris, PUF.
- FRANCÈS R., ROUBERTOUX P., DENIS M., (1976), *Culture artistique et enseignement supérieur*, Paris, La Haye, Mouton.
- FREUD A., (1952), *Le moi et les mécanismes de défense*, Paris, PUF.
- FREITAS J. et al., (1980), *Os emigrantes nas comunidades*, in *Psiquiatria Clínica*, 1, 3, pp. 189-193.
- FRIEDMANN G., (1964), *Le travail en miettes*, Paris, Gallimard.
- FRIGESI D., (1983), *La corrélation entre migration et maladie mentale: un bilan contradictoire*, in ROCHA-TRINDADE M. B., *Psychopathology of the transplantation of migrants*, Strasbourg, ESF, pp. 45-49.
- GALAP J., LIRUS L., (1974), *Migration antillaise: du vécu d'une recherche. Difficultés méthodologiques*, Actes du Colloque sur les travailleurs étrangers en Europe Occidentale, Paris, Sorbonne, sous la direction de Phillippe Bernard, pp. 217-228.
- GALLAIS HAMMONO G., NOIROT D., POUPAT B., (1975), *Durée de séjour des travailleurs étrangers en France*, in *Population*, 2, pp. 319-334.
- GARSON J., TAPINOS G. et al., (1981), *L'argent des immigrés*, Paris, PUF, Travaux et Documents, 94.
- GEHMACHER E., (1973), *Gastarbeiter: wirtschaftsfaktor und soziale heraus fonderung*, Wien, Europe verlags-AG.
- GENTILINI M., (1972), *Santé et migrations: généralités*, in *La Santé des Migrants*, Comité médical et médico-social d'aide aux migrants, Paris, Éd. Droit et Liberté, pp. 11-29.
- GEORGE P., (1977), *As migrações internacionais*, Lisboa, Publicações Dom Quichote.

- GERGEN K., (1971), *The concept of self*, New York, Holt, Rinehart and Winston.
- GHIGLIONE R., MATALON B., (1978), *Les enquêtes sociologiques*, Paris, Armand Colin.
- GILLY M., (1980), *Maître-élève. Rôles institutionnels et représentations*, Paris, PUF.
- GIRARD A., (1971), *Attitude des français à l'égard de l'immigration étrangère. Enquête d'opinion*, in *Population*, 5, pp. 827-874.
- GIRARD A., (1977), *Opinion publique, immigration et immigrés*, in *Ethnologie Française, nouvelle série*, 7, 3, pp. 219-228.
- GIRARD A., CHARBIT Y., LAMY M. L., (1974), *Attitude des français à l'égard de l'immigration étrangère. Nouvelle enquête d'opinion*, in *Population*, 6, pp. 1015-1068.
- GIRARD A., STOETZEL J., (1953), *Français et immigrés. L'attitude française. L'adaptation des Italiens et des Polonais*, Paris, PUF.
- GODINHO M., (1978), *L'émigration portugaise - Histoire d'une constante structurale*, in *Revista de História Económica e Social*, 1, pp. 5-32.
- GODINHO M., (1982), *Identité culturelle et humanisme universalisant*, Lisboa, IPED.
- GOLDLUST J., RICHMOND A., (1974), *A multivariate model of imigrant adaptation*, in *International Migrant Review*, 8, 26, pp. 193-227.
- GORDON C., (1968), *Self conceptions: configurations of content*, in GORDON C., GERGEN J., *The self in social interaction*, vol. I, : *Classic and contemporary perspectives*, New York, Wiley, pp. 115-136.
- GORDON M., (1964), *Assimilation in american life*, New York, Oxford University Press.
- GORRIQUER J. C., (1982), *De Portugal en France. Entre migrations et tribulations: la santé ?*, in *Migration Santé*, 30, pp. 1-8.
- GRANGE P., (1977), *Problèmes psychologiques de l'enfant étranger transplanté en France*, in *Revue de Neuropsychiatrie Infantile*, 25, 8/9, pp. 463-473.
- GRANOTIER B., (1973), *Les travailleurs immigrés en France*, Paris, Éd. François Maspero, 2<sup>ème</sup> édition revue.

- GRAWITZ M., (1972), *Méthodes des sciences sociales*, Paris, Éd. Dalloz.
- GRISEZ J., (1975), *Méthodes de la psychologie sociale*, Paris, PUF.
- GROSS S., NIMAN C., (1975), Attitude-Behaviour consistency: a review, in *Public Opinion Quarterly*, 39, 3, pp. 358-368.
- HALEWACHS M., (1955), *Esquisse d'une psychologie des classes sociales*, Paris, Librairie Maurice et Rivière et C<sup>1e</sup>.
- HARDING J., KUTNER., PROSHANSKY H., CHEIN I., (1954), Prejudice and ethnic relations, in LINDZEY G., *The Handbook of Social Psychology*, Cambridge, Addison-Wesley Publishing Company.
- HARTMANN H., (1968), *La psychologie du moi et le problème de l'adaptation*, Paris, PUF.
- HEISS J., (1966), Sources of satisfaction among italian immigrants, in *Human Relations*, 19, 2, pp. 165-177.
- HERMET G., (1967), *Les Espanhols en France*, Paris, Les Éditions Ouvrières.
- HERZLICH C., (1969), *Santé et maladie. Analyse d'une représentation sociale*, Paris, Mouton.
- HERZLICH C., (1972), La représentation sociale, in MOSCOVICI S., *Introduction à la psychologie sociale*, Paris, Larrousse, Vol. I, pp. 303-335.
- HIRATA L., (1971), *Immigrant integration in a polyethnic society*, Ph. thesis, University of Hawaii.
- HOMMES ET MIGRATIONS, (1966), *L'immigration portugaise*, 105.
- HOMMES ET MIGRATIONS, (1971), *Un sondage de la SOFRES*, Documents, 804, pp. 3-10.
- HOMMES ET MIGRATIONS, (1981), *Le chômage des immigrés*, Documents, 1014, pp. 3-26.
- HOMMES ET MIGRATIONS, (1981), *Les naturalisés: pluralité des processus d'insertion dans la société française*, Documents, 1016, pp. 4-26.
- HOMMES ET MIGRATIONS, (1981), *Dix ans de naturalisation*, Documents, 1018, pp. 4-36.
- HUGUET M., (1972), *L'habitat*, in REUCHLIN M., *Traité de psychologie appliquée*, tome 10, Paris, PUF, pp. 143-199.



- HUTEAU M., (1983), Les questionnaires de personnalité HSPQ et EPI, Étude interne, in L'Orientation Scolaire et Professionnelle, 12, 3, pp. 243-260.
- HYMAN H., (1942), The psychology of status, in Archives of Psychology, 269, pp. 1-94.
- INED, (1977), Les immigrés du Maghreb, Études sur l'adaptation en milieu urbain, Paris, PUF, Travaux et Documents, 79.
- INETOP, (1982), Catalogue des tests, Édition de 1974 revue.
- IP D., (1972), Motivation and adjustment, M. A. thesis, University of Hawaii.
- ISAAC J., (1949), European migration potencial and prospects, in Population Studies, 2, 4, pp. 379-412.
- JACKSON J., (1969), Migration, Cambridge, Cambridge University Press.
- JAMES W., (1920), The letters, Boston, The Atlantic Monthly Press.
- JANSEN C., (1970), Readings in the sociology of migration, Oxford, Pergamon Press.
- JIMENEZ R., SERRANO J., (1977), La psychopathologie de la " transplantation " selon Zuliro de Almeida, in Évolution Psychiatrique, 4, pp. 217-230.
- JODELET D., (1976), La représentation sociale du corps, Paris, Cordes.
- JODELET D., (1982), Système de représentations du corps et groupes sociaux, Paris, Cordes.
- JODELET D., (1983 a), Représentation sociale: phénomènes, concept, et théorie, Paris, EHESS.
- JODELET D., (1983 b), Réflexions sur le traitement de la notion de représentation sociale en psychologie sociale, Paris, EHESS.
- JODELET D., (1983 c), Civils et bredins: représentations sociales de la maladie mentale et rapport à la folie en milieu rural, thèse de doctorat d'Etat, EPHSS.
- JODELET D., VIET J., BESNARD Ph., (1970), La psychologie sociale. Une discipline en mouvement, préface de Serge Moscovici, Paris, Mouton.
- JODELET F., (1965), L'association verbale, in FRAISSE P. et PIAGET J., Traité de Psychologie Expérimentale, tome 8, Paris, PUF, pp. 97-153.

- JONES J., (1973), *Racismo e preconceito*, São Paulo, Editora Edgard Blücher Ltda.
- JOUSSELIN B., TAILLARD M., (1975), *Les conditions de logement des travailleurs migrants en France*, Paris, CREDOC.
- KAËS R., (1968), *Images de la culture chez les ouvriers français*, Paris, Éditions Cujas.
- KASSIMATI K., (1983), *Recent studies and research on return migration: lessons to be drawn for the reintegration of young migrants*, Genève, BIT.
- KAYSER B., (1971), *Migration de main-d'oeuvre et marchés de travail*, Paris, OCDE.
- KAYSER B., (1972), *Les retours conjoncturels de travailleurs migrants et les effets de l'émigration*, Paris, OCDE.
- KELLY H., (1970), *Deux fonctions des groupes de référence*, in LEVY A., *Psychologie sociale, textes fondamentaux*, Paris, Dunod, t. 1, pp., 139-146.
- KENNEDY-BRENNER C., (1979), *Foreign workers and immigration policy. The case of France*, Paris, OECD.
- KLINEBERG O., (1935), *Negro intelligence and selective migration*, New York, Columbia University Press.
- KLINEBERG O., (Avril, 1966), *Quelques aspects psychologiques de l'immigration*, in *L'Esprit*, n° spécial, pp. 763-769.
- KLINEBERG O., (1967), *Psychologie Sociale*, 2 tomes, Paris, PUF.
- KLINEBERG O., ZAVALLONI M., (1969), *Nationalism and tribalism among african students, a study of social identity*, Paris, La Haye, Mouton.
- KRECH D., CRUTCHFIELD R., (1952), *Théorie et problèmes de psychologie sociale*, Paris, PUF.
- KRETCH D., CRUTCHFIELD R., BALLACHY E., (1962), *Individual in society: a textbook of social psychology*, New York, McGraw-Hill.
- KROEBER A., KLUCKHOHN C., (1963), *Culture: a critical review of concepts and definitions*, New York, Vintage Books, Random House.
- KHUN M., MCPARTLAND T., (1954), *An empirical investigation in self-attitudes*, in *American Sociological Review*, 19, pp. 68-76.
- LACROIX J., (1950), *Force et faiblesse de la famille*, Paris, Le Seuil.

- LAFFON R., (1973), Vocabulaire de psychopédagogie de l'enfant, Paris, PUF.
- LAGACHE D., (1949), L'unité de la psychologie: psychologie expérimentale et psychologie clinique, Paris, PUF.
- LAGE E., (1978), Les représentations sociales du métier de chercheur dans la jeunesse, Paris, EHESS.
- LAHALE D., (1972), Les travailleurs immigrés d'une grande entreprise de construction mécanique, in Sociologie du Travail, n° spécial sur les travailleurs immigrés, Juillet-Septembre, pp. 316-330.
- LALANDE A., (1926), Vocabulaire technique et critique de la philosophie, Paris, Alcan.
- LAPLANCHE J., LECLAIRE S., (1966), L'inconscient et le langage, VI<sup>ème</sup> colloque de Bonneval: L'inconscient, Desclée de Brouwer.
- LAPLANCHE J., PONTALIS J. B., (1973), Vocabulaire de la psychanalyse, Paris, PUF, 4<sup>ème</sup> édition.
- LASERRE-BIGORRY J., (1982), Les retours volontaires des migrants dans leurs pays d'origine - Considérations complémentaires, in Safety and health of migrant workers, Geneva, ILO, pp. 326-327.
- LAUTREY J., (1980), Classe sociale, milieu familial, intelligence, Paris, PUF.
- LE BOUEDEC G., (1979), Contribution à la méthodologie d'une étude des représentations sociales, thèse de doctorat, U C L.
- LE PORS A., (1976), Immigration et développement économique et social, Paris, La Documentation Française.
- LE MASNE H., (1974), Les émigrés algériens et la perspective du retour: les projets de 80 émigrés de la région Rhône-Alpes, Mémoire de diplôme d'études supérieures, Université d'Alger.
- LE MASNE H., (1982), Le retour des émigrés algériens, El Djazair, Paris, OPU, CIEM.
- LEBON A., (1977), Immigration et 7<sup>ème</sup> plan - Analyse économique, Paris, La Documentation Française.
- LEBON A., (1979), L'aide au retour des travailleurs étrangers, in Économie et Statistique, 113, Juillet-Août, pp. 37-46.
- LEBON A., (1981), Return migration from France, a paper delivered to the First European Conference on International Return Migration, Rome.

- LEBON A., (1983), Maintien des liens culturels et insertion des migrants: quelles relations, in *Revue Française des Affaires Sociales*, 2, pp. 89-114.
- LEE E., (1956), Negro intelligence and selective migration: a Philadelphia test of Klineberg hypothesis, in SPENGLER J., DUNCAN O., *Demographic Analysis*, Glencoe, The Free Press, 2<sup>nd</sup> edition, pp. 432-437.
- LEONETTI I., LÉVY F., (1978), Femmes et immigrées, Paris, La Documentation Française.
- LEROY M., (1980), Étude concernant les stagiaires de la formation-réinsertion, Caisse Centrale de la Coopération Economique, Documents Internes.
- LEVY C., (1979), Les travailleurs accidentés de la région parisienne, in *Population*, 2, pp. 379-402.
- LEVY F., (1977), Modèles et pratiques en changement, le cas des Portugaises immigrées en région parisienne, in *Ethnologie Française*, 7, 3, pp. 287-298.
- LEVY-LEBOYER C., (1977), Étude psychologique du cadre de vie, Paris, CNRS.
- LEVY-LEBOYER C., (1980), Le psychologue et l'entreprise, Paris, Masson.
- LEWIN K., (1931), Sachlichkeit und zwang in der Erziehung zur Realität, in *Die Neue Erziehung*, pp. 99-103.
- LEWIN K., (1959), Les relations humaines, Paris, PUF.
- LEWONTIN R., (1979), L'Adaptation, in *Pour la Science*, L'évolution, pp. 132-144.
- LINTON R., (1968), Le fondement culturel de la personnalité, Paris, Dunod.
- LIPIANSKY M., (1979), L'imagerie de l'identité: le couple France-Allemagne, in *Ethnopsychologie*, 3/4, pp. 273-282.
- LIRUS J., (1979), Identité antillaise, Paris, Éditions Caribéennes.
- LOSCHAK (Mai, 1976), Observations sur un infra-droit, in *Droit Social*, n° spécial, pp. 43-49.
- LOURAU R., (1970), L'analyse institutionnelle, Paris, Les Éditions de Minuit.

- LOURENÇO E., (1978), *O labirinto da saudade - Psicanálise mítica do destino português*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- LÜSCHER M., (1949), *Psychologie der Farben*, Basel, Test-Verlag.
- MAISONNEUVE J., (1975), *Introduction à la psychosociologie*, Paris, PUF.
- MAISONNEUVE J., (1977), *La psychologie sociale*, Paris, PUF. 12<sup>ème</sup> éd.
- MAISONNEUVE J., (1978), *Recherches diachroniques sur une représentation sociale*, Paris, CNRS.
- MALEWSKA-PEYRE H. et al., (1982), *Crise d'identité et déviance chez les jeunes immigrés*, Paris, La Documentation Française.
- MANGALAN J., (1968), *Human migration, a guide to migration literature*, Lexington, University of Kentucky Press.
- MARANGE J., LEBON A., (1982), *L'insertion des jeunes d'origine étrangère dans la société française*, Paris, La Documentation Française.
- MARC O., (1973), *Psychanalyse de la maison*, Paris, Seuil.
- MARIE C., (1982), *Insertion et réémigration des jeunes d'origine étrangère: la fin d'un paradoxe ?*, in MARANGE J., LEBON A., *L'insertion des jeunes d'origine étrangère dans la société française*, Paris, La Documentation Française, pp. 245-259.
- MARIE C., JANSOLIN X., (1981), *Les conditions de travail des salariés étrangers*, in *Travail et Emploi*, 9, pp. 75-86.
- MARINHO ANTUNES M. L., (1973), *A emigração portuguesa desde 1950. Dados e comentários*, Lisboa, Cadernos GIS.
- MARKOVIC M., TOMASEK B., JEUTIC-TODOROVIC J., STANISIC P., (1973), *Psychoses chez les émigrants. Tableau clinique et caractéristiques de la personnalité pré-émigrante*, in *Annales Médico-Psychologiques*, Paris, 1, 3, pp. 341-347.
- MARQUES R. et al., (1980), *Dados sobre a psicopatologia do emigrante português em França*, in *Psiquiatria Clínica*, 1, 4, pp. 255-263.
- MARTINS O., (1956), *Fomento rural e emigração*, Lisboa, Guimarães e Cia Editores.
- MARX Ch., (1967), *Les processus d'adaptation en biologie*, in BRESSON F., MARX Ch., MEYER F., NUTTIN J., OSTERRIETH P., PIAGET J., *Les processus d'adaptation*, Paris, PUF, pp. 19-64.
- MATSUYAMA M., (1973), *A study of japanese newcomers in Honolulu*, M. A. thesis, University of Hawaii.

- MAUSS M., (1980), *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF, 7<sup>ème</sup> éd.
- MAYKOVITCH M., (1976), To stay or not to stay: dimensions of ethnic assimilation, in *International Migration Review*, 10, 35, pp. 377-388.
- Mc CLINTOCK Ch., DAVIS J., (1958), Changes in the attribute of "nationality" in the self-percept of the stranger, in *Journal of Social Psychology*, 48.
- Mc GUIRE W., (1969), The nature of attitudes and attitude change, in LINDZEY G., ARONSON E., *Handbook of Social Psychology*, Vol. 3, Reading, Mass, Addison-Wesley Publishing Co. Inc., 2<sup>nd</sup> edition, pp. 136-314.
- MEAD G., (1934), *Mind, self and society*, Chicago, University of Chicago Press.
- MEAD M., (1926), The methodology of racial testing, in *Amer. J. of Sociology*, XXI/5.
- MENACHEM R., (1968), Le différenciateur sémantique, le modèle de mesure, in *Ann. Psychol.*, pp. 451-465.
- MENDONSA E., (1982), Benefits of migration as a personal strategy in Nazaré, Portugal, in *International Migration Review*, 16, 3, pp. 635-645.
- MERTON R., (1964), *Social theory and social structure*, Glencoe, Free Press.
- MESSICK S., (1957), Metric properties of the semantic differential, in *Educ. Psychol. Measurement*, 17, pp. 200-206.
- MEYER F., (1967), Le concept d'adaptation, in BRESSON F., MARX Ch., MEYER F., NUTTIN J., OSTERRIETH P., PIAGET J., *Les processus d'adaptation*, Paris, PUF, pp. 3-17.
- MICHAUD G., (1967), *La mentalité française, analyse et traités*, Paris, Klincksieck.
- MICHON C., (1973), *L'alimentation des enfants portugais: suggestions pour une éducation sanitaire en milieu migrant*, thèse médecine, Université René Descartes.
- MILGRAM S., JOBELET D., (1976), Psychological maps of Paris, in PRODHANSKY H., ITTELSON W., RIVLIN L., *Environmental psychology: people and their physical settings*, New York, Holt, Rinehart and Winston.

MINCES J., (1973), Les travailleurs étrangers en France, Paris. Éd. du Seuil.

MINISTÈRE DU TRAVAIL ET DE LA PARTICIPATION, (1977), Les étrangers au recensement de 1975, La Documentation Française.

MINISTÈRE DU TRAVAIL ET DE LA PARTICIPATION, (Décembre, 1977), Recensement général de la population de 1975. Données relatives aux étrangers, in Migration/Informations, 9.

IDEM, (Avril, 1979), Le retour au pays des familles de travailleurs immigrés: désirs, départs et conditions de réussite, in Migrations/Études, 21.

IDEM, (Mai, 1979), Les retours des travailleurs migrants au Portugal, in Migrations/Études, 22.

IDEM, (Mai, 1979), Quelques facteurs psychologiques de la représentation du retour dans les pays d'origine chez les jeunes migrants maghrébins de la seconde génération, in Migrat./Etudes, 26.

IDEM, (Novembre, 1979), Les naturalisés: pluralité des processus d'insertion dans la société française, in Migrations/Études, 23.

IDEM, (Janvier, 1980), Les salariés étrangers et les accidents de travail, in Migrations/Informations, 29.

IDEM; (Juin, 1980), Le dossier de l'immigration, 6<sup>ème</sup> édition.

IDEM, (Décembre, 1980), Le rôle de l'information dans l'évolution des comportements et des aspirations des migrants portugais au cours de leur séjour en France, in Migrations/Études, 32.

IDEM, (1980), Enquête sur la main-d'oeuvre étrangère effectuée en Octobre 1976, Statistiques, Supplément 78.

IDEM, (Septembre, 1982), Eléments statistiques sur les conditions de logement des immigrés en France, in Migrations/Informations, 40.

MONTEIRO M., (1981), A personalidade agressiva nos pré-adolescentes: um estudo empírico, in Psicologia, II, 4, pp. 319-328.

MONTEIRO W., (1974), Les émigrés portugais parlent, Paris, Éditions Casterman.

MONTVALON R., (1976), Les aspirations des jeunes travailleurs migrants en Europe Occidentale, Paris, Unesco, Études et Documents, de l'Éducation, 21.

MONTVALON R., (1980), Migration et santé: faits et chiffres, in Migrations-Santé, 24, pp. 19-24.

- MONTVALON R., (1979), Pathologie de l'exclusion, in Informations Sociales, 9-10, pp. 38-51.
- MOROKVASIC M., (1971), Les Yougoslaves en France. Recherche des liens entre l'identité nationale et l'acculturation, thèse de doctorat de 3<sup>ème</sup> cycle, Paris, EPHE.
- MOSCOVICI S., (1961), La psychanalyse, son image et son public, Paris, PUF, (2<sup>ème</sup> édition, 1976).
- MOSCOVICI S., (1969), Préface à HERZLICH Cl., Santé et Maladie, Paris, La Haye, Mouton.
- MUCHIELLI A., (1975), Le questionnaire dans l'enquête psycho-social, Paris, Éditions Sociales Françaises, 5<sup>ème</sup> édition.
- MULLET E., (1980), Les enfants de travailleurs migrants et l'enseignement secondaire, in L'Orientation Scolaire et Professionnelle, 9, 3, pp. 195-252.
- MULLET E., NETO F., (1983), Une adaptation portugaise du RNV 1, in L'Orientation Scolaire et Professionnelle, 12, 2, pp. 177-185.
- MUNOZ M. Cl., (1973), Le développement des stéréotypes ethniques chez l'enfant, thèse de doctorat 3<sup>ème</sup> cycle, Paris. LPHESS.
- MURPHY H., (1955), Les psychoses des réfugiés en Grande-Bretagne: les admissions dans les hôpitaux psychiatriques, in Personnes Déplacées, IV, 2, Paris, UNESCO, pp. 187-211.
- MYERS G., MASNICK G., (1968), The migration experience of New York Puerto Ricans: a perspective on return, in International Migration Review, 2, 2, pp. 80-90.
- NANBI J., (1982-83), Recherche expérimentale et factorielle sur les représentations d'autrui dans leurs rapports avec le statut sociométrique, in Bulletin de Psychologie, XXXVI, 362, pp. 933-941.
- NAVARRO M., (1973), Emigração e crise no Nordeste Transmontano, Lisboa, Ed. Prelo.
- NETO F., (1980), Le retour des migrants portugais. Contribution à l'étude d'une étiologie du retour au pays natal, Thèse de doctorat de 3<sup>ème</sup> cycle, Paris, LPHESS.
- NETO F., (1982), Atitude e comportamento dos emigrantes portugueses em França em relação à ajuda para o regresso, in Psiquiatria Clínica, 3, 3, pp. 149-158.
- NETO F., (1983), Santé et retour au pays natal des migrants portugais, in Migrations-Santé, 36, pp. 7-14.



- NETO F., MULLET E., (1982), Resultats d'une enquête sur les conditions de vie des migrants portugais, in *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 11, 4, pp. 355-368.
- NETO J., (1981), Algunas observaciones sobre el papel de los retornados en el Algarve, in *Emigración y Retorno, una perspectiva europea*, Madrid, Instituto Español de Emigración, pp. 185-206.
- NEWCOMB T., (1943), *Personality and social change*, New York, Holt, Rinehart and Winston.
- NEWCOMB T., (1958), Attitude development as a function of reference groups: the Bennington study, in MACCOBY, NEWCOMB, HARTLEY, Ed., *Readings in Social Psychology*, New York, Holt.
- NEWCOMB T., TURNER R., CONVERSE P., (1970), *Manuel de Psychologie Sociale*, Paris, PUF.
- NICOLADZE R., (1972), Les divers aspects de la pathologie du migrant, in *Hommes et Migrations/Documents*, 823/824, pp. 9-16.
- NOËL A., (1973), Quelques aspects de l'émigration portugaise. Dissertation, Bruxelles, Institut Supérieur de Sciences Humaines Appliquées.
- NORTHWAY M., (1964), *Initiation à la sociométrie*, Paris, Dunod.
- NOVIKOFF M., OLIE J., (1980), 101 réponses à propos de la dépression, Paris, Hachette.
- NUNES A., MIRANDA J., (1969), A composição social da população portuguesa: alguns aspectos e implicações, in *Análise Social*, 7, 27/28, pp. 333-381.
- NUTTIN J., *Adaptation Psychologique*, in *Enciclopaedia Universalis*, tome I, pp. 225-228.
- NUTTIN J., (1967), Adaptation et motivation humaine, in BRESSON F., MARX Ch., NUTTIN J., OSTERRIETH P., PIAGET J., *Les processus d'adaptation*, Paris, PUF, pp. 127-137.
- NUTTIN J., (1975), *La structure de la personnalité*, Paris, PUF, 4<sup>ème</sup> édition.
- NUTTIN J., (1980 a), *Théorie de la motivation humaine: du besoin au projet d'action*, Paris, PUF.
- NUTTIN J., (1980 b), *Motivation et perspectives d'avenir*, Louvain, PUL,

- OCDE, (1967), Les travailleurs immigrés retournent dans leurs pays. Rapport final du Séminaire patronal international, Athènes, 18-21 Octobre 1966, Paris.
- OCDE, (1978), La chaîne migratoire, Paris, OCDE.
- ODEGAARD O., (1932), Emigration and insanity, a study of mental disease among the Norwegianborn population of Minnesota, in Acta Psych. Neurol. Scand., Suppl., IV.
- OLIVEIRA L., (1982), A interacção entre a emigração e o desenvolvimento económico na região do norte de Portugal, Relatório sobre migração, Características do mercado de trabalho e desenvolvimento na região do norte de Portugal, OCDE, Reunião de peritos, Porto, Comissão de Coordenação da Região Norte.
- ORIGLIA D., OUIILLON H., (1974), A adolescência, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 3<sup>a</sup> edição.
- ORIOU M., (1981), Bilan des études sur les aspects culturels et humains des migrations internationales en Europe Occidentale (1918-1979), Strasbourg, ESF.
- OSGOOD C., (1952), The nature and measurement of meaning, in Psychol. Bull. 49, pp. 197-237.
- OSGOOD C., SUCI G., TANNENBAUN P., (1957), The measurement of meaning, Urbana, Illinois, The University of Illinois Press.
- PAINE S., (1974), Exporting Workers: the Turkish case, Cambridge, Cambridge University Press.
- PARDON N., (1972), Ergonomie et travailleurs migrants, Camip, 45.
- PARK R., (1928), Human migration and the marginal man, American Journal of Sociology, XXXIII, 6, pp. 881-893.
- PASCUAL A., (1974), El retorno de los emigrantes, Barcelona, Terra Nova.
- PASSOUANT P., RECHNIEWSKI A., (1976), Le sommeil, un tiers de notre vie, Paris, Stock.
- PECHEUX M., (1975), Les vérités de La Palice, Paris, Maspero.
- PEREIRA M., (1981), A política portuguesa de emigração (1850-1930), Lisboa, A Regra do Jogo.
- PETERSEN W., (1961), Population, New York, Macmillan.
- PETONNET C., (1976), Fils de migrants, in L'autre et l'ailleurs. Hommage à R. BASTIDE, Paris, Berger Levrault, pp. 423-430.

- PIAGET J., (1926), *La représentation du monde chez l'enfant*, Paris, PUF.
- PIAGET J., (1949), *La psychologie de l'intelligence*, Paris, Armand Colin.
- PIAGET J., WEIL A. M., (1951), *Le développement, chez l'enfant, de l'idée de patrie et des relations avec l'étranger*, in *Bull. Int. des Sc. Soci.*, 3, 3, pp. 605-621.
- PIERON H., (1968), *Vocabulaire de la psychologie*, Paris, PUF.
- PINA PRATA F., (1981), *Patologia organizacional, patologia familiar e sistémica inter-relacional*, Aveiro, Associação Portuguesa de Terapia Familiar e Comunitária.
- PLEKANOV G., (1927), *Les questions fondamentales du marxisme*, Paris, Édit. Soc.
- POINARD M., (1971), *L'émigration portugaise et les retours, rapport au groupe de travail sur les migrations*, Paris, OCDE.
- POINARD M., (1979), *Le retour des travailleurs Portugais*, Paris, La Documentation Française.
- POINARD M., ROUX M., (1977), *L'émigration contre le développement: les cas portugais et yougoslave*, in *Tiers-Mond*, XVIII, 69, pp. 21-53.
- POWER J., HARDMAN A., (1976), *Western Europe's migrant workers*, London, Minority rights group.
- PSYCHOLOGIE, (1979), *Entretien avec le Professeur François Raveau, Directeur du CREDA*, pp. 73-79.
- PREFECTURE DE LA SEINE, (1965), *L'immigration portugaise dans la région parisienne*, Paris, Tomes I et II.
- PRESSAT R., (1979), *Dictionnaire de Démographie*, Paris, PUF.
- QUEIROZ E., (1979), *A emigração como força civilizadora*, Lisboa, *Perspectivas e Realidades*.
- RADKE M., SUTHERLAND J., (1949), *Children's concepts and attitudes about minority and majority american groups*, in *J. of Ed. Psychology*, 40, pp. 449-468.
- RAVEAU F., (1973), *Ethnicité et pathologie mentale*, in *Migrations*, Rome, UNSDRI, pp. 151-153.
- RAVEAU F., (1976), *Ethnicité et mécanismes de défense*, in *L'autre et l'ailleurs. Hommage à R. Bastide*, Paris, Berger, Levrault, pp. 475-479.

RAVEAU F., BASTIDE R., *Epidémiologie des maladies mentales*,  
Encyclopédie Médico-chirurgicale, 37878 A 10.

RAVEAU F., GALAP J., LECOUTRE J., LIRUS L., (1976 a), *Approche psycho-anthropologique de l'adaptation des migrants antillais*, in *Cahiers d'Anthropologie*, 3, pp. 71-107.

RAVEAU F., GALAP J., LECOUTRE J., LIRUS L., (1976 b), *Adaptations antillaises*, in *Cahiers d'Anthropologie*, 4, pp. 9-21.

RAVEAU F. et al., (1976), *Perception sociale de la couleur et discrimination*, in *Cahiers d'Anthropologie*, 4, pp. 23-42.

RAVEAU F., GALAP J., LECOUTRE J., LIRUS L., (1977), *Phénotype et adaptation*, in *Ethnologie Française*, 7, 3, pp. 255-276.

RAVENSTEIN E., (1885), *The laws of migration*, in *Journal of Royal Statistical Society*, BD 48, pp. 167-227.

RAVENSTEIN E., (1889), *The laws of migration*, in *Journal of Royal Statistical Society*, BD 52, pp. 241-301.

REICH B., ADCOCK C., (1976), *Valores, atitudes e mudança de comportamento*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

RERAT F., PETIT G., BAUMAN M., (1974), *Les emplois tenus par la main-d'oeuvre étrangère*, in *Cahiers du Centre d'Études de l'Emploi*, 8, Paris, PUF.

RIBEIRO A., (1983), *Le retour pathologique du migrant*, in *Psychopathology of the transplantation of migrants*, Strasbourg, European Science Foundation, pp. 61-64.

RIBEIRO D., (1984), *Migrações, os contrabandistas da cor e os sortilégios da cidade-luz*, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 86, 28 de Fevereiro a 2 de Março, pp. 24-27.

RICHARDSON A., (1967), *A theory and a method for the psychological study of assimilation*, in *International Migration Review*, 2, 1, pp. 3-30.

RICHMOND A., (1968), *Return migration from Canada to Britain*, in *Population Studies*, XXII, 1, pp. 263-271.

RIEN Van GENDT (1977), *Services pour le retour et la réinsertion des travailleurs émigrés*, Paris, OCDE.

ROBERT P., FAUGERON C., (1978), *La justice et son public. Les représentations sociales du système pénal*, Paris, Masson.

ROCHA N., (1965), *França a emigração dolorosa*, Barcelos, Ed. Ulisseia.

- ROCHA TRINDADE M. B., (1973), *Immigrés portugais*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.
- ROCHA TRINDADE M. B., (1981 a), *Introdução, Estudos sobre a emigração portuguesa*, in *Revista de História Económica e Social*, 1-2, pp. 1-3.
- ROCHA TRINDADE M. B., (1981 b), *Portugal*, in ORIOL M., *Bilan des études sur les aspects culturels et humains des migrations internationales en Europe Occidentale (1918-1979)*, Strasbourg, ESF, pp. 73-76.
- ROCHA TRINDADE M. B., (1982), *Sensibilização comunitária numa óptica de interculturalismo em meio de forte emigração*, in *Defesa e Nação*, 26, pp. 73-90.
- ROCHA TRINDADE M. B., (1983), *Da emigração às comunidades portuguesas*, Lisboa, Edições Conhecer,
- ROCHA TRINDADE M. B., (1984), *O diálogo instituído*, in *Nova Renascença*, Junho/Setembro, pp. 229-245.
- ROCHA TRINDADE M. B., ARROTEIA J., (1984), *Bibliografia da emigração portuguesa*, Lisboa, Instituto Português do Ensino à Distância.
- ROCHEBLAVE-SPENLE A. M., (1970), *Psychologie du conflit*, Paris, Éd. Universitaires.
- ROCHER G., (1968), *L'action sociale*, Paris, Éditions ILMH.
- RODRIGUES V., (1967), (selecção e prefácio) - *A saudade na poesia portuguesa*, *Antologias universais*, Lisboa, Portugália Editora.
- ROIG Ch., BILLON-GRAND F., (1968), *La socialisation politique des enfants*, Paris, Armand Colin.
- ROLLE P., (1973), *Qualités de travail et hiérarchies de qualification. Débats*, in *Sociologie du Travail*, 2, pp. 157-175 e pp. 218-228.
- ROQUEPLO P., (1974), *Le partage du savoir*, Paris, Le Seuil.
- RUDDER-PAURD V., (1979), *Logement et segregation*, in *Informations Sociales*, 9-10, pp. 52-59.
- SAMPAIO J., (1980), *Portugal, a educação em números*, Lisboa, Livros Horizonte.
- LA SANTE DES MIGRANTS, (1972), *Comité médical et médico-social d'aide aux migrants*, Paris, Éd. Droit et Liberté.

- SANTOS A., (1973), Les émigrants portugais et le retour au pays, in Options Méditerranéennes, 22, pp. 67-69.
- SANTOS I., (1967), Algumas considerações sobre o retorno dos emigrantes, in Análise Social, 18, pp. 288-298.
- SANTOS T., (1966), Noções de psicologia do adolescente, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 3ª edição.
- SAYAD A., (1977), Les trois âges de l'immigration algerienne, in Actes de Recherche en Sciences Sociales, 15, pp. 59-79.
- SAYAD A., (1979), Qu'est-ce qu'un immigré ?, in Peuples Méditerranéens, 7, pp. 3-24.
- SAYAD A., (Junho, 1980), De la culture des immigrés et de sa fonction idéologique, Comunicação pessoal.
- SCOTT I., (1973), Color test de Max Lüscher, Avignon, Éditions Aubane.
- SCOTTO J., (1982), L'anxiété des migrants, in Le Praticien, 450, pp. 21-32.
- SECRETARIA DE ESTADO DA EMIGRAÇÃO, Universidade Nova de Lisboa, (1981), Inquérito sobre o regresso dos emigrantes portugueses, Lisboa, UNL.
- SEDES, (1974), Emigração e despovoamento, Lisboa, Moraes Editores.
- SELYE H., (1962), Le stress de la vie, Paris, Gallimard.
- SERRA A., (1980), Algumas reflexões sobre a emigração portuguesa, in Psiquiatria Clínica, 1, 3, pp. 153-164.
- SERRA E., (1975), O operário emigrante português na sociedade industrial capitalista, in Análise Social, XI, 41, pp. 67-102.
- SERRÃO J., (1974), Emigração portuguesa, Lisboa, Livros Horizonte.
- SHERIF M., (1948), An outline of social psychology, New York, Harper and Row.
- SHUVAL J., (1963), Immigrant on the threshold, New York, Atherton Press.
- SILVA M. et al., (1984), Retorno, emigração e desenvolvimento regional em Portugal, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- SIMÕES M., (1983), Religion and psycho-pathology among portuguese emigrants on Switzerland, in Psychopathology of the transplantation of migrants, Strasbourg, ESF, pp. 65-71.

- SIVADON P., ROLCHLIN Ph., GUIBERT M., (1954), A propos des troubles mentaux des transplantés, in Ann. Méd. Psychol., II, 1, pp. 101-106.
- Le SONDAGE IFOP, (1978), Résultats et commentaires, in Croissance des Jeunes Nations, 194.
- SOPEMI, (1983), L'immigration en France en 1982, Paris, OCDE.
- SOUSA A., (1973), Os trabalhadores portugueses na região de Paris, Lisboa, Cadernos GIS.
- STOETZEL J., (1943), Théorie des opinions, Paris, PUF.
- STOETZEL J., (1952), La connaissance des opinions, in PIÉRON H., Traité de Psychologie Appliquée, livre II, Paris, PUF.
- STOETZEL J., (1963), La psychologie sociale, Paris, Flammarion.
- STOETZEL J., GIRARD A., (1953), Problèmes psychologiques de l'immigrant en France, in Population, 8, 1, pp. 73-78.
- STONE K., (1975), Geographical effects of urbanizing and ruralizing in Europe 1920-2000, in European Demographic Bulletin, VI, 1, pp. 2-22.
- STONEQUIST E., (1930), The marginal man: a study in personality and culture conflit, Thesis Ph D, University of Chicago.
- TAJFEL H., (1972), La catégorisation sociale, in MOSCOVICI S., Introduction à la Psychologie Sociale, t. I, Paris, Larrousse, pp. 272-302.
- TAJFEL H., BILLIG M., BUNDY R., FLAMENT C., (1971), Social categorisation and intergroup behaviour, in European Journal of Social Psychology, 1, pp. 149-178.
- TAPINOS G., (1975), L'immigration étrangère en France (1946-1973), Paris, INED, Travaux et Documents, 71.
- TASSELLO G., (1983), L'emigrazione di ritorno: rassegna bibliografica, in Studi Emigrazione/Études Migrations, 72, pp. 459-519.
- THOMAS K., (1971), Attitudes and behaviour, London, Penguin Books.
- THOMAS R., ALAPHILIPPE D., (1983), Les attitudes, Paris, PUF.
- THOMAS W., ZNANIECKI F., (1918), The polish peasant in Europe and in America, New York, Badger.
- TOMÉ H., (1983), La connaissance de soi à l'adolescence, in L'Orientation Scolaire et Professionnelle, 12, 3, pp. 203-213.

- TORGA M., (1969), *Traço de União*, Coimbra, Edição do autor, 2<sup>a</sup> ed.
- TORGA M., (1982), *Contos da montanha*, Coimbra, Edição do autor, 6<sup>a</sup> edição revista.
- TORGA M., (1983), *Diário*, volume XIII, Coimbra, Edição do autor.
- TOUZARD H., (1967), *Enquête psychosociologique sur les rôles conjugaux et la structure familiale*, Paris, CNRS.
- TRIBALAT M., (1982), *Chronique de l'immigration*, in *Population*, 1, pp. 131-158.
- TYLOR F., (1871), *Primitive Culture*, London, John Murray.
- UNESCO, (1978), *L'éducation des travailleurs migrants et de leurs familles*, *Études et documents de l'éducation*, 27, Paris.
- VALLANTIN S., (Avril, 1977), *Un point de vue " autre " sur la maladie du migrant*, in *Migrations/Santé*, n<sup>o</sup> spécial, pp. 17-22.
- VANDENPLAS-HOPLER C., (1979), *Éducation et développement social de l'enfant*, Paris, PUF.
- VEIL C., VEIL-BARAT C., ROY-GIRAULT M., SABLIERE M., (1972), *Fatigue et monotonie*, in REUCHLIN M., *Traité de Psychologie Appliquée*, Tome 3, Paris, PUF, pp. 173-221.
- VEILLE GROSJEAN H., (1980), *Le rôle de l'information dans l'évolution des comportements et des aspirations des migrants portugais en cours de leur séjour en France*, Strasbourg, Université des Sciences Humaines.
- VERBUNT G., (1980), *L'intégration par l'autonomie*, thèse de doctorat de 3<sup>ème</sup> cycle, Université de Strasbourg.
- VIEIRA A., (1978), *Noções operatórias sobre cidade, população urbana e população rural*, in *Revista de História Económica e Social*, 1, pp. 105-128.
- VIGNERAS N., (1981), *La Formation-réinsertion des immigrés*, Paris, Mémoire pour le Diplôme d'Etudes Supérieures de l'Université de Paris I.
- VIGUIER M. C., (1972), *Les travailleurs portugais à Toulouse: migration travail, vie collective*, in *Annales de l'Université de Toulouse Le Mirail*, VIII, 5, pp. 115-132.
- VLASSENKO E., VOLKOFF S., (1975), *Les salaires des étrangers en France en 1972*, in *Économie et Statistique*, 70.



- WAGNER M., (1980), Le retour promotionnel des immigrés. Une expérience française en matière de transfert de technologie, Paris, Caisse Centrale de Coopération Économique.
- WALL K., (1982), A outra face da emigração: estudos sobre a situação das mulheres que ficam no país de origem, Lisboa, Edição da Comissão da Condição Feminina.
- WALLISER B., (1977), Systèmes et modèles, introduction critique à l'analyse des systèmes, Paris, Seuil.
- WALLON H. (1949), Les origines du caractère chez l'enfant, Paris, PUF.
- WENDEN C., (1978), Les immigrés dans la cité, Paris, La Documentation Française.
- WIDGREN J., (1982), Practical provisions concerning the return of migrant workers to their home country, in Safety and Health of migrant workers, Geneva, ILO, pp. 319-325.
- ZAJONC R., (1967), Cognitive theories of social behaviour, in LINDZEY G., ARONSON E.: (ed.), Handbook of Social Psychology, Cambridge, Mass., Addison-Wealey.
- ZALTMAN G., WALLENDORF M., (1979), Consumer behaviour: basic findings and management implications, New York, John Wiley.
- ZAVALLONI M., (1973), L'identité psycho-sociale, un concept à la recherche d'une science, in MOSCOVICI S., Introduction à la Psychologie Sociale, Paris, Larrousse, t. II, pp. 246-265.
- ZAZZO B., (1966), Psychologie différentielle de l'adolescence, Paris, PUF.
- ZAZZO R. et al., (1979), L'attachement, Neuchatel, Paris, Delachaux et Niestlé, 2<sup>ème</sup> édition.
- ZWINGMANN C., (1973), The nostalgic phenomenon and its exploitation, in ZWINGMANN C., PFISTER-AMMENDE M., Uprooting and after, New York, Verlag, pp. 19-47.

## PRINCIPAIS ABREVIATURAS UTILIZADAS

ADDAD	Association pour le Développement et la Diffusion de l'Analyse des Données
AFC	Análise Factorial das Correspondências
AFPA	Association pour la Formation Professionnelle des Adultes
ANPE	Agence Nationale pour l'Emploi
BIT	Bureau International du Travail
BTP	Bâtiment et Travaux Publics
CEDEP	Colectivo de Estudos e Dinamização da Emigração Portuguesa
CFDT	Confédération Française Démocratique du Travail
CGT	Confédération Générale du Travail
CNAM	Caisse Nationale de l'Assurance Maladie
CNRO	Caisse Nationale de Retraite des Ouvriers du Bâtiment et des Travaux Publics
CNRS	Centre National de Recherche Scientifique
CPA	Centre de Psychologie Appliquée
CPQ	Child Personality Questionnaire
CREDA	Centre Charles Richet des Dysfonctions de l'Adaptation
CREDOC	Centre de Recherche pour l'Étude et l'Observation des Conditions de Vie
CRESGE	Centre de Recherches Économiques Sociologiques et de Gestion
DS	Diferenciador Semântico
ESNA	Études Sociales Nord-Africaines
FNSP	Fondation Nationale des Sciences Politiques
FO	Force Ouvrière
HLM	Habitations à Loyer Modéré
HSPQ	High School Personality Questionnaire
IFOP	Institut Français de l'Opinion Publique
INE	Instituto Nacional de Estatística
INED	Institut National d'Études Démographiques
INETOP	Institut National d'Étude du Travail e d'Orientation Professionnelle
INSEE	Institut National de la Statistique
OCDE	Organisation de Coopération et de Développement Économique
OIT	Organization Internationale du Travail
ONI	Office National d'Immigration
OP	Ouvrier Professionnelle
OQ	Ouvrier Qualifié
OS	Ouvrier Spécialisé

QI	Quociente Intelectual
RS	Representações de Si
SEEC	Secretaria de Estado da Emigração e das Comunidades Portuguesas
SOFRES	Société Française d'Enquête par Sondage
SONACOTRA	Société Nationale de Construction de Logements pour les Travailleurs
SOPEMI	Système d'Observation Permanente des Migrations
16 PF	Sixteen Personality Factor Questionnaire

ANEYOS

## ANEXO I

## ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO PORTUGUESA RESIDENTE NO ESTRANGEIRO

PAÍSES	Nº DE PORTUGUESES	PAÍSES	Nº DE PORTUGUESES
Abu-Dhabi	59 (d)	Irlanda	46 (a)
África do Sul (Rep.)	600.000 (a)	Islândia	3 (a)
Alemanha (Rep.Dem.)	230 (a)	Israel	4.263 (d)
" (Rep.Fed.)	109.400 (c)	Itália	3.500 (b)
Antilhas Holandesas	3.500 (c)	Japão	260 (a)
Angola (R.P.)	11.620 (c)	Jordânia	3 (d)
Arábia Saudita	1.100 (d)	Jugoslávia	11 (a)
Argélia	1.000 (c)	Kuwait	2 (d)
Argentina	60.000 (c)	Lesotho	11 (c)
Austrália	31.000 (a)	Líbano	6 (a)
Austria	159 (d)	Líbia	1.471 (d)
Bahrain	725 (d)	Luxemburgo	30.000 (c)
Belgica	18.000 (c)	Malásia	3 (a)
Bermudas	2.000 (a)	Marrocos	1.164 (a)
Bolívia	70 (a)	Mauritânia	85 (d)
Botswana	320 (c)	México	315 (a)
Brasil	1.200.000 (b)	Mozambique	18.000 (c)
Bulgária	86 (a)	Namíbia	900 (a)
Cabo Verde	300 (a)	Nicarágua	5 (c)
Canadá	235.000 (c)	Niger	3 (c)
Checoslováquia	55 (c)	Nigéria	300 (a)
Chile	239 (a)	Noruega	354 (a)
China	2 (c)	Nova Zelândia	21 (a)
Chipre	7 (c)	Países Baixos	10.000 (a)
Colômbia	65 (a)	Panamá	465 (a)
Costa do Marfim	22 (c)	Paquistão	491 (a)
Cuba	21 (c)	Perú	51 (c)
Dinamarca	284 (c)	Polónia	31 (c)
Dominicana (Rep.)	35 (c)	Quatar	23 (d)
Egipto	110 (a)	Roménia	19 (a)
Equador	500 (a)	Santa Sé	2 (a)
Espanha	65.000 (c)	S. Tomé e Príncipe	160 (a)
E.U.A.	263.000 (d)	Senegal	95 (c)
Finlândia	37 (a)	Singapura	5 (a)
Franga	900.000 (c)	Suazilândia	2.000 (c)
Gabão	1 (c)	Suécia	1.500 (d)
Gâmbia	2 (a)	Suíça	10.687 (c)
Grã-Bretanha	40.000 (c)	Tailândia	350 (a)
Grécia	111 (a)	Trindade e Tobago	80 (a)
Guiné-Bissau	139 (c)	Tunísia	50 (c)
Honduras	20 (a)	Turquia	2 (d)
Hong-Kong	3.000 (a)	Uruguai	1.400 (b)
Hungria	25 (a)	U.R.S.S.	174 (a)
Índia	4 (a)	Venezuela	270.000 (c)
Irão	268 (d)	Zaire	6.500 (a)
Iraque	921 (d)	Zâmbia	142 (a)
		Zimbábue	8.000 (c)
		TOTAL	3.871.390

a) Estimativa referente a 1979  
b) " " " 1978  
c) " " " 1980  
d) " " " 1981

Elementos recebidos na SEECF durante 1980  
" " " " 1979  
" " " " 1981  
" " " " 1982

NOTA: Os elementos apresentados foram calculados com base em informações fornecidas pelas Embaixadas e Consulados Portugueses e em informações do Serviço de Recrutamento desta SEECF

## ANEXO II

Caisse Centrale de Coopération Economique  
C.C.C.E.

STATUT DES STAGIAIRES IMMIGRES EN FORMATIONREINSERTION

La présente note précise les conditions de séjour et de formation des travailleurs immigrés en stage de formation réinsertion avant un retour volontaire dans leur pays. Ces conditions sont semblables à celles des travailleurs français en formation et obéissent à la même législation.

Les conditions de réinsertion dans le pays d'origine font l'objet d'un accord conclu par ce pays avec les stagiaires et signé entre eux avant l'entrée en stage. Toutes précisions à ce sujet peuvent être obtenues des représentations diplomatiques et consulaires des pays concernés.

o  
o o

Durant toute la période de leur formation les stagiaires sont soumis aux règlements des établissements dans lesquels ils sont affectés. Comme tous les stagiaires français, les abandons de stage sans motif reconnu légitime ou en cas d'exclusion pour motif disciplinaire, ainsi que l'absence volontaire à l'examen final lorsqu'il est prévu, peuvent donner lieu à l'obligation de remboursements des rémunérations perçues.

## 1 - AFFECTATION

Les candidats sont répartis dans les différents centres de formation suivant leur spécialité.

Le suivi des stages est assuré :

- pour le pays concerné, par les représentations diplomatiques, et éventuellement les futurs employeurs ;
- pour la partie française, par la Caisse Centrale de Coopération Economique.

## 2 - DEPLACEMENTS DES STAGIAIRES

Le transport des stagiaires est remboursé selon la réglementation en vigueur, exclusivement sur la base du tarif SNCF 2ème classe - par le trajet le plus direct. Les stagiaires qui utiliseraient tout autre mode de transport que le chemins de fer (véhicule personnel ou taxi, par exemple) engageraient leur propre responsabilité et n'auraient aucun recours, en cas d'accident, envers les organisateurs du stage. Tout changement de domicile doit être signalé à l'organisme formateur.

.../...

#### a) voyages liés à la formation

- au début du stage - du domicile légal en France (certificat de résidence) au lieu du stage ;
- en cours de stage - si nécessités par formation, de centre à centre, avec ordre de mission ;
- en fin de stage - du lieu de stage au domicile légal en France.

#### b) voyages familiaux

En outre, les stagiaires bénéficient de voyages dans leur famille dans les conditions suivantes :

- un voyage aller-retour du lieu de stage au domicile légal en France, par tranche de formation de dix semaines (la durée des congés payés s'ajoutant à la durée du stage) ;
- le dernier voyage doit obligatoirement s'effectuer avant les deux dernières semaines du stage.

### 3 - REMUNERATIONS

3.1. - Pour percevoir ses rémunérations, le stagiaire doit se munir des pièces suivantes :

- . Fiche familiale d'Etat Civil
- . Deux photos d'identité
- . Photocopies de la carte d'immatriculation à la Sécurité Sociale et Caisse d'affiliation avant l'entrée en stage
- . Photocopie du certificat de travail du dernier employeur
- . Certificat de résidence (ou tout document attestant sa qualité de résident)
- . Un relevé d'identité bancaire ou postal. Il est obligatoire et l'expérience le prouve que la transmission à une agence bancaire du lieu du stage est la plus rapide pour le paiement.

.../...



3.2. - Les rémunérations du groupe de stagiaires ne pouvant être transmises que lorsque le dossier du groupe est complet ; tout stagiaire à qui il manquera l'une des pièces mentionnées ci-dessus retardera tout le groupe auquel il appartient.

3.3. - Les stagiaires perçoivent une rémunération égale à celle de tous les autres stagiaires français, selon le régime légal résultant de la loi du 16 Juillet 1978 et des décrets du 27 Mars 1979. Ces rémunérations sont calculées sur la base de 40 heures par semaine (heures supplémentaires et primes déduites). Elles demeurent au même taux pendant tout le temps de formation.

Ces rémunérations sont les suivantes :  
(pour déterminer équitablement le taux horaire de vos rémunérations, vous devez joindre impérativement)

Premier cas

A - Certificat de travail

- 3 derniers bulletins mensuels de salaire totalisant 520 heures

- vous percevrez une rémunération égale à : 100 % du SMIC
- ou : 70 % de votre  
salaire antérieur,  
si plus favorable

B - Si vous avez travaillé à titre temporaire ou partiel :

- Certificat de travail

- 6 bulletins de salaire mensuels totalisant 520 heures

- vous percevrez une rémunération égale à : 100 % du SMIC

.../...

Deuxième cas

- 1 bulletin de salaire totalisant 174 heures
- si vous avez travaillé partiellement : 174 heures sur 2 mois
- vous percevrez une rémunération égale à : 90 % du SMIC

Troisième cas

- si vous avez travaillé moins d'un mois (-174 heures) ou jamais travaillé
- vous percevrez une rémunération égale à : 25 % du SMIC

Quatrième cas

- si vous êtes mère de famille, veuve, divorcée, séparée judiciairement :

Pièces à fournir

- fiche familiale d'Etat Civil
- attestation de la Caisse d'Allocations Familiales pour celles qui ont des enfants
- vous percevrez une rémunération égale à : 90 % du SMIC

- si vous percevez l'aide publique ou l'allocation forfaitaire ASSEDIC

Pièces à fournir

- décision d'admission ou certificat de fin de scolarité
- attestation d'inscription à l'ANPE
- vous percevrez une rémunération égale à : 90 % du SMIC

.../...

Cinquième cas

- si vous avez été licencié pour motif économique

Avant le 1er Juillet 1979Pièces à fournir

- lettre de licenciement
- 3 derniers bulletins de salaire mensuels totalisant 520 heures
- vous percevrez une rémunération égale à : 70 % du salaire  
\_\_\_\_\_ antérieur  
(minimum 100 %  
du SMIC  
maximum 3 fois  
le SMIC)

Reçu votre NOTIFICATION après le 1er Juillet 1979Pièces à fournir

- photocopie lisible et certifiée conforme de la lettre de notification du préavis
- 3 derniers bulletins de salaire mensuels totalisant 520 heures
- lettre de l'ASSEDIC précisant les 4 taux dégressifs et non les talons des mandats
- vous percevrez une rémunération égale au : montant de  
\_\_\_\_\_ l'allocation  
spéciale de  
l'ASSEDIC  
ou : 100 % du SMIC

.../...

Sixième cas

- si vous avez déjà suivi un stage de formation professionnelle des adultes, ne pas joindre les bulletins de salaire de l'AFPA, mais :

- la décision individuelle de rémunération
- les 3 derniers bulletins de salaire mensuels (520 heures) avant l'entrée du précédent stage

vous percevrez une rémunération égale à : 70 % du salaire  
antérieur

Septième cas

- si vous êtes non salarié.(exploitant agricole, artisan, commerçant) vous devez justifier de votre activité durant 12 mois, dont 6 consécutifs au cours des 3 années qui précèdent votre entrée en stage, par une attestation de la Chambre des Métiers

vous percevrez une rémunération égale à : 100 % du SMIC

sans justificatif : 25 % du SMIC

### 3.3. Les absences, quel qu'en soit le motif, ne donnent pas lieu à rémunération, sauf :

#### 1°) Arrêt maladie dûment justifié par un médecin

Le salaire est assuré pendant une période de trois semaines sous déduction des indemnités journalières éventuelles de la Sécurité Sociale.

Au-delà le stagiaire perçoit 50 % de son salaire.

Un arrêt maladie prolongé peut entraîner l'impossibilité de reprendre le stage. Chaque cas est examiné en consultation avec vos autorités et la Caisse Centrale de Coopération Economique.

#### 2°) A l'occasion des événements familiaux prévus par la législation française.

.../...

#### 4 - PRESTATIONS FAMILIALES

Les stagiaires perçoivent les prestations familiales selon le régime légal pendant la durée de leur formation, à l'exclusion de toute autre indemnité familiale.

#### 5 - HEBERGEMENT

Les centres qui n'hébergent pas les stagiaires sur place mettent à leur disposition un logement gratuit de type foyer-hôtel.

Les stagiaires qui préféreront trouver un hébergement par leurs propres soins sont libres de le faire. Dans ce cas, une participation à leur loyer pourra être prise en charge sur présentation d'une quittance de loyer et dans une limite maximum de 450 Francs par mois stagiaire.

Les stagiaires qui ont la possibilité de rejoindre tous les soirs leur domicile légal ne peuvent prétendre à ces avantages.

Pour des raisons de responsabilité civile en cas d'accident, le montant du transport entre le lieu d'hébergement et le lieu de formation ne peut être remboursé que pour des trajets effectués exclusivement par transports en commun et sur présentation de justificatifs à l'établissement formateur.

#### 6 - NOURRITURE

La législation en vigueur prévoit que les candidats ont accès à une cantine à prix raisonnable. Ce régime est appliqué dans tous les centres, et les stagiaires ont accès à une cantine au tarif maximum actuel de 10 Francs le repas (midi et soir).

CES REPAS SONT A LA CHARGE DU STAGIAIRE

.../...

Seuls les stagiaires rémunérés à 25 % du SMIC recevront gratuitement de l'établissement formateur les tickets de cantine correspondants.

Pour les stagiaires hébergés dans des centres ne disposant pas de restauration collective, le soir, en week-end et les jours chômés, une aide forfaitaire de 10 Francs par repas sera versée aux stagiaires par les établissements formateurs.

Les stagiaires signeront un reçu mensuel. Les week-ends passés en voyage dans leur famille ne donneront pas lieu à cette aide.

N.B. : La Caisse Centrale de Coopération Economique ne peut rembourser les frais annexes à la formation (déplacement, hébergement, nourriture...) pour les stagiaires, que sur présentation des comptes certifiés par le Chef d'établissement qui conservera les pièces justificatives.

## 7 - COUVERTURE SOCIALE

Les stagiaires sont couverts en ce qui concerne les risques accident et maladie pendant la durée du stage. Ils restent dépendants de la Caisse de Sécurité Sociale de leur domicile légal et sont tenus de faire les démarches habituelles pour bénéficier des remboursements.

## 8 - CONGES PAYÉS LEGAUX

Outre les jours fériés légaux durant lesquels les établissements de formation sont fermés, les stagiaires bénéficient de la tranche légale de congés payés correspondant à la durée de la formation. Ces congés sont pris à la fin du stage et ajoutés à la dernière paye du stage.

.../...

## 9 - REGIME DE RETRAITE

En application des conventions de Sécurité Sociale existantes entre la France et les pays d'origine tous les versements à la Caisse de Retraite de Sécurité Sociale effectués pendant le séjour en France sont acquis au bénéficiaire et lui seront versés lors de sa retraite dans son pays. Il appartient toutefois au travailleur de faire la preuve de ces versements au moment où il prendra sa retraite. Pour cette raison, il est vivement recommandé au stagiaire de se munir, et de conserver avec lui, tous les certificats de travail et si possible les bulletins de salaires correspondants à sa période de travail en France. Un employeur est tenu de fournir de tels certificats sur demande et ne peut les refuser.

---

LES PRESENTES INFORMATIONS SONT LES SEULES AYANT  
VALEUR LEGALE. TOUTES AUTRES INFORMATIONS QUI  
AURAIENT PU ETRE DONNEES AUX STAGIAIRES SONT  
CONSIDEREES COMME NULES ET NON AVENUES

ATTESTATION A RETOURNER A LA CAISSE  
CENTRALE DE COOPERATION ECONOMIQUE

Je soussigné.....

stagiaire en formation de .....

à .....

reconnais avoir pris connaissance des articles contenus dans le "Statut des travail-  
leurs immigrés en formation-réinsertion".

Je me déclare d'accord pour suivre le stage dans ces conditions jusqu'à son  
achèvement.

Le

A

Signature



# notes rapides d'information

MINISTRE DU TRAVAIL  
SECRÉTARIAT D'ÉTAT  
CHARGE DES TRAVAILLEURS  
IMMIGRÉS  
Direction de la Population  
et des migrations

OFFICE NATIONAL  
D'IMMIGRATION  
44, rue BARGUE  
75732 Paris Cedex 15  
783 80 20

N° 42 - 27 décembre 1977

OBJET : Aide au retour en faveur  
des travailleurs immigrés

Une instruction ministérielle du 1er juin 1977 a mis en place un dispositif destiné à permettre aux immigrés qui le désirent de bénéficier d'une aide au retour dans leur pays d'origine.

Dans une première phase, cette aide a été accordée aux seuls étrangers bénéficiaires d'allocations de chômage.

Le gouvernement a décidé, par la suite, d'étendre cette aide, à compter du 1er octobre 1977, à de nouvelles catégories de migrants. Ses instructions ont fait l'objet de notre note rapide n° 38 du 19 octobre.

L'objet de la présente note est d'apporter certaines précisions aux instructions antérieures.

Signalons tout d'abord que :

Les dispositions résultant des nouvelles instructions (septembre 1977), dès lors qu'elles sont plus favorables que les dispositions antérieures, doivent être appliquées aux demandes en instance avant le 1er octobre 1977.

CHAMP D'APPLICATION

I - BÉNÉFICIAIRES

- Ne peuvent bénéficier de l'aide au retour que les travailleurs qui ne sont pas âgés de plus de 65 ans.

- Les handicapés bénéficiaires d'une pension d'invalidité et justifiant de 5 ans d'activité salariée en France peuvent prétendre à l'aide au retour, dès lors que l'invalidité résulte d'un accident du travail ou d'une maladie professionnelle

#### • Période d'activité salariée :

- la justification de la période d'activité salariée exercée en France peut être apportée par tous les moyens : bulletins de salaire, carte de travail, certificat de travail, relevés de cotisations-vieillesse..., et sera appréciée par la DDTMO
- s'agissant des salariés en activité et des chômeurs non secourus qui doivent justifier de 5 ans d'activité salariée en France, il convient de tenir compte :
  - des périodes de chômage
  - des arrêts de maladie et des congés de maternité
  - des périodes de service militaire
  - des vacances supplémentaires autorisées par l'employeur.

### II - PAR EXTENSION

- Les jeunes filles espagnoles et portugaises âgées de 18 ans peuvent, dans la mesure où elles le désirent, rester en France.
- Les concubines peuvent, sous réserve de justifier de la possession d'un certificat de concubinage délivré par le Maire du domicile, bénéficier de l'aide au retour.
- Si le demandeur de l'aide au retour est bigame ou polygame, une seule des épouses peut bénéficier de l'aide.

### III - SONT EXCLUS DE L'AIDE AU RETOUR

- Les travailleurs immigrés âgés de plus de 65 ans.
- Tous les ressortissants des pays non compris dans la liste des 23 pays.
- Les étrangers en possession d'une autorisation provisoire de travail (étudiant travaillant pendant les vacances ou au cours de leurs études, étudiant "au pair", internes en médecine, stagiaires professionnels, moniteurs, cadres détachés) ou d'un contrat temporaire visé (travailleurs saisonniers).
- Les non salariés (commerçants entre autres).
- Les personnes faisant l'objet de poursuites pénales.
- Les personnes ayant une double nationalité, dont la nationalité française.

PROCEDURE

INSTRUCTION DU DOSSIEREtablissement du dossier

Pour permettre une transmission et une acceptation rapide des dossiers et éviter des rejets générateurs de retards qui portent préjudice aux candidats, il est capital que les dossiers soient correctement remplis particulièrement en ce qui concerne les points suivants :

- l'identité du candidat en tant qu'étranger, de son conjoint et de ses enfants mineurs doit être portée de façon complète sur l'imprimé "demande d'aide au retour". Toute omission de date de naissance, de lieu de naissance, de numéro de dates de délivrance et de validité du passeport ou de la carte nationale d'identité (Africains, Algériens) entraînera un rejet de la demande et une information complémentaire.

Les femmes mariées étrangères en France doivent en règle générale figurer sur la demande sous leur nom de jeune fille suivi de la mention "épouse de M.... (nom du mari)."

- remplir soigneusement les rubriques concernant la date d'entrée en France ainsi que les numéros et les dates d'établissement et d'échéance des titres de séjour et de travail du candidat et le cas échéant, de son conjoint et de ses enfants. Il y aura intérêt d'ailleurs, bien que cela ne soit pas expressément prévu dans les rubriques, de préciser la nature du titre, selon la nouvelle (A, B, C) ou l'ancienne nomenclature, détenu par le candidat. Les travailleurs immigrés qui déclarent avoir perdu leurs titres de travail et de séjour, ne peuvent bénéficier de l'aide au retour.

Pour les Africains francophones et les Algériens, la mention "Travailleur salarié" figurant sur la carte de séjour ou de résidence doit être reportée sur la demande.

La dernière activité collective du chef de famille ainsi que celle éventuellement de son conjoint et de ses enfants mineurs doivent être mentionnées sur la demande.

- Le candidat (et le cas échéant son conjoint et ses enfants) doivent enfin être informés des éléments qu'ils devront rechercher et transmettre, en même temps que la demande, à la Direction Départementale du Travail pour prouver par exemple qu'ils résident en France en tant que salariés depuis plus de 5 ans, qu'ils ont été employés à ce titre au cours des 6 derniers mois et que leur salaire ne dépasse pas le double du plafond de la Sécurité Sociale. Voir en fin de dossier la liste des documents et pièces qui sont demandés d'une manière générale.

Il est recommandé de conseiller aux candidats au retour, lorsqu'ils sont en cours d'emploi, de s'assurer, avant de quitter leur emploi, que leur dossier a été agréé. Cette assurance leur est acquise dès lors qu'ils ont reçu la convocation les invitant à se présenter à la Direction Départementale du Travail pour remettre leurs titres de séjour et de travail et recevoir les documents pour le retour (voir ci-après D et E).

## Etude du dossier par la DDTMO

Il convient de joindre au dossier de demande d'aide au retour, s'agissant de travailleurs salariés et de chômeurs non secourus, une attestation établie selon le modèle joint en annexe n° 1, et sur laquelle sera apposée la signature du Directeur Départemental du travail.

## Convocation du bénéficiaire par la DDTMO

- Avant de remettre aux intéressés l'attestation de renonciation aux titres de travail et de séjour, il importe que la DDTMO vérifie soigneusement leur identité (carte d'identité, passeport) afin d'éviter qu'une identité fausse ou incomplète soit mentionnée sur ladite attestation valant autorisation provisoire de séjour.
- Dès lors que le conjoint bénéficie également de l'aide au retour, la fiche de liquidation (II) de l'aide au retour doit être établie au nom de "M. et Mme ..." et signée par les 2 bénéficiaires.

## Documents à présenter par les bénéficiaires de l'aide au retour

### • Par le demandeur

#### a) Passeport en cours de validité

- Pour les Africains francophones (sauf les Guinéens, Malgaches, Gabonais et Sénégalais) et les Algériens, la carte nationale d'identité en cours de validité est admise.

#### b) Carte de séjour en cours de validité

- Pour les Algériens, la carte de résidence suffit mais elle doit porter la mention "travailleur salarié"
- Pour les Africains francophones, la carte de séjour doit porter la mention "travailleur salarié" (sauf pour les Guinéens, Gabonais, Malgaches qui relèvent de la carte de travail). En cas de changement de carte, présenter le récépissé de demande de carte de séjour. Les certificats de perte ne valent pas les titres. Les travailleurs immigrés, qui déclarent avoir perdu leurs titres de travail et de séjour, ne peuvent bénéficier de l'aide au retour.

#### c) Carte de travail en cours de validité (ancien ou nouveau régime)

- A l'exception des Algériens et des Africains francophones, la carte de travail est exigible pour toutes les nationalités y compris les Guinéens, Malgaches et Gabonais.

d) Si le demandeur est salarié ou chômeur non secouru, il doit présenter tous documents prouvant 5 années de salariat en France. Cette preuve peut être apportée par tous moyens (bulletin de paye, relevés de cotisations-vieillesse, certificats de travail, éventuellement certificat de contrôle médical passé auprès de l'Office National d'Immigration), et sera appréciée par la D.D.T.H.O.

e) Si le demandeur est salarié il doit présenter les 6 dernières fiches de paye.

f) Si le demandeur est chômeur secouru ou non, il doit justifier de sa date d'inscription à l'A.N.P.E.

g) S'il vit en concubinage, le demandeur doit présenter un certificat de concubinage délivré par la Mairie ou le Commissariat de Police.

h) Le nombre de photographies qui lui sera demandé (pas moins de trois vraisemblablement).

• Par le conjoint bénéficiaire

Il devra présenter les documents signalés, pour le demandeur, en :

a -

b -

c -

d - Si le conjoint ne peut justifier de 5 années de salariat, le montant de l'aide au retour est de 5.000 F au lieu de 10.000 F

e -

f -

h -

• Par les enfants mineurs bénéficiaires

On entend par enfant mineur les enfants âgés de moins de 18 ans au jour du dépôt de la demande (moins de 21 ans pour les jeunes filles espagnoles et portugaises).

Ils doivent fournir les documents signalés, pour le demandeur, en :

a)

b)

c)

• Par les conjoints (non salariés) et les enfants mineurs qui ne bénéficient pas de l'aide au retour

Afin de leur permettre de bénéficier de l'indemnité forfaitaire de voyage :

a)

b) Si l'enfant non salarié est âgé de plus de 16 ans il doit avoir une carte de séjour ou présenter à la D.D.T. une copie du certificat de scolarité pour l'année précédant son 16ème anniversaire.

MÉTODO DA ANÁLISE FACTORIAL DAS CORRESPONDÊNCIAS  
(formulário da ADDAD)

-1a LE TABLEAU DES DONNÉES

Soient deux ensembles finis  $I$  et  $J$  en correspondance : la donnée est un tableau de nombres positifs de dimension  $CARD I \times CARD J$

IV-1a1 EFFECTIFS

- $k_{ij}$  effectif de la case  $(i,j)$ ;  
( $k_{ij} > 0$ ) ;
- $k_i = \sum \{k_{ij} \mid j \in J\}$  l'effectif de la ligne  $i$  ; la colonne des éléments  $k_i$  est la *colonne marginale* ;
- $k_j = \sum \{k_{ij} \mid i \in I\}$  est l'effectif de la colonne  $j$  ; la ligne des éléments  $k_j$  est la *ligne marginale* ;
- $k = \sum \{k_i \mid i \in I\} = \sum \{k_j \mid j \in J\} = \sum \{k_{ij} \mid i \in I, j \in J\}$  est la somme totale du tableau.

			$j$
$i$		$k_{ij}$	$k_i$
		$k_j$	$k$

IV-1a2 FREQUENCES

- $f_{ij} = k_{ij}/k$  : fréquence d'un couple  $(i,j)$  ;
- $f_i = \sum \{f_{ij} \mid j \in J\} = k_i/k$  est la fréquence d'une ligne  $i$  ; la colonne des  $f_i$  est la *colonne des fréquences marginales*.
- $f_j = \sum \{f_{ij} \mid i \in I\} = k_j/k$  : fréquence de la colonne  $j$  ; la ligne des  $f_j$  est la *ligne des fréquences marginales*.
- On a évidemment  $\sum \{f_i \mid i \in I\} = \sum \{f_j \mid j \in J\} = 1$ .

IV-1a3 PROFILS

- Profil d'une ligne  $i$  :

$$f_j^i = \{f_{ij}^i \mid j=1, \dots, CARD J \text{ et } f_i \neq 0\}$$

où  $f_{ij}^i = f_{ij}/f_i$  est la fréquence conditionnelle du couple  $(i,j)$  connaissant  $i$ .

- Profil d'une colonne  $j$  :

$$f_i^j = \{f_{ij}^j \mid i=1, \dots, CARD I \text{ et } f_j \neq 0\}$$

où  $f_{ij}^j = f_{ij}/f_j$  est la fréquence conditionnelle du couple  $(i,j)$  connaissant  $j$ .

IV-1b1 NUAGE  $N_j(I)$ 

Dans l'espace  $R^J$  des colonnes, le point  $i$  sera muni de la masse  $f_i$  et représenté par son profil  $f_j^i$  (sa composante sur la  $j^{\text{ème}}$  variable est  $f_j^i = f_{ij}/f_i$ ) ; l'ensemble  $I$  sera représenté dans l'espace des colonnes par un nuage de points pesants noté  $N_j(I)$  :

$$N_j(I) = \{(f_j^i, f_i) \mid i \in I\}.$$

Le centre de gravité du nuage  $N_j(I)$  est  $f_j$  : rappelons que le centre de gravité (ou *barycentre*)  $G$  d'un système de points  $\{(m_i, x_{ij}) \mid i \in I\}$  (le point  $i$  a pour masse  $m_i$  et pour  $j^{\text{ème}}$  composante  $x_{ij}$ ), est le point moyen du système, de  $j^{\text{ème}}$  composante  $x_{Gj}$  tel que pour tout  $j$  :

$$\sum \{m_i (x_{ij} - x_{Gj}) \mid i \in I\} = 0$$

Or on a pour tout  $i$

$$f_i (f_j^i - f_j) = f_i \left( \frac{f_{ij}}{f_i} - f_j \right) = f_{ij} - f_i f_j$$

D'où

$$\sum \{f_i (f_j^i - f_j) \mid i \in I\} = \sum \{f_{ij} \mid i \in I\} - f_j \sum \{f_i \mid i \in I\} = 0$$

puisque  $\sum \{f_{ij} \mid i \in I\} = f_j$ , et  $\sum \{f_i \mid i \in I\} = 1$ .

IV-1b2 DISTANCE DU CHI-2 ENTRE DEUX POINTS DE  $I$ 

- Définition

$$d^2(i, i') = \left\{ \frac{1}{f_j} (f_j^i - f_j^{i'})^2 \mid j \in J \right\} \quad (1)$$

C'est la distance du  $\chi^2$  entre les profils des éléments  $i$  de  $i'$ .

Remarque : On peut écrire  $d^2(i, i')$  sous la forme suivante :

$$\sum \left\{ \frac{1}{f_j} \left( \frac{f_{ij}}{f_i} - \frac{f_{i'j}}{f_{i'}} \right)^2 \mid j \in J \right\} = \sum \left\{ \left( \frac{f_{ij}}{f_i \sqrt{f_j}} - \frac{f_{i'j}}{f_{i'} \sqrt{f_j}} \right)^2 \mid j \in J \right\}$$

on reconnaît, sous cette forme, une distance euclidienne.

- Propriété de la distance du  $x^2$  entre profils :

Considérons deux éléments  $j_1$  et  $j_2$  de  $J$  tels que leurs profils sur  $I$  soient identiques ( $f_{j_1}^i = f_{j_2}^i$ ) ; si on substitue aux colonnes  $j_1$  et  $j_2$  une colonne  $j_s$  telle que  $f_{ij_s} = f_{ij_1} + f_{ij_2}$ ,  $f_{j_s} = f_{j_1} + f_{j_2}$ , alors la distance entre éléments de  $I$  n'est pas modifiée.

Cette propriété porte le nom de "principe d'équivalence distributionnelle".

- Distance d'un point  $i$  au centre de gravité du nuage  $N_J(I)$  :

Cette distance sera notée  $\rho(i)$  :

$$\rho^2(i) = \sum \left\{ \frac{1}{f_j} (f_j^i - f_j)^2 \mid j \in J \right\} \quad (2)$$

IV-1b3 INERTIES

- Inertie d'un point  $i$

Le point  $i$  est caractérisé par son profil  $f_j^i$  et par son poids  $f_i$ .

On a

$$I_n(i) = f_i \rho^2(i) \quad (3)$$

- Inertie du nuage  $N_J(I)$

$$\begin{aligned} I_n(N_J(I)) &= \sum \{ I_n(i) \mid i \in I \} \\ &= \sum \left\{ f_i \sum_j \frac{1}{f_j} \left( \frac{f_{ij}}{f_i} - f_j \right)^2 \mid i \in I \right\} \\ &= \sum \sum \left\{ \frac{f_i}{f_j} \left( \frac{f_{ij}}{f_i} - \frac{f_i f_j}{f_i} \right)^2 \mid i \in I, j \in J \right\} \end{aligned}$$

$$\text{d'où } I_n(N_J(I)) = \sum \sum \left\{ \frac{1}{f_i f_j} (f_{ij} - f_i f_j)^2 \mid i \in I, j \in J \right\} \quad (4)$$

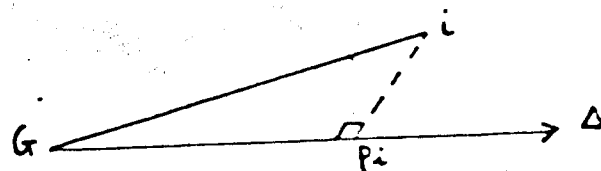
Dans cette formule  $i$  et  $j$  jouent le même rôle : elle exprime donc aussi l'inertie du nuage des points  $j$ , représentés dans l'espace des lignes par leurs profils  $f_i^j$  et munis des masses  $f_j$  :

$$I_n(N_J(I)) = I_n(N_I(J)) .$$



IV-1c1 INERTIE DU NUAGE PROJETE SUR UN AXE : passant par le centre de gravité G du nuage :

la projection du point i sur l'axe  $\Delta$  étant notée  $p_i$  on aura :



$$\begin{aligned} I_{n_{\Delta}}(N_j(I)) &= \sum \{f_i \rho^2(p_i) \mid i \in I\} \\ &= \sum \{f_i d^2(p_i, G) \mid i \in I\} \end{aligned}$$

#### IV-1c2 AXES FACTORIELS

Le premier axe factoriel est l'axe, passant par le centre de gravité du nuage  $N_j(I)$ , sur lequel l'inertie du nuage projeté est maximale ; cette inertie est la *première valeur propre*, notée  $\lambda_1$  ; on a toujours  $\lambda_1 < 1$ . Le deuxième axe factoriel est l'axe passant par le centre de gravité, orthogonal au premier, sur lequel l'inertie du nuage résiduel projeté est maximale : c'est la deuxième valeur propre, et elle est inférieure à la

première :  $\lambda_2 \leq \lambda_1$  ;

etc. on extrait p valeurs propres, avec  $p \leq [\inf(\text{CARDI}, \text{CARDJ}) - 1]$

on a  $1 \geq \lambda_1 \geq \lambda_2 \geq \dots \geq \lambda_p$ .

La coordonnée du point i sur l'axe factoriel de rang  $\alpha$  est notée  $F_{\alpha}(i)$  : c'est l'écart de la projection du point i sur l'axe  $\alpha$  au centre de gravité (au signe près) :

$$|F_{\alpha}(i)| = d(p_i, G)$$

c'est la valeur du *facteur de rang  $\alpha$* , au point i.

#### -1d ANALYSE FACTORIELLE DU NUAGE DES POINTS j :

On extrait de la même façon les axes factoriels : axes principaux d'inertie du nuage  $N_1(J)$  ; la coordonnée du point j sur l'axe factoriel de rang  $\alpha$  est notée  $G_{\alpha}(j)$  : c'est la valeur du facteur de rang  $\alpha$ , au point j.

- les facteurs sont de moyenne nulle :

$$\sum \{f_i F_\alpha(i) \mid i \in I\} = \sum \{f_j G_\alpha(j) \mid j \in J\} = 0 \quad (5)$$

- L'inertie du nuage  $N_j(I)$  projeté sur l'axe  $\alpha$  est égale à celle du nuage  $N_j(J)$  projeté sur l'axe  $\alpha$  (c'est la valeur propre de rang  $\alpha$ ) :

$$\sum \{f_i F_\alpha^2(i) \mid i \in I\} = \sum \{f_j G_\alpha^2(j) \mid j \in J\} = \lambda_\alpha \quad (6)$$

- les axes factoriels sont deux à deux orthogonaux (au sens de la métrique du  $\chi^2$ )

$$\sum \{f_i F_\alpha(i) \cdot F_\beta(i) \mid i \in I\} = 0 \quad \text{si } \alpha \neq \beta$$

$$\sum \{f_j G_\alpha(j) \cdot G_\beta(j) \mid j \in J\} = 0 \quad \text{si } \alpha \neq \beta$$

- Formule de transition et principe barycentrique :

On a entre éléments de  $I$  et de  $J$  les relations suivantes :

$$\begin{aligned} F_\alpha(i) &= (1/\sqrt{\lambda_\alpha}) \sum \{f_j^i G_\alpha(j) \mid j \in J\} \\ G_\alpha(j) &= (1/\sqrt{\lambda_\alpha}) \sum \{f_i^j F_\alpha(i) \mid i \in I\} \end{aligned} \quad (7)$$

Ces formules sont appelées *formules de transition*. La coordonnée d'un élément  $i$  de  $I$  est le *barycentre* des coordonnées des éléments  $j$  de  $J$  affectées de masses ayant pour valeurs les coordonnées  $f_j^i$  du profil  $f_j^i$  (au facteur multiplicatif  $1/\sqrt{\lambda_\alpha}$  près).

Ces formules permettent :

- la *représentation simultanée* des deux ensembles  $I$  et  $J$
- l'adjonction à l'un ou l'autre des deux ensembles, d'*éléments supplémentaires* de masse nulle : ces éléments n'interviennent pas dans la détermination des facteurs ; les axes factoriels étant tracés, on peut projeter toute ligne (resp. colonne) supplémentaire connaissant son profil, parmi les éléments principaux qui, eux, participent à l'élaboration des facteurs.

- Formule de reconstitution du tableau des données

Connaissant les lois marginales  $f_i$  et  $f_j$ , la suite des facteurs  $F_\alpha, G_\alpha$  jusqu'à l'ordre  $p$ , et les valeurs propres  $\lambda_1, \dots, \lambda_p$ , on peut reconstituer exactement les fréquences

$$f_{ij} = f_i f_j (1 + \sum \{(1/\sqrt{\lambda_\alpha}) F_\alpha(i) G_\alpha(j) \mid \alpha \in [1, p]\}) \quad (8)$$

On va décomposer successivement :

- le carré de la distance d'un point au centre du nuage (ou excentricité)  $\rho^2(i) = d^2(i, G)$  ;
- l'inertie  $I_n(i) = f_i \rho^2(i)$  de ce point, sur les axes factoriels :

On définira ainsi :

- la contribution du facteur  $\alpha$  à la distance  $d^2(i, G)$ ,  $F_\alpha^2(i)$  ; en effet  $d^2(i, G) = \sum \{F_\alpha^2(i) \mid \alpha \in A\}$  où  $A$  est l'ensemble des valeurs propres ;
- la contribution du facteur  $\alpha$  à l'inertie du point  $i$ ,  $f_i F_\alpha^2(i)$  en effet  $I_n(i) = f_i \sum \{F_\alpha^2(i) \mid \alpha \in A\}$  .

De même on décomposera :

- l'inertie totale du nuage  $I_n(N_J(I))$  ,
- l'inertie  $\lambda_\alpha$  de l'axe factoriel  $\alpha$ , sur les éléments  $i$  de l'ensemble  $I$  .

Et on définira :

- la contribution du point  $i$  à l'inertie du nuage  $N_J(I)$ ,  $f_i \rho^2(i)$ , puisque  $I_n(N_J(I)) = \sum \{f_i \rho^2(i) \mid i \in I\}$  ;
- la contribution du point  $i$  à l'inertie de l'axe  $\alpha$ ,  $f_i F_\alpha^2(i)$  puisque  $\lambda_\alpha = \sum \{f_i F_\alpha^2(i) \mid i \in I\}$  .

On aura aussi :

$$\frac{f_i F_\alpha^2(i)}{\lambda_\alpha}$$

contribution relative du point  $i$  à l'inertie de l'axe  $\alpha$  .

$$\cos^2 = \frac{F_\alpha^2(i)}{\rho^2(i)}$$

contribution relative du facteur  $\alpha$  à l'excentricité du point  $i$ .

On définie de la même façon les contributions :

- du facteur  $\alpha$  à l'inertie du point  $j$  ;
- du point  $j$  à l'inertie du nuage  $N_J(J)$  ;
- du point  $j$  à l'inertie de l'axe  $\alpha$  ...

## ANEXO V

## TABELA DAS FREQUÊNCIAS

## DO QUESTIONÁRIO " STRICTO SENSU "

## SOBRE OS PROJECTOS DE REGRESSO DOS MIGRANTES - 1983 -

(N = 313)

## 1 - Tempo de estadia (TE):

° TEO1 - 4 - 10 anos.....	26,2%
° TEO2 - 11- 15 anos.....	44,1%
° TEO3 - 16 e mais anos.....	26,8%
° TEO0 - sem resposta.....	2,6%

## 2 - Antes de vir para França, migração para outro país (EE)

° EEO1 - sim.....	5,4%
° EEO2 - não.....	93,3%
° EEO0 - sem resposta.....	1,3%

## 3 - Primeira motivação para emigrar (MOA).....

° MOA1 - falta de trabalho.....	22,7%
° MOA2 - possibilidades de sucesso limitadas	16,6%
° MOA3 - salários insuficientes.....	26,5%
° MOA4 - dificuldades de habitação.....	1,0%
° MOA5 - perspectivas de futuro limitadas para as crianças.....	1,6%
° MOA6 - procura de mentalidades diferentes.	2,6%
° MOA7 - reagrupamento familiar ou amical...	4,2%
° MOA8 - estudos.....	3,8%
° MOA9 - conhecimento de um país novo.....	1,3%
° MOA10- aventura.....	2,6%
° MOA11- outra resposta.....	4,5%
° MOA12- sem resposta.....	7,7%

## 4 - Trabalho antes de emigrar (TA)

° TAO1 - sim.....	76,0%
° TAO2 - não.....	22,0%
° TAO0 - sem resposta.....	1,9%

## 5 - Antes de emigrar habitava (HA)

° HAO1 - aldeia.....	65,5%
° HAO2 - vila.....	16,0%
° HAO3 - cidade.....	17,9%
° HAO0 - sem resposta .....	0,9%

## 6 - Nível de instrução (NI):

- ° NI01 - não completou instrução primária...19,3%
- ° NI02 - completou instrução primária.....79,6%
- ° NI00 - sem resposta..... 0,6%

## 7 - Encontra dificuldades na habitação (LO):

- ° LO01 - nenhuma.....33,2%
- ° LO02 - pouca.....40,3%
- ° LO03 - muita dificuldade.....25,6%
- ° LO00 - sem resposta..... 1,0%

## 8 - Encontra dificuldades no trabalho (TL):

- ° TL01 - nenhuma.....48,9%
- ° TL02 - pouca.....35,8%
- ° TL03 - muita dificuldade.....12,8%
- ° TL00 - sem resposta..... 2,6%

## 9 - Encontra dificuldades no clima (CL):

- ° CL01 - nenhuma.....36,1%
- ° CL02 - pouca.....40,9%
- ° CL03 - muita dificuldade.....40,1%
- ° CL00 - sem resposta..... 2,9%

## 10 - Encontra dificuldades na língua (LI):

- ° LI01 - nenhuma.....16,3%
- ° LI02 - pouca.....44,4%
- ° LI03 - muita dificuldade.....37,7%
- ° LI00 - sem resposta..... 1,6%

## 11 - Encontra dificuldades no racismo (RA):

- ° RA01 - nenhuma.....34,5%
- ° RA02 - pouca.....41,5%
- ° RA03 - muita dificuldade.....20,8%
- ° RA00 - sem resposta..... 3,2%

## 12 - Encontra dificuldades na alimentação (AL):

- ° AL01 - nenhuma.....73,2%
- ° AL02 - pouca.....19,2%
- ° AL03 - muita dificuldade..... 4,8%
- ° AL00 - sem resposta..... 2,9%

## 13 - Encontra dificuldades na saúde (SA):

° SA01 - nenhuma.....	13,1%
° SA02 - pouca.....	31,3%
° SA03 - muita dificuldade.....	53,7%
° SA00 - sem resposta.....	1,9%

## 14 - Encontra dificuldades na solidão (SO):

° S001 - nenhuma.....	26,5%
° S002 - pouca.....	39,0%
° S003 - muita dificuldade.....	26,0%
° S000 - sem resposta.....	8,3%

## 15 - Encontra dificuldades na saúde (SU):

° SU01 - nenhuma.....	34,5%
° SU02 - pouca.....	46,0%
° SU03 - muita dificuldade.....	16,0%
° SU00 - sem resposta.....	3,5%

## 16 - Tem saúde (SN):

° SN01 - excelente.....	9,9%
° SN02 - boa.....	52,4%
° SN03 - medíocre.....	31,3%
° SN04 - má.....	5,1%
° SN00 - sem resposta.....	1,3%

## 17 - A saúde no estrangeiro é (SE):

° SE01 - melhor que em Portugal.....	11,2%
° SE02 - igual.....	60,7%
° SE03 - pior.....	26,8%
° SE00 - sem resposta.....	1,3%

## 18 - Tem humor (HU):

° HU01 - melhor que em Portugal.....	11,2%
° HU02 - igual.....	55,3%
° HU03 - pior.....	30,4%
° HU00 - sem resposta.....	1,3%

## 19 - Adaptação (AD):

° AD01 - nada adaptado.....	4,8%
° AD02 - pouco adaptado.....	19,2%
° AD03 - adaptado.....	53,0%
° AD04 - bastante adaptado.....	14,7%
° AD05 - muito adaptado.....	6,7%
° AD00 - sem resposta.....	1,6%

## 20 - Com o salário consegue viver (G):

- ° GP01 - muito bem.....25,9%
- ° GP02 - bastante bem.....63,6%
- ° GP03 - bastante mal..... 7,0%
- ° GP04 - muito mal..... 1,3%
- ° GE00 - sem resposta..... 2,2%

## 21 - Economiza (EP):

- ° EP01 - nada..... 5,8%
- ° EP02 - menos do que esperava.....37,7%
- ° EP03 - tanto ou mais do que esperava.....54,0%
- ° EP00 - sem resposta..... 2,6%

## 22 - Envia economias para Portugal (EPP):

- ° EPP1 - sim.....81,8%
- ° EPP2 - não.....15,3%
- ° EPP0 - sem resposta..... 2,9%

## 23 - Aconselhamento a um amigo residente em Portugal a emigrar (GE):

- ° GE01 - sim .....44,7%
- ° GE02 - não .....48,6%
- ° GE00 - sem resposta..... 6,7%

## 24 - Satisfação com as condições de trabalho (ST):

- ° ST01 - nada satisfeito..... 5,1%
- ° ST02 - pouco satisfeito.....13,5%
- ° ST03 - satisfeito.....51,4%
- ° ST04 - bastante satisfeito.....12,5%
- ° ST05 - muito satisfeito.....11,5%
- ° ST00 - sem resposta..... 1,0%

## 25 - Satisfação com as condições de alojamento (SL):

- ° SL01 - nada satisfeito..... 8,6%
- ° SL02 - pouco satisfeito.....28,4%
- ° SL03 - bastante satisfeito.....44,1%
- ° SL04 - muito satisfeito.....18,2%
- ° SL00 - sem resposta..... 0,6%

## 26 - Satisfação, em geral, com a estadia no estrangeiro (SF):

- ° SF01 - nada satisfeito..... 3,9%
- ° SF02 - pouco satisfeito.....26,5%
- ° SF03 - satisfeito.....42,2%
- ° SF04 - bastante satisfeito .....13,1%
- ° SF05 - muito satisfeito ..... 8,9%

## 27 - Julgamento sobre a satisfação dos outros migrantes portugueses (SP):

- ° SP01 - nada satisfeitos..... 4,8%
- ° SP02 - pouco satisfeito.....30,4%
- ° SP03 - satisfeitos.....45,7%
- ° SP04 - bastante satisfeito.....11,5%
- ° SP05 - muito satisfeitos..... 5,1%
- ° SP00 - sem resposta..... 3,2%

## 28 - Já sofreu, desde a chegada a França, atitudes racistas (RE):

- ° RE01 - muitas vezes.....11,2%
- ° RE02 - frequentemente.....16,9%
- ° RE03 - raramente.....45,4%
- ° RE04 - nunca.....22,7%
- ° RE00 - sem resposta..... 3,8%

## 29 - Gostaria de ter como amigos sobretudo (AM):

- ° AM01 - pessoas francesas..... 2,2%
- ° AM02 - pessoas portuguesas.....19,5%
- ° AM03 - tanto umas como as outras.....73,8%
- ° AM00 - sem resposta..... 4,5%

## 30 - Gostaria de ter como vizinhos sobretudo (VO):

- ° V001 - pessoas francesas..... 7,7%
- ° V002 - pessoas portuguesas.....16,3%
- ° V003 - tanto umas como outras.....73,2%
- ° V000 - sem resposta..... 2,9%

## 31 - Os personagens dos seus sonhos são sobretudo (RV):

- ° RV01 - pessoas francesas..... 1,9%
- ° RV02 - pessoas portuguesas.....25,2%
- ° RV03 - tanto umas como outras .....41,9%
- ° RV04 - não sonha nunca.....24,3%
- ° RV00 - sem resposta..... 6,7%

## 32 - Um(a) português(a) no estrangeiro deveria casar-se com (MA):

- ° MA01 - pessoa francesa..... 1,6%
- ° MA02 - pessoa portuguesa .....43,8%
- ° MA03 - tanto uma como outra.....49,9%
- ° MA00 - sem resposta..... 4,8%



33 - Em caso de doença poderia contar com a ajuda sobretudo (ML):

- ° MLO1 - pessoas francesas..... 8,9%
- ° MLO2 - pessoas portuguesas.....30,0
- ° MLO3 - tanto umas como outras.....57,2%
- ° MLOO - sem resposta..... 3,8%

34 - Visita amigos portugueses (VA):

- ° VA01 - muitas vezes.....60,4%
- ° VA02 - raramente.....34,5%
- ° VA03 - nunca..... 1,9%
- ° VA00 - sem resposta..... 3,2%

35 - Idas a Portugal (FE):

- ° FE01 - não vai todos os anos.....21,4%
- ° FE02 - todos os anos.....46,6%
- ° FE03 - mais de uma vez por ano.....31,0%
- ° FE00 - sem resposta..... 1,0%

36 - Tem pessoas de família no estrangeiro (FA):

- ° FA01 - sim.....82,4%
- ° FA02 - não.....15,7%
- ° FA00 - sem resposta..... 1,9%

37 - Pertença associativa (AS):

- ° AS01 - sim .....40,6%
- ° AS02 - não.....56,5%
- ° AS00 - sem resposta..... 2,9%

38 - Pertença associativa (ASF):

- ° ASF1 - portuguesa.....33,5%
- ° ASF2 - francesa..... 6,7%
- ° ASF0 - sem resposta.....59,7%

39 --O que agrada mais em França (AG):

- ° AG01 -a possibilidade de fazer tudo o que se quer 15,3%
- ° AG02 - melhor organização ao nível do trabalho 37,4%
- ° AG03 - a possibilidade de ter emprego, promoção, formação 25,9%
- ° AG04 - maior escolha de produtos a comprar por preços mais variados 5,1%
- ° AG05 - a maneira de educar as crianças..... 6,7%
- ° AG00 - sem resposta..... 9,6%

## 40 - O que desagrada mais em França (DES):

- ° DES1 - individualismo.....26,5%
- ° DES2 - falta de calor humano.....30,7%
- ° DES3 - condição de vida..... 8,3%
- ° DES4 - maneira de educar as crianças..... 5,1%
- ° DES5 - demasiada liberdade sexual.....15,7%
- ° DES6 - espírito de competição..... 3,2%
- ° DES0 - sem resposta.....10,5%

## 41 - Principal característica atribuída aos franceses (EST):

- ° EST1 - aberto.....15,3%
- ° EST2 - individualista.....23,6%
- ° EST3 - trabalhador.....19,8%
- ° EST4 - racista.....11,2%
- ° EST5 - fiel na amizade..... 5,1%
- ° EST6 - pertencioso..... 4,0%
- ° EST7 - fiel no amor..... 1,3%
- ° EST8 - simpático..... 3,9%
- ° EST0 - sem resposta..... 9,9%

## 42 - Intenção de regresso (GR):

- ° GR01 - regresso antes da reforma, mas não sabe quando..... 20,4%
- ° GR02 - regresso dentro de menos de 3 anos. 26,2%
- ° GR03 - regresso dentro de três anos ou mais, mas antes da reforma 27,2%
- ° GR04 - regresso para a reforma ..... 6,1%
- ° GR05 - não decidiu se vai regressar ou ficar 16,6%
- ° GR00 - sem resposta..... 3,5%

## 43 - Principal dificuldade ao regressar (DR):

- ° DR01 - arranjar emprego.....53,6%
- ° DR02 - ter um salário conveniente.....16,0%
- ° DR03 - encontrar alojamento..... 1,3%
- ° DR04 - adaptar-se à língua..... 1,9%
- ° DR05 - adaptar-se à mentalidade das pessoas 11,2%
- ° DR06 - adaptar-se ao ambiente..... 3,0%
- ° DR07 - outra..... 1,0%
- ° DR08 - sem resposta..... 7,3%

## 44 - Identidade portuguesa (IDP):

° IDP1 - muito português.....	55,8%
° IDP2 - bastante português.....	16,6%
° IDP3 - normalmente português.....	24,0%
° IDP4 - pouco português.....	1,9%
° IDP5 - não português.....	0,0%
° IDP0 - sem resposta.....	1,6%

## 45 - Qualificação profissional (PRO):

° PRO1 - serviços pessoais e domésticos	30,7%
° PRO2 - serventes, operários especializados	37,4%
° PRO3 - operários qualificados, contra-mestre	15,7%
° PRO4 - empregados, quadros médios.....	6,1%
° PRO5 - outra.....	4,8%
° PRO0 - sem resposta.....	7,3%

## 46 - Alojamento (HAB):

° HAB1 - lar.....	8,6%
° HAB2 - quarto.....	13,7%
° HAB3 - apartamento.....	59,7%
° HAB4 - portaria.....	16,9%
° HAB0 - sem resposta.....	1,0%

## 47 - Residência (HAE):

° HAE1 - Paris.....	39%
° HAE2 - arredores de Paris.....	61%

## 48 - Sexo (SEX):

° SEX1 - masculino.....	63,9%
° SEX2 - feminino.....	36,1%

## 49 - Idade actual (AGE):

° AGE1 - 20 - 30 anos.....	13,5%
° AGE2 - 30 - 40 anos.....	48,6%
° AGE3 - 40 - 55 anos.....	32,6%
° AGE0 - sem resposta.....	0,3%

## 50 - Idade no momento da emigração (AGE):

- ° AGE1 - 16 - 21 anos.....23,3%
- ° AGE2 - 21 - 30 anos.....55,6%
- ° AGE3 - 30 e mais anos.....14,5%
- ° AGE0 - sem resposta..... 2,6%

## 51 - Estado civil (ET):

- ° ET01 - solteiro.....15,3%
- ° ET02 - casado.....80,5%
- ° ET03 - separado..... 2,6%
- ° ET04 - viúvo..... 1,6%

## 52 - Número de filhos por família (NC):

- ° NC01 - 1 a 2 filhos.....47,3%
- ° NC02 - mais de dois filhos.....32,6%
- ° NC00 - sem resposta.....20,3%

## 53 - Os filhos residem (ER):

- ° ER01 - em França.....67,7%
- ° ER02 - em Portugal..... 7,0%
- ° ER00 - sem resposta.....25,2%

## 54 - Lugar de nascimento (NA):

- ° NA01 - aldeia.....68,1%
- ° NA02 - vila.....13,2%
- ° NA03 - cidade.....13,4%
- ° NA00 - sem resposta..... 0,3%

TABELAS DAS FREQUÊNCIAS  
DO QUESTIONÁRIO "STRICTO SENSU"  
SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DA MIGRAÇÃO NOS ADOLESCENTES  
(N = 480)

## 1 - Residência (RES):

- ° RES1 - rural ..... 50,0%
- ° RES2 - urbana ..... 50,0%

## 2 - Sexo (SEX):

- ° SEX1 - masculino ..... 50,0%
- ° SEX2 - feminino ..... 50,0%

## 3 - Nível sócio-cultural (NSC):

- ° NSC1 - baixo ..... 50,0%
- ° NSC2 - médio ..... 50,0%

## 4 - Idade (AGE):

- ° AGE1 - 13-14 anos ..... 45,6%
- ° AGE2 - 15-17 anos ..... 54,4%

## 5 - Religião (REL):

- ° REL1 - católico praticante ..... 51,3%
- ° REL2 - católico não praticante ..... 42,9%
- ° REL3 - outra posição ..... 5,0%
- ° RELO - sem resposta ..... 0,8%

## 6 - Idade do pai (AGP):

- ° AGP1 - 30-40 anos ..... 21,3%
- ° AGP2 - 41-50 anos ..... 51,9%
- ° AGP3 - mais de 50 anos ..... 19,0%
- ° AGPO - sem resposta ..... 7,9%

## 7 - Idade da mãe (AGM):

- ° AGM1 - 30-40 anos ..... 40,6%
- ° AGM2 - 41-50 anos ..... 51,9%
- ° AGM3 - mais de 50 anos ..... 11,3%
- ° AGMO - sem resposta ..... 5,6%

## 8 - Estado civil dos pais (ETC):

- ° ETC1 - casados ..... 89,8%
- ° ETC2 - separados ..... 4,2%
- ° ETC3 - pai ou mãe viúvo (a) ..... 5,2%
- ° ETCO - sem resposta ..... 0,8%

## 9 - Percepção da situação socioeconômica da família (SS):

- ° SS1 - muito boa, boa ..... 61,1%
- ° SS2 - muito má, má ..... 35,6%
- ° SS0 - sem resposta ..... 3,3%

## 10 - Percepção das relações entre os pais (RP):

° RP01 - boas .....	71,7%
° RP02 - nem boas, nem más .....	22,5%
° RP03 - más .....	2,5%
° RP00 - sem resposta .....	3,3%

## 11 - Situação pessoal do jovem (SIF):

° SIF1 - vive com os pais .....	82,3%
° SIF2 - outras situações .....	15,4%
° SIF0 - sem resposta .....	2,3%

## 12 - Dimensão da fratria (NBF):

° NBF1 - de 1 a 2 irmãos .....	71,5%
° NBF2 - mais de 2 irmãos .....	25,8%
° NBF0 - sem resposta .....	2,7%

## 13 - Lugar na fratria (FR):

° FR T1 - filho único .....	10,4%
° FR T2 - mais velho .....	31,5%
° FR T3 - outras posições .....	52,1%
° FR T0 - sem resposta .....	6,0%

## 14 - Projecto de escolaridade (PS):

° PS01 - ensino secundário .....	29,0%
° PS02 - ensino superior .....	56,3%
° PS03 - não sabe .....	8,3%
° PS00 - sem resposta .....	6,5%

## 15 - Projecto de profissão situada no (PP):

° PP01 - nível sociocultural médio .....	22,1%
° PP02 - nível sociocultural superior .....	55,0%
° PP03 - não sabe .....	14,0%
° PP00 - sem resposta .....	8,5%

## 16 - Naturalidade (NT):

° NT01 - meio rural .....	40,2%
° NT02 - meio urbano .....	46,7%
° NT03 - ex-colónias .....	12,5%
° NT00 - sem resposta .....	0,6%

## 17 - Primeira motivação para os Portugueses emigrarem (MOA):

° MOA1 - falta de trabalho .....	54,6%
° MOA2 - possibilidades de sucesso limitadas	9,4%
° MOA3 - salários insuficientes .....	25,6%
° MOA4 - dificuldades de habitação .....	4,6%
° MOA5 - procura de mentalidades diferentes.	1,0%
° MOA6 - reagrupamento familiar ou amical ..	-
° MOA7 - estudos .....	0,8%
° MOA8 - conhecimento de um país novo .....	0,2%
° MOA9 - aventura .....	0,8%
° MOA10- outra resposta .....	0,8%
° MOA11- sem resposta .....	2,1%

## 18 - Segunda motivação para os Portugueses emigrarem (MOB):

° MOB1 - falta de trabalho .....	16,9%
° MOB2 - possibilidades de sucesso limitadas	16,9%
° MOB3 - salários insuficientes .....	42,9%
° MOB4 - dificuldades de habitação .....	12,1%
° MOB5 - procura de mentalidades diferentes.	1,5%
° MOB6 - reagrupamento familiar ou amical ..	1,5%
° MOB7 - estudos .....	2,7%
° MOB8 - conhecimento de um país novo .....	1,3%
° MOB9 - aventura .....	1,3%
° MOB10- outra resposta .....	0,6%
° MOB11- sem resposta .....	2,5%

## 19 - Terceira motivação para os Portugueses emigrarem (MOC):

° MOC1 - falta de trabalho .....	9,6%
° MOC2 - possibilidades de sucesso limitadas	15,6%
° MOC3 - salários insuficientes .....	16,5%
° MOC4 - dificuldades de habitação .....	29,6%
° MOC5 - procura de mentalidades diferentes.	2,5%
° MOC6 - reagrupamento familiar ou amical ..	4,2%
° MOC7 - estudos .....	7,9%
° MOC8 - conhecimento de um país novo .....	5,8%
° MOC9 - aventura .....	4,0%
° MOC10- outra resposta .....	1,0%
° MOC11- sem resposta .....	3,3%

## 20- Intenção de emigrar (DM):

° DM01 - sim .....	47,3%
° DM02 - não .....	52,1%
° DM00 - sem resposta .....	0,6%

## 21 - Primeira motivação para o jovem emigrar (MIE):

° MIE1 - falta de trabalho .....	12,1%
° MIE2 - possibilidades de sucesso limitadas	5,0%
° MIE3 - salários insuficientes .....	6,5%
° MIE4 - dificuldades de habitação .....	0,5%
° MIE5 - procura de mentalidades diferentes.	3,2%
° MIE6 - reagrupamento familiar ou amical ..	1,3%
° MIE7 - estudos .....	5,9%
° MIE8 - conhecimento de um país novo .....	4,5%
° MIE9 - aventura .....	2,2%
° MIE10- outra resposta .....	1,1%
° MIE0 - sem resposta .....	57,7%

## 22 - Segunda motivação para o jovem emigrar (MID):

° MID1 - falta de trabalho .....	3,6%
° MID2 - possibilidades de sucesso limitadas	5,2%
° MID3 - salários insuficientes .....	8,5%
° MID4 - dificuldades de habitação .....	3,2%
° MID5 - procura de mentalidades diferentes.	4,0%
° MID6 - reagrupamento familiar ou amical ..	1,3%
° MID7 - estudos .....	3,2%
° MID8 - conhecimento de um país novo .....	9,0%
° MID9 - aventura .....	2,7%
° MID10- outra resposta .....	0,2%
° MID0 - sem resposta .....	59,1%

## 23 - Terceira motivação para o jovem emigrar (MIF):

° MIF1 - falta de trabalho .....	3,2%
° MIF2 - possibilidades de sucesso limitadas	4,9%
° MIF3 - salários insuficientes .....	6,1%
° MIF4 - dificuldades de habitação .....	3,8%
° MIF5 - procura de mentalidades diferentes.	4,3%
° MIF6 - reagrupamento familiar ou amical ..	2,7%
° MIF7 - estudos .....	2,0%
° MIF8 - conhecimento de um país novo .....	7,2%
° MIF9 - aventura .....	5,9%
° MIF10- outra resposta .....	0,4%
° MIF0 - sem resposta .....	59,5%



## 24 - País de acolhimento encarado pelo jovem situado na (PL):

° PL01 - Europa .....	26,3%
° PL02 - América do Norte .....	11,2%
° PL03 - América do Sul .....	2,3%
° PL04 - África .....	1,4%
° PL05 - Ásia .....	1,1%
° PL06 - Oceânia .....	0,3%
° PL00 - sem resposta .....	57,3%

## 25 - Forma de emigração encarada pelo jovem (FG):

° FG01 - Temporária .....	38,2%
° FG02 - definitiva .....	5,0%
° FG00 - sem resposta .....	56,8%

## 26 - Possibilidades de realizar a intenção de emigrar (IM):

° IM01 - sim .....	38,4%
° IM02 - não .....	4,7%
° IM00 - sem resposta .....	56,9%

## 27 - Os pais gostariam que emigrassem (PV):

° PV01 - sim .....	26,9%
° PV02 - não .....	60,8%
° PV00 - sem resposta .....	12,3%

## 28 - Se emigrasse seria difícil deixar a família (DF):

° DF01 - nada difícil .....	3,3%
° DF02 - pouco difícil .....	16,3%
° DF03 - muito difícil .....	79,0%
° DF00 - sem resposta .....	1,5%

## 29 - Se emigrasse seria difícil deixar os amigos (DA):

° DA01 - nada difícil .....	4,2%
° DA02 - pouco difícil .....	26,7%
° DA03 - muito difícil .....	67,9%
° DA00 - sem resposta .....	1,3%

## 30 - Se emigrasse seria difícil deixar o ambiente de Portugal (DP):

° DP01 - nada difícil .....	15,8%
° DP02 - pouco difícil .....	40,2%
° DP03 - muito difícil .....	42,7%
° DP00 - sem resposta .....	1,3%

## 31 - Os emigrantes estarão satisfeitos no estrangeiro (SF):

° SF01 - totalmente insatisfeitos .....	2,5%
° SF02 - bastante insatisfeitos .....	20,0%
° SF03 - indiferentes .....	34,2%
° SF04 - bastante satisfeitos .....	35,4%
° SF05 - totalmente satisfeitos .....	7,3%
° SF00 - sem resposta .....	0,6%

## 32 - Os emigrantes estarão adaptados no estrangeiro (AD):

° AD01 - nada adaptados .....	2,1%
° AD02 - pouco adaptados .....	32,1%
° AD03 - adaptados .....	52,9%
° AD04 - bastante adaptados .....	9,8%
° AD05 - muito adaptados .....	2,9%
° AD00 - sem resposta .....	0,2%

## 33 - Os emigrantes conseguem economizar (EP):

° EP01 - nada .....	3,5%
° EP02 - menos do que previam antes de emigrar .....	42,5%
° EP03 - tanto ou mais do que previam antes de emigrar .....	53,1%
° EP00 - sem resposta .....	0,8%

## 34 - Os emigrantes têm o humor (HU):

° HU01 - melhor que em Portugal .....	19,2%
° HU02 - igual .....	50,0%
° HU03 - pior que em Portugal .....	30,4%
° HU00 - sem resposta .....	0,4%

## 35 - O emigrante encontra dificuldades na habitação (LO):

° LO01 - nenhuma .....	6,3%
° LO02 - pouca .....	46,7%
° LO03 - muita dificuldade .....	46,9%
° LO00 - sem resposta .....	0,2%

## 36 - O emigrante encontra dificuldades no trabalho (TL):

° TL01 - nenhuma .....	15,0%
° TL02 - pouca .....	50,0%
° TL03 - muita dificuldade .....	34,6%
° TL00 - sem resposta .....	0,4%

## 37 - O emigrante encontra dificuldades no clima (CL):

° CL01 - nenhuma .....	12,9%
° CL02 - pouca .....	58,1%
° CL03 - muita dificuldade .....	27,7%
° CL00 - sem resposta .....	1,3%

## 38 - O emigrante encontra dificuldades na língua (LI):

° LI01 - nenhuma .....	2,3%
° LI02 - pouca .....	19,2%
° LI03 - muita dificuldade .....	77,9%
° LI00 - sem resposta .....	0,6%

## 39 - O emigrante encontra dificuldades no racismo (RA):

° RA01 - nenhuma .....	25,4%
° RA02 - pouca .....	50,2%
° RA03 - muita dificuldade .....	22,9%
° RA00 - sem resposta .....	1,5%

## 40 - O emigrante encontra dificuldades na alimentação (AL):

° AL01 - nenhuma .....	28,5%
° AL02 - pouca .....	50,4%
° AL03 - muita dificuldade .....	20,6%
° AL00 - sem resposta .....	0,4%

## 41 - O emigrante encontra dificuldades nas saudades (SA):

° SA01 - nenhuma .....	0,8%
° SA02 - pouca .....	11,9%
° SA03 - muita dificuldade .....	86,7%
° SA00 - sem resposta .....	0,6%

## 42 - O emigrante encontra dificuldades na solidão (SO):

° S001 - nenhuma .....	8,8%
° S002 - pouca .....	37,3%
° S003 - muita dificuldade .....	53,1%
° S000 - sem resposta .....	0,8%

## 43 - O emigrante encontra dificuldades na saúde (SU):

° SU01 - nenhuma .....	23,5%
° SU02 - pouca .....	54,2%
° SU03 - muita dificuldade .....	21,0%
° SU00 - sem resposta .....	1,3%

## 44 - Quem emigra mais (SE):

° SE01 - os homens .....	64,0%
° SE02 - as mulheres .....	2,7%
° SE03 - ambos .....	30,4%
° SE00 - sem resposta .....	2,9%

## 45 - Quem emigra mais (RI):

° RI01 - os ricos .....	4,4%
° RI02 - os pobres .....	79,8%
° RI03 - ambos .....	10,2%
° RI00 - sem resposta .....	5,6%

## 46 - Quem emigra mais (JO):

° J001 - os adultos .....	38,8%
° J002 - os jovens .....	20,8%
° J003 - ambos .....	33,1%
° J000 - sem resposta .....	7,3%

## 47 - Quem emigra mais (VI):

° VI01 - os habitantes da cidade .....	9,4%
° VI02 - os camponeses .....	64,2%
° VI03 - ambos .....	20,0%
° VI00 - sem resposta .....	6,5%

## 48 - Quem emigra mais (CA):

° CA01 - os casados .....	23,5%
° CA02 - os solteiros .....	21,5%
° CA03 - ambos .....	49,0%
° CA00 - sem resposta .....	6,0%

## 49 - Quem emigra mais (PI):

° PIO1 - pessoas isoladas .....	31,5%
° PIO2 - famílias .....	27,9%
° PIO3 - ambos .....	31,3%
° PIO0 - sem resposta .....	9,4%

## 50 - Quem emigra mais (CR):

° CRO1 - os crentes .....	20,8%
° CRO2 - os descrentes .....	10,2%
° CRO3 - ambos .....	57,5%
° CRO0 - sem resposta .....	11,5%

## 51 - Quem emigra mais (TR):

° TRO1 - os trabalhadores manuais .....	52,3%
° TRO2 - os trabalhadores intelectuais .....	11,7%
° TRO3 - ambos .....	27,7%
° TRO0 - sem resposta .....	8,1%

## 52 - Primeiro país onde há mais emigrantes portugueses (PD):

° PD01 - África do Sul .....	1,3%
° PD02 - Canadá .....	2,7%
° PD03 - Alemanha Federal .....	5,4%
° PD04 - Estados Unidos .....	2,5%
° PD05 - Brasil .....	4,6%
° PD06 - França .....	81,3%
° PD07 - Venezuela .....	0,4%
° PD00 - sem resposta .....	1,9%

## 53 - Segundo país onde há mais emigrantes portugueses (PF):

° PFO1 - África do Sul .....	6,1%
° PFO2 - Canadá .....	9,2%
° PFO3 - Alemanha Federal .....	36,2%
° PFO4 - Estados Unidos .....	7,7%
° PFO5 - Brasil .....	22,2%
° PFO6 - França .....	8,3%
° PFO7 - Venezuela .....	7,4%
° PFO0 - sem resposta .....	2,9%

## 54 - Terceiro país onde há mais emigrantes portugueses (PG):

° PG01 - África do Sul .....	10,8%
° PG02 - Canadá .....	18,0%
° PG03 - Alemanha Federal .....	18,2%
° PG04 - Estados Unidos .....	14,4%
° PG05 - Brasil .....	18,9%
° PG06 - França .....	4,1%
° PG07 - Venezuela .....	11,4%
° PG00 - sem resposta .....	4,2%

## 55 - Primeiro país onde se sentem melhor os emigrantes portugueses (SM):

° SM01 - África do Sul .....	1,0%
° SM02 - Canadá .....	2,5%
° SM03 - Alemanha Federal .....	2,3%
° SM04 - Estados Unidos .....	3,8%
° SM05 - Brasil .....	25,6%
° SM06 - França .....	46,5%
° SM07 - Venezuela .....	0,4%
° SM08 - Outros países .....	1,0%
° SM09 - sem resposta .....	16,9%

## 56 - Segundo país onde se sentem melhor os emigrantes portugueses (SN):

° SN01 - África do Sul .....	1,8%
° SN02 - Canadá .....	5,8%
° SN03 - Alemanha Federal .....	19,6%
° SN04 - Estados Unidos .....	6,3%
° SN05 - Brasil .....	16,2%
° SN06 - França .....	23,4%
° SN07 - Venezuela .....	4,5%
° SN08 - Outros países .....	0,7%
° SN09 - sem resposta .....	21,6%

## 57 - Aconselhamento de um amigo a emigrar (CE):

° CE01 - sim .....	41,5%
° CE02 - não .....	53,5%
° CE00 - sem resposta .....	5,0%

## 58 - Emprego mais frequentemente ocupado pelos emigrantes (EM):

- ° EM01 - quadros superiores, profissões liberais ..... 1,9%
- ° EM02 - quadros médios, empregados ..... 19,2%
- ° EM03 - operários qualificados, especializados ..... 11,5%
- ° EM04 - operários não especializados, não qualificados ..... 44,8%
- ° EM05 - profissionais dos serviços (limpeza) ..... 20,8%
- ° EM00 - sem resposta ..... 1,9%

## 59 - Os Portugueses têm necessidade de continuar a emigrar (NE):

- ° NE01 - sim ..... 84,8%
- ° NE02 - não ..... 12,7%
- ° NE00 - sem resposta ..... 2,5%

## 60 - Favorável a que os Portugueses continuem a emigrar (FE):

- ° FE01 - muito favorável ..... 16,7%
- ° FE02 - favorável ..... 30,4%
- ° FE03 - indiferente ..... 18,1%
- ° FE04 - desfavorável ..... 26,7%
- ° FE05 - muito desfavorável ..... 7,5%
- ° FE00 - sem resposta ..... 0,6%

## 61 - A emigração traz a Portugal (CP):

- ° CP01 - muitas vantagens ..... 21,7%
- ° CP02 - vantagens ..... 32,9%
- ° CP03 - nem vantagens, nem desvantagens ..... 17,9%
- ° CP04 - desvantagens ..... 18,8%
- ° CP05 - muitas desvantagens ..... 8,3%
- ° CP00 - sem resposta ..... 0,4%

## 62 - A emigração traz à pessoa que emigra (CM):

- ° CM01 - muitas vantagens ..... 36,9%
- ° CM02 - vantagens ..... 53,8%
- ° CM03 - nem vantagens, nem desvantagens ..... 6,5%
- ° CM04 - desvantagens ..... 2,5%
- ° CM05 - muitas desvantagens ..... 0,4%

## 63 - Identificação com os emigrantes que regressam de vez (IDE):

- ° IDE1 - sim ..... 51,5%
- ° IDE2 - não ..... 39,2%
- ° IDE0 - sem resposta ..... 9,4%

## 64 - Reconhecimento do emigrante pelo olhar (OM):

- ° OM01 - sim ..... 50,4%
- ° OM02 - não ..... 47,7%
- ° OM00 - sem resposta ..... 1,9%

## 65 - No futuro Portugal deixará de ser um país de emigração (EF):

° EF01 - sim .....	40,8%
° EF02 - não .....	54,8%
° EF00 - sem resposta .....	4,3%

## 66 - Começo da emigração portuguesa (DE):

° DE01 - verdadeiro .....	9,6%
° DE02 - falso .....	88,8%
° DE00 - sem resposta .....	1,7%

## 67 - País para onde emigraram mais Portugueses durante a primeira metade deste século (BR):

° BR01 - verdadeiro .....	21,0%
° BR02 - falso .....	77,5%
° BR00 - sem resposta .....	1,5%

## 68 - Causas da emigração portuguesa a partir de 1960 (EP):

° EP01 - verdadeiro .....	18,8%
° EP02 - falso .....	79,0%
° EP00 - sem resposta .....	2,3%

## 69 - Mais emigrantes da região ao norte do rio Douro ou do Alentejo (NO):

° NO01 - Norte .....	83,3%
° NO02 - Alentejo .....	12,7%
° NO00 - sem resposta .....	3,9%

## 70 - Avaliação do número total de emigrantes portugueses (NM):

° NM01 - muito elevado .....	57,3%
° NM02 - bastante elevado .....	38,8%
° NM03 - pouco elevado .....	3,5%
° NM04 - nada elevado .....	-
° NM00 - sem resposta .....	0,4%

## 71 - Em Portugal fala-se de emigração (FP):

° FP01 - muito .....	76,3%
° FP02 - pouco .....	23,3%
° FP03 - nada .....	0,2%
° FP00 - sem resposta .....	0,2%

## 72 - As pessoas conhecidas falam de emigração (PC):

° PC01 - muitas vezes .....	39,6%
° PC02 - raramente .....	54,8%
° PC03 - nunca .....	5,6%

## 73 - Avaliação da informação sobre emigração (IN):

° IN01 - muito bem informado .....	2,5%
° IN02 - bem informado .....	41,0%
° IN03 - mal informado .....	51,3%
° IN04 - muito mal informado .....	4,8%
° IN00 - sem resposta .....	0,4%

## 74 - Desejo de ser mais informado sobre emigração (GI):

° GI01 - muito mais .....	39,6%
° GI02 - mais .....	47,7%
° GI03 - igual .....	11,9%
° GI04 - menos .....	0,4%
° GI05 - muito menos .....	0,2%
° GI00 - sem resposta .....	0,2%

## 75 - Tempo de permanência dos emigrantes no estrangeiro em geral (ES):

° ES01 - até 5 anos .....	11,9%
° ES02 - de 5 a 10 anos .....	29,6%
° ES03 - de 10 a 20 anos .....	39,2%
° ES04 - mais de 20 anos .....	13,3%
° ES05 - toda a vida .....	3,1%
° ES00 - sem resposta .....	2,9%

## 76 - Aconselhamento do regresso a um emigrante (CRT):

° CRT01 - regresso imediato .....	25,6%
° CRT02 - regresso dentro de alguns anos ...	64,8%
° CRT03 - nunca .....	8,1%
° CRT00 - sem resposta .....	1,5%

## 77 - O regresso definitivo ao país é para Portugal (CQ):

° CQ01 - muito vantajoso .....	17,5%
° CQ02 - vantajoso .....	39,2%
° CQ03 - indiferente .....	25,6%
° CQ04 - desvantajoso .....	14,4%
° CQ05 - muito desvantajoso .....	2,7%
° CQ00 - sem resposta .....	0,6%

## 78 - Primeira dificuldade aquando de um eventual regresso definitivo do emigrante (DR):

° DR01 - arranjar trabalho .....	61,3%
° DR02 - ter um salário conveniente .....	7,7%
° DR03 - encontrar alojamento .....	13,8%
° DR04 - adaptatar-se à língua .....	5,6%
° DR05 - adaptar-se à mentalidade das pessoas .....	5,8%
° DR06 - adaptar-se ao ambiente .....	4,0%
° DR07 - outras dificuldades .....	0,2%
° DR00 - sem resposta .....	1,7%



79 - Segunda dificuldade aquando de um eventual regresso definitivo do emigrante (DS):

° DS01 - arranjar trabalho .....	15,4%
° DS02 - ter um salário conveniente .....	37,9%
° DS03 - encontrar alojamento .....	22,1%
° DS04 - adaptar-se à língua .....	5,2%
° DS05 - adaptar-se à mentalidade das pessoas .....	6,5%
° DS06 - adaptar-se ao ambiente .....	10,4%
° DS07 - outras dificuldades .....	-
° DS00 - sem resposta .....	2,5%

80 - Terceira dificuldade aquando de um eventual regresso definitivo do emigrante (DT):

° DT01 - arranjar trabalho .....	8,8%
° DT02 - ter um salário conveniente .....	24,0%
° DT03 - encontrar alojamento .....	25,8%
° DT04 - adaptar-se à língua .....	7,9%
° DT05 - adaptar-se à mentalidade das pessoas .....	13,3%
° DT06 - adaptar-se ao ambiente .....	15,6%
° DT07 - outras dificuldades .....	1,7%
° DT00 - sem resposta .....	2,9%

81 - Os emigrantes que regressam de vez a Portugal mudaram globalmente (MG):

° MG01 - para melhor .....	53,8%
° MG02 - igual .....	31,3%
° MG03 - para pior .....	10,4%
° MG00 - sem resposta .....	4,6%

82 - Os emigrantes que regressam de vez a Portugal mudaram no aspecto físico (MH):

° MH01 - para melhor .....	34,6%
° MH02 - igual .....	40,0%
° MH03 - para pior .....	21,9%
° MH00 - sem resposta .....	3,5%

83 - Os emigrantes que regressam de vez a Portugal mudaram na mentalidade (MI):

° MI01 - para melhor .....	59,6%
° MI02 - igual .....	27,1%
° MI03 - para pior .....	9,0%
° MI00 - sem resposta .....	4,4%

84 - Os emigrantes que regressam de vez a Portugal mudaram no comportamento (MJ):

° MJ01 - para melhor .....	45,6%
° MJ02 - igual .....	35,6%
° MJ03 - para pior .....	13,1%
° MJ00 - sem resposta .....	5,6%

85 - Os emigrantes que regressam de vez a Portugal mudaram nas suas relações com os outros (ML):

° ML01 - para melhor .....	140,4%
° ML02 - igual .....	37,5%
° ML03 - para pior .....	17,1%
° ML00 - sem resposta .....	5,0%

86 - Os emigrantes que regressam de vez a Portugal mudaram na saúde (MS):

° MS01 - para melhor .....	35,2%
° MS02 - igual .....	34,2%
° MS03 - para pior .....	25,2%
° MS00 - sem resposta .....	5,4%

87 - Os emigrantes que regressam de vez a Portugal mudaram economicamente (MT):

° MT01 - para melhor .....	76,9%
° MT02 - igual .....	7,9%
° MT03 - para pior .....	8,1%
° MT00 - sem resposta .....	7,1%

88 - Os emigrantes que regressam de vez a Portugal mudaram culturalmente (MU):

° MU01 - para melhor .....	62,5%
° MU02 - igual .....	24,6%
° MU03 - para pior .....	8,1%
° MU00 - sem resposta .....	4,8%

89 - A estadia no estrangeiro mudou os sentimentos religiosos dos que regressam (MR):

° MR01 - sim .....	29,8%
° MR02 - não .....	69,0%
° MR00 - sem resposta .....	1,3%

90 - Os sentimentos religiosos mudaram para (SR):

° SR01 - atitude muito negativa .....	5,6%
° SR02 - atitude um pouco negativa .....	9,2%
° SR03 - atitude um pouco positiva .....	9,6%
° SR04 - atitude muito negativa .....	5,6%
° SR00 - sem resposta .....	70,0%

91 - Os emigrantes que regressam de vez vão à Igreja (EG):

° EG01 - mais do iam antes de emigrar .....	17,5%
° EG02 - menos .....	18,5%
° EG03 - igual .....	61,3%

92 - Os emigrantes que regressam de vez mudaram politicamente (PO):

- ° P001 - mais para a direita .....26,7%
- ° P002 - mais para a esquerda ..... 9,4%
- ° P003 - não mudaram .....60,4%
- ° P000 - sem resposta ..... 1,5%

93 - Os emigrantes que regressam de vez a Portugal mudaram as opiniões em relação à sexualidade (SX):

- ° SX01 - sim .....26,9%
- ° SX02 - não .....71,9%
- ° SX00 - sem resposta ..... 1,2%

94 - Os emigrantes que regressam de vez são (IR):

- ° IR01 - mais Portugueses que antes de emigrar23,3%
- ° IR02 - igualmente .....49,0%
- ° IR03 - menos Portugueses .....26,0%
- ° IR00 - sem resposta ..... 1,5%

95 - Considera-se (IP):

- ° IP01 - muito Português .....35,0%
- ° IP02 - bastante Português .....17,3%
- ° IP03 - normalmente Português .....41,3%
- ° IP04 - pouco Português ..... 3,3%
- ° IP05 - nada Português ..... 2,9%
- ° IP00 - sem resposta ..... 0,2%

96 - Aceitaria namorar com uma pessoa emigrante regressada de vez (NA):

- ° NA01 - sim .....78,5%
- ° NA02 - não .....17,7%
- ° NA00 - sem resposta ..... 3,7%

97 - Aceitaria como amigo uma pessoa emigrante regressada de vez (AM):

- ° AM01 - sim .....96,5%
- ° AM02 - não ..... 3,1%
- ° AM00 - sem resposta ..... 0,4%

98 - Aceitaria como vizinho uma pessoa emigrante regressada de vez (VZ):

- ° VZ01 - sim .....96,5%
- ° VZ02 - não ..... 3,3%
- ° VZ00 - sem resposta ..... 0,2%

99 - Aceitaria como colega para um grupo de trabalho (CT):

- ° CT01 - sim .....95,8%
- ° CT02 - não ..... 3,5%
- ° CT00 - sem resposta ..... 0,6%

100- Desejaria que regressassem de vez a Portugal os emigrantes (RG):

- ° RG01 - sim .....64,4%
- ° RG02 - não .....33,1%
- ° RG00 - sem resposta ..... 1,0%

101 - Tem pessoas da família, amigos ou vizinhos que sejam emigrantes (EC):

- ° EC01 - sim .....82,5%
- ° EC02 - não .....15,4%
- ° EC00 - sem resposta ..... 2,1%

102 - São emigrantes pai e/ou mãe (PA):

- ° PA01 - sim ..... 6,9%
- ° PA02 - não.....71,9%
- ° PA00 - sem resposta .....21,3%

103 - São emigrantes irmão e/ou irmã (FR):

- ° FR01 - sim ..... 7,3%
- ° FR02 - não .....71,7%
- ° FR00 - sem resposta .....21,0%

104 - São emigrantes tios e/ou tias (TI):

- ° TI01 - sim ..... 50,4%
- ° TI02 - não ..... 29,8%
- ° TI00 - sem resposta ..... 19,8%

105 - São emigrantes primos e/ou primas (PR):

- ° PR01 - ~~sim~~ ..... 49,8%
- ° PR02 - não ..... 30,8%
- ° PR00 - sem resposta ..... 19,4%

106 - São emigrantes amigos (as) (EMA):

- ° EMA1 - sim ..... 43,1%
- ° EMA2 - não ..... 37,5%
- ° EMA0 - sem resposta ..... 19,4%

107 - São emigrantes vizinhos (as)(EMV):

- ° EMV1 - sim ..... 27,7%
- ° EMV2 - não ..... 52,1%
- ° EMV0 - sem resposta ..... 20,2%

108 - Tem pessoas da família, amigos ou vizinhos que sejam emigrantes(ECR):

- ° ECR1 - sim ..... 60,2%
- ° ECR2 - não ..... 37,3%
- ° ECR0 - sem resposta ..... 2,5%

109 - Foram emigrantes e já regressaram de vez pai e/ou mãe (PAR):

- ° PAR1 - sim ..... 6,7%
- ° PAR2 - não ..... 51,0%
- ° PAR0 - sem resposta ..... 42,3%

110 - Foram emigrantes e já regressaram de vez irmão e/ou irmã(FRR):

- ° FRR1 - sim ..... 2,1%
- ° FRR2 - não ..... 55,2%
- ° FRR3 - sem resposta ..... 42,7%

111- Foram emigrantes e já regressaram de vez tios e/ou tias (TIR):

- ° TIR1 - sim ..... 28,3%
- ° TIR2 - não ..... 31,0%
- ° TIRO - sem resposta ..... 40,6%

112 - Foram emigrantes e já regressaram de vez primos e/ou primas (PRR):

- ° PRR1 - sim ..... 20,4%
- ° PRR2 - não ..... 37,1%
- ° PRR0 - sem resposta ..... 42,5%

113 - Foram emigrantes e já regressaram de vez amigos (as) (RMA):

- ° RMA1 - sim ..... 26,9%
- ° RMA2 - não ..... 31,7%
- ° RMA0 - sem resposta ..... 41,5%

114 - Foram emigrantes e já regressaram de vez vizinhos (as) (RMT):

- ° RMT1 - sim ..... 21,7%
- ° RMT2 - não ..... 36,5%
- ° RMT0 - sem resposta ..... 41,9%

115 - As aulas como fonte de informação sobre a emigração (AU):

- ° AU01 - sim ..... 55,0%
- ° AU02 - não ..... 35,6%
- ° AU00 - sem resposta ..... 9,4%

116 - Os livros como fonte de informação sobre a emigração (LV):

- ° LV01 - sim ..... 53,8%
- ° LV02 - não ..... 36,9%
- ° LV00 - sem resposta ..... 9,4%

117 - A rádio e a televisão como fontes de informação sobre a emigração (RT):

- ° RT01 - sim ..... 81,9%
- ° RT02 - não ..... 10,8%
- ° RT00 - sem resposta ..... 7,3%

118 - Os jornais e as revistas como fontes de informação sobre a emigração (JO):

- ° JO01 - sim ..... 71,0%
- ° JO02 - não ..... 19,6%
- ° JO00 - sem resposta ..... 9,4%

119 - A conversação com a família como fonte de informação sobre a emigração (CVF):

- ° CVF1 - sim ..... 60,4%
- ° CVF2 - não ..... 30,0%
- ° CVF0 - sem resposta ..... 9,6%

120 - A conversação com amigos como fonte de informação sobre a emigração (CVA):

- ° CVA1 - sim ..... 43,5%
- ° CVA2 - não ..... 44,8%
- ° CVA0 - sem resposta ..... 11,7%

121 - A conversação com os próprios emigrantes como fonte de informação sobre a emigração (CVM):

- ° CVM1 - sim ..... 62,5%
- ° CVM2 - não ..... 29,6%
- ° CVM0 - sem resposta ..... 7,9%